

O 1º do Brasil!
2ª Edição Ampliada

Revista Cristã
Última Chamada
Edição Especial
sobre o Apocalipse



Comentário Preterista sobre o

Apocalipse

César Francisco Raymundo

Volume Único



Escatologia como você nunca viu...

Fim dos tempos

Últimos dias

Fim do Mundo

Preterismo

Volta de Jesus

Profecia

Arrebatamento

Escatologia em geral

Apocalipse

Você encontra no mais completo portal sobre preterismo parcial e pós-milenista...



Revista Cristã
Última Chamada



www.revistacrista.org

Comentário Preterista sobre o

Apocalipse

Volume Único

Autor: César Francisco Raymundo

- Revista Cristã Última Chamada - Edição Especial sobre o Apocalipse -
Volume Único – 2ª Edição Ampliada

Editor: César Francisco Raymundo

Periódico Revista Cristã Última Chamada, publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

Contato com o autor:

E-mail: ultimachamada@bol.com.br

Site: www.revistacrista.org

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais. É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Londrina – Paraná - Novembro de 2015

A menos que haja outra indicação, as versões da Bíblia usadas são:

Do Capítulo 1 até o 14:

Almeida Revista e Atualizada da Sociedade Bíblica do Brasil.

Do Capítulo 15 até o 22:

Almeida Século 21 da editora Vida Nova.

**Revista Cristã
Última Chamada**

www.revistacrista.org

Todos os direitos reservados.

Índice

Apresentação ...11

- **Finalmente um Volume Único ...13**

Porque é um comentário Preterista? ...14

A Data do Apocalipse ...15

- A Evidência Externa ...16
- O “tirano” e a Data do Apocalipse ...17
- Antipas e a Data do Apocalipse ...21
- A Evidência Interna ...25

Outras Evidências sobre a Data do Apocalipse

- O Terremoto Ocorrido na Cidade de Laodicéia é um Problema para a Data da Escrita do Apocalipse? ...30
- O Apocalipse não se Cumpriu perto dos Dias de João? (Partes 1, 2 e 3) ...34
- O Apocalipse Aconteceu Próximo Demais da sua Escrita? ...48

Capítulo 1 _____

- O título, o autor e o assunto do livro ...52
- Dedicatória às sete igrejas da Ásia ...58
- A visão de Jesus glorificado ...77

Introdução ...87

Capítulo 2 _____

- Carta à igreja em Éfeso ...89
- Carta à igreja em Esmirna ...94

- Carta à igreja em Pérgamo ...99
- Carta à igreja em Tiatira ...104

Introdução ...112

Capítulo 3 _____

- Carta à igreja em Sardes ...113
- Carta à igreja em Filadélfia ...117
- Carta à igreja em Laodicéia ...123

Introdução ...129

Capítulo 4 _____

- A Visão do Trono de Deus ...131
- Os vinte e quatro anciãos e os quatro seres viventes ...134

Introdução ...140

Capítulo 5 _____

- O Livro Selado com Sete Selos ...141
- Somente o Cordeiro é Digno de Abri-lo ...143
- A Visão dos Anjos ao Redor do Trono ...150

Introdução ...152

Capítulo 6 _____

- A Abertura dos Primeiros Seis Selos ...153
- As Almas Debaixo do Altar ...159
- Sinais no Céu ...165

Introdução ...171

Capítulo 7 _____

- A Grande Tribulação ...173
- Os Cento e Quarenta e Quatro Mil Selados ...175
- Quem são os 144.000 Selados? ...176
- Porque 144.000 Selados? ...178
- A Grande Multidão ...179

Introdução ...183

Capítulo 8 _____

- A Abertura do Sétimo Selo
– Silêncio e Julgamento ...184
- As Sete Trombetas ...185
- A Primeira Trombeta: A Vegetação é Destruída ...190
- A Segunda Trombeta: O Mar é Atingido ...192
- A Terceira Trombeta: Às Águas são Atingidas ...199
- A Quarta Trombeta: Os Céus são Atingidos ...203

Introdução ...207

Capítulo 9 _____

- A Quinta Trombeta:
uma estrela caída do céu na terra ...208
- Os Gafanhotos ...209
- A Descrição dos Gafanhotos ...212
- A Sexta Trombeta:
os Quatro Anjos são Soltos ...216

Capítulo 10 _____

O Livrinho do Céu ...224

- A Voz dos Sete Trovões ...228
- João pega o Livro e o Come ...237

Capítulo 11 _____

- As Duas Testemunhas e a Sétima Trombeta ...239
- As Duas Testemunhas ...244
- A Morte das Duas Testemunhas ...248
- A Ressurreição das Duas Testemunhas ...251
- A Sétima Trombeta: o Reino de Cristo ...255

Capítulo 12 _____

- A Mulher Vestida de Sol ...260
- O Dragão Vermelho ...262
- A Criança do Sexo Masculino: Cristo ...264

- Miguel e os seus Anjos ...266
- O Dragão Persegue a Mulher ...269

Introdução ...273

Capítulo 13 _____

As Bestas que Emergem do Mar e da Terra

- A Besta que Emerge do Mar ...275
- A Besta que Emerge da Terra ...289
- A Imagem da Besta ...291
- A Marca da Besta ...294

Introdução ...299

Capítulo 14 _____

O Cordeiro e os seus Remidos no Monte Sião ...300

- Três Anjos Proclamam os Juízos de Deus ...304
- A Ceifa e a Colheita de Uvas ...309

Introdução ...316

Capítulo 15 _____

Os Sete Anjos com as Sete Taças Cheias das Últimas Pragas ...318

- Uma Cena no Céu ...322
- Conclusão deste Capítulo ...324

Introdução ...325

Capítulo 16 _____

Derramamento das Taças ...326

- O Primeiro Anjo Derrama sua Taça sobre a Terra ...326
- O Segundo Anjo Derrama sua Taça no Mar ...328
- O Terceiro Anjo Derrama sua Taça nos Rios e nas Fontes das Águas ...330
- O Quarto Anjo Derrama sua Taça sobre o Sol ...332
- O Quinto Anjo Derrama sua Taça sobre o Trono da Besta ...334
- O Sexto Anjo Derrama sua Taça sobre o

Rio Eufrates ...336

- Os Espíritos Impuros que Saem da Boca da Besta e do Falso Profeta ...337
- Eu venho como ladrão... Armagedom... ...340
- O Sétimo Anjo Derrama sua Taça no Ar ...343
- Conclusão deste Capítulo ...350

Introdução ...351

Capítulo 17_____

A Visão da Grande Meretriz Montada sobre a Besta ...353

- O Mistério da Mulher e da Besta que a Leva ...363
- A Vitória do Cordeiro! ...368

Conclusão deste Capítulo ...373

Capítulo 18_____

A Queda de Babilônia ...375

- Lamentação sobre Babilônia ...381
- Exultação dos Santos, Apóstolos e Profetas ...384

Conclusão deste Capítulo ...389

Capítulo 19_____

O Quádruplo Aleluia e o Conquistador Celestial ...391

- As Bodas do Cordeiro ...394
- A Vinda de Cristo ...400
- As Vitórias de Cristo contra a Besta e o Falso Profeta ...401
- Conclusão deste Capítulo ...410

Introdução ...411

Capítulo 20_____

Satanás é Amarrado por Mil Anos ...412

- O Milênio de Cristo ...417
- Satanás é Solto e Derrotado ...423

- O Juízo Final ...429
- Conclusão deste Capítulo ...433

Introdução ...434

Capítulo 21_____

Este Capítulo Simboliza a era Atual da Igreja ...435

- Eu Faço Nova Todas as Coisas! ...445
- A Recompensa Eterna ...447
- A Nova Jerusalém ...450
- A Descrição da Nova Jerusalém ...452
- A Jerusalém do Alto é Livre! ...459

Conclusão deste Capítulo ...463

Introdução ...465

Capítulo 22_____

O Eterno Reino em Glória ...466

- O Rio e a Árvore da Vida ...466
- Uma Mensagem Final ...473

Conclusão Geral desta Obra ...479

Bibliografia da Introdução ...481

Bibliografia do Capítulo 1 ...485

Bibliografia do Capítulo 2 ...488

Bibliografia do Capítulo 3 ...490

Bibliografia do Capítulo 4 ...492

Bibliografia do Capítulo 5 ...494

Bibliografia do Capítulo 6 ...495

Bibliografia do Capítulo 7 ...497

Bibliografia do Capítulo 8 ...498

Bibliografia do Capítulo 9 ...500

Bibliografia do Capítulo 10 ...503

Bibliografia do Capítulo 11 ...505

Bibliografia do Capítulo 12 ...507

Bibliografia do Capítulo 13	...509
Bibliografia do Capítulo 14	...512
Bibliografia do Capítulo 15	...514
Bibliografia do Capítulo 16	...515
Bibliografia do Capítulo 17	...518
Bibliografia do Capítulo 18	...521
Bibliografia do Capítulo 19	...523
Bibliografia do Capítulo 20	...526
Bibliografia do Capítulo 21	...528
Bibliografia do Capítulo 22	...532
Sobre o Autor	...534

Apresentação

O livro do Apocalipse tem despertado à atenção e a curiosidade dos cristãos ao longo das eras. Sua linguagem altamente simbólica tem sido um enigma para muitos crentes e descrentes. Além disto, o livro do Apocalipse tem sido alvo de diversas distorções e gravíssimos erros de interpretação, pois muitas pessoas - senão a maioria - procuram nele por explosões atômicas, implantes de chips (suposta marca da besta), aviões de guerra etc., ou seja, transformaram o Apocalipse num verdadeiro filme “guerra nas estrelas”.

Mas, o propósito do livro do Apocalipse não é mostrar um cenário futurista de ficção e fantasia conforme à imaginação de alguns. O Apocalipse também não é um livro enigmático como os escritos de Nostradamus. O Apocalipse foi escrito para às sete igrejas da Ásia no primeiro século. Sua mensagem foi transmitida de maneira simbólica, por causa do clima de perseguição.

Uma vez que foi escrito para aqueles leitores do primeiro século, é de se supor que eles tenham entendido o livro do Apocalipse, pois às sete igrejas da Ásia eram compostas de crentes judeus. Aqui está um dos grandes segredos para se entender o Apocalipse, pois segundo Hank Hanegraaff “o real decodificador para o apocalipse [...] é o Antigo Testamento. Na verdade, mais de dois terços (2/3) dos quatrocentos e quatro (404) versículos de Apocalipse aludem a passagens do Antigo Testamento. A razão pela qual frequentemente não vemos nelas nem pé nem cabeça, é que não aprendemos suficientemente a ler a Bíblia da forma como ela merece.

Quando nossas interpretações estão presas às sensações mais quentes, e não à Sagrada Escritura, não somos capazes de captar nada – e geralmente erramos o alvo”.¹

A regra da interpretação bíblica diz que são as passagens claras das Escrituras que devem lançar luz sobre as passagens obscuras. Assim, aliados ao conhecimento do Antigo e Novo Testamentos, seremos capazes de interpretar corretamente o livro do Apocalipse. Outro fator que ajuda complicar mais ainda o entendimento sobre o Apocalipse é o fato de que qualquer livro quando retirado de seu contexto original, automaticamente torna-se difícil de entender. De todos os livros da Bíblia nenhum outro foi mais removido de seu contexto histórico do que o livro do Apocalipse.

Portanto, resolvi escrever este e-book pensando nas dificuldades que muitos leitores têm em relação à interpretação do Apocalipse e também para combater as ficções e fantasias em torno do mesmo. Quero também que fique claro que todo o comentário feito neste e-book, não se constitui em uma interpretação nova ou arbitrária. Estou seguindo o mesmo padrão que os primeiros leitores do Apocalipse tiveram no primeiro século, ou seja, comparando Escritura com Escritura para lançar luz nas passagens mais obscuras.

Não poderia finalizar esta apresentação sem antes agradecer aos irmãos Ralph E. Bass, Jr, Hermes C. Fernandes, Gary DeMar, Dennis Allan e tantos outros que disponibilizaram seus textos na internet. Sem eles não seria possível a escrita deste e-book. Este trabalho foi inspirado e usa como texto base o trabalho desses irmãos (principalmente o de Ralph E. Bass, Jr.).

Tenho certeza que os meus leitores terão em mãos uma obra inédita que faltava em língua portuguesa, e que causará muitas revoluções na maneira como a escatologia bíblica tem sido vista atualmente.

Notas:

1. Artigo: O Código do Apocalipse: Introdução. Autor: Hank Hanegraaff.

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto. Site: www.monergismo.com

Finalmente um Volume Único

Este comentário foi produzido em 22 Volumes ou 22 e-books separados. Isto porque o livro do Apocalipse possui vinte e dois capítulos. Agora todos os volumes foram reunidos nesta presente obra e, é claro, com alguns acréscimos no texto que só visa a enriquecer mais ainda o estudo do Apocalipse.

Porque é um comentário Preterista? _____

Tenho certeza que a palavra “preterista” no título deste e-book causou certa estranheza ao leitor. O termo “preterista” vem de “preterismo”. Esta palavra significa:

“Alguém cujo interesse primário está no passado; alguém que considera o passado com muito prazer ou estima. Teologia - Alguém que crê que as profecias do Apocalipse foram cumpridas.

O termo “preterismo” é baseado no latim “preter”, que significa “passado”. Os preteristas são divididos em duas escolas de pensamento: Preterismo Parcial e Preterismo Completo.¹

Os preteristas crêem que o livro do Apocalipse tem um significado contemporâneo para a geração para a qual foi escrito. Assim sendo, os preteristas entendem que a maioria das profecias do Apocalipse tiveram seu cumprimento num futuro próximo daqueles primeiros leitores, e foram substancialmente cumpridas pela queda de Jerusalém no ano 70 d.C. A minha posição como autor deste ebook é a de um preterista legitimamente bíblico e ortodoxo, ou seja, sou um preterista parcial. Devemos diferenciar o preterismo parcial da heresia chamada preterismo completo² a qual ensina a doutrina de Himineu e Fileto que diz que a ressurreição já aconteceu (2ª Timóteo 2.17-18).

Infelizmente, o termo preterismo bem como esta linha de pensamento é bem desconhecida no meio cristão.

A Data do Apocalipse_____

Uma das disputas sobre o livro do Apocalipse é com relação a data de sua escrita. Segundo Kenneth L. Gentry, Jr., “as principais visões sustentadas pelos eruditos do Novo Testamento são:

(1) A visão da data antiga, que mantém que João escreveu o Apocalipse antes de agosto do ano 70 d.C., quando houve a destruição do templo.

(2) A visão da data mais recente, que argumenta que João compôs sua obra por volta de 95-96 d.C., nos últimos dias do principado de Domiciano César, que foi assassinado em 18 de setembro de 96 d.C.”³

Ainda de acordo com Kenneth L. Gentry, “por muito tempo, os comentários populares têm posto de lado a evidência para a data antiga de Apocalipse. A despeito da opinião majoritária dos estudiosos atuais, a evidência de uma data antiga para Apocalipse é clara e convincente”.⁴

A datação do livro do Apocalipse é muito importante em como o livro pode ser interpretado. Sobre a questão da data, o “autor Milton Terry descreve sucintamente a importância de lidar com o momento exato da escrita do Apocalipse, dizendo: “A grande importância da determinação do ponto de vista histórico de um autor é notavelmente ilustrada pela controvérsia sobre a data do Apocalipse de João. Se esse livro profético foi escrito antes da destruição de Jerusalém, uma série de suas alusões particulares devem mais naturalmente ser entendida como referindo-se a essa cidade e sua queda. Se, no entanto, foi escrito no final do reinado de Domiciano (cerca de 96 AD), como muitos

acreditavam, é necessário um outro sistema de interpretação para explicar as alusões históricas”.⁵

A Evidência Externa_____

Neste tópico vou tratar da evidência externa da data do Apocalipse. Vários pais da igreja afirmam que João escreveu o Apocalipse durante o reinado de Domiciano. Estariam eles certos ou seria possível estarem todos equivocados? Para tal análise, vamos ver em que Eusébio de Cesaréia, São Jerônimo, Sulpício Severo, Hipólito de Roma, Vitorino e Tertuliano se basearam para fazer afirmações de que João escreveu o Apocalipse no tempo de Domiciano.

Na verdade, toda a base para essa posição dos pais da igreja vieram do comentário de uma pessoa, Irineu, bispo de Lyon, na França, que viveu aproximadamente entre 130 a 200 d.C.

Irineu disse o seguinte:

“Se fosse necessário ter seu nome distintamente anunciado no presente tempo, sem dúvida teria sido anunciado por aquele que viu o Apocalipse; pois não foi muito antes disto que ele foi visto, mas quase em sua própria geração, nos fins do reinado de Domiciano”.⁶

Segundo “à declaração acima, estudiosos têm reconhecido que não é possível determinar se Irineu queria dizer que João foi visto pelo tutor de Irineu, Policarpo, ou se “o Apocalipse foi visto nos fins do reinado de Domiciano”. Tal ambiguidade destrói este argumento como evidência. Mesmo Eusébio, que registrou essa declaração, duvidava que João, o apóstolo, tinha escrito do livro de Apocalipse. O ponto aqui é o seguinte: se a declaração não foi forte o suficiente para convencer Eusébio que João tinha sequer escrito Apocalipse, por que muitos pensam hoje que ela é forte o suficiente para convencer a alguém que o apóstolo viu tal livro durante o reinado de Domiciano (95 d.C.)? O mínimo que se pode dizer é que esse argumento é fraco.

Outros que comentam sobre a declaração dizem: “Sua citação (de Eusébio) nem sequer menciona ‘a escrita’ de Apocalipse, mas refere-

se somente ao tempo quando certas pessoas anônimas alegavam ter visto o apóstolo ou a profecia, ninguém sabendo qual. Isso não prova nada. E mais: isso se ele quis dizer que o Apocalipse foi visto, e se o que estava originalmente contido na citação pudesse ter referência à tradução grega, se é que de fato referia-se ao Apocalipse. Aí vai se embora o caso todo para a data mais antiga (Commentary on Revelation, Burton Coffman, p 4).⁷

O testemunho de Irineu é confiável? Não! Como toda fonte fora da Bíblia o testemunho de Irineu carece de confiança. Veja, por exemplo, o que o mesmo Irineu disse a respeito da idade de Jesus:

“...mas a idade de 30 anos é a primeira da mente de um jovem, e que essa alcança até mesmo os quarenta anos, todo o mundo concordará: mas após os quarenta e cinquenta anos, começa a se aproximar da idade velha: na qual o nosso Senhor estava quando ensinou, como o Evangelho e todos os Anciãos testemunham...” (Citado em Before Jerusalem Fell, Kenneth L. Gentry, p. 63). **Podemos confiar no testemunho de um homem que diz que Jesus ensinou por 15 anos e que tinha cinquenta anos de idade quando morreu? Todavia, basicamente existe apenas o seu testemunho para a data mais antiga!**⁸ (o grifo é meu)

O “tirano” e a Data do Apocalipse_____

Uma outra questão externa sobre a data do Apocalipse é com relação ao “tirano” citado em alguns documentos antigos. Quem seria ele? Se ele foi Domiciano, então há fortes argumentos de que o Apocalipse foi escrito recentemente, bem depois do ano 70 d.C.

Sobre este assunto a Tekton Apologetics nos dá algumas informações:

“Bem no mínimo, a evidência de Irineu é ambígua e aberta a interpretações. Mas temos de alguma maneira uma afirmação mais clara e convincente de Clemente de Alexandria (189-215), escrito logo após Irineu. Acerca de João ele afirma:

“Quando após a morte do tirano ele se retirou da ilha de Patmos para Éfeso, ele costumava viajar a pedido para os distritos vizinhos dos gentios, em alguns lugares para apontar bispos, em outros para regular igrejas inteiras...”.

O argumento aqui torna-se o que parece ser um descritor ambíguo – “o tirano”. De um lado está Nero; do outro está Domiciano.

Quem merece melhor o título? Sem dúvida, é Nero – de fato, temos clara evidência que ele foi chamado por este nome:

Apolônio de Tiana diretamente diz de Nero, que ele era “comumente chamado Tirano” (e também se refere a ele como “besta”!)

Nero se encaixa na definição de tirânico com uma certeza: Ele “pôs para a morte muitos inocentes” (Tácito); “destruidor da raça humana, veneno do mundo” (Plínio, o Ancião); “natureza cruel” (Tácito); “crueldade de disposição” (Suetônio); “cruel e sanguinário tirano” (Juvenal). Ele cometeu atos de perversidade e atrocidade tão nojentos que não os imprimiremos aqui. Nero foi pesadamente ridicularizado e odiado em trabalhos posteriores como um cruel e vingativo líder, e foi amplamente reconhecido como o primeiro imperador a perseguir cristãos. “Mas bem, Domiciano não foi também um tirano? Ele também não perseguiu cristãos?” Sobre o último, não é tão claro se Domiciano agia para cristãos como ele agia para qualquer um que o incomodasse, o que algumas vezes ocorria a cristãos próximos a ele – não existe evidência de uma perseguição geral em volta do seu reinado. Significativamente, cristãos posteriores falavam de Domiciano em termos de Nero – não vice-versa.

Sobre ser tirano, deixe Suetônio (Os Doze Césares) contar a história. Domiciano não foi um cara legal, mas chamá-lo de tirano seria gastar uma palavra sem necessidade quando existe mais alguém que a mereça melhor...

Nero encontrou diversões em todas as formas de perversões e perseguiu e matou muitos inocentes. As atividades favoritas de Domiciano eram sexo recreacional, jogos de dados, caminhadas, e

atirar canetas em insetos (no qual ele gastava horas nos primeiros anos de seu reinado). Um de seus últimos projetos, enquanto ele ficava careca, foi um livro sobre cuidados capilares.

Mais tarde em seu reinado Domiciano fez alguns atos irracionais de relevância – executar um garoto porque ele parecia e atuava como um ator que ele não gostava; teve um autor executado, e seus escravos secretariais crucificados, para colocar algumas alusões em uma obra literária; colocou senadores à morte por conspiração; pôs outra pessoa à morte por querer celebrar o aniversário de um imperador anterior. Tempo mais tarde Domiciano inventou uma nova forma de tortura. Suas várias irracionalidades o fizeram odiado e temido em todo lugar. Mas ele nunca chegou ao nível de crueldade e irracionalidade que Nero chegou.

Como o público em geral reagiu às suas mortes? Com Nero houve “generalizado e amplo regozijo” dado que os “cidadãos correram pelas ruas vestindo capas de liberdade”. Algumas pessoas esquisitas ainda apoiavam Nero, mas não muitos. Por outro lado, na morte de Domiciano, o público em geral “recebeu a notícia... com indiferença”, apesar de os militares estarem descontentes e os senadores de Roma estarem felizes.

Obviamente, alguém poderia justificadamente chamar ou Nero ou Domiciano de tirano. Mas concordo com os escritores patrísticos que descreveram Domiciano em termos de Nero. Por comparação Domiciano era um “aspirante a tirano” e as referências de Clemente fazem bem mais sentido se aplicadas a Nero (especialmente como a real palavra “tirano” foi usada sobre ele na literatura).

No mesmo passe, as atividades que Clemente atribui a João – percorrer toda a Ásia, montado a cavalo atrás de um líder apóstata – fazem mais sentido se atribuídas a um homem em seus 50 ou 60 anos do que fariam a um homem em seus 90 ou 100.

Finalmente, em outro lugar Clemente afirma que o ensino dos apóstolos foi completado nos tempos de Nero.

Gentry oferece outras evidências externas, algumas delas equívocas. O que permanece como sendo as mais convincentes e relevantes pontos são:

Orígenes (185-254) se refere a João como condenado a Patmos pelo “rei dos romanos”. Os imperadores julianos, dos quais Nero foi o último antes dos generais tomarem o título de César, foi o último a ser saudado por este título.

Um dos poucos advogados claros de uma datação domiciânica é Victorinus (304 AD) que se refere a João sendo sentenciado a ir a Patmos, trabalhar nas minas, por Domiciano. Gentry aponta que isto seria esquisito para João, na idade de 90 a 100 anos, sobreviver à jornada para ser julgado, o açoitamento público, e as chicotadas nas minas, e então seguisse para mais trabalho na Ásia. [...]

Os Atos de João reportam que João de fato foi exilado sob Domiciano, mas a razão dada para o exílio foi que Domiciano ouviu sobre a influência de João, e de seu ensino ele espalhou pela Roma deveria ser arrancado e destruído. Por causa disso ele foi mandado para Patmos. Gentry nota que [...] o ensino descrito casa com o que é encontrado em Revelação [ou Apocalipse] e sugere [...] que João pode ter sido exilado mais de uma vez, a primeira sob Nero.

Eusébio é uma das mais fortes testemunhas domiciânicas, como ele nota que João foi condenado a Patmos, apesar de que ele não estabelece diretamente que este é o tempo que João escreveu Revelação (pois de fato ele nem pensa que João escreveu Revelação afinal!), e ele claramente depende de Irineu.

Eusébio também fornece dados contraditórios: em um lugar ele fala do exílio de João sob Domiciano, mas em outros lugares “fala da execução de Pedro e Paulo na mesma sentença com o banimento de João”, sugerindo uma data neroniana. (Um duplo exílio resolveria o assunto [...])

Epifânio (315-403) coloca o banimento de João sob Cláudio e afirma que foi ali que ele escreveu Revelação. Alguns sugerem que ele está confundindo Cláudio com Nero, porque um dos nomes secundários de Nero era Cláudio.

Jerônimo (340-420) afirma diretamente que João escreveu Revelação enquanto sob o exílio nos tempos de Domiciano.

A História Siríaca de João afirma diretamente que João foi exilado sob Nero, e as duas versões siríacas de Revelação (600 AD) e seu título dizem que João fora banido por Nero.

André de Capadócia (sexto século) claramente apóia uma data domiciânica, mas reconhece em um comentário de Revelação que existem diversos comentaristas em seu tempo que discordam e preferem uma datação nerônica. Um deles era Aretas, um contemporâneo.

No mínimo, a evidência externa para a datação de Revelação⁹ é equívoca. Mas o peso detalhado das mais antigas testemunhas claras lançam o veredicto ligeiramente para uma data mais antiga”.¹⁰

Um dos motivos pelos quais é defendido uma data recente para a escrita do Apocalipse, é o liberalismo. Segundo Gentry, “à medida que o liberalismo cresceu nos anos de 1800, houve uma considerável pressão para determinar datas mais recentes para muitos dos livros do Novo Testamento. Isso fortaleceu o argumento dos liberais que os redatores tinham adicionado, modificado ou deletado porções da Bíblia. Contudo, no final dos anos 1800, a evidência para uma data mais antiga do Apocalipse foi considerada tão convincente que a grande maioria dos eruditos favoreceram uma data antiga. Desde então, contudo, a opinião tem mudado para uma data mais recente com pouca razão aparente para fazê-lo”.¹¹

Antipas e a Data do Apocalipse _____

“Conheço o lugar em que habitas, onde está o trono de Satanás, e que conservas o meu nome e não negaste a minha fé, ainda nos dias de Antipas, minha testemunha, meu fiel, o qual foi morto entre vós, onde Satanás habita”. (Apocalipse 2.13)

A figura do mártir cristão Antipas também é usada como prova de que o Apocalipse foi escrito no final do reinado de Domiciano, em 95 d.C.

Veja o que um defensor desta ideia escreveu:

“Ok” – você pode pensar – “mas como este versículo [Apocalipse 2.13] prova que o Apocalipse não foi escrito antes de 70 d.C.”? Isso nós descobrimos quando analisamos a época que este mártir da Ásia, Antipas, foi morto. Aqui João está escrevendo cartas direcionadas às sete igrejas da Ásia. Essa carta foi direcionada aos cristãos de Pérgamo. Nela, João faz menção de um acontecimento passado que certamente ainda estaria conservado na mente dos cristãos daquela cidade, que foi o martírio de um de seus maiores líderes, Antipas, que foi bispo da cidade de Pérgamo.

Acontece que, se João escreveu antes de 70 d.C. e relata a morte que já tinha acontecido de Antipas, isso significa obrigatoriamente que – de acordo com a datação preterista – esse Antipas tem que ter morrido antes de 70 d.C, evidentemente. Porém, a tradição histórica da Igreja em seu testemunho unânime (inclusive por fontes católicas) em uma só voz proclama que Antipas foi martirizado durante o reinado de Domiciano, e não de Nero!

Aqui nós temos que fazer uma pequena pausa para uma observação histórica. Se João escreveu antes de 70 d.C., então ele escreveu na época do imperador romano Nero, que reinou em Roma entre 13 de Outubro de 54 até 9 de Junho de 68. Porém, ele relata o martírio de Antipas que havia ocorrido alguns anos antes. Portanto, Antipas deve, pela lógica preterista, ter sofrido o martírio durante o reinado de Nero. Entretanto, o que vemos é que o consenso unânime entre os Pais da Igreja, os Doutores da Igreja Católica e os historiadores, conforme a tradição da Igreja, é que Antipas não foi martirizado durante o reinado de Nero, mas sim de Domiciano.

Ora, Domiciano reinou em Roma entre 14 de Setembro de 81 até 18 de Setembro de 96. Portanto, se Antipas morreu durante o reinado de Domiciano e João escreveu o Apocalipse depois disso (citando a morte de Antipas que já tinha ocorrido), então logicamente João escreveu bem depois de 70 d.C.! Ele necessariamente escreveu depois de 81 d.C., quando Domiciano começou a reinar em Roma, perseguir os cristãos e matar Antipas. As provas disso são abundantes, tanto em

fontes evangélicas, como também em fontes da Igreja Ortodoxa e da Igreja Romana”.¹²

Esta citação acima tem pelo menos dois equívocos, são eles:

1º - Sobre Antipas ser líder e bispo da cidade de Pérgamo;

2º - Basear-se na tradição da igreja católica.

A verdade é que Apocalipse 2.13 nada fala sobre Antipas ter sido líder ou bispo de Pérgamo. Apenas diz: “*minha testemunha, meu fiel*”.

O martírio de Antipas como bispo de Pérgamo é coisa da TRADIÇÃO católica romana e Ortodoxa, e também de alguns evangélicos equivocados.

Tenho achado muito interessante como a tradição católica tem tido valor quando é de interesse para alguns. Se for para aceitar a tradição católica, porque não a aceitamos por inteira (inclusive naqueles equívocos históricos e doutrinários)? A tradição é falha como toda fonte extra-bíblica (ver Mateus 15.3, 6). Devemos unicamente ter a Palavra de Deus como nosso guia. Aliás, perdemos muito tempo com a questão da data do Apocalipse justamente por causa dos falsos sistemas que ficam disputando sobre ela. De outra forma, jamais deveríamos perder tanto tempo falando sobre a data do Apocalipse uma vez que os cristãos do primeiro século não agiram assim. A Escritura Sagrada por si só é SUFICIENTE e SEGURA para dizer quando o Apocalipse foi escrito.

No entanto, as provas fora da Escritura a respeito de Antipas são tão falhas, que existem até mesmo controvérsias sobre quem foi ele. Por exemplo, se buscarmos informações sobre Antipas na wikipédia em inglês veremos que não existe certeza se o São Antipas martirizado durante o reinado de Domiciano, seria o mesmo de Apocalipse 2.13.

Observe o que essa enciclopédia diz:

“Muitas **tradições cristãs acreditam** que São Antipas seja o Antipas que se refere o Livro do Apocalipse (Apocalipse 213) como a “fiel testemunha” de Pérgamo, “onde Satanás habita”. De acordo com a **tradição cristã**, o apóstolo João havia ordenado Antipas como bispo

de Pérgamo durante o reinado do imperador romano Domiciano. O relato **tradicional** continua dizendo que Antipas foi martirizado em 92 AD...”.¹³ (o grifo é meu)

Veja o que diz outra fonte sobre Antipas:

“Enquanto Antipas foi martirizado no final da vida do apóstolo João, **muito pouco mais se sabe factualmente sobre Antipas a partir de fontes históricas respeitadas.**

No entanto, as tradições de origem dentro da Igreja Cristã Ortodoxa, em torno e depois 1000 d.C., pintam um quadro mais completo que só se pode acreditar neles como factual.

Os **Antipas tradicionais (possivelmente fictícios) tinham fama de ser o bispo da igreja cristã em Pérgamo**, e que ele foi martirizado por sua fé por causa de seu fiel testemunho consistente em face de todo o mal satânicos ali presentes”.¹⁴ (o grifo é meu)

Na verdade - como deu para notar até agora - são as tradições que associam São Antipas ao Antipas descrito em Apocalipse 2.13. A situação fica mais obscura ainda quando levamos em conta que naquela época o nome Antipas era comum o suficiente para não podermos ter a certeza se temos o direito de associá-lo com São Antipas, morto no durante o tempo de Domiciano. Considere, por exemplo, que até mesmo existe um debate sobre se o João que escreveu o Apocalipse (Apocalipse 1.9) seria o mesmo João dos evangelhos (lembrando também que João era um nome comum naqueles dias).

Por outro lado, o nome Antipas pode ser simbólico apenas. Segundo Edmilson Silva em seu comentário sobre as sete igrejas “a palavra “Antipas” vem de “Ant” que quer dizer “contra” e “pas” que quer dizer “tudo”. Logo, Antipas quer dizer “contra tudo”. Este nome deveria fazer a igreja de Pérgamo se lembrar que, uma vez que eles habitavam no lugar em que estava o trono de satanás, eles deveriam ser “Antipas”, contra tudo”.¹⁵

Para finalizar, cito as palavras do grande estudioso do Apocalipse, Ralph E. Bass, Jr. Ele escreveu:

“Nós não sabemos nada sobre Antipas (2:13), além do que nos é dito no versículo 13. O que nos é dito pelo Rei da Glória é que ele era fiel de Cristo (2:13), um grande elogio de fato. Quem o matou e por quê, não nos é dito. Como era tão frequentemente o caso, no entanto, podemos supor que foi por aprovação do governo, se não por ação do governo. Historicamente, os dois grandes inimigos do cristianismo do primeiro século foram o judaísmo e o estatismo humanista”.¹⁶

Você prefere se apoiar na tradição ou no que a Bíblia nos diz sobre Antipas?

A Evidência Interna

Agora sim, vamos entrar em um terreno seguro, sólido e bem fundamentado. É o terreno da Escritura Sagrada! Somente através da Escritura Sagrada podemos ter certeza sobre quando o Apocalipse foi escrito. Como já foi citado anteriormente, “mais de dois terços (2/3) dos quatrocentos e quatro (404) versículos de Apocalipse aludem a passagens do Antigo Testamento”. Somando-se a isto temos o capítulo 24 de Mateus que é considerado um mini apocalipse. Tudo quanto Jesus disse nesse capítulo tem conexão com as coisas descritas no livro do Apocalipse. Como já foi dito anteriormente, são as passagens claras das Escrituras que lançam luz sobre a interpretação do livro do Apocalipse. Se compararmos Escritura com Escritura veremos o quão é surpreendente a revelação que teremos do tempo da escrita do Apocalipse.

Neste tópico vou analisar algumas evidências internas que provam que o livro do Apocalipse foi escrito antes do ano 70 d.C. Mas, o que será decisivo mesmo a respeito da data do Apocalipse, é o comentário dos 404 versículos que farei até o fim deste e-book. Vou deixar agora à análise da tradição de lado e fazer como diz Kenneth L. Gentry, Jr.

“apegando-me à convicção inabalável com respeito à inspiração divina da Escritura, também afirmo sua autoridade, infalibilidade e inerrância inerentes. Por conseguinte, estou convencido que o testemunho do próprio Apocalipse é uma evidência superior e determinativa”.¹⁷

“Com isto agora partiremos para a evidência interna corroborativa. Novamente nos alçamos em nossos papéis do trabalho sobre os Evangelhos. Se uma obra de Tácito nos afirma que Nero abriu um refrigerador, pegou um burrito, e jogou-o no forno micro-ondas, temos alguma razão para duvidar de que um escritor do segundo século como Tácito seja responsável pelo material! Por outro lado, podemos também esperar que Tácito fale sobre coisas anteriores ou durante este tempo.

Aferir a evidência interna de Revelação [ou Apocalipse] inevitavelmente implica tomar uma posição sobre a exegese das passagens. Em outras palavras, entramos agora no âmago da questão de decidir se Revelação faz ou não sentido em um paradigma pré-70 d.C.

Nós começamos com um sumário e avaliação dos diversos argumentos gerais para a data anterior [...]:

1. “O idioma peculiar de Revelação indica um João mais jovem, antes de sua perícia na língua grega, uma evidência principal em seu grego mais polido de um período posterior”. Westcott é citado como acrescentando [...] que Revelação é “menos desenvolvido tanto em estilo quanto em linguagem” comparado com o Evangelho. Por outro lado, é argumentado que as diferenças podem ser devidas ao assunto-alvo, um argumento que mantém algum peso ao lidar com outras obras do Novo Testamento, ou alguns argumentam (como Beale) o uso de um pano de fundo hebraico. Outro ponto possível é que o Evangelho e as missivas foram escritas com a ajuda de um escriba; enquanto Revelação, escrito no exílio (solitário) não.
2. Apenas sete igrejas na Ásia Menor indicam uma data anterior à expansão cristã. Não há nada que diga que estas são então as únicas sete igrejas da Ásia Menor, apesar de que pode ser que

elas fossem as mais importantes igrejas daquele tempo, e Gentry nota que este número pode ser simbólico.

3. Atividade herética judaizante (Rv 2-3) seria menos conspícua após uma circulação mais abrangente das cartas anti-judaizantes de Paulo. Este é um ponto com forte aspecto: após 70 d.C., à atividade judaizante dificilmente teria o ímpeto que teria antes de 70 d.C. Semelhantemente com o ponto a seguir:
4. A perseguição judaica ao cristianismo (Rv 6, 11) indica “a relativa confiança e segurança dos judeus em sua terra”. Porém, é um erro assumir que todos os elementos dos hereges ou perseguidores simplesmente jogariam as mãos para o alto e iriam embora; o cristianismo era um movimento subversivo que sempre seria perseguido quando fora do poder [...].
5. O Templo ainda é dito como existente (Rv 11). Este é um dos mais fortes pontos de J. A. T. Robinson para datar os Evangelhos antes de 70 AD, e dificilmente seria ignorado aqui!
6. O reinado do sexto imperador (Rv 17) indica uma data pelos [anos] 60 [d.C.]. [...]
7. É fácil aplicar as profecias de Revelação à guerra judaica de 70 [d.C.]. [...]
8. O papel da adoração ao imperador. Uma das principais evidências para a datação domiciânica é a suposição de que a adoração ao imperador, que Revelação parece aludir, não se iniciou até Domiciano. Mas mesmo os proponentes dessa visão admitem que Júlio César foi adorado, e que existe alguma evidência de culto ao imperador sob Augusto e Nero. [...]”¹⁸
9. “Além do mais, o imperador Nero é mencionado como estando ainda vivo: “E são também sete reis; cinco já caíram, e um existe; outro ainda não é vindo; e, quando vier, convém que dure um pouco de tempo”. Julius foi o primeiro César (48-44 a.C.); ele foi seguido por Augustus (27 a.C. – 14 d.C.), Tiberius (14-37 d.C.), Calígula (37-41), Claudius (41-54), Nero (54-

68), Galba (que subiu ao trono após o suicídio de Nero em 9 de junho de 68 d.C., e resignou um pouco antes de ser assassinado em 15 de janeiro de 69 d.C.) e Vespasiano (69-79 d.C.). Os cinco primeiros Césares – Julius, Augustus, Tiberius, Calígula e Claudius – já tinham morrido (“caíram”) no tempo da escrita do livro de Apocalipse. Nero estava no trono. Após ele levantou-se outro César, Galba, que continuou apenas por um curto período – não mais que seis meses. Quão precisamente foi cumprida a profecia bíblica!

10. Além disso, Apocalipse 13.8 identifica o imperador com o número equivalente ao nome de Nero: 666. No hebraico o nome é “nrwn qsr”: n (50) r (200) w (6) n (50) q (100) s (60) r (200), que dá exatamente 666.
11. Há também o ensino a priori da própria Escritura que toda revelação especial terminou por volta de 70 d.C. O anjo Gabriel disse a Daniel que as 70 semanas deveriam terminar com a destruição de Jerusalém (Dn 9.24-27); esse período também serviria para “selar a visão e a profecia”. Em outras palavras, a revelação especial cessaria quando Jerusalém fosse destruída”.
12. Finalmente, João repetidamente estabelece o ponto que a grande tribulação que ele descreve “brevemente deve acontecer” (Ap 1.1). Isso foi um conforto para os cristãos perseguidos: a libertação estava próxima! “Brevemente” não significa um quarto de século – muito menos 1900 anos mais tarde! A palavra de Deus diz: “brevemente”, e não há razão para não tomar isso literalmente. Além disso, há pelo menos 24 versículos em Apocalipse (e.g., 1.3; 2.16; 3.10-11; 10.6-7; 12.12; 22.3, 7, 10, 12, 20) que falam da iminência do cumprimento das profecias do livro (não iminente agora, mas iminente no primeiro século).
13. Embora parte da porção conclusiva de Apocalipse seja sobre eventos dos finais dos tempos, a ênfase primária do livro é sobre a destruição de Israel por Nero e a vitória de Cristo sobre

Roma. Somente um evento pode ser compatível com a tribulação e os detalhes do livro de Apocalipse: a destruição de Jerusalém em 70 d.C., vividamente registrada pelo historiador judeu Josefo. Isso é o que “brevemente deve acontecer”, de acordo com João; e, portanto, ele estava escrevendo o livro de Apocalipse antes de 70 d.C.¹⁹

14. O evangelho de Mateus considerado como mini Apocalipse diz que os eventos apocalípticos aconteceriam dentro daquela geração, no primeiro século. “Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça”. (Mateus 24.34) Em conexão a isto, no Apocalipse diz sobre “as coisas que em breve devem acontecer”. (Apocalipse 1.1; 22.6)

Para finalizar esta introdução, um escritor da internet resumiu bem sobre a data do Apocalipse. Ele escreveu:

“Apocalipse foi um livro profético para aquela geração e para aquele momento, porém para nós se tornou um livro Histórico e de Esperança, assim são todos os livros proféticos do cânon Bíblico; Isaías, Jeremias, Ezequiel entre outros, profetizaram acontecimentos contemporâneos, ou seja, para época em questão no qual eles viviam, assim também é o Apocalipse, profecias contemporâneas ao momento que ele foi escrito”.²⁰

Sobre essa questão da historicidade do Apocalipse, Frank Brito também nos diz que “a maior parte dos eventos profetizados no Apocalipse se cumpriu no primeiro século. Somente **a partir da segunda metade do capítulo 20 é que o livro narra eventos que ainda são futuros a nós**”.²¹ (o grifo é meu)

Outras Evidências sobre a Data do Apocalipse_____

O Terremoto Ocorrido na Cidade de Laodicéia é um Problema para a Data da Escrita do Apocalipse? *

“...pois dizes: Estou rico e abastado e não preciso de coisa alguma, e nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu”.

(Apocalipse 3.17)

Temos neste versículo uma repreensão de Jesus contra a igreja de Laodicéia. Os membros daquela igreja se achavam ricos e abastados, e isto, tem servido de suposta “evidência” para uma data recente da escrita do Apocalipse - mais ou menos no final do reinado de Domiciano (cerca de 96 d.C.).

Mas, porque Apocalipse 3.17 forneceria a data do ano 96 d.C. para a Escrita do apocalipse, ao invés do ano 65-66 d.C.? A suposta evidência para uma data recente está no terremoto ocorrido no ano 61 d.C.. O argumento seria que uma vez que o Apocalipse foi escrito tão cedo (ano 65 ou 66 d.C.), e o terremoto ocorreu no ano 61 d.C., logo, a cidade de Laodicéia estaria ainda em reconstrução e isto contradiz o fato dos membros da igreja de Laodicéia serem ricos e abastados (mesmo após a tragédia). Assim, “a ideia por trás do argumento é que um evento tão devastador quanto um terremoto deve necessariamente

ter repercussões econômicas graves e de longo prazo sobre a comunidade”.²²

Ainda de acordo com tal argumento, uma data recente da escrita do Apocalipse (lá pelo tempo do imperador Domiciano), seria tempo suficiente para a cidade se recuperar do terremoto, e por, consequência, os membros da igreja já estarem ricos e abastados.

Qual era a natureza da “riqueza” de Laodicéia?

Não tenho dúvida de que a riqueza descrita por Jesus é aquilo que chamamos de “riqueza espiritual”. Tanto que é verdade que o Senhor logo em seguida diz que ao invés de serem ricos, aquela igreja era *“infeliz, miserável, pobre, cego e nu”*. Os membros da igreja de Laodicéia se imaginavam “ricos e abastados”, mas não eram ricos para com Deus. Inúmeras passagens das Escrituras demonstram isto, observe:

Lucas 12.21: *“Assim é o que entesoura para si mesmo e não é rico para com Deus”*.

1ª Coríntios 1.5: *“...porque, em tudo, fostes enriquecidos nele, em toda a palavra e em todo o conhecimento...”*.

2ª Coríntios 8.9: *“...pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos”*.

1ª Coríntios 4.8: *“Já estais fartos, já estais ricos; chegastes a reinar sem nós; sim, tomara reinásseis para que também nós viéssemos a reinar convosco”*.

Oséias 12.8: “...mas diz: *Contudo, me tenho enriquecido e adquirido grandes bens; em todos esses meus esforços, não acharão em mim iniquidade alguma, nada que seja pecado*”.

E se a “riqueza” da igreja de Laodicéia for mesmo Material?

Caso, ainda haja insistência em dizer que a riqueza de Laodicéia seria material, é bom lembrar que isto não muda em nada a questão do Apocalipse ter sido escrito nos anos 65-66 d.C. Por mais devastador que tenha sido o terremoto em Laodicéia, é “fato documentado da recuperação aparentemente sem esforço, sem ajuda, e rápido de Laodicéia do terremoto”.²³

Ainda segundo Gentry, “Tácito relata que a cidade nem sequer achou que era necessário se candidatar a um subsídio imperial para ajudá-los a reconstruir, mesmo que o tal era habitual para cidades na Ásia Menor. Como Tácito registra, Laodicéia “surgiu das ruínas pela força de seus próprios recursos, e sem a ajuda de nós”. (Tácito, Anais 14:27) Esta é uma clara indicação necessária para demonstrar que a força econômica de Laodicéia não foi radicalmente diminuída pelo terremoto. Apesar do terremoto, recursos econômicos estavam tão prontamente disponíveis dentro de Laodicéia que a cidade poderia facilmente recuperar-se dos danos”.

[...]

Além disso, parece que o elemento tempo não seria extremamente crucial uma vez que “os terremotos eram muito frequentes lá por perto, e a reconstrução, sem dúvida, era seguida de uma só vez” (FJA Hort, Apocalypse , xx). O terremoto ocorreu em 61 d.C.; e se o Apocalipse foi escrito precocemente tão cedo quanto - anos 65 ou 66 d.C., (como é provável) - daria o tempo de quatro anos para a reconstrução da cidade. Devemos lembrar que a recuperação era auto-gerada. Uma

análise econômica simples exige que para os recursos sobreviverem, a reconstrução teria de ser rápida.

Além disso, quem pode dizer que a comunidade cristã foi necessariamente esmagada pelo terremoto naquela cidade? Afinal, na declaração de Apocalipse 3.17 é a igreja que está em vista, não a cidade. Até mesmo os terremotos terrivelmente destrutivos na Cidade do México em 19 e 20 de setembro de 1985, não destruíram todos os setores da cidade. Talvez, pela graça de Deus, os cristãos estavam em áreas menos afetadas pelo terremoto, como Israel estava em uma área do Egito menos afetada pelas pragas (Êxodo 8.22; 9.4, 6, 24; 10.23). Será que esse símbolo da providência de Deus levou Laodicéia para uma confiança muito orgulhosa de sua posição, tal como sugerido em Apocalipse 3.17? Talvez uma situação espiritual aproximadamente análoga encontra-se com a igreja de Corinto, que Paulo começou a corrigir (1ª Coríntios 4.6-8).²⁴

Conclusão:

O terremoto de Laodicéia não é uma forte evidência contra a data da escrita do Apocalipse nos anos 65 e 66 d.C. Os argumentos apontados acerca do terremoto como prova de uma data recente são muito fracos.

.....
* Este texto foi baseado no artigo "Is Laodicea a Problem for Revelation's Date?" do autor Kenneth L. Gentry, Jr.

O Apocalipse não se Cumpriu perto dos Dias de João? (Partes 1, 2 e 3)

O Apocalipse é um livro fascinante e emocionante, e ao mesmo tempo, é também desconcertante e desorientador. É um livro muito debatido e menos entendido. A controvérsia sobre o Apocalipse começa com suas declarações iniciais. E isto continua até as suas palavras finais.

João abre o Apocalipse com duas declarações aparentemente claras:

*“Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos as coisas que **em breve** devem acontecer e que ele, enviando por intermédio do seu anjo, notificou ao seu servo João...”*

*“Bem-aventurados aqueles que lêem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas, pois **o tempo está próximo**”*.

(Apocalipse 1.1, 3 - o grifo é meu)

Em seguida, ele fecha seu livro glorioso com duas declarações paralelas, reiterando o seu ponto inicial:

*“Disse-me ainda: Estas palavras são fiéis e verdadeiras. O Senhor, o Deus dos espíritos dos profetas, enviou seu anjo para mostrar aos seus servos as coisas que **em breve devem acontecer**”*.

*“Disse-me ainda: Não seles as palavras da profecia deste livro, porque **o tempo está próximo**”*.

(Apocalipse 22.6, 10 - o grifo é meu)

Essas declarações de curto prazo têm feito muitos comentaristas tropeçarem ao longo dos anos. Gostaria de salientar várias das principais tentativas de re-interpretar as declarações introdutórias e conclusivas de João. Então, depois vou expor uma longa discussão sobre os indicadores de curto prazo. Este é um importante esforço exegético para o pós-milenista²⁵, porque muitos cristãos modernos veem as cenas de julgamento do Apocalipse como contraditório com a esperança pós-milenista.

As declarações a seguir são feitas por aqueles que não acreditam que os eventos do Apocalipse estavam perto [para acontecer nos dias de João].

1. João foi enganado

Os eventos eram esperados para breve, mas João estava errado. M. E. Boring (73) afirma que João cometeu um erro ao ter uma expectativa de curto prazo para “todos os acontecimentos previstos em sua literatura”: “Isso significa que ele estava errado? Sim. Os cristãos que veneram a Bíblia como Escritura, o veículo da Palavra de Deus, não devem hesitar em reconhecer que os seus autores cometeram erros... Quando João adotou o estilo apocalíptico como o veículo de sua mensagem, ele adotou seus erros também”.

W. J. Harrington (44-45) concorda com isto: “Quando João declara que o tempo está próximo, ele quer dizer que, em sua opinião, o fim é em breve. Estaria, então, enganado? Em certo sentido, sim, obviamente. O fim não aconteceu no seu tempo, nem tem ocorrido dezenove séculos mais tarde. O que podemos aprender com ele é um senso de urgência”.

Nigel Turner (1045) concorda, ressaltando que “estudiosos conservadores tentam ver nesta palavra o significado ‘rapidamente’ (isto é catastrófico), bem como em breve, mas a simples verdade é que os eventos não tiveram um cumprimento imediato”. James Barr (1984:39) observa que o Apocalipse “falhou espetacularmente em vez de cumprir a sua promessa de que Jesus viria ‘em breve’”. B. Robinson (1988:16) é mais gracioso para com João, mas concorda que: “a

expectativa rápida de João sobre o fim da história... foi prematura”. “Mas o significado é realmente ‘em breve’”.

W. Buchanan (35-36) coloca a questão corajosamente: “João pensou que os cristãos daqueles dias, estavam perto do final da tribulação, e seria apenas um curto período de tempo antes que o período predestinado estaria terminado e a nação [de Israel] estaria livre do domínio estrangeiro... João não estava esperando por mil anos [à frente]. Com base em Daniel, ele esperava um fim para acontecer no prazo de três anos e meio. Isso não aconteceu, e João cometeu um erro. Isso é tudo o que há para fazer, e ninguém deve tentar reivindicar alguma interpretação infalivelmente correta que irá absolver João de seu erro”.

Essas abordagens vistas acima são inaceitáveis para aqueles que acreditam que o Apocalipse é divinamente inspirado (como João afirma em Apocalipse 1.1, e creio sinceramente). Tais abordagens são baseadas em um engano radical sobre o que o Apocalipse realmente ensina, como veremos. Além disso, caso estivesse errado, João certamente não iria criar uma sensação de “urgência”, mas sim um profundo sentimento de decepção e desgosto parecido com aqueles que seguiram William Miller para o topo da montanha em 1843.²⁶ O Apocalipse seria então nada mais do que um espécime [de pergaminhos] de Qumran com expectativas que falharam.²⁷

2. João era ambíguo²⁸

Os eventos foram profetizados para cumprir-se em breve, mas como era de costume entre os profetas de Israel, a linguagem profética especial é intencionalmente “ambígua”. A ambiguidade Profética é intencional e é projetada para aumentar as expectativas dos ouvintes para fins morais de prontidão. Apesar de não aplicar a sua discussão para o Apocalipse, podemos facilmente ver como o entendimento de Scot McKnight’s sobre a profecia hebraica explicaria as figuras de linguagem de João sobre a “proximidade” [dos eventos apocalípticos]. Ao discutir as declarações do Evangelho de Jesus a respeito da proximidade do reino e dos juízos apocalípticos associados, McKnight

(1999:129) escreve: “Eu vou argumentar que Jesus tinha uma expectativa iminente e que esta visão é consistente com o movimento profético em Israel. Sua percepção não estava errada. Em sua limitação, a ignorância e ambiguidade, conhecimento profético não é conhecimento errado, mas é diferente do conhecimento empírico de todos os dias”.

Embora McKnight (129) argumente contra o emprego da chamada “ginástica exegética” para fugir da importação de pronunciamentos proféticos de curto prazo, a sua abordagem parece encorajar apenas isso. As declarações de João são bastante claras, repetidas, e equilibradas umas com as outras. Ele começa (Apocalipse 1.1,3) e fecha (Apocalipse 22.6, 10), com essas declarações de proximidade. Ele nunca declara que não sabe o tempo; ele não usa uma linguagem ambígua ao fazer suas declarações. Qualquer argumento profético-ambiguidade não será suficiente para descontar os julgamentos que se aproximavam.

Conclusão:

Os argumentos vistos acima fazem parte dos mais decepcionantes esforços dos acadêmicos para compreender os indicadores de curto prazo de João. Mas eles não são os únicos que erram o alvo. Acesse o próximo artigo e descubra algumas tentativas vãs para livrar João de seu ponto de vista.

Parte 2 _____

Este é o segundo artigo de uma série enfocando a questão da expectativa temporal do Apocalipse.

Apresento pela primeira vez, as tentativas dos intérpretes não preteristas em torno das declarações de curto prazo de João, em Apocalipse 1.1, 3; 22.6, 10. Uma que vez apresentei esses esforços, vou dar extensos argumentos exegéticos mostrando que João [em seu discurso apocalíptico] se concentra apenas no primeiro século. E,

então, finalizarei respondendo à questão sobre se João também profetiza sobre um futuro distante.

Em minha última postagem, anotei as duas primeiras respostas às expectativas de curto prazo de João, são elas:

1. João estava enganado.
2. João era ambíguo.

Como você pode perceber, estou oferecendo as piores respostas em primeiro lugar - só para mostrar o quão desesperado são alguns comentaristas ao tentar explicar as declarações de João. Agora escolho uma terceira explicação.

3. A revelação é motivacional

Os eventos são declarados “em breve”, mas apenas para fins motivacionais e dramáticos. Michaels (48) afirma que “os cristãos tendem a ficar nervosos com qualquer implicação de que a Bíblia poderia estar enganada. Ainda uma grande quantidade é perdida quando as expressões “em breve” e “está próximo o tempo” perdem sua força. A convicção de que o fim do mundo está próximo é o que faz o livro do Apocalipse maior que a vida... A intensa consciência do fim de todas as coisas infunde o imaginário do livro assim como a nitidez de cores ricas. O anúncio de que “o tempo está próximo” não provoca renúncia ou a sensação de que nada importa, mas, pelo contrário, uma espécie de júbilo na preciosidade da vida e ao mundo que Deus criou e vai criar de novo, nos eventos que em breve devem acontecer”.

J. L. Resseguie (63) tem uma visão semelhante quando afirma que João está construindo um sentido de “tensão” na sua obra dramática. J. L. Maier (124) comenta que “Jesus, assim como Godot, está para virar uma esquina que nunca virara”.²⁹

Talvez podemos supor que esta abordagem teria infundido o livro com nitidez para os seus destinatários originais. Mas agora com 1.900

anos de atraso [...] E, certamente, Jesus não é como Samuel Beckett esperando Godot que retrata a falta de sentido da vida.

4. Os eventos irão ocorrer rapidamente

Os eventos vão se desenrolar rapidamente quando eles começarem a ocorrer. O estudioso dispensacionalista John Walvoord (35) entende o comentário de abertura do Apocalipse assim: “O que Daniel declarou que ocorreria “nos últimos dias” é aqui descrito como “em breve” (no grego *en tachei*), isto é, ‘rapidamente ou de repente vindo para passar’, indicando uma rapidez de execução após o início. A ideia não é que o evento pode ocorrer em breve, mas que, quando isso acontecer, ele será repentino (cf. Lucas 18.8; Atos 12.7; 22.18; 25.4; Romanos 16.20). Uma palavra semelhante, *tackys*, é traduzida ‘rapidamente’ sete vezes no Apocalipse”. Charles Ryrie (13) e LEGNT (610) também têm essa visão.

Esta interpretação não oferece incentivo algum. Se a Igreja deve esperar centenas e centenas de anos antes dos eventos ocorrerem, qual é finalmente o significado de sua chegada rapidamente? Além de promover a palavra rapidamente encarnada nesta frase, ocorre novamente em outras expressões em Apocalipse 1.3, 19, e em outros lugares. F. D. Mazzaferri bem argumenta: “Apesar [da palavra grega] “tachos” poder conotar velocidade ao invés de iminência, o primeiro faz pouco sentido em termos de Apocalipse 22.10, ou em contexto com [a palavra grega] “engus”. Da mesma forma, a promessa de Jesus “erchomai tachu”, é pouco clara, muito menos uma motivação para a perseverança, exceto no sentido de iminência”. [...]

5. João está falando do tempo de Deus

Os eventos ocorrerão “em breve” de acordo com a medida de tempo do eterno de Deus. O dispensacionalista R. L. Thomas (01:55) reconhece a fraqueza da posição de Walvoord observando que “dizer que o alívio virá ‘de repente’ oferece nenhum incentivo, mas para dizer que ele virá “em breve”, sim”. Ele argumenta que “quando se mede o

tempo, a Escritura tem um padrão diferente do nosso... Deve-se ter em mente que Deus não está limitado por considerações de tempo no mesmo nível do homem (cf. 2ª Pedro 3.8)”.

L. Morris (46-47) tem uma visão semelhante: “Temos de ter em mente que, a perspectiva profética do futuro, é por vezes encurtada. Em outras palavras, o termo pode referir-se a certeza dos acontecimentos em questão. O Senhor Deus os determinou e Ele vai rapidamente cumpri-los. Mas isto refere-se ao seu “tempo”, não o nosso, é a qualidade de tempo, em vez de quantidade. Para Ele, um dia é como mil anos, e mil anos como um dia (2ª Pedro 3.8)”.

De fato, Alford (4:545-46) adverte que essa afirmação “não deve significar que os eventos [estão próximos, à mão]. [...] G. Osborne (797) concorda: “para Deus, o período entre o tempo nosso e o de João ainda tem a conotação de ‘em breve’”. [...]

Não está claro como isso oferece mais incentivo para a Igreja severamente perseguida do que a visão de Walvoord. Afinal, nessa visão, João estaria afirmando: “Os eventos são iminentes, mas podem de fato ter 2.000 anos pela frente antes que eles ocorram”.

Além disso, farei a seguir três réplicas para a possibilidade de que João estivesse falando do tempo como Pedro faz em 2ª Pedro 3.8:

Em primeiro lugar, Pedro afirma expressamente o fato de que Deus vê o tempo de forma diferente do homem. João não. Nós não podemos interpretar todos os indicadores temporais pela ótica do tempo de Deus.

Em segundo lugar, Pedro está falando de Deus, enquanto que João dá as diretrizes para os homens. Pedro faz uma afirmação teológica a respeito de Deus e sua percepção do tempo; João fornece uma diretiva histórica para os homens em relação às suas dificuldades e desdobramentos. Não devemos confundir verdade teológica sobre Deus com as diretrizes históricas para os homens.

Em terceiro lugar, Pedro estava lidando com a objeção de que certas profecias falharam porque elas ainda tinham de ocorrer:

“...tendo em conta, antes de tudo, que, nos últimos dias, virão escarnecedores com os seus escárnios, andando segundo as próprias paixões e dizendo: Onde está a promessa da sua vinda? Porque, desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação”.

(2ª Pedro 3.3-4)

Pedro estava enfrentando a lentidão do julgamento de Deus. João, o sofrimento, no entanto, ele estava alertando aos cristãos sobre o que eles deveriam esperar (entre os quais ele próprio fazia parte, Apocalipse 1.9). Ele dogmaticamente declara repetidamente e de várias formas que suas profecias “em breve devem acontecer”, porque “o tempo está próximo”.

6. Os eventos são sempre iminente

Os eventos são iminentes na medida em que poderiam, teoricamente, ocorrer a qualquer minuto. O pré-milenista R. H. Mounce (41) adota essa abordagem: “João escreve que os eventos que constituem o Apocalipse devem “acontecer em breve”. Quase dois mil anos de história da igreja se passaram e o fim ainda não chegou, e isto é um problema para alguns... A solução mais satisfatória é entender a expressão “deve acontecer em breve” em um sentido simples, lembrando que na perspectiva profética o fim é sempre iminente. O tempo como uma sequência cronológica é uma preocupação secundária em profecia. Essa perspectiva é comum a todo o Novo Testamento”.

Mais tarde (404), ele escreve: “Uma resposta para o problema dessa expectativa, ainda que insatisfatória, é sustentar que Deus está mais preocupado com o cumprimento de seus propósitos redentores do que ficar satisfazendo nossas ideias sobre o momento certo”.

B. M. Metzger (105) acrescenta: “Na doutrina cristã das últimas coisas, a iminência do fim é moral e não cronológica: cada geração sucessiva, tanto quanto pode ser ao contrário, pode ser a última geração. Nesse sentido, o tempo é sempre perto (22.10)”.

[...]

Mas contra este ponto de vista, devemos perguntar por que João usaria palavras carregadas de expectativas temporais para expressar sua visão da profecia, em vez de simplesmente dizer que esses eventos apenas “devem” acontecer. De fato, em Apocalipse 22.10 o anjo revelador de João parece intencionalmente reverter a ordem celestial dada a Daniel, que afirmava: *“Tu, porém, Daniel, encerra as palavras e sela o livro, até ao tempo do fim...”* (Daniel 12. 4). A ordem dada a João é: *“Não selas as palavras da profecia deste livro, porque o tempo está próximo”*. (Apocalipse 22:10) Assim, temos uma situação impar cerca de 600 anos antes dos dias de João, pois a Daniel foi ordenado selar a sua profecia até o final, mas a João é ordenado não selar sua profecia para o fim, pois a mesma está próxima - embora tenhamos chegado até agora há mais de 1900 anos no futuro.

A compreensão de “iminência” no esquema futurista é um abuso do termo. O dicionário Webster New Twentieth Century Unabridged define “iminente” como: “o que aparece como se estivesse prestes a acontecer; provável que isso aconteça o mais rapidamente possível; iminente”. O dicionário de Inglês Oxford define “iminente” como: “Iminente ameaçadoramente, que paira sobre a cabeça; pronto para acontecer ou ultrapassar; fechar a mão em sua incidência; chegando em breve”. A palavra “iminência” perde o sentido se o que é “iminente” pode se estender por 2000 anos - ou mais.

Conclusão:

Os esforços de uma re-interpretação de João não terminam com estas seis tentativas corajosas. Há mais por vir! E virão “em breve”. Eu prometo.

Parte 3 _____

João afirma em sua abertura do Apocalipse de que os eventos “deve acontecer em breve” (Apocalipse 1.1), porque “o tempo está próximo” (Apocalipse 1.3). Isto fez com que os comentaristas fizessem “altas viagens” para tentar explicar o que João “realmente” quis dizer. Revisei seis respostas propostas, começando com aquelas que são as menos prováveis.

Agora, neste artigo, vou apresentar as quatro respostas finais. Essas são os mais razoáveis. Mas, claro, apenas uma delas será a correta. E já que é o correto, tomei a decisão de escolher a minha própria.

7. Os eventos estão certos

Os eventos são determinados, independentemente de quando eles ocorrem. S. S. Smalley (27) afirma que “esta frase indica a realização e certeza dos propósitos de Deus, ao invés de uma consumação precipitada “da história”. L. Brighton (642-43) concorda: “Os eventos descritos certamente acontecerão: a maldade humana e o sofrimento resultante sob o julgamento de Deus, e a Igreja de Cristo completando sua missão. É necessário que esses eventos ocorram”.

Mas, novamente, João poderia ter melhor expressado esta opinião, simplesmente afirmando que ele estava se referindo “as coisas que devem acontecer”. A expressão “em breve” simplesmente confunde o assunto. Ou ele poderia ter usado o futuro simples: “as coisas que acontecerão”. Ou ele poderia ter usado a palavra “amém” para afirmar a sua segurança, especialmente porque João gosta tanto do amém que o usa em Apocalipse (1.6, 7; 3.14; 5.14; 7.12; 19.4; 22.20, 21), bem como no seu Evangelho, onde ele sempre duplica (25x). Ele apenas poderia ter dito em Apocalipse: “as coisas que devem acontecer. Amém”.

8. João fala do futuro

G. R. Beasley-Murray enfatiza a “iminência” (168) e “não a demora” (170), mas, isto, não para o público original de João. Na verdade “em sua visão João está perto do fim do período das decisões messiânicas” (Beasley-Murray 170). Assim, ele vê que João está falando de dentro do contexto futuro, quando os eventos estão prestes a explodir na visão.

Isso é altamente improvável, pois João abre seu livro com estas palavras de proximidade temporal, antes que qualquer um saiba o que ele vai dizer, antes mesmo em que ele se vê envolvido “no Espírito” (1.10; 4.1-2) ou transportado para as visões (17.1; 21.9-10). Esta abordagem poderia ser mais plausível se ele dissesse algo no sentido de: “Fui transportado em Espírito para o futuro para ver as coisas que estavam prestes a acontecer” ou: “o Espírito entrou em mim e me pôs no Dia do Senhor, onde eu vi coisas que estavam prestes a acontecer”. Além disso, no capítulo 1 e versículo 3, ele abençoa o leitor e os ouvintes originais do Apocalipse que iriam “acatar as coisas que nela estão escritas, pois o tempo está próximo” (Apocalipse 1.3). Certamente o tempo estava próximo para os seus leitores e ouvintes [originais].

9. Os eventos são inaugurados

Os eventos já foram inaugurados e estão se desenvolvendo gradualmente ao longo da história. G. K. Beale (182) apresenta este ponto de vista, que é bastante amplo na atual discussão acadêmica: “o foco de ‘rapidez’ e “proximidade nos versos 1-3 é principalmente na inauguração do cumprimento profético e seu aspecto em curso, não na proximidade do cumprimento consumado, embora este último é secundariamente em mente como líder do primeiro. Assim, “o início do cumprimento e não o cumprimento final é o foco”.

G. Osborne (55) concorda: “Na história da salvação os eventos indicados no livro já começaram a “acontecer” e aguardam a

consumação final”. Este é basicamente o ponto de vista defendido por G. R. Beasley-Murray (46), J. P. M. Sweet (58), S. Kistemaker (77), e V. Poythress (70).

Esta abordagem é semi-preterista e aceitável como uma resposta parcial à questão do sentido do que João [quis dizer]. Mas a sua aplicação pelos estudiosos é geralmente bastante nebulosa em permitir que eventos recorrentes ao longo da história continuamente se desenrolem. A terminologia de João, no entanto, parece mais concreta e constrangedora. Na verdade, ele usa no grego o infinitivo aoristo *genesthai* (“ter lugar”, ou seja, venha a ser), que deve ser traduzido como “deve ter acontecido” (H. Alford 545). Este *dei... genesthai* ocorre sete vezes na redação das Escrituras (incluindo Apocalipse 1.1; 22.6) e significa o cumprimento, não o início de cumprimento. Ele fala do cumprimento das profecias bíblicas da morte de Jesus (Mateus 26.64) e as guerras e rumores de guerras que devem ocorrer antes do “fim” (Marcos 13.7; Lucas 21.9). Apocalipse 4.1 não pode servir como prova de uma forma ou de outra, porque é uma parte da questão saber se as coisas do Apocalipse devem ocorrer em breve.

Como veremos a seguir na defesa do entendimento preterista da frase aqui em questão, João esperava o cumprimento real da esmagadora maioria de suas profecias. De fato, em apenas um lugar [do Apocalipse] é que ele olha para um futuro distante para revelar as consequências a longo prazo de seu cumprimento no primeiro século (ver Apocalipse 20.1-15). Mas lá ele afirma expressamente que os eventos não vão ocorrer em breve, pois ele afirma que alguns deles vão acontecer após à conclusão dos mil anos (Apocalipse 20.3, 5, 7).

10. Os eventos irão ocorrer logo

Os eventos ocorrerão em breve - dentro do tempo de vida do público de João. P. Carrington (VII) expressa essa abordagem claramente: “Quando o Apocalipse foi escrito, foi naturalmente aceito e considerado como uma [profecia] de eventos atuais e de eventos que “em breve iriam acontecer; é assim que se descreve, e é assim que ele foi naturalmente recebido”. Mais tarde, ele afirma: “No entanto, não

podemos julgar a sua simples declaração de abertura dizendo que ele previu uma longa série de eventos que abrangem séculos, o que poderia ser descrito como iminente porque era para começar em breve (confira Apocalipse 1.3; 4.1; 22.10). Seja qual for as realidades terrenas que correspondem aos símbolos de João, ele esperava que aconteceriam rapidamente em sua totalidade” (Carrington 12). M. Stuart (1: 5) chama isso de “sentido claro e óbvio” da frase.

Kurt Aland (1985: 1:88) observa:

“No texto original, a palavra grega usada é “*tachu*”, e isso não significa “logo”, no sentido de “em algum momento”, mas, sim “agora”, “imediatamente”. Portanto, devemos entender Apocalipse 22.12 desta forma: “Eu estou chegando agora, trazendo a minha recompensa”. A palavra conclusiva de Apocalipse 22.20 é: “Aquele que dá testemunho destas coisas diz: Certamente, venho em breve”. Aqui novamente encontramos a palavra grega *tachu*, então, isso significa que: “Eu venho sem demora, imediatamente. Isto é seguido pela oração: “Amém. Vem, Senhor Jesus!...” O Apocalipse expressa a espera fervorosa para o final dentro dos círculos em que o escritor viveu - e não uma expectativa do que vai acontecer em algum ponto “x” desconhecido no tempo (apenas para repetir isso), mas no presente imediato”.

F. W. Farrar (1884: 432) capta a frustração que os preteristas sentem ao interagir com as posições alternativas:

“...é curioso ver como os comentaristas têm extraordinária facilidade para explicar a perfeitamente simples expressão ambígua ‘rapidamente’ (no grego *en tachei*), para significar qualquer período de tempo que eles escolhem por demanda”. De fato, a “linguagem fica simplesmente sem sentido se for para ser manipulada sucessivamente por todos os comentaristas como fazem com as palavras ‘rapidamente’ e ‘perto’ [interpretando assim a profecia] como tendo qualquer número de séculos de atraso”. Para o preterista “o foco principal é a própria geração de João” (I. Boxall 24).

[...]

Conclusão:

No meu próximo artigo do blog vou começar apresentando a evidência exegética para compreender adequadamente as declarações de curto prazo de João. A menos que o arrebatamento aconteça. No caso digo: Estou apenas brincando.³⁰

O Apocalipse Aconteceu Próximo Demais da sua Escrita? ³¹

Ocasionalmente, respondo perguntas enviadas para mim no Facebook. Um amigo do Facebook perguntou-me:

“Se o Apocalipse foi escrito no ano 65-66 d.C. sobre os eventos que ocorreriam no ano 70 d.C., como poderia João ter esperado que ele fosse amplamente divulgado em um período tão curto de tempo? Parece que a visão grandiosa do livro seria em grande parte desperdiçada por causa do período de tempo envolvido. O livro não poderia ser muito útil, especialmente porque a maior parte de suas ações (em sua opinião) ocorrem na Palestina”.

SF Los Angeles, CA

Esta é uma boa pergunta que muitas pessoas fazem. No entanto, essa preocupação tende a evaporar-se em uma consideração mais atenta.

O conhecimento de João

Em primeiro lugar, nós não acreditamos que João sabia que a exata data dos acontecimentos iria chegar logo. Não é como se ele tivesse pensado: “*Bem, agora é o ano 66 d.C., então, é melhor eu começar a trabalhar neste livro porque esses eventos vão começar de fato no ano 68 d.C. e finalizarão no ano 70 d.C.*”. Devemos recordar, que ele disse que as datas eram “à mão” e ele não disse “em breve” como se dissesse assim: “*Os eventos vão começar a se cumprir no dia 15 de março de 68 d.C.*”.

O Público Alvo de João

Em segundo lugar, no entanto, o Apocalipse é dirigido especificamente as sete igrejas particulares que poderiam facilmente ter conseguido a mensagem com rapidez suficiente. Essas foram as igrejas em que João estava se dirigindo diretamente e, especificamente, estava preocupado com elas. Na verdade, de acordo com a maioria dos comentaristas, incluindo dispensacionalistas como Robert L. Thomas e John F. Walvoord (sobre Apocalipse 1.11 em seus comentários), a ordem de aparecimento dessas igrejas demonstra que elas foram organizadas de acordo com uma estrada postal romana. Elas rapidamente receberam o Apocalipse desde que estavam nesta estrada postal conhecida.

A Utilidade de João

Em terceiro lugar, a utilidade do Apocalipse não se evapora com a ocorrência dos eventos da Guerra Judaica. Considere Isaías 7.14 ou Miquéias 5.2 que não deixa de ser útil quando Cristo finalmente nasceu de uma virgem em Belém. A carta de Paulo aos Coríntios sobre seus problemas particulares (tais como divisões entre os seguidores de Paulo, Cefas, e Apolo, e um homem que se casou com a mulher de seu pai, e assim por diante) não têm nenhum significado para nós hoje? A maioria das epístolas do Novo Testamento são “cartas ocasionais”. Ou seja, elas foram escritas para tratar de questões específicas em certas ocasiões. No entanto, a sua autoridade e aplicabilidade ainda permanecem para nós hoje ao podermos aplicar os princípios nela consagrados.

Quanto ao Apocalipse, mesmo depois de Jerusalém e do templo serem destruídos, os cristãos precisam saber o que aconteceu e o porquê - uma vez que Deus havia trabalhado por tantos séculos através de Israel, Jerusalém e do templo. O Apocalipse apresenta esses eventos de forma dramática para sublinhar as vitalmente importantes verdades redentora-históricas envolvidas da transição da antiga aliança para a

nova aliança. A destruição de Jerusalém não foi um acidente na história; ela desempenha no plano do Cordeiro que foi morto quando Ele vinga seu povo contra seus agressores.

Aplicação de João

Em quarto lugar, podemos (e devemos!), tirar lições do Apocalipse para todos os tempos. Por exemplo:

Paulo adverte em Romanos capítulo 11, que Deus julga seu povo e que não se gloriemos contra os ramos, porque nós podemos ser quebrados também. Não foi Israel o povo especial de Deus por tanto tempo? Mas veja o que Deus fez com eles quando se tornaram infiéis a Ele, e, finalmente, rejeitaram e mataram seu próprio Messias!

O Apocalipse mostra que a destruição de Jerusalém não foi um acidente da história. Ele mostra que por trás das cenas históricas, as forças espirituais estão no trabalho assim como Deus trabalha o seu plano na história.

O Apocalipse mostra muito claramente que Deus - na era do Novo Testamento - também exerce ira. Ele não é o Deus de amor dos liberais que ouvimos muito hoje em dia. Os liberais muitas vezes tentam distinguir entre a concepção sobre o Deus do Antigo Testamento e o do Novo Testamento. O Deus da Bíblia é um Deus de amor e ira, controlada pela justiça. O Apocalipse enfraquece claramente a tentativa dos liberais.

O Apocalipse mostra que Deus sustenta seu povo em suas provações. Ele responde suas orações - em seu tempo e de acordo com seu plano. Embora os judeus e romanos estavam perseguindo nossos pais do primeiro século, Deus os acolheu. Ele vai apoiar nós também. Afinal, em cada uma das sete cartas Ele insiste sobre a igreja mais ampla: *“Aquele que tem ouvidos para ouvir, ouça o que o Espírito diz às igrejas”*.

O Apocalipse mostra que apesar do poderio de Nero e de Roma, quando Deus se oponha a eles, eles são condenados. Por isto, o seu povo não deve temer as forças terrenas reunidas contra ele.

O Apocalipse mostra que as forças redentoras de Deus foram estabelecidas no tempo e na terra, e que elas vão impactar o glorioso desfecho da história (a nova criação redentora, compare Apocalipse 21.1-2 com 2ª Coríntios 5.17; Gálatas 6.15-16).

Isto ocorre quando as novas forças da criação gradualmente (como um grão de mostarda, ou como o fermento!) fluem para o mundo. Deus está trabalhando na história e a move em direção ao seu objetivo que já está se desenrolando à nossa volta.

Etc., etc.!

Capítulo 1 _____

O título, o autor e o assunto do livro

“Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer e que ele, enviando por intermédio do seu anjo, notificou ao seu servo João...”.

(Apocalipse 1.1)

“Revelação de Jesus Cristo”

O livro do Apocalipse começa contrariando todas as falsas expectativas em torno dele. Antes de qualquer coisa, o Apocalipse é uma “revelação” e não é propósito do livro esconder os significados dos símbolos nele descritos. Portanto, é de se esperar que qualquer cristão possa vir a entendê-lo.

Apocalipse é uma “palavra composta com um verbo e uma preposição gregos e significa “Revelação”. O verbo grego kalýpto significa cobrir, esconder, ocultar, velar. A preposição grega após indica um movimento de afastamento ou retirada de algo que está na parte externa de um objeto.

Deste verbo deriva o substantivo feminino grego apokálypsis, revelação, apocalipse. A palavra apocalipse vem do grego 'apocaluptein' que significa 'tirar o véu'; no sentido literal, uma revelação”.¹

Por isto, creio que “devido ao fato de, na maioria das bíblias em língua portuguesa se usar o título Apocalipse e não Revelação, até o

significado da palavra ficou obscuro, sendo às vezes usado como sinônimo (errôneo) de “fim do mundo”.²

“...que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos...”

Esta frase é usada pelas Testemunhas de Jeová para negar a Divindade de Jesus Cristo. Raciocinam elas que se o Apocalipse é uma revelação que Deus deu a Jesus, logo, Jesus não é onisciente e, portanto, não pode ser Deus. Para dar mais suporte a tal argumento usam Mateus 24.36 que diz: *“Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão o Pai”*.

Há um grande equívoco aqui. Primeiramente, quando o Apocalipse diz que *“Deus lhe deu”*, o livro está mostrando “o ofício de Cristo como revelador da divindade. Cristo possui e exerce os cargos de profeta, sacerdote e rei. No livro do Apocalipse, vemos principalmente ele exercer seu ofício de profeta, revelando-nos o plano divino do Pai. Embora certamente revela como rei e sacerdote também”.³

Em segundo lugar, devemos lembrar que quando se fez homem, Jesus se esvaziou de sua glória conforme Filipenses 2.5-9:

“Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz.

Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai”.

Em seus dias na terra, o Senhor Jesus Cristo era possuidor de duas naturezas, pois era tanto Divino como humano ao mesmo tempo. Embora limitado em certas coisas - como não saber o dia e hora de sua vinda - ao subir aos céus recebeu sua glória novamente e agora pode saber todo o futuro. Por isto, em Cristo *“todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos”*. (Colossenses 2.2)

“...as coisas que em breve devem acontecer e que ele, enviando por intermédio do seu anjo, notificou ao seu servo João...”

A expressão “em breve devem acontecer” tem sido muito deturpada pelos futuristas. Dizem eles que o tempo de Deus é diferente do nosso e, por isto, o “breve” de Deus pode durar milênios. Aqui está um grande equívoco, pois quando Deus diz que algo é “em breve”, Ele está usando literalmente medidas humanas. Deus não tem pesos e medidas diferentes como querem alguns.

O próprio livro do Apocalipse desmente a tese dos futuristas de plantão. Veja o que diz em Apocalipse 22.10: “Disse-me ainda: Não seles as palavras da profecia deste livro, porque o tempo está próximo”. Por que esta ordem foi dada a João? Porque o livro não poderia permanecer em segredo, pois era de suma importância para as sete igrejas da Ásia. Essas palavras de expectativa iminente devem ser contrastadas com as profecias de Daniel:

“Tu, porém, Daniel, encerra as palavras e sela o livro, até ao tempo do fim; muitos o esquadrinharão, e o saber se multiplicará.

Ele respondeu: Vai, Daniel, porque estas palavras estão encerradas e seladas até ao tempo do fim”. (Daniel 12.4, 9)

Porque Deus ordena para Daniel selar a profecia? Porque ao contrário da profecia de João, a profecia de Daniel não era uma mensagem importante para os seus contemporâneos. Daniel escreveu suas profecias por volta de 530 a.C. Segundo Ralph E. Bass Jr. as palavras finais do livro de Daniel referem-se “à vinda de líderes políticos e eventos de um futuro distante, alguns deles chegando à época de Cristo e outros para o ano 70 d.C. [...] Houve um atraso de 344-558 anos antes que estes eventos de Daniel ocorressem. Este atraso foi por um período tão prolongado, e porque as profecias de Daniel não tinha relevância imediata para o seu público atual, Daniel recebeu a ordem para “selar o livro” até um período posterior, quando tudo isso iria acontecer e fazer sentido.

Por outro lado, o livro de Apocalipse tem 2000 anos de idade e, segundo alguns, ainda temos que ver a primeira profecia ser cumprida,

mesmo que nos é dito “*Não selas as palavras da profecia deste livro, pois o tempo está próximo*” (Apocalipse 22:10). Há algo muito errado aqui. Se 344-558 anos foram tão longos para exigir a vedação do livro [de Daniel], não teriam 2.000 anos a necessidade de uma mensagem ainda mais forte para esconder e selar o livro [do Apocalipse]? Para João, por outro lado, foi dito para não selar o livro porque “*o tempo está próximo*”. Jay Adams esclarece este ponto, dizendo: “Ao contrário de João, a profecia de Daniel não constitui uma mensagem “contemporânea” e, portanto, foi selada quando terminou de escrever. Em contraste direto, Jesus disse a João para não selar o Apocalipse, quanto às matérias a que diz respeito eram ‘*a mão*’”.⁴

Os 344-558 anos considerados um período longo para o cumprimento das profecias de Daniel, são expressos nos seguintes versículos:

“A visão da tarde e da manhã, que foi dita, é verdadeira; tu, porém, preserva a visão, porque se refere a dias ainda mui distantes”.

“Agora, vim para fazer-te entender o que há de suceder ao teu povo nos últimos dias; porque a visão se refere a dias ainda distantes”.

(Daniel 8.26; 10.14 - o grifo é meu)

Ainda sobre as expressões “*em breve*” ou “*sem demora*” encontradas em Apocalipse 1.1; 2.16; 3.11; 22.6; 22.7, 12, 20, mesmo uma leitura apressada delas inevitavelmente leva até mesmo o leitor mais desatento a concluir que João esperava o cumprimento das profecias dentro de um período de tempo muito curto após sua escrita. As palavras gregas da expressão “*em breve*” é “*en takei*” e dá a entender a idéia de “*rapidamente, velozmente, depressa*”.

Segundo Kenneth L. Gentry Jr. “o famoso erudito em grego e historiador da igreja Kurt Aland concorda, quando comenta sobre como a palavra é usada em Apocalipse 22:12: “No texto original, a palavra grega usada é *taxu*, e isso não significa “*depressa*” no sentido de “*algum dia*”, mas antes no sentido de “*agora*”, “*imediatamente*”. Portanto, devemos entender Apocalipse 22:12 dessa forma: “Estou vindo agora, trazendo minha recompensa”. A palavra conclusiva de

Ap. 22:20 é: “Aquele que testifica essas coisas diz: ‘certamente estou vindo depressa’”.⁵

Kenneth L. Gentry Jr. termina dizendo que “o Apocalipse expressa a espera fervorosa pelo fim dentro das circunstâncias nas quais o autor viveu – não uma expectativa que aconteceria em algum ponto X desconhecido no tempo, mas num ponto do presente imediato”.⁶

“...o qual atestou a palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo, quanto a tudo o que viu”. (Apocalipse 1.2)

Neste versículo, João deixa claro que o Apocalipse é Palavra de Deus. Há um testemunho semelhante nos profetas do Antigo Testamento, pois eles fazem a mesma reivindicação. João também deixa claro que tudo quanto escreveu no Apocalipse é de absoluta fidelidade e precisão, pois ele foi testemunha ocular das visões do livro.

“Bem-aventurados aqueles que lêem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas, pois o tempo está próximo”. (Apocalipse 1.3)

O livro do Apocalipse promete uma bênção para seus leitores. Isto por si só já prova que o objetivo do livro não é causar confusão. Muitos “apocalipses apócrifos” bem como outros livros não inspirados foram divulgados na igreja primitiva. Para que as pessoas não tivessem receio de cair na armadilha de obras desse tipo, a bênção prometida aos leitores do Apocalipse é de fundamental importância.

“...pois o tempo está próximo”.

As expressões “*próximo*”, “*em breve*” encontradas no Apocalipse, seguem o clima de todo o Novo Testamento. Um grande evento era esperado naqueles dias da igreja primitiva. Era a volta de Jesus em julgamento contra Jerusalém. Existem pelo menos setenta e oito declarações de tempo no Novo Testamento apoiando que “*em breve*” algo estava para acontecer ainda naquela geração do primeiro século. A seguir, há uma lista de todas as referências bíblicas que declaram a proximidade do fim da era judaica e o estabelecimento do Reino de Deus naqueles dias:

- | | | |
|---------------------|-----------------------|----------------------|
| 1. Mateus 3:2 | 27. João 14:18,20,22 | 53. Tiago 5:7 |
| 2. Mateus 3:7 | 28. João 21:22 | 54. Tiago 5:8 |
| 3. Mateus 3:10 | 29. Atos 2:16-17 | 55. 1ª Pedro 1:20 |
| 4. Mateus 3:12 | 30. Rom. 13:11-12 | 56. 1ª Pedro 4:7 |
| 5. Mateus 4:17 | 31. Romanos 16:20 | 57. 1ª Pedro 4:17 |
| 6. Mateus 10:7 | 32. 1ª Coríntios 7:29 | 58. 2ª Pedro 2:3 |
| 7. Mateus 10:23 | 33. 1ª Coríntios 7:31 | 59. 2ª Pedro 3:3,5 |
| 8. Mateus 12:32 | 34. 1ª Cor. 10:11 | 60. 2ª Pedro 3:10-12 |
| 9. Mateus 16:27 | 35. Efésios 1:21 | 61. 1ª João 2:8 |
| 10. Mateus 16:28 | 36. Filipenses 4:5 | 62. 1ª João 2:17 |
| 11. Mateus 21:40-45 | 37. Colossenses 1:23 | 63. 1ª João 2:18 |
| 12. Mateus 24:34 | 38. 1ª Tess. 5:23 | 64. 1ª João 4:3 |
| 13. Mateus 26:64 | 39. 1ª Tim. 6:14 | 65. Judas 1:4, 14-15 |
| 14. Marcos 1:15 | 40. 2ª Tim. 3:1-9 | 66. Judas 1:17-19 |
| 15. Marcos 12:9,12 | 41. Hebreus 1:1-2 | 67. Apocalipse 1:1 |
| 16. Marcos 13:30 | 42. Hebreus 2:5 | 68. Apocalipse 1:3 |
| 17. Lucas 3:7 | 43. Hebreus 6:5 | 69. Apocalipse 2:25 |
| 18. Lucas 3:9 | 44. Hebreus 6:7-8 | 70. Apocalipse 3:10 |
| 19. Lucas 3:17 | 45. Hebreus 8:13 | 71. Apocalipse 3:11 |
| 20. Lucas 10:9 | 46. Hebreus 9:8-10 | 72. Apocalipse 12:5 |
| 21. Lucas 10:11 | 47. Hebreus 9:11 | 73. Apocalipse 18:24 |
| 22. Lucas 20:15-19 | 48. Hebreus 9:26 | 74. Apocalipse 22:6 |
| 23. Lucas 21:22 | 49. Hebreus 10:25 | 75. Apocalipse 22:7 |
| 24. Lucas 21:32 | 50. Hebreus 10:27 | 76. Apocalipse 22:10 |
| 25. Lucas 23:28-30 | 51. Hebreus 10:37 | 77. Apocalipse 22:12 |
| 26. Lucas 24:21 | 52. Tiago 5:1,3 | 78. Apocalipse 22:20 |

Mesmo diante da grande evidência dessas setenta e oito passagens, alguém ainda irá citar 1ª Pedro 3.8, 9.

Sobre essa passagem, David Chilton escreveu:

“Uma objeção óbvia a tal exposição é referir-se ao que é provavelmente o texto mais bem conhecido e mais mal interpretado na

breve epístola de S. Pedro: *“Mas, amados, não ignoreis uma coisa, que um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia”* (2Pe. 3:8). Isso significa, é dito, que “a aritmética de Deus é diferente da nossa”, de forma que quando a Escritura usa termos como “próximo” e “brevemente” (e.g., Ap. 1:1-3) ou “às portas” (e.g., Tiago 5:5-7), isso não pretende dar a impressão de eventos iminentes, mas de eventos possivelmente milhares de anos no futuro! Milton Terry refuta essa teoria aparentemente plausível, porém espúria:

“A linguagem é uma citação poética do Salmo 90:4, e é aduzida para mostrar que o lapso de tempo não invalida as promessas de Deus... Mas isso é muito diferente de dizer que quando o Deus eterno promete algo brevemente, e declara que tal coisa está às portas, ele pode querer dizer que seja uns mil anos no futuro. Seja o que for que ele tenha prometido indefinidamente pode levar mil anos ou mais para se cumprir; mas o que ele afirma estar próximo, que nenhum homem afirme estar longe”.⁷

Dedicatória às sete igrejas da Ásia

“João, às sete igrejas que se encontram na Ásia, graça e paz a vós outros, da parte daquele que é, que era e que há de vir, da parte dos sete Espíritos que se acham diante do seu trono e da parte de Jesus Cristo, a Fiel Testemunha, o Primogênito dos mortos e o Soberano dos reis da terra. Àquele que nos ama, e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados”. (Apocalipse 1.4, 5)

As sete igrejas da Ásia são sete igrejas literais que haviam durante a época do Império Romano, no momento em que João, o apóstolo, estava escrevendo o Apocalipse. Embora João escreveu para aquelas igrejas especificamente, também podemos extrair um significado espiritual para as igrejas e os crentes de hoje.

“...da parte daquele que é, que era e que há de vir...”.

Aqui temos uma referência a Deus Pai.

“...da parte dos sete Espíritos que se acham diante do seu trono...”

Os sete Espíritos é uma referência ao Espírito Santo. Falarei sobre isto mais à frente no comentário sobre o capítulo quatro. A referência aos sete Espíritos diante do trono de Deus mostra claramente que o livro do Apocalipse não segue uma ordem cronológica exata, pois a visão dos sete Espíritos só acontece em Apocalipse 4.5.

“...e da parte de Jesus Cristo, a Fiel Testemunha...”

Observe que a benção da graça e paz é tríplice. Ela vem da parte do Pai, do Espírito Santo e agora da parte de Jesus Cristo. Em outras palavras, a benção vem da Trindade Santa.

“...o Primogênito dos mortos e o Soberano dos reis da terra. Àquele que nos ama, e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados”.

A ressurreição de Jesus não foi uma mera animação de um cadáver. Sua ressurreição supera todas as outras ressurreições realizadas nas Escrituras. Os que foram ressuscitados no Antigo e Novo Testamentos, morreram depois. Cristo ressuscitou para sempre! Ser o “*primogênito dos mortos*” implica que Jesus é o primeiro a ter vencido a morte, mas também não será o último, pois oferece a garantia de ressurreição dos crentes que já morreram. O apóstolo Paulo usa o mesmo termo para descrever Cristo: “*Ele é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia...*” (Colossenses 1.18).

Há quem diga que Jesus não reina atualmente. Mas, ser chamado de “*Soberano dos reis da terra*” indica que Cristo reina e que toda a história com seus autos e baixos tem estado sobre o Seu controle. Temos, portanto, nesses versículos de Apocalipse as três funções de Cristo, são elas: a função de profeta, sacerdote e rei. O termo “*testemunha fiel*” o descreve como profeta. O evangelho de Lucas chama Cristo de profeta poderoso em obras e palavras (Lucas 24.10).

“...e nos constituiu reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai, a ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!”

(Apocalipse 1.6)

O Reino é uma realidade! Se não fosse, não seríamos nem mesmo sacerdotes de Deus Pai. A caracterização de reino e sacerdotes era aplicado a Israel conforme Êxodo 19.6. Agora, vemos aqui uma aplicação aos crentes coletivamente. A igreja é constituída como Reino e Sacerdócio de Deus. Israel perdeu sua posição especial e, infelizmente, este é um ponto esquecido entre os cristãos de hoje. Sendo a igreja de Jesus Cristo o povo de Deus, o Israel segundo a carne deixou lugar para o Israel de Deus, ou seja, a igreja. A igreja agora é o verdadeiro Israel de Deus em contraste com os israelitas étnicos, que afirmam ser verdadeiros *“judeus, mas não são, mas são sinagoga de Satanás”* (ver Apocalipse 2.9), e são *“mentirosos”* (3.9). Aliás, o verdadeiro Israel de Deus sempre foi à igreja, desde a eternidade e os primórdios da história humana.

Em outras partes do Apocalipse João reafirma o reinado e sacerdócio da igreja, bem como em outras partes das Escrituras encontramos títulos uma vez aplicados a Israel, agora aplicados a igreja:

“...e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra”. (Apocalipse 5.10)

“Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre esses a segunda morte não tem autoridade; pelo contrário, serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele os mil anos”. (Apocalipse 20.6)

“...também vós mesmos, como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo”. (1ª Pedro 2.5)

“Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes

daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz; vós, sim, que, antes, não éreis povo, mas, agora, sois povo de Deus, que não tínheis alcançado misericórdia, mas, agora, alcançastes misericórdia". (1ª Pedro 2.9, 10)

"E, a todos quantos andarem de conformidade com esta regra, paz e misericórdia sejam sobre eles e sobre o Israel de Deus".

(Gálatas 6.16)

Aqui o apóstolo Paulo chama os gentios de "*o Israel de Deus*". Os cristãos são o verdadeiro Israel espiritual na promessa de Deus a Abraão, como explicado por Paulo em Gálatas 3 e Romanos 9. Isto não significa que os israelitas segundo a carne foram esquecidos por Deus.

Sobre este assunto, R. Fowler White escreveu algo de grande proveito:

"...Deus não rejeitou completamente o povo de Israel, e nós nos unimos ao apóstolo Paulo em sua sincera oração para a salvação de seus parentes israelitas segundo a carne. Sempre tem havido e sempre haverá um remanescente que será salvo. Embora nem todo o Israel experimentar a bênção da participação no reino messiânico, todavia, os judeus que chegam à fé em Cristo participarão de Seu reino durante toda esta presente era e durante toda a eternidade. Além disso, não é como se a rejeição de alguns em Israel, por causa da incredulidade, não sirva para nenhum propósito. Pelo contrário, porque eles foram quebrados em sua incredulidade, o Evangelho veio aos gentios, os quais, agora, através da fé, participam das bênçãos aos pais e se unem com os crentes judeus para constituir o verdadeiro Israel de Deus, a igreja de Jesus Cristo.

O presente estado secular de Israel, contudo, não é uma realização autêntica ou profética do reino messiânico de Jesus Cristo. Além do mais, não deveria ser antecipado o dia no qual o reino de Cristo será manifesto apenas aos judeus, seja pela sua localização na "terra", por sua constituição ou por suas instituições e práticas cerimoniais. Pelo contrário, esta presente era chegará a uma conclusão culminante com a chegada da fase final e eterna do reino do Messias".⁸

“Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até quantos o traspassaram. E todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Certamente. Amém!” (Apocalipse 1.7)

É verdade que no último dia Jesus virá Segunda vez, ressuscitará os mortos, justos e injustos, arrebatará os vivos e estabelecerá o juízo final. Sendo assim, todos os seres humanos de todas as épocas estarão lá (incluindo nós da atual geração). Todavia, o assunto em questão aqui em Apocalipse 1.7, não é a Segunda Vinda de Cristo. Se o leitor quiser ficar sabendo sobre a Segunda Vinda basta procurar por outros versículos que dão explicação sobre ela. Apocalipse 1.7 tem sido erroneamente aplicado em relação à Segunda Vinda de Cristo. A ideia em questão aqui é a “vinda” em juízo contra Israel, a qual aconteceu no ano 70 d.C. Neste caso, João estabelece o tema do Apocalipse que é o julgamento que vem contra Israel. Antes de dar mais explicações, devemos primeiramente entender o conceito de “vinda” na Escritura. Aqui está um assunto desconhecido dos crentes em geral. Faz tempo que venho batendo nesta tecla. Sobre este assunto, escrevi um artigo intitulado *“Conhece os Diversos Tipos de “vindas” de Cristo?”* que vale a pena citá-lo a seguir:

“Quando se fala em “vinda” de Cristo é muito comum os crentes em geral pensarem em Sua Segunda Vinda. Os preteristas completos acreditam que a Segunda Vinda de Cristo foi Sua vinda em julgamento contra Jerusalém ocorrida no ano 70 d.C. Os dispensacionalistas, por sua vez, crêem que a segunda vinda de Cristo ocorrerá em duas etapas, à primeira seria um arrebatamento secreto que segundo eles pode acontecer a qualquer momento. A segunda etapa seria sete anos após o arrebatamento quando o Senhor voltaria visivelmente com poder e grande glória. Muita dessa confusão sobre o assunto teria sido resolvida se as pessoas conhecessem a respeito dos diversos tipos de “vinda” de Cristo que a Bíblia ensina.

Veja um exemplo de confusão e má aplicação do texto bíblico: *“Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até quantos o traspassaram. E todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Certamente. Amém!” (Apocalipse 1.7)*

A grande maioria das pessoas aplicam este versículo de maneira equivocada pensando se tratar da segunda vinda de Cristo. Sabe-se que o tema do livro de Apocalipse é a vinda de Jesus Cristo, mas somente essa informação não esclarece tudo, pois há pelo menos seis tipos de vindas de Deus mencionados na Bíblia. Se compreendermos adequadamente e distinguirmos cada uma dessas vindas, saberemos de qual vinda se trata.

A seguir, veja um excelente estudo sobre o assunto do escritor Ralph E. Bass, Jr.:

A vinda em Teofanias

O primeiro tipo de vinda de Jesus é a Sua vinda em teofanias* do Antigo Testamento.

“Quando ouviram a voz do SENHOR Deus, que andava no jardim pela viração do dia, esconderam-se da presença do SENHOR Deus, o homem e sua mulher, por entre as árvores do jardim”. (Gênesis 3:8)

“Quando atingiu Abrão a idade de noventa e nove anos, apareceu-lhe o SENHOR e disse-lhe: Eu sou o Deus Todo-Poderoso; anda na minha presença e sê perfeito”. (Gênesis 17:1)

A Vinda de Belém

O segundo tipo de vinda de Jesus é a Sua encarnação chegando a Belém. Os Evangelhos contam a história.

“E tu, Belém, terra de Judá, não és de modo algum a menor entre as principais de Judá; porque de ti sairá o Guia que há de apascentar a meu povo, Israel”. (Mateus 2:6)

Além disso, João menciona em sua primeira epístola uma palavra diferente, mas relacionada com o tema.

*“Sabeis também que ele se **manifestou** para tirar os pecados, e nele não existe pecado.*

Todo aquele que permanece nele não vive pecando; todo aquele que vive pecando não o viu, nem o conheceu.

Filhinhos, não vos deixeis enganar por ninguém; aquele que pratica a justiça é justo, assim como ele é justo.

*Aquele que pratica o pecado procede do diabo, porque o diabo vive pecando desde o princípio. Para isto se **manifestou** o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo”. (1ª João 3:5-8 - o grifo é meu)*

O livro do Apocalipse

Uma vez que este ponto é óbvio e não está sob dúvida pelos cristãos [ou seja, Sua Vinda no livro do Apocalipse], não vamos insistir no ponto. No entanto, foi uma vinda de Jesus.

A última vinda no Fim do Tempo

O terceiro tipo de vinda é a sua última vinda no fim dos tempos e única como muitos cristãos consideram quando se discute este tema e esse livro da Bíblia. Encontramo-la mencionada em vários versículos do Novo Testamento.

“e lhes disseram: Varões galileus, por que estais olhando para as alturas? Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu virá do modo como o vistes subir”. (Atos 1:11)

“Não queremos, porém, irmãos, que sejais ignorantes com respeito aos que dormem, para não vos entristecerdes como os demais, que não têm esperança.

Pois, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também Deus, mediante Jesus, trará, em sua companhia, os que dormem.

Ora, ainda vos declaramos, por palavra do Senhor, isto: nós, os vivos, os que ficarmos até à vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que dormem.

Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descera dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que

ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor”.

(1ª Tessalonicenses 4:13-17)

“Mas, de fato, Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as primícias dos que dormem.

Visto que a morte veio por um homem, também por um homem veio a ressurreição dos mortos.

Porque, assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo.

Cada um, porém, por sua própria ordem: Cristo, as primícias; depois, os que são de Cristo, na sua vinda.

E, então, virá o fim, quando ele entregar o reino ao Deus e Pai, quando houver destruído todo principado, bem como toda potestade e poder.

Porque convém que ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos pés.

O último inimigo a ser destruído é a morte”.

(1ª Coríntios 15:20-26)

Essa vinda é ainda no nosso futuro, pois é o que vem no final do tempo. “...A chamada” segunda vinda “é na verdade uma última vinda para concluir todo o processo de idas”.

A vinda ao Pai - A Ascensão

O quarto tipo de vinda é Jesus, que vinha de Deus, o Pai no céu. Do nosso ponto de vista, vejo isso como um vai da terra ao céu, mas as imagens bíblicas como a vinda do Filho ao Pai depois da ressurreição e em Sua ascensão.

*“Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que **vinha** com as nuvens do céu um como o Filho do Homem, e dirigiu-se ao Ancião de Dias, e o fizeram chegar até ele”.* (Daniel 7:13 - o grifo é meu)

Isso ocorreu após a ressurreição e ascensão de Cristo.

A Vinda do Espírito Santo

O quinto tipo de vinda é o Espírito Santo que vem.

“E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós.

*Não vos deixarei órfãos, **voltarei** para vós outros”.*

(João 14:16-18 - o grifo é meu)

Isso ocorreu no dia de Pentecostes com a descida do Espírito Santo.

A vinda em julgamento

O sexto tipo de vinda é a vinda de Deus em julgamento. Muitos exemplos deste tipo de vinda são encontrados nas Escrituras.

*“Lembra-te, pois, de onde caíste, arrepende-te e volta à prática das primeiras obras; e, se não, **venho a ti** e moverei do seu lugar o teu candeeiro, caso não te arrependas”.* (Apocalipse 2:5 - o grifo é meu)

O livro do Apocalipse é acerca de uma sentença e vinda de Cristo, tão simples como isso possa parecer, na verdade, não é simples porque esta vinda de Cristo não é a Sua Segunda Vinda. É, ao contrário, um julgamento que vem contra Jerusalém, Israel e como pode ser visto no versículo acima, a Sua Igreja. É muito típico encontrar esses sinais vindas no Antigo Testamento. Eles podem ser típicos e comuns a Escritura, mas a maioria dos cristãos nunca ouviram falar deles.

“Vindas nas Nuvens são freqüentes emblemas proféticos do Antigo Testamento. Eles servem como indicadores de visitas divinas de juízo sobre as nações antigas, históricas. Deus vem 'em decisão judicial sobre os inimigos de Israel em geral (Salmo 18:7-15; 104:3), sobre o Egito (Isaías 19:1), ao desobediente Israel no Antigo Testamento (Joel 2:1, 2), e assim por diante”.

Um Julgamento veio contra Israel

O próprio Jesus bateu muito neste ponto em seu ministério terreno ao dizer que Ele viria em julgamento contra Israel.

“Quando, pois, vier o senhor da vinha, que fará àqueles lavradores?”

Responderam-lhe: Fará perecer horrivelmente a estes malvados e arrendará a vinha a outros lavradores que lhe remetam os frutos nos seus devidos tempos”.

“Portanto, vos digo que o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos.

Todo o que cair sobre esta pedra ficará em pedaços; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó.

Os principais sacerdotes e os fariseus, ouvindo estas parábolas, entenderam que era a respeito deles que Jesus falava...”.

(Mateus 21:40-41, 43-45 – o grifo é meu)

Aqui, Jesus claramente promete que Ele virá, mas será um juízo vindouro. “Nosso Senhor aqui faz com que eles entendam essa frase de destruição sobre si mesmos, que foi literalmente executada cerca de quarenta anos depois pelos exércitos romanos”.

Considere também estas passagens.

“...e os outros, agarrando os servos, os maltrataram e mataram.

O rei ficou irado e, enviando as suas tropas, exterminou aqueles assassinos e lhes incendiou a cidade”. (Mateus 22:6-7)

Isto é exatamente o que Ele fez em 70 d.C. com a destruição de Jerusalém. Nosso ponto nesta seção é que há um juízo que veio contra Israel, que é o que Jesus predisse.

“Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação do inferno? Por isso, eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas. A uns matareis e crucificareis; a outros açoitareis nas vossas sinagogas e perseguireis de cidade em cidade; para que sobre vós recaia todo o sangue justo derramado sobre a terra, desde o sangue do justo Abel

até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a quem matastes entre o santuário e o altar.

Em verdade vos digo que todas estas coisas hão de vir sobre a presente geração.

Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!

Eis que a vossa casa vos ficará deserta.

Declaro-vos, pois, que, desde agora, já não me vereis, até que venhais a dizer: Bendito o que vem em nome do Senhor!”

(Mateus 23:33-39)

Como Ele poderia ter dito isto mais claro? Ele estava vindo em julgamento sobre a geração de que ele estava falando.

Em resumo, o tema do livro de Apocalipse é a vinda de Jesus Cristo em julgamento contra Israel”.⁹

“Eis que vem com as nuvens...”.

Conforme já disse anteriormente, o evangelho de Mateus capítulo 24 é considerado um mini Apocalipse. Esse capítulo de Mateus cobre grande parte do que diz em Apocalipse. O “vir” nas nuvens também é encontrado em Mateus 24. A seguir compare Apocalipse 1.7 com Mateus 24.30:

*“Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem **vindo sobre as nuvens do céu**, com poder e muita glória”.*

(Mateus 24.30 - o grifo é meu)

*“Eis que **vem com as nuvens**, e todo olho o verá, até quantos o traspassaram. E todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Certamente. Amém!”*

(Apocalipse 1.7 - o grifo é meu)

Observe que existem muitas coisas em comum nas duas passagens:

1º - Jesus vem nas nuvens;

2º - Ele é “visto”;

3º - Todas as “tribos” da terra se lamentam a seu respeito;

Nas próximas linhas, analisarei cada uma dessas questões. Uma curiosidade que não pode passar em branco agora, é a questão do tempo dessa “vinda”. No texto de Mateus 24.30, um pouquinho mais à frente, no versículo 34, Jesus disse: *“Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça”*. Seguindo a mesma ideia de tempo, em Apocalipse 1.7 encontramos que essa “vinda” nas nuvens acontece *“em breve”*. Se fosse intenção em dizer que essa “vinda” aconteceria milhares de anos depois, Jesus simplesmente teria dito: *“Em verdade vos digo que não passará AQUELA geração sem que tudo isto aconteça”*.

O **analfabeto funcional*** costuma ignorar o uso dos pronomes demonstrativos. Existem três pronomes demonstrativos, são eles: *este, esse e aquele*. Também são de dois tipos: *próximo e distante*. Próximo e distante do quê ou de quem? É claro que é da pessoa que está falando! No caso de Mateus 24.34, quem está falando é Jesus. Ao referir-se a “geração” que veria sua “vinda” nas nuvens, Jesus usa o pronome demonstrativo próximo que é a palavrinha *“esta”*. Portanto, *“esta”* indica que a tal geração estava perto de Jesus, e também indica tempo presente. Por isto, foi aquela geração do primeiro século que viu Jesus vir nas nuvens do céu. Se fosse usada a expressão *“aquela geração”*, seria, então, a respeito de uma geração distante dos dias de Jesus e dos discípulos num futuro desconhecido.

Outra coisa que não pode passar despercebida é o tempo presente na frase *“vem com as nuvens”*. Assim, Ele *“vem”* (descreve o evento como tendo lugar no futuro imediato) e *“em outras palavras, a implicação é de uma breve volta, nem um muito atrasado, João não usa um tempo futuro”*¹⁰ para descrever essa “vinda” de Cristo.

Ainda sobre o vir nas nuvens, Jesus mesmo disse para o sumo sacerdote que ainda naquela geração Ele viria nas nuvens do céu, veja:

“Jesus, porém, guardou silêncio. E o sumo sacerdote lhe disse: Eu te conjuro pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus.

Respondeu-lhe Jesus: Tu o disseste; entretanto, eu vos declaro que, desde agora, vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu”.

(Mateus 26.63, 64 - o grifo é meu)

O que muitos hoje têm dificuldade para entender, o sumo sacerdote há dois mil anos atrás entendeu muito bem. Tanto que entendeu que o texto diz mais à frente: *“Então, o sumo sacerdote rasgou as suas vestes, dizendo: Blasfemou! Que necessidade mais temos de testemunhas? Eis que ouvistes agora a blasfêmia!”* (vs. 65)

Notas:

* Analfabeto funcional é o indivíduo que mesmo alfabetizado, não desenvolveu a habilidade de interpretação de textos e de fazer as operações matemáticas. Existem também analfabetos funcionais com nível superior de escolaridade.

Assim, segundo MF Blume, “Jesus pronunciou palavras muito familiares ao sumo sacerdote, e o sumo sacerdote sabia exatamente o que Jesus estava insinuando. E por essa razão exclamou: “Blasfêmia!”.

[...]

O sumo sacerdote recordou essas mesmas passagens* que estou citando em suporte do entendimento que a vinda nas nuvens refere-se a Deus vindo em julgamento. Jesus estava dizendo que ele era o Deus do Antigo Testamento que veio em julgamento! Jesus não somente informou ao homem que ele era Deus, mas também que Jerusalém seria julgada assim como tinha sido nos tempos do Antigo Testamento, e isso usando exércitos pagãos”.¹¹

Conforme vimos nas páginas anteriores, o vir nas nuvens servem como indicadores de visitasões divinas de juízo sobre as nações antigas, históricas. Devemos sempre permitir que a Bíblia nos direcione para uma melhor interpretação do que significa vir nas nuvens ao invés de pensarmos nisto como um acontecimento literal.

Veja a seguir as passagens:

“Então, a terra se abalou e tremeu, vacilaram também os fundamentos dos montes e se estremeceram, porque ele se indignou.

Das suas narinas subiu fumaça, e fogo devorador, da sua boca; dele saíram brasas ardentes.

Baixou ele os céus, e desceu, e teve sob os pés densa escuridão.

Cavalgava um querubim e voou; sim, levado velozmente nas asas do vento.

Das trevas fez um manto em que se ocultou; escuridade de águas e espessas nuvens dos céus eram o seu pavilhão.

Notas:

* São passagens dos Antigo Testamento que falam sobre Jeová vindo nas nuvens do céu em juízo contra as nações.

Do resplendor que diante dele havia, as densas nuvens se desfizeram em granizo e brasas chamejantes.

Trovejou, então, o SENHOR, nos céus; o Altíssimo levantou a voz, e houve granizo e brasas de fogo.

Despediu as suas setas e espalhou os meus inimigos, multiplicou os seus raios e os desbaratou.

Então, se viu o leito das águas, e se descobriram os fundamentos do mundo, pela tua repreensão, SENHOR, pelo irroso resfolgar das tuas narinas”.

(Salmos 18.7-15)

“...pões nas águas o vigamento da tua morada, tomas as nuvens por teu carro e voas nas asas do vento”.

(Salmos 104.3)

“Sentença contra o Egito. Eis que o SENHOR, cavalgando uma nuvem ligeira, vem ao Egito; os ídolos do Egito estremecerão diante dele, e o coração dos egípcios se derreterá dentro deles”.

(Isaías 19.1)

“Tocai a trombeta em Sião e dai voz de rebate no meu santo monte; perturbem-se todos os moradores da terra, porque o Dia do SENHOR vem, já está próximo; dia de escuridade e densas trevas, dia de nuvens e negridão! Como a alva por sobre os montes, assim se difunde um povo grande e poderoso, qual desde o tempo antigo nunca houve, nem depois dele haverá pelos anos adiante, de geração em geração”.

(Joel 2.1, 2)

O rei Davi descreveu da seguinte forma o tempo em que clamou a Deus - quando teve problemas com seus perseguidores:

“Na minha angústia, invoquei o SENHOR, clamei a meu Deus; ele, do seu templo, ouviu a minha voz, clamor chegou aos seus ouvidos”.

(2º Samuel 22.7)

A resposta de Deus foi a seguinte:

“Então, a terra se abalou e tremeu, vacilaram também os fundamentos dos céus e se estremeceram, porque ele se indignou.

Das suas narinas, subiu fumaça, e, da sua boca, fogo devorador; dele saíram carvões, em chama.

Baixou ele os céus, e desceu, e teve sob os pés densa escuridão.

Cavalgava um querubim e voou; e foi visto sobre as asas do vento.

Por pavilhão pôs, ao redor de si, trevas, ajuntamento de águas, nuvens dos céus.

Do resplendor que diante dele havia, brasas de fogo se acenderam.

Trovejou o SENHOR desde os céus; o Altíssimo levantou a sua voz”.

(2º Samuel 22.8-14)

Em outras passagens é dito que Deus “desce” do céu para efetuar juízo:

*“Então, **desceu** o SENHOR para ver a cidade e a torre, que os filhos dos homens edificavam...”*. (Gênesis 11.5 - o grifo é meu)

*“...por isso, **desci** a fim de livrá-lo da mão dos egípcios e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e ampla, terra que mana leite e mel; o lugar do cananeu, do heteu, do amorreu, do ferezeu, do heveu e do jebuseu”*. (Êxodo 3.8 - o grifo é meu)

“...e todo olho o verá, até quantos o traspassaram...”

O “ver” aqui neste contexto não significa uma visão LITERAL. Assim como foi no Antigo Testamento - em suas vindas em juízo - Jeová também não foi visto LITERALMENTE descendo nas nuvens. O mesmo acontece nessa “vinda” de Cristo contra Jerusalém no 70 d.C. descrita em Mateus 24.30 e Apocalipse 1.7. Mas, como se explica a expressão *“todo olho o verá”*? Esta frase não está dizendo sobre “todas” as pessoas do planeta. É fato que todos os homens o verão e aprendemos isto a partir de outras passagens (ex. 2ª Coríntios 5.10). O caso aqui é a respeito daqueles que “o traspassaram”, ou seja, aqueles

que tiveram participação na morte de Cristo. É por isto que é dada ênfase neles. O assunto desse texto de Apocalipse 1.7 é a respeito do povo da nação judaica. É uma má interpretação direta pensarmos que aqui está tratando do juízo final. O sentido de “ver” é uma metáfora bíblica comum que significa “entendimento”. Por exemplo, em João 12:40, Jesus fez uma citação de Isaías 6.10 para explicar o porquê de alguns não crerem nEle.

Observe o texto:

“Torna insensível o coração deste povo, endurece-lhe os ouvidos e fecha-lhe os olhos, para que não venha ele a ver com os olhos, a ouvir com os ouvidos e a entender com o coração, e se converta, e seja salvo”. (Isaías 6.10)

Este versículo trata de uma cegueira espiritual e não física. Por isto, em Isaías 6.10 o verbo “ver” é equivalente a “entendimento”. Segundo o escritor Gary DeMar a expressão “abrir os seus olhos” “é uma expressão usada por escritores bíblicos para descrever reconhecimento e entendimento (Atos 26:18; cf. 1 Reis 8:29, 52; 2 Reis 2:16; 6:20; 19:16; Isaías 35:5; 42:7, 16). Os olhos dos discípulos “foram abertos” por Jesus e “eles o reconheceram” (Lucas 24:31) é outro exemplo de igualar “ver” com “entendimento”.¹²

Assim, David Chilton resume bem o texto de Apocalipse 1.7 ao dizer:

“Os crucificadores [aqueles que o traspassaram] O veriam vindo em julgamento – isto é, eles entenderiam que Sua vinda significaria ira sobre a nação (cf. o uso da palavra ver em Marcos 1:44; Lucas 17:22; João 3:36; Romanos 15:21)”.¹³

“E todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Certamente. Amém!”

Se aqui em Apocalipse 1.7 fala sobre as tribos da terra, porque em Mateus 24.30 a palavra é “povos” ou “nações”? O grande problema é que a palavra grega traduzida como “*nações*” ou “*povos*” é na verdade phula (tribos) e não ethnoi (nações ou povos). Nossas traduções da Bíblia são muito boas, mas precisamos como leitores

saber o que as palavras realmente são. Por isto, peço aos nossos tradutores que ao traduzirem a Bíblia, não a interpretem! Sobre isto, Gary DeMar disse algo de grande proveito ao escrever que “quando uma tradução literal não é feita, o leitor deve ser notificado sobre o porquê”.¹⁴

Sem sombra de dúvida as “*tribos da terra*” é uma referência as tribos de Israel, as quais se lamentaram no 70 d.C. quando Jesus veio em juízo contra aquela geração. Veja a seguir o que alguns estudiosos falaram acerca deste assunto:¹⁵

“... e então todas as tribos da terra se lamentarão...”

Adam Clarke (1837)

“Por terra no texto, evidentemente quer-se dizer aqui, como em vários outros lugares, a terra da Judéia e suas tribos, seja seus habitantes nesse então ou o povo judeu onde quer que se encontre”.

John Gill (1809)

“As tribos da terra, isto é, a terra da Judéia; porque outras terras e países normalmente não se dividiam em tribos como esse país; tampouco foram afetados com calamidades ou desolações, ou a vingança do Filho do Homem...”.

Steve Gregg (1997)

“No Antigo Testamento (e também no Novo) as nações gentis são chamadas simbolicamente de mar, em contraste com a terra (isto é, Israel). Assim que, frases como os que habitam na terra e reis da terra podem ser referências ao povo de Israel e seus respectivos governantes” (Revelation: Four Views, p, 22)

N. Nisbett (1787)

“As tribos da terra necessariamente limita a perspectiva de S. João à destruição de Jerusalém...”.

Milton Terry (1898)

“A tradução todas as tribos da terra parece ter enganado a muitos leitores comuns, porém a comentaristas também. Nenhum leitor

helenista dos tempos do nosso Senhor teria compreendido todas as tribos da terra como equivalente a todas as nações do globo. Esta frase remete a Zacarias 12:12, onde todas as famílias da terra da Judéia são representadas como lamentando” (Biblical Hermeneutics, p. 468b) .

“Eu sou o Alfa e Ômega, diz o Senhor Deus, aquele que é, que era e que há de vir, o Todo-Poderoso”. (Apocalipse 1.8)

Temos neste versículo uma referência clara sobre Jesus Cristo. Ele é o Senhor Deus Todo-Poderoso que vem. Se assim não fosse, teríamos uma mudança brusca de assunto do versículo sete para o oito.

Notas:

* Nações ou povos (Mateus 24.30)? A expressão “povos da terra” encontramos na Bíblia Almeida Revista e Atualizada ao passo que na Almeida século 21 encontramos a frase “nações* da terra”. A Almeida Revista e Corrigida é mais fiel ao texto e traz “tribos da terra”.

A Visão do Jesus Glorificado

“Eu, João, irmão vosso e companheiro na tribulação, no reino e na perseverança, em Jesus, achei-me na ilha chamada Patmos, por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus”.

(Apocalipse 1.9)

Alguns colocam em dúvida se esse João é o mesmo que escreveu o evangelho de João. Não vou me ater sobre este assunto pelo fato de não ser importante saber exatamente quem é o autor do livro do Apocalipse. O importante é que o livro é inspirado e coerente em todo o seu conteúdo. O fato desse João se apresentar como autor do Apocalipse e não usar títulos ou outro tipo de identificação, implica que ele era bem conhecido por seus leitores. Segundo Ralph E. Bass, Jr., “isso dá um peso significativo para o apóstolo João como o autor. Qualquer outra pessoa teria que identificar e justificar a si mesma e sua escrita. Apenas João - o apóstolo - não [precisava se justificar]”.¹⁶

“...companheiro na tribulação, no reino...”.

A tribulação já estava acontecendo nos dias de João, no primeiro século. É lamentável ver que alguns cristãos hoje em dia ainda esperam por uma grande tribulação futura. Ao dizer que era um companheiro no “reino”, João estava querendo dizer que ele não estava à espera de um reino, pois já fazia parte do mesmo. Tanto João Batista bem como Jesus pregaram que o Reino de Deus estava “próximo”. Portanto, no primeiro século, João entrou naquele reino “por meio do arrependimento e da fé no Messias. Nós também. Todos os filhos de Deus são uma parte do reino de Deus, e não apenas judeus, e não em algum ponto distante no futuro”.¹⁷

Veja as passagens que comprovam isto:

“Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor, no qual temos a redenção, a remissão dos pecados”. (Colossenses 1.13-14 - o grifo é meu)

“...exortamos, consolamos e admoestamos, para viverdes por modo digno de Deus, que vos chama para o seu reino e glória”.

(1ª Tessalonicenses 2.12 - o grifo é meu)

“Ouvi, meus amados irmãos. Não escolheu Deus os que para o mundo são pobres, para serem ricos em fé e herdeiros do reino que ele prometeu aos que o amam?” (Tiago 2.5 - o grifo é meu)

“...e nos constituiu reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai, a ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!”

(Apocalipse 1.6 - o grifo é meu)

“...achei-me na ilha chamada Patmos, por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus”.

A ilha de Patmos era utilizada como prisão pelos romanos. Ao dizer “achei-me na ilha chamada Patmos”, pode ser que João estava lá preso, ou então, apenas tinha se mudado para a ilha por causa do evangelho, para dar testemunho aos seus moradores e evitar a tribulação para poder escrever o livro do Apocalipse.

“Achei-me em espírito, no dia do Senhor, e ouvi, por detrás de mim, grande voz, como de trombeta...”. (Apocalipse 1.10)

A frase “achei-me em espírito” mostra que a revelação do Apocalipse não é de origem humana. Isto está de acordo com 2ª Pedro 1.21 que diz:

“...porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo”.

O “achar-se em espírito” pode ser uma experiência semelhante ao que Pedro e Paulo experimentaram no Livro de Atos:

“Estando com fome, quis comer; mas, enquanto lhe preparavam a comida, sobreveio-lhe um êxtase; então, viu o céu aberto e descendo

um objeto como se fosse um grande lençol, o qual era baixado à terra pelas quatro pontas...” (Atos 10.10, 11).

“Tendo eu voltado para Jerusalém, enquanto orava no templo, sobreveio-me um êxtase...” (Atos 22.17).

“...no dia do Senhor...”

A revelação do Apocalipse aconteceu no dia do Senhor. O que vem a ser este dia? Seria o dia da vinda em julgamento contra Israel e Jerusalém? Seria o primeiro dia da semana em que os cristãos se reuniam no Domingo? É fato que o primeiro dia da semana era o dia de culto cristão (Atos 20.7; 1ª Coríntios 16.2). Somente nesse versículo de Apocalipse é que encontramos a expressão “*dia do Senhor*”. Esta expressão também pode ser encontrada na literatura cristã primitiva, por exemplo, no Didaché (escrito no final do primeiro século), a Carta de Inácio ao Magnésios (escrita início do segundo século).

Além disso, a referência ao Domingo na Grécia é chamada de Κυριακή (dia do Senhor) até os dias de hoje. É bem possível que a revelação do Apocalipse tenha acontecido num Domingo. Observe o que os mais abalizados biblicistas dizem sobre a expressão joanina “kyriake hemera” (dia do Senhor):

“Temos aqui a palavra kyriakos, em um sentido adjetivado, isto é, “pertencente ao Senhor”. Originalmente, esta palavra era usada com o sentido imperial, como algo que pertencia ao César romano. ‘Os crentes primitivos [...] aplicaram-na ao domingo, o primeiro dia da semana’. Esse é o uso que se encontra em Didaché 14 e Inácio, Magn. 9, que foram escritos não muito depois do Apocalipse”.¹⁸

Pode ser também que a expressão “dia do Senhor” seja uma referência ao dia da vinda de Cristo em julgamento contra Jerusalém. Seja como for, o fato é que esse “dia do Senhor” foi um dia especial em que João recebeu as revelações do Apocalipse.

“...e ouvi, por detrás de mim, grande voz, como de trombeta...”

Esta forma de falar “é muito característico da comunicação de Deus com o homem” segundo Ralph E. Bass, Jr.¹⁹

Observe as passagens:

“Ao amanhecer do terceiro dia, houve trovões, e relâmpagos, e uma espessa nuvem sobre o monte, e mui forte clangor de trombeta, de maneira que todo o povo que estava no arraial se estremeceu”.

(Êxodo 19:16)

“Todo o povo presenciou os trovões, e os relâmpagos, e o clangor da trombeta, e o monte fumegante; e o povo, observando, se estremeceu e ficou de longe”. (Êxodo 20.18)

Veja também: Isaías 18.3; Joel 2.1; Zacarias 9.14, Salmos 47.5, 2º Samuel 6.15, Isaías 27.13; Joel 2.15, Salmos 81.3.

“...dizendo: O que vês escreve em livro e manda às sete igrejas: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia”.

(Apocalipse 1.11)

O leitor habituado com o Antigo Testamento sabia que os profetas escreviam textos de julgamento contra Israel. Portanto, as palavras do Apocalipse são para serem visões de julgamento. Sabe-se que além dessas sete igrejas havia pelo menos quatro outras que estavam naquela região, Colossos (Colossenses 1:2), Hierápolis (Colossenses 4:13), Mileto (Atos 20:15, 17) e Trôade (2ª Coríntios 2:12). E segundo Ralph E. Bass, Jr. “pode ter havido mais, na verdade, talvez várias dezenas mais nas menores cidades periféricas. Então, por que essas outras não são mencionadas? Talvez a melhor resposta a essa pergunta é o significado do número sete. O simbolismo na Bíblia é pronunciado, e no livro do Apocalipse é esmagador. Sete é o número da perfeição ou plenitude qualitativa, e sugere que esta carta tem um significado para toda a igreja, e não simplesmente a uma igreja regional”.²⁰

“Voltei-me para ver quem falava comigo e, voltado, vi sete candeeiros de ouro e, no meio dos candeeiros, um semelhante a filho de homem, com vestes talares e cingido, à altura do peito, com uma cinta de ouro”. (Apocalipse 1.12, 13)

Em relação aos sete candeeiros de ouro, Ralph E. Bass, Jr. fez o seguinte comentário:

“O candelabro de sete braços do Templo era o símbolo da nação de Israel em aliança com Deus e, sete é o número da aliança [...]. Esse mesmo candelabro - o original celeste - é usado para simbolizar a aliança de Deus com a igreja. A nação de Israel foi rejeitada e substituída pela Igreja, que é o verdadeiro Israel de Deus, pois Cristo, tendo divorciado Sua primeira esposa tomou uma nova noiva. Nessa passagem, Cristo está no meio de Sua Igreja, como Ele uma vez ficou no meio de Israel, como uma nuvem de dia e uma coluna de fogo de noite.

O candelabro, que estava no Tabernáculo e no Templo no Antigo Testamento, é um símbolo da nação de Israel, da mesma forma que a águia americana é o símbolo dos Estados Unidos. Através do uso dos candeeiros (1.12), João deixa claro que as igrejas da Ásia Menor são membros da aliança. Há sete deles, pois essas igrejas são simbolizadas por candeeiros e, Jesus, o Mediador da nova aliança, caminha entre eles e mantém seus “anjos” ou mensageiros na mão.²¹

O fato de Jesus estar no meio dos candeeiros significa que Ele está com sua Igreja e, portanto, Ele não é ausente dela. Isto serviu de conforto para aquelas igrejas da Ásia, pois elas estavam prestes a passar por uma fornalha ardente de perseguição. Mas, assim como foi com Sadraque Mesaque e Abede-Nego (Daniel 3.20-28) que mesmo dentro da fornalha ardente sobreviveram ao lado de um quarto homem (a quem Nabucodonosor disse que o aspecto dele era “semelhante a um filho dos deuses”), a igreja desfruta da presença de Cristo, “cuja aparência era como a do Filho do homem”.²²

“A sua cabeça e cabelos eram brancos como alva lã, como neve; os olhos, como chama de fogo...” (Apocalipse 1.14)

Não existe palavras no vocabulário humano que possa descrever Jesus Cristo glorificado. Por isto - em sua limitação - João compara os cabelos de Jesus com “lã branca”, “neve”. É a tentativa humana de descrever o que se vê no domínio espiritual. Seus olhos como “chama de fogo” são uma descrição de que “não há noite tão escura que possa escurecer sua visão... Nenhum segredo tão escondido que não seja visto à sua frente. Não há coração que Ele não lê como uma página aberta. Não há ato tão enterrado que não se destaque diante dEle. Não há nada tão esquecido que não possa vir à luz” (David Clark).²³

“...os pés, semelhantes ao bronze polido, como que refinado numa fornalha; a voz, como voz de muitas águas”. (Apocalipse 1.15)

A palavra “*polido*” significa “tão polido” que chega a brilhar, diz João. Isso faz lembrar de uma passagem encontrada em Isaías sobre os pés do mensageiro do Messias, ou, talvez, o próprio Messias: “*Como é agradável sobre os montes são os pés do que traz uma boa notícia, que anuncia a paz e traz uma boa notícia de felicidade, que anuncia a salvação e diz a Sião: “O teu Deus reina!”*” (Isaías 52:7)

No entanto, os pés que são tão adoráveis para alguns, levando a mensagem do evangelho, são tão aterrorizante para os outros, pois pisam as uvas da ira de Deus. Aqui os pés de Cristo refinados como numa fornalha é um incentivo à Igreja e a seus mártires, mas ao mesmo tempo terrível contra os seus inimigos.

“Tinha na mão direita sete estrelas, e da boca saía-lhe uma afiada espada de dois gumes. O seu rosto brilhava como o sol na sua força”.

(Apocalipse 1.16)

Aqui mais uma vez a descrição do grande Rei Jesus vai além do vocabulário humano. Sua glória excede a explicação das palavras. Observe que Ele já está pronto para a batalha, mas sua arma não são armas convencionais. As palavras que saem de sua boca são as que chamam a criação à existência bem como Ele também as usa para o

juízo, pois *“mas julgará com justiça os pobres e decidirá com equidade a favor dos mansos da terra; ferirá a terra com a vara de sua boca e com o sopro dos seus lábios matará o perverso”*. (Isaías 11:04)

A espada *“afiada de dois gumes”* que sai de sua boca é a Palavra de Deus. *“...a espada do Espírito, que é a palavra de Deus...”* (Efésios 6.17). No caso aqui em Apocalipse, Jerusalém e Israel é o alvo da guerra do Grande Rei. Apocalipse 1.16 traz um ensinamento importante de que Jesus não está ausente ou distante de sua criação, mas presente e reinando sempre.

“Quando o vi, caí a seus pés como morto. Porém ele pôs sobre mim a mão direita, dizendo: Não temas; eu sou o primeiro e o último...” (Apocalipse 1.17)

Ao ver tamanha Glória do Grande Rei Jesus, João tem uma resposta imediata ao dizer que *“caí a seus pés como morto”*. Caso semelhante aconteceu com outros filhos de Deus ao longo da história bíblica. Vamos começar por Daniel.

Sobre ele se diz:

“Fiquei, pois, eu só e contemplei esta grande visão, e não restou força em mim; o meu rosto mudou de cor e se desfigurou, e não retive força alguma.

Contudo, ouvi a voz das suas palavras; e, ouvindo-a, caí sem sentidos, rosto em terra”. (Daniel 10.8, 9)

A experiência de Isaías foi semelhante ao contemplar a visão de Jesus glorificado:

“Então, disse eu: ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos!” (Isaías 6.5)

No caso específico de Isaías, ele sente o contraste horrível entre a santidade de Deus e sua própria pecaminosidade.

O fato de Jesus dizer a João que Ele é o *“primeiro e o último”* revela mais uma vez a Divindade de Cristo.

“...e aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e do inferno”.

(Apocalipse 1.18)

O fato de Jesus estar vivo nos remete ao que o anjo disse às mulheres que foram ao seu túmulo, observe:

*“Estando elas possuídas de temor, baixando os olhos para o chão, eles lhes falaram: **Por que buscais entre os mortos ao que vive?**”*

(Lucas 24.5 – o grifo é meu)

Segundo Ralph E. Bass, Jr., este “é o elemento central no Cristianismo, a única coisa que faz com que seja totalmente diferente de todas as outras religiões. Esta vitória sobre a morte é fundamental para o evangelho e é encontrado em diversas passagens importantes da Bíblia”:²⁴

“...sabedores de que, havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte já não tem domínio sobre ele”.

(Romanos 6.9)

“...ao qual, porém, Deus ressuscitou, rompendo os grilhões da morte; porquanto não era possível fosse ele retido por ela”.

(Atos 2.24)

“Ao anjo da igreja em Esmirna escreve: Estas coisas diz o primeiro e o último, que esteve morto e tornou a viver...”.

(Apocalipse 2:8)

Ainda segundo Ralph E. Bass, Jr., “essas passagens se concentram na vida de Cristo ressuscitado. Um Cristo, que não está vivo é um Cristo que não pode dar vida”.²⁵

“...e tenho as chaves da morte e do inferno”.

Esta declaração tem sido muito enfeitada com ideias fantasiosas de que Cristo desceu ao inferno e tomou as chaves das mãos do diabo.

Isto não é verdade! Quem sempre esteve na posse das chaves da morte e do inferno é o Deus verdadeiro.

Vejas as passagens:

“Porei sobre o seu ombro a chave da casa de Davi; ele abrirá, e ninguém fechará, fechará, e ninguém abrirá”. (Isaías 22.22)

“Ao anjo da igreja em Filadélfia escreve: Estas coisas diz o santo, o verdadeiro, aquele que tem a chave de Davi, que abre, e ninguém fechará, e que fecha, e ninguém abrirá...”. (Apocalipse 3.7)

“Então, vi descer do céu um anjo; tinha na mão a chave do abismo e uma grande corrente”. (Apocalipse 20.1)

Alguém poderá apelar para Hebreus 2.14 que diz que o diabo tem “o poder da morte”, mas, todavia, o poder que ele tem é somente o de matar, roubar e destruir (João 10.10). O poder que Cristo tem sobre a morte e o inferno vai muito além. Em Cristo temos a proclamação de Sua autoridade eterna e inalterável.

Enquanto que o diabo só pode matar, roubar e destruir, Cristo tem a autoridade para saquear os bens do valente e desbloquear o túmulo para os salvos, e ao mesmo tempo, enviar seus inimigos para a condenação eterna. Ele mesmo nos adverte que não devemos temer *“os que matam o corpo e não podem matar a alma; temeí, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo”.* (Mateus 10.28; ver também João 5.24, 25, 28-29)

***“Escreve, pois, as coisas que viste, e as que são, e as que hão de acontecer depois destas”.* (Apocalipse 1.19)**

Algumas pessoas usam esta passagem para dizer que o Apocalipse tem uma descrição cronológica em três períodos: passado, presente e futuro. De acordo com Ralph E. Bass, Jr., o som dessas “palavras, parecem ter lugar como se pudesse ser num futuro distante; no entanto, a palavra grega é μέλλω (Mello) e é mais bem traduzida como “coisas que estão para acontecer”. A proximidade do escritor e a mensagem são ressaltadas por esta palavra. Essas coisas não vão acontecer num

futuro distante, elas estão prestes e ter lugar agora [no primeiro século]”.²⁶

Ainda segundo Ralph, “a declaração das coisas que tens visto (1:19) não se refere à revelação passada descrita em Apocalipse 1:12-18, mas “ao contrário, a visão do livro inteiro (“o que você vê”, o aoristo de εἶδεις [vi], que indica não o tempo da visão, mas a sua totalidade). A tradução pode, em seguida, ser lida assim: “escreve, pois, o que você já viu [a totalidade da visão], tanto o que é e o que deve ocorrer nos últimos dias”.²⁷

“Quanto ao mistério das sete estrelas que viste na minha mão direita e aos sete candeeiros de ouro, as sete estrelas são os anjos das sete igrejas, e os sete candeeiros são as sete igrejas”.

(Apocalipse 1.20)

Aqui começa as explicações de Jesus das coisas que João tem visto até então. Quem são os anjos das sete igrejas? A palavra grega usada para anjo é muitas vezes traduzida como “mensageiro”. Um mensageiro pode tanto ser um ser espiritual angélico bem como a referência pode ser a pessoas. O mais certo é que aqui em Apocalipse o anjo seja o pastor de cada igreja.

Introdução

Dando continuidade a este comentário, neste capítulo vou comentar todo o capítulo dois do Apocalipse. O capítulo dois de Apocalipse possui mensagens para quatro das sete igrejas da Ásia, são elas: Éfeso, Esmirna, Pérgamo e Tiatira.

Alguns expositores da Bíblia acreditam que a mensagem dirigida às sete igrejas da Ásia, trata de diferentes períodos da igreja, e que, atualmente, estaríamos vivendo o último que representa a igreja de Laodicéia. Pensando assim, tais expositores bíblicos não veem nenhuma mensagem significativa para as igrejas as quais a mensagem foi originalmente escrita.

Devemos discordar dessas ideias, pois segundo Jay Adams “não há sequer um indício de que as sete igrejas simbolizam o futuro da história da igreja, como alguns afirmam. Para começar, sua ordem é estritamente geográfica e não determinada pelo conteúdo”.¹

A ideia de que as sete igrejas do Apocalipse seriam sete períodos da história da igreja e que cada uma dessas igrejas pode ser rastreável ao longo da história, é absurda. Cada igreja recebeu uma mensagem específica, dentro de um determinado contexto histórico e cultural. Em cada mensagem são citados detalhes que só cabem no primeiro século, quando ainda, pelo menos, João estava vivo. Não dá – por exemplo – para aplicar o conteúdo histórico de cada igreja no decorrer da história. As promessas de Jesus, suas profecias, bem como os acontecimentos ao redor de cada uma das sete igrejas, cumpriram-se no primeiro século.

A única coisa que podemos fazer atualmente é usar o conteúdo das cartas como lição e aplicação prática. O caso aqui é semelhante ao que Paulo citou em 1ª Coríntios 10.5, 6, 9-11, observe:

“Entretanto, Deus não se agradou da maioria deles, razão por que ficaram prostrados no deserto.

*Ora, estas coisas **se tornaram exemplos para nós**, a fim de que não cobicemos as coisas más, como eles cobiçaram”.*

“Não ponhamos o Senhor à prova, como alguns deles já fizeram e pereceram pelas mordeduras das serpentes.

Nem murmureis, como alguns deles murmuraram e foram destruídos pelo exterminador.

*Estas coisas lhes sobrevieram **como exemplos e foram escritas para advertência nossa**, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado”.* (o grifo é meu)

Sobre este texto comentei em outra ocasião em um artigo que “o episódio da saída dos israelitas do Egito, bem como as histórias acontecidas no deserto, nunca mais se repetirão na história. Todavia, a história do povo de Israel foi deixada como “*exemplos para nós*” e “*escritas para advertência nossa*”.² O mesmo se aplica as sete igrejas da Ásia.

Capítulo 2_____

Carta à Igreja em Éfeso

“Ao anjo da igreja em Éfeso escreve: Estas coisas diz aquele que conserva na mão direita as sete estrelas e que anda no meio dos sete candeeiros de ouro...”. (Apocalipse 2.1)

A cidade de Éfeso era a “mais importante da província romana de Ásia. Foi situada perto do mar Egeu. Duas estradas importantes cruzaram em Éfeso, uma seguindo a costa e a outra continuando para o interior, passando por Laodicéia. Assim, Éfeso teve uma localização importantíssima de contato entre os dois lados do império romano (a Europa e a Ásia). Historiadores geralmente calculam a população da cidade no primeiro século entre 250.000 e 500.000. Éfeso era conhecida, também, como o foco de adoração da deusa da fertilidade, Ártemis ou Diana.

Sabemos algumas coisas sobre a história da igreja em Éfeso de outros livros do Novo Testamento. No final de sua segunda viagem, Paulo deixou Áqüila e Priscila em Éfeso, onde corrigiram o entendimento incompleto de Apolo sobre o caminho do Senhor (Atos 18:18-26). Na terceira viagem, Paulo voltou para Éfeso, onde pregou a palavra de Deus por três anos (Atos 19:1-41; 20:31). Na volta da mesma viagem, passou em Mileto e encontrou-se com os presbíteros de Éfeso (Atos 20:17-38). Durante os anos na prisão, Paulo escreveu a epístola aos efésios. Também deixou Timóteo em Éfeso para edificar os irmãos (1 Timóteo 1:3).

Destas diversas referências aos efésios, podemos observar algumas coisas importantes sobre essa igreja. Desde o início, houve a necessidade de examinar doutrinas e aceitar somente o que Deus havia revelado. Assim, Áqüila e Priscila ajudaram Apolo (Atos 18:26); Paulo advertiu os presbíteros do perigo de falsos mestres entre eles (Atos 20:29-31), e orientou Timóteo a admoestar os irmãos a não ensinarem outra doutrina (1 Timóteo 1:3-7). A carta de Paulo aos efésios destacou a importância do amor (5:2), um tema frisado, também, nesta carta no Apocalipse”.³

“...conserva na mão direita as sete estrelas e que anda no meio dos sete candeeiros de ouro...”.

Essas expressões simbólicas são encontradas no capítulo um de Apocalipse e são devidamente explicadas: *“...as sete estrelas são os anjos das sete igrejas, e os sete candeeiros são as sete igrejas”*. (Apocalipse 1.20) O fato de Cristo andar no meio das sete igrejas e segurar os seus anjos em sua mão direita, nos mostra que Ele é ativo em seu cuidado. Estar entre os candeeiros lhe permite sempre mantê-los acesos garantindo que a igreja possa ser luz do mundo.

“Conheço as tuas obras, tanto o teu labor como a tua perseverança, e que não podes suportar homens maus, e que puseste à prova os que a si mesmos se declaram apóstolos e não são, e os achaste mentirosos; e tens perseverança, e suportaste provas por causa do meu nome, e não te deixaste esmorecer”.

(Apocalipse 2.2-3)

As palavras apresentadas *“obras”*, *“labor”* e *“perseverança”* nos mostram a circunstância em que esses crentes viveram e trabalharam em favor do evangelho. Esses crentes viveram perseverantes na fé mesmo em circunstâncias preocupantes. O trabalho deles em favor da fé foi em tempos difíceis. Por isto, eles se enquadram perfeitamente na parábola do semeador descrita por Jesus. De acordo com a parábola, os efésios podem ser considerados como a boa terra: *“Mas o que foi semeado em boa terra é o que ouve a palavra e a compreende; este frutifica e produz a cem, a sessenta e a trinta por um”*. (Mateus 13.23)

A mesma parábola fala a respeito daqueles que são como “fogo de palha” na hora das perseguições:

“O que foi semeado em solo rochoso, esse é o que ouve a palavra e a recebe logo, com alegria; mas não tem raiz em si mesmo, sendo, antes, de pouca duração; em lhe chegando a angústia ou a perseguição por causa da palavra, logo se escandaliza”.

(Mateus 13.20-21)

Diferente desses, os efésios perseverantes suportaram “homens maus” colocando-os à prova. Isto serve de modelo e inspiração para nós do século 21, que vivemos num mundo em que poucos lugares a fé é perseguida e gozamos de liberdade religiosa.

Dos muitos exemplos que poderia usar, faço referência ao Brasil e aos Estados Unidos como exemplos de liberdade religiosa. No entanto, em nossos dias tenho visto certa tolerância para com homens maus, falsos apóstolos e profetas. Os efésios têm muito a nos ensinar!

“Tenho, porém, contra ti que abandonaste o teu primeiro amor.

Lembra-te, pois, de onde caíste, arrepende-te e volta à prática das primeiras obras; e, se não, venho a ti e moverei do seu lugar o teu candeeiro, caso não te arrependas”.

(Apocalipse 2.4-5)

Apesar de ser uma igreja perseverante e lutadora, há uma queixa contra ela sobre o abandono do primeiro amor. Isto faz lembrar que nenhum sacrifício é válido se não tivermos amor. Paulo disse isto aos coríntios: *“E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará”.* (1ª Coríntios 13.3)

É possível que esse amor tenha sido esfriado e abandonado devido ao clima incessante de controvérsias contra homens maus e falsos apóstolos. Como única alternativa para volta ao “primeiro amor” o Senhor chama ao arrependimento.

Um ponto interessante é que Jesus garante que “virá” especificamente em juízo contra a igreja de Éfeso, caso não se arrependa. Veja que o uso da palavra “vinda” não é uma referência a

Segunda Vinda, mas a uma “vinda” específica em juízo, no caso contra a igreja de Éfeso. Se há “vindas” é porque existem diversas “idas” de julgamento que o Senhor faz (ver Apocalipse 2.16; 3.3 e 3.11). O pastor Ralph E. Bass, Jr. nos informa que a compreensão das “idas” e “vindas” em julgamento “é fundamental para uma boa compreensão de grande parte da Escritura. A incapacidade de compreender esse conceito fará com que vejamos a Segunda Vinda em todos os lugares onde a palavra “vinda” é mencionada. E se fizermos isso, interpretaremos mal e grosseiramente a Bíblia em pontos críticos”.⁴

Na página 62 deste e-book há um estudo completo sobre a questão dos seis tipos de “vindas” de Cristo encontradas nas Escrituras Sagradas.⁵

“...e moverei do seu lugar o teu candeeiro, caso não te arrependas”.

A igreja foi chamada para ser luz do mundo e sal da terra. Remover o candeeiro é o mesmo que remover sua luz. Creio que aqui trata-se de uma disciplina e não da perda da salvação.

“Tens, contudo, a teu favor que odeias as obras dos nicolaítas, as quais eu também odeio”. (Apocalipse 2.6)

Sei que o fato de Jesus dizer que odeia pode ser um choque para muitos, mas é preciso entender que o ódio aqui é contra as “obras” e não contra as pessoas dos nicolaítas. Há vários textos que falam do ódio que Deus tem contra o mal (Salmo 5:5; 97:10; 129:163; Provérbios 8:13; Amós 5:15; Zacarias 8:17; Malaquias 2:16).

Sobre os nicolaítas, “Irineu, que era um influente Pai da igreja bem no início, os menciona como uma seita licenciosa. Os nicolaítas, diz ele, são os seguidores de Nicolas, que era um dos sete primeiros ordenados diáconos pelos apóstolos. Eles levavam uma vida de indulgência desenfreada. O caráter desses homens é muito apontado claramente no Apocalipse de João, onde seus ensinamentos são representados como uma questão de indiferença para com a prática do adultério, e também comiam sacrifícios de ídolos.

Se Irineu fez uma associação adequada dessa heresia a um dos primeiros diáconos com um nome semelhante, ainda não é certo. A chave para o verdadeiro significado desse termo é encontrada na identificação dos nicolaítas com a doutrina de Balaão, em Apocalipse 2.14-15. Não só é possível que nicolaíta seja uma forma grega de Balaão (como entendido pelos rabinos), mas, mais importante, esta interpretação se encaixa tanto o texto como a situação do primeiro século. A identificação dos nicolaítas é basicamente especulação, embora baseia-se em algumas inferências convincentes.

Os nicolaítas, então, parecem ser um grupo que corrompeu o povo de Deus, sugerindo compromisso com a cultura do dia. Ao invés de adorar somente a Deus, eles sugeriram que era oportuno realizar cerimônias patrióticas (como festas associadas ao culto do imperador) e outras instituições culturais (por exemplo, alianças comerciais, algo como nossos sindicatos modernos ou associações profissionais, e sua adoração). É possível que seja como parte dessas cerimônias ou como uma área separada do compromisso que também permitiu o uso de prostitutas (talvez como uma parte aceita da “ética empresarial” do seu dia). Jesus (que está falando através de João) não estava impressionado. Na verdade, ele ameaçou julgamento sobre a igreja”.⁶

“Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: Ao vencedor, dar-lhe-ei que se alimente da árvore da vida que se encontra no paraíso de Deus”. (Apocalipse 2.7)

Ao dizer “*quem tem ouvidos, ouça*” Jesus chama sua igreja para ouvir a voz do Espírito. Como Israel de Deus, a igreja como um todo deve estar atenta para ouvir a voz do Espírito. O não ouvir a voz do Espírito nos leva ao endurecimento do coração. No livro de Isaías encontramos essa advertência para a antiga nação judaica:

“Então, disse ele: Vai e dize a este povo: Ouvi, ouvi e não entendais; vede, vede, mas não percebais.

Torna insensível o coração deste povo, endurece-lhe os ouvidos e fecha-lhe os olhos, para que não venha ele a ver com os olhos, a ouvir com os ouvidos e a entender com o coração, e se converta, e seja salvo”. (Isaías 6.9, 10)

“Ao vencedor...”

Esta expressão aparece sempre no final de cada carta remetida as igrejas da Ásia. Muita gente usa a expressão “*ao vencedor*” para dizer que é possível o crente se perder novamente, pois somente os vencedores é que podem receber o galardão nos céus. Todavia, devemos ter em mente que a questão aqui não é sobre derrota ou vitória, mas é sobre a vitória somente. Se o crente fosse derrotado, isto implicaria que no final das contas ele não comeria da árvore da vida. A Escritura também diz que mesmo antes de vencer finalmente, ainda em vida, “*somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou*”. (Romanos 8.37)

Carta à Igreja em Esmirna

“Ao anjo da igreja em Esmirna escreve: Estas coisas diz o primeiro e o último, que esteve morto e tornou a viver...”

(Apocalipse 2.8)

Ao escrever sobre a igreja de Esmirna, o escritor Dennis Alan nos informa que “durante o período em que Paulo ficou em Éfeso, na sua terceira viagem evangelística, “todos os habitantes da Ásia” ouviram o evangelho de Jesus (Atos 19:10). Pedro incluiu os eleitos e forasteiros da Ásia entre os destinatários de sua primeira carta (1 Pedro 1:1). É bem possível que a igreja em Esmirna, uma cidade situada aproximadamente 65 km ao norte de Éfeso, esteja incluída nestas citações. Mas, a primeira vez que ela é identificada por nome é nas citações no Apocalipse. Por isso, não temos informações específicas sobre esta igreja, além dos quatro versículos desta carta ao anjo da igreja em Esmirna. O pouco que sabemos é positivo. Esta carta elogia e encoraja, sem oferecer nenhuma crítica dos cristãos em Esmirna.

[...]

A igreja em Esmirna (8): Hoje conhecida com Izmir, a terceira maior cidade da Turquia e o segundo mais importante porto do país, Esmirna era uma cidade antiga de uma região habitada durante milhares de anos antes de Cristo. A antiga cidade foi destruída pelos lídios em 600 a.C.

e reconstruída pelos gregos no final do 4º século a.C. A cidade ganhou nova vida, e pode ser descrita como uma cidade que morreu e tornou a viver. Durante o domínio romano, Esmirna se tornou um centro de idolatria oficial, conhecida como Guardiã do Templo (grego, neokoros). Foi a primeira cidade da Ásia a construir um templo para a adoração da cidade (deusa) de Roma (195 a.C.). Em 26 d.C., foi escolhida como local do templo ao imperador Tibério. Foram descobertas imagens, na praça principal da cidade, de Posêidon (deus grego do mar) e de Deméter (deusa grega da ceifa e da terra).⁷

“Estas coisas diz o primeiro e o último, que esteve morto e tornou a viver...”

Estas palavras foram de grande consolação para os crentes de Esmirna. O fato de Jesus ser o *primeiro* e o *último* indica sua Soberania Absoluta na história. Ele está no começo e no fim de toda a história humana. Ao nascer neste mundo, Deus se tornou um de nós, recebendo um corpo físico que foi gerado no ventre de Maria. Deus passou a carregar o DNA humano e foi o primeiro a ressuscitar. Ele sendo Deus e homem ao mesmo tempo, alcançou a imortalidade por todos.

Agora Ele vive, com o mesmo corpo que teve na terra, corpo este agora glorificado e sobrenatural. Além de ser Deus, Ele foi homem também conforme já disse, e por isto, é o primeiro da raça humana que alcançou a imortalidade, abrindo espaço para a nossa imortalidade também. Assim, podemos ter à esperança da ressurreição, pois Ele prometeu: *“Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente. Crês isto?”* (João 11.25, 26)

“Conheço a tua tribulação, a tua pobreza (mas tu és rico) e a blasfêmia dos que a si mesmos se declaram judeus e não são, sendo, antes, sinagoga de Satanás”. (Apocalipse 2.9)

A tribulação e a pobreza estão associadas neste caso. A igreja de Esmirna tinha uma grande comunidade judaica entre eles, “a maior população judaica de qualquer cidade asiática”.⁸ Por isto, aqueles que eram expulsos da sinagoga podiam ser boicotados pelos judeus. Antes

do ano 70 d.C., os principais adversários dos cristãos eram os judeus. É justamente por isto que podemos entender porque a igreja de Jerusalém sofreu privações econômicas. Os judeus tinham poder político, por isto, podiam apreender os bens daqueles que se tornavam dissidentes do judaísmo ao se entregarem a Cristo.

O autor de Hebreus parece fazer alusão a isso:

“Vocês participaram do sofrimento dos prisioneiros. E, quando tudo o que vocês tinham foi tirado, vocês suportaram isso com alegria porque sabiam que possuíam uma coisa muito melhor, que dura para sempre.”. (Hebreus 10.34 – Nova Tradução na Linguagem de Hoje)

“...(mas tu és rico)...”

Apesar da pobreza, nas palavras de Jesus os crentes são considerados ricos para com Deus. Quem entesoura para si mesmo *“não é rico para com Deus”* (Lucas 12.21). O Senhor Jesus Cristo, pela sua graça, *“sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos”* (2ª Coríntios 8.9). Assim, em Cristo nos tornamos ricos espiritualmente. Ainda que muitos de nós possamos ser pobres materialmente, acabamos por enriquecer a muitos: *“...entristecidos, mas sempre alegres; pobres, mas enriquecendo a muitos; nada tendo, mas possuindo tudo”*. (2ª Coríntios 6.10)

“...e a blasfêmia dos que a si mesmos se declaram judeus e não são, sendo, antes, sinagoga de Satanás”.

Apesar da pobreza e dos sofrimentos da igreja de Esmirna, o alvo crítico de Jesus é contra aqueles mentirosos que se dizem judeus, mas não são. Segundo Ralph E. Bass, Jr., esses que se dizem judeus “foram, sem dúvida, nascidos em famílias judias que traçavam sua linhagem como descendentes de Abraão. O que essas pessoas não levaram em consideração, no entanto, Paulo dirigiu em Romanos desta forma: *“Para ele não é judeu o que o é exteriormente, nem é circuncisão a que é somente na carne. Mas é um judeu o que é interiormente; e circuncisão, a que é do coração, no espírito, não na letra; e seu louvor não provém dos homens, mas de Deus”*. (Romanos 2:28-29) ⁹

Ainda segundo Ralph “não foi muitos anos após esta época que Policarpo foi preso e levado perante o procônsul em Esmirna; foram os judeus que foram a mais furiosa de toda a multidão em exigir a sua condenação. Quando a multidão, depois que ele foi condenado à morte, começou a cortar lenha para queimá-lo, foram os judeus que correram para adquirir o combustível. Quando, na medida em que a queima falhou e o bem-aventurado mártir tinha sido explorado com várias armas, foram os judeus que instaram o magistrado de se recusar a dar o seu cadáver aos cristãos para sepultamento.

[...]

Nós temos uma questão importante aqui. Há pessoas hoje que dizem que os judeus são o “povo escolhido de Deus”. A igreja seria apenas uma interrupção no plano principal de Deus. As pessoas “reais” de Deus seriam os judeus. Mas isto não está de acordo com o apóstolo João. Esses judeus rejeitaram e assassinaram Cristo e, ao fazer isto, eles rejeitaram Abraão, pois “*Abraão exultou por ver o dia [de Cristo], e viu-o e ficou feliz*” (João 8:56). Mas esses judeus não eram “felizes”; na verdade, eles haviam crucificado o Senhor da Glória. Temos de reconhecer que os judeus não crentes são apóstatas da quebra da aliança, e não “o povo escolhido de Deus”.¹⁰

Essa multidão de judeus denunciada na igreja de Esmirna é a mesma que Cristo lidou cerca de trinta anos antes quando disse: “*Então, lhe responderam: Nosso pai é Abraão. Disse-lhes Jesus: Se sois filhos de Abraão, praticai as obras de Abraão*”. (João 8.39)

Os judeus que aqui em Apocalipse Jesus chama de “*sinagoga de Satanás*”, também são os mesmos a quem Ele disse: “*Vós sois do diabo, que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhe os desejos. Ele foi homicida desde o princípio e jamais se firmou na verdade, porque nele não há verdade. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira*”. (João 8.44)

“Não temas as coisas que tens de sofrer. Eis que o diabo está para lançar em prisão alguns dentre vós, para serdes postos à prova, e tereis tribulação de dez dias. Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida”. (Apocalipse 2.10)

Apesar da tribulação já existente, o Senhor garante aos crentes de Esmirna que viria mais sofrimento. Como sempre, o diabo é a fonte inspiradora de judeus e gentios para perseguir os crentes. Ser posto à prova na perseguição é a grande oportunidade dos fiéis mostrarem que tipo de fé eles possuem. Isto nos remete a parábola do semeador. Ali se diz que a perseguição e o sofrimento podem ser a ponte para a pessoa apostatar da fé: *“O que foi semeado em solo rochoso, esse é o que ouve a palavra e a recebe logo, com alegria; mas não tem raiz em si mesmo, sendo, antes, de pouca duração; em lhe chegando a angústia ou a perseguição por causa da palavra, logo se escandaliza”*. (Mateus 13.20, 21)

“...e tereis tribulação de dez dias”.

Não está muito claro, mas parece que o número “dez” refere-se a um período de tempo simbólico, período este que duraria a tribulação dos crentes de Esmirna. Em Apocalipse, os números perfeitamente arredondados parecem ser simbólicos. O número “dez” seria, então, o número quantitativo de perfeição. Portanto, “dez” dias de tribulação seria um tempo exato, nem a mais, nem a menos.

“Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida”.

Muito provavelmente, aqueles que seriam lançados na prisão em Esmirna, seriam posteriormente executados. O Estado romano não iria bancar criminosos em prisões a menos que a prisão fosse uma etapa antes do julgamento e morte. É por isto que é pedido uma fidelidade até a morte. Mas, devemos sempre lembrar, que não existe fidelidade até a morte sem a Graça de Deus. Nenhum esforço humano é capaz dessa fidelidade. Tudo é graça, por graça e pela graça de Deus.

“Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: O vencedor de nenhum modo sofrerá dano da segunda morte”.

(Apocalipse 2.11)

A “segunda morte” é citada aqui e em Apocalipse 20.6. Essa morte é o “*lago de fogo*”, é a separação definitiva entre a criatura e o Criador. O “vencedor” é aquele que nasceu de novo, que já é considerado “*mais que vencedor*” e que não pode ser separado do amor de Cristo nem por perseguição ou tribulação conforme Romanos 8.35: “*Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada?*”

Carta à Igreja em Pérgamo

“Ao anjo da igreja em Pérgamo escreve: Estas coisas diz aquele que tem a espada afiada de dois gumes...” (Apocalipse 2.12).

Segundo o escritor Dennis Alan “o único livro do Novo Testamento que cita a cidade ou a igreja em Pérgamo é o Apocalipse. Com a ajuda dos romanos, Pérgamo ganhou independência dos selêucidas em 190 a.C., e passou a fazer parte do império romano a partir de 133 a.C. Durante mais de 200 anos, foi a capital da província romana da Ásia. Teve a maior biblioteca fora de Alexandria, Egito. Foi o povo de Pérgamo que começou a usar peles de animais para fazer pergaminho, substituindo o papiro”.¹¹

Também de acordo com Ralph E. Bass, Jr., a cidade Pérgamo é a terceira listada das “sete igrejas da Ásia” (Apocalipse 1:11): a ordem se adapta a sua posição na sequência geográfica. Este era o lugar “onde está o trono de Satanás” (Apocalipse 2:13). A frase refere-se ao complexo de cultos pagãos, de Zeus, Atena, Dionísio e Asclépio, estabelecidos pelos reis Attalid, que de Asclepius Soter (o 'salvador', 'curandeiro'), sendo de especial importância. Estes cultos são ilustrativos da história religiosa de Pérgamo, mas a alusão principal é, provavelmente, a adoração ao imperador. Este era o lugar onde o culto do imperador divino havia sido feito a pedra de toque da lealdade cívica sob Domiciano. Ele marcou uma crise para a Igreja na Ásia.

Antipas (v. 13) é, provavelmente, citado como um representante (talvez o primeiro) daqueles que foram trazidos para o julgamento e a execução aqui por sua fé. O fato de que houve apenas um mártir neste momento é um forte indicador de uma data para o livro do Apocalipse. Se o livro foi escrito após a perseguição de Nero em Roma, é muito provável que muitos mais teriam sido martirizados em Pérgamo também”.¹²

“Conheço o lugar em que habitas, onde está o trono de Satanás, e que conservas o meu nome e não negaste a minha fé, ainda nos dias de Antipas, minha testemunha, meu fiel, o qual foi morto entre vós, onde Satanás habita”. (Apocalipse 2.13)

A cidade de Pérgamo era conhecida por seus muitos templos pagãos. Ali havia templos dedicados a Apolo, Vênus, Baco, Esculápio, Minerva e Zeus. Esculápio é o deus da Medicina e da cura da mitologia greco-romana. Da adoração e culto desse deus herdamos o emblema médico de uma cobra em um cajado. Por ser capital da província, Pérgamo era o centro de adoração ao imperador romano. Diante de toda essa idolatria, está explicado o porquê Jesus diz que Pérgamo era o lugar do “trono de Satanás”.

“...e que conservas o meu nome e não negaste a minha fé...”

O Senhor Jesus começou falando aos da igreja de Pérgamo que “conhece” o lugar onde eles habitavam. Ele sabia muito das dificuldades enfrentadas diante de tanta idolatria. Há aqui um reconhecimento que apesar de tanto paganismo, os crentes de Pérgamo foram fiéis em proclamar a Cristo.

“...ainda nos dias de Antipas, minha testemunha, meu fiel, o qual foi morto entre vós, onde Satanás habita”.

Na página 21 deste e-book dediquei algumas páginas sobre quem era Antipas. Há controvérsias sobre quem foi ele, e também, há muitos candidatos à Antipas – sendo este um nome comum na época. Antipas pode ser um nome simbólico também. Uma vez que significa “contra tudo”, pode simbolizar aqueles crentes martirizados em Pérgamo que

se colocaram contra tudo por estarem onde Satanás tinha seu trono. Na verdade, nada sabemos sobre Antipas, somente que era um fiel de Cristo em Pérgamo.

“Tenho, todavia, contra ti algumas coisas, pois que tens aí os que sustentam a doutrina de Balaão, o qual ensinava a Balaque a armar ciladas diante dos filhos de Israel para comerem coisas sacrificadas aos ídolos e praticarem a prostituição”. (Apocalipse 2.14)

Aqui João faz referência à Balaão que é um personagem do Antigo Testamento. Quando o povo hebreu estava finalizando sua jornada de êxodo, e preparados para entrar na Terra Prometida, eles tiveram um encontro com o profeta Balaão. Nessa ocasião, Balaque, o rei dos moabitas, *“teve grande medo deste povo, porque era muito; e andava angustiado por causa dos filhos de Israel”* (Números 22.3-4). Foi nessa ocasião que o profeta Balaão foi dissuadido fortemente para agir contra Israel. O profeta Balaão deu instruções a Balaque sobre como atacar o povo de Israel seduzindo-os com festivais idólatras e imoralidade. Assim, Israel caiu em pecado.

“Outrossim, também tu tens os que da mesma forma sustentam a doutrina dos nicolaítas”. (Apocalipse 2.15)

No caso em questão, na igreja de Pérgamo, a mesma estratégia de Balaão estava acontecendo por meio dos nicolaítas. A mesma coisa aconteceu em Éfeso, só que neste último caso, os crentes de Éfeso não toleraram os nicolaítas, pois deles se diz que odiavam *“as obras dos nicolaítas”* (Apocalipse 2.6).

“Portanto, arrepende-te; e, se não, venho a ti sem demora e contra eles pelejarei com a espada da minha boca”. (Apocalipse 2.16)

Este *“venho a ti”* não é uma referência a Segunda Vinda de Cristo. Essa *“vinda”* aqui em questão é em juízo e é específica contra a igreja de Pérgamo. Também é uma *“vinda”* que não afetará os arrependidos, pois o objetivo de Cristo é pelejar contra os inimigos - no caso *“os que sustentam a doutrina de Balaão”* e a *“a doutrina dos nicolaítas”*.

Na página 62 deste e-book falo a respeito dos seis tipos de “vindas” de Cristo.¹³ As doutrinas de Balaão e a dos Nicolaítas estão bem vivas no cristianismo moderno.

“Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: Ao vencedor, dar-lhe-ei do maná escondido, bem como lhe darei uma pedrinha branca, e sobre essa pedrinha escrito um nome novo, o qual ninguém conhece, exceto aquele que o recebe”.

(Apocalipse 2.17)

O maná era o alimento fornecido milagrosamente por Deus ao povo de Israel, durante sua peregrinação no deserto, em direção à terra prometida. Segundo o livro de Hebreus, um exemplar do maná foi posto dentro da arca da aliança. “...ao qual pertencia um altar de ouro para o incenso e a arca da aliança totalmente coberta de ouro, na qual estava **uma urna de ouro contendo o maná**, o bordão de Arão, que floresceu, e as tábuas da aliança...” (Hebreus 9.4 – o grifo é meu).

Uma vez que o maná foi colocado dentro da arca, ninguém, além do sacerdote, poderia abordá-lo, pois somente uma vez por ano ele entrava no santo dos santos para fazer expiação pelos pecados. Mesmo tendo esse acesso, o sacerdote mesmo não podia provar do maná escondido na arca.

Agora, nos tempos da nova aliança da graça, todos os cristãos foram feitos “reis e sacerdotes para Deus”, e todos têm acesso ao santos dos santos que fica além do véu para poderem participar do maná escondido e ali depositado. O maná escondido é o próprio Cristo, o pão vivo que desceu do céu. É Dele que nos alimentamos, privilégio este muito superior ao maná que os israelitas experimentaram no deserto, o qual era apenas a sombra daquilo que havia de vir, isto é, o verdadeiro maná que desceria do céu, a Pessoa de Jesus Cristo. Como o próprio Jesus disse em João 6.32: “*Replicou-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: não foi Moisés quem vos deu o pão do céu; o verdadeiro pão do céu é meu Pai quem vos dá*”.

O Israel segundo a carne recebeu o maná como alimento diário. O Israel espiritual que é a igreja recebe o maná que é Cristo. Sobre o

Israel étnico e o Israel espiritual, o pastor Ralph E. Bass, Jr. fez um excelente comentário:

“Inácio, um pai Igreja primitiva escreveu em 107 d.C.: “É absurdo falar de Jesus Cristo, com a língua, e ao mesmo tempo favorecer na mente um judaísmo que já chegou ao fim. Onde existe o cristianismo não pode haver Judaísmo”. Assim sendo, é um absurdo a Igreja do século 21 acariciar o Judaísmo dando a ele o próprio título de “povo escolhido de Deus” uma vez que eles são apóstatas da verdadeira fé em Cristo”.¹⁴

“...bem como lhe darei uma pedrinha branca, e sobre essa pedrinha escrito um nome novo, o qual ninguém conhece, exceto aquele que o recebe”.

Sobre a questão da “pedrinha branca”, o apóstolo Paulo faz referência em Atos 26.10: “...e assim procedi em Jerusalém. Havendo eu recebido autorização dos principais sacerdotes, encerrei muitos dos santos nas prisões; e contra estes **dava o meu voto**, quando os matavam”. (o grifo é meu)

Ralph E. Bass, Jr. nos diz que o “uso da palavra pedra (2:17) vem da prática de lançamento de voto com pedras brancas e pretas. Embora Paulo não usa a palavra branco, que está claramente implícita em que ele votou “sim” para colocar os cristãos à morte, o que exigiria uma pedra branca contra uma preta. “Esta antiga palavra seixo [pedra branca e dura, de variados tamanhos]... foi usada em tribunais de justiça, e os seixos pretos era para condenar, e os seixos brancos, para absolver”. Para os vencedores, aqueles que fizeram o seu voto a Cristo nesta vida, Ele promete dar seu voto a eles na vida por vir. “...O significado aqui, provavelmente, refere-se à reversão do veredicto de culpado, emitidos por instituições de todo o mundo contra o vencedor por causa da recusa em participar nas suas refeições idólatras”.¹⁵

O “nome novo” escrito sobre a pedrinha branca, reflete o caráter da pessoa. Ralph E. Bass nos conta que “aqui Cristo pode dar, quer um novo nome para o crente, refletindo um aspecto do caráter fiel do cristão, ou Ele pode dar um novo nome-revelação de Si mesmo para o

cristão, uma espécie de segredo especial entre os dois. Seria um segredo que reflete algo do caráter de Deus, que ninguém sabe, mas essa pessoa só. Eu não acho que seria contra Deus dar um tesouro especial para todos os crentes desta forma. E como Deus poderia ficar sem nomes que refletem o Seu caráter Santo, Ele que é eterno em todas as suas qualidades?

Mais importante ainda, o nome dado a uma pessoa representa propriedade. A besta coloca seu nome em seus seguidores [...] (Apocalipse 13: 16-17)... Cristo faz a mesma coisa”.¹⁶

Em Apocalipse 22.3-4 podemos ver sobre essa questão do nome como sinal de propriedade: *“Nunca mais haverá qualquer maldição. Nela, estará o trono de Deus e do Cordeiro. Os seus servos o servirão, contemplarão a sua face, e na sua frente está o nome dele”*.

Carta à Igreja em Tiatira

“Ao anjo da igreja em Tiatira escreve: Estas coisas diz o Filho de Deus, que tem os olhos como chama de fogo e os pés semelhantes ao bronze polido...” (Apocalipse 2.18)

Segundo Ralph E. Bass “Tiatira era uma cidade na província romana da Ásia, no Ocidente do que é hoje a Turquia asiática. Ela ocupava uma posição importante em um “corredor” de baixa altitude que liga os vales Hermus e Caicus. Foi uma guarnição de fronteira, pela primeira vez no Ocidente fronteira do território de Seleuco I da Síria, e mais tarde, depois mudando de mãos, no leste fronteira do reino de Pérgamo. Ela passou sob o domínio romano em 133 a.C. Mas permaneceu um ponto importante no sistema-estrada romana, pois estava na estrada de Pérgamo a Laodicéia, e daí para as províncias do leste”.¹⁷

De acordo com Dennis Allan “a cidade de Tiatira era conhecida pela produção de púrpura, uma tinta usada em tecidos (veja Atos 16:14), além de roupas, artigos de cerâmica, bronze, etc. Havia em Tiatira grupos organizados de artesãos e profissionais, semelhantes às associações profissionais de hoje, mas com elementos religiosos de

influência pagã. Como as outras cidades da época, Tiatira teve seus templos e santuários religiosos, incluindo templos aos falsos deuses Apolo, Tirimânios e Artemis (uma deusa chamada Diana pelos romanos – veja Atos 19:34) e um santuário a sibila (oráculo) Sambate. A importância de figuras femininas na cultura religiosa de Tiatira pode ter facilitado o trabalho de Jezabel, a mulher que seduzia os discípulos e incentivava a idolatria e a prostituição”.¹⁸

Curiosamente, Paulo encontra em Filipos uma *“mulher, chamada Lídia, da cidade de Tiatira, vendedora de púrpura, temente a Deus”*, e ela *“escutava”* o evangelho e *“o Senhor lhe abriu o coração para atender às coisas que Paulo dizia”*. (Atos 16.14)

Outra curiosidade sobre a igreja de Tiatira é que ela é a menos significativa das sete igrejas da Ásia, mas, no entanto, sua carta é a mais longa de todas.

“Estas coisas diz o Filho de Deus...”

A cidade de Tiatira havia homenageado o imperador romano dando a ele o título de “o Filho de Deus”. Uma inscrição encontrada na Ásia - território do Apocalipse - exalta Augustus como Salvador e Filho de Deus. Quando Jesus diz *“estas coisas diz o Filho de Deus”*, Ele está confrontando a falsa adoração ao imperador romano, mostrando assim que Ele é o Verdadeiro Filho de Deus.

“...que tem os olhos como chama de fogo e os pés semelhantes ao bronze polido...”

O fogo serve para purificar, destruir e aquecer. Por isto, *“os olhos como chama de fogo”* sugerem que o Senhor tem uma visão penetrante, e pode ver tudo para julgar corretamente. A cidade de Tiatira era um centro de extração do bronze. A *“grande popularidade [do bronze] se deve à sua enorme resistência estrutural, à não corrosão atmosférica, à facilidade de fundição e uma capacidade de acabamento que permite excelente polimento ou o uso de diversas cores e tipos”*.¹⁹

Jesus usa a familiaridade que a cidade de Tiatira tinha com o bronze, para mostrar que Ele tem força irresistível para castigar e esmagar todos os seus inimigos. Ele usa seus poderosos pés de bronze para

pisar seus inimigos no lagar da ira de Deus (Apocalipse 14.19; Isaías 63.1-4).

“Conheço as tuas obras, o teu amor, a tua fé, o teu serviço, a tua perseverança e as tuas últimas obras, mais numerosas do que as primeiras”. (Apocalipse 2.19)

Na igreja de Éfeso, havia falta de amor. Tiatira não teve esse problema. Nem fé, serviço, perseverança e obras valeriam alguma coisa sem amor. O amor é “o princípio fundamental na vida do cristão (Mateus 22:37-40)”.²⁰

A perseverança dos crentes de Tiatira demonstra que eles eram aquilo que Jesus chamou de “boa terra” que produz fruto com perseverança (Lucas 8.15). Os servos são sempre definidos com essa qualidade (Colossenses 1:11; 2ª Timóteo 3:10; 2ª Pedro 1:6). Por fim, a perseverança é produzida pela tribulação (Romanos 5:3-4; Tiago 1:3-4,12).

Embora com obras, amor e serviço e perseverança na fé, essa igreja estava com problemas com questões doutrinárias e morais. Ela não estava disciplinando seus membros.

“Tenho, porém, contra ti o tolerares que essa mulher, Jezabel, que a si mesma se declara profetisa, não somente ensine, mas ainda seduza os meus servos a praticarem a prostituição e a comerem coisas sacrificadas aos ídolos”. (Apocalipse 2.20)

Temos aqui os mesmos pecados cometidos em Éfeso (com os Nicolaítas), e em Pérgamo (com Balaão). A imoralidade era um modo de vida naquelas culturas pagãs, e, no caso, de Tiatira, a origem estava numa mulher chamada Jezabel. No Antigo Testamento este era o nome da mulher do rei Acabe. Jezabel e Acabe eram inimigos do povo de Deus no Antigo Testamento.

Aqui em Apocalipse, Jezabel foi possivelmente um nome apenas simbólico para identificar, talvez, alguma profetiza ou um grupo de mulheres profetisas que estavam seduzindo os servos de Cristo.

“Dei-lhe tempo para que se arrependesse; ela, todavia, não quer arrepender-se da sua prostituição”. (Apocalipse 2.21)

Muitas vezes não vemos o juízo sendo aplicado imediatamente justamente por causa do “tempo” de Deus. O que acontece aqui com Jezabel é o que está escrito em Romanos 2.4-6:

“Ou desprezas a riqueza da sua bondade, e tolerância, e longanimidade, ignorando que a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento?

Mas, segundo a tua dureza e coração impenitente, acumulas contra ti mesmo ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus, que retribuirá a cada um segundo o seu procedimento...”

“Eis que a prostro de cama, bem como em grande tribulação os que com ela adulteram, caso não se arrependam das obras que ela incita”. (Apocalipse 2.22)

Creio que a “grande tribulação” aqui não é a mesma descrita em Mateus 24.21, é apenas uma tribulação de julgamento e disciplina para uma determinada igreja. Mas, devido ao clima de perseguição daquela época, e também, a iminência da destruição de Jerusalém (que foi a verdadeira grande tribulação), pode ser que seja a mesma grande tribulação que ocorreu no primeiro século em todo o império romano. Ralph E. Bass, Jr. nos informa que a “grande tribulação [...] tem um foco principal em Israel e Jerusalém, e um poderoso foco secundário em todos os crentes no Império Romano”.²¹

O interessante é o uso que Jesus faz da palavra “cama” neste contexto. A cama usada por Jezabel era para levar os amantes para a prática da imoralidade sexual. Agora, numa situação de juízo, ela e seus amantes recebem uma cama não de prazer, mas de aflição. Temos aqui um retrato da disciplina de Deus descrita em outras partes da Escritura:

“...entregue a Satanás para a destruição da carne, a fim de que o espírito seja salvo no Dia do Senhor [Jesus]”. (1ª Coríntios 5.5)

“Mas, quando julgados, somos disciplinados pelo Senhor, para não sermos condenados com o mundo”.

(1ª Coríntios 11:32 - ver também Salmo 89:30-35)

“Matarei os seus filhos, e todas as igrejas conhecerão que eu sou aquele que sonda mentes e corações, e vos darei a cada um segundo as vossas obras”. (Apocalipse 2.23)

O resultado do não arrependimento é a morte física. Aqui Jesus se identifica como o Verdadeiro Deus, pois somente Ele é que pode sondar mentes e corações.

Veja em Jeremias 17.10:

“Eu, o SENHOR, esquadrinho o coração, eu provo os pensamentos; e isto para dar a cada um segundo o seu proceder, segundo o fruto das suas ações”.

Ao conhecer que Jesus é aquele que “sonda mentes e corações”, as igrejas estarão reconhecendo que Ele é Deus.

“Digo, todavia, a vós outros, os demais de Tiatira, a tantos quantos não têm essa doutrina e que não conheceram, como eles dizem, as coisas profundas de Satanás: Outra carga não jogarei sobre vós...”.

(Apocalipse 2.24)

As “*coisas profundas de Satanás*” sugere “uma fascinação com os ensinamentos quase-gnóstico que diziam que a familiaridade com a prática do paganismo resultava em maior santificação. A ligação desta com o que já sabemos de seu ensino, parece que a sua doutrina era um ensinamento proto-gnóstico em que os cristãos alcançavam novos e maiores níveis de santificação por imersão nas profundezas do satanismo: adoração de ídolos, cometendo fornicação, entrando em toda a extensão para as depravações das nações ao redor deles, pecando mais para que a graça não falte”.²²

A esses “cristãos” citados acima cabe aqui o que Paulo disse em Romanos 3.8; 6.1, 2:

“E por que não dizemos, como alguns, caluniosamente, afirmam que o fazemos: Pratiquemos males para que venham bens? A condenação destes é justa”.

“Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante?

De modo nenhum! Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos?”

Os que não conheceram *“as coisas profundas de Satanás”* são aqueles que conheceram as coisas profundas de Deus por meio de Cristo.

O apóstolo Paulo fala sobre isso em 1ª Coríntios 2.10:

“Mas Deus no-lo revelou pelo Espírito; porque o Espírito a todas as coisas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus”.

O ensino de Jezabel, e as coisas profundas de Satanás, são um deboche contra o verdadeiro ensino de Cristo.

“...tão-somente conservai o que tendes, até que eu venha”.

(Apocalipse 2.25)

Aqui Jesus pede para aqueles que não se contaminaram com as doutrinas de Jezabel e dos nicolaítas, para que eles jamais se cansem de fazer o bem. *“E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos”.* (Gálatas 6.9)

Já vimos anteriormente que nem tudo o que se chama “vinda” de Cristo seria uma referência a Segunda Vinda no fim dos séculos. Essa “vinda” aqui em questão deve de ser aquela em juízo ocorrida quando Jerusalém foi cercada de exércitos. O fato de eles terem que conservar a fé até que o Senhor venha, significa que eles estariam vivos para verem tal evento.

“Ao vencedor, que guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei autoridade sobre as nações, e com cetro de ferro as regerà e as reduzirá a pedaços como se fossem objetos de barro...”

(Apocalipse 2.26, 27)

Quem não vence, automaticamente não faz o bem até o fim, e com isto, prova que não é cristão, pois não é *“mais que vencedor”*. Aqui Jesus faz referência ao Salmo messiânico que diz:

“Pede-me, e eu te darei as nações por herança e as extremidades da terra por tua possessão.

Com vara de ferro as regerás e as despedaçarás como um vaso de oleiro”.

(Salmo 2.8-9)

No Salmo em questão, Deus Pai dá ao Filho (Jesus), toda a terra por herança. Em Apocalipse 2.26, 27 é a vez de o Filho transferir para os crentes à autoridade e poder sobre as nações. Tal promessa deveria ser recebida pela fé, pois naquela ocasião em que Roma era o único poder na terra que despedaçava e regia as nações, parecia improvável ou uma utopia essa promessa de Jesus.

A igreja em seu trabalho de pregar o evangelho e discipular as nações, caminha para o clímax em que todas as nações serão conquistadas pelo poder de Deus. Isto demora tempo. Aqueles crentes do primeiro século não viram o cumprimento integral dessa promessa, mas o que diz em Hebreus 11.13 aplica-se a eles também:

“Todos estes morreram na fé, sem ter obtido as promessas; vendo-as, porém, de longe, e saudando-as, e confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra”.

Como resultado do poder de Cristo em conquistar as nações, no quarto século “o cristianismo se tornou a religião oficial do Império Romano. Nesta capacidade, Ele fez rege todas as nações com cetro de ferro (2:27). Ou seja, as leis cristãs substituiu as leis pagãs e a população do império foi obrigada por lei a obedecer a essas novas regras ou sofrer punições severas. A título de exemplo, essas leis

poderiam incluir a proibição de infanticídio. Além disso, há todas as razões para acreditar que, sob a providência de Deus, Cristo novamente e ainda de maneira mais completa, governará as nações, tanto no tempo bem como na eternidade”.²³

“...assim como também eu recebi de meu Pai, dar-lhe-ei ainda a estrela da manhã.

Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas”.

(Apocalipse 2.28, 29)

No tempo de Moisés, Deus prometeu aos judeus que daria uma estrela a eles:

“Vê-lo-ei, mas não agora; contemplá-lo-ei, mas não de perto; uma estrela procederá de Jacó, de Israel subirá um cetro que ferirá as têmperas de Moabe e destruirá todos os filhos de Sete”.

(Números 24.17)

Isto se cumpriu em Cristo, pois Ele é a estrela prometida:

“Eu, Jesus, enviei o meu anjo para vos testificar estas coisas às igrejas. Eu sou a Raiz e a Geração de Davi, a brilhante Estrela da manhã”. (Apocalipse 22.16)

Quando Cristo diz que dará a estrela da manhã, Ele está dizendo por trás do simbolismo que a nossa recompensa final é a sua própria Pessoa.

Introdução

O capítulo 3 de Apocalipse é sobre as igrejas de Sardes, Filadélfia e Laodicéia (encerrando assim as cartas enviadas para as sete igrejas da Ásia).

Capítulo 3 _____

Carta à Igreja em Sardes

“Ao anjo da igreja em Sardes escreve: Estas coisas diz aquele que tem os sete Espíritos de Deus e as sete estrelas: Conheço as tuas obras, que tens nome de que vives e estás morto”. (Apocalipse 3.1)

De acordo com o estudioso Ralph E. Bass, Jr., “Sardes era uma cidade na província romana da Ásia, no Ocidente do que é hoje a Turquia asiática. Foi a capital do antigo reino de Lidia, a maior das potências estrangeiras encontradas pelos gregos durante a sua colonização precoce da Ásia Menor”.¹

Dennis Allan nos explica que “a cidade antiga de Sardes, hoje apenas ruínas perto da atual vila de Sarte na Turquia, considerava-se impenetrável. Foi situada numa rota comercial importante no vale do Hermo, com a parte superior da cidade (a acrópole) quase 500 metros acima da planície, nos rochedos íngremes do vale. Era uma cidade próspera, em parte devido ao ouro encontrado no Pactolos, um ribeiro que passava pela cidade.

A cidade antiga fazia parte do reino lídio. Pela produção de ouro, prata, pedras preciosas, lã, tecido, etc., se tornou próspera. Os lídios foram o primeiro povo antigo a cunhar regularmente moedas. Em 546 a.C., o rei lídio, Croeso, foi derrotado pelos persas (sob Ciro o Grande). Soldados persas observaram um soldado de Sardes descer os rochedos e, depois, subiram pelo mesmo caminho para tomar a cidade de surpresa durante a noite. Assim, a cidade inexpugnável caiu quando o inimigo chegou como ladrão na noite! Em 334 a.C., a cidade se

rendeu a Alexandre o Grande. Em 214 a.C., caiu outra vez a Antíoco o Grande, o líder selêucido da Síria. Durante o período romano, pertencia à província da Ásia, mas nunca mais recuperou o seu prestígio. Era uma cidade com um passado glorioso e um presente de pouca importância em termos políticos e comerciais”.²

“Conheço as tuas obras, que tens nome de que vives e estás morto”.

Ainda segundo Dennis Allan “esta frase ilustra perfeitamente a diferença importante entre reputação e caráter. A reputação é a fama da pessoa, o que os outros acham que ela é. O caráter é a essência real da pessoa, o que realmente é. As outras pessoas podem ver somente por fora, mas Jesus vê o homem interior e sonda os corações. Ele não pode ser enganado por ninguém. A igreja de Sardes teve a reputação de ser ativa e viva, mas Jesus sabia que estava quase morta. Ele não fala de perseguição romana, nem de conflitos com falsos judeus. Não cita nenhum caso de falsos mestres seduzindo o povo ao pecado. Ele fala de uma igreja aparentemente em paz e tomada por indiferença e apatia. A boa fama não ocultou a verdadeira natureza desta congregação dos olhos do Senhor”.³

“Sê vigilante e consolida o resto que estava para morrer, porque não tenho achado íntegras as tuas obras na presença do meu Deus”.

(Apocalipse 3.2)

De acordo com Ralph E. Bass, Jr. “duas vezes durante a história de Sardes, a acrópole tinha caído nas mãos de um inimigo, como resultado de uma falta de vigilância por parte dos seus cidadãos. Sardes tinha sido capturada porque os guardas da cidade dormiam em serviço. Aqui Cristo está usando este precedente histórico para lembrá-los do perigo de deixar de estar vigilantes. A história desta igreja é uma duplicação de experiências passadas; o caráter dessas pessoas permanece inalterado. Suas falhas são ainda as mesmas; portanto, seu destino deve ser o mesmo”.⁴

“Lembra-te, pois, do que tens recebido e ouvido, guarda-o e arrepende-te. Porquanto, se não vigiares, virei como ladrão, e não conhecerás de modo algum em que hora virei contra ti”.

(Apocalipse 3.3)

No original grego, poderíamos interpretar como “*por que meios*”, “*de que maneira*” tens recebido e ouvido. Assim, eles “não estão sendo convidados a lembrar-se no que acreditavam, mas sobre “como” eles receberam a mensagem do evangelho. No entanto, não nos é dito no contexto “como” foi. Teria sido em meio à perseguição e ao custo muito pessoal para eles? Não é dito, mas, no entanto, tão importante foi que eles são chamados à lembrança...”⁵

“Porquanto, se não vigiares, virei como ladrão, e não conhecerás de modo algum em que hora virei contra ti”.

Temos aqui uma “vinda” de punição, não a Segunda Vinda no fim dos séculos. Exaustivamente neste comentário tenho falado sobre as diversas “vindas” de Cristo. Na página 62 deste e-book há um estudo completo sobre a questão dos seis tipos de “vindas” de Cristo encontradas nas Escrituras Sagradas.⁶

O “vir” como ladrão é uma “alusão mordaz para duas instâncias do passado trágico quando a cidade foi tomada de surpresa: por um ataque noturno a partir de Ciro da Pérsia e novamente sob Antíoco, o Grande”.⁷ Caso os de Sardes não se arrependam, sofrerão um ataque subido da parte de Cristo.

“Tens, contudo, em Sardes, umas poucas pessoas que não contaminaram as suas vestiduras e andarão de branco junto comigo, pois são dignas”. (Apocalipse 3.4)

“Sardes era conhecida pela sua indústria de lã e confecção de vestuário”.⁸ A alusão às vestes cai bem nesse contexto da cidade de Sardes. Se eles tinham orgulho de sua produção de roupas, obviamente tinham cuidado com a qualidade de sua produção. Assim, vestes brancas, livres de contaminação sugerem pureza espiritual. Se na produção de roupas eles tinham cuidado, o mesmo não foi com as vestes espirituais, e pior, poucas pessoas não se contaminaram.

“O vencedor será assim vestido de vestiduras brancas, e de modo nenhum apagarei o seu nome do Livro da Vida; pelo contrário, confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos.

Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas”.

(Apocalipse 3.5, 6)

Note que o vencedor “*será*” vestido de vestiduras brancas e não ele próprio irá se vestir. Isto indica a graça de Deus, o caminho pelo qual é Deus quem prepara a veste para o ser humano pecador. Isto nos faz lembrar de nossos primeiros pais quando fez “*o SENHOR Deus vestimenta de peles para Adão e sua mulher e os vestiu*”. (Gênesis 3.21)

A tentativa frustrante de Adão e Eva de se vestirem de “*folhas de figueira*” ao perceberem que estavam nus, é a tentativa da religião que tenta salvar o homem por seus méritos próprios. Mas, somente Deus é quem pode nos vestir.

“...e de modo nenhum apagarei o seu nome do Livro da Vida”.

Estamos aqui diante de uma promessa, não de uma condenação! Por incrível que possa parecer, muitos pastores conseguiram transformar essa promessa de Jesus em condenação, ao afirmarem que o Senhor pode apagar um nome do Livro da Vida. Quando João escreveu essas palavras, os governantes mantinham um registro dos cidadãos da cidade. Se alguém morresse, ou cometesse um crime sério, seu nome era riscado desse registro. No caso de Apocalipse 3.5 Jesus promete agir diferente. É justamente nesse texto que vemos o cumprimento da promessa que Jesus fez ainda em vida quando disse: “— *Se uma pessoa afirmar publicamente que pertence a mim, eu também, no Dia do Juízo, afirmarei diante do meu Pai, que está no céu, que ela pertence a mim*” (Mateus 10.32 – NTLH - Nova Tradução na Linguagem de Hoje). Isto quer dizer que se em vida confessarmos a Jesus, um dia diante do Pai ele confessará nossos nomes. É isto uma garantia, uma promessa de um Deus que não pode mentir! Para mais informações sobre a segurança da salvação, sugiro a leitura de meu e-book “*Salvação não se perde... É Eterna!!!*”

Carta à Igreja em Filadélfia

“Ao anjo da igreja em Filadélfia escreve: Estas coisas diz o santo, o verdadeiro, aquele que tem a chave de Davi, que abre, e ninguém fechará, e que fecha, e ninguém abrirá...”. (Apocalipse 3.7)

Segundo Dennis Allan, “as únicas referências bíblicas a Filadélfia se encontram no Apocalipse (1:11; 3:7). A cidade de Filadélfia gozava uma localização estratégica de acesso entre os países antigos de Frígia, Lídia e Mísia. Foi fundada pelo rei de Pérgamo, Atalo, cerca de 140 a.C. Ele foi conhecido por sua lealdade ao seu irmão, assim dando origem ao nome da cidade (Filadélfia significa amor fraternal). A região produzia uvas e o povo especialmente honrava Dionísio, o deus grego do vinho. A cidade servia como base para a divulgação do helenismo às regiões de Lídia e Frígia. Foi localizada num vale no caminho entre Pérgamo e Laodicéia. Filadélfia foi destruída por um terremoto em 17 d.C. e reconstruída pelo imperador Tibério. Em alguns momentos de sua história, a cidade recebeu nomes mostrando uma relação especial ao governo romano. Depois de ser reconstruída, foi chamada brevemente de Neocesaréia. Durante o reinado de Vespasiano, foi também chamada de Flávia (nome da mulher dele, e a forma feminina de um dos nomes dele). Atualmente, a cidade de Alasehir fica no mesmo lugar, construída sobre as ruínas de Filadélfia”.⁹

“Estas coisas diz o santo, o verdadeiro, aquele que tem a chave de Davi, que abre, e ninguém fechará, e que fecha, e ninguém abrirá...”.

Santo e verdadeiro são características divinas. “Chave” é um símbolo de autoridade nas Escrituras. Sobre o “abrir” e “fechar”, isto significa que Cristo tem o poder Absoluto sobre todas as coisas. Todas as suas promessas podem ser cumpridas à risca. Segundo Dennis Allan “esta linguagem vem de Isaías 22:20-24, onde a autoridade sobre Jerusalém e sobre Judá é transferida a Eliaquim. A chave representa

autoridade e poder. Jesus, como descendente real de Davi, controla o acesso ao reino de Deus. Ele abre, e ninguém é capaz de fechar. Ele fecha, e ninguém consegue abrir”.¹⁰

Ralph E. Bass, Jr. cita que “esse versículo seria de conforto especial para os judeus excomungados por sua fé em Cristo. Para eles, a porta da sinagoga tinha sido fechada e não seria mais aberta. Essas palavras de conforto assegura a comunidade judaica cristã que a verdadeira porta para Deus foi aberta por Cristo e não podia ser fechada por aqueles que falsamente afirmam ser “o verdadeiro povo de Deus”.¹¹

“Conheço as tuas obras — eis que tenho posto diante de ti uma porta aberta, a qual ninguém pode fechar — que tens pouca força, entretanto, guardaste a minha palavra e não negaste o meu nome”.

(Apocalipse 3.8)

Provavelmente, essa “porta aberta” são os privilégios descritos nos versículos 9 e 10. A “pouca força” deve de ser que essa igreja não era muito importante na sociedade, e nem tinha membros de posição social elevada. Essa igreja parece se enquadrar naquilo que Paulo escreveu aos coríntios:

“Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento; pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes...”.

(1ª Coríntios 1.26-27)

“...entretanto, guardaste a minha palavra e não negaste o meu nome”.

Muito provavelmente refere-se às perseguições sofridas naquele tempo, em que os crentes eram levados aos tribunais e obrigados a renunciar e denunciar o nome de Cristo.

“Eis farei que alguns dos que são da sinagoga de Satanás, desses que a si mesmos se declaram judeus e não são, mas mentem, eis que os farei vir e prostrar-se aos teus pés e conhecer que eu te ameí”.

(Apocalipse 3.9)

Os judeus foram os primeiros e mais violentos perseguidores da igreja de Cristo. Ao classificar os judeus como “*sinagoga de Satanás*”, Cristo está indo de acordo com aquilo que falou quando esteve na terra.

Observe:

“Vós sois do diabo, que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhe os desejos. Ele foi homicida desde o princípio e jamais se firmou na verdade, porque nele não há verdade. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira”.

(João 8.44)

O “*prostrar-se aos teus pés*” significa vitória sobre um inimigo. Aqui parece ser uma alusão a Isaías 60.14: “*Também virão a ti, inclinando-se, os filhos dos que te oprimiram; prostrar-se-ão até às plantas dos teus pés todos os que te desdenharam e chamar-te-ão Cidade do SENHOR, a Sião do Santo de Israel*”. Sendo a igreja o Israel de Deus, logo, essa palavra cabe e se cumpre nela.

“Porque guardaste a palavra da minha perseverança, também eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro, para experimentar os que habitam sobre a terra”.

(Apocalipse 3.10)

Os crentes de hoje afirmam que essa “*provação*” é uma referência a Grande Tribulação e que esta será um evento global. Ao contrário disso, o juízo de Deus através da Grande Tribulação já aconteceu no primeiro século. Embora “a maior parte dela está focada em Jerusalém, outra parte está vindo sobre o mundo inteiro (3:10), ou seja, o Império Romano. Este “mundo” é o οἰκουμένη (oikoumene) palavra grega, que significa “terra habitada”, e não a palavra γῆ (GE), “terra” ou “a terra”. Isto quer dizer que Ele iria isentá-los dos julgamentos severos de

perseguição que viria logo sob a Ásia e seriam experimentados por todos os países ao seu redor...”.¹²

Ainda sobre a “*provação que há de vir sobre o mundo inteiro*”, caso fosse intenção referir-se ao planeta inteiro e todos os seus países, João poderia também ter usado a palavra grega “kosmos” ao invés de “oikoumene”.

Atualmente, muitos afirmam que o “*guardarei da hora da provação*” significa que a igreja será arrebatada antes da Grande Tribulação. Nada há no versículo que indique que a igreja seria tomada fisicamente através do arrebatamento. O próprio contexto desmente tal ideia, pois o assunto em questão não é o fim do mundo, mesmo porque estamos diante do começo do Apocalipse. Se fosse uma referência ao arrebatamento, como ficaria “a próxima igreja, Laodicéia (o chamado período adicional na história da igreja), como é que ela se encaixa nesse final de cena mundial? E se assim fosse, qual o valor que seria essa promessa para a igreja de Filadélfia?”¹³

A ideia de um arrebatamento no sentido de “buscar” ou simplesmente “tirar” a igreja da terra, vai contra o que Jesus disse em João 17.15: “*Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal*”. Quando Jesus promete que guardaria a igreja de Filadélfia da hora da provação, significa que mesmo em meio a tribulação, eles seriam capazes de suportá-la.

“Venho sem demora. Conserva o que tens, para que ninguém tome a tua coroa”. (Apocalipse 3.11)

Qual deveria ser a reação dos primeiros leitores de João sobre esse vir sem demora? Para quê “conservar” o que tens se essa promessa de vinda atrasaria milênios? Dizer que houve um atraso divino seria algo absurdo e fora de contexto. Na página 54 deste e-book há um comentário sobre as expressões “*em breve*” e “*sem demora*” encontradas no Apocalipse.

“Ao vencedor, fê-lo-ei coluna no santuário do meu Deus, e daí jamais sairá; gravarei também sobre ele o nome do meu Deus, o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém que desce do céu, vinda da parte do meu Deus, e o meu novo nome.

Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas”.

(Apocalipse 3.12, 13)

Segundo Ralph E. Bass, Jr. “esta passagem pode ser melhor compreendida à luz da cultura da época. Na Filadélfia os que eram servos fiéis da cultura do estado tinha seu nome inscrito em pilares no templo de um deus; para os sacerdotes notáveis, um pilar memorial foi adicionado para demonstrar que eles eram o apoio do edifício. A Bíblia em vários lugares refere-se ao povo de Deus usando “linguagem templo” também”.¹⁴

Observe:

1ª Pedro 2.5: “...também vós mesmos, como pedras que vivem, sois edificadas **casa espiritual** para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo”.

2ª Coríntios 6.16: “*Que ligação há entre o santuário de Deus e os ídolos? Porque nós **somos santuário** do Deus vivente, como ele próprio disse: Habitarei e andarei entre eles; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo”.*

1ª Coríntios 3.16, 17: “*Não sabeis que **sois santuário** de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá; porque **o santuário de Deus, que sois vós, é sagrado**”.*

1ª Coríntios 6.19: “*Acaso, não sabeis **que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo**, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos?”*

Gálatas 2.9: “...e, quando conheceram a graça que me foi dada, Tiago, Cefas e João, que eram reputados **colunas**, me estenderam, a mim e a Barnabé, a destra de comunhão, a fim de que nós fôssemos para os gentios, e eles, para a circuncisão...”. (o grifo é meu)

Ser “coluna no santuário de Deus” é o equivalente a garantia da salvação eterna. A coluna quando fixada, não sai mais de lá.

“...santuário do meu Deus... o nome do meu Deus... cidade do meu Deus... da parte do meu Deus...”.

As Testemunhas de Jeová usam este versículo para tentar negar a divindade de Jesus Cristo. Elas afirmam que por *quatro vezes* Jesus reconhece que há um Deus acima de si mesmo, e assim, concluem que Jesus não pode ser Deus. O que elas ignoram é que existe um reconhecimento mútuo dentro da Trindade. O Espírito Santo testifica acerca do Filho, o Filho acerca do Pai e vice-versa. Assim como o Filho reconhece a divindade do Pai chamando-o de “*meu Deus*”, o Pai também reconhece a divindade do Filho chamando-o também de Deus, veja:

*“Ainda, quanto aos anjos, diz: Aquele que a seus anjos faz ventos, e a seus ministros, labareda de fogo; **mas acerca do Filho: O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre; e: Cetro de eqüidade é o cetro do seu reino**”.* (Hebreus 1.7, 8 – o grifo é meu)

Na tentativa de negar isto, os tradutores das Testemunhas de Jeová traduziram erroneamente este versículo de Hebreus. Veja como ele ficou na “Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas” das Testemunhas de Jeová:

*“Também, com referência aos anjos, ele diz: “E ele faz os seus anjos espíritos e os seus servidores públicos, chama de fogo.” Mas, com referência ao Filho: **“Deus é o teu trono para todo o sempre, e [o] cetro do teu reino é o cetro da retidão**”.* (o grifo é meu)

Ao traduzirem “**Deus é o teu trono para todo o sempre**” eles acabaram sem querer enfatizando que Jesus é Deus e, por

consequência, rebaixaram Deus, o Pai. O raciocínio é simples; uma vez que Deus é o trono de Jesus, logo Jesus é Deus. Quem é maior, o que se assenta no trono ou o trono? É claro que é quem se assenta no trono!

Carta à Igreja em Laodicéia

“Ao anjo da igreja em Laodicéia escreve: Estas coisas diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus...”

(Apocalipse 3.14)

“Laodicéia era uma cidade do sudoeste da Frígia, na província romana da Ásia, no Ocidente do que é hoje a Turquia asiática. Foi fundada pelo selêucida Antíoco II, no século 3 a.C.,”¹⁵ que a chamou de Laodicéia em homenagem a sua esposa Laódice.

Segundo Dennis Allan “o vale de Lico, na Ásia Menor, tinha três cidades principais: Colossos, conhecida por suas fontes de água fria, Hierápolis, conhecida por suas fontes de águas termais, e Laodicéia, conhecida por sua igreja morna, que causou enjôo no seu Senhor, Jesus Cristo.

A igreja em Laodicéia é citada no Apocalipse (aqui e em 1:11) e na carta de Paulo aos colossenses (4:13-16). As cidades de Laodicéia, Colossos e Hierápolis (veja Colossenses 4:13) ficavam no vale do rio Lico. Laodicéia situava-se no local da cidade moderna de Denizli, Turquia, no cruzamento de estradas principais da Ásia Menor. Antigamente, a água da cidade vinha via aquedutos das fontes termais ao sul da cidade. Até chegar em Laodicéia, a água ficava morna. A qualidade dela não era boa, e a cidade ganhou a reputação de ter água não potável. Ao engolir esta água, muitas pessoas vomitavam. Semelhantemente, Jesus sentiu vontade de vomitar de sua boca a igreja de Laodicéia (3:15-16).

Outras características de Laodicéia servem como base para a linguagem desta carta. Foi conhecida como um centro bancário (3:17-18). A região produzia lã preta (3:18) e um tipo de colírio para os olhos (3:19)”¹⁶

“Estas coisas diz o Amém...”

A palavra “amém” é de origem hebraica. Ela significa concordância. Portanto, Cristo é o amém de Deus para Suas promessas. *“Porque quantas são as promessas de Deus, tantas têm nele o sim; porquanto também por ele é o amém para glória de Deus, por nosso intermédio”*. (2ª Coríntios 1.20)

“...a testemunha fiel e verdadeira...”

Esta é a segunda vez que Cristo identifica-se como a *“testemunha fiel”* (Apocalipse 1.5). Ambos os títulos, “testemunha fiel e verdadeira” são combinados na mesma Pessoa.

“...o princípio da criação de Deus...”

As Testemunhas de Jeová usam esta parte do versículo para dizer que **Jesus** não é eterno e que Ele teria sido à primeira criação de Deus Pai. A palavra *“princípio”* no grego é arche (ἀρχή), e é a palavra raiz de nossas palavras de cargos de posição tais como, arcebispo, arquiteto, arquétipo etc. Não está se dizendo que Cristo seria a primeira criação de Deus, pelo contrário, significa que Cristo é o originador da criação, pois foi por meio dEle que tudo foi criado. A palavra “arché” carrega a ideia de “início, origem e causa ativa”. Cristo é Aquele que é a Origem de tudo:

“Ele estava no princípio com Deus.

Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez”. (João 1.2, 3)

“Este é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele.

Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste.

Ele é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia...”.

(Colossenses 1.15-18)

Se levarmos ao pé da letra a interpretação errada das Testemunhas de Jeová, poderíamos dizer que Deus Pai também foi criado ou surgiu primeiramente. A palavra “arché” também é usada em relação a Ele, veja:

“E aquele que está assentado no trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E acrescentou: Escreve, porque estas palavras são fiéis e verdadeiras.

*Disse-me ainda: Tudo está feito. Eu sou o Alfa e o Ômega, o **Princípio e o Fim**. Eu, a quem tem sede, darei de graça da fonte da água da vida”.*

(Apocalipse 21.5, 6 – o grifo é meu)

Poderíamos dizer que o Pai teve começo e que também terá fim de existência? De maneira alguma! Outro significado provável sobre Cristo ser o “*princípio da Criação de Deus*”, é que além da criação física, Ele é também o originador da nova criação inaugurada pela Sua ressurreição.

“Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente. Quem dera fosses frio ou quente!

Assim, porque és morno e nem és quente nem frio, estou a ponto de vomitar-te da minha boca...”. (Apocalipse 3.15, 16)

Os crentes em geral interpretam errado estes versículos. Uns dizem que “frio” é aquele crente aplicado ao estudo da Escritura e sem os dons espirituais. O “quente” seria o crente pentecostal que crê nos dons espirituais, e por fim, o morno seria aquele que está em cima do muro. Nada melhor do que o contexto histórico e a geografia do lugar para dar explicações sobre o ser “quente”, “frio” e “morno”. As “águas termais de Hierápolis ajudavam no tratamento de alguns problemas de saúde. As águas frias de Colossos eram boas para beber. Mas as águas

mornas de Laodicéia basicamente não serviam para nada; só davam ânsia de vômito!”¹⁷

Veja o restante no comentário do tópico a seguir.

“...estou a ponto de vomitar-te da minha boca...”

“Jesus olhou para a igreja de Laodicéia, contente no seu estado de auto-suficiência e falsa confiança, e sentiu vontade de expulsá-la de sua presença”.¹⁸

Não podemos crer que ser frio é melhor do que ser morno. O fato aqui é que tanto a água fria como a quente tem um uso medicinal apropriado, mas a morna não tem valor algum. Os membros de uma igreja morna não tem um valor espiritual em sua influência local. “Eles não podem revigorar como um copo de água fria; nem podem curar como uma fonte de água mineral quente. Eles são simplesmente sem benefício para a comunidade em que vivem. [...]”

No espectro espiritual, morna é muito melhor do que fria, não obstante o fato de que ele não é tão bom quanto quente. Esta passagem está ensinando que Deus quer que sejamos água útil, quer como fria ou a quente são úteis. Mas a água morna é de nenhum uso. Ela não é boa para beber ou curar”.¹⁹

O “*vomitar-te da minha boca*” é uma ameaça de juízo, assim como Israel e outras igrejas foram ameaçadas conforme podemos ver em Levítico 18.24-28:

“Com nenhuma destas coisas vos contaminareis, porque com todas estas coisas se contaminaram as nações que eu lanço de diante de vós.

E a terra se contaminou; e eu visitei nela a sua iniquidade, e ela vomitou os seus moradores.

Porém vós guardareis os meus estatutos e os meus juízos, e nenhuma destas abominações fareis, nem o natural, nem o estrangeiro que peregrina entre vós; porque todas estas abominações fizeram os homens desta terra que nela estavam antes de vós; e a terra se contaminou.

Não suceda que a terra vos vomite, havendo-a vós contaminado, como vomitou o povo que nela estava antes de vós”. (o grifo é meu)

Em Lucas 13.7 podemos ver também juízo para quem ocupa inutilmente a terra: *“Pelo que disse ao viticultor: Há três anos venho procurar fruto nesta figueira e não acho; podes cortá-la; para que está ela ainda ocupando inutilmente a terra?”*

“...pois dizes: Estou rico e abastado e não preciso de coisa alguma, e nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu”.

(Apocalipse 3.17)

A igreja de Laodicéia vivia de aparência. Ainda que se gabasse de possuir riqueza material ou espiritual, eles na verdade, não eram pobres de espírito (Mateus 5.3). Numa realidade oposta, a igreja de Esmirna que estava em difícil situação econômica, foi chamada de rica.

“Aconselho-te que de mim compres ouro refinado pelo fogo para te enriqueceres, vestiduras brancas para te vestires, a fim de que não seja manifesta a vergonha da tua nudez, e colírio para ungires os olhos, a fim de que vejas”. (Apocalipse 3.18)

É uma humilhação para uma igreja orgulhosa que se achava rica e abastada, ter de se rebaixar para reconhecer que é miserável. A vaidade e o orgulho devem ser renunciados. O comprar aqui não é obras para a salvação, mas o “comprar” segundo graça conforme diz Isaías 55.1:

“Ah! Todos vós, os que tendes sede, vinde às águas; e vós, os que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei; sim, vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite”.

“Eu repreendo e disciplino a quantos amo. Sê, pois, zeloso e arrepende-te.

Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo”.

(Apocalipse 3.19, 20)

Quem é disciplinado por Cristo prova do seu amor. Embora desagradável, a disciplina é para que não morramos espiritualmente. *“Quanto ao perverso, as suas iniquidades o prenderão, e com os laços*

do seu pecado será detido. Ele morrerá pela falta de disciplina, e pela sua muita loucura perdido cambaleia”. (Provérbios 5:22, 23)

O versículo 20 “foi tirado do contexto inúmeras vezes para chamar os pecadores ao arrependimento e à fé em Cristo como Salvador. Na realidade, é um convite aos cristãos para acordar e ouvir o Salvador da Igreja, e deixar que Ele seja o Senhor, Ele insiste em ser. Ele promete comunhão com aqueles que obedecem”.²⁰

“Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono, assim como também eu venci e me sentei com meu Pai no seu trono.

Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas”.

(Apocalipse 3.21, 22)

Sobre este último versículo, Ralph E. Bass, Jr. diz que “superação é o tema mais importante no Apocalipse... a superação é de grande importância para o nosso Senhor.

[...]

A igreja estava enfrentando perseguição iminente. Esta é uma das razões porque o livro foi escrito, para escorar a igreja durante os dias negros que se avizinhavam. A existência de uma ‘superação’ na passagem de cada uma das sete cartas novamente fundamenta o argumento de que este livro foi escrito para as pessoas que sofreram perseguições e morte”.²¹

No final das contas, o próprio livro do Apocalipse esclarece que o “vencedor” é aquele que:

“Eles, pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho que deram e, mesmo em face da morte, não amaram a própria vida”. (Apocalipse 12.11)

Introdução

“Porque a ocasião de começar o juízo pela casa de Deus é chegada; ora, se primeiro vem por nós, qual será o fim daqueles que não obedecem ao evangelho de Deus?” (1ª Pedro 4.17)

Embora muitos tentaram trazer estas palavras para os nossos dias, todavia, elas foram escritas especificamente para a igreja do primeiro século. Aquele foi o momento em que Deus estava pondo sua casa em ordem. Antes da destruição de Jerusalém que ocorreu no ano 70 d.C., foi necessário que Deus trouxesse o juízo para que sua casa ficasse limpa. Isto é refletido nas sete igrejas da Ásia que vimos nos capítulos 2 e 3 de Apocalipse. Esse juízo marca claramente a preparação da transição entre o templo terreno de Jerusalém – que foi destruído – e o novo Templo, que é a reivindicação cristã para ser o novo templo de pedras vivas. A igreja é herdeira tanto do templo como do sacerdócio.

No livro do Apocalipse, o leitor é introduzido para dentro do templo. Ali temos visões do templo, pois “há o trono celestial no santo dos santos (Apocalipse 4.2), o altar de sacrifício (Apocalipse 6.9), o altar de ouro do incenso (Apocalipse 8.3), a arca da aliança (Apocalipse 11.19) e há anjos sacerdotes com incensários (Apocalipse 8.3), trompetes (Apocalipse 8.6) e taças de libação (Apocalipse 16.2-17)”.¹

A igreja estava sendo perseguida no primeiro século. Mas, uma terrível e enorme perseguição estava prestes a ocorrer. Por isto, a igreja precisava de uma direção específica ou revelação sobre o que havia de vir. Naquele momento difícil, a igreja precisava saber quem estava no comando da situação, como as coisas deveriam acontecer e que certeza confortante eles teriam na perseguição.

A partir dos capítulos 4 e 5 temos uma clara demonstração de que os assuntos do mundo estão nas mãos do todo-poderoso. No capítulo 4, João é introduzido na sala do Trono exatamente quando se começa os julgamentos. Os capítulos 4 e 5 são uma espécie de introdução. É no capítulo 6 que os julgamentos começam.

Segundo Ralph E. Bass, Jr., “é importante reiterar que... a revelação [do Apocalipse] é sobre o encerramento da antiga aliança através da punição de Deus sobre Israel, sua ex-esposa, que cometeu adultério espiritual, bem como o estabelecimento de um novo pacto em seu casamento com uma noiva, a Igreja. Anteriormente, Deus puniu as dez tribos do norte de Israel pelo seu pecado. Deus trouxe uma ação judicial do pacto contra as dez tribos, consideradas culpadas, e divorciou-se delas, e as colocou à morte por quebrarem o pacto. Fez isto, destruindo-a como uma nação, e enviando seus sobreviventes em cativo e exílio.

A penalidade para a prostituição na Escritura é a morte. No livro do Apocalipse, a sentença que está agora sendo levada a cabo em Judá é como foi anteriormente sobre as dez tribos do norte. A nação, a cidade e o templo estão sendo destruídos; seus sobreviventes serão enviados para o cativo e exílio. O Israel do Antigo Testamento não existe mais; a antiga aliança foi abolida. Deus agora se casou com outra, a Igreja; a nova aliança está agora total e eternamente instituída”.²

Outra coisa que não pode passar em branco. É que a ideia de um arrebatamento aqui no capítulo 4 não passa de uma suposição. Não há indicação alguma de que o arrebatamento já teria acontecido nessa altura do livro.

Capítulo 4 _____

A Visão do Trono de Deus

“Depois destas coisas, olhei, e eis não somente uma porta aberta no céu, como também a primeira voz que ouvi, como de trombeta ao falar comigo, dizendo: Sobe para aqui, e te mostrarei o que deve acontecer depois destas coisas”. (Apocalipse 4.1)

O simbolismo da porta tem muito a nos dizer. A porta é aqui o meio pelo qual João poderá entrar no céu. Isto nos faz lembrar que Jesus Cristo é a única porta que garante a entrada no céu. *“Jesus, pois, lhes afirmou de novo: Em verdade, em verdade vos digo: eu sou a porta das ovelhas. Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo; entrará, e sairá, e achará pastagem”*. (João 10.7, 9)

“...a primeira voz que ouvi, como de trombeta ao falar comigo...”

A primeira voz que João ouviu foi a de Jesus Cristo em Apocalipse 1.10.

“Imediatamente, eu me achei em espírito, e eis armado no céu um trono, e, no trono, alguém sentado...” (Apocalipse 4.2)

O *“me achei em espírito”* é a segunda vez que aparece aqui em Apocalipse (ver Apocalipse 1.10). Em relação ao trono “muitos vizinhos dos cristãos da Ásia achavam que o trono principal do universo estivesse em Roma, e que o imperador sentado nele fosse o deus supremo. Outros vizinhos adoravam outros diversos deuses e

deusas. Mas João convida todos os seus leitores a enxergarem, por meio desta visão, o trono no céu e o verdadeiro Deus sentado nele. O trono de Deus é mencionado 38 vezes no Apocalipse, repetidamente frisando o tema da soberania de Deus e do seu domínio sobre os reinos da terra. A descrição da pessoa sentada no trono e do seu ambiente no céu vem nos versículos seguintes”.³

“...e esse que se acha assentado é semelhante, no aspecto, a pedra de jaspe e de sardônio, e, ao redor do trono, há um arco-íris semelhante, no aspecto, a esmeralda”. (Apocalipse 4.3)

No versículo 2 João disse que no trono estava *“alguém sentado”*. Aqui ele continua apenas dizendo sobre *“esse que se acha assentado”*, isto significa que simplesmente João não consegue palavras adequadas no vocabulário humano para descrever o Deus verdadeiro. Quando João vê a Deus, ele vê um ser pessoal, pois “não se trata de uma força impessoal, como defendem os seguidores da Nova Era e de algumas seitas orientais, mas de um Ser Pessoal, que tem nas mãos as rédeas do destino de toda a Sua Criação”.⁴

Sobre a questão de se ver a Deus, a Escritura mostra que *“ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou”*. (João 1.18) Também em 1ª Timóteo 6.16 lemos que Deus é *“o único que possui imortalidade, que habita em luz inacessível, a quem homem algum jamais viu, nem é capaz de ver”*. O Senhor Jesus Cristo ao falar a respeito do Pai, disse: *“O Pai... Jamais tendes ouvido a sua voz, nem visto a sua forma”*. (João 5.37)

A visão da Pessoa de Deus só é possível através de Cristo. Sobre esta questão, o escritor Mário Persona fez um comentário de grande proveito:

“João 1.18 (e 1 Jo 4.12) deixa claro que ninguém jamais viu a Deus, nem mesmo Moisés. O que Moisés pôde contemplar foi a glória de Deus, mas não a Sua face. Creio que não poderemos ver a Deus mesmo depois de nossa partida deste mundo. Vamos ver a Cristo, Deus feito homem, mas nunca poderemos contemplar a face de Deus fora de Cristo. Deus se manifestou, na Pessoa de Cristo, fazendo-se homem. Jesus Cristo é Deus e nEle habita a plenitude da divindade”.⁵

Uma vez que Deus, o Pai, não pode ser visto, podemos afirmar com convicção que aquele que assenta no trono “se trata do próprio Senhor Jesus, em Seu estado de glória”,⁶ segundo escreveu o bispo Hermes C. Fernandes.

Creio que a visão de Deus assentado no trono é uma forma antropomórfica de Deus se manifestar, ou seja, Deus se manifesta de maneira que o homem possa entender. Em resumo, na visão do Trono de Deus, todo “o universo é visto em uma chama de luz saindo do Trono. Mas o próprio Deus permanece oculto nessa luz. O conhecimento de Deus permanece eternamente inesgotável para o homem, mesmo no céu, pois Sua própria revelação reforça sua inesgotabilidade e incompreensibilidade”.⁷

“...assentado é semelhante, no aspecto, a pedra de jaspe e de sardônio, e, ao redor do trono, há um arco-íris semelhante, no aspecto, a esmeralda”.

É impressionante o fato de Deus apresentar-se vestido de pedras preciosas, com qualidades e cores que demonstram Sua natureza. João “jamais acharia palavras adequadas para descrever perfeitamente a aparência de Deus. Ele começa a explicar, usando comparações com coisas conhecidas, a visão que ele teve do Soberano no seu trono celestial”.⁸

O jaspe e o sardônio são “duas pedras brilhantes [que] refletem sua luz e produzem o efeito de um arco-íris ao redor do trono. Como é o caso de muitas pedras preciosas, as cores do jaspe e sardônio não são únicas e absolutas. Alguns comentaristas sugerem jaspe branco (veja 21.11, que fala de “jaspe cristalina”) e sardônio vermelho (possivelmente sárdonix), assim sugerindo, respectivamente, a santidade e a justiça de Deus. O salmista disse que “justiça e juízo” ou “justiça e direito são o fundamento” do trono de Deus (Salmo 89.14; 97.2). Outros sugerem que o jaspe fosse verde, a cor mais comum desta pedra, uma explicação que combina com a cor de esmeralda do arco-íris. Independente das cores refletidas, certamente a luz da glória de Deus e o fogo de seu poder saem do seu trono (veja Isaías 60:1-2; Daniel 7:9-10; Ezequiel 1:26-28; 10:1; Salmo 97:2-3). Esta luz mostra

seu poder para julgar e castigar. O arco-íris nos lembra, também, da benevolência de um Deus que faz aliança com as suas criaturas (Gênesis 9:12-13; Ezequiel 1:28)”.⁹

Para outras explicações mais detalhadas sobre as pedras preciosas descritas no trono de Deus, sugiro o e-book “*Apocalipse Desvendado*” também publicado pela Revista Cristã Última Chamada.

Os vinte e quatro anciãos e os quatro seres viventes

“Ao redor do trono, há também vinte e quatro tronos, e assentados neles, vinte e quatro anciãos vestidos de branco, em cujas cabeças estão coroas de ouro”. (Apocalipse 4.4)

Creio que esses vinte e quatro anciãos podem ser os doze patriarcas do Antigo Testamento junto aos doze apóstolos. Em Mateus capítulo 19.28 Jesus garantiu que os discípulos assentariam “*em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel*”. Os vinte e quatro tronos são os representantes da igreja de Cristo no céu. Nos cultos da Antiga aliança havia vinte e quatro divisões de sacerdotes e cantores (1º Crônicas 24 e 25).

“Do trono saem relâmpagos, vozes e trovões, e, diante do trono, ardem sete tochas de fogo, que são os sete Espíritos de Deus”.

(Apocalipse 4.5)

Um fenômeno semelhante encontramos quando Deus desceu no monte Sinai para estabelecer Sua aliança com Israel:

“Ao amanhecer do terceiro dia, houve trovões, e relâmpagos, e uma espessa nuvem sobre o monte, e mui forte clangor de trombeta, de maneira que todo o povo que estava no arraial se estremeceu.

E Moisés levou o povo fora do arraial ao encontro de Deus; e puseram-se ao pé do monte.

Todo o monte Sinai fumegava, porque o SENHOR descera sobre ele em fogo; a sua fumaça subiu como fumaça de uma fornalha, e todo o monte tremia grandemente.

E o clangor da trombeta ia aumentando cada vez mais; Moisés falava, e Deus lhe respondia no trovão.

Descendo o SENHOR para o cimo do monte Sinai, chamou o SENHOR a Moisés para o cimo do monte. Moisés subiu...”.

(Êxodo 19.16-20)

Ao mesmo tempo em que Deus está terminando à Antiga Aliança aqui em Apocalipse, Ele está começando outra com a igreja. Para isto, o escritor de Hebreus usa linguagem semelhante àquela do Monte Sinai para descrever a fundação de um novo pacto em Cristo, veja a seguir:

“Ora, não tendes chegado ao fogo palpável e ardente, e à escuridão, e às trevas, e à tempestade, e ao clangor da trombeta, e ao som de palavras tais, que quantos o ouviram suplicaram que não se lhes falasse mais, pois já não suportavam o que lhes era ordenado: Até um animal, se tocar o monte, será apedrejado.

Na verdade, de tal modo era horrível o espetáculo, que Moisés disse: Sinto-me aterrado e trêmulo!

Mas tendes chegado ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembléia e igreja dos primogênitos arrolados nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados, e a Jesus, o Mediador da nova aliança, e ao sangue da aspersion que fala coisas superiores ao que fala o próprio Abel”.

(Hebreus 12.18-24)

“...e, diante do trono, ardem sete tochas de fogo, que são os sete Espíritos de Deus”.

Antes desta visão, em Apocalipse 1.4, é feita referência aos sete Espíritos de Deus, provando assim que o Apocalipse não está numa ordem cronológica exata. Porque Deus tem sete Espíritos? São sete ou apenas um? Na verdade é somente um Espírito. A melhor resposta a

essa pergunta é o significado do número sete. O simbolismo do numeral sete no Livro do Apocalipse é esmagadoramente pronunciado. Sete é o número da perfeição ou plenitude qualitativa. Em Isaías 11.2 temos a confirmação de que os sete Espíritos de Deus representam apenas Um Espírito: ***“Repousará sobre ele o Espírito do SENHOR, o Espírito de sabedoria e de entendimento, o Espírito de conselho e de fortaleza, o Espírito de conhecimento e de temor do SENHOR”***. (o grifo é meu)

A descrição do Trono de Deus, dos sete Espíritos e posteriormente o Cordeiro, é uma imagem sutil da Trindade.

“Há diante do trono um como que mar de vidro, semelhante ao cristal, e também, no meio do trono e à volta do trono, quatro seres viventes cheios de olhos por diante e por detrás”. (Apocalipse 4.6)

No livro de Hebreus diz que o Templo terrestre era o modelo que havia no céu. Foi Moisés *“divinamente instruído, quando estava para construir o tabernáculo; pois diz ele: Vê que faças todas as coisas de acordo com o modelo que te foi mostrado no monte”*. (Hebreus 8.5) Portanto, os detalhes do Tabernáculo terreno do Templo representavam o original que se encontra no céu. No livro de Êxodo diz que no Tabernáculo havia uma bacia (Êxodo 30.17-21), também chamada de “mar” em 1º Reis 7.23-26. Possivelmente, *“o mar de vidro”* é uma representação da bacia no Templo de Salomão. O “mar de vidro”, semelhante ao cristal, também representa *“o Deus imortal [que] “habita em luz inacessível”* (1ª Timóteo 6.16), separado dos outros por um mar de vidro. No Velho Testamento, os sacerdotes tinham de se lavar no mar de fundição antes de chegar perto de Deus com os sacrifícios (2º Crônicas 4:1-6), assim sugerindo a importância da santificação. Deus é santo, separado de suas criaturas. Mas, na imagem de comunhão perfeita com os vitoriosos no final do livro, *“o mar já não existe”* (21:1).¹⁰

Hoje, para se lavar no mar de fundição, para termos acesso a presença de Deus, temos de ser lavados por Cristo, assim como Ele lavou os pés dos discípulos. O mar de vidro é uma representação da limpeza necessária para qualquer um que queira se aproximar de Deus.

“...quatro seres viventes cheios de olhos por diante e por detrás”.

O fato dos quatro seres viventes estarem *“cheios de olhos por diante e por detrás”* simboliza a capacidade de ver tudo. Isto significa que nada pode escapar do Soberano Deus. Isto nos remete ao texto de 2º Crônicas 16.9 que diz: *“Porque, quanto ao SENHOR, seus olhos passam por toda a terra...”*.

“O primeiro ser vivente é semelhante a leão, o segundo, semelhante a novilho, o terceiro tem o rosto como de homem, e o quarto ser vivente é semelhante à águia quando está voando”.

(Apocalipse 4.7)

Todos “os poderes da criação se resumem nessas quatro criaturas. Elas permanecem como guardas para o trono de Deus. As quatro formas sugerem tudo o que é nobre e forte, mais sábio e mais rápido na natureza. A natureza, incluindo o homem, é representada diante do Trono, tendo a sua parte no cumprimento da Vontade Divina, e a adoração da Divina Majestade”.¹¹

Esses quatro seres viventes podem servir a Deus “com grande poder [Leão], com a obediência paciente do [novilho], com a rapidez, da inteligência e da razão [do homem], e com a rapidez e perspicácia da [águia]”.¹²

“E os quatro seres viventes, tendo cada um deles, respectivamente, seis asas, estão cheios de olhos, ao redor e por dentro; não têm descanso, nem de dia nem de noite, proclamando: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, aquele que era, que é e que há de vir”. (Apocalipse 4.8)

A visão desses seres viventes é semelhante à descrita em Ezequiel 1.4-10:

“Olhei, e eis que um vento tempestuoso vinha do Norte, e uma grande nuvem, com fogo a revolver-se, e resplendor ao redor dela, e no meio disto, uma coisa como metal brilhante, que saía do meio do fogo.

Do meio dessa nuvem saía a semelhança de quatro seres viventes, cuja aparência era esta: tinham a semelhança de homem.

Cada um tinha quatro rostos, como também quatro asas.

As suas pernas eram direitas, a planta de cujos pés era como a de um bezerro e luzia como o brilho de bronze polido.

Debaixo das asas tinham mãos de homem, aos quatro lados; assim todos os quatro tinham rostos e asas.

Estas se uniam uma à outra; não se viravam quando iam; cada qual andava para a sua frente.

A forma de seus rostos era como o de homem; à direita, os quatro tinham rosto de leão; à esquerda, rosto de boi; e também rosto de águia, todos os quatro”.

“...não têm descanso, nem de dia nem de noite, proclamando: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, aquele que era, que é e que há de vir”.

Essas quatro criaturas representam toda a criação de Deus. Ao louvá-lo, elas demonstram a função que toda a criação exerce. *“Todo ser que respira louve ao SENHOR”.* (Salmo 150.6)

“Quando esses seres viventes derem glória, honra e ações de graças ao que se encontra sentado no trono, ao que vive pelos séculos dos séculos, os vinte e quatro anciãos prostrar-se-ão diante daquele que se encontra sentado no trono, adorarão o que vive pelos séculos dos séculos e depositarão as suas coroas diante do trono, proclamando...”. (Apocalipse 4.9-10)

Esta cena foi prevista pelo profeta Isaías:

“A lua se envergonhará, e o sol se confundirá quando o SENHOR dos Exércitos reinar no monte Sião e em Jerusalém; perante os seus anciãos haverá glória”. (Isaías 24.23 – o grifo é meu)

O homem natural odeia dar glória a Deus. Paulo falou sobre isto em Romanos 1.21, 23:

“...porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato.

...e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis”.

A “adoração verdadeira e real reconhece com razão que todas as coisas boas que temos têm a sua fonte em Deus, pertencem a Ele, e como resultado esses anciãos lançam suas coroas diante do trono. Esta ação reconhece que Deus é o supremo Rei, que governa sobre eles. As “*coroas*” representam seu poder e autoridade para governar como reis, e por isso, aqui entregam seu poder a Deus”.¹³

“Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas”. (Apocalipse 4.11)

Uma das razões pela qual Deus deve ser adorado é por causa da sua boa vontade de criar todas as coisas. A criação como um todo dá testemunho do poder de Deus (Atos 14.15; Apocalipse 10.6; Salmo 19.1). É muito interessante que uma das grandes lutas da igreja atualmente, tem sido justamente a respeito da criação, é a disputa entre criacionismo e evolucionismo. Por um lado, é comum que evolucionistas ateus criam que a criação surgiu por acaso, sem um Deus criador por trás de tudo. Com isto, deixam de dar a glória devida a Deus.

Introdução

O capítulo 5 do livro do Apocalipse fala sobre a sentença oficial de divórcio de Deus contra Israel. Por causa de seu adultério, a nação israelita deixa de ser a esposa de Deus, e por isto, deveria morrer. Em compensação, Deus se casa com a nova Jerusalém, a igreja.

Capítulo 5 _____

O Livro Selado com Sete Selos

“Vi, na mão direita daquele que estava sentado no trono, um livro escrito por dentro e por fora, de todo selado com sete selos.

Vi, também, um anjo forte, que proclamava em grande voz: Quem é digno de abrir o livro e de lhe desatar os selos?”

(Apocalipse 5.1-2)

Possivelmente, esse livro “escrito por dentro e por fora”, deve ter sido um pergaminho. No livro do profeta Ezequiel encontramos algo semelhante:

“Então, vi, e eis que certa mão se estendia para mim, e nela se achava o rolo de um livro.

Estendeu-o diante de mim, e estava escrito por dentro e por fora; nele, estavam escritas lamentações, suspiros e ais”.

(Ezequiel 2.9-10)

Certamente, ninguém iria escrever em um pergaminho por dentro e por fora, a não ser que houvesse falta do material. Para se escrever dos dois lados, além da falta de material, há a possibilidade de “uma abundância de conteúdo, de modo que pressionando sua urgência para que cada centímetro fosse usado para se obter tudo. Em outras palavras, este deslocamento implica que as acusações e provas contra Israel foram esmagadoras”.³

Para que o livro pudesse ser lido, seus selos teriam que ser todos quebrados de uma só vez. Mas, uma leitura cuidadosa da passagem mostra que, durante a quebra dos selos, nenhuma ação ocorre. O mais

que os capítulos 6 e 7 fazem é apenas apresentar ao leitor os principais personagens, as forças e as circunstâncias com que o restante da seção está em causa. Eles são preparatórios para a ação, que acontecerá uma vez que o livro estiver aberto”.⁴

Se o livro aqui em questão não for um pergaminho, mas apenas um livro dobrado, na cultura hebraica existia algo semelhante a isto. Havia um documento hebraico que era dobrado e selado. Tal documento “teria muitos selos bem como havia dobras”.⁵

Uma curiosidade interessante é que esse livro dobrado “originou-se com os sacerdotes que queriam se divorciar de suas esposas. Como já dissemos anteriormente, o Apocalipse é sobre Deus se divorciando de Israel e se casando com a Igreja. O fato de que ele foi usado em casos de divórcio é interessante.... O livro pode facilmente ser um projeto de lei de divórcio; o Cordeiro se divorcia da infiel Jerusalém e se casa com a nova Jerusalém”.⁶

Outra coisa interessante é a constante presença do número sete. Temos nos juízos divinos contra Israel sete selos, sete trombetas e sete taças. Aqui pode ser sugerido que Israel teria tempo para se arrepender entre um juízo e outro. Encontramos no Antigo Testamento sentenças de advertência para Israel com o uso do número sete, observe:

“Se ainda assim com isto não me ouvirdes, tornarei a castigar-vos sete vezes mais por causa dos vossos pecados”. (Levítico 26.18)

“E, se andardes contrariamente para comigo e não me quiserdes ouvir, trarei sobre vós pragas sete vezes mais, segundo os vossos pecados”. (Levítico 26.21)

“...eu também serei contrário a vós outros e eu mesmo vos ferirei sete vezes mais por causa dos vossos pecados”. (Levítico 26.24)

“...eu também, com furor, serei contrário a vós outros e vos castigarei sete vezes mais por causa dos vossos pecados”.

(Levítico 26.28)

Por ter violado a aliança, o momento dessas profecias de Levítico havia chegado a Israel. Aqui no capítulo 5 a nação começa a ser punida

sete vezes por Deus. O “livro com sete selos é a sentença proferida pelo juiz contra Jerusalém, por seu derramamento *‘de todo o sangue justo’* dos mártires (Mateus 23.35)”.⁷

Sobre os sete selos do livro, estamos diante de um divórcio e julgamento realizado por Deus contra sua antiga esposa, a nação de Israel. No Antigo Testamento, Deus se casou com Israel conforme Ezequiel 16.8, 31-32, mas conforme descrito em outros textos, Deus ameaçou Israel com a carta de divórcio:

“Assim diz o SENHOR: Onde está a carta de divórcio de vossa mãe, pela qual eu a repudiei? Ou quem é o meu credor, a quem eu vos tenha vendido? Eis que por causa das vossas iniquidades é que fostes vendidos, e por causa das vossas transgressões vossa mãe foi repudiada”.

(Isaías 50.1)

“Quando, por causa de tudo isto, por ter cometido adultério, eu despedi a pérfida Israel e lhe dei carta de divórcio, vi que a falsa Judá, sua irmã, não temeu; mas ela mesma se foi e se deu à prostituição”.

(Jeremias 3.8)

Aqui em Apocalipse, toda à ameaça de divórcio vinda da parte de Deus torna-se real, e o que resta é somente *“lamentações, suspiros e ais”* (Ezequiel 2.9-10).

Somente o Cordeiro é Digno de Abri-lo

“Ora, nem no céu, nem sobre a terra, nem debaixo da terra, ninguém podia abrir o livro, nem mesmo olhar para ele...”.

(Apocalipse 5.3)

Porque ninguém era digno de abrir o livro e desatar os selos? Abrir o livro e desatar seus selos seria o mesmo que participar de um apedrejamento contra a nação adúltera de Israel. Na ocasião em que uma mulher foi apanhada em flagrante adultério, alguns disseram a Jesus: *“Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério. E*

na lei nos mandou Moisés que tais mulheres sejam apedrejadas; tu, pois, que dizes?” (João 8.4-5)

O Único Justo ali presente era Jesus. Mais ninguém ali era justo para condenar ou absorver quem quer que seja. Por isto, a resposta de Jesus foi única: *“Como insistissem na pergunta, Jesus se levantou e lhes disse: Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra”*. (João 8.7)

Portanto, ninguém nem no céu e nem na terra era justo para poder apedrejar a nação adúltera de Israel. Mesmo entre os remidos, os vinte quatro anciãos, não podiam participar do apedrejamento, pois eles mesmos já tiveram pecado. Por outro lado, os anjos ali presentes, também “não estavam qualificados para julgar porque nunca [passaram pela experiência] ou tiveram algum êxito para resistir às tentações do pecado. Assim, num primeiro momento, não foram encontrados no céu nenhum digno de atirar a primeira pedra”.⁸

“...e eu chorava muito, porque ninguém foi achado digno de abrir o livro, nem mesmo de olhar para ele.

Todavia, um dos anciãos me disse: Não chores; eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos”.

(Apocalipse 5.4-5)

Porque João chorou? Seria porque, talvez, ele achasse que o pecado de Israel ficaria sem punição? Note que a falta de alguém digno de abrir o livro estava somente entre as criaturas de Deus. Assim, a solução para o pecado fica novamente centrada em Deus, pois somente Ele é Capaz, Justo e Digno de resolver o problema do pecado. É aqui que aparece em cena o vitorioso Deus, na Pessoa de Jesus Cristo, o Único Digno e sem pecado.

“Então, vi, no meio do trono e dos quatro seres viventes e entre os anciãos, de pé, um Cordeiro como tendo sido morto. Ele tinha sete chifres, bem como sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus enviados por toda a terra”. (Apocalipse 5.6)

O Cordeiro aqui é Jesus Cristo. Esta é a primeira vez que Ele é chamado de “Cordeiro” no Apocalipse. Jesus é chamado de Cordeiro pelo menos 30 vezes no livro do Apocalipse. Sobre Ele, João Batista disse: *“No dia seguinte, viu João a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!”* (João 1.29). Note que em Apocalipse, o Cordeiro (Jesus) é visto *“como tendo sido morto”*. As marcas de sua morte ainda estão nele mesmo no céu. Mesmo depois da ressurreição, com um corpo agora glorificado, as marcas permaneceram em Jesus. Observe o que Ele disse a Tomé após a ressurreição: *“E logo disse a Tomé: Põe aqui o dedo e vê as minhas mãos; chega também a mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente”*. (João 20.27)

Possivelmente, essas marcas serão eternas no Cordeiro, como um testemunho eterno de Sua obra de salvação. É no sangue do Cordeiro que somos lavados de nossos pecados. Somente Ele é a fonte da salvação (Apocalipse 7.14, 17). Quando a Escritura chama Jesus de “Cordeiro”, não significa algo como “manso” e “suave”, mas que seu destino e papel era para ser sacrificado pelos nossos pecados. Para o sacrifício Ele é o Cordeiro, mas em sua natureza é o Leão da Tribo de Judá, o governante auto-confiante e autoritário.

Seus sete chifres simbolizam seu Poder. Os olhos simbolizam sua onisciência. Temos aqui claramente revelada a Divindade de Jesus Cristo.

“Veio, pois, e tomou o livro da mão direita daquele que estava sentado no trono...”. (Apocalipse 5.7)

Temos aqui uma cena de intimidade. Jesus é o Único que pode se aproximar do Pai para tomar o livro. A vigilância dos quatro seres viventes e a dos anjos, não foram empecilhos para a aproximação do Filho no lugar especial da morada de Deus, o Trono. O “Filho entra

pela direita da relação familiar. Ele é igual ao Pai. É evidente que a divindade de Jesus Cristo novamente atrai a nossa atenção nesta cena de intimidade do Filho com o Pai”.⁹

Embora a visão de Deus Pai assentado no Trono possa ser somente vista através de Cristo, temos aqui uma clara distinção entre as pessoas da Trindade. Deus não é uma Única Pessoa, mas é três Pessoas distintas que ao mesmo tempo é Um só Deus. Encontramos essa cena de Apocalipse 5.7 no livro do profeta Daniel:

“Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do Homem, e dirigiu-se ao Ancião de Dias, e o fizeram chegar até ele.

Foi-lhe dado domínio, e glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas o servissem; o seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído”.

(Daniel 7.13-14)

Aqui Daniel vê o futuro. Em Apocalipse, João vê seu cumprimento.

***“...e, quando tomou o livro, os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo cada um deles uma harpa e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos...”.* (Apocalipse 5.8)**

“Por ser achado digno de tomar o livro, Jesus se mostra digno de adoração. A adoração aprovada na Bíblia pertence exclusivamente a Deus, como o próprio Jesus afirmou (Mateus 4:10). Jesus recebe adoração diversas vezes nas Escrituras, não somente no céu, mas também durante sua jornada na terra (Mateus 15:25; 28:17; João 9:38). De fato, o Pai mandou que os anjos adorassem Jesus (Hebreus 1:6). O divino Cordeiro vencedor merece o nosso louvor”.¹⁰

“...tendo cada um deles uma harpa e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos...”.

“Num trecho cheio de símbolos baseados no Velho Testamento, encontramos mais dois. Harpas foram usadas no louvor dos judeus no templo (Salmo 43:4; 81:2), e o incenso fazia parte integral do serviço

a Deus no tabernáculo (Êxodo 30:1-9) e no templo (1 Reis 7:48-50). Nesta cena, em que os anciãos se prostram diante do Santo dos Santos celestial, eles vêm com suas harpas e taças de incenso. O significado do incenso é explicado: são as orações dos santos. Embora o altar do incenso tenha ficado do lado de fora do véu, ele pertencia ao Santo dos Santos (Hebreus 9:3-4) porque o aroma passava pelo véu e chegava à presença de Deus. Aqui entendemos que o incenso representava as orações dos santos chegando a Deus (veja Salmo 141:2).¹¹

Ainda sobre as orações dos santos, gostaria de destacar o Salmo 141.2 que diz: *“Suba à tua presença a minha oração, como incenso, e seja o erguer de minhas mãos como oferenda vespertina”*. O incenso ao ser queimado sobe como fumaça. Parece, então, que nossas orações acabam por serem perdidas no espaço. Mas, temos aqui em Apocalipse que nenhuma delas se perde diante de Deus, pois estão guardadas em *“taças de ouro”*. Isto nos serve de estímulo para que nunca deixemos de orar. *“Orai sem cessar”*. (1ª Tessalonicenses 5.17)

“...e entoavam novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação...” (Apocalipse 5.9)

Novos cânticos são compostos por causa de ocasiões especiais. No decorrer da história, diante de acontecimentos importantes, os homens têm compostos muitos cânticos. No caso em questão neste versículo, o cântico novo é por causa de tão grande livramento nunca realizado antes, a salvação por meio de Cristo.

“...e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação...”

Os calvinistas afirmam que Jesus não comprou a todos os homens, mas somente alguns, pois se assim não fosse, logo, todos necessariamente teriam sido salvos. É aqui que entro em discordância com o calvinismo. É bom que fique claro que não sou nem arminianista e nem calvinista. Qualquer rotulagem será injusta contra

a minha pessoa, pois será uma rotulagem parcial que não reflete o meu pensamento por completo.

Creio que Jesus comprou, resgatou e deixou uma salvação da qual todos podem ser participantes. Até mesmo os falsos mestres que renegam ao Senhor são considerados como pessoas que o Senhor “*os resgatou*” conforme 2ª Pedro 2.1. Para mim, está muito claro nas Escrituras que Deus amou a todos os homens e deu Jesus para salvá-los. Para receber a vida eterna é necessário crer em Jesus. Isto não é barganha, não é troca, não é regra para seguir e em seguida merecer a salvação, mesmo porque a fé é dom de Deus dado ao homem. A fé é o meio pelo qual recebemos a salvação. “*Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie*”. (Efésios 2.8-9) Para ser salvo o homem não faz nada, porque a salvação é pela graça (favor imerecido). As demais coisas, liberdade humana x Soberania de Deus, predestinação x livre-arbítrio, não posso explicá-las satisfatoriamente. Isto vai além da compreensão humana.

Sendo assim, o sacrifício de Cristo é suficiente para salvar a todos, mas é necessário ter fé. Não vou entrar em detalhes nesta discussão que já dura séculos, mas vejo como uma possível solução que usemos sempre linguagem bíblica, e não linguagem calvinista ou arminiana.

Precisamos urgentemente reconsiderar que o Novo Testamento é um documento do primeiro século, escrito num ambiente judaico-romano. Não podemos nos concentrar e interpretar a Bíblia com a mente dos reformadores Calvino, Armínio ou Lutero que viveram pelo menos quinze séculos depois de Cristo. O preterismo aqui defendido é prova disso. Os reformadores em parte ignoraram o preterismo das profecias e fizeram algumas interpretações equivocadas sobre a profecia. Não poderiam errar também a respeito da salvação, predestinação e livre arbítrio? Assim como se faz no sistema preterista, qualquer texto bíblico tem que ser analisado com cuidado e entendido dentro de seu contexto.

“...e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra. (Apocalipse 5.10)

“Jesus estabeleceu o seu reino e fez sacerdotes de todos os seus verdadeiros discípulos (1:6). O reino de Cristo existe atualmente, e os salvos fazem parte dele (Colossenses 1:13). Quando nós somos convertidos a Cristo, tornamo-nos o sacerdócio santo dele, com o privilégio de lhe oferecer sacrifícios (1 Pedro 2:5,9)”.¹²

“...e reinarão sobre a terra”.

Muitos - senão a maioria – dos crentes, acreditam que o destino final do homem é viver num Céu imaterial. Creio que o Céu para o qual iremos após a morte, também chamado de terceiro céu e paraíso, é o Jardim do Éden reconstituído em uma Nova Terra. Sobre isto, acertadamente Ralph E. Bass, Jr. escreveu que “o homem é um ser material e sempre será assim por toda a eternidade, com exceção de um breve período entre sua morte e ressurreição. O homem foi criado para reinar sobre a terra (5:10). No entanto, isso não quer dizer que o homem irá reinar somente na eternidade. Ele é chamado a reinar no tempo e na eternidade”.¹³

A única coisa que sou obrigado a discordar de Ralph é em relação ao “estado intermediário” que é o período entre a morte e a ressurreição. O estado intermediário só faz sentido para nós que vivemos presos ao tempo físico. Creio que após a morte entramos no tempo da alma, também chamado de “evo”, que é bem diferente do tempo físico. Por isto, a Bíblia chama a morte de sono. Você já reparou que no sono, num fechar e abrir de olhos, somos remetidos ao outro dia sem perceber a passagem do tempo?

Não estou dizendo que os mortos estão inconscientes conforme ensinam os Adventistas e as Testemunhas de Jeová, mas creio que no Além, o tempo intermediário é insignificante. Falarei mais sobre isto nos próximos comentários.

A Visão dos Anjos ao Redor do Trono

“Vi e ouvi uma voz de muitos anjos ao redor do trono, dos seres viventes e dos anciãos, cujo número era de milhões de milhões e milhares de milhares...” (Apocalipse 5.11)

Esta cena já havia sido vista pelo profeta Daniel:

“Um rio de fogo manava e saía de diante dele; milhares de milhares o serviam, e miríades de miríades estavam diante dele; assentou-se o tribunal, e se abriram os livros”. (Daniel 7.10)

Fico imaginando aqui como deve ter sido excepcional essa experiência de João. Se em eventos humanos, como shows, por exemplo, já nos fazem entrar quase em êxtase, imagine essa cena de louvor com milhões de seres angelicais. Fico me indagando: Qual a altura do som? E as cores? E como são os efeitos “especiais” desse espetáculo celeste? Infelizmente, a religião com sua dominação nos têm atrapalhado de enxergar e imaginar por esse prisma.

“...proclamando em grande voz: Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor”. (Apocalipse 5.12)

Temos neste versículo sete coisas das quais o Cordeiro é digno. Não devemos pensar que as atribuições do Cordeiro se limitam apenas a essas sete. O numeral sete indica “plenitude” ou “totalidade” das honras que Ele recebe.

“...o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor”.

A “linguagem aqui nos lembra do louvor oferecido por Davi em 1 Crônicas 29:10-13. As mesmas palavras usadas para adorar ao Senhor (Jeová) no Velho Testamento são empregadas na adoração do Filho no Novo Testamento”.¹⁴

“Então, ouvi que toda criatura que há no céu e sobre a terra, debaixo da terra e sobre o mar, e tudo o que neles há, estava dizendo: Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos”.

(Apocalipse 5.13)

Neste exato momento, assim como foi a dois mil anos atrás, toda a criação está junta em louvor a Deus e, chegará o dia em que haverá a plenitude desse louvor.

“Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos”.

Duas coisas devem ser destacadas aqui:

1ª – é feita clara distinção da Pessoa daquele que está sentado no trono e da Pessoa do Cordeiro. Isto evidencia o ensino da Trindade;

2ª – Pai e Filho recebem exatamente o mesmo louvor sem qualquer distinção. Isto também demonstra o ensino da Trindade e da Divindade do Filho de Deus.

“E os quatro seres viventes respondiam: Amém! Também os anciãos prostraram-se e adoraram”. (Apocalipse 5.14)

O louvor começa e termina com os anciãos. Toda a visão do capítulo 5 de Apocalipse se resume na ideia de que TUDO está no controle de Deus. A história não é regida por acaso, mas está sob o controle de Deus, direto de Seu trono. O conforto dessa verdade revelada no Apocalipse foi útil para aqueles primeiros cristãos que estavam sob perseguição.

Introdução

Quando ouvirdes falar de guerras e revoluções, não vos assusteis; pois é necessário que primeiro aconteçam estas coisas, mas o fim não será logo.

Então, lhes disse: Levantar-se-á nação contra nação, e reino, contra reino; haverá grandes terremotos, epidemias e fome em vários lugares, coisas espantosas e também grandes sinais do céu”.

(Lucas 21.10-11)

No famoso Sermão do Monte em Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21, temos o que alguns chamam de mini Apocalipse. Ali está revelado com clareza o que iria acontecer em Jerusalém no fim da antiga aliança. Alguns dizem que no Sermão do Monte Jesus dá uma versão curta dos terríveis acontecimentos, ao passo que João em Apocalipse conta com mais detalhes a respeito das pragas que viriam contra Israel.

Temos em Apocalipse capítulo 6 a descrição dos quatro cavaleiros. Não devemos pensar que os eventos ali descritos sejam uma sequência, mas são acontecimentos simultâneos que acontecem no cerco que o exército romano efetuou em Jerusalém. Os quatro cavaleiros do Apocalipse são forças de julgamento contra Israel e Jerusalém.

Capítulo 6_____

A Abertura dos Primeiros Seis Selos

“Vi quando o Cordeiro abriu um dos sete selos e ouvi um dos quatro seres viventes dizendo, como se fosse voz de trovão: Vem!

Vi, então, e eis um cavalo branco e o seu cavaleiro com um arco; e foi-lhe dada uma coroa; e ele saiu vencendo e para vencer”.

(Apocalipse 6.1-2)

O personagem montado no cavalo branco tem gerado uma série de interpretações. A mais comum é que ele seria o Anticristo que dominaria o mundo com seus exércitos. Não é difícil identificar quem é esse cavaleiro. O fato de ter sido lhe dado uma coroa é significativo para a identificação do mesmo. Uma coroação seria o resultado das vitórias desse cavaleiro. Também o fato que esse cavaleiro “*saiu vencendo e para vencer*” ajuda a lançar mais luz sobre sua identificação. A cor branca do cavalo indica pureza. É tentador achar que o cavaleiro em questão se trata do próprio Senhor Jesus Cristo, pois no Apocalipse Cristo é identificado como aquele que “venceu”:

*“Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono, assim como também **eu venci** e me sentei com meu Pai no seu trono”.*

(Apocalipse 3.21 – o grifo é meu)

*“Todavia, um dos anciãos me disse: Não chores; eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, **venceu** para abrir o livro e os seus sete selos”. (Apocalipse 3.21 – o grifo é meu)*

Em outras passagens do Apocalipse é possível encontrar um cavaleiro semelhante:

“Vi o céu aberto, e eis um cavalo branco. O seu cavaleiro se chama Fiel e Verdadeiro e julga e peleja com justiça.

Os seus olhos são chama de fogo; na sua cabeça, há muitos diademas; tem um nome escrito que ninguém conhece, senão ele mesmo.

Está vestido com um manto tinto de sangue, e o seu nome se chama o Verbo de Deus...”

(Apocalipse 19.11-13)

“Olhei, e eis uma nuvem branca, e sentado sobre a nuvem um semelhante a filho de homem, tendo na cabeça uma coroa de ouro e na mão uma foice afiada”. (Apocalipse 14.14)

Temos, então, um cavaleiro que é rei, conquistador e invencível em suas batalhas. Seu papel aqui em Apocalipse 6 é vencer os seus inimigos. Não creio especificamente que esse cavaleiro seja o Senhor Jesus Cristo. Nas passagens de Apocalipse 6.2 e 19.11-13 os cavaleiros apenas têm o cavalo branco em comum. A diferença entre os dois está nas armas que eles carregam. O cavaleiro de Apocalipse 6.2 carrega o “arco” e o de Apocalipse 19.15, a espada. O cavaleiro de Apocalipse 19 tem muitos “diademas” ou coroas na cabeça, ao passo que o cavaleiro de Apocalipse 6 usa apenas uma coroa. Na verdade, ambos são diferentes em muitos outros detalhes.

Outro detalhe que elimina a possibilidade de Cristo ser o cavaleiro de Apocalipse 6 é que seria estranho o Cordeiro (Jesus) abrir o selo e ao mesmo tempo ser parte do cumprimento do selo. Sendo assim, devemos entender a imagem do cavaleiro branco como que representando um militarismo triunfante. Ele representa a vitória do Cordeiro contra seus inimigos. Creio que o general romano Vespasiano é quem acaba cumprindo essa profecia que “sob as ordens de Nero, em 66 d.C., ele começa a guerra, três anos e meio mais tarde Jerusalém cai e a guerra acaba. Todo o imaginário desta primeira imagem aponta sugestivamente para a abertura da guerra romana contra Jerusalém”.¹

O General romano Vespasiano, como um “servo” de Cristo, cumpriu os propósitos divinos. Imagem semelhante temos no Antigo Testamento em que mais de cem anos antes de seu nascimento, o rei Ciro é chamado de “ungido” do Senhor para cumprir seus propósitos (Isaías 45.1).

“Quando abriu o segundo selo, ouvi o segundo ser vivente dizendo: Vem!

E saiu outro cavalo, vermelho; e ao seu cavaleiro, foi-lhe dado tirar a paz da terra para que os homens se matassem uns aos outros; também lhe foi dada uma grande espada”.

(Apocalipse 6.3-4)

O cavalo vermelho simboliza o derramamento de sangue na terra. Por “terra” devemos entender que é uma referência a terra de Israel, e não ao “Planeta Terra”. O tema aqui em questão é o julgamento contra a terra de Israel. Devemos sempre lembrar que as coisas escritas no Apocalipse aconteceriam “*em breve*” e, que, Jesus já havia alertado que tudo aconteceria dentro daquela geração dos discípulos: “*Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça*”. (Mateus 24.34)

Steve Gregg diz que “no Antigo Testamento (e também no Novo) as nações gentis são chamadas simbolicamente de mar, em contraste com a terra (isto é, Israel). Assim que, frases como os que habitam na terra e reis da terra podem ser referências ao povo de Israel e seus respectivos governantes”.²

Ao comentar Apocalipse 1.7 que fala sobre “*as tribos da terra*”, Milton Terry (1898) diz que “nenhum leitor helenista dos tempos do nosso Senhor teria compreendido todas as tribos da terra como equivalente a todas as nações do globo. Esta frase remete a Zacarias 12:12, onde todas as famílias da terra da Judéia são representadas como lamentando”.³

Outra coisa que devemos entender é que no mundo romano havia uma grande paz chamada “Pax Romana” que significa “Paz Romana”. A Pax Romana foi um longo período de paz, experimentado em todo o Império Romano, gerada pelas suas forças militares. O exército romano controlava qualquer tentativa de revolta das populações

conquistadas (inclusive em Israel) e vigiava as fronteiras. Perto do ano 70 d.C. a Pax romana chegou ao seu fim na terra de Israel.

“...para que os homens se matassem uns aos outros; também lhe foi dada uma grande espada”.

Observe que ao cavaleiro do cavalo vermelho foi dada “*uma grande espada*” e não uma espada qualquer. Isto mostra o grande estrago que esse cavaleiro era capaz de fazer. A frase que “*os homens se matassem uns aos outros*” sugere guerra civil em cima da guerra estrangeira que Roma e Israel fizeram um contra o outro. Na verdade, esta foi exatamente a condição de Judá e de Jerusalém naquele momento.

“Quando abriu o terceiro selo, ouvi o terceiro ser vivente dizendo: Vem! Então, vi, e eis um cavalo preto e o seu cavaleiro com uma balança na mão.

E ouvi uma como que voz no meio dos quatro seres viventes dizendo: Uma medida de trigo por um denário; três medidas de cevada por um denário; e não danifiques o azeite e o vinho”.

(Apocalipse 6.5-6)

A cor preta simboliza “angústia e desespero. Jeremias profetizou de um castigo divino que traria tristeza profunda sobre a terra, deixando as cidades desamparadas. Ele disse: “*Por isso, a terra pranteará, e os céus acima se enegrecerão*” (Jeremias 4:28). Devido à repreensão de Deus, os céus se tornam escuros (Isaías 50:2).

Uma balança na mão: A balança é usada para pesar. O versículo 6 mostrará o sentido de pesar comida para vender. A idéia de pesar a comida já sugere escassez e sofrimento (Ezequiel 4:10,16)”.⁴

Temos aqui uma cena dos horrores provocados pela guerra. A “*medida de trigo*” era como se fosse à ração diária de uma pessoa. Um denário era a diária de um trabalhador em Israel no primeiro século. Uma “*medida de trigo por um denário*” foi um preço muito alto, talvez, tanto “quanto dez vezes o preço normal, e indica uma grave escassez, como resultado da guerra. [...] A fome é uma das maldições prometidas por Deus para quem quebra a sua aliança”.⁵

“Quando eu vos tirar o sustento do pão, dez mulheres cozerão o vosso pão num só forno e vo-lo entregarão por peso; comereis, porém não vos fartareis”. (Levítico 26.26)

O historiador Flávio Josefo nos dá informações valiosas de como a fome se desenvolveu dentro de Jerusalém naqueles dias de cerco pelo exército romano:

“Os romanos, finalmente, capturaram dois dos três muros que defendiam a cidade e mais uma vez o medo uniu as facções. Essa pausa em sua briga, entretanto, mal havia começado e a fome fez sua apavorante entrada no exército judeu. Estava há um tempo silenciosamente se aproximando e muitas das pessoas pacíficas e pobres já haviam perecido. Com essa nova calamidade, a loucura das facções novamente voltou e a cidade mostrou uma nova imagem da desgraça. Impelidos pela fome, roubavam comida das mãos uns dos outros e muitos devoravam grãos crus.

[...]

Já que suprimentos não podiam entrar na cidade, a fome rapidamente se alastrou e, com horror crescente, devorou famílias inteiras. Os telhados das casas e recessos da cidade ficaram cobertos de corpos de mulheres, crianças e idosos. Os jovens apareciam como sombras nos locais públicos e caíam sem vida nas ruas. Os mortos eram numerosos demais para serem enterrados e muitos morriam enquanto enterravam outros. A calamidade pública era muito grande para lamentos. Silêncio e, como se fosse uma negra e mortal noite, cobriam a cidade.

[...]

Enquanto isso os horrores da fome ficavam ainda piores. Os judeus, por causa da fome, foram eventualmente obrigados a comer seus cintos, suas sandálias, as peles de seus escudos, grama seca e até esterco de vaca. No ápice desse horror, uma judia de família nobre, impelida pelas necessidades implacáveis da fome, matou seu filho e o cozinhou. Ela havia comido metade quando os soldados, atraídos pelo cheiro, a ameaçaram de morte se ela se recusasse a confessar. Intimidada pela ameaça, ela trouxe os restos de seu filho, o que os petrificou de terror. Em vista da melancolia do que ocorreu, a cidade

inteira ficou perplexa e felicitaram aqueles que haviam morrido antes desses dolorosos acontecimentos”.⁶

Sobre a mulher que cozinhou o próprio filho, este fato foi literalmente predito por Moisés:

“Comerás o fruto do teu ventre, a carne de teus filhos e de tuas filhas, que te der o SENHOR, teu Deus, na angústia e no aperto com que os teus inimigos te apertarão.

A mais mimosa das mulheres e a mais delicada do teu meio, que de mimo e delicadeza não tentaria pôr a planta do pé sobre a terra, será mesquinha para com o marido de seu amor, e para com seu filho, e para com sua filha; mesquinha da placenta que lhe saiu dentre os pés e dos filhos que tiver, porque os comerá às escondidas pela falta de tudo, na angústia e no aperto com que o teu inimigo te apertará nas tuas cidades”.

(Deuteronômio 28.53, 56-57)

“Quando o Cordeiro abriu o quarto selo, ouvi a voz do quarto ser vivente dizendo: Vem!

E olhei, e eis um cavalo amarelo e o seu cavaleiro, sendo este chamado Morte; e o Inferno o estava seguindo, e foi-lhes dada autoridade sobre a quarta parte da terra para matar à espada, pela fome, com a mortandade e por meio das feras da terra”.

(Apocalipse 6.7-8)

A cor desse cavalo “é incerta, mas o significado, não. É a mesma palavra usada para descrever erva verde (8:7), qualquer coisa verde (9:4) e relva verde (Marcos 6:39). Alguns explicam a ideia de amarelo/verde ou de pálido. Independente do tom exato, o significado é bem definido. Este cavalo e seu cavaleiro representam a morte”.⁷

No grego do Novo Testamento, a palavra traduzida como Inferno, é Hades. Esta palavra não significa inferno no sentido final que é o lago de fogo e enxofre. Ela simplesmente significa o lugar que não pode ser visto, ou poderíamos chamá-la de Além. O hades também pode significar a sepultura, a morada dos mortos, o túmulo escavado na terra. Finalmente, significa “morte” ou “a morada da morte”.

“...e foi-lhes dada autoridade sobre a quarta parte da terra para matar à espada, pela fome, com a mortandade e por meio das feras da terra”. (o grifo é meu)

Ser morto pelas feras da terra era uma das maldições que Deus proferiu contra Israel caso a nação quebrasse sua aliança. *“O teu cadáver servirá de pasto a todas as aves dos céus e aos animais da terra; e ninguém haverá que os espante”*. (Deuteronômio 28.26)

Quando fala das feras da terra, João faz referência a Ezequiel 14.21 que diz: *“Porque assim diz o SENHOR Deus: Quanto mais, se eu enviar os meus quatro maus juízos, a espada, a fome, as bestas-feras e a peste, contra Jerusalém, para eliminar dela homens e animais?”*

Note que em Ezequiel Deus manda *“quatro maus juízos”* e, o mesmo, acontece em Apocalipse com seus quatro cavaleiros. Muito provavelmente João olhou para Ezequiel como uma fórmula bíblica para falar sobre as pragas que viriam contra Israel. A história diz que os animais selvagens, as feras da terra, realmente mataram e comeram os israelitas, muitos dos quais esconderam-se em cavernas ou em locais em que estiveram expostos ao perigo. Mesmo depois da destruição de Jerusalém, mais ou menos *“1.700 judeus que haviam se rendido em Macherus, foram mortos e dos fugitivos, não menos que 3.000 foram mortos na floresta de Jardes. Tito, tendo marchado com seu exército para Cesaréia, com grande esplendor celebrou o aniversário de seu irmão, Domitiano. E de acordo com as barbaridades da época, puniu muitos judeus para honrar o aniversário. O número dos que foram queimados e **que morreram lutando contra animais selvagens excedeu 2.500.**”*⁸ (o grifo é meu)

As Almas Debaixo do Altar

“Quando ele abriu o quinto selo, vi, debaixo do altar, as almas daqueles que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentava”.

Clamaram em grande voz, dizendo: Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?

Então, a cada um deles foi dada uma vestidura branca, e lhes disseram que repousassem ainda por pouco tempo, até que também se completasse o número dos seus conservos e seus irmãos que iam ser mortos como igualmente eles foram”. (Apocalipse 6.9-11)

Antes de qualquer comentário, quero que fique bem claro duas coisas:

1. Acredito que o homem tem uma parte imaterial que pode ser chamada de alma ou espírito. Creio que esta parte espiritual pode existir fora do corpo. Comumente, a maioria dos crentes chama isto de “imortalidade da alma”. Mesmo acreditando que a alma possa existir fora do corpo, não chamo isto de imortalidade da alma. O termo tem sido usado de maneira errada. A imortalidade refere-se ao corpo da ressurreição que vamos receber no dia final, corpo este glorificado e sem pecado.
2. Nunca podemos nos esquecer de que quando se trata do livro do Apocalipse, estamos diante de um livro altamente simbólico.

Portanto, por ser simbólico, temos um livro com figuras estranhas. Veja alguns exemplos:

1. No Apocalipse encontramos um abismo sem fundo (Apocalipse 9.1; 20.1);
2. gafanhotos que possuem corpos de cavalos, rostos de homens, dentes dos leões, coroas de ouro, e as caudas semelhantes às dos escorpiões (Apocalipse 9.6);
3. cavalos com cabeça de leão que vomitam fogo, fumaça e enxofre (Apocalipse 9.17);
4. profetas cuspidores de fogo (Apocalipse 11.5);

5. uma mulher grávida com asas de águia, vestida de Sol e com lua sob seus pés (Apocalipse 12.1, 14);
6. dragão vermelho de sete cabeças, com dez chifres e sete coroas que arrasta estrelas do céu para a terra (Apocalipse 12.3-4);
7. guerra no céu (12.7);
8. uma serpente que vomita um rio de água de sua boca (12.15);
9. besta de dois chifres que fala como um dragão e obriga os homens a adorar a besta de sete cabeças (13.1, 11);
10. dois anjos possuindo foices e que colhem a terra (14.15-19);
11. sangue que flui por 200 quilômetros até a profundidade dos freios dos cavalos (14.20);
12. taças cheias da ira de Deus (15.7; 16.1);
13. um mar que se torna em sangue como de um morto (16.3);
14. espíritos imundos semelhantes a rãs que sai da boca de um dragão (16.13).

Diante de tantos símbolos pesados, porque deveríamos crer que em Apocalipse 6.9-11 as almas debaixo do altar seriam almas literais?

“...vi, debaixo do altar, as almas daqueles que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentavam”.

Como João viu essas almas? Porque elas estavam debaixo do altar? E as outras almas que não eram mártires, onde estavam? E que altar é

esse? Eram almas mesmo ou apenas uma representação do corpo humano? Se essas almas estão no Paraíso, porque clamam por uma resposta de oração? Como poderiam estar agonizadas no Paraíso? Muitas vezes na Bíblia o termo “alma” significa a própria pessoa em si, ou às vezes representa o corpo humano ou o sangue. Se as almas aqui em questão estavam debaixo do altar, sabemos que debaixo de um altar há terra, e neste caso não seria os corpos dos mártires como um testemunho que clama a Deus em voz alta? Existe uma referência a isto no sangue de Abel, morto por seu irmão Caim. Deus disse a Caim: “*Que fizeste? A voz do sangue de teu irmão clama da terra a mim*”. (Gênesis 4.10)

Sobre o sangue que “fala”, o livro de Hebreus vai mais longe:

*“Pela fé, Abel ofereceu a Deus mais excelente sacrifício do que Caim; pelo qual obteve testemunho de ser justo, tendo a aprovação de Deus quanto às suas ofertas. Por meio dela, **também mesmo depois de morto, ainda fala**”*. (Hebreus 11.4 – o grifo é meu)

Portanto, comparando as almas que clamam em Apocalipse 6.9 com o sangue de Abel, podemos estar diante da mesma situação. Não que almas literais estejam clamando em voz alta debaixo de um altar, mas simbolicamente a voz do sangue dos mártires clama a Deus pedindo vingança.

O pastor Joe Haynes nos dá uma excelente explicação sobre essas almas debaixo do altar, veja:

“...em Apocalipse 6:9, as almas debaixo do altar são retratadas simbolicamente no lugar do sangue de um sacrifício que juntam-se sob o altar. Por exemplo, veja Levítico 04:25 e 17:11. O ponto do texto de Apocalipse não é que as almas dos santos esperam durante o estado intermediário em um grande altar no céu, mas que as vidas dos santos que são mortos por causa do testemunho do Evangelho são uma oferta aceitável a Deus de adoração, e que esta oferta exige Deus para executar a justiça no momento adequado”.⁹

É muito importante a presença dos mártires em meio às pragas dos quatro cavaleiros do capítulo seis de Apocalipse, pois Jesus havia anunciado que um dos motivos do julgamento sobre aquela geração

perversa, era por sua culpa de ter derramado o sangue justo dos santos de Deus.

Observe o que Jesus falou em Mateus 23.34-38:

“Por isso, eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas. A uns matareis e crucificareis; a outros açoitareis nas vossas sinagogas e perseguireis de cidade em cidade; para que sobre vós recaia todo o sangue justo derramado sobre a terra, desde o sangue do justo Abel até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a quem matastes entre o santuário e o altar.

Em verdade vos digo que todas estas coisas hão de vir sobre a presente geração.

Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!

Eis que a vossa casa vos ficará deserta”.

Se devemos entender simbolicamente sobre as almas debaixo do altar, o que podemos pensar sobre a vida após a morte? Viveremos no período intermediário entre a morte e a ressurreição sem nossos corpos materiais mantendo nossa personalidade e humanidade?

É bom que fique claro que não creio na extinção da alma por causa da morte do corpo. Já disse anteriormente que creio que a alma pode sobreviver à morte do corpo. Todavia, não creio no chamado “estado intermediário” que é o período de tempo entre a morte e a ressurreição, pois “o escritor de Hebreus afirma taxativamente que *“aos homens está ordenado morrer uma só vez, vindo depois disso o juízo”* (Hb.9:27). Este versículo tem sido fartamente usado para contestar a doutrina da reencarnação. A primeira parte dele é clara. Se só se morre uma vez, logo inferimos que só se vive uma vez. Não há migração de espírito de um corpo para outro. Entretanto, faz-se vista grossa à segunda cláusula do verso, onde se diz que a morte é sucedida imediatamente pelo juízo. Não há hiato entre os dois eventos.

Ao deixarmos essa vida, somos transportados ao Tribunal de Cristo, e à Sua presença imediata. Deixamos o tempo, e entramos em uma esfera atemporal, chamada também de eternidade.

Não há estado intermediário entre a morte e a ressurreição, ou entre a morte e o juízo. Foi a doutrina do estado intermediário que proveu um terreno fértil para o surgimento de doutrinas como a do purgatório, e da intercessão dos santos, que não possuem qualquer respaldo bíblico consistente.

Para quem está vivo no mundo hoje, pode parecer que esse dia [do Juízo] esteja num futuro remoto mas para quem deixa o mundo hoje, é como se esse dia chegasse imediatamente. Não há intervalo. É como se entrássemos numa máquina do tempo, e fôssemos arremessados em um futuro distante. Lá chegando, não apenas nos encontraremos com o Senhor nos ares, vindo em direção a Terra para julgar os vivos e os mortos, como também encontraremos todos os eleitos de Deus, de todas as eras. Dentre os que morrerem em Cristo, ninguém vai chegar primeiro. Imagine um crente em Cristo, em seu leito de morte, despedindo-se dos seus, quando de repente, é levado à eternidade, e lá encontra as mesmas pessoas de quem acabou de se despedir! A dor da separação é para quem fica, não para quem vai. Por isso Jesus disse que os amigos que granjearmos aqui na terra, serão os mesmos que nos receberão “nos tabernáculos eternos” (Lc.16:9). Na verdade, receberemos uns aos outros, pois chegaremos todos juntos.

Há ordem de partida, mas não há ordem de chegada. Por vivermos confinados ao tempo e ao espaço, assistimos à partida de cada pessoa que deixa essa vida. Mas na eternidade não haverá ordem de chegada. Todos compareceremos diante do Trono de Deus concomitantemente”.¹⁰

“Então, a cada um deles foi dada uma vestidura branca, e lhes disseram que repousassem ainda por pouco tempo, até que também se completasse o número dos seus conservos e seus irmãos que iam ser mortos como igualmente eles foram”.

A “*vestidura branca*” simboliza pureza. É a vestimenta de quem é mais que vencedor por meio de Cristo. “*O vencedor será assim vestido de vestiduras brancas, e de modo nenhum apagarei o seu nome do Livro da Vida; pelo contrário, confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos*”. (Apocalipse 3.5)

“Quando os sacerdotes atingiam a idade canônica, eles subiam ao Templo para ter suas reivindicações testadas. Se suas genealogias estivessem corretas, então, eles eram submetidos a um exame físico; e se eles fossem encontrados sem defeito, eram aceitos como sacerdotes e recebiam um manto branco. Se São João tem isso em sua mente, então a vestidura branca dada aos mártires é o reconhecimento da sua pretensão ao sacerdócio”.¹¹

“...até que também se completasse o número dos seus conservos e seus irmãos que iam ser mortos como igualmente eles foram”.

Os mártires serviram como testemunhas contra a Jerusalém terrena, também chamada de Grande Meretriz. “Uma vez completado o número daqueles que deveriam morrer por causa do testemunho de Cristo naqueles dias (que precederam a queda de Jerusalém), a medida dos pecados de Israel teria chegado ao seu limite, e a justa ira de Deus cairia sobre o povo que O rejeitara”.¹²

Sinais no Céu

“Vi quando o Cordeiro abriu o sexto selo, e sobreveio grande terremoto. O sol se tornou negro como saco de crina, a lua toda, como sangue, as estrelas do céu caíram pela terra, como a figueira, quando abalada por vento forte, deixa cair os seus figos verdes, e o céu recolheu-se como um pergaminho quando se enrola. Então, todos os montes e ilhas foram movidos do seu lugar.

Os reis da terra, os grandes, os comandantes, os ricos, os poderosos e todo escravo e todo livre se esconderam nas cavernas e nos penhascos dos montes e disseram aos montes e aos rochedos: Cai sobre nós e escondei-nos da face daquele que se assenta no trono e da ira do Cordeiro, porque chegou o grande Dia da ira deles; e quem é que pode suster-se?” (Apocalipse 6.12-17)

Muita gente pensa que o Sol realmente vai apagar, a lua se tornará sangue e meteoritos cairão sobre a terra (embora se diga estrelas). Também já imaginei esse cenário. Todavia, não é o que queremos ou

achamos, mas tem que ser o que realmente significa esse colapso do Universo na Bíblia.

Para um melhor entendimento, vamos analisar no quadro a seguir, e comparar Apocalipse 6.12-17 com Mateus 24 e Lucas 21, pois sempre devemos ter em mente que o Sermão do Monte é considerado um mini Apocalipse:

<i>“Vi quando o Cordeiro abriu o sexto selo...”</i>	
<i>...e sobreveio grande terremoto. O sol se tornou negro como saco de crina...</i>	<i>“Logo em seguida à tribulação daqueles dias, o sol escurecerá...” (Mateus 24.29)</i>
<i>...a lua toda, como sangue....</i>	<i>...a lua não dará a sua claridade...”.</i>
<i>...as estrelas do céu caíram pela terra...</i>	<i>...as estrelas cairão do firmamento...</i>
<i>...como a figueira, quando abalada por vento forte, deixa cair os seus figos verdes...</i>	<i>...e os poderes dos céus serão abalados.</i>
<i>...e o céu recolheu-se como um pergaminho quando se enrola. Então, todos os montes e ilhas foram movidos do seu lugar.</i>	
<i>“Os reis da terra, os grandes, os comandantes, os ricos, os poderosos e todo escravo e todo livre se esconderam nas cavernas e nos penhascos dos montes e disseram aos montes e aos rochedos: Caí sobre nós e escondi-nos da face daquele que se assenta no trono e da ira do Cordeiro, porque chegou o</i>	<i>“Nesses dias, dirão aos montes: Caí sobre nós! E aos outeiros: Cobri-nos!” (Lucas 23.30)</i> <i>“Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas; sobre a terra, angústia entre as nações em perplexidade por causa do bramido do mar e das ondas;</i>

grande Dia da ira deles; e quem é que pode suster-se?”

haverá homens que desmaiarão de terror e pela expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo; pois os poderes dos céus serão abalados”.

(Lucas 21.25, 26)

Como deu para observar no quadro acima, tanto os evangelhos, bem como o Apocalipse, falam sobre o mesmo evento. Como eu disse anteriormente, há muita gente que interpreta essas passagens literalmente. Se assim fosse, teríamos um enorme problema, pois não haveria mais “espaço para o restante do apocalipse, ou mais história; a estrutura física do universo teria chegado ao fim. Agora, de fato, o mundo não chegou ao fim neste momento; existem 16 capítulos ainda pela frente. Então, eles não podem ser entendidos literalmente; Como, então, devemos entendê-los?”¹³

Devemos entender como linguagem simbólica, pois este é o estilo literário do Apocalipse. Falar em literalismo aqui é loucura e hipocrisia, pois se devemos ser literalistas, então, devemos ser coerentes com o livro todo e, assim, devemos entender a besta, o dragão e tantas outras figuras como eventos reais e não como figuras simbólicas. Acredito que nesta altura ninguém vai se atrever e dizer que aparecerá um dragão real no céu? Não é mesmo?! É do simbolismo que devemos extrair o evento literal, comparando Escritura com Escritura, versículos claros interpretando versículos obscuros e tendo principalmente Jesus como Chave hermenêutica.

“Os reis da terra, os grandes, os comandantes, os ricos, os poderosos e todo escravo e todo livre se esconderam nas cavernas e nos penhascos dos montes e disseram aos montes e aos rochedos: Caí sobre nós e escondi-nos da face daquele que se assenta no trono e da ira do Cordeiro, porque chegou o grande Dia da ira deles; e quem é que pode suster-se?”

Há quem diga que os preteristas não podem dar explicações satisfatórias a respeito dos reis da terra se escondendo da ira de Deus nas cavernas e nas rochas no ano 70 d.C. Tais críticos afirmam que

não há registros históricos sobre essas lamentações do reis da terra e que o império romano comemorou ao invés de lamentar sobre a destruição de Jerusalém.

Isto é o olhar de um intérprete moderno que crê que os “*reis da terra*” são os governantes das nações do planeta inteiro. Já esclareci anteriormente que “frases como os que habitam na terra e reis da terra podem ser referências ao povo de Israel e seus respectivos governantes”. Isto por si só já coloca um ponto final na questão. Mas, se quisermos ampliar um pouco mais o assunto para satisfazer os críticos, o Senhor Jesus também disse que embora a grande tribulação fosse concentrada em Jerusalém, as nações do império romano também sofreriam tribulação naqueles dias, isto é, os reis da “terra habitada” οἰκουμένη (oikoumene, no grego), teriam muito que se lamentar.

Leia Lucas 21.25-26:

“Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas. Na terra, as nações se verão em angústia e perplexidade com o bramido e a agitação do mar. Os homens desmaiarão de terror, apreensivos com o que estará sobrevindo ao mundo; e os poderes celestes serão abalados”.

(Nova Versão Internacional)

Lembrando sempre que, mais à frente, no versículo 32, ninguém pode fugir do fato de que “*não passará esta geração até que todas essas coisas aconteçam*”. Toda essa linguagem profética dos poderes celestes abalados, agitação do mar pode significar a crise que as nações da época sofreram, e isto, tenho analisado historicamente neste comentário. Também não podemos nos esquecer de que Jesus deixou bem claro que ainda naquela geração haveria lamentação por toda terra de Israel.

Ele disse:

“Um grande número de pessoas o seguia, inclusive mulheres que lamentavam e choravam por ele.

Jesus voltou-se e disse-lhes: “Filhas de Jerusalém, não chorem por mim; chorem por vocês mesmas e por seus filhos!

Pois chegará a hora em que vocês dirão: ‘Felizes as estéréis, os ventres que nunca geraram e os seios que nunca amamentaram!’”

“Então dirão às montanhas: ‘Caíam sobre nós!’ e às colinas: ‘Cubram-nos!’”

(Lucas 23.27-30 – Nova Versão Internacional)

“Vi quando o Cordeiro abriu o sexto selo, e sobreveio grande terremoto. O sol se tornou negro como saco de crina, a lua toda, como sangue, as estrelas do céu caíram pela terra, como a figueira, quando abalada por vento forte, deixa cair os seus figos verdes, e o céu recolheu-se como um pergaminho quando se enrola. Então, todos os montes e ilhas foram movidos do seu lugar”.

Segundo Ralph E. Bass, Jr. “no antigo pensamento judaico a obediência da ordem cósmica era para ser copiada pela obediência dos fiéis aos mandamentos de Deus... Se os mandamentos eram quebrados, as constelações abandonariam sua ordem e a criação começaria a se desintegrar. Isso é o que está acontecendo aqui. A lei foi quebrada, o Legislador foi assassinado e o universo, simbolicamente falando, está se desintegrando, pelo menos, o universo que os judeus sabiam estava se desmoronando. No pensamento apocalíptico a catástrofe cósmica é uma consequência do pecado.

O estilo de linguagem usada aqui é muitas vezes chamado de linguagem des-criação, ou seja, o juízo de Deus seria tão grave que parece que Deus des-criaria o universo. Isso é comum no Antigo Testamento; vemos que isto foi usado em várias cenas de julgamento”.¹⁴

Veja a seguir algumas cenas de julgamento contra nações no Antigo Testamento:

Sobre a Babilônia:

Isaías 13.10 – *“Porque as estrelas e constelações dos céus não darão a sua luz; o sol, logo ao nascer, se escurecerá, e a lua não fará resplandecer a sua luz”.*

Sobre o Egito:

Ezequiel 32.7-8 – *“Quando eu te extinguir, cobrirei os céus e farei enegrecer as suas estrelas; encobrirei o sol com uma nuvem, e a lua não resplandecerá a sua luz.*

Por tua causa, vestirei de preto todos os brilhantes luminares do céu e trarei trevas sobre o teu país, diz o SENHOR Deus.

Sobre Edom:

Isaías 34.3-5 – *“Os seus mortos serão lançados fora, dos seus cadáveres subirá o mau cheiro, e do sangue deles os montes se inundarão.*

Todo o exército dos céus se dissoloverá, e os céus se enrolarão como um pergaminho; todo o seu exército cairá, como cai a folha da vide e a folha da figueira.

Porque a minha espada se embriagou nos céus; eis que, para exercer juízo, desce sobre Edom e sobre o povo que destinei para a destruição”.

Nesses versículos temos a mesma linguagem de “des-criação” do Universo encontrada em Apocalipse. Assim como não foi literal para o Egito, Babilônia e Edom, também não deve ser tomado literalmente em Apocalipse. Claramente a linguagem é simbólica, e se assim não fosse, o Apocalipse seria uma bagunça e cheio de contradições. Para um estudo mais detalhado sugiro o download gratuito do e-book *“O Universo em Colapso na Bíblia – eventos literais ou metáfora poderosa?”* do escritor Brian Godawa, publicado pela Revista Cristã Última Chamada.

Introdução

“...porque chegou o grande Dia da ira deles; e quem é que pode suste-se?” (Apocalipse 6.12-17)

Estas foram às últimas palavras do capítulo 6. A partir do capítulo 7 vamos ter a resposta desta pergunta: *quem é que pode suste-se?* Ou em outras palavras *quem é capaz de ficar de pé?*

No capítulo 6, aprendemos “que os primeiros selos ‘representam a fase inicial da guerra judaica, e que Vespasiano abriu caminho através da Galiléia para Jerusalém. Mas antes que ele tenha a oportunidade de sitiá-la Jerusalém é dada uma pausa em sua ação para que os anjos selassem os 144.000 das doze tribos de Israel’. Por que uma pausa na ação? O objetivo do interlúdio antes de quebrar o sétimo selo é o de garantir que o povo de Deus receberá o selo do Deus vivo...”¹

“Este intervalo entre o sexto e o sétimo selos consola os fiéis. Deus não se esqueceu deles, e não abandonaria os seus servos. Ele já providenciou uma maneira de proteger aqueles que lhe pertencem”.²

Assim, todos os sobreviventes da Grande Tribulação ocorrida em Jerusalém no ano 70 d.C., eram aqueles que possuíam o selo de Deus (Efésios 1.13). Eles eram judeus, o remanescente salvo em Israel. Eles escaparam do cerco a Jerusalém, porque provavelmente se lembraram das palavras de Jesus que dizia:

“Quando, porém, virdes Jerusalém sitiada de exércitos, sabeis que está próxima a sua devastação.

Então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes; os que se encontrarem dentro da cidade, retirem-se; e os que estiverem nos campos, não entrem nela”. (Lucas 21.20, 21)

Eusébio, bispo de Cesaréia, relata que “todo o corpo da igreja em Jerusalém, dirigido por uma revelação divina dada a homens de piedade aprovada antes da guerra, saíra da cidade e fora habitar em certa cidade além do Jordão chamada Pela. Eis que, tendo se mudado de Jerusalém os que criam em Cristo, como se os santos tivessem abandonado por completo a própria cidade real e toda a terra de Judéia, a justiça divina por fim os atingiu por seus crimes contra o Cristo e seus apóstolos, destruindo totalmente toda a geração de malfeitores sobre a terra”.³

Capítulo 7 _____

A Grande Tribulação

“Depois disto, vi quatro anjos em pé nos quatro cantos da terra, conservando seguros os quatro ventos da terra, para que nenhum vento soprasse sobre a terra, nem sobre o mar, nem sobre árvore alguma”.

(Apocalipse 7.1)

Conforme comentei no capítulo 6, vale mais uma vez lembrar que “terra” neste contexto do Apocalipse é uma referência a terra de Israel, e não ao “Planeta Terra”. Muitos pensam que os quatro anjos estariam nos quatro cantos do planeta. Na verdade, eles estão na terra de Israel segurando os juízos de Deus que são considerados como grandes tempestades. A pausa dada aqui mostra o controle soberano de Deus. O julgamento foi pausado, foi dada uma trégua. A resposta do porquê dessa pausa está nos próximos versículos.

“...conservando seguros os quatro ventos da terra, para que nenhum vento soprasse sobre a terra...”.

Os “ventos” aparecem na Bíblia “com poder para aliviar o sofrimento dos homens, ou para trazer castigo (Êxodo 10:13,19; 14:21; 15:10; Salmo 11:6; 78:26; Isaías 29:6). Independente da natureza do vento, é algo que demonstra o poder de Deus – “um vento do Senhor” (Números 11:31; Salmo 107:24-25; 135:5-7). Neste contexto, os ventos trarão destruição. Mas, por enquanto, os anjos seguram o poder destrutivo do vento. Ainda não chegou a hora. Deus

pretende resolver uma outra questão antes de liberar esta força contra a terra”.⁴

“...nem sobre o mar, nem sobre árvore alguma”.

Isto significa que até mesmo a natureza foi afetada naqueles dias de grande tribulação em Israel. “Os homens são avisados, mas a natureza vai sofrer, também. Como foi o caso das pragas e das calamidades naturais usadas por Deus para castigar os rebeldes da antiguidade, estes castigos atingirão a terra, o mar e as árvores”.⁵

“Vi outro anjo que subia do nascente do sol, tendo o selo do Deus vivo, e clamou em grande voz aos quatro anjos, aqueles aos quais fora dado fazer dano à terra e ao mar, dizendo: Não danifiquéis nem a terra, nem o mar, nem as árvores, até selarmos na fronte os servos do nosso Deus”. (Apocalipse 7.2, 3)

No decorrer da história humana, Deus sempre providenciou o livramento de seu povo. Ele nunca castigou o justo junto com o perverso. Quando anunciava as catástrofes, também providenciava o livramento. Isto pode ser visto na história de Noé e sua família que se salvaram do dilúvio, na família de Ló que foram livres da destruição de Sodoma e Gomorra, no cerco a Jericó em que Raabe, a prostituta, é poupada. O mesmo aconteceu no cerco a Jerusalém.

Quando da primeira destruição de Jerusalém ocorrida no ano 586 a.C., o profeta Ezequiel usa linguagem semelhante à de João, no Apocalipse:

“...e lhe disse: Passa pelo meio da cidade, pelo meio de Jerusalém, e marca com um sinal a testa dos homens que suspiram e gemem por causa de todas as abominações que se cometem no meio dela.

Aos outros disse, ouvindo eu: Passai pela cidade após ele; e, sem que os vossos olhos poupem e sem que vos compadeçais, matai; matai a velhos, a moços e a virgens, a crianças e a mulheres, até exterminá-los; mas a todo homem que tiver o sinal não vos chegueis; começai pelo meu santuário”.

(Ezequiel 9.4-6)

Essa ideia da “marca”, “sinal” ou “selo de Deus” também é encontrada na história da Páscoa no êxodo dos israelitas:

“O sangue vos será por sinal nas casas em que estiverdes; quando eu vir o sangue, passarei por vós, e não haverá entre vós praga destruidora, quando eu ferir a terra do Egito”. (Êxodo 12.13)

O “selo” de Deus não pode ser visto por ninguém, mas somente pelos seres angelicais. Todos os cristãos verdadeiros são selados:

“Mas aquele que nos confirma convosco em Cristo e nos ungiu é Deus, que também nos selou e nos deu o penhor do Espírito em nosso coração”. (2ª Coríntios 1.21, 22)

Por isto, o maligno não pode tocar no cristão:

“Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não vive em pecado; antes, Aquele que nasceu de Deus o guarda, e o Maligno não lhe toca”. (1ª João 5.18)

Os Cento e Quarenta e Quatro Mil Selados

“Então, ouvi o número dos que foram selados, que era cento e quarenta e quatro mil, de todas as tribos dos filhos de Israel:

da tribo de Judá foram selados doze mil;

da tribo de Rúben, doze mil;

da tribo de Gade, doze mil;

da tribo de Aser, doze mil;

da tribo de Naftali, doze mil;

da tribo de Manassés, doze mil;

da tribo de Simeão, doze mil;

da tribo de Levi, doze mil;

da tribo de Issacar, doze mil;

*da tribo de Zebulom, doze mil;
da tribo de José, doze mil;
da tribo de Benjamim foram selados doze mil”.*

(Apocalipse 7.4-8)

As Testemunhas de Jeová exploram muito estes versículos. Elas ensinam que existem dois grupos de cristãos: *o grupo dos 144.000 ungidos e separados por Jeová que viverão nos céus, e a grande multidão que viverá para sempre na terra.* Segundo as Testemunhas de Jeová o preenchimento do número dos 144.000 tem acontecido no decorrer desses dois mil anos de cristianismo.

Tal ensinamento não procede, pois a Bíblia ensina que todos os cristãos serão um só rebanho com um só pastor e, todos estarão para sempre com o Senhor que é o equivalente a estar no Paraíso (confira João 10.16; Efésios 2.19; Filipenses 3.20; Colossenses 3.1; Hebreus 3.1, 22; 2ª Pedro 1.10-11).

Outra coisa que não pode passar despercebida é que a visão dos 144.000 fala dos fiéis como que estando na terra, e não no Céu. Ironicamente, os “144.000 estão na terra e a grande multidão diante do trono celestial, exatamente ao contrário da doutrina que alega 144.000 no céu e a grande multidão na terra”.⁶

Quem são os 144.000 Selados?

Segundo a ordem da lista das doze tribos de Israel, é interessante que Judá se encontre no topo da lista. Deve de ter um significado especial, pois Judá é a tribo do Messias, Jesus Cristo. Por que estas tribos? Dennis Allan nos responde em seu comentário:

“Sabemos que as doze tribos, normalmente, foram vistas como treze. Jacó teve doze filhos homens. Doze receberam herança de terra, excluindo a tribo de Levi, que recebeu 48 cidades e teve Deus como sua herança. Para manter o número de doze na divisão da terra, José foi dividida em duas, Efraim e Manassés. Na lista do Apocalipse 7, Levi está incluída, e o nome de José aparece. Os nomes omitidos são Efraim (um dos filhos de José) e Dã. Nenhuma explicação é dada aqui,

mas a história do Velho Testamento sugere um possível motivo. De todas as tribos, Dã e Efraim foram as duas mais ligadas à idolatria. Um dos apêndices do livro de Juízes relata a história de Mica e os danitas, mostrando como a idolatria se tornou comum nesta tribo (Juízes 17-18). No início do reino dividido, Jeroboão, o rei efraimita de Israel, introduziu a idolatria, erigindo bezerros de ouro em Dã e Betel (1 Reis 12:29). Betel ficava na divisa entre os territórios de Efraim e Benjamim, mas foram os efraimitas que tomaram controle desta cidade no início do período dos juízes (Juízes 1:22-25). Durante o resto da história de Israel, “Efraim” praticamente se tornou sinônimo de “idolatra” (Oséias 4:17; 5:11; 8:11; 13:12). O filho de uma mulher de Dã, também, foi morto por sua blasfêmia na época de Moisés (Levítico 24:10-14). A omissão destas duas tribos pode ser uma maneira de mostrar que Deus expulsaria qualquer tribo manchada com o pecado, especialmente com a idolatria”.⁷

Por fim, os 144.000 seriam judeus? Não necessariamente. Os 144.000 podem representar o povo de Deus. Segundo o ensinamento da Escritura judeu não é aquele que é descendente de Abraão segundo a carne:

“Porque não é judeu quem o é apenas exteriormente, nem é circuncisão a que é somente na carne.

Porém judeu é aquele que o é interiormente, e circuncisão, a que é do coração, no espírito, não segundo a letra, e cujo louvor não procede dos homens, mas de Deus”. (Romanos 2.28, 29)

Todavia, aqui no capítulo 7 de Apocalipse, estamos diante de um contexto judaico, a Grande Tribulação estava prestes a chegar a seu ápice, e os servos de Deus estavam sendo selados para poderem escapar das pragas. Claramente num contexto judaico podemos esperar que esse povo de Deus representado simbolicamente como 144.000 - seria maioria de judeus segundo a carne - que foram salvos em Cristo. Assim, estamos diante de um contexto judaico-cristão.

Porque 144.000 Selados?

Uma vez que estamos diante de um livro altamente simbólico, não podemos crer que literalmente são 144.000 selados. O numeral mil é quase sempre utilizado simbolicamente nas Escrituras.

Veja alguns versículos:

“Saberás, pois, que o SENHOR, teu Deus, é Deus, o Deus fiel, que guarda a aliança e a misericórdia até mil gerações aos que o amam e cumprem os seus mandamentos...”. (Deuteronômio 7.9)

“O SENHOR, Deus de vossos pais, vos faça mil vezes mais numerosos do que sois e vos abençoe, como vos prometeu”.

(Deuteronômio 1.11)

“Como poderia um só perseguir mil, e dois fazerem fugir dez mil, se a sua Rocha lhos não vendera, e o SENHOR lhos não entregara?”

(Deuteronômio 32.30)

Quem entende o número de 144.000 literalmente, deve ser honesto com o texto e entender também que se trata de judeus, cada um com suas tribos, e que todos os homens ali descritos são literalmente virgens (veja Apocalipse 14.4). “Ou tratemos todos os detalhes como descrições literais, ou reconheçamos a natureza simbólica desta visão, a única maneira coerente de interpretá-la no seu contexto. Os 144.000 são os servos de Deus selados na terra antes de começar os grandes castigos dos quatro ventos. Estes, permanecendo fiéis, iam se encontrar no céu entre os vencedores”.⁸

A Grande Multidão

“Depois destas coisas, vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos...”. (Apocalipse 7.9)

Vejo a partir deste versículo uma clara distinção desta grande multidão com os 144.000 descritos anteriormente. Os 144.000 embora sejam um número simbólico representando a comunidade judaico-cristã, fica claro que se trata de um número limitado. Agora, aqui no versículo 9, temos uma mudança de contexto. Certamente, temos a descrição da igreja gentílica como um todo. Enquanto os crentes judeus eram identificados limitadamente como sendo 144.000, os crentes gentílicos são descritos como “*grande multidão que ninguém podia enumerar*”, não limitada a Israel. Note que essa multidão – diferente dos 144.000 - não recebe nenhum selo de proteção.

“...e clamavam em grande voz, dizendo: Ao nosso Deus, que se assenta no trono, e ao Cordeiro, pertence a salvação”.

(Apocalipse 7.10)

Aqui há uma clara demonstração de que aqueles cristãos do primeiro século se recusaram a adorar os imperadores romanos que se auto-intitulavam “deus”.

“Todos os anjos estavam de pé rodeando o trono, os anciãos e os quatro seres viventes, e ante o trono se prostraram sobre o seu rosto, e adoraram a Deus, dizendo: Amém! O louvor, e a glória, e a sabedoria, e as ações de graças, e a honra, e o poder, e a força sejam ao nosso Deus, pelos séculos dos séculos. Amém!”

(Apocalipse 7.11, 12)

Vemos nesta cena que a redenção de Deus através de Jesus Cristo é motivo de louvor entre os habitantes do Céu (confira Hebreus 1.6; Efésios 3.9-11 e Lucas 15.7,10).

“Um dos anciãos tomou a palavra, dizendo: Estes, que se vestem de vestiduras brancas, quem são e donde vieram?”

Respondi-lhe: meu Senhor, tu o sabes. Ele, então, me disse: São estes os que vêm da grande tribulação, lavaram suas vestiduras e as alvejaram no sangue do Cordeiro...”

(Apocalipse 7.13, 14)

Uma coisa que acho muito interessante é que João nunca identifica os anciãos assentados à volta do Trono. As *“vestiduras brancas”* poderiam mostrar que João a essa altura deveria saber quem eram aquelas pessoas. João poderia se lembrar das almas debaixo do altar a quem foram dadas essas vestiduras brancas (Apocalipse 6.9-11). No entanto, ele demonstra dúvida e humildade reconhecendo que não sabia de quem se trata.

“São estes os que vêm da grande tribulação, lavaram suas vestiduras e as alvejaram no sangue do Cordeiro...”

A Grande Tribulação ficou concentrada no cerco a Jerusalém. Mas, todo o império romano sentiu as consequências. Aqueles dias foram muito difíceis em todo o império. É, por isto, que em Apocalipse 3.10 o Senhor promete guardar a igreja de Filadélfia da tribulação que viria sobre o mundo inteiro, isto é, o império romano, pois a palavra mundo ali é οἰκουμένη (oikoumene) palavra grega, que significa “terra habitada”, e não a palavra kosmos que seria uma referência a todo o Planeta Terra.

Em Lucas 21.25, 26 Jesus já havia alertado que haveria *“angústia entre as nações em perplexidade por causa do bramido do mar e das ondas”* e também *“homens que desmaiarão de terror e pela expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo; pois os poderes dos céus serão abalados”*. E, se alguém, ainda quer insistir que essa tribulação será global e futura, sugiro que leia mais à frente, no versículo 32 o seguinte: *“Em verdade vos digo que não passará esta geração, sem que tudo isto aconteça”*. (Lucas 21.32)

Quando se lê o Sermão do Monte em Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21, ninguém pode fugir do fato do “tempo” do cumprimento das profecias escatológicas. Jesus foi bem claro sobre a questão ao dizer

“ESTA GERAÇÃO”. Ele poderia ter falado sobre uma geração num futuro bem distante de seus dias e dizer: **“AQUELA GERAÇÃO”**. Para um estudo detalhado e profundamente esclarecedor, sugiro a leitura de meu artigo intitulado *“A Parábola da Figueira e o Significado de não passar a esta geração”* que pode ser acessado no site da Revista Cristã Última Chamada.

Enquanto os crentes de hoje fantasiam suas ideias acreditando que serão arrebatados para escapar de uma futura Grande Tribulação, o livro do Apocalipse mostra que os cristãos do primeiro século, contemporâneos de João, não tiveram essa promessa fantasiosa. Pelo contrário, sofreram, foram perseguidos por judeus e romanos, alguns foram mortos e outros encarcerados. Todos eles eram cristãos legítimos que deram testemunho de sua fé em Cristo até o fim.

“...razão por que se acham diante do trono de Deus e o servem de dia e de noite no seu santuário; e aquele que se assenta no trono estenderá sobre eles o seu tabernáculo”. (Apocalipse 7.15)

O Senhor Jesus Cristo “chegou ao trono de Deus por sua própria dignidade. Venceu a morte na sua própria justiça. Esses vencedores chegam ao trono pelo sangue de Jesus. A dignidade do homem não vem de si mesmo, mas da justiça do sacrifício perfeito e eficaz – o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo!”⁹

“...e o servem de dia e de noite no seu santuário; e aquele que se assenta no trono estenderá sobre eles o seu tabernáculo”.

Há um fato muito significativo escondido aqui. Servir “a Deus dia e noite foi parte da tarefa dos levitas e sacerdotes (II Crônicas 9:33). Agora, aqueles que estão diante do trono de Deus nesta visão são, como já vimos no versículo 9, tirados a partir de todas as raças e tribos, povos e línguas. Aqui temos uma revolução. No Templo da Jerusalém terrena os gentios não poderiam ir além do Pátio dos Gentios sob pena de morte. Um israelita passaria pelo Pátio das Mulheres e entraria no Pátio dos israelitas, e não mais. Além de que o átrio dos sacerdotes, o era para os sacerdotes somente. Mas no Templo celestial o caminho para a presença de Deus está aberto a pessoas de todas as raças. Aqui

está uma cena do céu com as barreiras derrubadas para baixo. Distinções, de raça e de status, não existem mais; o caminho para a presença de Deus está aberto a todas as almas dos fiéis”.¹⁰

“Jamais terão fome, nunca mais terão sede, não cairá sobre eles o sol, nem ardor algum, pois o Cordeiro que se encontra no meio do trono os apascentará e os guiará para as fontes da água da vida. E Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima”. (Apocalipse 7.16, 17)

Naquela época muitos cristãos eram escravos. Alguns devido à perseguição tinham seus bens confiscados. Imagine num tempo de grandes perseguições, crises acontecendo no império romano, o cristão perder seus bens e familiares devido a sua fé em Cristo. Aqui está o consolo de que no final das contas estar com Cristo é estar no Paraíso, é receber o consolo de todo o mal definitivamente. Enquanto muitos esperam pelo escape do arrebatamento em nossos dias, aqueles primeiros cristãos não esperavam por um escape, pelo contrário, deram testemunho até o fim no meio de uma geração má e perversa.

Introdução

Depois do severo julgamento do sexto selo, uma pausa foi dada no capítulo sete para selar e proteger os crentes fiéis. Os terríveis julgamentos não terminam com a abertura do sexto selo, pelo contrário, o sétimo selo abre uma série de mais sete flagelos.

Capítulo 8_____

A Abertura do Sétimo Selo – Silêncio e Julgamento

“Quando o Cordeiro abriu o sétimo selo, houve silêncio no céu cerca de meia hora”. (Apocalipse 8.1)

Há muitas possibilidades sobre o significado deste silêncio. O silêncio gera ansiedade, expectativa e grande temor. Alguém em silêncio fala mais alto do que se realmente estivesse falando em viva voz. O silêncio de um inimigo é terrivelmente tenebroso. A esta altura em que Israel estava sofrendo o castigo divino, o silêncio age de uma forma aterrorizante. O silêncio do sétimo selo realmente é aterrorizante, pois ao abrir o selo esperava-se que viesse mais um castigo divino, mas, acontece o contrário, “meia hora” de silêncio apenas. Isto indica algo assombroso que possa vir.

É possível ver esse silêncio também como um tempo de reverência a Deus. Isto nos remete ao profeta Habacuque 2.20:

“O SENHOR, porém, está no seu santo templo; cale-se diante dele toda a terra”.

Também pode ser pelo fato de que Deus fala através do silêncio. Moisés, em um de seus discursos finais a Israel, disse:

“Falou mais Moisés, juntamente com os sacerdotes levitas, a todo o Israel, dizendo: Guarda silêncio e ouve, ó Israel! Hoje, vieste a ser povo do SENHOR, teu Deus.

Portanto, obedecerás à voz do SENHOR, teu Deus, e lhe cumprirás os mandamentos e os estatutos que hoje te ordeno”.

(Deuteronômio 27.9-10)

As Sete Trombetas

“Então, vi os sete anjos que se acham em pé diante de Deus, e lhes foram dadas sete trombetas”. (Apocalipse 8.2)

As sete trombetas fazem parte da abertura do sétimo selo. Creio que o cumprimento integral do sétimo selo são as trombetas. Nos tempos do Antigo Testamento, as trombetas eram utilizadas para:

1. Reunir o povo para a guerra;
2. Para o culto;
3. E ordens de marcha enquanto os israelitas estavam atravessando o deserto.

Creio que as sete trombetas representam a chamada para a guerra. Temos aqui um cenário parecido com o cerco à cidade de Jericó. Neste cerco Israel “é instruído a soar a trombeta, uma vez por dia durante sete dias e, em seguida, sete vezes no dia da batalha. Este é o dia da batalha. As trombetas agora vão soar sete vezes. Ao longo do sopro da Trombeta as muralhas de Jericó caíram e se tornaram planas; e as Sete Trombetas do Apocalipse também são um prelúdio para a queda de uma grande cidade”.¹

“Veio outro anjo e ficou de pé junto ao altar, com um incensário de ouro, e foi-lhe dado muito incenso para oferecê-lo com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro que se acha diante do trono; e da mão do anjo subiu à presença de Deus a fumaça do incenso, com as orações dos santos”. (Apocalipse 8.3-4)

Mais uma vez aqui em Apocalipse vemos como as orações dos crentes têm importância diante de Deus (inclusive as das almas que clamam debaixo do altar – Apocalipse 6.9).

A Igreja cristã “é, portanto, um retrato vívido do poder da oração, e também da necessidade de orar para o julgamento e pela justiça. A igreja é muito frequentemente omissa neste aspecto central da intercessão. Suas orações são pietistas e humanistas, sem se preocupar com a justiça de Deus e indevidamente preocupadas com a fuga em vez de batalha”.²

Em Lucas 18.7 Jesus fala que Deus fará justiça aos seus escolhidos, os quais em oração clamam a Ele de dia e de noite. Na oração por justiça, devemos lembrar o conselho de Paulo que diz: “...*não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira; porque está escrito: A mim me pertence a vingança; eu é que retribuirei, diz o Senhor*”. (Romanos 12.19)

“E o anjo tomou o incensário, encheu-o do fogo do altar e o atirou à terra. E houve trovões, vozes, relâmpagos e terremoto”.

(Apocalipse 8.5)

O incensário levava as orações dos santos. Sobre a cena do anjo jogando o incensário à terra, encontramos algo semelhante em Isaías 6 onde “um serafim tira uma brasa do altar para purificar o profeta (Isaías 6:6-7). A purificação que segue no Apocalipse vem por meio do castigo dos ímpios. Fogo do céu tem duas funções na Bíblia:

1. Consumir os sacrifícios oferecidos ao Senhor (1 Crônicas 21:26; 2 Crônicas 7:1), e;
2. Castigar os inimigos de Deus (2 Reis 1:10,12; Lucas 9:54).

Podemos ver aqui os dois sentidos, pois a morte dos inimigos de Deus apazigua a ira divina”.³

Dá para notar que as orações dos santos voltam a terra em forma de ira. Lembremos sempre que “terra” no contexto do Apocalipse refere-se à terra de Israel. O julgamento descrito no Apocalipse tem a ver com Jerusalém e a nação como um todo.

Segundo Ralph E. Bass, Jr. a ironia da passagem de Apocalipse 8.5 “torna-se evidente quando se tem em mente que se trata de uma profecia contra o apóstata Israel. No culto do Antigo Testamento, o

fogo sobre o altar do holocausto originou-se do céu, descendo sobre o altar, quando o tabernáculo e o templo estavam prontos (Levítico 9:24; II Crônicas 7:1). Este fogo, iniciado por Deus, foi mantido aceso pelo sacerdote, e foi levado de um lugar para outro, de modo que ele poderia ser usado para iniciar outras fogueiras santas (Levítico 16:12-13; cf. Números 16:46-50; Gênesis 22:6).

Agora, quando o povo de Deus era ordenado para destruir uma cidade apóstata, Moisés dizia: “Você deve reunir todo o seu despojo no meio da sua praça aberta e queimar todo o seu espólio com o fogo como holocausto ao Senhor vosso Deus” (Deuteronômio 13:16; Juízes 20:40; cf. Gênesis 19:28). A única maneira aceitável para queimar a cidade como um holocausto foi com fogo de Deus trazido desde o altar. Assim, quando a cidade estava para ser destruída, o sacerdote tomava fogo do altar de Deus e usava para acender a pilha de espólio que servia como gravetos, assim oferecendo toda a cidade como um sacrifício. E esta prática de colocar uma cidade “sob a proibição”, de modo que nada sobreviva ao fogo (Deuteronômio 13:12-18), é o que o livro de Apocalipse usa para descrever o juízo de Deus contra Jerusalém.

Deus colocou Jerusalém sob a proibição. Um fogo santo do Altar (8:5) agora é usado para acender a cidade trazendo as maldições da aliança sobre Israel como havia prometido. Temos um quadro semelhante de destruição da cidade de Jerusalém em 586 a.C. em Ezequiel [Ezequiel 10:2-19]”.⁴

Os judeus sofreram diversas vezes por causa de seu pecado. Anos e mais anos de repreensões divinas não foram suficientes, pois por último, mataram o Senhor da Glória. Foi por isto que Jesus disse a respeito da terra de Israel: “*Eu vim para lançar fogo sobre a terra e bem quisera que já estivesse a arder*”. (Lucas 12.49) No livro do Apocalipse vemos claramente que o dia e à hora de “*lançar fogo sobre a terra*” havia chegado.

“E houve trovões, vozes, relâmpagos e terremoto”.

Depois que o incensário é lançado na terra acontece trovões, relâmpagos e uma tempestade. Isto faz lembrar do Salmo de Asafe que diz:

“Vem o nosso Deus e não guarda silêncio; perante ele arde um fogo devorador, ao seu redor esbraveja grande tormenta.

Intima os céus lá em cima e a terra, para julgar o seu povo.

Congregai os meus santos, os que comigo fizeram aliança por meio de sacrifícios.

Os céus anunciam a sua justiça, porque é o próprio Deus que julga.

Escuta, povo meu, e eu falarei; ó Israel, e eu testemunharei contra ti. Eu sou Deus, o teu Deus”.

(Salmos 50.3-7)

Curiosamente, “terremotos [...] ocorreram durante a horrenda noite quando os Idumeanos foram excluídos de Jerusalém, um pouco antes de o cerco a Jerusalém começar. Josefo diz que “uma grande tempestade caiu sobre eles durante a noite; ventos violentos, acompanhados pelas chuvas mais fortes, com raios constantes e os mais tremendos trovões, com horrendos estrondos de terremotos. Parecia que as fundações do mundo tinham sido confundidas para destruir a humanidade; e as pessoas podem certamente imaginar que esses eram sinais para o que estava por vir!”⁵

Por usarmos os escritos do historiador Flávio Josefo, nós, os preteristas, somos frequentemente acusados por dispensacionalistas de que somos dependentes dos escritos dele, e que sem Josefo não haveria preterismo. O dispensacionalista Randall Price acusa que “o Preterismo, [...] força a interpretação da maioria dos textos proféticos, principalmente daqueles que se referem à destruição de Jerusalém, para que seu cumprimento se encaixe nos acontecimentos relativos à Primeira Revolta Judaica, considera a destruição do povo judeu como o elemento central da profecia”.⁶ Randall também acusa que o preterismo faz “correlações” baseadas na interpretação escatológica tendenciosa [dos escritos] do historiador judeu Flávio Josefo...”,⁷ e

acrescenta a ideia do preterismo “reinterpretar o texto a fim de ajustá-lo aos detalhes históricos preferidos...”⁸

É bom que fique claro, que o mesmo pode ser dito do dispensacionalismo. Muitos defensores do dispensacionalismo interpretam os textos baseados nas últimas notícias dos jornais, e, alguns, tentam ajustar os textos bíblicos as últimas notícias. Isto não pode ser dito de todos, mas mesmo entre os mais respeitados e equilibrados dispensacionalistas, no final das contas, você vai ouvir algo do tipo: *“Você não vê como está o mundo? Jesus está voltando e as profecias estão se cumprindo!”*

É fato, que nós preteristas não somos dependentes dos escritos do historiador Flávio Josefo que viveu no primeiro século da era cristã. Se não tivéssemos nada disponível dos escritos dele, saberíamos mesmo assim que o que Jesus disse de fato aconteceu, e que Jesus é um verdadeiro profeta. No entanto, posso dizer que Deus nos agraciou em nos dar detalhes sobre o cerco a Jerusalém e, poder com isto, ver o quanto a profecia bíblica se cumpriu à risca. Os dispensacionalistas também usam provas arqueológicas e históricas para provar o cumprimento das profecias do Antigo Testamento. Deveríamos ser gratos a Deus pelos escritos de Josefo!

“Então, os sete anjos que tinham as sete trombetas prepararam-se para tocar”. (Apocalipse 8.6)

Com a abertura dos sete selos tivemos uma des-criação da ordem cósmica. A “velha criação” que era a antiga aliança havia chegado ao seu fim. Para isto, Deus castiga sua ex-esposa, a nação judaica por sua infidelidade. Entre trombetas, selos e taças, podemos notar que “o Apocalipse é dividido em vários ciclos de julgamento, cada ciclo levando a uma descrição de uma decisão vinda de Cristo contra Israel e Jerusalém, bem como uma imagem do estado eterno final”.⁹

Assim como a “velha criação” estava indo embora, uma “nova criação” apontava no horizonte, novos céus e nova terra, os quais habitam a justiça foram inaugurados - ainda no primeiro século da era cristã – e atingirão a sua plenitude quando Cristo voltar segunda vez.

A Primeira Trombeta: A Vegetação é Destruída

“O primeiro anjo tocou a trombeta, e houve saraiva e fogo de mistura com sangue, e foram atirados à terra. Foi, então, queimada a terça parte da terra, e das árvores, e também toda erva verde”.

(Apocalipse 8.7)

As pragas das quatro primeiras trombetas nos remetem as pragas ocorridas no Egito através de Moisés. Deus envia pragas ao Israel apóstata “em conformidade com as sanções da aliança ameaçadas em Deuteronômio 28 e Levítico 26”.¹⁰ Aqui em Apocalipse Deus está mandando pragas contra uma nação que “*espiritualmente, se chama Sodoma e Egito, onde também o seu Senhor foi crucificado*”. (Apocalipse 11.8)

O antigo Egito era o grande inimigo de Israel. Na época de Moisés Deus teve que destruir o Egito para libertar o seu povo. Numa situação semelhante, temos aqui em Apocalipse a nação apóstata de Israel que se chama “Egito”, espiritualmente falando. Para que o verdadeiro Israel de Deus que é a igreja, seja liberto das perseguições dos judeus, Deus semelhantemente manda destruição sobre esse “Egito”.

“...e houve saraiva e fogo de mistura com sangue, e foram atirados à terra”.

Essa “primeira trombeta nos lembra das pragas usadas para castigar os egípcios. Na sétima praga, caiu “*chuva de pedras e fogo misturado com a chuva de pedras*” (Êxodo 9:24). Na primeira, as águas se tornaram em sangue (Êxodo 7:17)”.¹¹

“Foi, então, queimada a terça parte da terra, e das árvores, e também toda erva verde”.

A “terça parte” indica que não temos aqui uma destruição total de Jerusalém e da terra de Israel. O uso da expressão “terça parte” foi inspirado a partir de Zacarias 13.7-8:

“Desperta, ó espada, contra o meu pastor e contra o homem que é o meu companheiro, diz o SENHOR dos Exércitos; fere o pastor, e as ovelhas ficarão dispersas; mas volverei a mão para os pequeninos.

Em toda a terra, diz o SENHOR, dois terços dela serão eliminados e perecerão; mas a terceira parte restará nela”.

Uma vez que o Pastor (Jesus Cristo) foi ferido, agora a “terra” de Israel (não o Planeta Terra) teria que sofrer as consequências. A terça parte preservada são os cristãos judeus. Apocalipse 8.7 reflete especificamente Ezequiel 38 que fala de Gogue vindo contra Israel (Ezequiel 38.18-22).

“Os judeus acreditavam que o inimigo de Deus, Gogue, era uma potência estrangeira que atacaria Israel. João aqui aplica os juízos de Deus sobre Gogue e sobre o apóstata Israel. O apóstata Israel é o inimigo de Deus; e ambos, Roma e Israel, são os objetos da Sua ira.

Essa primeira trombeta destrói a vegetação. O historiador judeu Flávio Josefo diz algo sobre isto:

“Nem os romanos, fora da raiva que deu à luz a essa tentativa, deixaram de fora nem de noite nem de dia, queimando os lugares na planície, ou roubando o gado que estavam no país, e matando tudo que parecia capaz de lutar perpetuamente, e levando as pessoas mais fracas como escravos para o cativeiro: para que a Galiléia fosse toda preenchida com fogo e sangue; nem foi isenta de qualquer tipo de miséria ou de calamidade...”¹²

“Entretanto, os romanos em vinte e um dias terminaram as novas plataformas, não obstante a dificuldade em encontrar a madeira necessária para tal obra. Eles devastaram toda a região a oitenta estádios nos arredores de Jerusalém; e **jamais a terra ficou tão desfigurada. Onde outrora havia bosques e árvores frondosas,**

jardins deliciosos, não havia agora uma única árvore, e não somente os judeus, mas os estrangeiros, que antes admiravam aquela formosa parte da Judéia, agora não seriam capazes de reconhecer, nem ver os maravilhosos arrabaldes daquela grande cidade, convertidos em terrenos abandonados e silvestres, sem que tão deplorável mudança os fizesse derramar lágrimas. Foi assim que a guerra de tal modo destruiu uma região tão favorecida por Deus, que já não lhe restava o menor vestígio de sua beleza antiga e podia-se perguntar em Jerusalém, onde então estava Jerusalém”.¹³

Eu sei que os atuais pregadores do fim do mundo, bem como dispensacionalistas que compõem a maioria das igrejas, irão ridicularizar essas citações de Josefo. Mas, vamos ver o que é mais ridículo. Atualmente, o chamado interprete “literalista” do Apocalipse acredita em coisas absurdas e contraditórias. Eles acreditam que literalmente o Apocalipse diz que um terremoto moverá montanhas e ilhas de seus lugares e meteoros cairão no planeta Terra. Também acreditam que no final dos sete anos de tribulação Jesus regressará com sua noiva e tocará com seus pés o monte das Oliveiras que será dividido ao meio (interessante que dos montes e ilhas que foram removidos o monte das Oliveiras permaneceu intacto). Sobre essas questões, o escritor Hank Hanegraaf acertadamente disse que se “os diversos outros gêneros literários não são compreendidos, as Escrituras naufragam num mar de contradições”, e, “insistir em declarações extremamente literais inevitavelmente leva à conclusão de que Bíblia contradiz a si mesma”.¹⁴

A Segunda Trombeta: O Mar é Atingido

“O segundo anjo tocou a trombeta, e uma como que grande montanha ardendo em chamas foi atirada ao mar, cuja terça parte se tornou em sangue...”. (Apocalipse 8.8)

Em primeiro lugar, é necessário entender o que significa essa “*montanha ardendo em chamas*”. Quando Deus “revelou as suas

intenções de castigar a Babilônia, ele usou linguagem semelhante à da segunda trombeta:

“Eis que sou contra ti, ó monte que destróis, diz o SENHOR, que destróis toda a terra; estenderei a mão contra ti, e te revolverei das rochas, e farei de ti um monte em chamas. De ti não se tirarão pedras, nem para o ângulo nem para fundamentos, porque te tornarás em desolação perpétua, diz o SENHOR”. (Jeremias 51:25-26)

Montanhas frequentemente representam autoridades ou reinos (Isaías 2:2). O mar servia como um dos principais meios de comércio (Isaías 23:2; Ezequiel 27:3). [...] O mar, também, pode representar os povos do mundo (Salmo 98:7; Isaías 23:11; 41:5; Ezequiel 26:16-18; Daniel 7:2-3). O castigo aqui seria a derrota de uma grande autoridade, atingindo os povos da terra”.¹⁵

É interessante que embora a cidade de Babilônia fosse chamada de *“monte que destróis”*, ela foi construída em uma planície desértica, não nas montanhas. A profecia de Jeremias que foi aplicada para a antiga Babilônia é agora aplicada contra a nova Babilônia do tempo de João, a Jerusalém terrena. Além disto, Israel foi chamado de *“monte da tua herança”* em Êxodo 15.17. O povo de Israel sempre era identificado através do monte Sião e Sinai.

O mais interessante de tudo é que o Senhor Jesus falou uma mensagem acerca do monte:

“Cedo de manhã, ao voltar para a cidade, teve fome; e, vendo uma figueira à beira do caminho, aproximou-se dela; e, não tendo achado senão folhas, disse-lhe: Nunca mais nasça fruto de ti! E a figueira secou imediatamente.

Vendo isto os discípulos, admiraram-se e exclamaram: Como secou depressa a figueira!

Jesus, porém, lhes respondeu: Em verdade vos digo que, se tiverdes fé e não duvidardes, não somente fareis o que foi feito à figueira, mas até mesmo, se a este monte disserdes: Ergue-te e lança-te no mar, tal sucederá; e tudo quanto pedirdes em oração, crendo, recebereis.

(Mateus 21.18-22)

Sobre esta passagem, Ralph E. Bass, Jr. escreveu o seguinte:

“Mateus 21 é uma passagem que fez pouco sentido para muitos cristãos, pois, certamente, nenhum de nós conheceu um crente que fez tal oração. Mas espera; vamos perceber o contexto em que foi falado: primeiro temos a Entrada Triunfal; em seguida, vemos a limpeza do templo; e finalmente, temos a história da Figueira Estéril. Neste contexto, Cristo está apresentando-se a Israel como seu Messias. Nessa qualidade, Ele é a limpeza de seu próprio templo. Em seguida, ele ilustra a rejeição de seu governo na história da figueira estéril de Israel. É neste ponto que Ele menciona a oração de lançar esta montanha (8:8); não montanhas em geral, mas esta montanha (8:8), é assim como Ele olhou para Jerusalém, para o mar e o mundo gentio. E assim vemos aqui cumpridas e ouvidas no ano 70 d.C., as orações dos santos e as orações dos mártires por vingança contra Jerusalém”.¹⁶

Isto não significa que os santos mártires tinham prazer na morte do perverso. Deus diz em Ezequiel 33.11 que Ele mesmo não tem prazer na morte do perverso. Mas, é uma oração pedindo justiça.

Já vimos que “mar” significa metaforicamente o mundo gentio, os povos do mundo. Uma vez que Israel era o “monte” ou a “montanha” incendiada pelo fogo do altar de Deus, obviamente que nem todos morreram, mas seus sobreviventes foram lançados ao “mar”, ou seja, no mundo gentio. Aqui se cumpre o que Cristo falou em Lucas 21.24: *“Cairão a fio de espada e serão levados cativos para todas as nações; e, até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém será pisada por eles”*. Assim, o “mar” das nações engole Israel na semelhança da antiga Babilônia:

“Como foi tomada Babilônia, e apanhada de surpresa, a glória de toda a terra! Como se tornou Babilônia objeto de espanto entre as nações!

O mar é vindo sobre Babilônia, coberta está com o tumulto das suas ondas”.

(Jeremias 51.41, 42)

Alguém já disse que interpretar assim a “*grande montanha ardendo em chamas* [que] *foi atirada ao mar*”, parece diminuir a glória e o poder de Deus. Que Deus pode tudo é a coisa mais óbvia do mundo para mim. No entanto, não é aquilo que achamos que deve decidir a interpretação do Apocalipse. Não devemos interpretar literalmente os símbolos apocalípticos. Preste atenção, falei sobre não interpretar “**os ‘SÍMBOLOS’ apocalípticos literalmente**”. Porque se fosse assim, teríamos que admitir coisas absurdas. Imagine uma besta de verdade se levantando do mar? Imagine aparecer uma mulher vestida de sol voando no céu? Qual seria a interpretação certa, então? A profecia do Apocalipse tem cumprimento literal?

Uma vez que no Apocalipse foi usado símbolos, devemos entender que **não é o símbolo em si** que deve ser levado em conta literalmente, mas o significado por trás do símbolo. Veja que a profecia de Apocalipse 8.8 fala de uma “*grande montanha*”. A grande montanha é o símbolo, mas o significado que o símbolo esconde é que essa montanha trata-se de Israel. Teve cumprimento literal? Sim! **O que estava por trás do símbolo se cumpriu literalmente**, ou seja, Israel como uma grande montanha foi lançado ao mar (nações gentílicas).

Outra coisa; os símbolos do Apocalipse não podem ser interpretados de acordo com a imaginação e interpretação do leitor. Devemos levar em conta cinco critérios:

1. Devemos ter Jesus como Chave hermenêutica (ou de interpretação). O que Jesus disse claramente nos evangelhos sobre o tempo do fim e sobre a geração que veria tais coisas deve ser levado em consideração em primeiro lugar.
2. As passagens claras das Escrituras devem lançar luz sobre as passagens obscuras. Há vários textos do Novo Testamento que são claros sobre a questão do tempo do fim. Eles podem lançar luz nas passagens difíceis do Apocalipse.
3. Dois terços do Apocalipse aludem a passagens do Antigo Testamento, e isto indica que as referências do Antigo

Testamento também devem ser usadas na interpretação do Apocalipse.

4. Devemos levar em consideração o contexto histórico em que João vivia. O Apocalipse é um documento do primeiro século. Portanto, devemos considerar que a simbologia usada deveria ser de conhecimento das sete igrejas da Ásia para as quais o Apocalipse foi enviado.
5. É importante levar o Preterismo Parcial em consideração. Durante muitos anos estivemos reféns da escatologia dispensacionalista. Graças aos recursos da internet, o preterismo surge no cenário brasileiro como um caminho alternativo para os estudantes do Apocalipse.

Nossos professores de Bíblia fazem muita confusão com tais gêneros literários apocalípticos, não sabem explicar satisfatoriamente a diferença entre o cumprimento literal do que há por trás do símbolo ou se é o próprio símbolo que deve ter um cumprimento literal. Lamento informar que já encontrei entre os professores de Bíblia, muitos analfabetos funcionais que são aqueles indivíduos que não desenvolveram a habilidade de interpretação de textos, mesmo que tenham passado pela escola ou até mesmo faculdade.

“...cuja terça parte se tornou em sangue...”

O fato do mar se tornar em sangue é uma linguagem da primeira praga no Egito (Êxodo 7.17).

“...e morreu a terça parte da criação que tinha vida, existente no mar, e foi destruída a terça parte das embarcações”

(Apocalipse 8.9)

Já disse anteriormente sobre a questão do “mar” significar os povos gentios. Respeitando o **CONTEXTO** deste versículo, vemos que João acrescenta “*criação que tinha vida*” e as “*embarcações*”. Temos que ter muito cuidado ao lidar com cada contexto do livro do Apocalipse.

A simbologia pode estar misturada com elementos reais. Mas quem determina isto é o **CONTEXTO**, e no caso, em questão, temos a presença de alguns elementos reais como já foi dito. Não se trata de escolher ou separar por conveniência aquilo que é simbólico ou literal. Devemos sempre ter em mente que foi Jesus mesmo quem disse que os eventos do tempo final ocorreriam dentro daquela geração do primeiro século (Mateus 24.34). Portanto, temos a obrigação de interpretar e imaginar o Apocalipse como tendo seu cumprimento apenas no primeiro século depois de Cristo. Somente a partir da segunda metade do capítulo 20 é que o livro narra eventos que estão bem longe dos dias de João, e que ainda são futuros a nós.

Sobre essa praga ocorrida no mar, o historiador Flavio Josefo disse algo que se encaixa neste versículo:

“No entanto, um grande número de judeus, tanto dos que se haviam revoltado contra os romanos, como dos que haviam fugido para as cidades de que se haviam apoderado, reconstruíram Jope, que Céstio havia destruído e, não podendo encontrar com o que viver em terra, por causa da devastação dos campos, construíram um grande número de pequenos navios, puseram-se ao mar e percorrendo as costas da Fenícia, da Síria e mesmo do Egito, perturbaram com sua pirataria, todo o comércio daqueles mares.

Os que haviam fugido de Jope estavam então naquela baía e apenas o dia começou a raiar, o vento, a que chamam de verão negro, soprou com tanta violência, que jamais se viu tempestade mais horrível. Uma parte dos navios quebrou-se, chocando-se uns contra os outros, outros se espatifaram contra os rochedos, outros querendo, à força de remos, alcançar o mar alto, para evitar a praia, onde as pedras os esperavam e os romanos também tornavam-na igualmente temível, acharam-se, num momento, elevados sobre montanhas de água e precipitados em seguida aos abismos, que aquela espantosa tempestade lhes abria.

Assim, não restava àquele povo miserável, em tal contingência, nenhuma esperança de salvação, porque, quer eles se afastassem da terra, quer dela se aproximassem, não podiam evitar de perecer, tanto pelo furor do mar, como pelas armas dos inimigos. O ar entrecortava-se de gemidos dos que haviam ficado nos navios esfrangalhados;

viam-se de todos os lados, uns, afogarem-se, outros matarem-se de desespero, outros, atirados pelas vagas contra os rochedos, onde eram mortos pelos romanos. Assim o mar não somente estava coberto de naufrágios, mas também tinto de sangue; contaram-se até quatro mil e duzentos corpos que ele atirou à praia”.¹⁷

Em outra seção, Josefo ainda acrescenta:

Os navios que Vespasiano mandara construir ficaram prontos, foram postos no lago e ele embarcou com tantos soldados quantos necessários para a empresa que intentava, contra os que haviam fugido para o lago. Então não lhes restou mais esperança de salvação. Eles não ousavam vir por terra, porque lá tudo lhes era contrário; só podiam, com extrema desvantagem, combater sobre as águas, porque suas barcas, que eram próprias para assaltos e pirataria, eram muito fracas para resistir aos navios e tendo poucos homens em cada uma delas, não ousavam atacar os romanos. Por isso, o mais que podiam fazer, era navegar em redor deles, atirando-lhes pedras, de longe e algumas vezes, mesmo, de perto; mas quer de um modo quer de outro, causavam-lhes pouco mal, recebendo ao contrário, graves perdas e prejuízos.

Aquelas pedras só faziam barulho contra as armas dos romanos e quando se aproximavam eram atirados à água, e suas barcas reviradas. Os romanos matavam a golpes de dardos os que lhes estavam ao alcance das armas e a golpes de espada, os que estavam nas barcas. Aprisionaram ainda outros com barca e tudo, quando rodeados por mais de uma embarcação; matavam a golpes de flechas, ou faziam afundar com as barcas, os que procuravam salvar-se; cortavam a cabeça ou as mãos, aos que, no auge do desespero a eles vinham nadando. Assim aqueles infelizes iam perecendo um por um, de maneiras diferentes, até que, inteiramente derrotados e querendo fugir para a terra, foram mortos no lago, a flechadas, e os outros, que estavam perto da terra, bem como os que já tinham desembarcado não tiveram melhor sorte, de tal modo, que nem um só escapou com vida, naquela horrível matança. O lago estava todo vermelho de tanto

sangue, suas margens, cheias de naufragos e ambos cobertos de cadáveres.

Poucos dias depois, aqueles corpos inchados e lívidos corromperam o ar de tal modo, com seu mau cheiro, que toda aquela região ficou contaminada. O espetáculo era tão horrível que não somente causava espanto aos judeus, mas obrigava os romanos a se lastimarem também, embora eles mesmos fossem os culpados de tudo. Tal o desenlace do combate naval, que pereceram nele e na cidade cerca de seis mil e quinhentos homens”.¹⁸

A Terceira Trombeta: Às Águas são Atingidas

“O terceiro anjo tocou a trombeta, e caiu do céu sobre a terça parte dos rios, e sobre as fontes das águas uma grande estrela, ardendo como tocha”. (Apocalipse 8.10)

Em Apocalipse 6.13 vimos algo semelhante:

“...as estrelas do céu caíram pela terra, como a figueira, quando abalada por vento forte, deixa cair os seus figos verdes...”

Há varias profecias do Antigo Testamento que falam sobre estrelas e os exércitos do céu:

Isaías 13.10 - *“Porque as estrelas e constelações dos céus não darão a sua luz; o sol, logo ao nascer, se escurecerá, e a lua não fará resplandecer a sua luz”.*

Ezequiel 32.7, 8 – *“Quando eu te extinguir, cobrirei os céus e farei enegrecer as suas estrelas; encobrirei o sol com uma nuvem, e a lua não resplandecerá a sua luz. Por tua causa, vestirei de preto todos os brilhantes luminares do céu e trarei trevas sobre o teu país, diz o SENHOR Deus”.*

Joel 2.10 – *“Diante deles, treme a terra, e os céus se abalam; o sol e a lua se escurecem, e as estrelas retiram o seu resplendor”*.

Joel 3.15 – *“O sol e a lua se escurecem, e as estrelas retiram o seu resplendor”*.

Em nenhum destes casos citados ocorreu algo literal. O simbolismo aqui é o desagrado de Deus contra as nações. Desta forma o julgamento de Deus contra as nações simbolizadas pelos astros celestes cai sobre governos, príncipes e autoridades. No caso em questão aqui em Apocalipse 8.10 temos especificamente *“uma grande estrela ardendo como tocha”*. O fato de João referir-se a somente uma *“estrela”* pode significar uma grande pessoa ou cidade. O próprio Senhor Jesus Cristo é profetizado como uma estrela que procederia de Jacó:

“Vê-lo-ei, mas não agora; contemplá-lo-ei, mas não de perto; uma estrela procederá de Jacó, de Israel subirá um cetro que ferirá as têmporas de Moabe e destruirá todos os filhos de Sete”.

(Números 24.17)

O profeta Isaías também chama Babilônia de estrela:

“Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filho da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações!” (Isaías 14.12)

Babilônia era um importante império e também uma cidade. Pela sua posição, o seu juízo é retratado como que de uma estrela caindo do céu. A cidade de Jerusalém, e seu juízo, é retratado da mesma forma. A terça parte dos rios e das fontes das águas sendo atingidas nos remete ao profeta Zacarias:

“Em toda a terra, diz o SENHOR, dois terços dela serão eliminados e perecerão; mas a terceira parte restará nela.

Farei passar a terceira parte pelo fogo, e a purificarei como se purifica a prata, e a provarei como se prova o ouro; ela invocará o meu nome, e eu a ouvirei; direi: é meu povo, e ela dirá: O SENHOR é meu Deus”. (Zacarias 13.8-9)

“O nome da estrela é Absinto; e a terça parte das águas se tornou em absinto, e muitos dos homens morreram por causa dessas águas, porque se tornaram amargosas”. (Apocalipse 8.11)

O que vemos aqui em Apocalipse é a mesma cena que pode ser encontrada no profeta Jeremias:

“Quem é o homem sábio, que entenda isto, e a quem falou a boca do SENHOR, homem que possa explicar por que razão pereceu a terra e se queimou como deserto, de sorte que ninguém passa por ela?

Respondeu o SENHOR: Porque deixaram a minha lei, que pus perante eles, e não deram ouvidos ao que eu disse, nem andaram nela.

Antes, andaram na dureza do seu coração e seguiram os baalins, como lhes ensinaram os seus pais.

Portanto, assim diz o SENHOR dos Exércitos, Deus de Israel: Eis que alimentarei este povo com absinto e lhes darei a beber água venenosa.

Espalhá-los-ei entre nações que nem eles nem seus pais conheceram; e enviarei a espada após eles, até que eu venha a consumi-los”.

(Jeremias 9.12-16 – o grifo é meu)

“Portanto, assim diz o SENHOR dos Exércitos acerca dos profetas: Eis que os alimentarei com absinto e lhes darei a beber água venenosa; porque dos profetas de Jerusalém se derramou a impiedade sobre toda a terra”. (Jeremias 23.15 – o grifo é meu)

Absinto é uma planta composta, de sabor amargo e aromático. Essa erva representa amargura conforme Lamentações 3.15, 19. Também é uma representação do castigo de Deus (Provérbios 5.4; Jeremias 9.15; 23.15). A primeira praga no Egito foi um ataque as águas potáveis

(Êxodo 7.20-21). Ao contrário da maldição nas águas, para o seu povo, Deus tornou doces as águas amargas (Êxodo 15.25-26).

O uso do Absinto “para designar alimentos ou água era um sinal de sofrimento extremo. Neste contexto, o nome da estrela cadente foi chamado Absinto, por causa dos efeitos amargos que acompanham a queda dos poderes simbolizados aqui, que participaram do cerco e a destruição de Jerusalém. Foi tão revoltante que mesmo a imagem mental da putrefação física se transforma em náuseas, a amargura de que só poderia significar Absinto”.¹⁹

E para ser mais literal, é de importância “lembrar que exércitos invasores, muitas vezes bloqueavam, enchiam, e envenenavam o abastecimento de água durante a guerra. O veneno era especialmente destrutivo porque o homem e o animal eram destruídos por seu efeito, não só imediatamente, mas também por semanas, meses, talvez anos, tornando a guerra ainda mais devastadora. E não era só o exército atacante que fazia isso na tentativa de destruir totalmente o seu inimigo, mas o exército que se defendia também faria isso em um esforço para negar água para o inimigo que aproximava. Lemos sobre isto na guerra de Ezequias com Senaqueribe...”²⁰:

“Vendo, pois, Ezequias que Senaqueribe vinha e que estava resolvido a pelejar contra Jerusalém, resolveu, de acordo com os seus príncipes e os seus homens valentes, tapar as fontes das águas que havia fora da cidade; e eles o ajudaram.

Assim, muito povo se ajuntou, e taparam todas as fontes, como também o ribeiro que corria pelo meio da terra, pois diziam: Por que viriam os reis da Assíria e achariam tantas águas?”

(2º Crônicas 32.2-4)

Podemos ter certeza que por causa da habilidade militar e o conhecimento que os romanos possuíam, eles prejudicaram o abastecimento de água em Israel.

A Quarta Trombeta: Os Céus são Atingidos

“O quarto anjo tocou a trombeta, e foi ferida a terça parte do sol, da lua e das estrelas, para que a terça parte deles escurecesse e, na sua terça parte, não brilhasse, tanto o dia como também a noite”.

(Apocalipse 8.12)

Já vimos neste comentário algo similar no sexto selo. Vale à pena lembrar:

“Vi quando o Cordeiro abriu o sexto selo, e sobreveio grande terremoto. O sol se tornou negro como saco de crina, a lua toda, como sangue, as estrelas do céu caíram pela terra, como a figueira, quando abalada por vento forte, deixa cair os seus figos verdes...”

(Apocalipse 6.12-13)

Existem duas possibilidades no julgamento da quarta trombeta, são elas:

1. Podemos ter na quarta trombeta uma nova descrição do sexto selo;
2. Ou um novo tipo de julgamento usando simbologia semelhante.

É possível notar aqui em Apocalipse que João está profundamente mergulhado no Antigo Testamento. Ele constantemente tem sua mente ligada em textos do Antigo Testamento. Ele nos remete a Isaias 24.1, 3-6, 21-23 que mostra a situação de Israel no julgamento do Apocalipse:

“Eis que o SENHOR vai devastar e desolar a terra, vai transtornar a sua superfície e lhe dispersar os moradores”.

“A terra será de todo devastada e totalmente saqueada, porque o SENHOR é quem proferiu esta palavra.

A terra pranteia e se murcha; o mundo enfraquece e se murcha; enlanguescem os mais altos do povo da terra.

Na verdade, a terra está contaminada por causa dos seus moradores, porquanto transgridem as leis, violam os estatutos e quebram a aliança eterna.

Por isso, a maldição consome a terra, e os que habitam nela se tornam culpados; por isso, serão queimados os moradores da terra, e poucos homens restarão”.

“Naquele dia, o SENHOR castigará, no céu, as hostes celestes, e os reis da terra, na terra.

Serão ajuntados como presos em masmorra, e encerrados num cárcere, e castigados depois de muitos dias.

A lua se envergonhará, e o sol se confundirá quando o SENHOR dos Exércitos reinar no monte Sião e em Jerusalém; perante os seus anciãos haverá glória”.

Todos os imperadores romanos e as autoridades judaicas foram assassinados e destruídos. De acordo com Ralph E. Bass, Jr., os imperadores “Gaius, Claudius, Nero, Galba, Otão, Vitélio, todos morreram por homicídio ou suicídio; Herodes, o Grande, Herodes Antipas, Herodes Agripa, e a maioria dos Príncipes herodianos, juntamente com não poucos dos sacerdotes de Jerusalém, morreram em desgraça, ou no exílio, ou por mãos violentas. Todos estes foram sóis e estrelas que foram escurecidas.

Uma grande parte da conta de Josefo da destruição de Israel lida com a morte de seus vários líderes, os homens que teriam mantido Israel em sua guerra com Roma, ou homens que teria arranjado uma paz rápida e amável se autorizados a fazê-lo. No entanto, os fanáticos, e “ladrões”, como Josefo os chama, outra vez conspiraram contra e assassinaram os líderes religiosos e políticos que poderiam ter salvado Israel da destruição que sofreu”.²¹

“Então, vi e ouvi uma águia que, voando pelo meio do céu, dizia em grande voz: Ai! Ai! Ai dos que moram na terra, por causa das restantes vozes da trombeta dos três anjos que ainda têm de tocar!”

(Apocalipse 8.13)

A insígnia da “águia” era um símbolo gravado nos escudos e estandartes do exército romano. A “águia” aqui em questão pode significar o exército romano “usado como instrumento do Senhor assim como Ele havia usado as forças políticas no passado para disciplinar Seu povo”.²²

Curiosamente, em Deuteronômio 28, onde fala das maldições e julgamento contra Israel, caso este se apostatasse dos caminhos do Senhor, temos uma alusão a águia:

“Porquanto não serviste ao SENHOR, teu Deus, com alegria e bondade de coração, não obstante a abundância de tudo.

Assim, com fome, com sede, com nudez e com falta de tudo, servirás aos inimigos que o SENHOR enviará contra ti; sobre o teu pescoço porá um jugo de ferro, até que te haja destruído.

*O SENHOR levantará contra ti uma nação de longe, da extremidade da terra virá, **como o vôo impetuoso da águia**, nação cuja língua não entenderás; nação feroz de rosto, que não respeitará ao velho, nem se apiedará do moço”.*

(Deuteronômio 28.47-50)

Na verdade, os caldeus eram descritos sob a figura de uma águia. Esses versículos são uma previsão exata sobre a vinda de Roma contra Israel, pois se diz que “*uma nação de longe, da extremidade da terra virá*”, e justamente Roma era um país “muito mais distante do que a Caldéia; cujas conquistas foram tão rápidas como o vôo da águia [...] e falavam uma linguagem à qual para os judeus era, então, completamente estranha, sendo totalmente diferente da língua hebraica...”²³

Outro detalhe que não pode ser esquecido, é que, Jesus disse:

“Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até no ocidente, assim há de ser a vinda do Filho do Homem.

Onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão os abutres”.

(Mateus 24.27-28)

Segundo o bispo Hermes C. Fernandes, na verdade, o que o Senhor Jesus tentou dizer com isto, é que “trata-se de um provérbio muito popular nos dias de Jesus, cujo significado real é *“Onde houver motivos para juízo, aí haverá juízo”*. Neste caso, Jerusalém e os judeus seriam os cadáveres que teriam atraído as águias romanas (**Os abutres eram considerados uma espécie de águia**). Isso também é profetizado por Oséias, que diz: *“Põe a trombeta à tua boca. Ele vem como a águia contra a casa do Senhor, porque transgrediram a minha aliança, e se rebelaram contra a minha lei”* (Os. 8:1). Não era por coincidência que a insígnia romana gravada nos escudos e estandartes do seu exército era uma águia”.²⁴

Introdução

No capítulo 8 as quatro trombetas representavam os “atos de Deus”. Todo o castigo estava sob o comando e controle do Criador. A partir da quinta trombeta, veremos que todos os castigos sobre Israel provêm de seres espirituais (demônios) e de humanos através do exército romano.

Capítulo 9 _____

A Quinta Trombeta: uma estrela caída do céu na terra

“O quinto anjo tocou a trombeta, e vi uma estrela caída do céu na terra. E foi-lhe dada a chave do poço do abismo”. (Apocalipse 9.1)

Em Apocalipse 8.10 João viu uma estrela caindo do céu. Aqui em Apocalipse 9.1, João não a vê caindo, mas já estava *“caída do céu”*. “Uma estrela caída seria uma pessoa de autoridade punida ou derrotada, como aconteceu com o rei da Babilônia (Isaías 14:12)”.¹ Já vimos anteriormente que apenas *“uma”* estrela significa alguém importante ou uma cidade. Esta estrela *“caída do céu”* é o próprio Satanás. João a vê *“caída”*, porque provavelmente lembrou-se de Lucas 10.18, cujo texto diz que Satanás caiu durante o ministério terreno de Jesus: *“Mas ele lhes disse: Eu via Satanás caindo do céu como um relâmpago”*.

“E foi-lhe dada a chave do poço do abismo”.

Quem tem as chaves da morte e do inferno e toda autoridade é somente Jesus Cristo (Apocalipse 3.7; Mateus 28.18). Note que a chave do poço do abismo *“foi-lhe dada”* apenas. Satanás tem assim um poder limitado. “O diabo age dentro dos limites estabelecidos por Deus (Jó 1:12; 2:6). Aqui, ele tem autoridade sobre as criaturas da região infernal, a região dos demônios (Lucas 8:31)”.²

“Ela abriu o poço do abismo, e subiu fumaça do poço como fumaça de grande fornalha, e, com a fumaceira saída do poço, escureceu-se o sol e o ar”. (Apocalipse 9.2)

Satanás vem para trazer trevas. A região infernal sendo aberta traz trevas, pois cobre a luz do sol e o ar. Essas trevas são espirituais. “O trabalho do diabo sempre tem sido de ocultar a luz de Deus, tentando manter o mundo nas trevas (2 Coríntios 4:3-4; Mateus 4:16; João 3:19; Atos 26:18; Efésios 5:8,11; Colossenses 1:13; 1 Pedro 2:9)”.³

Os Gafanhotos

“Também da fumaça saíram gafanhotos para a terra; e foi-lhes dado poder como o que têm os escorpiões da terra, e foi-lhes dito que não causassem dano à erva da terra, nem a qualquer coisa verde, nem a árvore alguma e tão-somente aos homens que não têm o selo de Deus sobre a fronte”. (Apocalipse 9.3-4)

No Antigo Testamento os gafanhotos eram considerados pragas divinas. A oitava praga enviada ao Egito foi à invasão de gafanhotos (Êxodo 10.1-20). Os gafanhotos descritos aqui em Apocalipse não são gafanhotos reais, mas são seres demoníacos, pois recebem o poder como o de escorpiões para atacar os homens. A ideia de “*serpentes*” e “*escorpiões*” é uma representação do poder do diabo conforme Lucas 10.19.

O ataque dos gafanhotos em Apocalipse foi de certa forma previsto por Jesus. Ele disse:

“Quando o espírito imundo sai do homem, anda por lugares áridos procurando repouso, porém não encontra.

Por isso, diz: Voltarei para minha casa donde saí. E, tendo voltado, a encontra vazia, varrida e ornamentada.

Então, vai e leva consigo outros sete espíritos, piores do que ele, e, entrando, habitam ali; e o último estado daquele homem torna-se pior

do que o primeiro. Assim também acontecerá a esta geração perversa". (Mateus 12.43-45 – o grifo é meu)

Os exorcismos de Jesus teve seu caráter temporário. Os judeus não se arrependeram e acabaram matando o Senhor da Glória. Por isto, aquela *"geração perversa"* do primeiro século estava condenada e, a aflição que viria, seria pior. Sabendo disto, Pedro advertiu os novos crentes judeus no dia de Pentecostes: *"Com muitas outras palavras deu testemunho e exortava-os, dizendo: Salvai-vos desta geração perversa"*. (Atos 2.40 – o grifo é meu)

"...e foi-lhes dito que não causassem dano à erva da terra, nem a qualquer coisa verde, nem a árvore alguma e tão-somente aos homens que não têm o selo de Deus sobre a fronte".

Já vimos anteriormente neste comentário a respeito do selo de Deus. Deus selou os 144.000 redimidos para poder mandar seu castigo. Aqui está a prova de que os 144.000 não estão no céu, pois foi dada ordem para que os gafanhotos não tocassem naqueles que têm o *"têm o selo de Deus sobre a fronte"*. Temos assim o cumprimento daquilo que Jesus disse sobre seus servos pisarem em *"serpentes"* e *"escorpiões"*. O poder do mal não pode alcançar os filhos de Deus (1ª João 5.18).

"Foi-lhes também dado, não que os matassem, e sim que os atormentassem durante cinco meses. E o seu tormento era como tormento de escorpião quando fere alguém". (Apocalipse 9.5)

Veja que o poder de ação desses gafanhotos é limitado, pois só é para atormentar e não matar. O diabo só faz aquilo que Deus lhe permite (Jó 1.12; 2.6). *"O escorpião raramente mata o homem, mas o seu veneno causa dor intensa e ataca o sistema nervoso"*.⁴

A duração de cinco meses sugere um tempo bem específico, não mais e não menos que isto. É também *"uma referência ao período dos cinco meses, desde maio até setembro, quando os gafanhotos começam aparecer"*.⁵

O *"uso do número cinco se associa na Escritura com o poder, e especificamente com organização militar – a distribuição da milícia*

israelita em formação do pelotão de esquadras de cinco (Êxodo 13.18; Números 32.17; Josué 1.14; 4.12; Juízes 7.11; 2 Reis 1.9ss)”⁶

Aqui seria a fase final da guerra de Roma contra Jerusalém, pois “até o momento do último cerco, a guerra estava em curso há mais de três anos. A última cena agora se desenrola, e dura exatamente cinco meses. ‘Tito começou o cerco de Jerusalém, em abril do ano 70 d.C. Os defensores estenderam desesperadamente por cinco meses, mas até o final do mês de Agosto a área do templo foi ocupada e a santa casa incendiada’ [...] ‘Simão e seus seguidores, em última análise, com a cooperação das forças de João e dos Zelotes contra seu inimigo comum, realizaram ataques ferozes contra os romanos na muralha da cidade fortificada e templo por cinco meses. Até setembro, o templo, bem como o resto da cidade havia caído nas mãos dos romanos, que massacraram os judeus indefesos e saquearam e queimaram a cidade inteira”⁷.

“Naqueles dias, os homens buscarão a morte e não a acharão; também terão ardente desejo de morrer, mas a morte fugirá deles”.

(Apocalipse 9.6)

Já vi pastores ensinando que no tempo do fim a morte vai tirar férias por cinco meses, e que, por isto, as pessoas tentarão pular dos prédios e não morrerão, tomarão veneno, mas não morrerão e outras diversas formas de suicídio serão todas em vão. Também já pensei assim. Todavia, o ensino aqui é que o tipo de aflição psicológica causada pelos gafanhotos (demônios) é de tal forma cruel que a pessoa quer morrer a todo custo, mas não consegue dar fim a própria vida.

No livro de Jó encontramos semelhante aflição:

“Por que se concede luz ao miserável e vida aos amargurados de ânimo, que esperam a morte, e ela não vem? Eles cavam em procura dela mais do que tesouros ocultos.

Eles se regozijariam por um túmulo e exultariam se achassem a sepultura”.

(Jó 3.20-22)

Este caso de horror aconteceu na Grande Tribulação sofrida no cerco a Jerusalém. David Chilton descreve muito bem isto:

*“Toda a geração estaria possuída pelos demônios; a progressiva loucura nacional é evidente ao ler o Novo Testamento, e suas horríveis etapas finais são ilustradas nas páginas de *As Guerras dos Judeus* de Josefo: a perda de toda a habilidade de raciocinar; as turbas delirantes que se atacavam uns aos outros, as multidões que seguiam a profetas claramente falsos; a busca enlouquecida e desesperada por comida, as matanças em massa, aprisionamentos, suicídios, pais que assassinavam seus próprios familiares e as mães comiam a seus próprios filhos. Em verdade, Satanás e suas hostes enxameavam por toda a terra de Israel consumindo aos apóstatas.”*⁸

A Descrição dos Gafanhotos

***“O aspecto dos gafanhotos era semelhante a cavalos preparados para a peleja; na sua cabeça havia como que coroas parecendo de ouro; e o seu rosto era como rosto de homem; tinham também cabelos, como cabelos de mulher; os seus dentes, como dentes de leão; tinham couraças, como couraças de ferro; o barulho que as suas asas faziam era como o barulho de carros de muitos cavalos, quando correm à peleja; tinham ainda cauda, como escorpiões, e ferrão; na cauda tinham poder para causar dano aos homens, por cinco meses...”.* (Apocalipse 9.7-10)**

Embora o ataque dos gafanhotos tenha sido feito por demônios, causando aflição psicológica e espiritual nos judeus, não podemos deixar de ver a materialidade da questão. O exército romano teve uma participação nesta aflição. Os demônios através dos soldados romanos causaram sofrimento ao povo judeu. João nos fornece todas as informações necessárias para que identifiquemos o significado literal por trás do simbolismo.

Se compararmos a descrição dos gafanhotos com um soldado romano daquela época, veremos o quão surpreendente é a semelhança

entre ambos. Os soldados romanos andavam em Legiões como nuvens de gafanhoto.

Portanto, “cada legião romana completa tinha um efetivo de 5.000 a 6.000 soldados engajados por contrato. Disciplinados e bem treinados, os legionários eram subdivididos em dez coortes (500 a 600 homens). Estas por sua vez eram divididas em centúrias, e estas em decúrias. Sendo em princípio, cada legião possuía 10 coortes; 4 legiões formavam um exército consular. Cada legião contava com as alas de Cavalaria (teoricamente uns 300 cavaleiros, muitos destes estrangeiros), um corpo de besteiros, além das tropas auxiliares, os vexillatos”⁹

Observe a ilustração da imagem abaixo e veja que as características dos gafanhotos eram semelhantes às roupasgens dos Soldados Romanos:



Imagem: Cris Macabeus¹⁰

“...tinham ainda cauda, como escorpiões, e ferrão; na cauda tinham poder para causar dano aos homens, por cinco meses...”

Outra semelhança encontramos na cauda de escorpiões. O exército romano tinha uma arma chamada “*Arma Scorpio*” que seria uma espécie de “ponto-cinquenta” romana. “Similar a uma besta medieval ampliada, o Scorpio (escorpião) disparava flechas de ponta de ferro de 70 cm ou balas de chumbo. Era usada do mesmo modo que as metralhadoras atuais, para fogo de apoio e supressão. Seu alcance chegava a 370 metros e podia ser operada por um ou dois homens. Algumas eram equipadas com um carregador de flechas, sendo capazes de tiro rápido. Era uma arma de trajetória tensa, rápida, precisa e mortal”.¹¹

Observe a imagem abaixo:



Imagem: Cris Macabeus¹²

Sei muito bem que alguns dispensacionalistas irão ridicularizar tanto as imagens acima como o que foi dito sobre o exército romano sendo usado pelos demônios. E eles ridicularizam mesmo! Veja, por

exemplo, como o dispensacionalista Randall Price - a meu ver - ridiculariza o preterismo ao dizer que o mesmo reinterpreta “o texto [do historiador Flávio Josefo] a fim de ajustá-lo aos detalhes históricos preferidos como, por exemplo, dizer que “as nuvens do céu” significam a nuvem de poeira levantada pelo avanço das tropas romanas...”¹³ As “nuvens do céu” significando a nuvem de poeira levantada pelo avanço das tropas romanas é a declaração mais mentirosa, horrível, tendenciosa e infantil que Randall fez a respeito do preterismo. Não sei de onde ele tirou isto, e no ensino preterista é onde mais se encontra explicações realmente bíblicas sobre a questão das “nuvens do céu” na volta de Cristo. Os dispensacionalistas devem tomar cuidado com suas declarações, pois dos diversos livros deles que já li, sempre vi o fim dos tempos e o Apocalipse mais parecido como um filme de ficção. Os autores dispensacionalistas - até entre os mais respeitados - sempre falam sobre explosões atômicas, aviões de guerra e muitas vezes, tentam encaixar essas coisas na profecia bíblica. Que cada um olhe o seu próprio rabo antes de falar do alheio!

“...e tinham sobre eles, como seu rei, o anjo do abismo, cujo nome em hebraico é Abadom, e em grego, Apoliom.

O primeiro ai passou. Eis que, depois destas coisas, vêm ainda dois ais”. (Apocalipse 9.11, 12)

No grego e no hebraico “Abadom” e “Apoliom” tem o mesmo sentido, isto é, significa *Destruição* ou *Destruidor*. Parece que o anjo do abismo e a estrela caída tratam-se do mesmo ser espiritual, isto é, Satanás. “Nós reconhecemos na desgraça da quinta trombeta um simbolismo apocalíptico das possessões demoníacas e fúria louca que veio sobre o povo judeu, e especialmente sobre seus líderes, durante a última luta amarga com Roma”.¹⁴

A Sexta Trombeta: os Quatro Anjos são Soltos

“O sexto anjo tocou a trombeta, e ouvi uma voz procedente dos quatro ângulos do altar de ouro que se encontra na presença de Deus...” (Apocalipse 9.13)

O altar de ouro é “o mesmo altar que encontramos no sétimo selo (8:3-5), o altar do incenso que pertence ao Santo dos Santos (Hebreus 9:3-4). As trombetas são respostas divinas às orações dos santos. A voz procede dos ângulos ou chifres do altar (veja a descrição do altar do incenso, em Êxodo 37:25-28)”.¹⁵

“...dizendo ao sexto anjo, o mesmo que tem a trombeta: Solta os quatro anjos que se encontram atados junto ao grande rio Eufrates”.
(Apocalipse 9.14)

Esses quatro anjos são anjos maus. O simples fato de estarem presos já sugere isto. Em Apocalipse 7.1 temos quatro anjos que controlam os quatro cantos da terra de Israel. Neste caso, eles seguram o mal ao contrário dos quatro anjos presos, cuja missão é somente fazer o mal.

“...junto ao grande rio Eufrates”.

Existem duas razões possíveis para que se faça referência ao grande rio Eufrates. Uma delas “é porque o Eufrates era o lugar tradicional para direção dos maiores inimigos de Israel, Assíria, a capturadora de Israel, as dez tribos do norte, e Babilônia, a capturadora de Judá e Benjamin, as duas tribos do sul. Nenhum inimigo engendrou maior medo nos judeus do que esses dois. Eles mataram milhares de judeus, destruíram a terra e as suas cidades, e levaram os poucos sobreviventes para o cativo. E, no entanto, é exatamente isso o que Deus está fazendo agora aos milhares de judeus, matando, destruindo suas terras e cidades, e levando seus poucos sobreviventes para outra terra”.¹⁶

Não há uma referência melhor do que esta para mostrar como se deu o julgamento contra Israel, através de Roma, pois “o Rio Eufrates era a cena do cativeiro de Israel 600 anos antes. Desde o rio Eufrates tinha vindo Senaqueribe e Nabucodonosor, destruidores de Samaria e Jerusalém; por agora o Eufrates tornou-se um mero símbolo do trimestre a partir do qual o julgamento estava por vir em Jerusalém”.¹⁷

A segunda razão é que Roma “obteve muitas das suas tropas da guarnição que estavam estacionadas sobre o Eufrates, naquele momento, assim como muitas outras tropas auxiliares provenientes de países sujeitos desta área. Milhares viriam da região do Eufrates nesta guerra contra os judeus. Josefo diz de Tito, “e quando ele tinha ficado três dias entre os principais comandantes, e por tanto tempo festejaram com eles, despediu o resto do seu exército para os vários lugares onde eles estariam cada um melhor situado; mas permitiu que a décima legião ficasse, como um guarda em Jerusalém, e não os mandou embora para além do Eufrates, onde eles tinham estavam antes”.¹⁸

“Foram, então, soltos os quatro anjos que se achavam preparados para a hora, o dia, o mês e o ano, para que matassem a terça parte dos homens”. (Apocalipse 9.15)

Embora Israel e Jerusalém estivessem naquele momento mergulhados no caos e na confusão, os propósitos de Deus eram cumpridos no tempo certo. O que começa acontecer aqui neste versículo é o cumprimento de Daniel 9.26:

“Depois das sessenta e duas semanas, será morto o Ungido e já não estará; e o povo de um príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será num dilúvio, e até ao fim haverá guerra; desolações são determinadas”.

O “Ungido” que foi morto é Jesus Cristo. O “povo de um príncipe” é o exército romano de César com a missão de destruir Jerusalém e o templo. Na quinta trombeta (Apocalipse 9.9) não havia autorização para matar nenhum homem. Agora vemos o oposto.

“O número dos exércitos da cavalaria era de vinte mil vezes dez milhares; eu ouvi o seu número”. (Apocalipse 9.16)

“Vinte mil vezes dez milhares” são o equivalente a duzentos milhões de soldados. “Nunca houve tal exército e, aparentemente, nunca vai haver um. De fato, na Tempestade no Deserto* havia apenas cerca de 500 mil soldados norte-americanos em toda a guerra e na própria área desta passagem. Na guerra conhecida como Iraqui Freedom havia ainda menos tropas do que este número”.¹⁹

Por interpretarem literalmente essa profecia de Apocalipse 9.16, muitos atualmente, acreditam que a China está preparada para cumprir essa terrível profecia. Observe o que um expositor disse sobre o assunto:

“Nesse julgamento, Deus liberta quatro anjos demoníacos particularmente poderosos que estavam amarrados junto ao grande rio Eufrates, possivelmente desde o incidente da Torre de Babel, há muitos séculos. Esses anjos liderarão então o imenso exército de "cavaleiros" totalizando 200 milhões de soldados! A única nação na Terra que pode mobilizar esse exército é a China. A população chinesa é superior a um bilhão de pessoas, de modo que é concebível que a China possa mobilizar um exército equivalente a 20% de sua população”.²⁰

Mas, há divergências entre os dispensacionalistas. Veja o que um dispensacionalista equilibrado disse sobre o assunto:

“Alguns têm achado que isso se refira aos povos chineses que se gabam de ser capazes de dispor de um tal número de soldados prontos para batalha. Porém, os melhores expositores entendem ser essa a imensa Confederação das nações maometanas sob a liderança do Rei do Norte (Sl 83.1-8). Note que não se trata de reis “do oriente” (cf. Ap 16.12, Almeida Versão Corrigida), mas sim “que vem do oriente” (Almeida Versão Revisada) -- “povos do lado oriental do Eufrates”<4>. Nas Escrituras a China é identificada como Sinim (Is 49.12) da qual se fala muito pouco.

Outros têm argumentado que aqueles países maometanos não têm o número suficiente de pessoas para convocar um tamanho exército.

Há pesquisas que demonstram que esses países já possuem cerca de 270 milhões em população (se forem incluídos o Afeganistão e o Paquistão, os quais são 99% Maometanos), com uma média de crescimento de cerca de 3% ao ano. Sabemos que esse imenso exército não atacará até chegar o fim dos 7 anos de tribulação.

Se o Senhor viesse hoje (no arrebatamento), o número (somando-se sete anos de crescimento populacional) chegaria em torno de 325 milhões. A cada ano que o Senhor tardar em vir o número aumentará em cerca de 10 milhões. Também deve ser lembrado que há muçulmanos que encontram-se espalhados em outras terras, dos quais uma grande parte aparentemente retornará aos seus países de origem”.²¹

O que todos esses autores dispensacionalistas ignoram por completo é a respeito do tempo do cumprimento do Apocalipse. Jesus foi muito bem claro sobre a questão, e não me canso de bater nesta tecla constantemente. O Senhor disse: *“Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça”*. (Mateus 24.34)

Observe: **“ESTA”** e não **“AQUELA”** geração. A palavra *“esta”* é pronome demonstrativo próximo. Significa que a geração estava perto de Jesus e viva naquele tempo presente que ainda não havia acabado. Tenho excelentes estudos sobre este assunto no site da Revista Cristã Última Chamada. Uma vez que boa parte do Apocalipse tinha que acontecer dentro daquela geração dos discípulos, logo, esse grandioso exército de duzentos milhões de soldados tem que ser interpretado não com bases fora do primeiro século, mas com base sólida dentro das Escrituras.

Nota: * Tempestade no Deserto é o nome da operação militar americana realizada no dia 17 de janeiro de 1991, com soldados de 31 países aliados. Juntos, eles iniciaram uma ofensiva contra o Iraque do ditador Saddam Hussein, em represália à invasão daquele país no Kuwait, em 2 de agosto do ano anterior.

Duzentos milhões é um número simbólico para aterrorizar. Não deixa de ser verdade que o exército foi grande. Esse “número parece ter outro significado do que o número de soldados romanos daquela área; parece sugerir o número de demônios que foram lançados em Israel e Jerusalém. Lembra-se da história do homem possuído por demônios [na terra dos gerasenos] (Lucas 8:30)? Ele estava possuído por uma legião de demônios. Uma legião era de 5.000 a 6.000 homens, e tudo isso é em apenas um homem! Tendo 6.000 demônios por pessoa, seria apenas exigir um pouco mais de 33.000 habitantes de Judá para justificar esses números. Na realidade, 1,1 milhões de pessoas morreram na guerra e muitos milhares mais foram levados em cativeiro. O pensamento aqui é que 200 milhões de demônios possuíam os habitantes de Jerusalém. Que lugar maligno!”²²

É por isto que Jesus disse que o estado daquela geração de seus dias seria considerado pior que o primeiro.

“Então, vai e leva consigo outros sete espíritos, piores do que ele, e, entrando, habitam ali; e o último estado daquele homem torna-se pior do que o primeiro. Assim também acontecerá a esta geração perversa”. (Mateus 12.45)

Nós não temos sequer noção do que foi a Grande Tribulação em Jerusalém. Até hoje ninguém produziu um filme que expressasse o que aconteceu ali no ano 70 d.C. Falamos muito sobre o sofrimento dos judeus na época de Hitler, mas nunca fomos ensinados sobre o holocausto ocorrido em Israel, no primeiro século. Os nazistas poderiam ser considerados um pouco mais humanos em comparação aos soldados romanos. O escritor e pastor Jonathan Welton em seu livro *“Raptureless - An Optimistic Guide To The End Of The World”* (Sem Arrebatamento Secreto - Um Guia Otimista para o Fim do Mundo), escreveu um alerta sobre o quão é chocante tomar conhecimento sobre o que aconteceu em Jerusalém no ano 70 d.C.

Ele escreveu:

“Como escritor, esse é meu quarto livro. Em tudo que escrevi até hoje, nunca escrevi nada como o que fiz neste capítulo. Eu sinto necessidade de literalmente o alertar.

Neste capítulo, compartilharei com você o relato histórico do cumprimento de Mateus 24 no ano 70 d.C., na destruição de Jerusalém. George Peter Holford escreveu um pequeno livro em 1.805 sobre a destruição de 70 d.C. Ele é incrivelmente gráfico e arrasador, mas é fiel ao que aconteceu. A primeira vez que li esse trabalho, chorei enquanto voava em um avião.

Antes de ler esse capítulo, por favor, pare e ore. Pergunte ao Espírito Santo se você está pronto para ler o conteúdo desse capítulo. Também recomendo a você não lê-lo antes de ir dormir. Se você não estiver pronto para ler esse capítulo, por favor, pule para o próximo...”.²³

“Assim, nesta visão, contemplei que os cavalos e os seus cavaleiros tinham couraças cor de fogo, de jacinto e de enxofre. A cabeça dos cavalos era como cabeça de leão, e de sua boca saía fogo, fumaça e enxofre.

Por meio destes três flagelos, a saber, pelo fogo, pela fumaça e pelo enxofre que saíam da sua boca, foi morta a terça parte dos homens...”. (Apocalipse 9.17-18)

Observe que João se concentra na cor dos cavalos e dos cavaleiros, e principalmente na descrição dos cavalos. É uma descrição bem mitológica. “Criaturas que respiram fogo, fumaça e enxofre estão entrincheiradas em nosso folclore. Mas, mais do que isso, elas são mencionados nas Escrituras”.²⁴

Por exemplo, Jó fala sobre o monstro Leviatã:

“Cada um dos seus espirros faz resplandecer luz, e os seus olhos são como as pestanas da alva.

Da sua boca saem tochas; faíscas de fogo saltam dela.

Das suas narinas procede fumaça, como de uma panela fervente ou de juncos que ardem.

O seu hálito faz incender os carvões; e da sua boca sai chama”.

(Jó 41.18-21)

A “lembrança dessas criaturas era muito mais vívida do que é agora cerca de 2.000 anos mais tarde. Agora, essas criaturas, servem apenas como divertidos contos de fadas, então, elas maquinavam imagens de terror”.²⁵ De fato, o ponto aqui em Apocalipse é para aterrorizar. Os cavalos e seus cavaleiros são uma espécie de inimigo indestrutível que com toda a certeza causará danos, sem que possa haver resistência.

“...pois a força dos cavalos estava na sua boca e na sua cauda, porquanto a sua cauda se parecia com serpentes, e tinha cabeça, e com ela causavam dano. (Apocalipse 9.19)

Segundo David Chilton, a ideia aqui pode ser resumida da seguinte forma:

“...um exército inumerável avança sobre Jerusalém desde o Eufrates, a origem dos inimigos tradicionais de Israel. É uma força feroz, hostil e demoníaca enviada por Deus como resposta às orações de vingança de seu povo. Este exército é o cumprimento de todas as advertências dadas na Lei e nos profetas, sobre uma horda vingadora enviada para castigar aos que desobedecem ao pacto. Os horrores descritos em Deuteronômio 28 haviam de cair sobre esta geração má (especialmente os versículos 49-68). Moisés havia declarado: *e enlouquecerás por causa do que verás com teus olhos* (Deuteronômio 28.34)”.²⁶

“Os outros homens, aqueles que não foram mortos por esses flagelos, não se arrependeram das obras das suas mãos, deixando de adorar os demônios e os ídolos de ouro, de prata, de cobre, de pedra e de pau, que nem podem ver, nem ouvir, nem andar; nem ainda se arrependeram dos seus assassinios, nem das suas feitiçarias, nem da sua prostituição, nem dos seus furtos”. (Apocalipse 9.20-21)

Os judeus como um povo eleito e conhecedor da Lei de Deus, se orgulhavam de não serem praticantes da idolatria, feitiçaria, prostituição, furtos etc. Mas, Deus vê o coração! O apóstolo Paulo em

sua carta aos romanos denunciou isto a respeito dos judeus daquela época:

“Se, porém, tu, que tens por sobrenome judeu, e repousas na lei, e te glorias em Deus; que conheces a sua vontade e aprovas as coisas excelentes, sendo instruído na lei; que estás persuadido de que és guia dos cegos, luz dos que se encontram em trevas, instrutor de ignorantes, mestre de crianças, tendo na lei a forma da sabedoria e da verdade; tu, pois, que ensinas a outrem, não te ensinas a ti mesmo? Tu, que pregas que não se deve furtar, furtas?

Dizes que não se deve cometer adultério e o cometes? Abominas os ídolos e lhes roubas os templos? Tu, que te glorias na lei, desonras a Deus pela transgressão da lei?

Pois, como está escrito, o nome de Deus é blasfemado entre os gentios por vossa causa.

(Romanos 2.17-24 – o grifo é meu)

“...não se arrependeram das obras das suas mãos...”

É algo extremamente impressionante o que acontece nesses juízos. Apesar de todo castigo terrível, ainda assim, não há arrependimento. Isto vai contra a lógica e o bom senso. Aqui está um exemplo do por que o fogo do inferno nunca se apaga. Aqui temos o retrato fiel do porque o castigo ser eterno. O inferno é eterno justamente porque lá não existe arrependimento. Isto é o que alimenta a condenação eterna. Sobre isto, acho muito interessante a citação que o filósofo Olavo de Carvalho fez do mestre Eckhart, veja:

"Uma vez perguntaram para o Mestre Eckhart:

"Mestre, o que arde no fundo do inferno"?

Ele respondeu:

"O que arde no fundo do inferno é o NÃO."²⁷

O NÃO é uma recusa total e profunda a Deus e ao seu amor. A pessoa em sua recusa a Deus torna-se um diabo ainda em vida. É o caso desses judeus descritos em Apocalipse 9.20-21.

Capítulo 10_____

O Livrinho do Céu

“Vi outro anjo forte descendo do céu, envolto em nuvem, com o arco-íris por cima de sua cabeça; o rosto era como o sol, e as pernas, como colunas de fogo...”. (Apocalipse 10.1)

Anjos fortes aparecem em três ocasiões no Apocalipse (Apocalipse 5.2; 10.1; 18.21). Alguns preferem entender este “*anjo forte*” apenas como um anjo especial, e nada mais. No entanto, o fato de estar em volto em nuvem “nos lembra de várias passagens do Antigo Testamento que identificam esse fenômeno como o comportamento de Deus [Êxodo 33,9; 34,5; Números 11,25, Números 12.5]”.¹

Estar “*envolto em nuvem*” chama a atenção para a Glória do Senhor que aparecia na nuvem:

“Quando Arão falava a toda a congregação dos filhos de Israel, olharam para o deserto, e eis que a glória do SENHOR apareceu na nuvem”. (Êxodo 16.10)

A nuvem envolvente aparece no monte da transfiguração:

*“Falava ele ainda, quando **uma nuvem luminosa os envolveu; e eis, vindo da nuvem, uma voz que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; a ele ouvi**”. (Mateus 17.5 – o grifo é meu)*

Quando Jesus falou sobre a destruição de Jerusalém pelos romanos, Ele disse:

“Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória”.

(Mateus 24.30 – o grifo é meu)

“Quando Jesus avisou o Sinédrio sobre o iminente julgamento dos judeus rebeldes, Ele usou linguagem semelhante: *“Eu vos declaro que, desde agora, vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu”* (Mateus 26:64). Os fiéis encontrarão Jesus nas nuvens (1 Tessalonicenses 4:17). O Apocalipse abre com a aparição divina nas nuvens: *“Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até quantos o traspassaram. E todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Certamente. Amém!”* (1:7).

Os outros aspectos da aparição deste anjo forte reforçam a origem celestial da sua mensagem:²

“...com o arco-íris por cima de sua cabeça...”

“Deus usou o arco-íris para selar a sua aliança com os homens depois do dilúvio (Gênesis 9:12-13,16). Na visão de João do trono de Deus, houve um arco-íris ao redor do trono (4:3)”.³

“...o rosto era como o sol...”

“A luz brilhante da glória de Deus. A luz da presença de Deus é mais forte do que o próprio sol (Isaías 60:19-20). Malaquias mistura os temas de castigo e consolação quando nasce o sol da justiça: *“Pois eis que vem o dia e arde como fornalha; todos os soberbos e todos os que cometem perversidade serão como o restolho; o dia que vem os abrasará, diz o SENHOR dos Exércitos, de sorte que não lhes deixará nem raiz nem ramo. Mas para vós outros que temeis o meu nome nascerá o sol da justiça, trazendo salvação nas suas asas”* (Malaquias 4:1-2). O brilho do sol é refletido nos servos do Senhor. *“Então, os*

justos resplandecerão como o sol, no reino de seu Pai” (Mateus 13:43; veja 2 Coríntios 3:18)”.⁴

“...e as pernas, como colunas de fogo...”

“A perna ou pé na descrição dos quatro seres viventes, ou querubins, na visão de Ezequiel, “luzia como o brilho de bronze polido” (Ezequiel 1:7; veja a descrição dos pés de Jesus – Apocalipse 1:15)”⁵

Portanto, é bem possível que este “*anjo forte*” seja o próprio Senhor Jesus Cristo. Vemos logo no início de Apocalipse 10, novamente, que “uma série de sete é interrompida por um intervalo. Entre o sexto e o sétimo selos, houve um intervalo para assegurar os fiéis da proteção divina (capítulo 7). Agora, entre a sexta e a sétima trombetas, Deus oferece outras mensagens de consolação aos seus servos numa série de cenas no intervalo nos capítulos 10 e 11”⁶

“...e tinha na mão um livrinho aberto. Pôs o pé direito sobre o mar e o esquerdo, sobre a terra...” (Apocalipse 10.2)

No capítulo 5 de Apocalipse havia um livro escrito por dentro e por fora que ninguém era digno de abri-lo, exceto o Cordeiro. O Cordeiro (Jesus), então, pega o livro da mão daquele que está sentado sobre o trono (Apocalipse 5.7). Agora, vemos aqui em Apocalipse 10.2 que o “*anjo forte*” tinha um livrinho aberto em suas mãos. “Essa semelhança seria mais um motivo para ver este anjo como Cristo. O primeiro livro foi ‘escrito por dentro e por fora, selado com sete selos’. Nosso atual “livrinho” parece ser o mesmo livro, ainda na mão de Cristo. O tamanho reduzido é explicado pelo fato de que o livro foi desenrolado e lido até agora, e para nós é dito que este livro foi aberto (10:2), ao contrário do que é dito no capítulo 5, que o livro foi fechado e selado. Assim, o livro tem sido progressivamente desenrolado e, portanto, [...] estamos chegando à conclusão do livro”⁷

O profeta Ezequiel - como sempre - nos fornece pistas sobre o significado dos símbolos apocalípticos. No caso desse livrinho, leia Ezequiel 2.9-10:

“Então, vi, e eis que certa mão se estendia para mim, e nela se achava o rolo de um livro.

Estendeu-o diante de mim, e estava escrito por dentro e por fora; nele, estavam escritas lamentações, suspiros e ais”.

Veja que Ezequiel usa palavras tais como *“lamentações, suspiros e ais”*. O livro do Apocalipse pode ser resumido nessas palavras e explicam o seu conteúdo.

“Pôs o pé direito sobre o mar e o esquerdo, sobre a terra...”.

O *“mar”*, nas Escrituras, muitas vezes refere-se ao mundo gentio. O profeta Isaías exemplifica isto:

“Ai do bramido dos grandes povos que bramam como bramam os mares, e do rugido das nações que rugem como rugem as impetuosas águas!

Rugirão as nações, como rugem as muitas águas, mas Deus as repreenderá, e fugirão para longe; serão afugentadas como a palha dos montes diante do vento e como pó levado pelo tufão”.

Isaías 17.12-13

Sempre que tenho oportunidade tenho explicado neste comentário o uso e o significado da palavra *“terra”* no contexto bíblico. Quando lemos *“terra”* ou *“tribos da terra”* na Bíblia, temos o costume de interpretar como *“Planeta Terra”* ou como *“Tribos do Planeta Terra”*. Ao contrário disto, *“a Bíblia associa “tribos” com “a terra” (tes ges, no grego), conhecida como “Terra Prometida” (cp. Lucas 21:23). Como Edersheim observa: “A Palestina era para os rabinos simplesmente “terra”, todos os outros países são resumidos sob a designação de fora da terra”. Na verdade, o Antigo Testamento menciona “as tribos” e “a terra” juntos em numerosas ocasiões (por exemplo, Gênesis 49:16; Números 26:55; Josué 14:1; 19:51; Ezequiel 45:8; 48:29)”*.⁸

Ao colocar os pés sobre o *“mar”* e sobre a *“terra”*, isto indica a soberania de Cristo sobre os povos.

“...e bradou em grande voz, como ruge um leão, e, quando bradou, desferiram os sete trovões as suas próprias vozes”.

(Apocalipse 10.3)

Temos aqui mais uma evidência de que esse anjo é o próprio Cristo. O rugir como um leão demonstra isto conforme Isaías 31.4 que diz:

“Porque assim me disse o SENHOR: Como o leão e o cachorro do leão rugem sobre a sua presa, ainda que se convoque contra eles grande número de pastores, e não se espantam das suas vozes, nem se abatem pela sua multidão, assim o SENHOR dos Exércitos descera, para pelejar sobre o monte Sião e sobre o seu outeiro”.

Veja que o profeta Isaías é específico a respeito do que o Senhor iria fazer como leão que ruge. *“...assim o SENHOR dos Exércitos descera, para pelejar sobre o monte Sião e sobre o seu outeiro”.* O que acontece aqui em Apocalipse é justamente isto. O Senhor está pelejando sobre o monte Sião. O profeta Jeremias fala algo semelhante sobre Deus pelejar contra Israel:

“Tu, pois, lhes profetizarás todas estas palavras e lhes dirás: O SENHOR lá do alto rugirá e da sua santa morada fará ouvir a sua voz; rugirá fortemente contra a sua malhada, com brados contra todos os moradores da terra, como o eia! dos que pisam as uvas”.

(Jeremias 25.30)

A Voz dos Sete Trovões

“Logo que falaram os sete trovões, eu ia escrever, mas ouvi uma voz do céu, dizendo: Guarda em segredo as coisas que os sete trovões falaram e não as escrevas”. (Apocalipse 10.4)

Não é a primeira vez nas Escrituras que algumas coisas não são permitidas aos homens ouvir. O apóstolo Paulo quando foi arrebatado ao terceiro Céu (o Paraíso), teve experiência semelhante:

“Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos, foi arrebatado até ao terceiro céu (se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe) e sei que o tal homem (se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe) foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir”.

(2ª Coríntios 12.2-4)

“Num livro com o propósito de revelar, por que guardar em segredo as mensagens que Deus enviou nos trovões? Devemos observar, pelo menos, dois motivos:

1. Em geral, Deus não revela tudo aos homens, e não teríamos a capacidade de compreender todos os pensamentos sublimes de Deus (Isaías 55:8-9). Moisés disse que Deus revela o que precisamos para saber como servi-lo (Deuteronômio 29:29). João disse que o registro da vida de Cristo inclui uma pequena parte de tudo que Jesus fez, mas que foram relatadas as coisas necessárias para criar fé nos leitores (João 21:24-25; 20:30-31).
2. Quando se trata da proteção dos fiéis, Deus faz muito mais do que ele mostra ao homem. De vez em quando, ele abre a cortina para revelar alguma batalha nas regiões celestiais, para nos confortar com o fato de ele estar constantemente lutando a favor dos servos. Antes da batalha de Jericó, o príncipe do exército do Senhor apareceu a Josué (Josué 5:13-15). Eliseu pediu que Deus mostrasse ao seu ajudante o exército do céu que os protegia dos siros (2 Reis 6:15-16). Daniel foi consolado por um mensageiro que explicou que estava ocupado com a guerra contra o príncipe da Pérsia (Daniel 10:12-21). Os cristãos primitivos enfrentaram perseguições, mas recebiam, às vezes, confirmações do poder ativo de Deus lutando a favor deles (Atos 4:23-31). Romanos 8 enfatiza o papel ativo do Pai, do Filho e do Espírito Santo a nosso favor. E não é isso o que o Apocalipse ensina? O homem na terra pode ver o que acontece aqui, mas Deus e seus servos fazem

muito mais, nas regiões celestiais, para ajudá-lo (Efésios 6:12)”.⁹

Em terceiro lugar, o “fato de que a João é dito para selar as coisas que os sete trovões falaram e não escrever sobre elas [...] é especialmente interessante na medida em que, no final do livro, é dito para João *“não selar as palavras da profecia deste livro, porque o tempo está próximo”* (Apocalipse 22:10). Assim, poderíamos concluir que tudo o que foi dito envolvendo um futuro distante, não no futuro imediato, não foi selado. E há uma lição aqui. O que Deus quer que saibamos sobre os últimos dias da terra? Talvez, não tanto quanto a nossa curiosidade gostaria de saber acerca de um futuro distante, por isto, Ele disse para selar as coisas que os sete trovões falaram e não escrevê-los (10: 4)”.¹⁰

“Então, o anjo que vi em pé sobre o mar e sobre a terra levantou a mão direita para o céu e jurou por aquele que vive pelos séculos dos séculos, o mesmo que criou o céu, a terra, o mar e tudo quanto neles existe: Já não haverá demora...”. (Apocalipse 10.5-6)

O pano de fundo deste versículo é Daniel 12.7:

“Ouvi o homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio, quando levantou a mão direita e a esquerda ao céu e jurou, por aquele que vive eternamente, que isso seria depois de um tempo, dois tempos e metade de um tempo. E, quando se acabar a destruição do poder do povo santo, estas coisas todas se cumprirão”.

Alguns sugerem que pelo fato do anjo fazer juramento, significa que este não seria Cristo, pois “de acordo com eles, Jesus não iria fazer um juramento. No entanto, a natureza de nossa relação com Deus é por convênio pelo qual “por mim mesmo jurei, diz o Senhor” (Gênesis 22:16) Em outras palavras, aqui Deus faz um juramento de que Ele vai manter o pacto”.¹¹

Aqui em Apocalipse não e a primeira vez que Cristo faz um juramento. Em seu julgamento, diante do sumo sacerdote, Cristo foi colocado sob juramento:

“Jesus, porém, guardou silêncio. E o sumo sacerdote lhe disse: Eu te conjuro pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus.

Respondeu-lhe Jesus: Tu o disseste; entretanto, eu vos declaro que, desde agora, vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu”.

(Mateus 26.63-64)

“Já não haverá demora...”

A referência temporal ou sobre quando vão acontecer às profecias é um assunto bem claro no livro do Apocalipse. Novamente, neste versículo, encontramos “uma referência ao tempo de cumprimento que promete que as coisas profetizadas aqui aconteceriam em breve (veja, também, 1:1-3; 22:6-7,10,12,20). As muitas interpretações que sugerem que quase tudo no Apocalipse ainda acontecerá, mais de 1.900 anos depois de João, simplesmente contradizem a palavra do Senhor”.¹²

Outro motivo porque o anjo disse que “*já não haverá demora*” é porque o período da crucificação de Jesus até a destruição de Jerusalém durou quarenta anos. Quarenta anos “foram dados a Jerusalém para ouvir os profetas que foram enviados a ela e, para aceitar, a expiação de Cristo como Cordeiro pascal. A sua recusa em fazê-lo exigiu que Deus conduzisse o sistema de sacrifício, tão amado por Jerusalém, para um final convincente, uma vez que agora estava constituída a rebelião e blasfêmia contra o único sacrifício perfeito do próprio Filho de Deus”.¹³

“...mas, nos dias da voz do sétimo anjo, quando ele estiver para tocar a trombeta, cumprir-se-á, então, o mistério de Deus, segundo ele anunciou aos seus servos, os profetas”. (Apocalipse 10.7)

Observe que o mistério de Deus só se cumpre quando o sétimo anjo “*estiver para tocar a trombeta*”. O que significa isto e porque só na sétima trombeta? Vamos analisar um versículo do próximo capítulo.

Veja Apocalipse 11.15:

“O sétimo anjo tocou a trombeta, e houve no céu grandes vozes, dizendo: O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos”.

Podemos dizer que foi um período de transição entre o nascimento de Jesus Cristo até a morte do judaísmo que culminou com a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. Neste período, Satanás foi *“o deus deste século”* (2ª Coríntios 4.4). Observe o uso da palavra *“deste”* que é uma combinação da preposição *“de”* com o pronome demonstrativo *“este”*. Por isto, *“deste século”*, significa o século em que o apóstolo Paulo vivia, isto é, o primeiro século da era cristã. Do Velho Testamento até aquela ocasião, Deus havia permitido que Satanás tivesse o governo sobre o mundo, em todos os lugares. É por isto que Paulo e Barnabé disseram que Deus *“nas gerações passadas, permitiu que todos os povos andassem nos seus próprios caminhos...”* (Atos 14.16).

É a partir da sétima trombeta que o Reino de Deus vem e muda essa realidade. Satanás não será mais o *“deus”* de nenhum século a partir de então. Embora o evangelho não tenha chegado em todos os lugares do Planeta Terra, e ainda que muitos não conheçam o Deus verdadeiro, todavia, o Reino de Deus já é uma realidade em todo o mundo, pois TODO o poder e autoridade pertencem a Cristo.

“...cumprir-se-á, então, o mistério de Deus, segundo ele anunciou aos seus servos, os profetas”.

Mistério na Bíblia não significa algo oculto não revelado, pelo contrário, refere-se a algo que era anteriormente desconhecido, mas que agora está sendo revelado. No caso em questão neste versículo, o mistério agora revelado é que não existe mais divisão entre o povo judeu e o povo gentio. Em Cristo Deus uniu todos os povos e fez um só, a Igreja, que é o Israel de Deus. A revelação deste mistério tinha sido apresentado ao apóstolo Pedro na ocasião em que ele se encontrou com Cornélio. Pedro disse: *“Então, falou Pedro, dizendo: Reconheço, por verdade, que Deus não faz acepção de pessoas...”*. (Atos 10.34)

O apóstolo Paulo em sua carta aos efésios fala explicitamente deste mistério:

“...pois, segundo uma revelação, me foi dado conhecer o mistério, conforme escrevi há pouco, resumidamente; pelo que, quando ledes, podeis compreender o meu discernimento do mistério de Cristo, o qual, em outras gerações, não foi dado a conhecer aos filhos dos homens, como, agora, foi revelado aos seus santos apóstolos e profetas, no Espírito, a saber, que os gentios são co-herdeiros, membros do mesmo corpo e co-participantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho; do qual fui constituído ministro conforme o dom da graça de Deus a mim concedida segundo a força operante do seu poder.

A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de pregar aos gentios o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo e manifestar qual seja a dispensação do mistério, desde os séculos, oculto em Deus, que criou todas as coisas...”.

(Efésios 3.3-9)

É importante destacar que o mistério de Cristo - desconhecido de outras gerações - era ***“que os gentios são co-herdeiros, membros do mesmo corpo e co-participantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho”***. Depois que o judaísmo foi destruído no ano 70 d.C., a era judaica teve um ponto final. Os sacrifícios, as separações ente judeus e gentios e os antigos rituais acabaram-se para sempre. Judeus e Gentios é agora um só povo chamado Igreja. O judaísmo que existe atualmente no século 21 não é mais bíblico. O Israel bíblico é agora a Igreja de Cristo. O profeta Joel se referiu a este tempo dizendo:

“E acontecerá, depois, que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos velhos sonharão, e vossos jovens terão visões; até sobre os servos e sobre as servas derramarei o meu Espírito naqueles dias.

Mostrarei prodígios no céu e na terra: sangue, fogo e colunas de fumaça.

O sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue, antes que venha o grande e terrível Dia do SENHOR.

E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do SENHOR será salvo; porque, no monte Sião e em Jerusalém, estarão os que forem salvos, como o SENHOR prometeu; e, entre os sobreviventes, aqueles que o SENHOR chamar”.

(Joel 2.28-32)

Depois da ressurreição de Jesus Cristo, esta passagem começou a se cumprir. Cinco pontos foram cumpridos ainda no primeiro século da era cristã:

1. O Espírito Santo é derramado no dia de Pentecostes;
2. Acontecimentos celestes se realizam conforme já expliquei anteriormente no comentário de Apocalipse 6.12-17; 8.10; 9.1;
3. O “*grande e terrível Dia do SENHOR*” que é praticamente a revelação encontrada no livro de Apocalipse, bem como em Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21 no Sermão do Monte;
4. “*...todo aquele que invocar o nome do SENHOR será salvo*” é a mensagem do evangelho que foi pregada aos judeus e posteriormente aos gentios. Os gentios crendo no evangelho “é o mistério previamente não entendido por Israel, porque não foi completamente revelado por Deus até depois da ressurreição de Cristo”.¹⁴
5. “*...entre os sobreviventes, aqueles que o SENHOR chamar*” é uma referência aos 144.000 judeus que escaparam da destruição de Israel e Jerusalém (ver meu comentário sobre Apocalipse 7).

Portanto, a profecia de Joel foi totalmente cumprida! Tudo isto aconteceu nos “últimos dias”. “Mas, por favor, entenda, ao dizer isto, estamos nos referindo aos “últimos dias” da Antiga Aliança ou era judaica, não os últimos dias do próprio mundo”.¹⁵

Muita gente pensa que os “últimos dias” serão somente aqueles últimos anos que antecederão a Segunda Vinda de Cristo. Sobre este assunto, o pastor Frank Brito fez um excelente comentário:

“Quando o Novo Testamento fala nos “últimos tempos”, nos “últimos dias” e termos parecidos, a premissa é que a História da Humanidade está centralizada na pessoa de Jesus Cristo. Vemos isso claramente em Isaías:

“Mas a terra, que foi angustiada, não será entenebrecida; envileceu nos primeiros tempos, a terra de Zebulom, e a terra de Naftali; mas nos últimos tempos a enobreceu junto ao caminho do mar, além do Jordão, na Galiléia das nações. O povo que andava em trevas, viu uma grande luz, e sobre os que habitavam na região da sombra da morte resplandeceu a luz... Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu, e o principado está sobre os seus ombros, e se chamará o seu nome: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz. Do aumento deste principado e da paz não haverá fim, sobre o trono de Davi e no seu reino, para firmar e o fortificar com juízo e com justiça, desde agora e para sempre; o zelo do SENHOR dos Exércitos fará isto”.

(Isaías 9.1-2,6-7)

Mateus narra o cumprimento:

“E, deixando Nazaré, foi habitar em Cafarnaum, cidade marítima, nos confins de Zebulom e Naftali; Para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta Isaías, que diz: A terra de Zebulom, e a terra de Naftali, Junto ao caminho do mar, além do Jordão, A Galiléia das nações; O povo, que estava assentado em trevas, Viu uma grande luz; E, aos que estavam assentados na região e sombra da morte, A luz raiou. Desde então começou Jesus a pregar, e a dizer: Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus”.

(Mateus 4.13-17)

Quando Isaías menciona os primeiros tempos, está se referindo a toda a História antes da vinda de Jesus Cristo. Quando menciona os últimos tempos esta é uma referência a toda a História depois da vinda

de Jesus Cristo. Por isso, textos que se referem aos últimos tempos ou últimos dias não podem ser tomados como se referindo necessariamente aos últimos momentos antes da Segunda Vinda”.¹⁶

Foi por isto que os apóstolos entenderam que o nascimento de Cristo acontecera nos “*últimos dias*”. Eles mesmos acreditavam que estavam vivendo os “*últimos dias*” tanto da era judaica bem como a contagem regressiva para a Segunda Vinda de Cristo.

Veja o que algumas passagens - muitas vezes ignoradas por nós - nos dizem:

*“...conhecido, com efeito, antes da fundação do mundo, porém manifestado **no fim dos tempos**, por amor de vós...”*.

(1ª Pedro 1.20 – o grifo é meu)

*“Ora, **o fim de todas as coisas está próximo**; sede, portanto, criteriosos e sóbrios a bem das vossas orações”*.

(1ª Pedro 4.7 – o grifo é meu)

*“Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, **nestes últimos dias**, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo”*. (Hebreus 1.1-2 – o grifo é meu)

*“Ora, neste caso, seria necessário que ele tivesse sofrido muitas vezes desde a fundação do mundo; agora, porém, **ao se cumprirem os tempos**, se manifestou uma vez por todas, para aniquilar, pelo sacrifício de si mesmo, o pecado”*. (Hebreus 9.26 – o grifo é meu)

*“Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos e foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem **os fins dos séculos têm chegado**”*. (1ª Coríntios 10.11 – o grifo é meu)

*“Filhinhos, **já é a última hora**; e, como ouvistes que vem o anticristo, também, agora, muitos anticristos têm surgido; pelo que conhecemos que **é a última hora**”*. (1ª João 2.18 – o grifo é meu)

Portanto, podemos concluir que a maior parte do livro do Apocalipse não é sobre os “*últimos dias*” da Igreja na terra; é especificamente sobre os últimos dias da era judaica. Não podemos esquecer que não deixa de ser verdade que os “*últimos dias*” também são todo o período da história da igreja até o retorno final de Cristo.

João pega o Livro e o Come

“A voz que ouvi, vinda do céu, estava de novo falando comigo e dizendo: Vai e toma o livro que se acha aberto na mão do anjo em pé sobre o mar e sobre a terra.

Fui, pois, ao anjo, dizendo-lhe que me desse o livrinho. Ele, então, me falou: Toma-o e devora-o; certamente, ele será amargo ao teu estômago, mas, na tua boca, doce como mel”.

(Apocalipse 10.8-9)

A ideia de o livrinho ser doce como mel e amargo ao estômago refere-se aos pecados de Israel. Encontramos no Antigo Testamento este conceito:

“Ainda que o mal lhe seja doce na boca, e ele o esconda debaixo da língua, e o saboreie, e o não deixe; antes, o retenha no seu paladar, contudo, a sua comida se transformará nas suas entranhas; fel de áspides será no seu interior”. (Jó 20.12-14)

“As águas roubadas são doces, e o pão comido às ocultas é agradável.

Eles, porém, não sabem que ali estão os mortos, que os seus convidados estão nas profundezas do inferno”. (Provérbios 9.17-18)

O profeta Ezequiel teve semelhante experiência:

“Então, vi, e eis que certa mão se estendia para mim, e nela se achava o rolo de um livro”.

“E me disse: Filho do homem, dá de comer ao teu ventre e enche as tuas entranhas deste rolo que eu te dou. Eu o comi, e na boca me era doce como o mel”.

(Ezequiel 2.9; 3.3)

“Observe as “lamentações, luto e consternação” a que se refere Ezequiel. Estes são os mesmos tópicos que temos em nosso deslocamento aqui em Apocalipse. O fato de que o pecado é para ser julgado é uma mensagem doce na experiência de João; o fato de que isso iria acontecer à sua própria nação era uma mensagem amarga”.¹⁷

“Tomei o livrinho da mão do anjo e o devorei, e, na minha boca, era doce como mel; quando, porém, o comi, o meu estômago ficou amargo”. (Apocalipse 10.10)

Ao comer o livrinho, João passa por uma doce e dolorosa experiência ao mesmo tempo. É doce ver que os inimigos que tanto perseguem a igreja, não ficarão sem punição. Mas é terrivelmente triste ver que seu próprio povo, Israel, a quem foi confiado os oráculos de Deus, e que teve tantos privilégios, é agora um povo que se tornou infiel, uma prostituta perseguidora daqueles que pertencem a Cristo.

“Então, me disseram: É necessário que ainda profetizes a respeito de muitos povos, nações, línguas e reis”. (Apocalipse 10.11)

Este versículo “reforça o significado do livrinho. João é obrigado a profetizar sobre nações e reis. Já falou sobre pragas e castigos atingindo um número cada vez maior de pessoas, até causando a morte de grandes multidões. Mas tem mais pela frente. A difícil missão de João incluirá profecias sobre muitos povos”.¹⁸

A Comissão “dada a João é prorrogada para além de Israel; o Império Romano e seus aliados continuam a ser uma parte de sua esfera de competência, e o mais importante, a Igreja de Jesus Cristo em todo o mundo tem que ouvir esta mensagem de julgamento e esperança. O conteúdo do livro do Apocalipse não está limitado à destruição de Jerusalém em 70 d.C.”.¹⁹

Capítulo 11 _____

As Duas Testemunhas e a Sétima Trombeta

“Foi-me dado um caniço semelhante a uma vara, e também me foi dito: Dispõe-te e mede o santuário de Deus, o seu altar e os que naquele adoram...”. (Apocalipse 11.1)

Este versículo é a prova de que o Apocalipse foi escrito antes da queda do templo de Jerusalém no ano 70 d.C. Se a João é dito para medir o santuário é porque o mesmo ainda estava de pé. Com base nesse versículo os dispensacionalistas afirmam que o templo de Salomão será reconstruído no futuro. Não existe sequer uma passagem em toda a Bíblia que sugira que o templo de Jerusalém será reconstruído no futuro. Pode até ser que os judeus consigam reconstruí-lo, mas isto não seria cumprimento da profecia bíblica. Alguém poderá citar 2ª Tessalonicenses 2.1-4 como prova de que no futuro o templo será reconstruído e ocupado pelo Anticristo.

Veja o referido texto abaixo:

“Irmãos, no que diz respeito à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa reunião com ele, nós vos exortamos a que não vos demovais da vossa mente, com facilidade, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como se procedesse de nós, supondo tenha chegado o Dia do Senhor.

Ninguém, de nenhum modo, vos engane, porque isto não acontecerá sem que primeiro venha a apostasia e seja revelado o homem da iniquidade, o filho da perdição, o qual se opõe e se levanta contra tudo

que se chama Deus ou é objeto de culto, a ponto de assentar-se no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus”.

Para começo de conversa essa “vinda” de Cristo, “à nossa reunião com ele” e o chamado “Dia do Senhor” foram eventos que ocorreram no primeiro século, na geração dos discípulos. A “vinda” de Cristo aqui descrita é a “vinda” em julgamento contra Jerusalém. A nossa reunião com ele é descrita em Mateus 24.31: “**E ele enviará os seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus**”. (o grifo é meu)

Este versículo se baseia no imaginário do Antigo Testamento simbolizando a grande obra que estava prestes a ter início que é justamente o grande ajuntamento do povo de Deus em uma nova nação. Se a “vinda” descrita por Paulo era de fato o arrebatamento, porque razão os tessalonicenses estavam preocupados sobre a possibilidade de esse dia haver chegado? E para fechar com chave de ouro os versículos seguintes de 2ª Tessalonicenses 2 mostram claramente que o “homem da iniquidade” que haveria de assentar-se no santuário de Deus, foi um personagem que estava vivo naquela ocasião, no primeiro século da era cristã, veja:

“Não vos recordais de que, ainda convosco, eu costumava dizer-vos estas coisas?”

*E, **AGORA, sabeis** o que o detém, para que ele seja revelado somente em ocasião própria.*

*Com efeito, o mistério da iniquidade já opera e aguarda somente que seja **afastado aquele que AGORA o detém**; então, será, de fato, revelado o iníquo, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca e o destruirá pela manifestação de sua vinda”.*

(2ª Tessalonicenses 2.5-8 – o grifo é meu)

Enquanto os dispensacionalistas discutem sobre quem é “aquele” detém o homem da iniquidade, Paulo deixou claro que os tessalonicenses sabiam quem era. E, pior, a palavra “agora” é repetida duas vezes, provando assim que o homem da iniquidade era alguém contemporâneo dos tessalonicenses. Diante de evidências tão simples, claras e objetivas, o grave problema que vejo no dispensacionalismo é

que muitos de seus adeptos contornam o sentido claro das Escrituras apelando para especulações proféticas. Muitos em suas apelações vão perguntar sobre quem era, então, o homem da iniquidade, qual base histórica para identifica-lo etc. Tenho visto muito sobre isto!

Identificar e situar historicamente o homem da iniquidade não é o problema. Tenho excelentes estudos que mostram a questão sobre vários ângulos. O que me incomoda é a leitura superficial do texto bíblico. Mesmo que não tivéssemos as obras do historiador Flávio Josefo, e de nenhum historiador daquela época, deveríamos ficar agarrados ao texto da Escritura, ainda que sem evidências externas. Está faltando mais respeito para com a Palavra de Deus por parte de muitos.

Os “dispensacionalistas reconhecem que deve haver um templo para que esta passagem [de Apocalipse 11.1] seja cumprida. Já que atualmente não há um, ele será reconstruído em breve [segundo eles]. Mas o pensamento aqui [em Apocalipse 11.1] é o seguinte: *esta passagem se cumpre na destruição do Templo no ano 70 d.C.*!”¹

Apocalipse capítulo 11 ensina claramente que o templo será destruído durante a Grande Tribulação. Mas, o “Dispensacionalismo ensina-nos que haverá um templo durante o Milênio, que vem depois da Grande Tribulação; o que significa que deve haver dois templos reconstruídos, um reconstruído para ser destruído na Grande Tribulação e outro para a vinda do Milênio. Na verdade, eu nunca ouvi uma nota dispensacionalista assegurar este ponto reconhecendo que sua teologia não abre espaço para apenas um templo reconstruído, mas para dois!”²

O fato é que o Dispensacionalismo é um sistema recente com quase dois séculos de existência. Esse ensino foi ignorado durante os primeiros dezoito séculos da igreja cristã. Não é porque uma doutrina seja recente que poderia ser falsa, mas o Dispensacionalismo deixa muito a desejar e ultrapassa o que está escrito na Bíblia. O Dispensacionalismo é o causador de uma verdadeira confusão teológica, pois muitos autores dispensacionalistas listam até 22 eventos separados sobre a vinda de Cristo e utilizam quadros complicados para explicarem sua doutrina. Segundo o reverendo D. H. Kuiper alguns dispensacionalistas ensinam sobre “sete

dispensações, oito pactos, duas segundas vindas, três ou quatro ressurreições, e pelo menos quatro julgamentos. É difícil conceber isto como sendo o ensino da Bíblia, que foi escrita numa linguagem simples para pessoas simples; sim, para crianças”.³ Por isto, devemos nos agarrar sempre a não complicada e clara Palavra de Deus, para obter luz nesses assuntos.

Sobre “medir” o santuário de Deus “João aqui não oferece detalhes, mas nos lembra da medição do templo em Ezequiel 40-42”.⁴ Devemos observar “a importância das mensagens dos profetas em relação ao cumprimento do mistério de Deus, notando que o contexto de Ezequiel 37-39 mostra o domínio do Messias sobre as nações. Em Ezequiel 40-42, o profeta assiste enquanto um homem mede o templo. A visão de Ezequiel mostra o povo de Deus restaurado à glória e à proteção de Deus, o qual volta ao templo no capítulo 43.

Zacarias 2:1-5 apresenta outra visão de medição, esta vez de Jerusalém. Como nos intervalos do Apocalipse, o propósito da visão de Zacarias é assegurar os fiéis da proteção divina: “*Pois eu lhe serei, diz o SENHOR, um muro de fogo em redor e eu mesmo serei, no meio dela, a sua glória*” (Zacarias 2:5).

Ao ouvir a ordem para medir o santuário, João e seus leitores, sem dúvida, lembrariam dessas passagens proféticas e do consolo que oferecem aos servos do Senhor”.⁵

O “objetivo para medir o templo de Deus (11:1) foi para designar qual parte era para a preservação. Como Milligan diz: “...medir expressa o pensamento de conservação, não de destruição”. Embora o templo propriamente dito fosse bastante pequeno, o complexo do templo era muito grande. Apenas no templo, o que consiste no lugar santo e no santo dos santos, é o que está sendo medido simbolicamente para a proteção. E não é só o templo que está sendo medido, mas aqueles que adoram lá também. Como Carrington diz: “...ele só pode representar o corpo dos verdadeiros crentes que formam o templo espiritual onde Deus habita. Enquanto o pátio externo estão os judeus não-cristãos que serão “entregues” ao poder dos gentios”.

Esta medida simbólica é para determinar que “mede-se” no padrão de Deus. Na verdade, todo o templo foi destruído, não apenas o pátio dos gentios. No entanto, o povo de Deus não foi destruído: eles foram

entregues. O resto que não estavam “à altura” foi destruído. Esta medição do Templo “tem a ver com a edificação do templo espiritual dos crentes verdadeiros, isto é, da igreja primitiva de Jerusalém... Este círculo interno dentro do antigo Israel é considerado por São João como o verdadeiro Israel reconhecido por Deus. O pátio externo, que é entregue aos gentios, simboliza os outros judeus que rejeitaram a Cristo e que não estão sendo construídos em seu templo espiritual”.⁶

“...mas deixa de parte o átrio exterior do santuário e não o meças, porque foi ele dado aos gentios; estes, por quarenta e dois meses, calcarão aos pés a cidade santa”. (Apocalipse 11.2)

A expressão “*deixa de parte*” vem da palavra grega ἐκβάλλω (ekballō) que é mais bem traduzida por “*jogar fora*” ou “*expulsar*”. No Novo Testamento a expressão “jogar para fora, ‘quase sempre se aplica a excomunhão ou exclusão’.⁷ Aqui a nação de Israel está sendo excomungada. “Os judeus não são mais o povo de Deus; a Igreja agora preenche esse papel. Israel figurativamente e literalmente Jerusalém foram expulsos, excomungados, e entregue aos gentios”.⁸

“...porque foi ele dado aos gentios; estes, por quarenta e dois meses, calcarão aos pés a cidade santa”.

O “*átrio exterior do santuário*” não é medido porque não está sob a proteção de Deus. O fato de ser dado aos gentios foi anteriormente anunciado por Jesus em Lucas 21.20-24:

“Quando, porém, virdes Jerusalém sitiada de exércitos, sabeis que está próxima a sua devastação.

Então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes; os que se encontrarem dentro da cidade, retirem-se; e os que estiverem nos campos, não entrem nela.

Porque estes dias são de vingança, para se cumprir tudo o que está escrito.

Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Porque haverá grande aflição na terra e ira contra este povo.

Cairão a fio de espada e serão levados cativos para todas as nações; e, até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém será pisada por eles”.

“Vespasiano recebeu sua comissão de Nero, e declarou guerra contra Jerusalém em fevereiro do ano 67 d.C. O cerco terminou com a queda de Jerusalém, a queima da cidade e o templo, em agosto do ano 70 d.C. Este cálculo de datas soma quarenta e dois meses para Jerusalém ser ‘pisada’ [...] Os “tempos dos gentios” em Lucas são os tempos de julgamento em Jerusalém, e não os tempos de salvação dos gentios”.⁹ “Os tempos dos gentios foram cumpridos quando os romanos completaram a destruição de Jerusalém, que levou 42 meses”.¹⁰

As Duas Testemunhas

“Darei às minhas duas testemunhas que profetizam por mil duzentos e sessenta dias, vestidas de pano de saco”.

(Apocalipse 11.3)

O assunto dos versículos um e dois é especificamente sobre a medição do templo e dos acontecimentos em torno dele. Temos nesses versículos a revelação sobre o que será destruído e o que será preservado. A antiga aliança é destruída e o povo da Nova Aliança é preservado. Todo o capítulo onze fala sobre isto usando linguagem altamente simbólica, e infelizmente, muitos hoje em dia erroneamente pensam que as duas testemunhas serão Moisés e Elias que supostamente aparecerão literalmente em Jerusalém.

“...duas testemunhas que profetizam por mil duzentos e sessenta dias...”.

Os “mil duzentos e sessenta dias” são o equivalente há três anos e meio ou quarenta e dois meses. A palavra “testemunha” no grego é o equivalente da palavra “mártir” que temos na língua portuguesa. E, de fato, essas duas testemunhas são mártires como veremos nos próximos versículos. Porque duas testemunhas? Pelo fato de que Jerusalém

estava na iminência de ser destruída pelo julgamento divino, a lei da pena capital exigia duas ou três testemunhas para que fosse dada a sentença:

“Uma só testemunha não se levantará contra alguém por qualquer iniquidade ou por qualquer pecado, seja qual for que cometer; pelo depoimento de duas ou três testemunhas, se estabelecerá o fato”.

(Deuteronômio 19.15)

No caso em questão aqui no Apocalipse, quem está sendo condenada à morte é a nação de Israel. Uma só testemunha não poderia condenar Israel e Jerusalém a morte.

“...vestidas de pano de saco”.

Este é o traje que os profetas usavam quando desgraças iminentes estavam se aproximando da nação. “Pano de saco é a roupa de lamentação e angústia, sentimentos opostos à alegria (Salmo 30:11; 35:13; 69:11; Ezequiel 27:31; Joel 1:8). Jacó se vestiu de pano de saco quando lamentou a suposta morte de José (Gênesis 37:34). Quando Acabe ouviu a condenação de sua casa, ele se lamentou em pano de saco, um gesto de angústia e humildade (1 Reis 21:27-29). Pano de saco acompanha o arrependimento em várias outras citações bíblicas (Neemias 9:1-2; Jonas 3:6-8; Mateus 11:21; Lucas 10:13). Ezequias se vestiu de pano de saco quando buscou a libertação de Jerusalém diante da ameaça assíria (2 Reis 19:1-3). O pano de saco das duas testemunhas sugere a mensagem difícil e a lamentação delas em pronunciar a mensagem do Senhor, uma mensagem que certamente condenava os perversos”.¹¹

“São estas as duas oliveiras e os dois candelabros que se acham em pé diante do Senhor da terra”. (Apocalipse 11.4)

Esta cena das duas oliveiras vem de Zacarias 4.2-3:

“...e me perguntou: Que vês? Respondi: olho, e eis um candelabro todo de ouro e um vaso de azeite em cima com as suas sete lâmpadas

e sete tubos, um para cada uma das lâmpadas que estão em cima do candelabro.

Junto a este, duas oliveiras, uma à direita do vaso de azeite, e a outra à sua esquerda”.

De acordo com o contexto, vemos “que os dois homens mencionados em Zacarias são Josué, o sacerdote, e Zorobabel o governador. Nos dias de Zacarias, um era o cabeça da igreja; o outro era o chefe de Estado. As duas testemunhas em Apocalipse 11 estão relacionados com, ou tem algo em comum com esses homens”.¹²

Em Zacarias, tanto Josué como Zorobabel tinham uma missão em comum que era a de reconstruir o templo destruído. As funções de ambos, um governador, o outro sacerdote, encontramos na Pessoa de Jesus Cristo, pois Ele é tanto Rei como Sacerdote. Sobre o reconstruir o templo caído, Cristo é aquele que disse “*destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei*”. Possivelmente, a ideia de João usar a cena de Zacarias quatro, era para mostrar que uma vez que o templo seria destruído, Cristo, então, é apresentado na figura das duas testemunhas, como aquele que ressuscita o tabernáculo caído de Davi em seu próprio corpo. Ele, através de sua igreja, que se tornou “*reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai*” (Apocalipse 1.6), e que também possui um “*sacerdócio real*” (1ª Pedro 2.9), servem de testemunhas contra Jerusalém e Israel. A igreja de Cristo, a semelhança das duas testemunhas, também são considerados “*candeeiros*” conforme Apocalipse 1.20. “*Os candeeiros no templo sempre ficavam acesos diante de Deus, como os cristãos brilham diante do Senhor como a luz do mundo (Mateus 5:14-16; Efésios 5:8;1 Tessalonicenses 5:5)*”.¹³

Temos assim na figura das duas testemunhas, a igreja de Cristo testemunhando naqueles dias finais em Jerusalém.

“Se alguém pretende causar-lhes dano, sai fogo da sua boca e devora os inimigos; sim, se alguém pretender causar-lhes dano, certamente, deve morrer.

Elas têm autoridade para fechar o céu, para que não chova durante os dias em que profetizarem. Têm autoridade também sobre as águas, para convertê-las em sangue, bem como para ferir a terra

com toda sorte de flagelos, tantas vezes quantas quiserem”.

(Apocalipse 11.5-6)

Os poderes que essas duas testemunhas possuem são semelhantes aos de Moisés e o de Elias (1º Reis 17-18; Lucas 4.25; Êxodo 7). No caso do profeta Elias, o fogo que ele utilizava vinha do céu. Aqui acontece diferente, pois o fogo sai da boca das testemunhas. Seria literal este fogo saindo de suas bocas? Ou esse fogo seria a palavra de Deus? Creio que o fogo aqui em questão é a palavra de Deus. O profeta Jeremias falou sobre isto: *“Não é a minha palavra fogo, diz o SENHOR, e martelo que esmiúça a penha?”* (Jeremias 23.29)

“Têm autoridade também sobre as águas, para convertê-las em sangue, bem como para ferir a terra com toda sorte de flagelos, tantas vezes quantas quiserem”.

Quem converteu o rio Nilo em sangue foi Moisés. Assim como foi no caso de Josué e Zorobabel que vimos a pouco no comentário do versículo 3, mais uma vez estamos diante de dois personagens importantes, um político e outro religioso. Elias foi profeta da nação israelita, e Moisés chefe político e fundador da nação. A diferença entre eles é que a figura de Josué e Zorobabel representa a reconstrução do templo, ao passo que Elias e Moisés representam sua destruição e julgamento. Cristo cumpre em sua Pessoa todos esses papéis, o de Sacerdote e chefe político. O de reconstrutor e o destruidor. Cristo representa o templo reconstruído e juiz de Israel.

O livro do “Apocalipse, então, combina as duas testemunhas, Moisés, Elias, Josué e Zorobabel, sacerdote e rei, na pessoa de Jesus Cristo. A presença de Moisés e Elias nos lembra do episódio da Transfiguração, em que estes dois apareceram falando com Cristo (Mateus 17.1-9). Eles parecem representar a autoridade combinada da Lei e dos Profetas. Na história do homem rico e Lázaro, Abraão disse ao homem rico que estava buscando um representante para ir a seus irmãos: “Eles têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos” (Lucas 16:29). Isso parece ser uma parte da mensagem aqui também. É a lei e os profetas que são assassinados por Israel por sua recusa absoluta de ouvi-los...”¹⁴

“...bem como para ferir a terra com toda sorte de flagelos, tantas vezes quantas quiserem”.

O Senhor Deus “equipa seus servos com poder para vencer os inimigos. Deus agiu durante o ministério dos apóstolos através de milagres que demonstraram o poder divino e confundiram os inimigos (Atos 5:17-21; 12:6-24; 16:23-26; 19:13-17). Paulo cegou Elimas, um “*inimigo de toda a justiça*” (Atos 13:9-11) e expulsou o espírito adivinhador da jovem em Filipos (Atos 16:16-18). O período apostólico foi caracterizado pelo crescimento do evangelho: “*Com grande poder, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus*” (Atos 4:33). “*Crescia a palavra de Deus*” (Atos 6:7). “*Assim, a palavra do Senhor crescia e prevaleceu poderosamente*” (Atos 19:20). O maior poder dado aos discípulos vem da própria palavra pregada. O evangelho “*é o poder de Deus para a salvação*” (Romanos 1:16). As armas espirituais são “*poderosas em Deus, para destruir fortalezas...e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus*” (2 Coríntios 10:3-6). A palavra de Deus é “*a espada do Espírito*”, usada “*contra as forças espirituais do mal*” (Efésios 6:10-17). Esta espada é “*mais cortante do que qualquer espada de dois gumes*” (Hebreus 4:12)”.¹⁵

Assim, a igreja deu seu testemunho perante Israel e Jerusalém durante um período que durou quarenta anos até a destruição do templo.

A Morte das Duas Testemunhas

“Quando tiverem, então, concluído o testemunho que devem dar, a besta que surge do abismo peleará contra elas, e as vencerá, e matará...”. (Apocalipse 11.7)

“Este trecho obviamente não fala do término final da missão da igreja, pois já usou a figura de um período curto (1.260 dias). Chegando ao ponto determinado por Deus, e tendo cumprido a sua responsabilidade de testemunhar, Deus permitiria que a cena

continuasse. Embora tenhamos sempre trabalho para fazer, é possível encerrar uma determinada missão (Lucas 10:10-12; Atos 13:46-47)”¹⁶

“...a besta que surge do abismo pelejará contra elas, e as vencerá, e matará...”

Esta é a primeira vez que a palavra “besta” aparece no Apocalipse. Alguns sugerem que a besta aqui em questão seria o próprio Satanás, isto pelo fato de que ela “*surge do abismo*”. É claro que não foi algo somente sobrenatural, mas Satanás através de Roma e das autoridades judaicas se incumbiram de matar a igreja (as duas testemunhas), lembrando também que Roma e Israel também mataram a Cristo.

“...e o seu cadáver ficará estirado na praça da grande cidade que, espiritualmente, se chama Sodoma e Egito, onde também o seu Senhor foi crucificado”. (Apocalipse 11.8)

O cadáver estirado representa o desprezo de Israel pelos servos de Deus, negando-lhes um enterro digno. Devido ao mau caráter de Jerusalém, esta cidade recebeu um nome considerado imundo entre os judeus. Não é a primeira vez que Deus assim se expressa em relação a cidade. Veja isto em Isaías 1.10: “*Ouvi a palavra do SENHOR, vós, príncipes de Sodoma; prestai ouvidos à lei do nosso Deus, vós, povo de Gomorra*”.

Ezequiel 16.48-50 descreve assim Jerusalém:

“Tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, não fez Sodoma, tua irmã, ela e suas filhas, como tu fizeste, e também tuas filhas.

Eis que esta foi a iniquidade de Sodoma, tua irmã: soberba, fartura de pão e próspera tranqüilidade teve ela e suas filhas; mas nunca amparou o pobre e o necessitado.

Foram arrogantes e fizeram abominações diante de mim; pelo que, em vendo isto, as removi dali”.

Em outro capítulo, Deus compara Israel ao Egito:

“As suas impudícias, que trouxe do Egito, não as deixou; porque com ela se deitaram na sua mocidade, e eles apalparam os seios da sua virgindade e derramaram sobre ela a sua impudícia”.

(Ezequiel 23.8)

A esta altura Israel tem sido comparado com essas nações, antes inimigas e objetos da ira de Deus. A cidade de Sodoma perseguiu o justo Ló, o Egito ao povo de Israel, agora, no Novo Testamento, o mesmo Israel antes perseguido, persegue a igreja de Cristo, e por isto, sofre as mesmas punições do Egito e Sodoma.

“...na praça da grande cidade...”.

O termo “*grande cidade*” aparece oito vezes no Apocalipse. Aqui é a primeira vez em que aparece. Em Apocalipse 17.18 a grande meretriz é chamada de “*Grande cidade*”. Por isto, com antecedência podemos ter a identificação da grande meretriz que nada mais é do que Jerusalém e o Israel da Antiga aliança.

“Então, muitos dentre os povos, tribos, línguas e nações contemplam os cadáveres das duas testemunhas, por três dias e meio, e não permitem que esses cadáveres sejam sepultados.

Os que habitam sobre a terra se alegram por causa deles, realizarão festas e enviarão presentes uns aos outros, porquanto esses dois profetas atormentaram os que moram sobre a terra.

(Apocalipse 11.9-10)

Quando Jerusalém foi destruída, somente na cidade, mais ou menos, um milhão e cem mil pessoas foram mortas, sem contar os milhares que foram levados escravos pelos romanos. Isto aconteceu antes da Páscoa do ano 70 d.C., quando 60 mil soldados comandados por Vespasiano e seu filho Tito, encurralaram os habitantes e muitos peregrinos que estavam ali para a festividade. Segundo o livro de Atos em época de festividade era possível encontrar em Jerusalém os “partos, medos, elamitas e os naturais da Mesopotâmia, Judéia,

Capadócia, Ponto e Ásia, da Frígia, da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia, nas imediações de Cirene, e romanos que aqui residem, tanto judeus como prosélitos, cretenses e arábios”.

(Atos 2.9-11)

Por isto, não é em vão que o Apocalipse diz que pessoas de “*povos, tribos, línguas e nações*” contemplaram os cadáveres das duas testemunhas estirados na praça da grande cidade. Os “*que habitam sobre a terra*” não é uma referência ao “Planeta Terra”. Em meu comentário de Apocalipse 10.2 falei sobre a questão do significado da palavra “terra” no contexto bíblico, que é uma referência não ao “Planeta Terra”, mas “a terra de Israel”. Os habitantes de Israel e Jerusalém se alegravam por causa do martírio dos cristãos, pois eles mesmos eram seus perseguidores e executores. O testemunho da igreja era um “tormento” para Israel e Jerusalém. O fato de testemunhar a ressurreição de Cristo dentre os mortos era como fogo que saía das bocas dos primeiros crentes.

A Ressurreição das Duas Testemunhas

“Mas, depois dos três dias e meio, um espírito de vida, vindo da parte de Deus, neles penetrou, e eles se ergueram sobre os pés, e àqueles que os viram sobreveio grande medo; e as duas testemunhas ouviram grande voz vinda do céu, dizendo-lhes: Subi para aqui. E subiram ao céu numa nuvem, e os seus inimigos as contemplaram”.

(Apocalipse 11.11-12)

Um leitor comum quando faz uma leitura corrida destes versículos, corre sério risco de fazer uma leitura literal dos mesmos. É preciso ter cautela e nunca se esquecer que estamos diante de um livro altamente simbólico. Sei que é tentador imaginar literalmente a cena das duas testemunhas subindo diante de seus inimigos. O episódio das duas testemunhas deve ser visto como uma parábola. Elas podem representar o testemunho da igreja desde o justo Abel até o último dos mártires perseguidos e mortos por Israel.

A ressurreição das duas testemunhas significa que “por meio da ressurreição de Cristo, a Igreja e seu Testemunho tornaram-se invencíveis, impossíveis de serem detidas. Na união com Cristo e sua Ascensão à glória (Ef. 2:6), elas subiram ao céu numa nuvem, e os seus inimigos as contemplaram. As Testemunhas não sobreviveram às perseguições; elas morreram. Mas na ressurreição de Cristo elas se levantaram para o poder e domínio que existia não por poder, nem por força, mas pelo Espírito de Deus, o próprio sopro de vida de Deus. “Não somos os senhores da história e não controlamos seus resultados, mas temos certeza que existe um senhor da história e que ele controla seus resultados. Precisamos de uma interpretação teológica do desastre, uma interpretação que reconhece que Deus age em eventos tais como cativeros, derrotas e crucificações. A Bíblia pode ser interpretada como uma série de triunfos de Deus disfarçados como desastres”.¹⁷

Outra coisa que não pode ser ignorada é a respeito do paralelo existente entre a ascensão das duas testemunhas e a de João.

Compare:

*“Depois destas coisas, olhei, e eis não somente uma porta aberta no céu, como também a primeira voz que ouvi, como de trombeta ao falar comigo, dizendo: **Sobe para aqui**, e te mostrarei o que deve acontecer depois destas coisas”.* (Apocalipse 4.1 – o grifo é meu)

*“Mas, depois dos três dias e meio... as duas testemunhas ouviram grande voz vinda do céu, dizendo-lhes: **Subi para aqui...**”.*

(Apocalipse 11.11-12 – o grifo é meu)

Segundo David Chilton “a história das Duas Testemunhas é, portanto, a história da Igreja que testifica que recebeu o mandamento divino para subir aqui e ascendeu com Cristo à Nuvem no céu, ao Trono (Ef. 1:20-22; 2:6; Hb. 12:22-24): Ela possui agora uma autorização imperial para exercer controle sobre os confins da terra, disciplinando as nações à obediência da fé (Mt. 28:18-20; Rm. 1:5)”.¹⁸

Por mais “estranho que essa passagem seja não é por si só nas Escrituras. Temos duas outras histórias de “ressurreição” a respeito de Israel no Antigo Testamento [Isaías 2.13-19; Ezequiel 37.1-14]”.¹⁹

“Naquela hora, houve grande terremoto, e ruiu a décima parte da cidade, e morreram, nesse terremoto, sete mil pessoas, ao passo que as outras ficaram sobremodo aterrorizadas e deram glória ao Deus do céu”. (Apocalipse 11.13)

Temos aqui alguns paralelos com a vida de Jesus Cristo. Quando Jesus morreu e ressuscitou, alguns fenômenos acompanharam esses eventos. Veja um deles em Mateus 27.51-53:

“Eis que o véu do santuário se rasgou em duas partes de alto a baixo; tremeu a terra, fenderam-se as rochas; abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos, que dormiam, ressuscitaram; e, saindo dos sepulcros depois da ressurreição de Jesus, entraram na cidade santa e apareceram a muitos”.

Mesmo em meio ao caos é possível que haja arrependimento por parte de alguém. Nesse episódio da paixão de Cristo, no versículo 54 diz: *“O centurião e os que com ele guardavam a Jesus, vendo o terremoto e tudo o que se passava, ficaram possuídos de grande temor e disseram: Verdadeiramente este era Filho de Deus”.* (Mateus 27.54) No caso do centurião, vemos o reconhecimento de um pagão acerca da Divindade de Jesus Cristo. Não estou afirmando, mas é bem possível que no cerco a Jerusalém tenha havido conversões de soldados romanos que possam ter sido influenciados pela já conhecida mensagem cristã.

Não precisamos provar histórica e exatamente que naqueles dias morreram sete mil pessoas vítimas de um terremoto em Jerusalém. O que realmente importa é a mensagem que diante do martírio de seus santos, sempre há um descontentamento da parte de Deus que atrai certas catástrofes.

O pastor Ralph E. Bass, Jr. resume em alguns pontos a questão das duas testemunhas:

- “Elas foram testemunhas por excelência e mártires da fé cristã.
- Elas são representadas como duas testemunhas, em vez de qualquer outro número por causa da analogia das duas

oliveiras, e, especialmente, porque requer duas testemunhas para estabelecer o testemunho de uma sentença de morte.

- Elas foram unguidas, como Josué e Zorobabel, para construir a nova Igreja, e elas eram de fato os castiçais que estavam destinados a suplantar e substituir o antigo judaísmo extinto.
- Elas foram notavelmente dotadas de poder para operar milagres, e foram divinamente apoiadas até que seu trabalho estivesse terminado.
- Sua ressurreição e triunfante subida ao céu é uma imagem apocalíptica do que Jesus tinha assegurado repetidamente para seus seguidores.

Dito tudo isso, é importante notar que não é de todo provável que essa é uma profecia literal que viu um cumprimento literal. Não temos nenhum registro de que havia dois homens em Jerusalém naquele momento. O mais provável é que temos aqui uma parábola”.²⁰

“Passou o segundo ai. Eis que, sem demora, vem o terceiro ai”.

(Apocalipse 11.14)

Muitos dizem que é difícil identificar qual seria o “terceiro ai”. Talvez, seriam, as sete taças da ira de Deus descritas no capítulo 16. Seja lá como for, o importante é que quase todo o Apocalipse deve ser visto como um pacote completo de ira e sofrimento sobre os judeus impenitentes, independente se consiga identificar ou não cada detalhe das profecias do livro.

A Sétima Trombeta: o Reino de Cristo

“O sétimo anjo tocou a trombeta, e houve no céu grandes vozes, dizendo: O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos”. (Apocalipse 11.15)

Esta última trombeta não deve ser confundida com a “última trombeta” descrita em 1ª Coríntios 15.52, mesmo porque estamos na metade do Apocalipse e há muita história ainda pela frente até o capítulo 22.

“O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos”.

Não devemos supor que até o momento deste versículo Cristo não teve domínio sobre Sua criação. O que está em questão aqui é que essa passagem mostra o momento em que é revelado que o reino do mundo pertence a Cristo. É também o momento em que Deus “assume” o seu poder conforme podemos ver no versículo 17: *“Graças te damos, Senhor Deus, Todo-Poderoso, que és e que eras, porque assumiste o teu grande poder e passaste a reinar”.* (o grifo é meu)

Ora, o poder de Deus sobre o mundo já havia antes, tudo sempre esteve em seu controle, o que indica Sua Soberania. Mas, agora, ele passa a “assumir” o que é seu de direito.

Se alguém considerava Satanás como o “deus deste século” (2ª Coríntios 4.4) já não pode mais se firmar nessa base. “Na verdade, é um pouco difícil de imaginar quando o reino do mundo [...] não era o reino de nosso Senhor [...], exceto em um sentido escatológico em que isso seja corrigido no fim do mundo. A palavra grega para reino aqui não significa uma região ou país governado por um rei, mas o poder de governar como rei: reinado, soberania e autoridade. Deus e seu Messias já tomaram o controle completo sobre o mundo. A ideia subjacente é que eles têm derrotado Satanás e seus servos, que tinham sido autorizados a governar por um tempo”.²¹

“E os vinte e quatro anciãos que se encontram sentados no seu trono, diante de Deus, prostraram-se sobre o seu rosto e adoraram a Deus, dizendo: Graças te damos, Senhor Deus, Todo-Poderoso, que és e que eras, porque assumiste o teu grande poder e passaste a reinar”. (Apocalipse 11.16-17)

Em Apocalipse 19.6 há uma declaração semelhante: *“Então, ouvi uma como voz de numerosa multidão, como de muitas águas e como de fortes trovões, dizendo: Aleluia! Pois reina o Senhor, nosso Deus, o Todo-Poderoso”*. O fato de o reino ter chegado ao primeiro século da era cristã não significa que o Reino já chegou em toda sua plenitude. Há um processo em andamento. Cristo reinará até o fim das eras quando conquistar definitivamente todos os seus inimigos:

“E, então, virá o fim, quando ele entregar o reino ao Deus e Pai, quando houver destruído todo principado, bem como toda potestade e poder.

Porque convém que ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos pés.

O último inimigo a ser destruído é a morte”.

(1ª Coríntios 15.24-26)

“Tendo morrido, ressuscitou, subiu ao céu e derrotou seus inimigos e assassinos, Cristo iniciou um reinado universal. Esta ascensão de Cristo vai continuar até que os propósitos de Deus sejam plenamente alcançados. Esses efeitos são esclarecidos em Isaías 9”.²²

“Na verdade, as nações se enfureceram; chegou, porém, a tua ira, e o tempo determinado para serem julgados os mortos, para se dar o galardão aos teus servos, os profetas, aos santos e aos que temem o teu nome, tanto aos pequenos como aos grandes, e para destruíres os que destroem a terra”. (Apocalipse 11.18)

O começo deste versículo faz lembrar o Salmo 2:

“Por que se enfurecem os gentios e os povos imaginam coisas vãs?

Os reis da terra se levantam, e os príncipes conspiram contra o SENHOR e contra o seu Ungido, dizendo: Na sua ira, a seu tempo, lhes há de falar e no seu furor os confundirá.

Com vara de ferro as regerás e as despedaçarás como um vaso de oleiro”.

(Salmos 2.1, 2, 5, 9)

Os romanos odiavam os judeus, e ambos, conspiraram e odiaram contra o Ungido (Cristo) de Deus até que por fim o mataram. No devido tempo, Cristo usou o exército romano e castigou os judeus, mas também os romanos receberam de sua ira posteriormente e, é por isto, que diz que Deus destruirá *“os que destroem a terra [terra de Israel]”*.

“...e o tempo determinado para serem julgados os mortos...”

Os que defendem a heresia chamada “Preterismo Completo” usam essa parte do versículo 18 para justificar que a ressurreição dos mortos aconteceu no ano 70 d.C. Todavia, João não está descrevendo aqui a ressurreição no Juízo Final. Precisamos sempre lembrar que são as passagens claras que lançam luz nas passagens obscuras. O Senhor Jesus Cristo foi muito bem claro na questão de que os mortos ressuscitam no último dia e não dentro daquela geração (João 6.39-40, 44, 54; 11.24).

A referência dos mortos sendo julgados está ligada àqueles que morreram como mártires mencionados em Apocalipse 6.9-11. O julgamento vingará o sangue dos mártires daqueles que habitam na terra (ou Israel). O julgamento “pode se referir tanto à condenação e a absolvição. Aqui se refere à absolvição. Eles [os mártires] foram julgados pelo homem, considerados culpados e condenados à morte. Agora eles são julgados por Deus, declarado inocentes, e recompensados por sua fidelidade. Mas enquanto eles são absolvidos, seus perseguidores são “destruídos”.

Como Deus destruiu Babilônia por destruir a Judéia em anos anteriores, assim Deus irá devastar os romanos, os que destroem a terra [terra]...”²³

Em meio a tantos motivos para punir Roma, um deles foi à quebra de uma Lei divina referente a guerra. Leia abaixo em Deuteronômio 20.19:

“— Pode acontecer que vocês fiquem cercando uma cidade muito tempo e que demorem a conquistá-la. Nesse caso, não derrubem as árvores frutíferas que houver ali. Comam dos frutos, mas não cortem as árvores; será que elas são seus inimigos, para que vocês as destruam?”

(NTLH – Nova Tradução na Linguagem de Hoje)

E o exército romano fez justamente o contrário disto quando sitiou Jerusalém, conforme relato do historiador Flávio Josefo:

“Entretanto, os romanos em vinte e um dias terminaram as novas plataformas, não obstante a dificuldade em encontrar a madeira necessária para tal obra. Eles devastaram toda a região a oitenta estádios nos arredores de Jerusalém; **e jamais a terra ficou tão desfigurada. Onde outrora havia bosques e árvores frondosas, jardins deliciosos, não havia agora uma única árvore**, e não somente os judeus, mas os estrangeiros, que antes admiravam aquela formosa parte da Judéia, agora não seriam capazes de reconhecer, nem ver os maravilhosos arrabaldes daquela grande cidade, convertidos em terrenos abandonados e silvestres, sem que tão deplorável mudança os fizesse derramar lágrimas. Foi assim que a guerra de tal modo destruiu uma região tão favorecida por Deus, que já não lhe restava o menor vestígio de sua beleza antiga e podia-se perguntar em Jerusalém, onde então estava Jerusalém”.²⁴ (o grifo é meu)

“Abriu-se, então, o santuário de Deus, que se acha no céu, e foi vista a arca da Aliança no seu santuário, e sobrevieram relâmpagos, vozes, trovões, terremoto e grande saraivada”. (Apocalipse 11.19)

Finalmente, chegamos ao último versículo do capítulo 11. Agora, somos remetidos ao início do capítulo novamente. No começo o templo foi medido para preservação, depois, as duas testemunhas foram arrebatadas ao céu em uma nuvem. Estas duas situações são cumpridas agora no versículo 19, ou seja, o verdadeiro Templo foi

preservado e está agora no céu. “A residência temporária da arca, na Terra terminou e a arca do seu pacto apareceu no Seu Templo [...], que está agora no céu.

O templo na terra perdeu o status que tinha. Ele nunca conteve a arca, que foi perdida quando Nabucodonosor destruiu o Templo de Salomão. Era uma esperança confiável de alguns escritores apocalípticos que no grande dia seria restaurado; mas São João estende nenhuma esperança de qualquer restauração. A presença da aliança de Deus não é mais a Cidade de Davi; é uma aliança universal agora “no Céu”, visível para toda a humanidade, e disponível para todos. O templo local e terreno, deve ser destruído”.²⁵

Capítulo 12_____

A Mulher Vestida de Sol

“Viu-se grande sinal no céu, a saber, uma mulher vestida do sol com a lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas na cabeça...”

(Apocalipse 12.1)

Todo o livro do Apocalipse é sobre grandes sinais. Mas, aqui, neste versículo, temos uma distinção, pois João vê um “*grande sinal no céu*”, um mais importante que os dos capítulos anteriores. O que torna esse sinal tão importante é porque sua referência é sobre Cristo. Possivelmente João está fazendo uma alusão a Isaías 7.10-11, 14:

“E continuou o SENHOR a falar com Acaz, dizendo: Pede ao SENHOR, teu Deus, um sinal, quer seja embaixo, nas profundezas, ou em cima, nas alturas.

Portanto, o Senhor mesmo vos dará um sinal: eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e lhe chamará Emanuel”.

Encontramos na Bíblia do começo ao fim a imagem da mulher:

“Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.

E à mulher disse: Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás à luz filhos; o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará”. (Gênesis 3.15-16)

“Houve muitas “mulheres” em Israel que, de alguma forma nos lembram dessa promessa. Houve Eva, Sara e Rebeca... e outros santos do Antigo Testamento, e, eventualmente, Maria. Mas, em certo

sentido, é toda a descendência espiritual em Israel que traz essa criança divina. Então, a mulher aqui é o Israel espiritual, a comunidade de fé a partir da qual o Messias veio.

A imagem de uma mulher ou uma noiva, tem sido fundamental para relação de Deus com Israel”.¹

A mulher vestida de Sol é o Israel espiritual, é a igreja do Antigo e Novo Testamento. Ela é vista no céu porque lá está a sua origem. Por isto a igreja não pertence ao mundo.

“Eles não são do mundo, como também eu não sou”. (João 17.16)

“...e, juntamente com ele, nos ressuscitou, e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus...”. (Efésios 2.6)

“Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus.

Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra; porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus”. (Colossenses 3.1-3)

“...uma mulher vestida do sol com a lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas na cabeça...”.

Esta imagem nos remete ao sonho que José teve em Gênesis 37.9:

“Teve ainda outro sonho e o referiu a seus irmãos, dizendo: Sonhei também que o sol, a lua e onze estrelas se inclinavam perante mim.

Contando-o a seu pai e a seus irmãos, repreendeu-o o pai e lhe disse: Que sonho é esse que tiveste? Acaso, viremos, eu e tua mãe e teus irmãos, a inclinar-nos perante ti em terra?

Seus irmãos lhe tinham ciúmes; o pai, no entanto, considerava o caso consigo mesmo”.

Temos nessa visão a mulher sendo identificada com Israel. Não podemos achar que a mulher vestida de Sol seja Maria, pois o significado da visão é muito mais amplo e profundo. “As doze estrelas podem ter referência nas doze tribos de Israel. O verdadeiro Israel, o Sião de Deus, que nos dá o Cristo encarnado. Fora do seio da igreja vem Jesus Cristo ao mundo como o Messias prometido, que era para ser a “semente da mulher”.

Carrington conclui: ‘Estes símbolos... associam a Mulher com o verdadeiro Israel, a noiva gloriosa do Senhor; sozinha a figura Doze é suficiente para dizer isso’.

Então, a mulher aqui é o Israel espiritual. Ela é o verdadeiro povo de Deus, o remanescente fiel, a profética minoria perseguida”.²

Ela é vestida do sol e tem a lua debaixo dos pés porque “o sol e a lua são os dois luzeiros principais dados por Deus para iluminar a Terra. O povo de Deus serve como luz no mundo de trevas (Mateus 5:14-16), revelando ao mundo a luz da revelação divina”.³

Há quem diga também que o sol simboliza o “Sol da justiça” que é Jesus Cristo descrito em Malaquias 4.2, ou seja, a mulher estaria vestida da glória do Senhor refletindo-a no mundo. Ainda segundo alguns, a lua (que não tem luz própria) seria um símbolo do mal derrotado debaixo dos pés da igreja.

“...que, achando-se grávida, grita com as dores de parto, sofrendo tormentos para dar à luz”. (Apocalipse 12.2)

O Israel segundo a carne sempre falhou em sua relação com Deus. Somente um remanescente foi fiel aguardando a promessa da vinda do Messias. Muitos profetas e santos do Antigo Testamento que aguardavam a vinda do Cristo foram mortos e torturados por essa causa. Essas dores de parto aconteceram até o nascimento do Cristo.

O Dragão Vermelho

“Viu-se, também, outro sinal no céu, e eis um dragão, grande, vermelho, com sete cabeças, dez chifres e, nas cabeças, sete diademas”. (Apocalipse 12.3)

Não há dúvida que de que este dragão seja o próprio diabo. João esclarece esse ponto mais à frente, no versículo 9: “*E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo...*”. Isaías há muito tempo já havia profetizado acerca dessa derrota de Satanás:

“Naquele dia, o SENHOR castigará com a sua dura espada, grande e forte, o dragão, serpente veloz, e o dragão, serpente sinuosa, e matará o monstro que está no mar”. (Isaías 27.1)

“...com sete cabeças, dez chifres e, nas cabeças, sete diademas”.

“Em Daniel 7 lemos a respeito de quatro animais que tiveram coletivamente sete cabeças e dez chifres. Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma foram todas as fases da tentativa do Dragão para estabelecer seu império ilícito em todo o mundo... Ele foi o grande animal, do qual [esses reinos] tinham sido apenas imagens parciais. Foi ele quem tinha sido o inimigo secular do povo de Deus. Em todas as lutas de Israel contra as Bestas, através de todas as tentativas dos impérios humanos para destruir a Semente da Aliança, o Dragão tinha sido seu inimigo. Ele usava os diademas dos impérios perseguidores”.⁴

Em Apocalipse 17.10 temos a identificação das sete cabeças que nada mais são do que os Césares do império romano. Os dez chifres são os governadores das províncias de Roma (Apocalipse 17.12). “As dez províncias de Roma foram à Itália, Acaia, Ásia, Síria, Egito, África, Espanha, Gália, Grã-Bretanha e Alemanha”.⁵

Não podemos entender as sete coroas do dragão como sinais de suas vitórias. O que temos aqui é “uma reivindicação diabólica de poder real que parodia a verdadeira soberania do “Rei dos reis”, que usa muitos diademas (Apocalipse 19.12, 16)”.⁶

“A sua cauda arrastava a terça parte das estrelas do céu, as quais lançou para a terra; e o dragão se deteve em frente da mulher que estava para dar à luz, a fim de lhe devorar o filho quando nascesse”.

(Apocalipse 12.4)

Anteriormente, João em Apocalipse 9.1 já havia associado uma estrela caída a Satanás. É claro que temos aqui o retrato da queda e rebelião de Satanás com seus anjos representados por estrelas caídas do céu:

“Ora, se Deus não poupou anjos quando pecaram, antes, precipitando-os no inferno, os entregou a abismos de trevas, reservando-os para juízo...”. (2ª Pedro 2.4)

“...e a anjos, os que não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio domicílio, ele tem guardado sob trevas, em algemas eternas, para o juízo do grande Dia...”. (Judas 1.6)

“E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos”. (Apocalipse 12.9)

“Mas ele lhes disse: Eu via Satanás caindo do céu como um relâmpago”. (Lucas 10.18)

“...e o dragão se deteve em frente da mulher que estava para dar à luz, a fim de lhe devorar o filho quando nascesse”.

Satanás tentou matar Cristo logo no nascimento através de Herodes conforme descrito Mateus 2.16:

“Vendo-se iludido pelos magos, enfureceu-se Herodes grandemente e mandou matar todos os meninos de Belém e de todos os seus arredores, de dois anos para baixo, conforme o tempo do qual com precisão se informara dos magos”.

A Criança do Sexo Masculino: Cristo

“Nasceu-lhe, pois, um filho varão, que há de reger todas as nações com cetro de ferro. E o seu filho foi arrebatado para Deus até ao seu trono”. (Apocalipse 12.5)

Observe que Cristo já nasce vitorioso. Em Filipenses 2.10 está escrito: *“...para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra...”*. Isto tem se cumprido na história e se cumprirá totalmente no último dia.

“E o seu filho foi arrebatado para Deus até ao seu trono”.

Segundo Dennis Allan aqui “toda a vida terrestre de Jesus é resumida em um versículo que afirma a sua vitória absoluta. Do nascimento até à coroação no céu, onde Jesus atualmente senta à direita do Pai no Santo dos Santos, a missão bem-sucedida de Jesus é resumida neste versículo (veja Atos 2:22-36; Hebreus 9:12). Sem entrar em

pormenores, este versículo se torna um dos mais poderosos da Bíblia. Pela sua vida perfeita, a sua morte sacrificial e a sua ressurreição de entre os mortos, Jesus é totalmente vitorioso sobre o diabo! Antes de entrar em mais detalhes sobre o dragão e seus servos, ele quer nos lembrar que o verdadeiro Rei e Vencedor é o Senhor Jesus Cristo”.⁷

Os teólogos católicos romanos usam esta parte do versículo para tentar provar à assunção corpórea de Maria. Todavia, não foi a mulher que ascendeu aos céus, mas o menino que dela nasceu. Ninguém subiu ao céu corporalmente a não ser o Cristo. Nossa assunção corpórea acontecerá no último dia através da ressurreição ou arrebatamento dos que estiverem vivos (1ª Tessalonicenses 4.13-18).

“A mulher, porém, fugiu para o deserto, onde lhe havia Deus preparado lugar para que nele a sustentem durante mil duzentos e sessenta dias”. (Apocalipse 12.6)

O Israel de Deus é protegido por Ele. Temos aqui a mesma imagem de Apocalipse 7, cuja a qual os 144.000 são selados para proteção durante a Grande Tribulação. A proteção vem da obediência as recomendações que Jesus fez quando começasse a Grande Tribulação conforme Lucas 21.20-24:

“Quando, porém, virdes Jerusalém sitiada de exércitos, sabeis que está próxima a sua devastação.

Então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes; os que se encontrarem dentro da cidade, retirem-se; e os que estiverem nos campos, não entrem nela.

Porque estes dias são de vingança, para se cumprir tudo o que está escrito.

Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Porque haverá grande aflição na terra e ira contra este povo.

Cairão a fio de espada e serão levados cativos para todas as nações; e, até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém será pisada por eles”.

“A fuga da mulher para o deserto são os cristãos judeus fugindo do cerco a Jerusalém. De acordo com um dos pais da igreja chamado Eusébio ‘todo o corpo da igreja em Jerusalém, comandada por uma

revelação divina, fugiram para [uma cidade chamada] Pela, além do Jordão”⁸.

“...durante mil duzentos e sessenta dias”.

Este é o período de três anos e meio ou quarenta e dois meses em que a Grande Tribulação durou em Jerusalém.

Miguel e os seus Anjos

“Houve peleja no céu. Miguel e os seus anjos pelejaram contra o dragão. Também pelejaram o dragão e seus anjos, todavia, não prevaleceram; nem mais se achou no céu o lugar deles”.

(Apocalipse 12.7-8)

Muitos afirmam que Miguel seria o próprio Senhor Jesus Cristo. Não há nenhuma prova nas Escrituras que identifica Miguel como Jesus.

“Miguel (seu nome significa “Quem é semelhante a Deus?”) é citado por nome cinco vezes na Bíblia, sempre como representante de Deus nas batalhas contra os inimigos do Senhor:

- Contra os príncipes dos persas e dos gregos (Daniel 10:13,20-21).
- Como defensor do povo de Deus (Daniel 12:1).
- Como arcanjo de Deus lutando pelo corpo de Moisés (Judas 9).
- Aqui, como líder do exército celestial contra o diabo e seus anjos”⁹.

“E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos”. (Apocalipse 12.9)

No Apocalipse é possível ver por três vezes a derrota progressiva do diabo/Satanás. São elas:

1. Ele é derrotado do céu para a terra (Apocalipse 12.9);
2. Depois da terra para o abismo (Apocalipse 20.3);
3. E, finalmente, do abismo para o lago de fogo (Apocalipse 20.10).

“...a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo...”

Esta é uma referência a serpente que tentou Eva no jardim do Éden. Muitos pensam que uma serpente literal foi possuída pelo diabo para falar com Eva e tentá-la. Na verdade, a linguagem usada ali é mítica. Não estou dizendo que Adão e Eva e a história do Paraíso seria um mito, pelo contrário, eles foram personagens históricos reais, mesmo porque Jesus tratou o primeiro casal como personagens da história. Mas, a **“linguagem”** usada para descrever a tentação é uma linguagem mítica porque estava além da compreensão do escritor de Gênesis descrever como foi à tentação e o consumo do fruto proibido.

A expulsão de Satanás e seus anjos do céu já ocorreu. Não será num futuro distante como pensam alguns atualmente. Em João 12.31 Jesus antecipou que Satanás já estava expulso, ainda naquela geração de seus dias: **“Chegou o momento de ser julgado este mundo, e AGORA o seu príncipe será expulso”**. (o grifo é meu)

Outros versículos confirmam a derrota e expulsão de Satanás ainda no primeiro século da era cristã:

“...do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado”. (João 16.11 - o grifo é meu)

“...e, despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz”. (Colossenses 2.15 – o grifo é meu)

“Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo...”. (Hebreus 2.14 – o grifo é meu)

“Aquele que pratica o pecado procede do diabo, porque o diabo vive pecando desde o princípio. Para isto se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo”.

(1ª João 3.8 – o grifo é meu)

“Então, ouvi grande voz do céu, proclamando: Agora, veio a salvação, o poder, o reino do nosso Deus e a autoridade do seu Cristo, pois foi expulso o acusador de nossos irmãos, o mesmo que os acusa de dia e de noite, diante do nosso Deus”.

(Apocalipse 12.10)

Aprendemos deste capítulo que a partir do nascimento, morte e ressurreição de Cristo, foram conquistadas quatro coisas:

1. Salvação;
2. Poder;
3. A chegada do Reino do nosso Deus;
4. A autoridade do Seu Cristo.

Muita gente pensa e ensina que Satanás ainda continua a nos acusar diante de Deus, nos céus, e que ele só será expulso no fim dos tempos. Mas, temos aqui, a vitória de Cristo alcançada ainda no primeiro século. Infelizmente muitos cristãos acreditam num cristo fraco e fizeram do diabo um ser forte.

“Eles, pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho que deram e, mesmo em face da morte, não amaram a própria vida”. (Apocalipse 12.11)

O sangue do Cordeiro “é absolutamente fundamental à vitória. Nenhuma doutrina que omite a cruz nos leva ao galardão preparado por Deus. O único caminho é Jesus (João 14:6), o único evangelho é a mensagem de “Jesus Cristo e este crucificado” (1 Coríntios 2:2), e o único meio pelo qual obtemos a redenção é o sangue do Filho Amado (Efésios 1:6-7)”.¹⁰

“Por isso, festejai, ó céus, e vós, os que neles habitais. Ai da terra e do mar, pois o diabo desceu até vós, cheio de grande cólera, sabendo que pouco tempo lhe resta”. (Apocalipse 12.12)

Temos aqui “o eco da antiga história de uma guerra primitiva no céu. Satanás era um anjo que concebeu “o pensamento impossível” de colocar seu trono maior do que o de Deus (2 Enoque 29:4, 5) e foi expulso do céu. Os babilônios tinham uma história semelhante de Ishtar, a deusa da estrela da manhã. Ela também se rebelou contra Deus e foi expulsa do céu.

No Antigo Testamento Satanás era um anjo sob o comando de Deus e com o acesso a sua presença. Em Jó encontramos Satanás contado entre os filhos de Deus e possuindo acesso à sua presença (Jó 1:6-9; 2:1-6); e em Zacarias encontramos também Satanás na presença de Deus (Zacarias 3:1, 2)”.¹¹

“...pois o diabo desceu até vós, cheio de grande cólera, sabendo que pouco tempo lhe resta”.

Satanás perdeu o acesso a presença de Deus para acusar nossos irmãos. O próximo passo será sua prisão no abismo. Isto acontece logo no início do milênio. O Reino de Cristo, seu domínio milenar, os novos céus e a nova terra e a prisão de Satanás começaram no primeiro século da era cristã e terão sua plenitude quando Cristo voltar segunda vez. Vamos estudar sobre esses assuntos mais especificamente a partir do capítulo 20 em diante. O pouco tempo que lhe resta é o período até a destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. Ele precisa agora destruir o restante dessa igreja dispersa em Jerusalém naqueles dias.

O Dragão Persegue a Mulher

“Quando, pois, o dragão se viu atirado para a terra, perseguiu a mulher que dera à luz o filho varão...”. (Apocalipse 12.13)

Satanás odeia a igreja. Seus esforços para destruir a semente santa vêm desde Abel, percorre todo o Antigo Testamento e continua até nossos dias.

“...e foram dadas à mulher as duas asas da grande águia, para que voasse até ao deserto, ao seu lugar, aí onde é sustentada durante um tempo, tempos e metade de um tempo, fora da vista da serpente”.

(Apocalipse 12.14)

Existe algo muito interessante neste versículo. A mulher (igreja) consegue voar pela graça de Deus, enquanto que a serpente não tem esse poder, ela somente pode rastejar. Ideia semelhante é usada na saída dos israelitas do Egito:

“Tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águia e vos cheguei a mim”. (Êxodo 19.4)

O que temos aqui é a providência divina protegendo a igreja naqueles dias de Grande tribulação. A mulher voando até o deserto e sendo protegida da destruição é o cumprimento daquilo que Jesus recomendou em Mateus 24.15-18:

“Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo (quem lê entenda), então, os que estiverem na Judéia fujam para os montes; quem estiver sobre o eirado não desça a tirar de casa alguma coisa; e quem estiver no campo não volte atrás para buscar a sua capa”.

Quando a igreja fugiu para a cidade de Pela conforme vimos a pouco no comentário do versículo 6, ela torna-se protegida durante o período de três anos e meio do cerco de Roma contra Jerusalém. Este foi o período de tempo entre “a ordem de Nero a Vespasiano na declaração de guerra e a conclusão do cerco e a destruição de Jerusalém que pôs fim ao Estado judeu e o sistema do Judaísmo”.¹²

“Então, a serpente arrojou da sua boca, atrás da mulher, água como um rio, a fim de fazer com que ela fosse arrebatada pelo rio”.

(Apocalipse 12.15)

A água “pode ser os exércitos romanos que tentaram reunir todos os habitantes de Israel em sua rede, aglomerando-os em Jerusalém para melhor controle e destruição assegurada.

Água muitas vezes significa “povo” na Bíblia. ‘E ele me disse: As águas que viste, onde se assenta a prostituta, são povos, multidões, nações e línguas’. (Apocalipse 17:15)

O rio pode simbolizar as nações que vêm a Jerusalém, ou os soldados que a cercam...”¹³

“A terra, porém, socorreu a mulher; e a terra abriu a boca e engoliu o rio que o dragão tinha arrojado de sua boca”.

(Apocalipse 12.16)

Deus se utiliza dos recursos naturais para proteção de seus fiéis. Seja tempestades ou qualquer outro fenômeno natural, tudo pode ser empecilho para os inimigos. Isto nos faz lembrar do que Deus disse em Isaías 43.1-2:

“Mas agora, assim diz o SENHOR, que te criou, ó Jacó, e que te formou, ó Israel: Não temas, porque eu te remi; chamei-te pelo teu nome, tu és meu.

Quando passares pelas águas, eu serei contigo; quando, pelos rios, eles não te submergirão; quando passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti”.

O exército romano “não foi capaz de controlar todos os segmentos de judeus que desejaram fugir daquela guerra. Um desses grupos era a Igreja em Israel ou, mais especificamente, a de Jerusalém. Desta forma, a terra ajudou a mulher, concentrando a atenção dos romanos dos fugitivos para os rebeldes”¹⁴

Frederic W. Farrar conta como “Vespasiano enviou Placidus para perseguir os fugitivos judeus de Gadara, eles foram parados pelas águas expandidas do Jordão, e sendo obrigados a arriscar uma batalha, foram levados em multidões no rio, e 15.000 deles morreram”¹⁵

“Irou-se o dragão contra a mulher e foi pelejar com os restantes da sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus; e se pôs em pé sobre a areia do mar”.

(Apocalipse 12.17)

A igreja judaica em sua fuga foi protegida e vitoriosa naqueles dias. No entanto, vemos agora que o restante da descendência da mulher - que é a igreja gentia - é agora alvo da perseguição de Satanás. O “mar”

conforme já vimos neste comentário, simboliza as nações gentílicas. Ao se pôr em pé sobre a “*areia do mar*”, Satanás volta seu olhar para o mundo gentio. “É neste momento que grandes perseguições saem no Império Romano contra os cristãos”.¹⁶

Introdução

O capítulo 13 do Apocalipse nos revela os aliados humanos do dragão (diabo). As duas bestas que emergem do mar e da terra representam dois poderes governamentais em oposição aos cristãos. Nunca podemos esquecer de que a mensagem do Apocalipse “foi revelada aos cristãos do primeiro século, especificamente aos discípulos na Ásia que viviam sob o domínio romano. Ligando esta personagem com as profecias de Daniel, podemos ver o poder do governo romano para perseguir os santos. Na identificação desta besta e dos demais aliados, percebemos que o poder do diabo contra os cristãos que receberam o Apocalipse foi exercido por meio de forças humanas”.¹

Embora o apóstolo Paulo disse em Romanos 13.1 que todo homem deve estar *“sujeito às autoridades superiores; porque não há autoridade que não proceda de Deus; e as autoridades que existem foram por ele instituídas”*, a besta reflete um tipo de autoridade que não foi instituída por Deus, e que deve ser desobedecida. Temos em Apocalipse 13 um arquétipo de todo tipo de governo tirano que se levanta contra o conhecimento de Cristo. Esse capítulo nos serve de inspiração de como devemos resistir ao império do mal em qualquer época.

Muita gente quando conhece o Preterismo e descobre que a maioria das profecias foram cumpridas no passado, automaticamente perde a empolgação a respeito do Apocalipse. Mas, é pelo contrário, o Apocalipse não deixa de ser fascinante e aplicável a todas as eras. Temos que entender que mesmo que a profecia teve o seu cumprimento específico no primeiro século depois de Cristo, ela tem um exemplo de alerta para nós. A besta jamais ressurgirá outra vez, e

nem haverá duplo cumprimento dessa profecia, mas, todavia, ela serve de exemplo e grande conhecimento de como nos precaver contra governos que são verdadeiras bestas, e isto, vale para qualquer momento da história.

Capítulo 13_____

As Bestas que Emergem do Mar e da Terra

A Besta que Emerge do Mar

“Vi emergir do mar uma besta que tinha dez chifres e sete cabeças e, sobre os chifres, dez diademas e, sobre as cabeças, nomes de blasfêmia”. (Apocalipse 13.1)

Já vimos neste comentário que “mar” é uma metáfora bíblica que significa “o mundo gentio”. “O mar, aqui, traz o mesmo significado de várias passagens do Velho Testamento. Ele representa as nações ou a sociedade humana. Em Salmo 65:7, o “rugir dos mares” é igual ao “tumulto das gentes”. Outras passagens usam a mesma linguagem: “Ai do bramido dos grandes povos que bramam como bramam os mares, e do rugido das nações que rugem como rugem as impetuosas águas!” (Isaías 17:12). “Mas os perversos são como o mar agitado, que não se pode aquietar, cujas águas lançam de si lama e lodo” (Isaías 57:20). “...a abundância do mar se tornará a ti, e as riquezas das nações virão a ter contigo” (Isaías 60:5). Jeremias falou do castigo da Babilônia, o poder imperial de sua época que dependia das nações que ela dominava: “Ó tu que habitas sobre muitas águas, rica de tesouros! Chegou o teu fim, a medida da tua avareza” (Jeremias 51:13). Quando povos sujeitos se rebelaram contra o império, a Babilônia foi inundada pelo mar: “Como se tornou Babilônia objeto de espanto entre as nações! O mar é vindo sobre Babilônia, coberta está com o tumulto das suas ondas.... porque o SENHOR destrói Babilônia e faz perecer

nela a sua grande voz; bramarão as ondas do inimigo como muitas águas, ouvir-se-á o tumulto da sua voz” (Jeremias 51:41-42,55). Esta besta surge do mar. Ela acha sua base de poder nas nações, na sociedade dos ímpios. Observe o contraste entre este servo do diabo que sobe do mar, e o anjo forte de Deus que desceu do céu e ficou em pé sobre a terra e o mar (10:1-2)”.²

Além disso, se o leitor “estivesse em Jerusalém ou mesmo em Patmos, onde João escreveu o livro, o mar [...] estaria a Oeste em direção a Roma. Portanto, esta besta não é judaica em caráter, mas, em geral, Gentia e, em particular, Romana”.³

“...tinha dez chifres e sete cabeças e, sobre os chifres, dez diademas e, sobre as cabeças, nomes de blasfêmia”.

A revelação sobre o que são os dez chifres está em Apocalipse 17.12-13 que diz:

“Os dez chifres que viste são dez reis, os quais ainda não receberam reino, mas recebem autoridade como reis, com a besta, durante uma hora.

Têm estes um só pensamento e oferecem à besta o poder e a autoridade que possuem”.

“Afigura-se que esses “reis” são sub monarcas ao Imperador romano, tanto quanto o rei Herodes estava sujeito ao imperador romano. F.F. Bruce ilustra essa relação de Herodes, dizendo: “Na teoria ele era um rei independente, gozando de uma aliança com o Estado romano. Na verdade, ele foi obrigado a respeitar e cumprir a vontade do povo romano em todas as suas políticas... Esses “reis” ou governadores das províncias romanas dão todo o seu apoio, ambas as fontes e os soldados, na perseguição à Igreja ao longo do império.

As dez províncias podem ser a Itália, Acaia, Ásia, Síria, Egito, África, Espanha, Gália, Grã-Bretanha e Alemanha. Os diademas sobre os chifres são coroas reais, não *stephanoi*, que seriam coroas vitoriosas. Elas sugerem a respeito dos governadores que compartilharam seu poder com o império e que estavam sujeitos a Roma, mas, assim como Herodes, ainda mantiveram o título de “rei”.

No entanto, os nomes de blasfêmia são sobre as cabeças, e não sobre os chifres, porque eram os imperadores que foram declarados divinos, não os governadores provinciais e reis. Os nomes de blasfêmia devem ser os títulos divinos que os imperadores romanos arrogaram para si”.⁴

“...e sete cabeças...”.

As sete cabeças se referem a sete imperadores romanos. Temos aqui em Apocalipse 13 uma imitação da Trindade Divina. O dragão seria o anti-Deus Pai, a besta seria anti-Deus Filho e a segunda besta seria o anti-Espírito Santo.

“A besta que vi era semelhante a leopardo, com pés como de urso e boca como de leão. E deu-lhe o dragão o seu poder, o seu trono e grande autoridade”. (Apocalipse 13.2)

Quando João vê essa besta, ele está olhando para trás, para a profecia de Daniel. O profeta Daniel usou a imagem dos mesmos animais para descrever a Grécia, Medo-Pérsia e Babilônia. Agora, na visão de João, temos um quarto reino, o império romano. O historiador Flávio Josefo ao referir-se aos romanos diz que eles eram “os senhores da terra habitável...”.⁵

“Daniel viu quatro animais subirem do mar. Entre outras características, ele descreveu traços de [1] leão, [2] urso, [3] leopardo e [4] um animal diferente, terrível e feroz com 10 chifres. Os quatro animais se levantaram numa sucessão, representando os quatro impérios já citados.

Eu acredito que Daniel e João viram os mesmos monstros, mas de pontos de vista bem diferentes. Quando João teve sua visão, a boa parte da mensagem de Daniel já havia sido cumprida. Os primeiros três reinos já haviam caído, e o quarto, Roma, dominava o mundo. Da perspectiva de João, uma única besta tinha características de todos os animais que Daniel viu mais de 600 anos antes. É como se o urso tivesse devorado o leão, assim incorporando alguns traços deste. Quando o leopardo devorou o urso, assumiu algumas características dos dois. Por último, o animal terrível e diferente devorou o leopardo, e passou a refletir algumas qualidades de todos os predecessores.

Daniel viu os quatro animais como indivíduos. Ele disse que perderiam o seu domínio, mas que ainda viveriam por algum tempo (Daniel 7:12). João viu uma só besta com algumas características dos impérios anteriores. Continuam vivos porque fazem parte do quarto. Assim, João cita os mesmos animais do mais recente (o reino atual quando ele escreveu) ao mais antigo”.⁶



“E deu-lhe o dragão o seu poder, o seu trono e grande autoridade”.

Se toda autoridade procede de Deus (Romanos 13.1), a besta é o oposto, pois é o exemplo clássico do tipo de autoridade que procede do diabo. Isto se aplica a qualquer autoridade mundana que se levanta contra seu próprio povo e principalmente contra o povo de Deus em qualquer época.

“Então, vi uma de suas cabeças como golpeada de morte, mas essa ferida mortal foi curada; e toda a terra se maravilhou, seguindo a besta...”. (Apocalipse 13.3)

Conforme já vimos “as cabeças são reis (17:9). Um dos reis foi golpeado de morte. Este golpe mortal atinge a besta (13:12) e seu poder de perseguir e destruir os santos. Considerando as cabeças como reis da besta ou império perseguidor, a morte de uma cabeça seria o fim da perseguição daquele rei, talvez pela morte do próprio imperador. Quando surgir um outro rei perseguidor, seria como a cura da ferida da besta. Como já comentamos que esta visão é explicada melhor no capítulo 17, veremos que cinco reis já caíram, e que João escreveu antes de emergir um oitavo rei “que procede dos sete” (17:11). A força perseguidora diminuiu, temporariamente, mas ainda surgiria com grande intensidade, como se fosse a ressurreição da cabeça opressora”.⁷

Em outro ponto de vista, “provavelmente o correto, a cabeça como golpeada de morte era Nero, e com ele o império romano, esteve

próximo da destruição. ‘Com a morte de Nero, o Império Romano foi jogado em convulsões violentas de guerra civil e anarquia, em que três imperadores sucederam um ao outro dentro de um ano. Os historiadores consideraram surpreendente que o império foi estabilizado e sobreviveu a este período que poderia facilmente ter significado o fim da regra imperial’. Foi com a chegada ao poder de Vespasiano que essa ferida fatal do império foi curada (13:3) e o império continuou a viver”.⁸

“...e adoraram o dragão porque deu a sua autoridade à besta; também adoraram a besta, dizendo: Quem é semelhante à besta? Quem pode pelejar contra ela?” (Apocalipse 13.4)

Seja o poder religioso ou governamental, as demonstrações de poder ganham a admiração das pessoas. As pessoas podem ser persuadidas pela autoridade de seus governantes e líderes religiosos através de *“todo poder, e sinais, e prodígios de mentira”* (2ª Tessalonicenses 2.9-10). Este é o caso aqui em questão. Não precisamos saber detalhes específicos do que aconteceu em Roma para crer que tudo isto se cumpriu no primeiro século da era cristã. Basta somente o que Jesus disse que tudo seria cumprido ainda naquela geração dos discípulos (Mateus 24.34).

***“Foi-lhe dada uma boca que proferia arrogâncias e blasfêmias e autoridade para agir quarenta e dois meses; e abriu a boca em blasfêmias contra Deus, para lhe difamar o nome e difamar o tabernáculo, a saber, os que habitam no céu”.* (Apocalipse 13.5-6)**

As blasfêmias da besta (Império Romano) foram:

1. Em seu tratamento contra o tabernáculo de Deus em Jerusalém;
2. Seu tratamento contra a igreja de Cristo;
3. Nos títulos de divindade e adoração que os imperadores exigiram dos cidadãos de Roma.⁹

E como resultado, a besta teve seu castigo conforme descrito em Apocalipse 19.19-20:

“E vi a besta e os reis da terra, com os seus exércitos, congregados para pelejarem contra aquele que estava montado no cavalo e contra o seu exército.

Mas a besta foi aprisionada, e com ela o falso profeta que, com os sinais feitos diante dela, seduziu aqueles que receberam a marca da besta e eram os adoradores da sua imagem. Os dois foram lançados vivos dentro do lago de fogo que arde com enxofre”.

“...e autoridade para agir quarenta e dois meses...”.

Os quarenta e dois meses em que a besta agiu são o equivalente há três anos e meio ou mil duzentos e sessenta dias. É interessante que “a perseguição de Nero contra a Igreja de fato durou um total de 42 meses, a partir de meados de novembro de 64 d.C. até o início do mês de Junho 68 d.C.”.¹⁰

“Foi-lhe dado, também, que pelejasse contra os santos e os vencesse. Deu-se-lhe ainda autoridade sobre cada tribo, povo, língua e nação...”. (Apocalipse 13.7)

Fazer guerra contra os santos é a perseguição contra a igreja de Cristo, e não uma perseguição contra Israel. Daniel 7.19-27 mostra exatamente o proceder de Roma descrito aqui em Apocalipse 13.7:

“Então, tive desejo de conhecer a verdade a respeito do quarto animal, que era diferente de todos os outros, muito terrível, cujos dentes eram de ferro, cujas unhas eram de bronze, que devorava, fazia em pedaços e pisava aos pés o que sobejava; e também a respeito dos dez chifres que tinha na cabeça e do outro que subiu, diante do qual caíram três, daquele chifre que tinha olhos e uma boca que falava com insolência e parecia mais robusto do que os seus companheiros.

Eu olhava e eis que este chifre fazia guerra contra os santos e prevalecia contra eles, até que veio o Ancião de Dias e fez justiça aos santos do Altíssimo; e veio o tempo em que os santos possuíram o reino.

Então, ele disse: O quarto animal será um quarto reino na terra, o qual será diferente de todos os reinos; e devorará toda a terra, e a pisará aos pés, e a fará em pedaços.

Os dez chifres correspondem a dez reis que se levantarão daquele mesmo reino; e, depois deles, se levantará outro, o qual será diferente dos primeiros, e abaterá a três reis.

Proferirá palavras contra o Altíssimo, magoará os santos do Altíssimo e cuidará em mudar os tempos e a lei; e os santos lhe serão entregues nas mãos, por um tempo, dois tempos e metade de um tempo.

Mas, depois, se assentará o tribunal para lhe tirar o domínio, para o destruir e o consumir até ao fim.

O reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; o seu reino será reino eterno, e todos os domínios o servirão e lhe obedecerão”.

Após a expansão do império, Roma conseguiu ter poder “sobre cada tribo, povo, língua e nação”.

Nos escritos do historiador romano Tácito temos alguns detalhes sobre como Roma (a besta) fazia guerra contra os santos:

“Para se livrar dos rumores, Nero criou bodes expiatórios e realizou as mais refinadas torturas em uma classe odiada por suas abominações: os cristãos (como eles eram popularmente chamados). Cristo, de onde o nome teve origem, sofreu a penalidade máxima durante o reinado de Tiberius, pelas mãos de um dos nossos procuradores, Pôncio Pilatos. Pouco após, uma perversa superstição voltou à tona e não somente na Judéia, onde teve origem, como até em Roma, onde as coisas horrendas e vergonhosas de todas as partes do mundo encontram seu centro e se tornam populares. Em seguida, foram presos aqueles que se declararam culpados, então, com as informações deles extraídas, uma imensa multidão foi condenada, não somente pelo incêndio, mas pelo seu ódio contra a humanidade. Ridicularizações de todos os tipos foram adicionadas às suas mortes. Os cristãos eram cobertos com peles de animais, rasgados por cães e deixados a apodrecer; crucificados; condenados às chamas e queimados para que servissem de iluminação noturna quando a luz do dia já tivesse se extinguido”.¹¹

“...e adorá-la-ão todos os que habitam sobre a terra, aqueles cujos nomes não foram escritos no Livro da Vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo”. (Apocalipse 13.8)

Já vimos algumas vezes neste comentário que a palavra “terra” é uma referência a “terra de Israel” e não ao “Planeta Terra”. Pode ser que no contexto aqui do versículo 8 seja uma referência a todo o império romano. Vemos uma situação semelhante no evangelho de Lucas:

*“E aconteceu, naqueles dias, que saiu um decreto da parte de César Augusto, para que **todo o mundo** se alistasse”.*

(Lucas 2.1 – Almeida Revista e Corrigida)

A palavra “mundo” no grego é “oikoumene” e significa “terra habitada”. Esta palavra era usada em referência ao império romano. Os tradutores corrigiram a tradução e trocaram “todo o mundo” por “império”. Vemos isto na tradução Almeida Revista e Atualizada:

“Naqueles dias, foi publicado um decreto de César Augusto, convocando toda a população do império para recensear-se”.

Portanto, adorar a besta era praticar culto ao imperador, algo comum no império romano. Com exceção dos cristãos todos os povos do império praticavam esse ato idólatra.

Segundo Dennis Allan a “adoração dos líderes romanos já se tornou comum nas décadas antes de João receber a mensagem do Apocalipse. Júlio César tinha uma estátua de si mesmo com a inscrição «ao deus invencível». César Augusto, sobrinho e filho adotivo de Júlio, continuou a adoração de seu predecessor com a construção em Roma de um templo ao «Divino Júlio».

Durante o reino de Augusto, o primeiro imperador romano, o culto imperial ganhou força e foi largamente difundido nas províncias, inclusive na Ásia. Augusto promoveu a adoração do rei morto, Júlio César. A própria Roma foi adorada, e a honra do imperador aumentou cada vez mais, chegando ao ponto de reconhecê-lo como um deus. Um templo para Augusto foi erigido em Pérgamo. Seu sucessor, Tibério, tinha seu templo em Esmirna.

A adoração dos imperadores ganhou mais importância durante os reinados sucessivos. Cláudio (41-54 d.C.) foi chamado de «senhor» e «salvador do mundo». Nero (54-68) foi citado em inscrições do seu reinado como «o bom deus» e «o senhor do mundo inteiro». Vespasiano (69-79) foi deificado depois de sua morte. Tito (79-81) foi conhecido como «salvador do mundo» e foi deificado após a sua morte.

Domiciano (81-96) foi o mais ousado, até então, exaltando-se como a aparição de um deus oculto e chamando-se de «senhor e deus». Sob seu domínio, a deificação de imperadores se tornou obrigatória. Um templo foi construído em Pérgamo para honrar Trajano (98-117).

No desenvolvimento do culto imperial, os primeiros gestos foram feitos nas províncias, onde os líderes não encontrariam tanta oposição política. Por esse motivo, o problema foi mais evidente em lugares como a Ásia do que na própria cidade de Roma. Os cristãos, que obviamente recusavam adorar os imperadores, sofriam discriminação e, em algumas épocas, perseguição mais violenta”.¹²

“...aqueles cujos nomes não foram escritos no Livro da Vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo”.

O livro da vida do Cordeiro é o registro dos cidadãos salvos nos céus (Hebreus 12.23). Ter o nome inscrito no livro da vida é motivo de grande alegria. É de muito mais alegria do que expulsar demônios:

“Mas, não vos alegreis porque se vos sujeitem os espíritos; alegrai-vos antes por estarem os vossos nomes escritos nos céus”.

(Lucas 10.20)

O livro da vida é de tão grande importância que Paulo o cita em Filipenses 4.3:

“E peço-te também a ti, meu verdadeiro companheiro, que ajudes essas mulheres que trabalharam comigo no evangelho, e com Clemente, e com os outros cooperadores, cujos nomes estão no livro da vida”.

Estar inscrito no livro da vida é também segurança de salvação para todo o sempre. Somente quem está inscrito é que pode ser salvo:

“E será que aquele que for deixado em Sião, e ficar em Jerusalém, será chamado santo; todo aquele que estiver inscrito entre os viventes em Jerusalém” (Isaías 4.3).

“... será salvo o teu povo, todo aquele que for achado inscrito no livro”. (Daniel 12.1)

Palavras semelhantes a essas se vê também em Apocalipse 20.15:

“E aquele que não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo”. “E não entrará nela coisa alguma que contamine, e cometa abominação e mentira; mas só os que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro”. (Apocalipse 21.27)

Quando o nome de uma pessoa é inscrito no livro da vida? Desde antes da fundação do mundo. Os nomes que não foram inscritos no livro da vida desde a fundação do mundo são os que se perdem para sempre. Esta verdade se encontra mais claramente em Apocalipse 17.8: *“E aqueles que habitam sobre a terra, cujo os nomes não foram escritos no livro da vida desde a fundação do mundo, se admirarão, vendo a besta...”*.

Ser inscrito no livro da vida *“desde a fundação do mundo”* não seria fatalismo? Algumas pessoas já vêm predestinadas para vida eterna e outras não? Ser escolhido e predestinado *“desde a fundação do mundo”* é ser salvo fora do tempo-espaço. O tempo não existia antes da fundação do mundo, mas somente a eternidade. E a eternidade pertence somente a Deus. Deus está fora do tempo. Para Ele não existe ontem, amanhã, mas somente um ETERNO AGORA. Deus conhece e está em toda a história do princípio ao fim num só golpe de vista. A mente humana não pode compreender isto porque sempre temos a tendência de prender as coisas dentro do tempo-espaço (inclusive Deus). Sempre pensamos em categorias temporais de passado, presente e futuro. Nossa mente não consegue captar além disto!

Portanto, por falta de outra palavra no vocabulário humano, somos ensinados que os nomes foram escritos no livro da vida antes da

fundação do mundo. E isto para Deus não é nem antes e nem depois, mas ETERNAMENTE AGORA. Isto não é para entender, mas para crer somente. Assim, cai por terra toda espécie de fatalismo em relação à salvação e perdição.

Sobre este assunto, o reverendo Caio Fábio escreveu algo de grande proveito:

“Sinceramente, acerca da "predestinação", acho que discutí-la do modo como ainda se a discute é uma grande bobagem teológica. Digo, não a sua dúvida, mas a celeuma que se criou sobre o Mistério.

Mistério é mistério.

Deus é Deus!

Deus é!

O resto é tentativa humana de linearizar aquilo que não é linear.

A História é linear, Deus não.

Na História há antes, durante e depois.

Mas para Ele tudo é.

Ele não é Deus de mortos, e sim de vivos, pois para Ele todos vivem. O significado disto é a eternidade. Eternidade não linear. Se fosse linear não seria eternidade, seria tempo.

Abraão viveu há alguns milênios em relação a mim. Mas para Deus tudo está acontecendo a um tempo só.

Entendeu?

É claro que não!

Não é para entender, é para crer!

Trata-se de um “saber em fé”, não um saber racional”.

[...]

Toda essa história sobre a predestinação é bobagem na medida em que se pretende fazer de Deus um escravo da seqüência histórica do tempo. O Cordeiro foi imolado antes da fundação do mundo. Tudo o que foi criado nasce desse ato primordial e eterno. Para Deus, o que é, é!

Hoje em dia até a física quântica ajuda a gente entender a tolice de discutir com categorias temporais — do Macro Universo — aquilo que

pertence a categorias atemporais, e que não são nem do micro-cosmos, mas da própria essencial do ser de Deus.

[...]

O resto é tentativa humana de expressar o inexprimível, e que só pode ser apreendido pelo espírito, e pela fé.

O homem espiritual não “entende” todas as coisas, ele as discerne, conforme Paulo no ensinou.

A maravilha não é entender, é saber em fé!¹³

“...do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo”.

Os propósitos de Deus são mais reais que o próprio acontecimento. O primeiro ato de Deus antes da criação foi à redenção. Sem a cruz nada existiria. Há quem diga que quando Deus aparecia para Adão e Eva no Paraíso, Ele já estava com as marcas da cruz, de tão real que é a sua obra na cruz.

É como disse Caio Fábio:

“A Cruz da História é somente a da Crucificação.

A Cruz é o que vem antes de tudo, inclusive da Crucificação.

O Cordeiro de Deus foi imolado antes da criação de qualquer criação.

Por essa mesma razão Aquele que tem o poder de “abrir o Livro e lhe desatar os selos” é o Leão de Judá, a Raiz de Davi, mas quando essas faces são procuradas por João — que antes chorava muito em desesperança (Ap 5:4-5) —, quem ele vê é um Cordeiro “como havia sido morto”.

Nós cristãos pensamos que nossa salvação veio do sofrimento de Jesus por nós!

Sufrimento não salva, apenas amargura e mata!

Nossa salvação não vem da Crucificação, mas da Cruz!

A Crucificação é um cenário!

A Cruz é o sacrifício eterno que teve na Crucificação apenas o seu cenário histórico!

Quando Paulo diz que só se gloriava na Cruz, ele não nos aponta um espetáculo histórico, o qual ele nunca nem perdeu tempo em “descrever” como evento martirizante e agonizante.

Para ele a Cruz era “o mistério outrora oculto e agora revelado” — com todas as implicações da Graça em nosso favor.

A Crucificação estava exposta à interpretação dos sentidos humanos: “Este era verdadeiramente Filho de Deus” — confessava o centurião, perplexo com o modo como Jesus morrera. Também reagia assustado diante do fato que a terra tremia enquanto a escuridade envolvia subitamente a tarde daquele dia.

[...]

A Cruz é uma eterna decisão de Deus com Deus. O Sangue Eterno é a Decisão da Graça!

Na história, o sangue foi derramado para manifestar aquilo que em Deus já estava feito!

Jesus Consumou o que nEle já estava Consumado desde a eternidade!

Na Páscoa, portanto, celebra-se o cordeiro simbólico que aparece desde o Gênesis. Ganha rito instituído no Êxodo, é praticado durante séculos e tem sua Realização Histórica na Crucificação. A Cruz, no entanto, é o Fator Criador por trás de toda criação: o Cordeiro de Deus foi imolado antes da fundação do mundo!

Nessa consciência o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo.

[...]

A Crucificação é o Cenário exterior!

A Cruz tem que ser a Realidade interior!

A Crucificação revela a maldade humana!

A Cruz revela a salvação de Deus!

Quem crê é Justificado e tem paz com Deus. Além disso, já passou da morte para a vida!”¹⁴

“Se alguém tem ouvidos, ouça”. (Apocalipse 13.9)

Há quem diga que esta frase é de alerta para o que ainda virá, e não ao que já foi dito anteriormente. Esta frase aparece oito vezes no livro do Apocalipse. Sempre tem o propósito de chamar atenção à mensagem Divina.

“Se alguém leva para cativo, para cativo vai. Se alguém matar à espada, necessário é que seja morto à espada. Aqui está a perseverança e a fidelidade dos santos”. (Apocalipse 13.10)

João retirou esta frase de Jeremias 15.2 que diz:

“Quando te perguntarem: Para onde iremos? Dir-lhes-ás: Assim diz o SENHOR: O que é para a morte, para a morte; o que é para a espada, para a espada; o que é para a fome, para a fome; e o que é para o cativo, para o cativo”.

Há diversas interpretações de Apocalipse 13.10, mas “parece mais provável que o Senhor esteja falando aqui sobre os perseguidores – aqueles que prendem ou até matam os santos. Entendido desta maneira, seria uma promessa de vingança contra os opressores. Aqueles que levam os outros ao cativo ou que usam a espada para matar, sofrerão os mesmos castigos. Quando a besta se levantou no capítulo 11 para matar as duas testemunhas, a sua vitória durou pouco tempo e a cena se encerra com o sofrimento dos inimigos que se regozijavam com a morte dos servos fiéis. Aqui, também, a besta se levanta para pelear contra os santos, e conta com a ajuda dos ímpios. Mas quem participar desta perseguição, prendendo e matando os santos, enfrentará a vingança justa”.¹⁵

Segundo Ralph E. Bass, Jr. uma das queixas de Roma depois que o Cristianismo chegou ao poder foi a de que antes do cristianismo, quando Roma adorava os ídolos de seu passado pagão, ela era forte e poderosa. Agora ela sofre ataques de todas as partes de seu império. [Os romanos] acreditavam que os cristãos deveriam ser responsabilizados por essas falhas. No entanto, na verdade, era Deus

quem estava lidando traiçoeiramente com a besta romana para a perseguição de Sua Igreja”.¹⁶

Este comentário nos remete a Isaías 33.1 que diz:

“Ai de você, inimigo destruidor que nunca foi destruído! Ai de você, traidor que nunca foi traído! Quando você acabar de destruir, será destruído; quando acabar de trair, será traído”.

(NTLH – Nova Tradução na Linguagem de Hoje)

A referência de Isaías é em relação às nações ao redor de Jerusalém “que trataram traiçoeiramente com Judá. Eles podem ter sucesso em seu propósito temporariamente mal, mas em breve serão *“traídos”*. Isto aconteceu com Roma. Eles agiram traiçoeiramente com Jerusalém. Logo, Deus vai agir traiçoeiramente com eles. São eles que serão mortos pela espada e irão para o cativeiro”.¹⁷

Esta ideia serviu para dar a *“perseverança e a fidelidade dos santos”*.

A Besta que Emerge da Terra

***“Vi ainda outra besta emergir da terra; possuía dois chifres, parecendo cordeiro, mas falava como dragão”.* (Apocalipse 13.11)**

Já vimos anteriormente (e diversas vezes neste comentário) que o uso da palavra “terra” é uma referência a “terra de Israel”. Ao contrário da besta (Roma) que emerge do “mar” (símbolo do mundo gentio), a segunda besta vem da “terra”, ou seja, da “terra de Israel”. Temos aqui uma linguagem dos escritores bíblicos (especialmente dos profetas) em referência à Terra Prometida. Portanto, a palavra “terra” é sinônima de Israel nos escritos judaicos. É muito importante também salientar que dependendo do contexto, a palavra terra poderá significar o planeta, mas, não é difícil fazer a identificação.

“A aparência do monstro da terra é muito sutil. Inspirada no conceito de Behemoth [nome de uma criatura descrita em Jó 40.15-24] e consciente do fato de que o que é da terra é um “produto da casa”, o

autor mostra a fusão das duas forças, a do Império Romano e a dos judeus apóstatas. A aliança vai aparecer ainda mais dramaticamente na imagem da prostituta [Apocalipse 17]. O monstro da terra é um ‘lobo em pele de cordeiro...’¹⁸.

“Exerce toda a autoridade da primeira besta na sua presença. Faz com que a terra e os seus habitantes adorem a primeira besta, cuja ferida mortal fora curada”. (Apocalipse 13.12)

A segunda besta não tem autoridade própria, ela é dependente da primeira besta.

“Faz com que a terra e os seus habitantes...”.

Observe que o contexto aqui mostra que a palavra “terra” trata realmente da “terra de Israel”, pois é feito um contraste entre “a terra e os seus habitantes” ao passo que a primeira besta exerce autoridade sobre o mar. É o que já escrevi no comentário do versículo anterior a respeito de que o contexto também ajuda a determinar o significado da palavra “terra”. Mas, no geral, no contexto bíblico, “terra” significa “terra de Israel”.

“...adorem a primeira besta, cuja ferida mortal fora curada”.

No capítulo 19 de Apocalipse, a segunda besta é identificada como um falso profeta. Na verdade, ela exerce uma função religiosa. Isto cabe muito bem na nação judaica que sempre foi altamente religiosa.

“Também opera grandes sinais, de maneira que até fogo do céu faz descer à terra, diante dos homens”. (Apocalipse 13.13)

Em Mateus 24.24 o Senhor Jesus Cristo já havia alertado sobre a questão dos sinais e prodígios da mentira:

“...porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos”.

Nunca podemos nos esquecer de que mais à frente, no versículo 34, o Senhor também disse:

“Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça”.

É muitíssimo importante ter isto em mente e nunca se esquecer de que estamos diante de eventos que ocorreram ainda no primeiro século da era cristã, na época em que muitos dos primeiros discípulos de Cristo ainda estavam vivos.

A Imagem da Besta

“Seduz os que habitam sobre a terra por causa dos sinais que lhe foi dado executar diante da besta, dizendo aos que habitam sobre a terra que façam uma imagem à besta, àquela que, ferida à espada, sobreviveu...”. (Apocalipse 13.14)

Não só em Mateus 24 encontramos advertências contra os falsos profetas, mas também o apóstolo Paulo alerta em 2ª Tessalonicenses 2.9-12:

“Ora, o aparecimento do iníquo é segundo a eficácia de Satanás, com todo poder, e sinais, e prodígios da mentira, e com todo engano de injustiça aos que perecem, porque não acolheram o amor da verdade para serem salvos.

É por este motivo, pois, que Deus lhes manda a operação do erro, para darem crédito à mentira, a fim de serem julgados todos quantos não deram crédito à verdade; antes, pelo contrário, deleitaram-se com a injustiça”.

Em relação aos “sinais” convém “lembrar que a Bíblia nunca atribui a capacidade de operar sinais e prodígios somente aos servos e profetas de Deus. As Escrituras continuamente avisam sobre o perigo de não

ser enganado por falsos profetas que também manifestam a capacidade de operar sinais e prodígios.

Os magos do Egito eram capazes de transformar varas em serpentes: *“Faraó também mandou vir os sábios e encantadores; e eles, os magos do Egito, também fizeram o mesmo com os seus encantamentos. Pois cada um deles lançou a sua vara, e elas se tornaram em serpentes; mas a vara de Arão trouxe as varas deles”*. (Êxodo 7.11-12)¹⁹

“...dizendo aos que habitam sobre a terra que façam uma imagem à besta...”.

Sobre esta imagem, A. T. Robinson sugere uma possibilidade:

“Esta imagem do imperador poderia ser a cabeça sobre uma moeda... uma imagem pintada ou tecido em cima de um padrão, um busto em metal ou pedra, uma estátua, qualquer coisa que as pessoas poderiam ser convidados a curvar-se diante em adoração”.²⁰

“...e lhe foi dado comunicar fôlego à imagem da besta, para que não só a imagem falasse, como ainda fizesse morrer quantos não adorassem a imagem da besta”. (Apocalipse 13.15)

Sei que muita gente fica decepcionada quando descobre que a imagem da besta não seria algo de alta tecnologia, num futuro em que a humanidade estaria avançada tecnologicamente falando. Mas, não é o que queremos ou sobre o que fomos ensinados que deve prevalecer, e, sim, o que realmente é o significado das palavras de Deus.

Ralph E. Bass, Jr. diz que “neste ponto, outra cena milagrosa é credenciada aos falsos profetas da primeira besta. É o poder para animar a imagem da besta com a fala. O objetivo desta fraude é fazer com que o povo adore a imagem da besta. A incapacidade de fazê-lo resulta em morte.

Este tipo de fraude religiosa era tão comum, como é a fraude em muitos ministérios de cura pela fé hoje em dia. Os antigos eram conhecedores das artes mágicas e truques, e os usava a serviço do mal. O livro de Atos nos dá uma pequena amostra desse fenômeno”.²¹

Veja alguns exemplos:

“Ora, estava ali certo homem chamado Simão, que vinha exercendo naquela cidade a arte mágica, fazendo pasmar o povo da Samária, e dizendo ser ele uma grande personagem; ao qual todos atendiam, desde o menor até o maior, dizendo: Este é o Poder de Deus que se chama Grande”. (Atos 8.9-10)

“Mas opunha-se-lhes Elimas, o mágico (porque assim se interpreta o seu nome), procurando afastar da fé o procônsul”.

(Atos 13.8)

“Aconteceu que, indo nós para o lugar de oração, nos saiu ao encontro uma jovem possesa de espírito adivinhador, a qual, adivinhando, dava grande lucro aos seus senhores”. (Atos 16.16)

“Também muitos dos que haviam praticado artes mágicas, reunindo os seus livros, os queimaram diante de todos. Calculados os seus preços, achou-se que montavam a cinqüenta mil denários”.

(Atos 19.19)

A respeito de Simão, um dos pais da igreja chamado Clemente, diz que ele “era capaz de transmitir vida e movimento às estátuas”.²² Eusébio - outro pai da igreja - nos informa que “o inimigo da salvação engendrou um estratagema para conquistar para si a cidade imperial e levou até ali Simão (...) Com a ajuda de artifícios insidiosos, ele agregou a si muitos dos habitantes de Roma”.

Eusébio cita a apologia de Justino Mártir endereçada ao imperador Antonino, onde se lê:

“Após a ascensão de nosso Senhor ao céu, certos homens foram subornados por demônios como seus agentes e diziam serem deuses. Esses foram não somente tolerados, sem perseguição, como até considerados dignos de honra entre vós. Um deles foi Simão, certo samaritano da vila chamada Gitão. Este, no reinado de Cláudio César, ao realizar vários rituais mágicos pela operação de demônios, foi considerado deus em vossa cidade imperial de Roma e foi por vós

honrado como um deus, com uma estátua entre as duas pontes no rio Tibre (numa ilha), tendo a subscrição em latim: *Simoni Deo Sancto*, ou seja, A Simão, o Santo Deus; e quase todos os samaritanos, também uns poucos de outras nações, o cultuam, confessando-o como o Deus Supremo”.²³

Não sabemos detalhes específicos de como a imagem da besta pôde falar, mas diante dos fatos vistos acima, fica evidente que todo palco esteve armado no primeiro século da era cristã, para que o engano pudesse proliferar como vírus. Segundo J. Massyngberde Ford “a superstição de falar e mover estátuas foi generalizada neste momento... O Ventriloquismo ou um operador escondido explica o fenômeno”.²⁴

A Marca da Besta

“A todos, os pequenos e os grandes, os ricos e os pobres, os livres e os escravos, faz que lhes seja dada certa marca sobre a mão direita ou sobre a frente...”. (Apocalipse 13.16)

Existem, hoje em dia, muitas especulações sobre o que seria a marca da besta. Alguns dizem que seriam códigos de barras, implantação de microchips, etc. Tais especulações criam um medo terrível de novas tecnologias porque novos equipamentos eletrônicos podem ser usados como “marca da besta”. Tais interpretações sensacionais fogem do real sentido do Apocalipse. Nunca podemos nos esquecer que o Apocalipse fala a respeito das coisas que acontecerão “*em breve*” e, que, Jesus, disse que seria cumprido dentro daquela geração do primeiro século. Devemos lembrar também que o estilo literário do Apocalipse é simbólico. Assim como não devemos entender que os servos do Senhor tenham recebido uma marca literal na testa, também não devemos entender a marca da besta como algo literal, visível no corpo das pessoas como uma tatuagem permanente.

Na história antiga era comum uma “marca” significar propriedade. A finalidade de uma marca é identificar a pessoa com seu dono. Assim faz Deus com os seus filhos, assim também faz Satanás com seus

servos. “A marca do diabo está em seus filhos da mesma forma como a marca de Deus está em Sua família. Esta não é a primeira vez que lemos de um selo ou marca na testa”.²⁵ Em Apocalipse 7.3 lemos: “*Não danifiqueis nem a terra, nem o mar, nem as árvores, até selarmos na frente os servos do nosso Deus*”. A passagem sobre a marca da besta “é uma paródia blasfema da vedação de proteção dos fiéis em Ap. 7.1-3”.²⁶

A consequência de se receber a marca da besta é esta:

“Seguiu-se a estes outro anjo, o terceiro, dizendo, em grande voz: Se alguém adora a besta e a sua imagem e recebe a sua marca na frente ou sobre a mão, também esse beberá do vinho da cólera de Deus, preparado, sem mistura, do cálice da sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre, diante dos santos anjos e na presença do Cordeiro.

A fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos, e não têm descanso algum, nem de dia nem de noite, os adoradores da besta e da sua imagem e quem quer que receba a marca do seu nome”. (Apocalipse 14.9-11)

Isto também vale para quem quer que seja, em qualquer época da história, que tenha recebido e apoiado a “marca” de governantes que são verdadeiras bestas.

“...para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tem a marca, o nome da besta ou o número do seu nome”.

(Apocalipse 13.17)

A respeito deste versículo o pastor Jonathan Welton comenta que “é importante notar que nas culturas romanas antigas, o mercado público era a principal fonte de trocas e compras. Para as pessoas entrarem no mercado público, tinham que passar pelo portão principal. Era requerido de todos que entrassem por esse portão, homenageassem o ídolo do Imperador. Uma vez que a homenagem fosse feita, cinzas eram passadas nas mãos ou na testa das pessoas e eles podiam entrar pelo portão e comprar e vender coisas. Isso era ter a marca. Os

paralelos entre isso e a “marca da besta” são incríveis e isso também confirma a realidade que a besta eram Nero e o Império Romano”.²⁷

“Aqui está a sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, pois é número de homem. Ora, esse número é seiscentos e sessenta e seis”. (Apocalipse 13.18)

Devemos sempre lembrar que o objetivo do Apocalipse é revelar e não ocultar. Aqui se diz que a pessoa deve ter entendimento para calcular o número da besta. Uma vez que o Apocalipse teve como seus primeiros destinatários os membros das sete igrejas da Ásia, é de se esperar que eles tenham compreendido a mensagem para decifrar o número da besta.

Pelo fato desta besta ter um número que é calculado a partir do nome de um homem, isto “exclui seres demoníacos, sistemas filosóficos, movimentos políticos ou impérios, ou qualquer coisa que não seja um indivíduo, uma pessoa específica, humana”.²⁸

É bom que fique claro que o número da besta não é *seis, seis e seis*, mas uma centena “*seiscentos e sessenta e seis*”. Calculando o número teremos o nome do homem que o representa. É lamentável que esse número tenha sido objeto das mais variadas especulações. Diversos personagens da história tiveram seus nomes calculados através do método da Gematria. Apesar de existir diversos tipos de Gematria, a mais tradicional é a judaica que “é o método hermenêutico de análise das palavras bíblicas somente em hebraico, atribuindo um valor numérico definido a cada letra. É conhecido como “numerologia judaica” e existe na Torá (Pentateuco)”.²⁹

João teve que escrever desta forma sobre a besta porque nomear um imperador romano como uma besta seria muito perigoso naquela época. Os leitores de João não tiveram dificuldade para decifrar quem era a besta, pois a igreja primitiva era composta principalmente de hebreus que falavam grego. João escreveu o Apocalipse em grego, mas quando falou no cálculo do número da besta, ele estava pensando em hebraico. Tinha a Gematria em mente. O nome “Nero César” em hebraico (Nrwn Qsr), pronuncia-se “Neron Kaiser”. Então, é só fazer o cálculo de acordo com o valor numérico de cada letra:

n = 50
r = 200
w = 6
n = 50

q = 100
s = 60
r = 200

Total = 666

Há uma “unanimidade surpreendente encontrada entre os comentaristas que adotaram esse método; o nome é NERON kaisar (a forma grega) e as letras são dadas em seus valores hebraicos...”³⁰

O Dr. Kenneth L. Gentry Jr. escreveu que “quem quer que esteja em desacordo com essa avaliação está em desacordo com a valorização dos hebraístas de classe mundial, tais como: Marcus Jastrow (Dicionário da Targumim, o Talmud Babli, e Yerusahalmi, e o Midrashic Literatura, p. 865), Francis Brown, S. R. Driver e Charles A. Briggs, A Hebraica e Inglês Lexicon do Antigo Testamento (p. 609). [...] Na verdade, John A. T. Robinson declara que a solução Nero é “de longe a solução mais amplamente aceita” (Robinson, 1976: 235). J. Wilson. (1993:598) afirma que “há pouca discordância entre os estudiosos hoje que este número é uma gematria no nome NERON KAISAR”³¹

Apesar de tão fortes evidências, ainda sim existem alguns escritores amadores da internet que procuram negar que Nero César foi à besta. Um deles teve a capacidade insana de contrariar os grandes eruditos bíblicos ao escrever a seguinte bobagem:

“Qualquer um pode fazer as contas e ver que realmente o resultado é 666. O que os preteristas não contavam, porém, é que existem diversas regras na gematria hebraica que eles desconhecem completamente e que invertem totalmente a situação. De acordo com as regras de numerologia judaica, conhecida como gematria, quando a letra Nun aparece no final de uma palavra, é conhecido como “Final”,

e assume o valor de 700. Desta forma, o nrwn QSR somaria 1316, e não 666...”.³²

Consultei o grande erudito Kenneth L. Gentry Jr. sobre esta questão, e ele me escreveu que “havia diversas variedades de gematria, e a que eu endosso é uma das principais”.³³ Outra coisa, devemos sempre ter em mente que o Apocalipse trata das coisas que “*em breve*” deveriam acontecer e, que, o Senhor Jesus Cristo, foi muito claro sobre a geração que veria o Apocalipse, quando disse: “*Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça*”. (Mateus 24.34)

Outro fator que reforça que Nero foi à besta “é que vários dos primeiros manuscritos pouco defeituosos têm o número 616 em vez de 666 nesta passagem”.³⁴ “Um fragmento da mais antiga cópia sobrevivente do Novo Testamento mostra que o número da Besta de Revelação 13 é 616. Ellen Aitken, professor de Cristianismo Antigo na McGill University, afirma que ‘a opinião majoritária parece ser que isto se refira ao [imperador romano] Nero’”.³⁵

“Na sua essência, o copista, sabendo que a resposta era Nero, mas sem entender hebraico ou a real compreensão de como o número 666 chega lá, bastava colocar o número que ele sabia ser a resposta correta, Nero. Eu desconheço outra solução que explica tanto 666 ou 616. Este é um ponto muito decisivo e, portanto, um testemunho poderoso de que a resposta adequada é de fato Nero. Como Bruce M. Metzger diz: ‘Talvez a mudança fosse intencional, já que a forma grega Neron Caesar escrito em caracteres hebraicos (QSR Nrwn) é equivalente a 666, ao passo que a forma latina Nero César (NRW QSR) é equivalente a 616’”.³⁶

Portanto, quem procura pela besta hoje em dia, está à procura de um personagem que já foi derrotado no primeiro século da era cristã.

Introdução

Os capítulos 12 e 13 do Apocalipse contêm cenas assustadoras. Terríveis perseguições vindas do dragão e da besta ajudam o cenário ficar ainda pior. No capítulo treze, o domínio do mal fica ainda mais assustador através do controle quase que total da besta sobre nações, tribos e línguas.

Diante desses cenários assustadores é dada uma pausa em Apocalipse capítulo 14. Os cristãos perseguidos precisam ser consolados, pois sofriam privações econômicas, tentações da imoralidade pagã e ameaças constantes de dano corporal. A imagem celestial do Cordeiro com os 144.000 remidos aparece para consolar os vivos e dar a certeza de que no final tudo terminará bem, apesar das terríveis perseguições e tentações diárias.

Capítulo 14_____

O Cordeiro e os seus Remidos no Monte Sião

“Olhei, e eis o Cordeiro em pé sobre o monte Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil, tendo na frente escrito o seu nome e o nome de seu Pai”. (Apocalipse 14.1)

No final do capítulo 13 vimos sobre um falso cordeiro (Apocalipse 13.11). Aqui em Apocalipse 14.1 vemos o verdadeiro Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Detalhe, Ele estava *“em pé”*. Uma posição para cima, vitoriosa sobre o monte Sião. O monte Sião era onde se encontrava o Templo de Salomão. O monte Sião mencionado aqui em Apocalipse 14.1 é o celestial, eterno, nos céus. De acordo com grande parte do Novo Testamento, o monte Sião está agora no céu: *“Mas a Jerusalém lá de cima é livre, a qual é nossa mãe...”*. (Gálatas 4.26)

O escritor do livro de Hebreus disse que nós, os cristãos, já temos *“chegado ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembleia e igreja dos primogênitos arrolados nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados...”*. (Hebreus 12.22-23)

Os cento e quarenta e quatro mil aqui descritos seria os mesmos do capítulo sete? É fato que os do capítulo sete são claramente a igreja judaica que foi selada para escapar da grande tribulação. Todavia, esse “grupo, no capítulo 14, parece ter selado seu testemunho com seu sangue. Eles são selados para a salvação eterna, mas [não foram selados para escapar] do martírio. Eles representam a comitiva seleta

de mártires, comprados pelo sangue do martírio, e tendo sido comprados da terra e que, portanto, pertencem ao céu, para onde eles tinham sido levados para Deus”.¹

Eles são mártires da igreja gentia do primeiro século. Eles são identificados com a frase 144.000, que no capítulo sete se refere a Israel, isto porque esse termo faz um ponto crítico geralmente perdido no cristianismo evangélico do século XX, que é este; *os cristãos são o Israel de Deus*”² conforme Gálatas 6.16 que diz: “*E, a todos quantos andarem de conformidade com esta regra, paz e misericórdia sejam sobre eles e sobre o Israel de Deus*”.

“Aqui um termo crítico, 144.000, é usado para conectar o povo de Deus da comunidade judaica com o povo de Deus a partir do mundo gentio. Doze vezes doze em cada caso fazem o ponto de que o povo de Deus são marcados para a segurança eterna, e, no caso do capítulo sete, a proteção terrestre durante a tribulação. Então, “eles também são um grupo especial: o Remanescente-Igreja da primeira geração”.²

“...tendo na frente escrito o seu nome e o nome de seu Pai”.

Os nomes do Cordeiro e do Pai não podiam ser visto na frente dos 144.000. Este pertencimento nos remete a 2ª Timóteo 2.19 que diz: “*Entretanto, o firme fundamento de Deus permanece, tendo este selo: O Senhor conhece os que lhe pertencem*”. O mesmo acontece com a marca da besta. Satanás sabe os que lhe pertencem. Por isto, a marca da besta também não foi algo necessariamente visível.

“Sem dúvida, você já ouviu falar de seitas como a das Testemunhas de Jeová que se identificam com os 144.000. Embora existam centenas, talvez milhares, de erros nos ensinamentos desses cultos, o grande erro aqui é levar essa passagem fora do contexto do primeiro século e aplicá-la a povos e épocas distantes nem remotamente consideradas pelo Apóstolo João. Os dispensacionalistas fazem a mesma coisa. Uma vez que o Apocalipse é removido do seu contexto histórico e público original, [o caminho fica aberto para] você poder dizer o que quiser”.³

“Ouvi uma voz do céu como voz de muitas águas, como voz de grande trovão; também a voz que ouvi era como de harpistas quando tangem a sua harpa”. (Apocalipse 14.2)

“Uma voz forte, que nos lembra das vozes de Jesus (1:15) e da grande multidão de seus servos (19:6). Trovões, sempre no Apocalipse e quase sempre nas outras ocorrências na Bíblia, vêm do céu e comunicam a autoridade de Deus. Exemplos em outros livros incluem: “Os que contendem com o SENHOR são quebrantados; dos céus tropeja contra eles” (1 Samuel 2:10); “Trovejou o SENHOR desde os céus; o Altíssimo levantou a sua voz” (2 Samuel 22:14); “Ou tens braço como Deus ou podes tropejar com a voz como ele o faz?” (Jó 40:9). No Apocalipse, vozes e trovões saem do trono de Deus (4:5) e do santuário dele (11:19; 16:17-18). João ouve a voz de um dos quatro seres viventes “como se fosse voz de trovão” (6:1). No sétimo selo, o fogo atirado do altar à terra foi acompanhado por trovões (8:5). No intervalo entre as sexta e sétima trombetas, o brado do anjo forte soltou as vozes dos sete trovões (10:3). A voz da grande multidão que adora a Deus é “como de muitas águas e como de fortes trovões” (19:6)”.⁴

“...também a voz que ouvi era como de harpistas quando tangem a sua harpa”.

“Como tantos outros símbolos no Apocalipse (incenso, altares, arca da aliança, etc.), a ideia dos harpistas vem do louvor dos judeus no Antigo Testamento (cf. 5:8; 15:2). Harpas e outros instrumentos foram características do louvor no templo em Jerusalém. Desta referência percebemos que a voz forte vem dos adoradores que honram ao Senhor”.⁵

“Entoavam novo cântico diante do trono, diante dos quatro seres viventes e dos anciãos. E ninguém pôde aprender o cântico, senão os cento e quarenta e quatro mil que foram comprados da terra”.

(Apocalipse 14.3)

Qual o motivo pelo qual “ninguém pôde aprender o cântico”? O motivo, sem dúvida, é porque era uma canção de redenção, haja vista que eles “foram comprados da terra”. Os anjos e os seres celestiais

não poderiam cantar tal cântico porque nenhum deles tiveram a experiência da redenção em Cristo. O máximo que poderiam fazer era somente admirar o cântico dos salvos.

“São estes os que não se macularam com mulheres, porque são castos. São eles os seguidores do Cordeiro por onde quer que vá. São os que foram redimidos dentre os homens, primícias para Deus e para o Cordeiro; e não se achou mentira na sua boca; não têm mácula”. (Apocalipse 14.4-5)

Eles são “castos” ou virgens não no sentido de que foram solteiros em vida. A “Escritura em nenhum lugar exalta o celibato como uma virtude superior”.⁶ Os 144.000 são “castos” no sentido espiritual, porque nos capítulos posteriores, eles são representados como a noiva que se casará com o Cordeiro. Portanto, a “virgindade” desses santos é espiritual. Eles não fornicaram ou se prostituíram no sentido de que não se apostataram da fé praticando a idolatria. A fornicação e a prostituição, em “toda a Bíblia, são metáforas potentes para apostasia e idolatria... enquanto a fidelidade religiosa é chamada de castidade.”⁷ A fidelidade desses crentes não se contaminando com a idolatria foi demonstrada em sua resistência ao culto a besta.

“O uso de termos sexuais pode também aludir às práticas religiosas imorais de pagãos em Israel e no mundo mediterrâneo. Esses versos pode se referir a homens que não têm se manchado com as mulheres nos ritos sexuais praticados nos templos pagãos, tais como aqueles em Éfeso”. No entanto, ele claramente não se refere ao casamento. O uso dessa palavra [mácula (14.4)] exclui o casamento, o que não foi considerado pecaminoso”.⁸

“...e não se achou mentira na sua boca; não têm mácula”.

“O grande pecado dos que têm a marca da besta é o culto idólatra em favor de um ser criado. Com suas bocas eles atribuem poder e majestade e glória a essa criatura. Tal louvor e adoração é uma mentira [...]. Aqueles com o nome de Deus em sua testa não podem mentir”.⁹

Para os adoradores da besta, aplica-se o que está escrito em Romanos 1.22-25:

“Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis.

Por isso, Deus entregou tais homens à imundícia, pelas concupiscências de seu próprio coração, para desonrarem o seu corpo entre si; pois eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador, o qual é bendito eternamente. Amém!”

Três Anjos Proclamam os Juízos de Deus

“Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a terra, e a cada nação, e tribo, e língua, e povo...”. (Apocalipse 14.6)

Note que é um anjo que prega o evangelho. O problema é que os anjos não foram selecionados para pregar o evangelho. Então, quem é esse anjo? E que evangelho é esse? Na verdade, o anjo é Cristo, e o evangelho é a Boa Notícia dEle. Não existem dois evangelhos. É importante notar que é feito uma divisão, pois o evangelho eterno é pregado primeiramente *“aos que se assentam sobre a terra”*, depois ao restante do mundo. Exhaustivamente tenho repetido aqui que *“terra”* simboliza a terra de Israel no contexto bíblico e apocalíptico.

Portanto, o evangelho começa sendo pregado em Israel e depois vai até aos confins da terra. Isto está em harmonia com a ordem que Jesus deu aos discípulos:

“...mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra”. (Atos 1.8)

Quando o evangelho eterno for totalmente pregado, logo, virá o fim. Mas, devemos sempre lembrar que no contexto do Apocalipse, que trata de um acontecimento local, no primeiro século da era cristã, em que o assunto é a guerra de Roma contra Jerusalém, estamos diante do cumprimento de Mateus 24 que aconteceu dentro daquela geração (Mateus 24.34). O Senhor Jesus disse em Mateus 24.14 que o evangelho do reino será pregado “*por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim*”. A palavra “mundo” nesse versículo é “oikoumenen” e tem o significado de “terra habitada”. Esta palavra era uma designação do império romano. Portanto, o fim (que é o fim do Estado judeu e seu Templo), só viria depois que o evangelho do Reino fosse pregado em todo o Império romano. Várias outras passagens do Novo Testamento apoiam que o evangelho do Reino foi pregado em todo o mundo conhecido, ainda naqueles dias do primeiro século.

Veja algumas delas:

*“Primeiramente, dou graças a meu Deus, mediante Jesus Cristo, no tocante a todos vós, **porque, em todo o mundo, é proclamada a vossa fé**”.* (Romanos 1.8 – o grifo é meu)

*“...por causa da esperança que vos está preservada nos céus, da qual antes ouvistes pela palavra da verdade do evangelho, **que chegou até vós; como também, em todo o mundo, está produzindo fruto e crescendo, tal acontece entre vós, desde o dia em que ouvistes e entendestes a graça de Deus na verdade...**”.*

(Colossenses 1.5-6 – o grifo é meu)

*“Se, na verdade, permanecerdes fundados e firmes na fé, e não vos moverdes da esperança do evangelho que tendes ouvido, **o qual foi pregado a toda criatura que há debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, estou feito ministro**”.* (Colossenses 1.23 – o grifo é meu)

*“Mas o Senhor assistiu-me e fortaleceu-me, **para que por mim fosse cumprida a pregação, e todos os gentios a ouvissem; e fiquei livre da boca do leão**”.* (2ª Timóteo 4.17 – o grifo é meu)

Jamais podemos confundir Mateus 24.14 com Mateus 28.19, 20, pois o primeiro texto trata da pregação do evangelho do Reino dentro do Império romano e o segundo trata de fazer discípulos de todas as nações até a consumação do século. Fora isto, também não posso deixar de ver o anúncio do “evangelho eterno” como uma obra exclusiva de pregação do próprio Cristo desde os primórdios do mundo. As Escrituras deixam claro que Jesus é a verdadeira luz que alumia todo o homem que vem ao mundo, e que, Deus nunca deixou de dar testemunho de si mesmo para que os homens o procurassem, ainda que tateando (João 1.9; Atos 14.17; 17.26-28). Falo detalhadamente sobre este assunto em meu livro *“Como será a Salvação Daqueles que “nunca ouviram” do Evangelho? – Uma Resposta contra o Monopólio de Deus!”* disponível para download gratuito no site da Revista Cristã Última Chamada.

“...dizendo, em grande voz: Temei a Deus e dai-lhe glória, pois é chegada a hora do seu juízo; e adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas”. (Apocalipse 14.7)

Palavras semelhantes a essas que falam sobre temor, juízo e glória encontramos em várias partes das Escrituras. Encontramos na boca de Maria (Lucas 1.50); do próprio Cristo (Lucas 12.5; Mateus 9.8; João 12.31); de Paulo (Atos 14.15). Assim fica também claro em linhas gerais, que a boa notícia eterna que o anjo tem para anunciar também inclui a vinda do julgamento sobre os inimigos Deus.

“Seguiu-se outro anjo, o segundo, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia que tem dado a beber a todas as nações do vinho da fúria da sua prostituição”. (Apocalipse 14.8)

Qual Babilônia está caindo aqui? Roma ou Jerusalém? Há defensores fervorosos de ambos os lados. Mas, creio, que trata-se de Jerusalém que é a grande meretriz de Apocalipse 17. Como já disse algumas vezes neste comentário, o Apocalipse não está numa ordem cronológica exata. É, por isto, que é dito aqui em Apocalipse 14 que Babilônia cai, mas na verdade ela só cai em Apocalipse 18.2. A ideia aqui exposta sobre Babilônia cair é tirada de Isaías 21.9b: *“Então,*

ergueu ele a voz e disse: Caiu, caiu Babilônia; e todas as imagens de escultura dos seus deuses jazem despedaçadas por terra”.

“Seguiu-se a estes outro anjo, o terceiro, dizendo, em grande voz: Se alguém adora a besta e a sua imagem e recebe a sua marca na fronte ou sobre a mão, também esse beberá do vinho da cólera de Deus, preparado, sem mistura, do cálice da sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre, diante dos santos anjos e na presença do Cordeiro”. (Apocalipse 14.9-10)

Alguns sugerem que receber a marca da besta seria uma espécie de pecado imperdoável. De fato é, pois receber tal marca é uma apostasia total contra Deus.

“...esse beberá do vinho da cólera de Deus, preparado, sem mistura, do cálice da sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre, diante dos santos anjos e na presença do Cordeiro”.

A condenação eterna é um evento público, pois os perversos sofrem diante dos anjos e do Cordeiro. Robert G. Bratcher diz que “a punição dos ímpios é ainda maior pelo fato de que eles podem ver o estado abençoado dos anjos e do Cordeiro”.¹⁰

“A fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos, e não têm descanso algum, nem de dia nem de noite, os adoradores da besta e da sua imagem e quem quer que receba a marca do seu nome”. (Apocalipse 14.11)

Temos aqui a descrição do castigo eterno. Tal castigo não tem fim. Isaías 66.24 fala desse castigo:

“Eles sairão e verão os cadáveres dos homens que prevaricaram contra mim; porque o seu verme nunca morrerá, nem o seu fogo se apagará; e eles serão um horror para toda a carne”.

Não seria incompatível com o amor de Deus um sofrimento eterno? Não seria injusto que uma pessoa que viveu, no máximo, oitenta anos de idade, seja condenada por toda a eternidade? A grande questão é que a dívida do pecado é impagável! Somente o sacrifício de Cristo

garantiu o pagamento. O problema é que quem decide ficar do lado do mal, terá de pagar até o último centavo dessa dívida. E como o ser humano é incapaz de pagá-la, a dívida acaba sendo eterna, pois o que alimenta as chamas do inferno é o eterno NÃO da recusa em reconhecer o Senhorio de Cristo. Mesmo no inferno este NÃO continua persistente eternamente. É por isto que não dá para sair do inferno, uma vez estando lá. O ódio contra Deus que começa em vida, continuará eternamente sem arrependimento. Veja isto na parábola do rico e do Lázaro. O rico mesmo no inferno pede somente benefícios e, em nenhum momento, clama arrependido (Lucas 16.19-31).

Para quem acha que há injustiça da parte de um Deus de amor, Monsenhor Segur acertadamente disse que “os condenados ao inferno se condenam a si próprios e aceitam a justiça da condenação com uma opção livre, escolheram realmente o inferno”.¹¹

“Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus”. (Apocalipse 14.12)

No versículo anterior, foi falado sobre a realidade do inferno como um alerta aos crentes que estavam sofrendo perseguições por parte da besta. “A realidade da eternidade e o inferno é definido antes para o crente afim de incentivá-lo a guardar os mandamentos de Deus e sua fé em Jesus [...]. Quando as pessoas guardam os mandamentos de Deus (14:12) elas demonstram que possuem a verdadeira fé em Jesus [...]”.¹²

“Então, ouvi uma voz do céu, dizendo: Escreve: Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem das suas fadigas, pois as suas obras os acompanham”. (Apocalipse 14.13)

Este versículo causa confusão em muitos. Não é nenhuma novidade que aqueles que morrem no Senhor são felizes (1ª Coríntios 2.9). A surpresa aqui está no fato de que o texto diz sobre os mortos “**que, desde agora, morrem no Senhor**”, como “se morrer no Senhor antes deste ponto não foi particularmente uma bem-aventurança”.¹³ Não é difícil de entender o que João quis dizer aqui. A expressão “*desde agora*” significa que a partir do “*momento*” que cada um daqueles

mártires morriam, eles poderiam se considerar como bem-aventurados, pois é o momento de deixar a terra e o grande encontro com Cristo imediatamente. A morte dá ao mártir o que ele não possuía enquanto sob tortura na terra. O descanso eterno do mártir é contrastado com a falta de descanso do adorador da besta, que vimos no versículo 11: “...a fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos, e não têm descanso algum, nem de dia nem de noite...”.

A Ceifa e a Colheita de Uvas

Neste tópico temos duas colheitas. A primeira é a das primícias e a segunda é a das uvas. Ambas reafirmam aquilo que vimos em Apocalipse 14.4 (que fala das “*primícias para Deus e para o Cordeiro*”), e a outra em Apocalipse 14.10 que fala sobre aqueles que beberão “*do vinho da ira de Deus*”.

“Olhei, e eis uma nuvem branca, e sentado sobre a nuvem um semelhante a filho de homem, tendo na cabeça uma coroa de ouro e na mão uma foice afiada”. (Apocalipse 14.14)

Esse personagem sentado sobre a nuvem é apresentado pela primeira vez no livro do profeta Daniel.

Ele escreveu:

“Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do Homem, e dirigiu-se ao Ancião de Dias, e o fizeram chegar até ele.

Foi-lhe dado domínio, e glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas o servissem; o seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído”.

(Daniel 7.13-14)

A descrição “Filho do Homem” é uma referência ao próprio Cristo. A coroa de espinhos era uma coroa de sofrimento. Agora, coroado com coroa de ouro, temos aí uma referência a sua vitória sobre seus

inimigos (Salmo 132.18). O fato dele estar nas nuvens é possível ver logo no início do Apocalipse (Apocalipse 1.7).

O que temos aqui no versículo 14 não é a Segunda Vinda de Cristo. É a vinda em julgamento contra Jerusalém.

“Outro anjo saiu do santuário, gritando em grande voz para aquele que se achava sentado sobre a nuvem: Toma a tua foice e ceifa, pois chegou a hora de ceifar, visto que a seara da terra já amadureceu!

E aquele que estava sentado sobre a nuvem passou a sua foice sobre a terra, e a terra foi ceifada.

(Apocalipse 14.15-16)

No versículo 13, vimos a respeito dos mártires *“que, desde agora, morrem no Senhor”*. Possivelmente, essa colheita aqui em questão, pode representar essa grande massa de mártires. Em Mateus 24.30, 31 encontramos a profecia dessa colheita:

“Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória.

E ele enviará os seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus”.

Há, então, duas possibilidades, são elas:

1. A colheita seria a dos mártires;
2. Ou seria o ajuntamento dos cristãos que foram dispersos quando Jerusalém foi cercada pelos romanos. Houve assim a separação de justos e ímpios quando da fuga dos cristãos de Jerusalém. “Esta seria a fuga dos cristãos após o fracasso de Céstio Galo para tomar a cidade antes de Vespasiano e Tito chegar para realmente fazê-lo. Carrington diz: ‘A explicação mais simples é que a colheita em Apocalipse significa a fuga

da comunidade cristã a partir dos horrores do cerco de Jerusalém'. Esta opção parece ser o melhor, no entanto".¹⁴

“Então, saiu do santuário, que se encontra no céu, outro anjo, tendo ele mesmo também uma foice afiada.

Saiu ainda do altar outro anjo, aquele que tem autoridade sobre o fogo, e falou em grande voz ao que tinha a foice afiada, dizendo: Toma a tua foice afiada e ajunta os cachos da videira da terra, porquanto as suas uvas estão amadurecidas!”

(Apocalipse 14.17-18)

Depois da colheita anterior (versículos 15-16), agora temos a colheita das uvas. A colheita anterior simboliza o ajuntamento do povo de Deus. A colheita das uvas é a colheita dos perdidos. Havendo o ajuntamento da igreja, agora acontece a excomunhão de Israel. No caso, aqui em questão, Israel já está maduro para o julgamento.

Veja o que João Batista havia dito sobre esse julgamento em Mateus 3.7, 10-12:

“Vendo ele, porém, que muitos fariseus e saduceus vinham ao batismo, disse-lhes: Raça de víboras, quem vos induziu a fugir da ira vindoura?”

“Já está posto o machado à raiz das árvores; toda árvore, pois, que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo.

Eu vos batizo com água, para arrependimento; mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu, cujas sandálias não sou digno de levar. Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo.

A sua pá, ele a tem na mão e limpará completamente a sua eira; recolherá o seu trigo no celeiro, mas queimará a palha em fogo inextinguível”.

“Saiu ainda do altar outro anjo, aquele que tem autoridade sobre o fogo, e falou em grande voz...”

O “fogo” é o símbolo da destruição. Note que o anjo não apenas tem o fogo, mas possui “autoridade” sobre ele. Isto deve indicar que esse anjo tem o poder sobre o fogo que está queimando no altar (uma vez

que ele saiu de lá), e deve ser o altar das orações dos santos. O julgamento que ele traz sobre os inimigos de Deus combina com aquilo que João Batista falou sobre queimar *“a palha em fogo inextinguível”*.

“...e ajunta os cachos da videira da terra, porquanto as suas uvas estão amadurecidas!”

Quando João Batista falou aquelas palavras em Mateus capítulo 3, Israel ainda não estava maduro para o julgamento. O Senhor mesmo disse que aquela geração que O estava ouvindo naqueles dias, experimentaria a queda e o julgamento de Deus, mas, para isto, Ele disse-lhes: *“Enchei vós, pois, a medida de vossos pais”*. (Mateus 23.32)

Assim, pois, quarenta anos antes da destruição de Jerusalém, o Senhor Jesus disse que aquela geração que O crucificaria, era a geração que encheria a medida dos pecados de seus antepassados e, estaria amadurecida ou pronta para o julgamento final.

“Então, o anjo passou a sua foice na terra, e vindimou a videira da terra, e lançou-a no grande lagar da cólera de Deus.

(Apocalipse 14.19)

Temos visto exaustivamente neste comentário que a palavra “terra” refere-se a “terra de Israel” e não ao “Planeta Terra” como conhecemos hoje. Também temos visto muitas vezes que a maior parte do Apocalipse acontece dentro daquela geração do primeiro século da era cristã (Mateus 24.34). O fato do anjo lançar as uvas no grande lagar demonstra um ajuntamento para julgamento. Não temos aqui o julgamento geral da humanidade num futuro distante como muitos pensam, mas temos a “vinda” de Jesus em julgamento contra Israel e principalmente sua cidade de Jerusalém que foi destruída no ano 70 d.C. Isto é o que tenho demonstrado exaustivamente neste comentário!

A parábola da vinha em Mateus 21.33-45 demonstra tudo isso claramente:

“Atentai noutra parábola. Havia um homem, dono de casa, que plantou uma vinha. Cercou-a de uma sebe, construiu nela um lagar, edificou-lhe uma torre e arrendou-a a uns lavradores. Depois, se ausentou do país.

Ao tempo da colheita, enviou os seus servos aos lavradores, para receber os frutos que lhe tocavam.

E os lavradores, agarrando os servos, espancaram a um, mataram a outro e a outro apedrejaram.

Enviou ainda outros servos em maior número; e trataram-nos da mesma sorte.

E, por último, enviou-lhes o seu próprio filho, dizendo: A meu filho respeitarão.

Mas os lavradores, vendo o filho, disseram entre si: Este é o herdeiro; ora, vamos, matemo-lo e apoderemo-nos da sua herança.

E, agarrando-o, lançaram-no fora da vinha e o mataram.

Quando, pois, vier o senhor da vinha, que fará àqueles lavradores?

Responderam-lhe: Fará perecer horrivelmente a estes malvados e arrendará a vinha a outros lavradores que lhe remetam os frutos nos seus devidos tempos.

Perguntou-lhes Jesus: Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular; isto procede do Senhor e é maravilhoso aos nossos olhos?

Portanto, vos digo que o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos.

Todo o que cair sobre esta pedra ficará em pedaços; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó.

Os principais sacerdotes e os fariseus, ouvindo estas parábolas, entenderam que era a respeito deles que Jesus falava...”.

(o grifo é meu)

É lamentável que muitos intérpretes atuais do Apocalipse (inclusive os dispensacionalistas), não conseguem “entender” o que os sacerdotes e fariseus entenderam tão bem a dois mil anos atrás. A parábola da vinha se cumpre claramente aqui em Apocalipse 14.

“E o lagar foi pisado fora da cidade, e correu sangue do lagar até aos freios dos cavalos, numa extensão de mil e seiscentos estádios”.

(Apocalipse 14.20)

Uma vez que os acontecimentos apocalípticos acontecem dentro de Jerusalém que estava cercada pelo exército romano, a cidade em questão cujo o lagar foi pisado fora dela, não poderia ser outra senão a própria Jerusalém. Anteriormente, em Apocalipse 11.8, vimos que a “*grande cidade*” que espiritualmente se chama Sodoma e Egito, é a própria Jerusalém, onde também seu Senhor foi crucificado. Em Hebreus 13.12-14 é feita uma referência a crucificação de Cristo fora da cidade que não é outra, senão Jerusalém.

“...e correu sangue do lagar até aos freios dos cavalos, numa extensão de mil e seiscentos estádios”.

“A frase até aos freios dos cavalos (14:20) se refere a quão alto o sangue aspergido ou respingado como o juízo de Deus varreu a terra. Este ponto é ilustrado em uma cena de guerra em Isaías”¹⁵:

“O lagar, eu o pisei sozinho, e dos povos nenhum homem se achava comigo; pisei as uvas na minha ira; no meu furor, as esmaguei, e o seu sangue me salpicou as vestes e me manchou o traje todo.

Porque o dia da vingança me estava no coração, e o ano dos meus redimidos é chegado”.

(Isaías 63.3-4)

“...numa extensão de mil e seiscentos estádios”.

Esta medida equivale a “*trezentos quilômetros de comprimento por um metro e meio de fundura*” de acordo com a *Nova Tradução na Linguagem* de Hoje da Sociedade Bíblica do Brasil. Não precisamos entender literalmente essa medida, mas, apenas, ver nela como a guerra judaica contra Roma se tornou num verdadeiro banho de

sangue. A medida também pode nos dizer sobre a extensão da guerra que cobriu praticamente toda a nação de Israel. Sendo assim, nada escapou do julgamento divino. “Roma atacou Israel a partir de Alexandria, no Egito, e também as comunidades judaicas que viviam no que hoje em dia é chamado de Líbano e Síria, a uma distância de 200 milhas (o equivalente a uns 321 quilômetros). Esse é o significado aqui; o sangue dos judeus foi derramado em abundância a partir de uma extremidade da terra a outra. ‘A distância do fluxo sanguíneo é de 1600 estádios, que é aproximadamente o comprimento da terra como uma província romana: O Itenerarum de Antonius de Piacenza registra o comprimento da Palestina como 1.664 estádios. Esta profecia refere-se ao enorme fluxo de sangue em Israel durante a guerra judaica’”.¹⁶

O historiador Flávio Josefo nos deu uma excelente descrição de como foi esse banho de sangue em Israel:

“De modo que o mar estava sangrento por um longo caminho, e as partes marítimas estavam cheias de cadáveres; e os romanos vieram sobre aqueles que foram transportados para a costa, e os destruiu... ..pode-se então ver o lago todo ensanguentado, e cheio de cadáveres, e nenhum deles escapou. ...todo o país através do qual eles haviam fugido estava cheio de abates, para a Jordânia não se podia passar, em razão dos corpos dos mortos que estavam nela, mas porque o lago Asphaltitis também estava cheio de cadáveres, que foram levados para dentro dele junto ao rio. ...e o sangue escorria sobre todas as partes mais baixas da cidade, a partir da parte superior. E agora o todo o templo externo transbordou com sangue...”¹⁷

Introdução

“Nos capítulos 4 e 5 do Apocalipse, temos uma introdução e prelúdio para os sete selos. No capítulo 8:1-6, nós temos uma introdução e prelúdio para as sete trombetas. Agora, aqui no capítulo 15, temos uma introdução e prelúdio para as sete taças. Na estrutura do livro vemos três julgamentos e três introduções claramente definidas. Cada uma leva um tempo para acabar; cada uma cria uma expectativa dramática sobre o julgamento vindouro”.¹

No capítulo anterior (capítulo 14), vimos sobre sete sinais, são eles:

1. “A primeira voz: o evangelho para as nações, avisando sobre o juízo de Deus;
2. A segunda voz: a Babilônia caiu;
3. A terceira voz: os adoradores da besta atormentados;
4. A quarta voz: os que morrem no Senhor abençoados;
5. O filho do homem ceifa a terra;
6. O anjo do santuário vindima a videira e o lagar é pisado;
7. Os sete anjos recebem as taças dos sete flagelos.

Sete anjos tendo os sete últimos flagelos: Do mesmo modo que o sétimo selo revelou os sete anjos com as sete trombetas, o sétimo sinal revela os sete anjos com os sete flagelos. “Flagelo” vem de uma palavra que significa ferimento (Lucas 10:30), açoite (Atos 16:23; 2 Coríntios 11:23; etc.) ou praga (diversas vezes na LXX*). Os sete flagelos são os açoites enviados por Deus para castigar os homens dignos de sua reprovação. Da mesma maneira que ele mandou pragas sobre os egípcios, os israelitas rebeldes, etc., ele agora envia pragas para castigar aqueles que adoram a besta”.²

* **Nota:** LXX é a abreviação da Septuaginta, conhecida como a versão grega do Velho Testamento produzida entre o século III a.C. e o século I a.C., em Alexandria.

Capítulo 15_____

Os Sete Anjos com as Sete Taças Cheias das Últimas Pragas

“Ainda vi no céu outro sinal, grande e admirável: sete anjos com as sete últimas pragas; pois nelas a ira de Deus se consuma”.

(Apocalipse 15.1)

Essas sete pragas são muito semelhantes as pragas das sete trombetas. “Elas parecem ser uma repetição da mesma cena de um ângulo diferente. Como uma repetição, elas são dadas para fornecer alguma informação nova, mas de uma perspectiva diferente, ou elas são dadas para levar a questão da inevitabilidade dos próximos eventos. Isso aconteceu com Faraó quando sonhava com as sete vacas gordas e as sete vacas magras e, em seguida, novamente sonhou com sete cabeças cheias de grãos e as sete cabeças murchas de grãos. Ambos os sonhos contam a mesma história e foram aparentemente dados para enfatizar a certeza da vinda fome. Isso é, evidentemente, o que temos aqui. A repetição é enfatizar a inevitabilidade e a certeza do julgamento vindouro”.³

O constante uso da ideia de sete julgamentos deve nos remeter a profecia que Deus deu contra Israel no livro de Levítico. A profecia era caso se Israel não se mante-se em obediência ao pacto com Deus.

O texto diz:

“Se insistirdes em me contrariar e não quiserdes me ouvir, trarei sobre vós sete vezes mais pragas, conforme vossos pecados”.

(Levítico 26.21)

“Vi algo como um mar de vidro misturado com fogo; e os que haviam vencido a besta, a sua imagem e o número do seu nome estavam em pé junto ao mar de vidro com harpas de Deus”.

(Apocalipse 15.2)

A primeira vez em que João fala sobre o “*mar de vidro*” foi em Apocalipse 4.6. Esses 144.000 provavelmente são os representados no capítulo 14.

“...um mar de vidro misturado com fogo...”.

O “*fogo*” é o símbolo do julgamento. “O fogo representa, muitas vezes na Bíblia, o castigo divino. Mas desta vez, não está saindo do altar ou do trono. O fogo está relacionado às pessoas que se aproximam do Senhor. Um outro sentido mais relevante é das provações que servem para purificar e santificar os servos do Senhor (Números 31:23; Salmos 17:3; 66:10,12; Zacarias 13:9; 1 Coríntios 3:12-15; 1 Pedro 1:7; Apocalipse 3:18). Juntando as figuras do mar de vidro e do fogo, esta imagem destaca a necessidade de ser santificado pelo fogo para se aproximar de Deus. Este sentido é reforçado no restante do versículo”.⁴

“Estes mártires vieram através de um mar de sangue deles, e o sangue de seus inimigos veio do grande lagar da ira de Deus (Apocalipse 14.19)”.⁵

“...estavam em pé junto ao mar de vidro com harpas de Deus”.

“A posição dos vencedores apresenta duas possibilidades pela frase “no mar”. A preposição usada aqui (grego, *epi*) pode ser traduzida de várias maneiras. Um sentido é “perante” ou “perto de”. Neste caso, os vencedores estariam na beira do mar, cantando o cântico de Moisés, nos lembrando da celebração de vitória quando os israelitas chegaram

ao lado oriental do Mar Vermelho (Êxodo 14-15). O sentido mais provável, porém, é a tradução encontrada em muitas versões, usando o significado de “em” ou “sobre”. Neste caso, a imagem é dos vencedores em pé sobre o mar de vidro e fogo, passando pelas tribulações para chegar perto de Deus. Consistente com os símbolos do tabernáculo, dos altares, etc. já encontrados no livro, esta figura nos lembra do “mar de fundição” (1 Reis 7:23-26,39) ou “bacia de bronze” (Êxodo 30:17-21) do Antigo Testamento. Esta bacia ou mar servia para a purificação dos sacerdotes antes de entrarem na presença de Deus no tabernáculo ou templo. Os vencedores são os fiéis que, passando pela provação de fogo, são purificados para entrarem na presença de Deus (1 Coríntios 3:12-15; 1 Pedro 1:7).⁶

Segundo 2º Samuel 6.5; 1º Crônicas 25.1, desde a época de Davi, as harpas foram usadas na adoração em Jerusalém. No caso aqui em questão, esses instrumentos são “*harpas de Deus*”. Não foram instrumentos produzidos por homens.

“Eles cantavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo: Grandes e admiráveis são as tuas obras, ó Senhor Deus todo-poderoso; justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei das nações.

Senhor, quem não te temerá e não glorificará o teu nome? Pois só tu és santo; por isso todas as nações virão e se prostrarão diante de ti, porque os teus juízos são manifestos”. (Apocalipse 15.3-4)

“O cântico de Moisés é um cântico de vitória; que comemora a destruição de Deus, contra os inimigos de Israel, os egípcios”.⁷ No caso que temos aqui é o cântico da vitória contra a besta e o falso profeta. O Israel de Deus vence a besta romana e o falso profeta que era o Israel segundo a carne, que também se chama Egito espiritualmente falando. O cântico original de Moisés pode ser encontrado em Êxodo 15.1-3, 7, 13, 17-18. Quando João fala a respeito desse cântico, não “é em si uma repetição do cântico de Moisés, mas pega emprestado de uma série de passagens das Escrituras que tece juntas um novo cântico de vitória daqueles que se prostrarão diante de Deus”.⁸

“...por isso todas as nações virão e se prostrarão diante de ti, porque os teus juízos são manifestos”.

Neste trecho, é antecipado o que ainda vai acontecer no futuro. Isto é, todas as nações da terra serão dominadas por Cristo – mesmo antes de sua Segunda Vinda conforme os seguintes textos:

“Todos os confins da terra se lembrarão e se converterão ao SENHOR, e todas as famílias das nações se prostrarão diante dele.

Porque o reino é do SENHOR, é ele quem governa as nações”.

(Salmos 22.27-28)

“Mas o meu nome é grande entre as nações, do oriente ao ocidente; e em todo lugar oferecem ao meu nome incenso e uma oferta pura; porque o meu nome é grande entre as nações, diz o SENHOR dos Exércitos”. (Malaquias 1.11)

“Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte, porque a terra se encherá do conhecimento do SENHOR, como as águas cobrem o mar”. (Isaías 11.9)

“Acontecerá nos últimos dias que o monte do templo do SENHOR se firmará como o mais elevado e será estabelecido como o mais alto dos montes, e todas as nações correrão para ele.

Muitos povos irão e dirão: Vinde e subamos ao monte do SENHOR, ao templo do Deus de Jacó, para que ele nos ensine os seus caminhos, e andemos nas suas veredas. Porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém, a palavra do SENHOR.

Ele julgará entre as nações e será juiz entre muitos povos; e estes converterão as suas espadas em lâminas de arado, e as suas lanças, em foices; uma nação não levantará espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra”. (Isaías 2.2-4)

“...mas este, tendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, assentou-se para sempre à direita de Deus, esperando, daí por diante, que os seus inimigos sejam colocados por estrado de seus pés”.

(Hebreus 10.12)

“É necessário que o céu o receba até o tempo da restauração de todas as coisas, sobre as quais Deus falou pela boca dos seus santos profetas, desde o princípio”. (Atos 3.21)

Uma Cena no Céu

“Depois disso olhei e abriu-se o santuário, o tabernáculo do testemunho no céu; e do santuário saíram os sete anjos com as sete pragas; estavam vestidos de linho puro e resplandecente e usavam faixas de ouro na altura do peito”. (Apocalipse 15.5-6)

“A cena continua com figuras do louvor no Velho Testamento. O santuário no céu, onde Jesus permanece à destra do Pai (Hebreus 9:11-12; Atos 2:34-36; 7:55-56), servia como a base da cópia feita por Moisés (Hebreus 9:23-24). As referências ao santuário no Apocalipse têm, como base, aquelas citações do tabernáculo e do templo dos judeus, mas falam do santuário verdadeiro. O Testemunho, ou arca da aliança, ficava no Santo dos Santos, e representava a presença de Deus no meio do povo. O que se segue neste sinal vem do trono de Deus”.⁹

O “*tabernáculo do testemunho*” refere-se as duas tábuas da Lei, os Dez mandamentos. Mesmo no Novo Testamento os Dez mandamentos constituem-se como padrão adequado para a vida. Muitos dividem e chamam o Antigo Testamento de tempo da Lei e o Novo Testamento como o tempo da graça. Isto é um grave erro de interpretação. A graça deve ser vista em todos os pontos da história humana. A própria criação do Universo é um ato de graça. Nada veio a existência sem que primeiro fosse imolado o Cordeiro. A razão de tudo existir é a cruz de Cristo. A cruz é o início de tudo! O favor imerecido de Deus deve ser visto em todos os versículos do Velho e Novo Testamentos. Não é possível explicar satisfatoriamente a vida dos personagens do Antigo Testamento sem a graça de Deus. Guardar os Dez mandamentos é resultado da graça de Deus.

“Um dos quatro seres viventes deu aos sete anjos sete taças de ouro, cheias da ira do Deus que vive pelos séculos dos séculos”.

(Apocalipse 15.7)

No capítulo quatro de Apocalipse, os quatro seres viventes aparecem numa situação semelhante a que temos aqui no capítulo quinze (Apocalipse 4.6). Essas criaturas aparecem antes da abertura dos selos e, agora, aparecem antes da consumação da ira de Deus. “Então, elas aparecem tanto para abrir e fechar os vários julgamentos encontrados neste livro”.¹⁰

“...taças de ouro, cheias da ira do Deus...”.

“Os anjos levaram as orações dos santos e trouxeram a resposta na forma da ira de Deus contra os ímpios. Já encontramos uma figura paralela no sétimo selo, quando o anjo com um incensário de ouro ofereceu o incenso e as orações dos santos e, em seguida, usou o incensário para atirar à terra o fogo do altar (8:3-5)”.¹¹

“...do Deus que vive pelos séculos dos séculos”.

Aqui a vida eterna de Deus é contrastada com a finitude da vida humana. Pode ser também uma alusão ao Cristo ressuscitado que agora está vivo para sempre com um corpo glorificado.

“O santuário encheu-se da fumaça da glória e do poder de Deus; e ninguém podia entrar no santuário, enquanto não se consumassem as sete pragas dos sete anjos”. (Apocalipse 15.8)

Quando o templo é preenchido com a “fumaça da glória e do poder de Deus”, é isto um indicativo de Sua presença. Encontramos essa referência em Êxodo 40.34-35:

“Então a nuvem cobriu a tenda da revelação, e a glória do SENHOR encheu o tabernáculo, de maneira que Moisés não podia entrar na tenda da revelação, pois a nuvem repousava sobre ela, e a glória do SENHOR enchia o tabernáculo”.

“Até que essas pragas tinham sido concluídas, ninguém podia entrar no templo até que Jerusalém fosse totalmente destruída”.¹² E, “ninguém poderia aparecer na intercessão diante de Deus para evitar a

destruição pronunciada contra Jerusalém, uma vez que a ‘cidade fiel virou prostituta’, e a Babilônia caiu em apostasia”.¹³

Conclusão deste Capítulo

“Da mesma maneira que o sétimo selo revelou os sete anjos com as sete trombetas, o sétimo sinal apresentou os sete anjos com os sete flagelos. As orações dos santos foram ouvidas, e serão respondidas por meio de uma série de castigos derramados das sete taças de ouro. Deus está no seu santuário fazendo o seu trabalho. Ninguém pode penetrar este santuário até ele cumprir estes julgamentos”.¹⁴

Introdução

Falei no capítulo anterior que os juízos das sete taças são semelhantes ao das sete trombetas. Esses juízos “têm uma correspondência similar com o julgamento de Deus sobre o Egito. É irônico que as pragas que eram sinais do julgamento de Deus sobre o Egito são agora sinais de julgamento de Deus sobre o novo Egito, Jerusalém”.¹

Apocalipse 11.8 deixa claro que Jerusalém é espiritualmente conhecida como Sodoma e Egito:

“Seus corpos ficarão estendidos na praça da grande cidade, espiritualmente chamada Sodoma e Egito, onde também seu Senhor foi crucificado”.

Capítulo 16_____

Derramamento das Taças

“Ouvi uma forte voz que vinha do santuário e dizia aos sete anjos: Ide e derramai sobre a terra as sete taças da ira de Deus”.

(Apocalipse 16.1)

Essa voz nos remete a Isaías 66.6 que diz:

“Uma voz de grande tumulto vem da cidade, uma voz do templo; é a voz do SENHOR, que dá a recompensa aos seus inimigos”.

Aqui temos o começo com essa advertência da “forte voz” que quer dizer que a destruição em breve virá sobre Jerusalém.

O Primeiro Anjo Derrama sua Taça sobre a Terra

“Então, o primeiro anjo foi e derramou sua taça sobre a terra; e apareceram feridas malignas nos homens que levavam o sinal da besta e adoravam a sua imagem”. (Apocalipse 16.2)

Vamos comparar agora as taças com as trombetas.

Veja a semelhança no quadro abaixo:

Primeira Taça	Primeira Trombeta
<p><i>“Então, o primeiro anjo foi e derramou sua taça sobre a terra; e apareceram feridas malignas nos homens que levavam o sinal da besta e adoravam a sua imagem...”.</i></p> <p>(Apocalipse 16.2 – o grifo é meu)</p>	<p><i>“O primeiro anjo tocou sua trombeta, e foram lançados na terra granizo e fogo misturado com sangue, e um terço da terra, um terço das florestas e toda a relva verde foram queimados”.</i></p> <p>(Apocalipse 8.7 – o grifo é meu)</p>

Temos como semelhança o fato de que as pragas são lançadas na “terra”. A diferença está nos tipos de flagelos. Nas trombetas, os flagelos atingem a natureza. Nas taças, o julgamento atinge os homens apóstatas. No julgamento das taças temos uma semelhança com as pragas do Egito:

“Então o SENHOR disse a Moisés e a Arão: Pegai um punhado de cinza do forno; e Moisés a espalhará para o alto, diante do faraó.

E ela se transformará num pó fino sobre toda a terra do Egito, e aparecerão tumores que se romperão em feridas infeccionadas nos homens e no gado, por toda a terra do Egito”. (Êxodo 9.8-9)

As “feridas malignas nos homens” nos remete ao julgamento prometido por Deus para aqueles que quebrassem sua aliança.

Observe:

“O SENHOR te ferirá com as feridas purulentas do Egito, com tumores, com sarna e com coceira, de que não poderás curar-te”.

“O SENHOR te ferirá nos joelhos e nas pernas com feridas malignas incuráveis; sim, desde a planta do pé até o alto da cabeça”.

(Deuteronômio 28.27, 35)

As pragas com feridas malignas são a prova de que Israel foi rejeitado por Deus. O Israel apostata é, então, lançado para fora do arraial (assim como acontecia com os leprosos conforme Números 5.1-2). No texto em questão, de acordo com a Lei de Moisés, todo aquele que tocava em um cadáver era considerado impuro. Por isto, “não é difícil imaginar a condição de uma cidade repleta de cadáveres e limitados no acesso à água potável, limitada em quantidade e qualidade de alimentos, e aflitos com a sempre presente ameaça de morte por inimigos dentro e fora de Jerusalém. Eu não acho que nós ficaríamos surpresos ao saber que eles estavam aflitos com feridas repugnantes e malignas (16:2) sob estas circunstâncias”.²

O Segundo Anjo Derrama sua Taça no Mar

“O segundo anjo derramou sua taça no mar, que se transformou em sangue como de um morto, e todo ser vivente que estava no mar morreu”. (Apocalipse 16.3)

Vamos mais uma vez ver a comparação entre as trombetas e as taças:

Segunda Taça	Segunda Trombeta
<p><i>“O segundo anjo derramou sua taça no mar, que se transformou em sangue como de um morto, e todo ser vivente que estava no mar morreu”.</i></p> <p>(Apocalipse 16.2)</p>	<p><i>“O segundo anjo tocou sua trombeta, e foi lançado no mar algo como um grande monte em chamas, e um terço do mar transformou-se em sangue.</i></p> <p><i>Um terço das criaturas do mar morreu; também foi destruído um terço dos navios”.</i></p> <p>(Apocalipse 8.8-9)</p>

Nessa praga temos o mar como alvo atingido. Isto corresponde quando Moisés transformou o rio Nilo em sangue:

“Moisés e Arão fizeram como o SENHOR havia ordenado. Arão levantou a vara e feriu as águas do rio, diante dos olhos do faraó e de seus subordinados; e todas as águas do rio se transformaram em sangue.

Então, os peixes que estavam no rio morreram, e o rio cheirou tão mal que os egípcios não conseguiam beber da sua água. Havia sangue por toda a terra do Egito.

Mas os magos do Egito fizeram o mesmo por meio do seu ocultismo. Assim, o coração do faraó se endureceu, e não os atendeu, como o SENHOR tinha dito.

O faraó deu-lhes as costas e foi para o palácio, sem dar atenção ao caso.

Então, todos os egípcios cavaram às margens do rio para achar água para beber, pois era impossível beber da água do rio.

E passaram-se sete dias, depois que o SENHOR feriu o rio”.

(Êxodo 7.20-25)

Já vimos na página 191 deste Comentário que a “*grande montanha*” atirada ao mar, significa Jerusalém sendo atirada no mundo gentio. No caso da segunda taça é o mar e tudo o que nele vive que é afetado. Além disto, Josefo cita batalhas navais que aconteceram naqueles dias. Essas batalhas tiveram grandes derramamentos de sangue.

“A visão faz referência aos judeus que tomaram o mar para lutar contra os romanos. Em referenciá-los João diz que todos os seres vivos morreram no mar (16:3). Isto não se refere principalmente aos peixes, como aconteceu no Egito durante essa praga. Em vez disso, refere-se principalmente aos judeus que tomaram o mar para lutar ou fugir dos romanos. Todos eles morreram”.³

O Terceiro Anjo Derrama sua Taça nos Rios e nas Fontes das Águas

Agora vamos comparar a terceira taça com a terceira trombeta:

Terceira Taça	Terceira Trombeta
“O terceiro anjo derramou sua taça nos rios e nas fontes das águas, que se transformaram em sangue”. (Apocalipse 16.4)	“O terceiro anjo tocou sua trombeta, e uma grande estrela, queimando como se fosse uma tocha, caiu do céu sobre um terço dos rios e sobre as fontes das águas”. (Apocalipse 8.10)

Há uma semelhança em ambos os casos, pois rios e fontes das águas são contaminados. Mais uma vez somos lembrados aqui a respeito da água transformada em sangue no Egito. “Em ambos os casos, os rios e as fontes das águas estavam contaminadas. Como a última taça, desta vez nos lembra da primeira praga egípcia em que a água foi transformada em sangue. No estudo da terceira trombeta (ver página 198 deste Comentário), “tomamos nota da água especialmente em uma área árida e o papel dela desempenhado na guerra. Exércitos tipicamente envenenam o abastecimento de água para negá-la ao inimigo. Isto, sem dúvida ocorreu em Israel naquele momento”.⁴

“Então, ouvi o anjo das águas dizer: Justo és tu, que és e que eras, o Santo, porque julgaste estas coisas; pois derramaram o sangue de santos e de profetas, e tu lhes tens dado sangue para beber; eles o merecem”. (Apocalipse 16.5-6)

Ao dizer “que és e que eras”, o anjo está afirmando a auto existência e eternidade de Deus. Vimos no comentário de Apocalipse 1.8 que Deus é considerado como “aquele que é, que era e que há de vir”.

Observe que segundo essas palavras, assim como nós, Deus também está inserido no tempo tendo **presente** (*aquele que é*), **passado** (*que era*) e **futuro** (*que há de vir*). Como explicar que o grande Eu Sou que é atemporal estaria no tempo também? Como resolver este aparente paradoxo?

O bispo Hermes C. Fernandes acertadamente nos mostra como se dá isto:

“O Deus que é, e que, portanto, está para além da existência, mergulhou de cabeça na história, de modo que pudesse perfeitamente se compadecer de nós (Hb.4:15). O grande “Eu sou” não tem passado, nem presente, nem futuro. Ele não existe. Ele simplesmente é. Ele transcende a existência. Porém, em Cristo, Deus Se humaniza, Se historiciza adentrando o tempo e o espaço. De sorte que, agora, Ele tem história, passado, presente e futuro. Se antes, Ele Se apresentava como o “Eu sou” (Êx.3:14), agora Ele Se apresenta como “Aquele que era, que é e que há de vir” (Ap.1:8), “o mesmo ontem, hoje e sempre” (Hb.13:8).

Em Cristo, Deus existe! Ele Se tornou um de nós! Por isso, Ele não apenas tem misericórdia de nós, mas também Se compadecer. Ele sente nossas dores e chora nossos dissabores. O Deus Todo-Poderoso agora Se revela vulnerável ao sofrimento humano. Eis Sua fraqueza. Eis Sua loucura infinitamente mais sábia que toda nossa vã sabedoria. O Todo-poderoso também é o Todo-amoroso”.⁵

“Justo és tu... pois derramaram o sangue de santos e de profetas, e tu lhes tens dado sangue para beber; eles o merecem”.

(o grifo é meu)

Muitos adeptos de religiões sentimentalistas afirmam que um Deus de amor não seria justo se mandasse pessoas para o inferno. Aqui, temos um anjo celestial, muito mais sabedor da Glória e da Justiça de Deus do que nós mortais, pois ele está incessantemente perto de Deus, no Céu. Ele em verdade declara que os condenados realmente “merecem” o castigo. Embora, muitos humanistas hoje em dia, queiram negar, mas é fato que existe uma lei de retaliação para aquele que planta o mal. “*Quem derramar sangue de homem, terá o seu*

sangue derramado pelo homem, porque Deus fez o homem à sua imagem". (Gênesis 9.6) Por isto, Deus "exige que os assassinos sejam punidos com a perda de suas vidas. Se o homem em sua própria justiça se recusa a fazê-lo, Deus tomará a questão em suas próprias mãos".⁶

"E ouvi uma voz do altar, que dizia: Ó Senhor Deus todo-poderoso, os teus juízos são de fato verdadeiros e justos". (Apocalipse 16.7)

A terceira taça termina com confirmação e aprovação de tudo quanto foi feito. Tudo é aprovado no Tribunal Celeste. Assim, "novamente, voltamos ao quinto selo (6:9-11). As almas debaixo do altar pediram vingança, e Deus respondeu que teriam que esperar mais um pouco. Agora que o Senhor deu sangue para os opressores beberem, o altar proclama a justiça de Deus. A justiça divina pode demorar, mas ela vem! Pedro diz que qualquer demora na aplicação da justiça divina deve ser vista como uma demonstração da misericórdia e longanimidade de Deus (2 Pedro 3:7-10)".⁷

O Quarto Anjo Derrama sua Taça sobre o Sol

Quarta Taça	Quarta Trombeta
<i>"O quarto anjo derramou sua taça sobre o sol, e foi-lhe permitido queimar os homens com fogo". (Apocalipse 16.8)</i>	<i>"O quarto anjo tocou sua trombeta, e foram feridos um terço do sol, um terço da lua e um terço das estrelas, para que um terço deles se escurecesse, e um terço do dia não brilhasse, assim como também um terço da noite". (Apocalipse 8.12)</i>

Em ambas as pragas o foco é o sol. A praga correspondente é encontrada em Êxodo 10.21-23:

“Então o SENHOR disse a Moisés: Estende a mão para o céu, para que haja trevas sobre a terra do Egito, trevas que se possam apalpar.

Moisés estendeu a mão para o céu, e houve densas trevas em toda a terra do Egito durante três dias.

Ninguém conseguia enxergar nada, e ninguém se moveu do seu lugar durante três dias; mas havia luz nas habitações de todos os israelitas”.

Já vimos anteriormente neste comentário que os símbolos celestes como o “sol”, a “lua” e as “estrelas” simbolizam as lideranças políticas de Israel. A nação de “Israel foi o objeto da ira não só de Vespasiano e Tito, mas muitas vezes, ainda mais importante, de seus próprios líderes. Estes homens lideraram várias facções dentro da cidade e, assim, produziram maior morte e destruição em Jerusalém do que até mesmo Roma fez. Sua regra verdadeiramente fez queimar os homens com fogo”.⁸ Ao mesmo tempo em que os infiéis eram queimados com o sol, aos seus, Deus prometeu que *“Nunca mais terão fome, nem sede, nem cairá sobre eles o sol, nem calor algum...”* (Apocalipse 7.16).

“Os homens foram queimados com grande calor e blasfemaram contra o nome de Deus, que tem poder sobre essas pragas, mas não se arrependeram para glorificá-lo”. (Apocalipse 16.9)

Quando as pragas caíram sobre o Egito, a cada praga que vinha Faraó se recusava dar glória a Deus e, por isto, constantemente endurecia seu coração (Êxodo 7.22; 8.15,19,32; 9.7,12,34-35; 10.1,20,27; 13.15). O mesmo acontece aqui com a Jerusalém que espiritualmente se chama Sodoma e Egito. O castigo deve ser acatado como disciplina para gerar arrependimento (Apocalipse 3.19; Hebreus 12.5-6). Quando assim não acontece, o mau estado espiritual da pessoa torna-se irreversível, a pessoa acaba usando o sofrimento “como motivo para rejeitar o Senhor. Quando pessoas hoje usam o sofrimento como motivo para negar a existência de Deus, cometem o mesmo erro fatal. Independente

da fonte do sofrimento, devemos usá-lo para nos aproximar de Deus (Tiago 1:2-4; 2 Coríntios 12:7-10)”.⁹

O Quinto Anjo Derrama sua Taça sobre o Trono da Besta

Quinta Taça	Quinta Trombeta
<p><i>“O quinto anjo derramou sua taça sobre o trono da besta, e o seu reino se fez tenebroso; e, de tanta agonia, os homens mordiam a própria língua.</i></p> <p><i>Por causa de sua agonia e de suas feridas, blasfemaram contra o Deus do céu e não se arrependeram de suas obras”.</i></p> <p><i>(Apocalipse 16.10-11)</i></p>	<p><i>“O quinto anjo tocou sua trombeta, e vi uma estrela que havia caído do céu sobre a terra; e foi-lhe dada a chave do poço do abismo.</i></p> <p><i>Quando ela abriu o poço do abismo, subiu fumaça do poço, como fumaça de uma grande fornalha. Então o sol e o céu* escureceram com a fumaça do poço.</i></p> <p><i>Da fumaça saíram gafanhotos sobre a terra e foi-lhes dado poder como o dos escorpiões da terra.”.</i></p> <p><i>(Apocalipse 9.1-3)</i></p>

Tenho visto ser inevitável interpretar de outra forma sobre a identidade da besta cujo reino *“se fez tenebroso”*. É quase inevitável que não venhamos a pensar que é a mesma besta que emerge do mar que foi descrita em Apocalipse 13. No entanto, devemos perguntar sobre qual besta João está se referindo. Seria a besta que emerge do mar ou a besta que emerge da terra? Se fosse a besta que emerge do mar, então, é o império romano que estaria se tornando em trevas. Como as taças aqui são derramadas sobre Jerusalém, podemos concluir que é a besta que emerge da terra (ou terra de Israel) que está com seu reino sendo tenebroso. Sendo assim, é o reino da religião judaica com os seus fariseus, saduceus e sacerdotes em Jerusalém - que viveram naqueles dias - que sofreu as trevas do desespero quando do cerco a Jerusalém.

Como nos outros casos há aqui também uma semelhança com a quinta trombeta. Quando a estrela caída do céu abriu o poço do abismo, *“a fumaça que subiu do poço, como fumaça de uma grande fornalha”* escureceram o sol e o céu, trazendo trevas e tormento aos homens ímpios. Cumpriu-se, então, dentro daquela geração do primeiro século da era cristã, o que os próprios contemporâneos de Jesus pediram:

“Percebendo que nada conseguia, mas, pelo contrário, que o tumulto aumentava, Pilatos mandou trazer água e, lavando as mãos diante da multidão, disse: Sou inocente do sangue deste homem; isso é problema vosso.

E todo o povo respondeu: O sangue dele caia sobre nós e sobre nossos filhos”.

(Mateus 27.24-25 – o grifo é meu)

Há também uma conexão com a oitava praga do Egito. Essa foi a praga dos gafanhotos. A aparente semelhança da quinta taça e a quinta trombeta com as pragas egípcias está no ataque dos gafanhotos e as trevas que cobrem a terra.

“Então o SENHOR disse a Moisés: Quanto aos gafanhotos, estende a mão sobre a terra do Egito, para que eles venham sobre ela e comam todas as plantas da terra, tudo o que a chuva de pedras deixou.

Então Moisés estendeu a mão com a vara sobre a terra do Egito, e o SENHOR trouxe um vento oriental sobre a terra durante todo aquele dia e toda aquela noite. E, quando amanheceu, o vento oriental trouxe os gafanhotos.

Assim, os gafanhotos subiram sobre toda a terra do Egito e pousaram em todo o seu território; e eram tantos como nunca houve, nem jamais haverá.

Pois cobriram todo o país, a ponto de escurecer a terra. E comeram todas as plantas da terra e todo fruto das árvores que a chuva de pedras tinha deixado; não restou nada verde, nem árvore nem planta do campo, por toda a terra do Egito”.

(Êxodo 10:12-15)

O Sexto Anjo Derrama sua Taça sobre o Rio Eufrates

Sexta Taça	Sexta Trombeta
<p><i>“O sexto anjo derramou sua taça sobre o grande rio Eufrates, e a água do rio secou, para que se preparasse o caminho dos reis que vêm do Oriente”.</i></p> <p>(Apocalipse 16.12)</p>	<p><i>“O sexto anjo tocou sua trombeta, e ouvi uma voz que vinha das quatro pontas do altar de ouro que estava diante de Deus, a qual dizia ao sexto anjo, que estava com a trombeta: Solta os quatro anjos que estão presos junto do grande rio Eufrates.</i></p> <p><i>Então, os quatro anjos, que haviam sido preparados para aquela hora, dia, mês e ano, foram soltos, a fim de matar a terça parte dos homens”.</i></p> <p>(Apocalipse 9.13-15)</p>

O fato do rio Eufrates secar mostra que há aqui uma conexão com a abertura do mar vermelho. Porém, há uma troca aqui. Na abertura do mar vermelho descrita em Êxodo, Deus intervém para ajudar Israel e punir os egípcios. Na imagem descrita aqui em Apocalipse Deus está intervindo “para punir Israel e ajudar os seus inimigos. Embora, certamente, Deus literalmente secou o Mar Vermelho, este não é o caso da imagem aqui. A comparação é para aumentar a metáfora. Deus está dizendo que Ele vai tornar mais fácil para os inimigos de Israel para vir rapidamente a partir dos campos de fronteira dos romanos para atacar Jerusalém.

Traduzido em termos históricos, este símbolo representa a mobilização das forças do Império e dos reis das nações vizinhas para a guerra judaica. A secagem do Eufrates parece claramente significar que ele está sendo cruzado com facilidade e velocidade... é a imagem das tropas daquele trimestre para a invasão da Judéia. Isso nós sabemos como fato histórico. Não só legiões romanas da fronteira do

Eufrates, mas reis auxiliares cujos domínios leigos nessa região, tais como Antíoco Teos de Comagena e Sohemus de Sofena, mais corretamente designados como reis do Oriente, seguiram as águias de Roma para o cerco de Jerusalém”.¹⁰ “Josefo fala do movimento de tropas de vários locais para a batalha em Jerusalém. Um desses locais é o rio Eufrates...”.¹¹

Os Espíritos Impuros que Saem da Boca da Besta e do Falso Profeta

“Vi saírem da boca do dragão, da boca da besta e da boca do falso profeta três espíritos impuros, semelhantes a rãs”.

(Apocalipse 16.13)

Assim como em Apocalipse 13, temos aqui mais uma vez a cena da trindade satânica. As rãs também foram uma das pragas do Egito:

“Se te recusares a deixá-lo ir, infestarei de rãs todo o teu território.

O rio produzirá rãs em grande quantidade, que subirão e entrarão na tua casa e no teu quarto, e subirão na tua cama e entrarão nas casas dos teus subordinados e de todo o teu povo, e até nos teus fornos e nas tuas amassadeiras.

Sim, as rãs subirão sobre ti, sobre o teu povo e sobre todos os teus subordinados”. (Êxodo 8.2-4)

“As semelhanças entre estas maldições e as maldições do Êxodo são expostas para fazer uma conexão. O ponto é que: Jerusalém é o novo Egito. Como Deus amaldiçoou o Egito antigo, por isso Ele agora amaldiçoa o novo Egito, Jerusalém. Esse ponto foi exposto claramente em Apocalipse capítulo 11:

“Seus corpos ficarão estendidos na praça da grande cidade, espiritualmente chamada Sodoma e Egito, onde também seu Senhor foi crucificado”. (Apocalipse 11.8)

“Esses espíritos são de demônios que operam sinais: eles vão ao encontro dos reis de todo o mundo, a fim de reuni-los para a batalha do grande dia do Deus todo-poderoso”. (Apocalipse 16.14)

A palavra grega que expressa “mundo” aqui é “*oikoumenen*” que significa “terra habitada”. Já vimos diversas vezes neste comentário que essa palavra designava o Império romano. Levando-se em conta que o Apocalipse haveria de se cumprir dentro daquela geração do primeiro século da era cristã, estamos diante de um evento ocorrido no mundo romano. Os “*reis de todo o mundo*” refere-se aos reis dentro do Império romano.

“Na década de 60 d.C., a história de Roma foi em uma época em que o Império estava passando por guerras civis e estrangeiras. Não foi uma época em que o Império teve o controle firme de seus aliados. Foi um momento em que as tropas estavam em recompensa por causa de seu compromisso com tantas outras batalhas. Essa década começou com a grande revolta na Grã-Bretanha sob Boudicca em 60 d.C., que quase perdeu a Província de Roma, e viu a destruição total das cidades de Colchester, St. Albans e Londres, com o massacre de todos os romanos e aliados romanos encontrados nelas. Toda aquela década foi de conflitos, levando-se em acréscimo o grande incêndio de Roma (64 AD), a rebelião judaica, a revolta das legiões germânicas, a morte de Nero, e o “ano dos quatro imperadores”. Aquela foi uma década em que Roma não parecia estar no controle firme de seu Império. Portanto, se qualquer um dos aliados de Roma tivessem dúvidas de que seriam dissuadidos no seu compromisso de apoiar a Roma nesta guerra, em seguida, esses espíritos de demônios (16:14), estas rãs (16:13), foram adiante realizando sinais (16:14), que produziram a lealdade e o compromisso necessários para que um grande exército fosse a campo em Jerusalém. A frase, os reis do mundo inteiro (16:14), é uma referência a todo o mundo romano, o mundo que eles conheciam”.¹²

“...a batalha do grande dia do Deus todo-poderoso”.

O significado desta frase é o equivalente a frase “*o dia do Senhor*” encontrada no Antigo Testamento. É possível encontrar essa frase em

várias partes do Velho Testamento e ela significa um dia mau de castigo:

“Ah! Que dia! O dia do SENHOR está perto, e vem como força destruidora da parte do Todo-poderoso”. (Joel 1.15)

O apóstolo Pedro cita esta passagem em Atos 2.14-21:

“Então, pondo-se em pé com os onze, Pedro tomou a palavra e disse-lhes: Homens judeus e todos os que habitais em Jerusalém, que isto fique claro para vós; escutai as minhas palavras:

Estes homens não estão embriagados, como pensais, visto que é apenas a terceira hora do dia.

Mas isto é o que havia sido falado pelo profeta Joel:

E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre todas as pessoas; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos jovens terão visões, os vossos velhos terão sonhos; e naqueles dias derramarei do meu Espírito sobre os meus servos e sobre as minhas servas, e eles profetizarão.

E mostrarei feitos extraordinários em cima, no céu, e sinais embaixo, na terra, e sangue, fogo e vapor de fumaça.

O sol se transformará em trevas, e a lua, em sangue, antes que venha o grande e glorioso dia do Senhor.

E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.

A parte que diz *“e acontecerá nos últimos dias”* é interpretada atualmente por muitos como algo que ainda terá um futuro cumprimento (ou duplo cumprimento da profecia). O problema é que a profecia de Joel diz que o derramamento do Espírito de Deus só seria cumprido quando chegassem os *“últimos dias”*, e Pedro vê o dia de Pentecostes como um cumprimento preciso dessa profecia. Para mais informações sobre a profecia de Joel e o significado exato de *“últimos dias”*, leia no final da página 233 deste Comentário a citação que faço do autor Frank Brito.

Eu venho como ladrão... Armagedom...

“(Eu venho como ladrão. Bem-aventurado aquele que está alerta e tem consigo suas vestes, para que não ande nu e não se veja a sua nudez.)” (Apocalipse 16.15)

Temos aqui uma interrupção no trabalho dos espíritos imundos. É um alerta de Jesus para os seus. Depois da ascensão de Jesus aos céus, num período de quarenta anos, os servos de Cristo têm convidado os habitantes da Judéia para a festa de casamento do Mestre. Isto foi precisamente descrito na “Parábola da festa de casamento”. Veja o que o texto diz e como ele se enquadra perfeitamente naquela geração do primeiro século da era cristã:

*“Então Jesus voltou a lhes falar por meio de parábolas, dizendo:
O reino do céu é semelhante a um rei que celebrou o casamento de seu filho.*

E enviou seus servos para chamar os convidados para a festa de casamento, mas estes não quiseram vir.

Depois enviou outros servos, ordenando: Dizei aos convidados: Meu banquete já está preparado; meus melhores bois e novilhos já foram abatidos, e tudo está pronto. Vinde para o casamento.

Eles, porém, fizeram pouco caso do convite e foram um para o seu campo, outro para os seus negócios; e os outros, agarrando os servos, maltrataram-nos e os mataram.

Mas o rei ficou furioso e, enviando seus exércitos, destruiu aqueles homicidas e incendiou a cidade deles”.

(Mateus 22.1-7 – o grifo é meu)

Essa “vinda” em julgamento que ocorreu no primeiro século da era cristã, era descrita como “breve” (Mateus 24.42; Lucas 21.36). Os primeiros cristãos entenderam perfeitamente a mensagem e esperavam o retorno de Jesus naqueles dias. Eles sabiam que aquela geração não iria passar sem que tudo fosse cumprido. Como sempre tenho alertado, o que eles esperavam não era a Segunda Vinda no fim da história. A

segunda vinda foi descrita em um número escasso de passagens, porque aquele povo tinha uma orientação voltada para o presente. Para eles o que interessava era o que iria acontecer no tempo presente. O futuro era visto como o último caso a ser pensado.

“Bem-aventurado aquele que está alerta e tem consigo suas vestes, para que não ande nu e não se veja a sua nudez.”

A imagem aqui em questão descreve a punição aplicada aos guardas do Templo em Jerusalém. Aprendemos com a história que quando os guardas eram encontrados dormindo em seus postos, a punição era ter suas roupas incendiadas pelo capitão do templo. “Alfred Edersheim apresenta a seguinte descrição acerca da rígida disciplina em que trabalhava a guarda do templo: “Durante a noite ‘o comandante do templo’ fazia suas rondas. Ao aproximar-se, os guardas deviam ficar em posição de sentido e saudá-lo de uma determinada maneira. Qualquer guarda que fosse encontrado dormindo enquanto estava de serviço era espancado ou então tinha suas roupas incendiadas como punição algo que, como sabemos, de fato era aplicado. Daí a advertência a nós que, por assim dizer, estamos aqui como guardas do templo: ‘Bem-aventurado aquele que vigia e guarda as suas vestes’ (Apocalipse 16:15)”¹³

Ter consigo ou guardar as vestes “indica a pureza dos fiéis, que “não contaminaram as suas vestiduras e andarão de branco” (3:4; cf. Tiago 1:27). A nudez, por outro lado, mostra a impureza de pessoas despreparadas, como a igreja em Laodicéia (3:17). Quando Adão perdeu a sua inocência e ouviu a voz de Deus no jardim, ele se escondeu porque estava nu e envergonhado (Gênesis 3:8-10). A nudez representa a vergonha, especialmente a vergonha de castigo (Ezequiel 16:36-37; Oséias 2:9-10; Miquéias 1:1; Naum 3:5)”¹⁴

“Eles os reuniram no lugar que em hebraico se chama Armagedom”. (Apocalipse 16.16)

Aqui é o único lugar em toda a Bíblia que encontramos uma referência ao Armagedom. “A batalha não acontece no capítulo 16. Teremos que esperar até o capítulo 19 para ver o resultado desta

guerra. No momento, o Senhor quer mostrar o lugar da batalha – Armagedom. Esta palavra aparece somente aqui, mas o próprio versículo diz que ela é de origem hebraica. A palavra significa “monte de Megido” ou “cidade de Megido”, e nos lembra do significado da região de Megido em batalhas decisivas do Antigo Testamento. Foi o local da vitória de Israel sobre Jabim e Sísera (Juízes 4 e 5, especialmente 5:19). Josias morreu da ferida que sofreu na batalha contra Neco, rei do Egito, no vale de Megido (2 Crônicas 35:22-24). Outras batalhas na região de Jezreel e Megido incluem: a vitória de Gideão sobre os midianitas (Juízes 7); a batalha final de Saul contra os filisteus (1 Samuel 31). Quando Jeú, encarregado com a exterminação da casa de Acabe, mandou matar Acazias, rei de Judá, este morreu em Megido (2 Reis 9:27). Armagedom, então, representa um lugar de julgamento e de batalhas decisivas. Certamente, Deus julgará e aplicará a sua justiça!”¹⁵

Além de julgamento e batalhas decisivas, Armagedom ficou conhecido na consciência de Israel como lugar de dor e tristeza. Sofrimento este que viria novamente por terem a rejeitado a Cristo conforme descrito nas seguinte passagens:

“Ele vem com as nuvens, e todo olho o verá, até mesmo aqueles que o traspassaram, e todas as tribos da terra se lamentarão por causa dele. Sim. Amém”. (Apocalipse 1.7)

“Mas derramarei o espírito de graça e de súplicas sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém; eles olharão para aquele a quem traspassaram e o prantearão como quem pranteia por seu único filho; e chorarão amargamente por ele, como se chora pelo primogênito.

Muitos chorarão em Jerusalém naquele dia, como o pranto de Hadade-Rimom no vale de Megido.

Todas as famílias da terra prantearão em separado: a família de Davi e suas mulheres; a família de Natã e suas mulheres...”.

(Zacarias 12.10-12)

O Sétimo Anjo Derrama sua Taça no Ar

“O sétimo anjo derramou sua taça no ar; e do santuário saiu uma alta voz, vinda do trono, que dizia: Está feito”. (Apocalipse 16.17)

Pelo fato da voz vir do “trono”, refere-se que o próprio Deus está dizendo que a destruição está realmente concretizada. “O anúncio: “Está feito!” (v. 17) nos leva ao ápice longo-antecipado do que parecia um fluxo interminável de decisões”.¹⁶ A sétima taça nos remete ao sétimo selo. Ambos foram as últimas pragas. Temos, assim, então, a natureza cíclica dos julgamentos do Apocalipse.

“Houve relâmpagos, estrondos e trovões; houve também um grande terremoto, tão forte como nunca havia ocorrido desde que o homem existe sobre a terra”. (Apocalipse 16.18)

“Há uma tendência por parte de muitas pessoas de entender expressões proverbiais de forma literal. Mas, da mesma maneira que falamos do “melhor dia da minha vida” ou dizemos “eu nunca vi nada igual”, a Bíblia também emprega provérbios que não devem ser interpretados literalmente. Podemos ilustrar a linguagem proverbial comparando duas afirmações sobre Jerusalém. Deus falou da destruição de Jerusalém em 586 a.C. nestas palavras: “*Executarei juízos no meio de ti, à vista das nações. Farei contigo o que nunca fiz e o que jamais farei, por causa de todas as tuas abominações*” (Ezequiel 5:8-9). Literalmente nunca fez e jamais faria coisa igual? Não! O próprio Jesus falou da mesma cidade 600 anos depois, e disse: “*Porque nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido e nem haverá jamais*” (Mateus 24:21).

Se Ezequiel e Jesus falassem literalmente, as suas palavras se contradiriam. Mas são expressões proverbiais. Não precisamos procurar a maior tribulação da história para acreditar e entender as palavras de Ezequiel e as de Jesus, e não precisamos procurar o pior

terremoto da história para acreditar na profecia da sétima taça. Nem precisamos de um terremoto literal para entender o ponto. Mas não devemos diluir a mensagem e perder o impacto”.¹⁷

Deus usou através do profeta Isaías a ilustração de um terremoto para referir-se a destruição que sobre Jerusalém em sua primeira destruição em 586 a.C.:

“Ela será visitada pelo SENHOR dos Exércitos com trovões, terremotos e grande ruído; com tufão, tempestade e labareda de fogo devorador”. Isaías 29.6

“É claro que não houve nenhum terremoto real durante este período. Mas isso não era necessário. Não foi um terremoto real que Deus estava aqui ameaçando. É a linguagem estilizada referindo-se à destruição vindoura sobre Jerusalém”.¹⁸

O profeta Ezequiel faz o mesmo tipo de referência:

“Pois, no meu zelo e no meu grande furor, eu disse que naquele dia haveria um grande terremoto na terra de Israel; de modo que os peixes do mar, as aves do céu, os animais do campo e todos os seres que se arrastam sobre a terra tremerão diante de mim, bem como todos os homens que estão sobre a face da terra; e os montes serão deitados abaixo, e os precipícios se desfarão, e todos os muros desabarão”.

(Ezequiel 38.19-20)

“O terremoto é o símbolo da revolução, ao sacudir as nações em seus vários lugares. É a figura das agitações, revoltas, resultando nas revoluções e guerras... É o símbolo do juízo divino sobre as nações que perseguem a causa do Cordeiro”.¹⁹ “Um terremoto é um retrato da palavra profética para a vinda em destruição de uma sociedade. Esse é o caso aqui; Jerusalém é destruída. O mundo chegou ao fim para os habitantes de Jerusalém e da Judéia”.²⁰

O autor de Hebreus previu esse “terremoto” ao dizer que Israel pertencera à classe de “*coisas que podem ser abaladas*” dando lugar a igreja que pertence às coisas que permanecem “*inabaláveis*”:

“Ora, estas palavras “Ainda uma vez” apontam para a remoção de coisas que podem ser abaladas, ou seja, as coisas criadas, para que permaneçam as inabaláveis.

Por isso, recebendo um reino inabalável, sejamos gratos e, dessa forma, adoremos a Deus de forma que lhe seja agradável, com reverência e temor; pois o nosso Deus é fogo que consome”.

(Hebreus 12.27-29)

“A grande cidade partiu-se em três, e as cidades das nações caíram; Deus lembrou-se da grande Babilônia e lhe deu o cálice do vinho do furor da sua ira”. (Apocalipse 16.19)

“A divisão em três partes enfatiza a derrota total da grande cidade. Ezequiel dividiu a cidade de Jerusalém, simbolicamente, em três partes, para mostrar a destruição total dela (Ezequiel 5:1-4)”.²¹

“A declaração de que a grande cidade foi dividida em três partes, pode referir-se aos métodos utilizados por Tito na destruição de Jerusalém; quebrando a cidade em lugares diferentes e cortando os rebeldes em três partes. Ou, possivelmente, refere-se às divisões internas dentro da cidade durante a guerra. Isso se refere à divisão em três facções, que se tornou algo agudo após o regresso de Tito. Enquanto Tito estava cercando-a de fora, os três líderes das facções rivais lutavam ferozmente dentro da cidade...”²²

“...e as cidades das nações caíram; Deus lembrou-se da grande Babilônia e lhe deu o cálice do vinho do furor da sua ira”.

Como estudamos exaustivamente neste comentário, sabemos que estamos aqui diante de eventos que aconteceram no primeiro século da era cristã, no ano 70 d.C., mais especificamente. O foco em questão é a destruição de Jerusalém. Mas, como explicar que “*as cidades das nações*” também “*caíram*”? Os fatos aqui se explicam da mesma

maneira que se explica como as “ilhas” e “montanhas” são removidas - conforme veremos no próximo versículo.

Para entendermos melhor, vamos ler mais uma vez o texto de Hebreus 12.27-29:

“Ora, estas palavras "Ainda uma vez" apontam para a remoção de coisas que podem ser abaladas, ou seja, as coisas criadas, para que permaneçam as inabaláveis.

Por isso, recebendo um reino inabalável, sejamos gratos e, dessa forma, adoremos a Deus de forma que lhe seja agradável, com reverência e temor; pois o nosso Deus é fogo que consome”.

“As cidades do mundo antigo eram cidades-estados ou cidades-reinos. Aqui em Hebreus o autor fala sobre um reino que não pode ser abalado, ou seja, a nova Jerusalém. Esta cidade torna-se em evidência sobre aquelas que podem ser abaladas. Os reinos e cidades deste mundo podem ser abalados e eles de fato cairão. Não só a velha Jerusalém caiu na presença do reino eterno de Deus, mas o mesmo acontece com todas as cidades-estados, reinos, ilhas e montanhas deste mundo. A nova Jerusalém não pode ser abalada e, portanto, não cai”.²³

Sobre a “*grande babilônia*” veremos detalhadamente no comentário do capítulo 17 de Apocalipse.

“Todas as ilhas fugiram, e os montes desapareceram”.

(Apocalipse 16.20)

Alguns dispensacionalistas interpretam este versículo literalmente. Mas veja a contradição deles. Se os montes e ilhas desaparecem aqui, devemos lembrar que temos mais história pela frente, são mais seis capítulos ainda para o Apocalipse ser concluído. Diante de uma catástrofe literal desse tipo, como poderíamos ter mais história pela frente? Seria a aniquilação total do mundo! Hank Hanegraaff que é um apologista cristão e crítico do dispensacionalismo, nos mostra que o pior dessa interpretação literal dos dispensacionalistas é que eles dizem que no final “Jesus regressa com sua noiva vestida de branco. Toca o monte das Oliveiras e a montanha é dividida ao meio (provavelmente ela não tinha sido removida juntamente com todas as

outras montanhas e ilhas)”.²⁴ Realmente fica difícil entender literalmente a fuga e desaparecimento de montes e ilhas do ponto de vista literal!

Agora, voltando ao simbolismo da passagem, ela nos mostra a completa destruição de Israel. Quando Jeremias profetizou a futura destruição de Judá por Babilônia, ele usou linguagem semelhante:

“Olhei para a terra, e ela era sem forma e vazia; também para o céu, e não tinha a sua luz.

Olhei para os montes, e eles estavam tremendo; todas as colinas estremeciam.

Olhei, não havia homem algum, e todas as aves do céu haviam fugido.

Vi também que a terra fértil era um deserto, e todas as suas cidades estavam arrasadas diante do SENHOR, por causa do furor da sua ira”.

(Jeremias 4: 23-26)

“Essas figuras de linguagem não descrevem ilhas e montanhas literais, mas descrevem a destruição de um povo e de uma cultura, destruição tão absolutamente completa que a analogia mais próxima que [o profeta] pode imaginar é o nivelamento da própria criação”.²⁵

“E do céu caiu sobre os homens um pesado granizo; as pedras pesavam quase um talento; e os homens blasfemaram contra Deus por causa da praga de granizo, pois sua praga era destruidora”.

(Apocalipse 16.21)

Muito provavelmente João fez referência as catapultas romanas. “Josefo dá conta de pedras lançadas por máquinas de guerra romanas que pesavam um talento ou cerca de 40 quilos”.²⁶

Diz a história que “quanto aos judeus, eles a princípio assistiam a vinda das pedras, pois eram de cor branca, e poderiam, portanto, não só percebê-las pelo grande barulho que faziam, mas poderiam serem vistas por seu brilho antes que viessem. Os vigias que estavam assentados sobre as torres, notificavam quando a máquina lançava, e quando a pedra vinha, gritavam em voz alta na sua própria língua:

“Vem FILHO”.²⁷ Por isto, alguns conseguiam escapar das pedras jogando-se no chão. “Mas os romanos inventaram como se prevenir disso apenas enegrecendo a pedra, que então poderia ser apontada para eles com sucesso, e assim, a pedra não era percebida de antemão, como tinha sido até então; e assim eles destruíram muitos deles em um só golpe”.²⁸

Philip Carrington diz que “uma característica notável do cerco de Jerusalém era a artilharia; uma nova espécie de catapulta foi usada que lançava enormes blocos de pedra calcária branca que pesavam cerca de um talento”.²⁹

Talvez, alguém pergunte: *“Porque, nesse versículo, as “pedras” foram interpretadas literalmente ao passo que os “montes e ilhas” do versículo 20 não foram assim interpretados?”*

De certo modo, as “pedras” desse granizo não foram interpretadas literalmente. Seria se fosse dito que elas caíram direto do céu, quer alegando que seriam meteoros, quer afirmando que seria uma chuva natural de granizo. Todavia, João usou a imagem simbólica do granizo para descrever o terrível sofrimento dos judeus rebeldes. O que há por trás do simbolismo – e para mim não há dúvidas – é que essas pedras são as das catapultas romanas. Não há problema algum contra a simbologia se até mesmo o peso das pedras coincidiu com a munição das catapultas romanas.

O Apocalipse é um livro altamente simbólico conforme tenho falado várias vezes neste comentário. Conforme já vimos exaustivamente é fato comprovado e incontestável que os acontecimentos do Apocalipse aconteceram no primeiro século da era cristã. Não dá para dizer o contrário diante de tantas evidências dentro e fora do livro do Apocalipse encontradas em outros livros do Novo e Velho Testamentos.

Aí vem uma questão para se refletir, pois até que ponto **TUDO** o que há no Apocalipse deve ser tratado simbolicamente? Por exemplo, quando se fala a palavra “Jesus” devemos entendê-la como simbólica ou como a Pessoa real de Jesus? É claro que a palavra “Jesus” não é simbólica, mas trata-se de sua própria Pessoa. Não dá para ver Jesus no Apocalipse e pensar que essa palavra seja um simbolismo que venha a significar outra coisa. Sendo o caso do uso da palavra

“*Cordeiro*” em referência a Cristo, trata-se então de um simbolismo que por trás dele encontramos o literal, o Cristo. Quando lemos a palavra “homens” no Apocalipse, logo, é natural que a interpretemos como seres humanos literais.

Por isto, devemos ter muito cuidado na interpretação dos simbolismos, pois nem **TUDO** deve ser tratado simbolicamente. Têm coisas que são óbvias demais para serem tratadas literalmente, mas há outros pequenos detalhes insignificantes que devem ser tratados literalmente. Eu sei muito bem que os maus professores usam os pequenos detalhes para tentar desacreditar e criar caso contra a interpretação preterista da profecia. Só que em compensação eles rejeitam sempre o principal que é aquilo que está claro nas palavras de Jesus.

“...e os homens blasfemaram contra Deus por causa da praga de granizo, pois sua praga era destruidora”.

Sobre essas blasfêmias, temos aqui algo interessante historicamente falando. Vimos acima que quando as pedras eram lançadas das catapultas romanas, os sentinelas judeus diziam: “Vem FILHO”.

Stuart Russell escreveu algo interessante sobre essa frase:

“Não podia deixar de ser bem conhecido entre os judeus que a grande esperança e fé dos cristãos era a vinda rápida do Filho. Foi nessa mesma época, de acordo com Hegesippus, que São Tiago, o irmão de nosso Senhor, testemunhou publicamente no templo que “o Filho do homem estava prestes a vir sobre as nuvens do céu”, e depois selou seu testemunho com o seu sangue. Parece altamente provável que os judeus, em sua blasfêmia desafiante e desesperada, quando viram a massa branca voando pelo ar, levantaram o grito irreverente, ‘O Filho está chegando’, em paródia da esperança cristã da Parousia [vinda], a que eles podem traçar uma semelhança ridícula na aparência estranha do projétil”.³⁰

Conclusão deste Capítulo:

Como tenho afirmado várias vezes neste comentário, tudo quanto aconteceu com Israel naqueles dias é sinal de que a nação foi objeto das maldições da aliança, conforme veremos a seguir:

“Se não tiveres o cuidado de guardar todas as palavras desta lei, que estão escritas neste livro, para temer o nome glorioso e temível do SENHOR, teu Deus; então o SENHOR fará com que tuas pragas e as de tua descendência sejam impressionantes, grandes e duradouras, enfermidades malignas e prolongadas.

E fará virem sobre ti todos os males do Egito, dos quais tiveste medo; e eles te atingirão.

Também o SENHOR fará vir sobre ti toda enfermidade e toda praga que não está escrita no livro desta lei, até que sejas destruído.

Assim vos tornareis poucos em número, depois de terdes sido uma multidão como as estrelas do céu, porque não deste ouvidos à voz do SENHOR, teu Deus.

E acontecerá que, assim como o SENHOR tinha prazer em vos fazer o bem e multiplicar-vos, ele terá prazer em vos destruir e em vos consumir; e sereis desarraigados da terra na qual estais entrando para possuir”.

(Deuteronômio 28.58-63)

Introdução

Neste capítulo vamos estudar sobre uma das grandes figuras mais faladas do Apocalipse: *a Grande Meretriz ou a Grande Prostituta*. Quem seria a grande meretriz? Roma ou Jerusalém? A igreja Católica Apostólica Romana? Ou seria esse símbolo uma representação de toda a religião falsa? As mais variadas interpretações oferecem seus argumentos. Vou me basear em evidências bíblicas, históricas e como um expositor bíblico disse, devemos rejeitar “explicações que contradizem o próprio livro, mesmo quando tais explicações sejam populares e muito difundidas”.¹ No tocante a interpretação, devemos sempre lembrar que no Apocalipse estamos diante de eventos que ocorreram no primeiro século da era cristã. Exhaustivamente tenho repetido que o Senhor Jesus Cristo foi claro sobre a questão do tempo do cumprimento do Apocalipse.

Ele disse:

“Em verdade vos digo que esta geração não passará sem que todas essas coisas aconteçam”.

(Mateus 24.34)

Portanto, uma vez que a maior parte do Apocalipse se cumpriu no primeiro século da era cristã, logo, toda possível candidata a grande meretriz em qualquer época do mundo, cai por terra. Assim, cai por terra a ideia de que a igreja Católica seja a grande meretriz, bem como qualquer outro sistema religioso mundial. Isto não indica que não haja heresias em grandes sistemas religiosos mundiais atualmente. Pelo contrário, devemos continuar a combater e defender a fé que uma vez foi dada aos santos. Como boa parte do Apocalipse se cumpriu no

primeiro século da era cristã, sobra apenas como possíveis candidatas a meretriz as cidades de Roma e Jerusalém.

A Babilônia (a prostituta) e a nova Jerusalém (a noiva) “são as duas grandes figuras na parte final do Apocalipse. Uma deve ser derrubada antes que a outra possa aparecer em toda sua glória. Os capítulos 17 e 18 nos dão maiores detalhes sobre a destruição da prostituta. O capítulo 19 nos apresenta a nova noiva e a ceia das bodas do Cordeiro”.²

Capítulo 17 _____

A Visão da Grande Meretriz Montada sobre a Besta

“Um dos sete anjos que traziam as sete taças veio e me falou: Vem, eu te mostrarei a condenação da grande prostituta que está assentada sobre muitas águas”. (Apocalipse 17.1)

A palavra “condenação” é κρίμα (krima). Esta palavra “pode significar ação judicial, julgamento, sentença judicial, ou sentença de condenação”.³ “Na verdade, Israel está enfrentando aqui [no Apocalipse] o resultado de um processo judicial de Deus contra ele e sua prostituição. Ele foi considerado culpado e a sentença de condenação agora está sendo exercida”.⁴

Para saber a real identidade da meretriz vamos dar foco a palavra “prostituta” conforme sugere um expositor bíblico. Observe o que os profetas escreveram sobre o tema:

“Ah, como a cidade fiel se tornou prostituta! Ela, que estava cheia de retidão! A justiça habitava nela, mas agora habitam homicidas”.
(Isaías 1.21)

“Mas chegai-vos aqui, filhos da adivinha, linhagem do adúltero e da prostituta”. (Isaías 57.3)

“Já há muito quebrei o teu jugo, rompi as tuas cordas, e disseste: Não servirei! Contudo, em todo monte elevado e debaixo de toda árvore frondosa te deitaste, prostituindo-te”. (Jeremias 2.20)

Todas essas passagens referem-se a Israel e Jerusalém como prostituta. Por terem “rejeitado ao Cristo de Deus, Jerusalém e Judá eram, portanto, culpados da apostasia mais criminal, e são apropriadamente chamados de a grande prostituta”.⁵

“...da grande prostituta que está assentada sobre muitas águas”.

O significado desta frase é revelado no versículo 15, onde se lê:

“E disse-me ainda: As águas que viste, onde se assenta a prostituta, são povos, multidões, nações e línguas”.

Temos aqui um ponto forte na interpretação. Tudo parece indicar que a antiga Roma seja a grande meretriz, uma vez que ela governou sobre muitas nações, povos, multidões e línguas, chegando ao ponto de influenciar até mesmo a religião local de cada nação. Por outro lado, é verdade que também podemos entender no sentido espiritual e religioso. Sendo assim, Jerusalém também se enquadra em seu domínio e influência religiosa em todo o Império Romano ao ponto de podermos dizer que ela se assentava sobre “*muitas águas*”.

Em Atos capítulo 2 há a descrição desse fato:

“Como, então, cada um de nós os ouve falar em nossa língua materna?”

Partos, medos e elamitas, habitantes da Mesopotâmia, da Judeia e da Capadócia, do Ponto e da Ásia, da Frígia e da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia próximas a Cirene, e romanos aqui residentes, tanto judeus como convertidos ao judaísmo, cretenses e árabes, todos nós os ouvimos falar das grandezas de Deus em nossa própria língua”. (Atos 2.8-11)

Temos aqui a extensão da imigração judaica em todo o mundo romano. “O período romano-helenístico é caracterizado por um aumento no número de judeus em todo o mundo civilizado. Centenas de milhares de judeus viviam na Babilônia, Síria, Chipre, Ásia Menor, Egito, Cyreica, as ilhas do Dodecaneso, Grécia e Itália. O seu número cresceu de geração em geração pelo efeito combinado do aumento natural, a migração da Palestina e conversões para o Judaísmo, que

atingiu proporções recordes durante a geração anterior à destruição do Templo”.⁶

“Os reis da terra se prostituíram com ela, e os seus habitantes se embriagaram com o vinho da sua prostituição”. (Apocalipse 17.2)

Exaustivamente tenho demonstrado neste comentário que o uso da palavra “terra” no mundo antigo (principalmente no Apocalipse), é limitado a nação de Israel, enquanto que as nações gentílicas são chamadas de “mar”. Ralph E. Bass, Jr. acertadamente escreveu que “se alguém fosse ler a palavra “terra” como [que significando] mundo inteiro [...], então, não há realmente uma medida internacional e influência realizada por Israel sobre os reis da terra”.⁷

O historiador judeu Flávio Josefo nos dá uma ideia da extensão das terras que os judeus governaram dizendo que esse governo vinha de Jerusalém:

“A Cidade real de Jerusalém era a suprema, e presidiu todo o país vizinho, como a cabeça faz com o corpo. Quanto às outras cidades que eram inferiores a ela, que presidiu as suas várias toparchies; Gofna foi a segunda dessas cidades, e próximo a Acrabatta, depois deles Timna, e Lida, e Emaús, e Pella, e Edom, e Engaddi, e Herodium, e Jericó; e depois delas veio Jâmnia, e Joppa, como presidindo as populações vizinhas; e para além destes, houve a região de Gamala, e Gaulanitis, e Batanea, e Trachonitis, que também são partes do reino de Agripa. Este último estado começa no Monte Líbano, e as fontes de Jordânia, e atinge transversalmente ao lago de Tiberíades; e de comprimento é prorrogado a partir de uma aldeia chamada Arpha, tanto quanto Julias”.⁸

A palavra “toparchies” que vimos no texto de Josefo é plural de toparchy. Uma toparchy “é um pequeno estado, que consiste em algumas cidades. A Judéia era anteriormente dividida em dez toparchies”.⁹

Philo acrescenta informações valiosas sobre este assunto:

“No que diz respeito à cidade santa, devo agora dizer o que é necessário. Ela, como eu já disse, é o meu país natal, e a metrópole

não só de um país da Judéia, mas também de muitos, por motivo das colônias que enviou para fora de vez em quando para os distritos limítrofes do Egito, Fenícia, Síria, em geral, e especialmente a parte dela que é chamada Coelo-Svria e também com as regiões mais distantes da Panfília, Cilícia, a maior parte da Ásia Menor, tanto quanto Bitínia, e os cantos mais afastados de Pontus. E da mesma maneira na Europa, em Tessália, e Beócia, e da Macedônia, e Aetolia e Attica, e Argus, e Corinto e todos os distritos mais férteis e ricos do Peloponeso, e não são apenas os continentes cheios de colônias judaicas, mas também todas as ilhas mais célebres são tão demasiadas; tais como Eubéia, e Chipre, e Creta. Eu não digo nada dos países além do Eufrates, para todos eles, exceto uma porção muito pequena, e Babilônia, e todos os satrapias ao redor, que têm vantagens de qualquer que seja solo ou clima, possuem judeus que se instalaram nelas.

Assim que se minha terra natal tem, se assim razoavelmente pode ser encarado, como direito a uma parte em seu favor que não é uma cidade única que passaria então a ser beneficiada por você, **mas dez mil delas em todas as regiões do mundo habitável**, na Europa, na Ásia e na África, no continente, nas ilhas, nas costas e nas partes interiores e corresponde bem à grandeza de sua boa fortuna, que, ao conferir benefícios em uma cidade, você também deve beneficiar dez mil outros, de modo que sua reputação pode ser celebrada em todas as partes do mundo habitável, e muitos elogios de que você pode ser combinada com ação de graças”.¹⁰

Se a leitura da palavra “terra” for feita de acordo com o contexto de Apocalipse – o que é o certo – deve-se reconhecer, então, que a grande prostituta (Jerusalém) se prostituiu com os reis da terra. Estes reis podem ser também os reis que Israel teve no decorrer de sua história. Por diversas vezes na história de Israel seus reis foram destruídos e exilados por causa de sua prostituição (infidelidade) contra Deus.

A nação judaica também se prostituiu ou em outras palavras “*foi para a cama*” com os reis da terra quando planejaram o assassinato do Senhor Jesus Cristo. “Os saduceus, e aqueles que controlavam o sacerdócio, estavam muito dispostos a trabalhar de mãos dadas com

Roma e assassinar Cristo, se é isso o que seria necessário para garantir a sua posição, poder e prestígio”.¹¹

Em João 11.50 fala sobre isso:

“Nem considerais que é melhor para vós que morra um só homem pelo povo e que não pereça a nação toda”.

A população de Israel cometeu fornicção com os reis de Israel. Os sacerdotes, levitas e toda cúpula judaica em Jerusalém cometeram atos de fornicção. A história do Antigo Testamento mostra que diversas vezes os reis de Israel seguiram a Baal em vez de Javé. Temos como exemplo mais terrível o rei Manassés (2º Crônicas 33.1-9).

Embora fosse uma prostituta também, não podemos dizer que aqui em Apocalipse 17 a grande meretriz seja Roma, pois “fornicar, ser uma prostituta, ‘é frequentemente usado em sentido figurado de comportamento infiel de Israel para com o Senhor [...] Isto é baseado na analogia de contratos de casamento da aliança entre o Senhor e Israel...’”.¹² Com efeito, se é a relação de aliança com o Senhor que faz de Israel seu povo especial, sua noiva, como poderia uma nação não israelita ser chamado de “prostituta”, exceto em um sentido muito menos preciso? É o pacto que torna a noiva, e a quebra dele a torna adúltera”.¹³

“Então, ele me levou em espírito até um deserto, e vi uma mulher montada sobre uma besta vermelha, que estava cheia de nomes de blasfêmia e tinha sete cabeças e dez chifres”. (Apocalipse 17.3)

O local da mulher era o deserto. Isto nos remete diretamente ao livro do profeta Oséias que diz:

“Repreendei vossa mãe, repreendei; porque ela não é minha mulher e eu não sou seu marido; para que ela afaste a marca da sua infidelidade do rosto e os seus adultérios de entre os seus seios; caso contrário eu a deixarei despida como no dia em que nasceu, farei dela um deserto; eu a tornarei como uma terra seca e a matarei de sede”.

(Oséias 2.2-3)

Temos, então, uma semelhança. Tanto a mulher de Apocalipse 17 bem como Israel no Velho Testamento, ambos se encontram no deserto e na mesma situação de prostituição.

“...e vi uma mulher montada sobre uma besta vermelha, que estava cheia de nomes de blasfêmia e tinha sete cabeças e dez chifres”.

A besta indicada aqui é Roma conforme já estudamos no capítulo 13 de Apocalipse. *“Vi subir do mar uma besta com dez chifres e sete cabeças, e sobre os chifres havia dez coroas, e sobre as cabeças trazia nomes de blasfêmia”.* (Apocalipse 13.1)

Uma vez que a mulher estava montada sobre a besta e a besta era Roma, logo, Roma não poderia ser a mulher prostituta ao mesmo tempo. Roma não estaria montada em si mesma. O fato de estar *“montada”* sobre a besta não indica que a mulher (Jerusalém) esteja numa posição superior a Roma. Pelo contrário, simboliza que ela é dependente de Roma para ser carregada, e por isto, estar *‘montada’* na besta significa que Jerusalém usava Roma para cumprir seus propósitos. Um de seus propósitos era garantir o poder e prestígio custe o que custar.

Isto é evidente quando lemos João 11.48 que diz:

“Se o deixarmos em paz, todos crerão nele; então os romanos virão e tirarão tanto o nosso lugar como a nossa nação”.

“No momento em que o Apocalipse estava sendo escrito, o povo judeu havia sido dependente de Roma para sua existência nacional fazia pelo menos uns cem anos, e é por esta razão que se diz que ela estava sentada sobre uma besta escarlate...”¹⁴

O historiador judeu Flávio Josefo referiu-se sobre essa dependência de Roma ao escrever sobre “todas as honras que os romanos e seu imperador pagou à nossa nação, e das ligas de assistência mútua que fizeram com ele...”¹⁵

“A mulher estava vestida de púrpura e de vermelho, enfeitada de ouro, pedras preciosas e pérolas; e segurava na mão um cálice de ouro, cheio das abominações e da imundícia da prostituição...”

(Apocalipse 17.4)

Temos aqui mais uma prova de que a prostituta é a antiga Jerusalém. Segundo Ralph E. Bass Jr. “à imagem é das peças de vestuário e adornos do sumo sacerdote. A Escritura fala das vestes sacerdotais, desta forma... Além disso, a partir do material azul, roxo e escarlate, eles fizeram vestuários de tecidos finos para ministrar no lugar santo, bem como as vestes sagradas para Arão, que foram, assim como o Senhor lhe ordenara”.¹⁶

“Fizeram as vestes litúrgicas para ministrar no lugar santo, e as vestes sagradas para Arão, de tecido azul, púrpura e carmesim, conforme o SENHOR havia ordenado a Moisés.

O colete sacerdotal foi feito de ouro, de tecido azul, púrpura e carmesim, de linho fino torcido.

Bateram o ouro em lâminas finas, que foram cortadas em fios, para entretecê-lo no tecido azul, na púrpura, no carmesim e no linho fino, obra artesanal”. (Êxodo 39.1-3)

“...enfeitada de ouro, pedras preciosas e pérolas...”

Este enfeite soa “como uma perversão do peitoral do sumo sacerdote”.¹⁷

“O peitoral também era obra artesanal, semelhante ao colete sacerdotal, feito de ouro, de tecido azul, púrpura e carmesim, de linho fino torcido.

E fizeram o peitoral, quadrado e dobrado. O seu comprimento e a sua largura eram de um palmo.

Nele foram engastadas quatro fileiras de pedras: a primeira era de um rubi, um topázio e uma esmeralda; a segunda fileira era de uma turquesa, uma safira e um ônix; a terceira era de um jacinto, uma ágata e uma ametista; e a quarta fileira era de uma crisólita, um berilo e um jaspe; todas colocadas nos seus engastes de ouro”.

(Êxodo 39.8-13)

“...e segurava na mão um cálice de ouro, cheio das abominações e da imundícia da prostituição...”

Temos aqui uma referência clara as autoridades de Israel. Jesus os havia denunciado antes:

“Assim sois vós: por fora pareceis justos aos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e maldade”. (Mateus 23.28)

As imagens usadas por João para descrever a grande meretriz foram tiradas do Antigo Testamento. O profeta Ezequiel falou sobre a embriaguez de Jerusalém:

“Estarás repleta de embriaguez e de dor, do cálice de pavor e de assolação, do cálice de tua irmã Samaria.

Tu o beberás, o esgotarás e o despedaçarás; com os cacos mutilarás teus próprios seios; pois fui eu que falei, diz o SENHOR Deus.

Portanto, assim diz o SENHOR Deus: Como te esqueceste de mim e me deste as costas, também levarás sobre ti a tua luxúria e as tuas prostituições”. (Ezequiel 23.33-35)

O profeta Jeremias descreve babilônia em termos semelhantes em que João descreve Jerusalém:

“A Babilônia era um copo de ouro na mão do SENHOR e embriagava toda a terra; as nações beberam do seu vinho e por isso estão fora de si”. (Jeremias 51.7)

O profeta Zacarias chega ao ponto de dizer que Jerusalém é uma taça que embriaga os povos:

“Farei de Jerusalém uma taça que embriague todos os povos ao redor e também Judá, durante o cerco contra Jerusalém”.

(Zacarias 12.2)

O texto do capítulo 12 de Zacarias refere-se ao cerco contra Jerusalém o qual João descreveu em Apocalipse. Todas essas referências do Antigo Testamento João as emprega para a Jerusalém de seu tempo. J. E. Leonard exemplificou bem quando disse que “para

os leigos o sistema religioso com sede em Jerusalém se parecia como santo e bom, exemplificado pela beleza do templo e suas cerimônias. Mas em seu centro a religião era corrupta, honrava a Deus com seus lábios, mas com um coração distante dele....”¹⁸

“...e na sua testa estava escrito um nome simbólico: A grande Babilônia, mãe das prostituições e das abominações da terra”.

(Apocalipse 17.5)

A expressão “na sua testa” tem muito a nos dizer. Ela nos remete a Jeremias 3.3. Nos tempos de Jeremias Jerusalém estava prostituída com outros deuses. No referido versículo há uma resposta de Deus contra a cidade:

“Pelo que foram retiradas as chuvas, e não houve chuva tardia; mas tu tens a testa de uma prostituta e não queres ter vergonha”.

(Almeida Revista e Corrigida)

“A grande Babilônia, mãe das prostituições e das abominações da terra”.

Poderia Jerusalém ser considerada “a grande”? Sim. O historiador Flávio Josefo refere-se a Jerusalém da seguinte forma:

“Este foi o final que veio a Jerusalém pela loucura dos que estavam por inovações; uma cidade de outra forma de grande magnificência, e de poderosa fama entre toda a humanidade”.¹⁹

“E onde é agora a grande cidade, a metrópole da nação judaica...”²⁰

“Há um povo chamado os judeus que moram em uma cidade mais forte do que todas as outras cidades, que os moradores chamam de Jerusalém...”²¹

“A identificação dessa prostituta com a religião de Israel e seu sumo sacerdote é intensificada com o nome colocado na testa”.²² Na veste sacerdotal “atado a Mitra e sobre a testa do sumo sacerdote estava a Lâmina de Ouro, uma chapa de ouro gravada com os dizeres “SANTIDADE AO SENHOR”²³

Uma vez que a grande meretriz era o símbolo da corrupta religião judaica, logo, em sua testa, ao invés de estar escrito “santidade ao Senhor”, João encontrou **“a grande Babilônia, mãe das prostituições e das abominações da terra”**. Esta é a terceira vez em Apocalipse que encontramos a frase **“a grande Babilônia”** (ver também Apocalipse 14.8; 16.19).

“Vi que a mulher estava embriagada com o sangue dos santos e dos mártires de Jesus. Ao vê-la, fiquei muito espantado”.

(Apocalipse 17.6)

Poderíamos achar aqui um paralelo com a Roma antiga. Afinal, ela derramou muito sangue cristão. Todavia, nas palavras de Jesus, Roma ou qualquer outro império não poderia ser mais acusado de derramar o sangue dos santos do que Jerusalém. Ela é conhecida historicamente por matar e apedrejar os servos de Deus que foram enviados a ela:

“Completai o que vossos pais fizeram.

Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação do inferno?

Portanto, eu vos envio profetas, sábios e mestres; matareis e crucificareis alguns deles; a outros, açoitareis nas vossas sinagogas e os perseguireis de cidade em cidade; para que sobre vós recaia todo sangue justo derramado sobre a terra, desde o sangue do justo Abel até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que matastes entre o santuário e o altar.

Em verdade vos digo: Todas essas coisas virão sobre esta geração.

Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes eu quis ajuntar teus filhos, como a galinha ajunta seus filhotes debaixo das asas, e não quiseste!”

(Mateus 23.32-37)

“Contudo, é necessário caminhar hoje, amanhã e no dia seguinte; porque não convém que um profeta morra fora de Jerusalém”.

(Lucas 13.33)

“Que profeta vossos pais não perseguiram? Mataram até mesmo os que anteriormente anunciaram a vinda do Justo, do qual agora vos tornastes traidores e homicidas”. (Atos 7.52)

Outra questão interessante é que a grande meretriz *“segurava na mão um cálice de ouro, cheio das abominações e da imundícia da prostituição”* e, posteriormente, ela *“estava embriagada com o sangue dos santos e dos mártires de Jesus”*. É a respeito desse cálice limpo por fora e imundo por dentro que Jesus repreendeu as autoridades judaicas de sua época:

“Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Porque limpais o exterior do copo e do prato, mas por dentro estão cheios de roubo e cobiça”.

(Mateus 23.25)

Temo, então, um paralelo impressionante ligando as autoridades judaicas a grande meretriz. Eles de fato eram a grande meretriz!

O Mistério da Mulher e da Besta que a Leva

“Então, o anjo me disse: Por que te espantaste? Eu te direi o mistério da mulher e da besta que a leva, que tem sete cabeças e dez chifres”.

(Apocalipse 17.7)

“Por que te espantaste?” No versículo anterior João disse: *“Ao vê-la, fiquei muito espantado”*. Seguramente, esse espanto de João tem muito a nos dizer sobre a identidade da grande meretriz. Ninguém ficaria espantado com a Roma pagã e suas abominações, bem como ninguém se espantaria com sistemas religiosos reconhecidamente falsos.

O que causa espanto é descobrir que a ovelha não era ovelha, mas lobo em pele de ovelha. Israel considerado como povo eleito de Deus, que recebeu as heranças e a revelação dos mandamentos de Deus, bem

como recebeu os profetas e, por fim, o Cristo, essa nação sim, causaria espanto ao descobrir-se a profundidade de sua maldade historicamente falando.

“A besta que viste era e já não é; todavia está para subir do abismo e irá para a perdição. Os habitantes da terra, cujos nomes não foram escritos no livro da vida desde a fundação do mundo, ficarão admirados quando virem a besta que era e já não é, mas voltará”.

(Apocalipse 17.8)

“A besta que viste era e já não é...”. Isto é uma imitação contra a Pessoa de Cristo. Sobre Jesus se diz algo semelhante:

“João, às sete igrejas que estão na Ásia: Graça a vós e paz da parte daquele **que é, que era e que há de vir**, da parte dos sete espíritos que estão diante do seu trono...”. (Apocalipse 1.4 – o grifo é meu)

“Eu sou o Alfa e o Ômega, diz o Senhor Deus, **aquele que é, que era e que há de vir**, o Todo-poderoso”.

(Apocalipse 1.8 – o grifo é meu)

“Cada um dos seres viventes tinha seis asas que estavam cheias de olhos em volta e por baixo. De dia e de noite eles diziam sem cessar: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-poderoso, **aquele que era, que é e que há de vir**”. (Apocalipse 4.8 – o grifo é meu)

“...todavia está para subir do abismo e irá para a perdição”.

Temos algo histórico aqui. A besta – mais especificamente representada por Roma - realmente subiu do abismo. Vimos no capítulo 13 de Apocalipse que a besta havia recebido uma ferida mortal pela espada. “Quando Nero morreu, o Império Romano foi jogado ao caos. Parecia que o Império Romano iria ser destruído...”²⁴

O Império Romano passou por uma revolução violenta e três imperadores passaram pelo poder em um ano. “Roma, pensavam eles, estava à beira da destruição pela guerra civil; o império estava prestes a quebrar-se”.²⁵ “Mas o Império foi curado. Vespasiano voltou de seu ataque a Israel e reavivou o poder de Roma. O Império voltou da beira

da destruição para viver novamente. Vamos olhar para isso ainda mais quando lidarmos com 17:11”.²⁶

“Aqui está a mente que tem sabedoria: As sete cabeças são sete montes, sobre os quais a mulher está assentada...”

(Apocalipse 17.9)

É justamente aqui que muitos não têm usado a sabedoria por se entregarem as interpretações populares. Eu também já fiz isto. De fato, e de verdade, Roma é conhecida como a cidade das sete colinas. Por isto, na antiguidade a cidade era conhecida como *Septimontium*. O texto não está dizendo que a meretriz estaria cercada de sete montes, pelo contrário, se diz que *“a mulher está assentada”* sobre eles. E não somente sobre os montes, mas a meretriz estava também assentada sobre a besta (Roma).

E, se alguém, ainda quiser criar caso sobre o assunto, saiba que, Jerusalém também está cercada por sete montes. O Salmo 125.2 diz sobre *“os montes em volta de Jerusalém”*. Na *“cultura oriental a que pertence São João, Jerusalém era conhecida como “a cidade das sete colinas”* (Pirke de-Rabbi Eliezer, Seção 10). Estas colinas são:

(1ª) “Escopus”.

(2ª) “Nob”.

(3ª) “o Monte da Corrupção” ou “o Monte da Ofensa” ou “o Monte da Destruição” (2Reis 23,13).

(4ª) O original “monte Sião”.

(5ª) A colina sudoeste também chamada “Monte Sião”.

(6ª) o “Monte Ofel”.

(7ª) “A Rocha”, onde foi construída a fortaleza “Antonia”.²⁷

“...são também sete reis: cinco já caíram; um existe; e o outro ainda não veio; quando vier, deve permanecer por pouco tempo”.

(Apocalipse 17.10)

Além das “*sete cabeças*” representarem “*sete montes*”, também se diz que eram “*sete reis*”. Os reis são:

Os cinco reis que “caíram”:

Júlio César	49-44 a.C.
César Augusto	31 a.C. - 14 d.C.
Tibério César	14-37 d.C.
Caio Calígula	37-41 d.C.
Cláudio	41-54 d.C.

“um existe”

Nero César	54-68 d.C.
------------	------------

“e o outro ainda não veio”

Galba (Ele reinou mas <i>“por pouco tempo”</i>)	Junho de 68 a Janeiro do ano 69 d.C.
--	--------------------------------------

Depois desses sete vieram:

Otho	69 d.C.
Vitélio	69 d.C.
Vespasiano	69-79 d.C.
Tito	79-81 d.C.

Em resumo, o raciocínio de João foi de que o rei que estava vivo na época da escrita do Apocalipse, foi Nero, que posteriormente foi sucedido por Galba que reinou “*por pouco tempo*”. Isto por si só é

mais uma evidência interna de que o Apocalipse foi escrito antes do ano 70 d.C.

Portanto, o Apocalipse foi escrito durante o tempo do reinado de Nero.

“A besta, que era e já não é, também é o oitavo rei, está entre os sete e irá para a perdição”. (Apocalipse 17.11)

Já identificamos a “*besta*” como sendo o Império Romano (ver comentário de Apocalipse 13). A visão da besta representa o corpo do Império Romano (com seus imperadores) ou à pessoa de Nero mais especificamente (dependendo do contexto). Vou tentar expor aqui um resumo sobre o que Ralph E. Bass, Jr.²⁸ acertada e convincentemente entende sobre esse versículo. O “*oitavo rei*” pertence a linhagem dos imperadores. Cronologicamente ele não está entre os sete, mas ao mesmo tempo faz parte deles, pois foi um dos imperadores que mantiveram a glória do Império Romano. Neste caso, seguindo o raciocínio de João, e saindo da sequência cronológica exata dos “*sete reis*”, o sétimo imperador tem que ser Vespasiano e Galba poderia ser considerado o “*oitavo rei*”, pois embora fizesse parte dos sete reis, não poderia ser considerado um deles, pois ele não era um dos imperadores que mantiveram a glória do Império Romano. Embora Vespasiano não fizesse parte dos sete, ele pode ser contado como quem manteve a glória do Império Romano. Vespasiano pode ser considerado assim um verdadeiro sucessor dos sete reis.

“Os dez chifres que viste são dez reis, os quais ainda não receberam o reino, mas receberão autoridade como reis, durante uma hora, juntamente com a besta”. (Apocalipse 17.12)

Já vimos no comentário de Apocalipse 12.3 que os “*dez chifres*” são os governadores das províncias de Roma. São elas: Itália, Acaia, Ásia, Síria, Egito, África, Espanha, Gália, Grã-Bretanha e Alemanha.

“...mas receberão autoridade como reis, durante uma hora, juntamente com a besta”.

Uma hora não significa literalmente sessenta minutos, pelo contrário, significa um *curto período de tempo* em que esses reis receberam a autoridade. Aqui está mais uma evidência de que não podemos interpretar os números do Apocalipse de forma literal. Isto também vale para os cento e quarenta e quatro mil e os mil anos do reinado de Cristo.

“Eles têm o mesmo propósito e entregarão à besta seu poder e autoridade”. (Apocalipse 17.13)

Aqui temos as dez províncias romanas juntamente com Roma para destruir Jerusalém. Aqui se cumpre Zacarias 14.2 que diz:

“Pois ajuntarei todas as nações para a luta contra Jerusalém; a cidade será tomada, as casas serão saqueadas, e as mulheres, violentadas; metade da cidade sairá para o cativeiro, mas o restante do povo não será exterminado da cidade”.

Alguns vão dizer que essas palavras se cumprirão na segunda Vinda de Cristo, pois seria impossível no ano 70 d.C. estar todas as nações unidas para lutar contra Jerusalém. O problema desse raciocínio é que nem hoje isto é possível literalmente haja vista que tem países que nem exércitos ou condições teriam para tal guerra. A questão é que Roma “era um império constituído por todas as nações conhecidas do mundo (ver Lucas 2:1)”.²⁹ “Todas as nações [...], de um modo geral estiveram representadas no exército invasor, porque Roma era a dona de muitas terras”.³⁰

A Vitória do Cordeiro!

“Combaterão contra o Cordeiro, que os vencerá, pois é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis; os que estão com ele, os chamados, eleitos e fiéis, também vencerão”. (Apocalipse 17.14)

Naqueles dias do cerco a Jerusalém, o objetivo não era só destruir a comunidade judaica. O Império Romano também se empenhou em destruir os cristãos. O imperador Nero “foi o primeiro e o maior perseguidor da igreja primitiva”.³¹

E, de fato, o Cordeiro os venceu. O Império Romano perdeu toda a sua glória e poder. O que sobrou foi história, influência cultural e arquitetônica. Mas como poder perseguidor e opressor contra os cristãos, acabou nos tempos do imperador Constantino. Desde os primeiros dias do cristianismo há uma lista enorme de impérios que foram vencidos pelo Cordeiro. A medida que a humanidade tem evoluído tecnologicamente e tem adquirido conhecimento através do evangelho, somando-se a isto a internet e seu grandioso poder de comunicação, a tendência será a de que impérios e governantes malignos venham cada vez mais serem escassos.

É lamentável ver que enquanto muitos reconhecem esse amadurecimento da humanidade atribuindo isto ora ao iluminismo, ora a natural evolução humana, os cristãos tendem a não enxergar essas coisas como vitórias do Reino de Cristo e, alguns, têm a capacidade de dizer que o mundo só piorou desde os tempos de Cristo para cá.

“E disse-me ainda: As águas que viste, onde se assenta a prostituta, são povos, multidões, nações e línguas”. (Apocalipse 17.15)

Já comentei em Apocalipse 17.1 sobre essa influência mundial da prostituta. Mas vale dar mais um reforço aqui. Os judeus tinham uma vasta influência em todo o mundo. “A autoridade exercida pela raça judaica em todas as partes do Império Romano anteriores à destruição de Jerusalém era imensa; suas sinagogas deviam ser encontradas em todas as cidades, e suas colônias criaram raízes em todas as terras”.³²

Parafrazeando Philo³³ a população de Israel não foi contida somente em seu território como as outras nações, pelo contrário, ela espalhou-se por toda a face da terra, em todos os continentes [do mundo conhecido em sua época], e em toda a ilha.

Podemos assim entender que é nesse sentido que a prostituta (Jerusalém) se assentava sobre muitas águas, ao invés de entender como um poder estatal parecido com o de Roma. Mesmo aqueles que entendem Apocalipse 17 como se referindo a igreja Católica romana, também ensinam que o poder exercido pelo Vaticano seria não por domínio de exércitos, mas pela sua influência.

“Os dez chifres e a besta que viste odiarão a prostituta. Eles a deixarão desolada e nua e comerão sua carne e a queimarão no fogo”.

(Apocalipse 17.16)

É justamente aqui que começa o problema daqueles que defendem a ideia de que a Roma pagã foi a grande prostituta. Se fosse Roma, como poderia ela e seus governadores odiarem a si mesmo? Isto prova que a antiga Roma não foi a prostituta de Apocalipse 17.

“Eles a deixarão desolada...”.

A palavra “*desolada*” nos mostra que essa profecia tem conexão com Daniel 9.26-27:

“E depois de sessenta e duas semanas, o ungido será tirado, e já não estará; e o povo do príncipe que virá destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será com uma inundação; e até o fim haverá guerra; assolações estão determinadas.

E ele fará uma firme aliança com muitos por uma semana; e na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oferta; e sobre a asa das abominações virá o assolador, até a destruição determinada, que será derramada sobre o assolador”.

“...a deixarão... ..nua e comerão sua carne e a queimarão no fogo”.

Temos aqui algo que nos remete a 2º Reis 9.30-37 onde está registrado que os cães comeram a carne de Jezabel. Em referência ao julgamento de Deus sobre Jerusalém no ano 586 a.C., o profeta Ezequiel usou uma linguagem semelhante:

“Assim diz o SENHOR Deus: Por teres desperdiçado a tua cobiça e descoberto a tua nudez nas tuas prostituições com os teus amantes; por causa também de todos os ídolos das tuas abominações, e do sangue de teus filhos que lhes deste; por isso, ajuntarei todos os teus amantes, com os quais tiveste prazer, como também todos os que amaste, juntamente com todos os que odiaste, sim, eu os ajuntarei contra ti por todos os lados e descobrirei a tua nudez diante deles, para que a vejam toda.

Eu te julgarei como são julgadas as adúlteras e as que derramam sangue; e te entregarei ao sangue de furor e de ciúme.

Também te entregarei nas mãos dos teus inimigos, e eles derrubarão teu prostíbulo, demolirão teus altares, e te despirão dos teus vestidos, tomarão tuas belas joias e te deixarão nua e descoberta.

Então farão subir uma multidão contra ti, te apedrejarão e te traspasarão com a espada.

Incendiarão tuas casas e executarão juízos contra ti, à vista de muitas mulheres. Eu porei fim à tua prostituição, e não pagarás mais nada aos amantes”.

(Ezequiel 16.36-41)

Na lei de Moisés diz o seguinte acerca da filha de um sacerdote:

“E, se a filha de um sacerdote se profanar, tornando-se prostituta, profana seu pai; será queimada no fogo”. (Levítico 21.9)

Num caso mais grave temos em Apocalipse não uma filha, mas a própria esposa de Deus sendo acusada de prostituição e profanação da Aliança. O próprio Senhor Jesus Cristo usou linguagem na qual disse que faria o mesmo a Jerusalém e Israel:

“O reino do céu é semelhante a um rei que celebrou o casamento de seu filho.

E enviou seus servos para chamar os convidados para a festa de casamento, mas estes não quiseram vir.

Depois enviou outros servos, ordenando: Dizei aos convidados: Meu banquete já está preparado; meus melhores bois e novilhos já foram abatidos, e tudo está pronto. Vinde para o casamento.

Eles, porém, fizeram pouco caso do convite e foram um para o seu campo, outro para os seus negócios; e os outros, agarrando os servos, maltrataram-nos e os mataram.

Mas o rei ficou furioso e, enviando seus exércitos, destruiu aqueles homicidas e incendiou a cidade deles”.

(Mateus 22.2-7 – o grifo é meu)

“Porque Deus lhes pôs no coração que executassem o intento dele, chegassem a um acordo e entregassem seu reino à besta, até que se cumpram as palavras de Deus”. (Apocalipse 17.17)

A Bíblia diz que os homens maus acabam por cumprir a vontade de Deus. Em Atos 2.22-24 mostra como a maldade humana contra Cristo acabou por cumprir o propósito de Deus:

*“Homens israelitas, escutai estas palavras: Jesus, o Nazareno, homem aprovado por Deus entre vós com milagres, feitos extraordinários e sinais, que Deus realizou entre vós por meio dele, como bem sabeis; **ele, que foi entregue pelo conselho determinado e pela presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o pelas mãos de ímpios; e Deus o ressuscitou, quebrando as algemas da morte, pois não era possível que fosse detido por ela”.***

Esse é exatamente o mesmo caso que temos aqui no versículo 17 de Apocalipse. Pode-se dizer que o plano dos dez reis juntamente com Roma para destruir Jerusalém foi feito *“pelo conselho determinado e pela presciência de Deus”.*

Conclusão deste Capítulo

***“A mulher que viste é a grande cidade que reina sobre os reis da terra”.* (Apocalipse 17.18)**

Este versículo fecha com chave de ouro a respeito da identidade da grande meretriz. Como Ragan Ewing diz: “...é difícil imaginar como essa referência não ecoou nos ouvidos do público original [de João] quando eles chegaram em [Apocalipse] 17:18”.³⁴ De fato, e de verdade, o termo “*a grande cidade*” ajudou em muito aos leitores do primeiro século para esclarecer a identidade da grande meretriz.

Observe que o Apocalipse desde o começo já faz essa identificação. Em Apocalipse 11.8 diz:

*“Seus corpos ficarão estendidos na praça **da grande cidade**, espiritualmente chamada Sodoma e Egito, onde também seu Senhor foi crucificado”.* (o grifo é meu)

Portanto, “*a grande cidade*” é Jerusalém. Se somos pelas Escrituras devemos reconhecer que esse termo não foi dado a Roma. Não que Jerusalém fosse maior que Roma ou maior que qualquer outra grande cidade daquela época, mas temos aqui um “fato, um precedente bastante substancial para a linguagem hiperbólica semelhante de exaltação para a cidade de Jerusalém, no Antigo Testamento e de outras fontes judaicas adiantadas. Por exemplo, no Salmo 48:2, é dito que Jerusalém é a ‘*alegria de toda a terra*’ porque é ‘*a cidade do grande Rei*’”.³⁵

O historiador judeu Flávio Josefo - que viveu no primeiro século depois de Cristo e foi testemunha ocular do cerco a Jerusalém - escreveu o seguinte a respeito de Jerusalém:

“E onde é agora **a grande cidade**, a metrópole da nação judaica, que foi fortificada por tantos muros em redor, que tinha tantas fortalezas e grandes torres para defendê-la, o que dificilmente poderia conter os instrumentos preparados para a guerra, e que tinha tantas dez milhares

de homens para lutar por ela? Sempre foi a cidade que se acreditava ter o próprio Deus habitando nela? Agora é demolida até os próprios fundamentos...”.³⁶ (o grifo é meu)

“Só existe outra cidade chamada de GRANDE nas Escrituras, essa cidade se chama: NÍNIVE, no caso, essa cidade foi construída por: Nemrod, um grande rei que se estabeleceu na Babilônia, pós-dilúvio”.³⁷ “Ou seja, só existem duas cidades denominadas, GRANDE: Nínive, construída por um rei babilônico e Jerusalém”.³⁸

“Cuxe também gerou Ninrode, o primeiro a ser poderoso na terra. Ele era poderoso caçador diante do SENHOR; pelo que se diz: Como Ninrode, poderoso caçador diante do SENHOR.

O princípio do seu reino foi Babel, Ereque, Acade e Calné, na terra de Sinar.

Dessa terra ele foi para a Assíria e fundou Nínive, Reobote-Ir, Calá e Résem entre Nínive e Calá (esta é a grande cidade).

(Gênesis 10.8-12 – o grifo é meu)

Há outros textos das Escrituras em que Jerusalém era conhecida como a “*grande cidade*”:

“Como está solitária a cidade que era tão populosa! A que era grande entre as nações tornou-se como viúva! A princesa das províncias tornou-se escrava!” (Lamentações 1.1 – o grifo é meu)

“Muitas nações passarão por esta cidade e perguntarão umas às outras: Por que o SENHOR tratou assim esta grande cidade?”

(Jeremias 22.8 – o grifo é meu)

É impossível sermos somente pela Escritura e ver outra cidade como “*a grande cidade*” ao invés de Jerusalém.

Capítulo 18_____

A Queda de Babilônia

“Depois dessas coisas, vi descer do céu outro anjo que tinha grande autoridade, e a terra foi iluminada com a sua glória”.

(Apocalipse 18.1)

Não tenho dúvidas de que esse não é um anjo comum. Trata-se do próprio Deus. Isto porque a palavra “glória” é exclusiva de Deus e do Cordeiro. No caso que temos aqui, a cidade de Jerusalém está para ser destruída. É o que encontraremos no versículo 2. O interessante é que o profeta Ezequiel fala da terra resplandecendo com a “glória” de Deus antes da cidade ser destruída. Temos caso parecido aqui em Apocalipse:

“Então me levou à porta que dá para o oriente.

E vi a glória do Deus de Israel vindo do oriente; e o seu som parecia o som de muitas águas, e a terra resplandecia com a sua glória.

E a aparência da visão que tive era como da visão que tinha tido quando ele veio destruir a cidade; as visões eram como a que tive junto ao rio Quebar; e caí com o rosto em terra”.

(Ezequiel 43.1-3)

“E ele clamou em alta voz: Caiu, caiu a grande Babilônia; e tornou-se morada de demônios, lugar de todo espírito imundo e de toda ave impura e abominável”. (Apocalipse 18.2)

Essa imagem foi tirada de Isaías 21.9b: *“E ele respondeu e disse: Caiu, a Babilônia caiu; e todas as imagens esculpidas de seus deuses*

foram despedaçadas no chão”. Ambas as babilônias, a antiga e a nova que estava sendo julgada nos dias de João, são acusadas e caem pelo mesmo pecado de idolatria.

“...e tornou-se morada de demônios, lugar de todo espírito imundo e de toda ave impura e abominável”.

Estas palavras nos remetem para o que Jesus falou sobre a sua geração em Jerusalém:

“Quando um espírito impuro sai de um homem, anda por lugares áridos, buscando repouso, mas não o encontra; então diz: Voltarei para minha casa, de onde saí. E, chegando, encontra-a desocupada, varrida e arrumada.

Então vai e leva consigo outros sete espíritos piores que ele, os quais, entrando, passam a habitar a casa. E o último estado desse homem torna-se pior que o primeiro. Assim também acontecerá a esta geração perversa”.

(Mateus 12.43-45 – o grifo é meu)

“Esta geração perversa”. A palavra *“esta”* é um pronome demonstrativo próximo, e indica que a *“geração perversa”* estava perto de Jesus e viva naquele momento. É uma referência inquestionável aquele povo que o rejeitou. Desta forma, a nação de Israel é descrita como que tendo deixado a casa *“desocupada, varrida e arrumada”*, cujo estado tornou-se pior que o primeiro. E foi justamente isto que aconteceu no cerco a Jerusalém. Já vimos diversas vezes como Jerusalém tornou-se morada de demônios. O historiador Flávio Josefo expressa bem a maldade de Jerusalém naqueles dias de seu cerco:

*“Vou, portanto, falar da parte da minha mente aqui de uma vez brevemente: - Isso nem fez qualquer outra cidade jamais sofrer tais misérias, nem qualquer tempo produzirá uma geração mais frutífera na maldade na qual esta foi, desde o início do mundo”.*¹

Novamente Josefo diz:

“Que na verdade era um período mais fértil em todos os tipos de práticas iníquas, de modo que nenhum tipo de maldades foram, então, deixadas de lado; nem poderia qualquer um tanto quanto inventar qualquer coisa ruim que era nova, tão profundamente foram todos eles infectados, e esforçavam-se uns com os outros em suas capacidades individuais, e em suas comunidades, que devem ser executados os maiores cumprimentos na impiedade para com Deus, e em ações injustas para com os seus vizinhos, os homens de poder oprimindo a multidão e a multidão fervorosamente trabalhando para destruir os homens de poder. Por um lado outros estavam desejosos de tirania; e o resto em oferecer violência aos outros, e saqueavam, os que eram mais ricos do que a si mesmos”.²

A conclusão de Josefo é surpreendente:

“Suponho, que tivessem os romanos por mais tempo demorado a chegar contra estes vilões, a cidade seria engolida pela abertura do terreno sobre eles, ou seriam inundados pela água, ou então seriam destruídos por estrondos como o país de Sodoma pereceu, por isso deu à luz uma geração de homens muito mais ateus do que aqueles que sofreram tais punições; pela sua loucura era que todas as pessoas vieram a ser destruídas”.³

“Porque todas as nações têm bebido do vinho da ira da sua prostituição; os reis da terra se prostituíram com ela, e os comerciantes da terra se enriqueceram à custa de seu luxo excessivo”.

(Apocalipse 18.3)

Há aqui uma influência do profeta Jeremias:

“Fugi da Babilônia, e cada um salve a sua vida; não sejais exterminados por causa da sua maldade, pois este é o tempo da vingança do SENHOR; ele lhe retribuirá o que merece.

A Babilônia era um copo de ouro na mão do SENHOR e embriagava toda a terra; as nações beberam do seu vinho e por isso estão fora de si.

A Babilônia caiu de repente e ficou arruinada; chorai por ela; tomai bálsamo para o seu ferimento, talvez sare”. (Jeremias 51.6-8)

“Isso se assemelha a declaração de João em nossa passagem, todas as nações beberam do vinho da ira da sua prostituição (18:3). Deus usou a Babilônia para julgar Judá e muitas outras nações da terra. As nações do período foram feitas para beber de sua taça; ou seja, elas foram atacadas e destruídas por Babilônia. Aqui [em Apocalipse] as nações são atacadas de forma diferente. Elas são atacadas e destruídas espiritualmente bebendo da heresia do judaísmo bíblico. Judá estendeu sua influência por todo o mundo conhecido através de sua religião”.⁴

“Ouvi outra voz do céu dizer: Sai dela, povo meu, para que não sejais participantes dos seus pecados e para que não incorrais nas suas pragas”. (Apocalipse 18.4)

“Sai dela, povo meu”. Refere-se ao povo de Deus que estava em Jerusalém naqueles dias. Provavelmente essa frase foi influenciada por Jeremias 51.6:

“Fugi da Babilônia, e cada um salve a sua vida...”

A mesma advertência Cristo deu em Lucas 21.21-22:

“Então, os que estiverem na Judeia fujam para os montes; os que estiverem dentro da cidade saiam; e os que estiverem no campo não entrem nela.

Porque esses dias serão de vingança, para que se cumpram todas as coisas que estão escritas”.

“Os comentários de Jeremias incluem: *“Porque este é o tempo de vingança do Senhor; Ele vai tornar a sua recompensa”* (Jeremias 51.6), que é exatamente o que Cristo disse em Lucas. Claro que a igreja primitiva, não sendo Dispensacionalista, lembrou do que Cristo disse e fugiu de Jerusalém, ou seja, de Babilônia, e escapou do julgamento

de Deus que veio através de Roma. Se eles tivessem sido bons Dispensacionalistas, eles teriam dito: *“Esse versículo não é para nós, isso é para os cristãos de dois ou três mil anos a partir de agora”*. E teriam morrido todos!”⁵

“Porque seus pecados se acumularam até o céu, e Deus se lembrou das maldades dela”. (Apocalipse 18.5)

Em vários lugares das Escrituras a lembrança de Deus para com seus servos é positiva. No Antigo Testamento Deus se lembra de Noé, Abraão, Raquel e Israel no Egito (Gênesis 8.1; 19.29; 30.22). No entanto, a lembrança descrita aqui em Apocalipse não é boa. Deus se lembra das iniquidades de Jerusalém. Quando Deus se lembra de alguma coisa, logo, Ele começa agir.

“Retribuí-lhe de acordo com o que ela vos deu, em dobro, conforme as suas obras; dai-lhe bebida em dobro no cálice em que ela vos deu de beber”. (Apocalipse 18.6)

A retribuição *“em dobro”* encontra eco na Lei mosaica:

“Mas pagará o dobro, se o que foi roubado for achado vivo em seu poder, seja boi, seja jumento, seja ovelha”. (Êxodo 22.4)

A questão do pagamento *“em dobro”* é encontrada também nos profetas. Observe o que Jeremias escreveu:

“Retribuirei em dobro a sua maldade e o seu pecado, porque contaminaram a minha terra com os cadáveres dos seus ídolos detestáveis, e com suas abominações encheram a minha herança”.

(Jeremias 16.18)

“Que os meus perseguidores sejam envergonhados, mas não eu! Que fiquem aterrorizados, mas não eu! Traz sobre eles o dia da calamidade, e destrói-os com dupla destruição”. (Jeremias 17.18)

“Causai-lhe tanto tormento e tristeza quanto a glória e o luxo que ela buscou para si, pois no coração ela diz: Estou assentada como rainha, não sou viúva e de modo algum passarei por tristeza”.

(Apocalipse 18.7)

Nos evangelhos “Cristo tinha falado de uma *“cidade situada sobre um monte”*, que deve deixar sua luz brilhar para que os outros *“vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus”* (Mateus 5: 14-16). Mas, ao invés de glorificar a Deus, Jerusalém se glorificou (18:7)”.⁶ “Na tradição bíblica, δοξάζω (doxazo) glória, honra, louvor, é algo que se atribui corretamente a Deus”.⁷ Glorificando a si mesma, e conhecedora da sentença descrita na Lei de Deus, a cidade de Jerusalém torna-se uma inimiga de Deus mais detestável quanto qualquer outra cidade pagã.

“Estou assentada como rainha, não sou viúva e de modo algum passarei por tristeza”.

A cidade de Jerusalém se rebaixou tanto por causa de seus pecados que acabou se igualando a antiga Babilônia (em termos de sensualidade):

“Agora ouve, tu que te entregas aos prazeres, que vives tranquila e dizes no coração: Eu sou, e fora de mim não há outra; não ficarei viúva, nem passarei pela perda de filhos”. (Isaías 47.8)

Tanto a antiga Babilônia como Jerusalém se iludiram pensando que não perderiam sua posição.

“Por isso, no mesmo dia virão as suas pragas: a morte, o pranto e a fome; ela será destruída no fogo; pois o Senhor Deus que a julga é forte”. (Apocalipse 18.8)

“Portanto, aqui temos Jerusalém, a esposa de Jeová, culpada de prostituição, expedida para sofrer a punição bíblica de ser queimada

com fogo”.⁸ “A forma de sua punição é significativa; ela é para ser queimada no fogo. Queimar foi o castigo para o adultério ou prostituição somente se a filha de um sacerdote fosse adúltera [Levítico 21.9]”.⁹

Lamentação sobre Babilônia

“Os reis da terra, que com ela se prostituíram e viveram em luxo, chorarão e prantearão por ela, quando virem a fumaça do seu incêndio.

Ficarão de longe, com medo do tormento dela e dirão: Ai! ai da grande cidade, Babilônia, a cidade forte! Pois numa só hora veio o teu julgamento”.

(Apocalipse 18.9-10)

Podemos classificar como “*reis da terra*” os vários líderes que passaram por Israel. Uma das coisas que influenciou muitas revoltas em Israel foi a cobrança de impostos por parte de Roma. Os governantes, por exemplo, Herodes, se beneficiavam com a arrecadação tributária. O governador da província da Judeia era Pôncio Pilatos e era o responsável por coletar os impostos daquela região. Daí podemos notar que a lamentação sobre a destruição de Jerusalém se deve ao fato de que muitos ao redor viram a sua prosperidade arruinada. Dentre esses temos três classes de pessoas que foram arruinadas economicamente falando:

1. Os reis da terra;
2. Os comerciantes da terra;
3. *“Todos os pilotos, todos os que navegam para qualquer porto, todos os marinheiros e todos os que trabalham no mar...”.*

(v. 17)

Os religiosos também sabiam que poderiam levar prejuízo caso a nação de Israel fosse destruída. Essa preocupação é demonstrada em relação a fama de Jesus em João 11.48: *“Se o deixarmos em paz, todos crerão nele; então os romanos virão e tirarão tanto o nosso lugar*

como a nossa nação”. “A aristocracia sacerdotal devia sua própria posição de riqueza e poder aos romanos. Como resultado, a fim de permanecer à frente da sociedade judaica, tinha que colaborar com o sistema”.¹⁰

Resumindo, a queda e a destruição da nação de Israel e principalmente de sua cidade, Jerusalém, resultou em grande e incalculável prejuízo comercial para várias classes de pessoas.

“Os comerciantes da terra chorarão e lamentarão por ela, pois ninguém mais compra as suas mercadorias; mercadorias como ouro, prata, pedras preciosas e pérolas, linho fino, púrpura, seda e tecido vermelho, e toda espécie de madeira aromática e todo objeto de marfim, de madeira muito preciosa, de bronze, de ferro e de mármore, e canela, especiarias, perfume, mirra e incenso, vinho, azeite, flor de farinha e trigo, bois, ovelhas, cavalos e carros, escravos e até almas humanas.

Também desaparecerão os frutos que a tua alma cobijava; todas as coisas delicadas e suntuosas desaparecerão e nunca mais serão encontradas.

Os que vendem essas coisas e se enriqueceram com elas ficarão de longe, com medo do seu tormento, chorando, lamentando-se e dizendo: Ai! ai da grande cidade, que estava vestida de linho fino, de púrpura, de tecido vermelho e adornada com ouro, pedras preciosas e pérolas! Pois numa só hora foram destruídas tantas riquezas.

Todos os pilotos, todos os que navegam para qualquer porto, todos os marinheiros e todos os que trabalham no mar ficarão de longe...”

(Apocalipse 18.11-17)

“Os comerciantes da terra chorarão e lamentarão por ela...”. A destruição de Jerusalém fez com que os comerciantes perdessem sua fonte de lucro. A cidade de Jerusalém tinha um grande comércio associado a ela. “Havia caravanas de camelos, por vezes, composta por cerca de duas centenas de animais que passam de lugares como de Tiro para Jerusalém...”.¹¹ “Adicionado a esta grande população foram as centenas de milhares de pessoas que vinham para Jerusalém

carregando dinheiro todos os anos para suas diversas festas religiosas”.¹²

“...mercadorias como ouro, prata, pedras preciosas e pérolas...”.

Vimos acima vinte e oito itens que eram comercializados na grande meretriz. Isto nos ajuda a reforçar mais ainda a identidade da grande meretriz como sendo Jerusalém, e não Roma. Tais artigos comercializados seriam comuns para qualquer cidade importante daquela época. No entanto, temos uma diferença aqui. É que não são mencionados animais impuros. “Não há mulas, mesmo que sejam incluídas nos relatórios de Tiro, e nenhum suíno, apesar que suínos vivos eram importados para Roma para alimentação”.¹³ “A ausência de animais imundos contribui para a probabilidade de que esta é uma única cidade, Jerusalém”.¹⁴

Todo o comércio descrito acima se enquadra perfeitamente na antiga Jerusalém. Diversos autores comentaram sobre o comércio de Jerusalém. Tácito comenta que “sua capital é Jerusalém. Aqui estava seu Templo com suas riquezas sem limites...”.¹⁵ Joachim Jeremias escreveu que “o comércio exterior teve uma importância considerável para a Cidade Santa. O Templo atraiu a maior parcela. Quanto ao resto, o comércio exterior consistiu de abastecimento de alimentos, metais preciosos, artigos de luxo e materiais de vestuário”.¹⁶ Flávio Josefo cita que quando Jerusalém foi saqueada, os romanos “queimaram as câmaras da tesouraria, em que havia uma imensa quantidade de dinheiro, e um imenso número de peças de vestuário e outros bens preciosos, depositados; e falo tudo em poucas palavras, não era o caso de que toda a riqueza dos judeus foram amontoadas juntas, enquanto as pessoas ricas tinham suas próprias câmaras construídas...”.¹⁷

O próprio Jesus teve que lidar com a riqueza de Jerusalém quando “*fez então um chicote de cordas e expulsou todos do pátio do templo, bem como as ovelhas e os bois; e esparramou o dinheiro dos cambistas, e revirou as suas mesas*”. (João 2.15)

“Todos os pilotos, todos os que navegam para qualquer porto, todos os marinheiros e todos os que trabalham no mar ficarão de longe e, olhando para a fumaça do seu incêndio, clamarão: Que cidade é semelhante a esta grande cidade?” (Apocalipse 18.17-18)

“Dezenas de milhares de visitantes chegavam a Jerusalém todos os anos para suas diversas festas. Uma grande parte desses vinham de navio. Além disso, a negociação de Israel pelo caminho do mar de modo algum seria pequena [naqueles dias]”.¹⁸

“...ficarão de longe e, olhando para a fumaça do seu incêndio, clamarão: Que cidade é semelhante a esta grande cidade?”

Sobre esta parte do versículo, segundo Margaret Barker é digno de nota que “Jerusalém era visível de Jope, assim os comerciantes e marinheiros de Jope poderiam ter visto a queima da cidade”.¹⁹

“E jogarão pó sobre a cabeça e clamarão, chorando, lamentando-se e dizendo: Ai! ai da grande cidade! Por causa de suas riquezas todos os que possuíam navios no mar se enriqueceram! E em apenas uma hora foi destruída”. (Apocalipse 18.19)

“Uma cena igual [a essa] é à lamentação dos pilotos quando Tiro caiu (Ezequiel 27:27-32). Lançar pó sobre a cabeça mostra angústia e tristeza (Jó 2:12; Ezequiel 27:30)”.²⁰

Exultação dos Santos, Apóstolos e Profetas

“Exulta sobre ela, ó céu! Exultai também vós, santos e apóstolos e profetas; porque Deus julgou a vossa causa contra ela”.

(Apocalipse 18.20)

A destruição da grande babilônia é o resultado da resposta de oração dos santos. Isto nos remete para Apocalipse 6.10 que diz:

“Eles clamaram em alta voz, dizendo: Ó Soberano, santo e verdadeiro, até quando aguardarás para julgar os que habitam sobre a terra e vingar o nosso sangue?”

“Um forte anjo levantou uma pedra, do tamanho de uma grande pedra de moinho, e jogou-a no mar, dizendo: A grande cidade da Babilônia será jogada com a mesma força e nunca mais será achada”.

(Apocalipse 18.21)

“Jesus usou a figura de lançar alguém no mar com uma grande pedra de moinho pendurada no pescoço para descrever a morte (Mateus 18:6; Marcos 9:42). Este ato simbólico do anjo declara a morte e a derrota total da meretriz”.²¹

“A grande cidade da Babilônia será jogada com a mesma força e nunca mais será achada”.

Na internet é possível achar diversos escritores amadores que não são especialistas em Preterismo. Tais escritores ignoram o contexto da Bíblia como um todo e tentam refutar a ideia de que a Babilônia de Apocalipse 18 seja Jerusalém.

Um desses articulistas escreveu o seguinte:

“Certamente há algumas semelhanças entre a Babilônia e Jerusalém. Ambas pecaram contra Deus e caíram em apostasia, e ambas foram condenadas por Deus em função disso. Mas as semelhanças terminam aqui, e então você começa a perceber o imenso e gritante contraste entre a Babilônia e Jerusalém: enquanto a Babilônia é algo que Deus odeia e sua destruição é algo que Deus celebra, com Jerusalém é exatamente o contrário: Deus estende os seus braços com amor assim como um pai faz para com um filho, e lhe concede sempre a oportunidade de se arrepender e de voltar para Si, e então Deus reúne o Seu povo até mesmo dos lugares mais distantes. Há a parte da condenação, mas também há a parte do amor e da misericórdia. **Com a Babilônia, há somente a condenação e a celebração desta**

condenação, sem nenhum tom de amor, misericórdia ou oportunidade de arrependimento”²².

O que o nosso referido autor (como muitos outros ignoram) é que no Apocalipse Deus está definitivamente se divorciando de Israel e tratando-o como uma esposa adúltera. E a pena do adultério é a morte. Não é necessário entrar em detalhes aqui porque exaustivamente tenho falado sobre o tema no decorrer dos capítulos deste comentário. O Israel segundo a carne não é mais considerado como povo de Deus. Ao matar o Filho de Deus e os demais santos, aquela geração dos dias de Jesus completaram os pecados que os seus antepassados fizeram. O Senhor Jesus foi bem claro sobre essa questão:

“Assim, testemunhais contra vós mesmos que sois filhos dos que mataram os profetas.

Completai o que vossos pais fizeram.

Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação do inferno?

Portanto, eu vos envio profetas, sábios e mestres; matareis e crucificareis alguns deles; a outros, açoitareis nas vossas sinagogas e os perseguireis de cidade em cidade; para que sobre vós recaia todo sangue justo derramado sobre a terra, desde o sangue do justo Abel até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que matastes entre o santuário e o altar.

Em verdade vos digo: Todas essas coisas virão sobre esta geração.

Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes eu quis ajuntar teus filhos, como a galinha ajunta seus filhotes debaixo das asas, e não quiseste!

A vossa casa ficará abandonada”.

(Mateus 23.31-38 – o grifo é meu)

Um pouco mais à frente, no mesmo artigo, o referido articulista diz:

“Perceba também que os contrastes aumentam à medida que paramos para analisar os detalhes. Deus diz sobre a Babilônia (que os preteristas creem ser Jerusalém) que ela seria **destruída para nunca**

mais ser encontrada, ela seria destruída para sempre. O que aconteceu com Jerusalém foi exatamente o contrário. Ela foi destruída pelos romanos em 70 d.C, mas os judeus não foram aniquilados completamente e ainda conseguiram de volta o Estado de Israel em reconhecimento oficial desde 1948. Hoje, em Israel há som dos harpistas, dos músicos, dos flautistas e dos tocadores de trombeta, há artífices, ruído de pedras de moinho, noivos e noivas, comércio, todas essas coisas que João diz que **não existiriam na Babilônia NUNCA MAIS** (Ap.18:20-24)!²³

Sobre Jerusalém ser *destruída para nunca mais ser encontrada* é preciso saber que “tão completa foi a devastação praticada sobre a Cidade Santa que Josefo escreve que nada fora deixado que provasse que Jerusalém já tinha sido habitada”.²⁴ Num sentido espiritual, também é válido lembrar que o que “*nunca mais será achada*” é aquela antiga Jerusalém com a presença especial de Deus. Aquela geração do primeiro século foi eternamente rejeitada. A frase “*nunca mais será achada*”, como “foi usada em conexão com a cidade não significa que o lote de terra da cidade anteriormente ocupado permaneceria vago para sempre. Embora os homens possam construir de novo sobre a sua sepultura, a Jerusalém bíblica, a cidade de visitação de Deus, foi derrubada para todo o sempre”.²⁵

“Os dispensacionalistas acreditam que Deus estará novamente em aliança com o Israel físico. Esta passagem [de Apocalipse 18.21] ensina o contrário. Deus está agora em aliança com a sua Igreja. A Igreja é o novo Israel e a nova Jerusalém. As promessas e as maldições do antigo Israel são agora as promessas e maldições da Igreja”.²⁶

Sobre a igreja os apóstolos escreveram:

“...vós também, como pedras vivas, sois edificados como casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecer sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus, por meio de Jesus Cristo”.

Mas vós sois geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, para que anunciéis as grandezas daquele que vos chamou das trevas para sua maravilhosa luz.

Antigamente, não éreis povo; agora, sois povo de Deus; não tínheis recebido misericórdia; agora, recebestes misericórdia”.

(1ª Pedro 2.5, 9-10 – o grifo é meu)

Em Gálatas 6.16 Paulo chama os cristãos de “*o Israel de Deus*”:

“Que a paz e misericórdia estejam sobre todos que andarem conforme essa norma, e também sobre o Israel de Deus”.

Em Mateus 21.43, o Senhor foi bem claro sobre a condição dos judeus, quando disse:

“Portanto, eu vos digo que o reino de Deus vos será tirado e será dado a um povo que dê frutos”.

Também sobre a questão que “*os judeus não foram aniquilados completamente e ainda conseguiram de volta o Estado de Israel em reconhecimento oficial desde 1948*”, é importante salientar que nenhum preterista afirma que houve um fim total de Israel. Nem mesmo Jesus declarou isto, pelo contrário, o Senhor afirmou que após o cerco a Jerusalém os judeus “*cairão ao fio da espada e serão levados cativos para todas as nações...*”. (Lucas 21.24)

Ainda sobre Lucas 21.24, temos algo muito interessante aqui. Vimos acima que o anjo forte “*levantou uma pedra, do tamanho de uma grande pedra de moinho, e jogou-a no mar*”. Já vimos neste comentário que “*mar*” significava as nações gentílicas, enquanto que “*terra*” significava a nação de Israel. Assim, Lucas 21.24 tem conexão com Apocalipse 18.21, pois deixa claro que Jerusalém de fato foi lançada ao mar, uma vez que o povo judeu foi levado cativo para todas as nações (mar).

Isto jamais significou o fim dos judeus, pois Paulo afirma que no fim das contas, ainda “*todo o Israel será salvo*” (Romanos 11.26). Que fique claro que todo o castigo da grande tribulação era contra aquela geração do primeiro século da era cristã, e nada tem a ver com a moderna Jerusalém.

“Em ti não se ouvirá mais o som de harpistas, de músicos, de flautistas e de trombeteiros; e nenhum artífice de arte alguma se encontrará mais em ti; e em ti não se ouvirá mais o ruído de moinho.

A luz da candeia não mais brilhará em ti, e a voz do noivo e da noiva não se ouvirá mais em ti. Pois teus comerciantes eram os nobres da terra, e todas as nações foram enganadas pelas tuas feitiçarias”.

(Apocalipse 18.22-23)

“Os versículos 22 e 23 são uma descrição do fim da civilização em Jerusalém. [...], pois, Jerusalém, que era para ser uma luz para os gentios e um testemunho para o mundo, infectou o mundo com sua magia espiritual”.²⁷

Conclusão deste Capítulo

“Nela foi encontrado o sangue dos profetas, dos santos e de todos os que foram mortos na terra”. (Apocalipse 18.24)

Temos neste versículo mais uma evidência da identidade da grande meretriz, a babilônia. Ela é de fato Jerusalém. Esse versículo tem ligação com o que Jesus disse em Mateus 23.34-36:

“Portanto, eu vos envio profetas, sábios e mestres; matareis e crucificareis alguns deles; a outros, açoitareis nas vossas sinagogas e os perseguireis de cidade em cidade; para que sobre vós recaia todo sangue justo derramado sobre a terra, desde o sangue do justo Abel até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que matastes entre o santuário e o altar.

*Em verdade vos digo: **Todas essas coisas virão sobre esta geração**”.* (o grifo é meu)

Não cabe aqui interpretar “*esta geração*” como um futuro muito distante, mais de dois mil anos depois de Cristo. Mesmo porque – conforme tenho falado exaustivamente neste comentário – a palavra

“*esta*” é um pronome demonstrativo próximo. Portanto, a referência de Jesus era sobre aquela geração viva e presente em seus dias aqui na terra.

Capítulo 19_____

O Quádruplo Aleluia e o Conquistador Celestial

“Depois dessas coisas, ouvi no céu uma forte voz como de uma imensa multidão, que dizia: Aleluia! A salvação, a glória e o poder pertencem ao nosso Deus...”. (Apocalipse 19.1)

Neste capítulo vamos encontrar quatro “aleluias”. Esta palavra significa “louvai a Jah!”. “Jah” é uma abreviação de Javé. O significado é “louvai a Javé”. Assim Deus é adorado nos céus porque com a queda da prostituta babilônia, temos a prova visível de que Ele está no controle da situação, de que o mal foi superado pelo bem e o Reino de Deus chegou com poder.

“...pois seus juízos são verdadeiros e justos; ele julgou a grande prostituta que havia corrompido a terra com a sua prostituição, e das mãos dela vingou o sangue dos seus servos”. (Apocalipse 19.2)

O capítulo anterior termina com a descrição de que na grande babilônia “foi encontrado o sangue dos profetas, dos santos e de todos os que foram mortos na terra”. (Apocalipse 18.24) Aqui, logo de começo, temos a vingança de Deus concluída. É a justa vingança que só Ele pode efetuar, nós não. “Amados, não vos vingueis a vós mesmos, mas dai lugar à ira de Deus, pois está escrito: A vingança é minha; eu retribuirei, diz o Senhor”. (Romanos 12.19)

Desta forma “Jerusalém, a esposa infiel de Deus, sofre a pena de morte como uma adúltera espiritual por negar seu Messias... Sua destruição vinga ‘o sangue dos seus servos’ ...fazendo com que os santos se alegrem em testemunhar a conquista do primeiro grande inimigo de Cristo e do seu povo”.¹

“Outra vez disseram: Aleluia! A fumaça que sai dela sobe pelos séculos dos séculos”. (Apocalipse 19.3)

Segundo Aleluia. Vimos anteriormente em Apocalipse 18.21 que a grande cidade da Babilônia seria jogada para nunca mais ser achada. Assim, “notamos então que isto é uma referência ao fato de que a Jerusalém geográfica nunca mais seria o lugar da presença especial de Deus. Aqui há um pensamento similar; *a sua fumaça sobe para todo o sempre* (19:3). Não podemos dizer que a fumaça de uma cidade geográfica que se chamou Jerusalém sobe pelos séculos dos séculos. No entanto, isso poderia ser dito da antiga esposa de Javé, a Jerusalém espiritual”.²

O que temos aqui é uma figura de linguagem que indica a natureza permanente da queda de Babilônia. “As chamas reais que consumiram ‘Babilônia’ já queimaram há muito tempo; mas sua punição era eterna. Ela nunca será ressuscitada”.³ Agora “a Jerusalém espiritual existe apenas na Igreja e no Céu, onde os santos de Deus são encontrados”.⁴

“Então, os vinte e quatro anciãos e os quatro seres viventes prostraram-se e adoraram a Deus, que está assentado no trono, dizendo: Amém. Aleluia!” (Apocalipse 19.4)

Terceiro Aleluia. Aqui é a quinta vez que temos menção aos vinte e quatro anciãos. Também é a última vez que eles aparecem no Apocalipse. As outras menções podem ser encontradas em Apocalipse 4.4; 4.10; 5.8; 11.16; 19.4.

“E do trono saiu uma voz que dizia: Louvai o nosso Deus, vós, todos os seus servos, e vós que o temeis, tanto pequenos como grandes”.

(Apocalipse 19.5)

“Esta voz não é de Deus, pois chama os servos para louvar ao “nosso Deus”. Quem poderá estar junto ao trono de Deus? Há algumas possibilidades:

1. Os quatro seres viventes ficam “no meio do trono e à volta do trono” (4:6);
2. Os vencedores recebem a promessa de sentar com Jesus no seu trono (3:21) para reinar com ele (2:26-27). Eles entram na presença de Deus e ele estende sobre eles o seu tabernáculo (7:14-15). São colunas permanentes no santuário de Deus (3:12)”.⁵

“Também ouvi uma voz como a de grande multidão, como o som de muitas águas e fortes trovões, que dizia: Aleluia! Porque o Senhor nosso Deus, o Todo-poderoso, já reina”. (Apocalipse 19.6)

Quarto Aleluia. O “primeiro grande inimigo da Igreja e esposa infiel de Cristo, o judaísmo,”⁶ foi destruído. Na destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. foi o exato momento em que o Reino de Deus chegou com poder. Isto cumpriu as palavras que Jesus disse em Marcos 9.1:

“Disse-lhes mais: Em verdade vos digo que, dentre os que estão aqui, há alguns que de modo algum provarão a morte até que vejam o reino de Deus chegando com poder”.

Alguns discípulos realmente estiveram vivos para ver a queda e a destruição de Jerusalém. Provavelmente o apóstolo João foi um deles.

A vitória do Rei Jesus sobre seus inimigos começa com Israel, continua no decorrer história e termina com o último inimigo a ser vencido, a morte:

Então virá o fim, quando ele entregar o reino a Deus, o Pai, quando houver destruído todo domínio, toda autoridade e todo poder.

Porque é necessário que ele reine até que tenha posto todos os inimigos debaixo de seus pés.

E o último inimigo a ser destruído é a morte”.

(1ª Coríntios 15.24-26)

As Bodas do Cordeiro

“Alegremo-nos, exultemos e demos glória a ele, porque chegou o momento das bodas do Cordeiro, e sua noiva já se preparou...”

(Apocalipse 19.7)

A partir daqui entramos no casamento do Cordeiro com sua igreja. A nação de Israel que foi a antiga esposa infiel já foi julgada e condenada à morte. O caminho agora se abre para a noiva, que será a nova esposa. Alguns versos mostram que no Antigo Testamento Deus foi o esposo da nação de Israel.

Veja a seguir:

“Assim diz o SENHOR: Onde está a carta de divórcio de vossa mãe, pela qual eu a rejeitei? Quem é o meu credor? A quem eu vos vendi? Foi por vossas maldades que fostes vendidos, e por vossas transgressões vossa mãe foi rejeitada”. (Isaías 50.1)

“Pois o teu Criador é o teu marido, o seu nome é SENHOR dos Exércitos, e o Santo de Israel é o teu Redentor; ele é chamado o Deus de toda a terra.

Porque o SENHOR te chamou como a mulher desamparada e triste de espírito; como a mulher da juventude, que havia sido rejeitada, diz o teu Deus”. (Isaías 54.5-6)

“Eu te fiz crescer como o broto do campo. E cresceste, prosperaste e ficaste muito bela. Formaram-se os teus seios e o teu cabelo cresceu; porém estavas nua e descoberta.

Passando por ti, vi que já estavas na idade de amar; então estendi minha capa sobre ti e cobri tua nudez. Fiz um juramento e firmei uma aliança contigo, diz o SENHOR Deus, e tu passaste a me pertencer”.

(Ezequiel 16.7-8)

“E me casarei contigo para sempre; sim, eu me casarei contigo em justiça, juízo, misericórdia e compaixão; eu me casarei contigo em fidelidade, e tu reconhecerás o SENHOR.

(Oséias 2.19-20)

Apesar dessas palavras, Deus, por fim, se divorciou de Israel. “Os Dispensacionalistas sustentam que o casamento do Cordeiro é para acontecer no fim dos tempos. No entanto, existem problemas com esta posição.

Primeiro, a ceia do casamento supostamente acontece quando o casamento se realiza. A Igreja começou no dia de Pentecostes e continua com cada nova alma adicionada e Unida a ela.

Em segundo lugar, a nação de Israel também foi casada com o Senhor. A celebração do casamento não aconteceu no final do relacionamento, mas no início, nas várias festas reservadas por Deus para o culto, muito semelhante à Ceia do Senhor, que é a ceia das bodas falada aqui.

Em terceiro lugar, a nossa passagem aqui nos traz ao fim do casamento de Javé para com Israel, através de processos de divórcio e julgamento proferido contra a esposa infiel. O próximo passo é o casamento de Deus com a Igreja. A idade da Nova Aliança da Igreja aconteceu na transição passando do Pacto Mosaico até a vinda da [nova] idade. O ponto culminante chegou. A Igreja tem, agora, com a destruição de Jerusalém, a oportunidade de tornar-se totalmente a Noiva de Cristo. Ela não vai um dia se tornar a noiva de Cristo no fim dos tempos”.⁷

“A união matrimonial de Cristo com a igreja não é um ato ou uma única coisa. Cada união do crente com Cristo no batismo é o casamento de Cristo, e é representante da relação inteira”.⁸

Por isto, não podemos pensar que as bodas do Cordeiro acontecerão no último dia. Este capítulo de Apocalipse se enquadra logo após a destruição de Jerusalém, e assim, logo após a esposa de Jeová estar morta por causa de seu adultério. “Ela foi o objeto do justo juízo de Deus para os seus muitos pecados, especialmente por assassinar Cristo e rejeitar o Seu chamado por quarenta anos seguintes a Sua ressurreição. Neste ponto, a ceia das bodas do Cordeiro é mencionada para deixar claro que Deus nunca ficou sem Sua noiva. A Igreja toma o lugar de Israel no Antigo Testamento e se torna o novo Israel de Deus, e o povo de Deus continua a ser casado com ele”.⁹

O momento das bodas do Cordeiro foi anunciado aos judeus por Jesus em Mateus 8.11-12:

“Também vos digo que muitos virão do oriente e do ocidente e se sentarão à mesa de Abraão, Isaque e Jacó, no reino do céu; mas os cidadãos do reino serão lançados nas trevas exteriores; ali haverá choro e ranger de dentes”. (Mateus 8.11-12)

Essa ‘vinda’ de “muitos do oriente e do ocidente” continuará até o dia da ressurreição final. O banquete do Cordeiro e a atual posição de Israel, podemos encontrar descrito em detalhes em Mateus 22.1-7:

“Então Jesus voltou a lhes falar por meio de parábolas, dizendo: O reino do céu é semelhante a um rei que celebrou o casamento de seu filho.

E enviou seus servos para chamar os convidados para a festa de casamento, mas estes não quiseram vir.

Depois enviou outros servos, ordenando: Dizei aos convidados: Meu banquete já está preparado; meus melhores bois e novilhos já foram abatidos, e tudo está pronto. Vinde para o casamento.

Eles, porém, fizeram pouco caso do convite e foram um para o seu campo, outro para os seus negócios; e os outros, agarrando os servos, maltrataram-nos e os mataram.

Mas o rei ficou furioso e, enviando seus exércitos, destruiu aqueles homicidas e incendiou a cidade deles.

(Mateus 22.1-7)

Por fim, Israel ficou de fora do banquete por que foi destruído:

“E aqueles servos saíram pelas ruas e reuniram todos que encontraram, tanto maus quanto bons; e o salão nupcial ficou cheio de convidados”. (Mateus 22.10)

“...e foi-lhe permitido vestir-se de linho fino, resplandecente e puro; pois o linho fino são as obras justas dos santos”.

(Apocalipse 19.8)

“A meretriz, a grande cidade mundana, estava vestida de linho finíssimo, mas sua posição como rainha durou pouco tempo. Linho fino é a roupa adequada para um servo na presença de um rei (Gênesis 41:2). Foi usado nas vestes sacerdotais no Velho Testamento (Êxodo 28:5,6,8,15,39,42; 1 Samuel 2:18; 22:18). Deus vestiu sua esposa em linho fino (Ezequiel 16:10,13). Em outros trechos do Apocalipse, linho finíssimo mostra a pureza dos servos de Deus. É vestido pelos anjos que saem do santuário com os sete flagelos (15:6; cf. Ezequiel 10:2-7). A noiva que se apresenta a Cristo é vestida de linho fino”.¹⁰

“...pois o linho fino são as obras justas dos santos”.

“O significado do linho, como já deduzimos das citações acima, é a pureza dos servos obedientes. Este versículo não nega a importância da graça divina na nossa salvação, como vários outros versículos deste livro enfatizam (7:14; 12:11; etc.). Ele frisa a necessidade da fé obediente (14:12; cf. Tiago 1:25; 2:24)”.¹¹

Os “estudiosos católicos apelam para Apocalipse 19:8 para apoiar a ideia de um celeiro ou uma coleção de boas ações dos santos. Este tesouro de mérito é supostamente baseado na ideia de que as vestes brancas dos santos significa “os atos de justiça dos santos”.¹²

Na verdade, o que Apocalipse 19.8 nos ensina é uma justiça imputada em Cristo, sem os méritos dos santos conforme Filipenses 3.9 que diz: *“...e ser achado nele, não tendo por minha a justiça que procede da lei, mas sim a que procede da fé em Cristo, a saber, a justiça que vem de Deus pela fé...”*.

“E me disse: Escreve: Bem-aventurados os que são chamados à ceia das núpcias do Cordeiro! Disse-me ainda: Estas são as verdadeiras palavras de Deus”. (Apocalipse 19.9)

“Aqui o orador muda o símbolo. No último versículo a Igreja era a Noiva de Cristo. Neste verso eles são convidados para a ceia das bodas”.¹³ “A ideia de uma festa, como uma imagem da felicidade do céu, era familiar entre os judeus...”.¹⁴

Os judeus daquela época foram convidados para o casamento do Cordeiro. Poderiam ter tido participação nas bodas. Mas, em uma de suas parábolas, Cristo já havia predito a rejeição do convite:

“Então Jesus voltou a lhes falar por meio de parábolas, dizendo: O reino do céu é semelhante a um rei que celebrou o casamento de seu filho.

E enviou seus servos para chamar os convidados para a festa de casamento, mas estes não quiseram vir.

(Mateus 22.1-3)

O apóstolo Paulo e Barnabé viram de perto a experiência da rejeição do convite por parte dos judeus:

“Então Paulo e Barnabé falaram corajosamente: Era necessário que em primeiro lugar se pregasse a vós a palavra de Deus. Mas, visto que a rejeitais e não vos considerais dignos da vida eterna, nós nos voltamos para os gentios”. (Atos 13.46)

“Então, lancei-me a seus pés para adorá-lo, mas ele me disse: Olha, não faças isso; sou servo teu e de teus irmãos, que têm o testemunho de Jesus. Adora a Deus, pois o testemunho de Jesus é o espírito da profecia”. (Apocalipse 19.10)

Temos aqui a grande diferença entra a atitude desse anjo e a de muitos líderes religiosos conhecidos atualmente. Embora seja um ente santo, ele não aceitou adoração e nem poderia jamais. Todavia, vemos em nossos dias homens pecadores aceitando adoração de outros homens. Um outro detalhe importante aqui, é que, esse versículo,

desmente as Testemunhas de Jeová. Elas afirmam que o ato de curvar-se diante de uma pessoa de posição era um costume oriental. É verdade que encontramos tal costume em Gênesis 18.2; 1º Reis 1.23.

A palavra grega para adoração é προσκυνέω (proskineó). Na Sptuaginta (versão grega do Antigo Testamento) esse termo “é recorrentemente usado para descrever o ato de prostrar-se ante a alguém importante ou superior, como Davi o fez ante a Saul (1Sa 24:9)...”.¹⁵

Todavia, podemos perceber que nos tempos do Novo Testamento tal costume não estava mais em vigor. Veja o exemplo de quando Cornélio se encontrou com Pedro:

“Quando Pedro estava para entrar, Cornélio foi ao seu encontro e, prostrando-se a seus pés, o adorou.

Mas Pedro o levantou e disse: Levanta-te, pois eu também sou um homem”. (Atos 10.25-26)

Onde quero chegar com tudo isto? É sabido que as Testemunhas de Jeová negam que Cristo é Deus e rejeitam adorá-lo. Mas as Escrituras mostram que Jesus foi diversas vezes legitimamente adorado e, em nenhum momento, Ele teve atitude rejeitando a adoração como fez o anjo do Apocalipse em relação a João. Se em lugar de adorá-lo, as pessoas apenas lhe prestaram homenagem – como dizem as Testemunhas de Jeová – então, Jesus é o mais sortudo de todos os personagens bíblicos. Veja bem. O Senhor Jesus fez milagres e obras extraordinárias dos quais nenhum outro jamais fez. Milagres esses que deixavam as pessoas tomadas de assombro e de grande admiração. Se apesar de tudo isto as pessoas só lhe “prestaram homenagem”, logo, por bem menos do que isso Pedro e o anjo do Apocalipse não tiveram tal sorte. Até mesmo o apóstolo Paulo foi adorado como um “deus”:

“Vendo o que Paulo fizera, as multidões começaram a gritar em língua licaônica: Os deuses desceram até nós em forma de homens.

A Barnabé chamavam Zeus, e a Paulo, Hermes, pois era ele quem dirigia a palavra.

O sacerdote de Zeus, cujo templo ficava de frente para a cidade, trouxe para as portas touros e coroas de flores e, juntamente com as multidões, queria oferecer-lhes sacrifícios.

Quando os apóstolos Barnabé e Paulo ouviram isso, rasgaram suas roupas e puseram-se no meio da multidão, gritando:

Homens, por que estais fazendo isso? Nós também somos homens, da mesma natureza que a vossa, e vos anunciamos o evangelho para que vos afasteis dessas práticas inúteis e vos volteis para o Deus vivo, que fez o céu, a terra, o mar e tudo que há neles”.

(Atos 14.11-15)

Portanto, crer que as pessoas apenas “prestaram homenagem” a Jesus é estar fora da realidade dos evangelhos. É ridículo acreditar que as pessoas não adoraram a Jesus. Isto é prova de que as religiões tiram o senso crítico e o poder de discernimento de seus membros. A Escritura deixa claro que Jesus Cristo é Deus e merece adoração.

A Vinda de Cristo

“Então, vi no céu aberto um cavalo branco, e seu cavaleiro chama-se Fiel e Verdadeiro. Ele julga e luta com justiça”.

(Apocalipse 19.11)

Este versículo é usado por muitos atualmente para afirmar a Segunda Vinda de Cristo. Aqui não é o caso, pois Jesus está vindo em “*um cavalo branco*” e não da forma como o anjo descreveu que Ele viria segunda vez:

*“Estando eles com os olhos fixos no céu, enquanto ele subia, apareceram junto deles dois homens vestidos de branco, que lhes disseram: Homens galileus, por que estais olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi elevado ao céu, **virá do mesmo modo como o vistes partir**”.*

(Atos 1.10-11 – o grifo é meu)

Outro fator é que Ele está com seus exércitos para a guerra e não vindo com seus santos. Os exércitos de Cristo que participam da guerra são seus anjos e não sua igreja. Uma vez que Jesus virá do “*mesmo modo*” como os discípulos o viram partir, logo, Ele não virá num cavalo, mesmo porque Ele não subiu montado num cavalo, e também não virá assim.

É como Jay E. Adams escreveu:

“Que isso não descreve o segundo advento físico é evidente... Cristo em nenhum outro lugar disse que iria voltar em cima de um cavalo. Ele não subiu dessa maneira, e ele vai voltar como subiu. A ideia de um cavalo físico conectado com o retorno final é estranho à Escritura. O cavalo era o emblema da guerra. Que é o seu propósito emblemático aqui”.¹⁶

O capítulo 1 deixa bem claro qual é o propósito da “vinda” de Cristo no Apocalipse. Não é a Segunda Vinda, mas uma “vinda” em julgamento. Nem tudo o que se chama “vinda” na Escritura pode ser relacionado com a Segunda Vinda de Cristo no último dia. Na página 62 deste comentário há um estudo detalhado sobre os seis tipos de “vindas” de Cristo registradas nas Escrituras. O fato de Cristo vir num cavalo branco é uma vinda em juízo e nos conecta com alguns textos do Velho Testamento, observe:

“Mensagem acerca do Egito. O SENHOR vem cavalgando numa nuvem ligeira e entra no Egito. Os ídolos do Egito estremecerão diante dele, e o coração dos egípcios se derreterá”. (Isaías 19.1)

“Porque o dia está perto; sim, o dia do SENHOR está perto; será um dia de nuvens, o tempo das nações.

Uma espada virá ao Egito, e haverá angústia na Etiópia quando os feridos caírem no Egito; o seu povo será levado para o cativo, e os seus fundamentos serão destruídos”. (Ezequiel 30.3-4)

Devemos ter sempre em mente que quando se trata de uma “vinda” em juízo, estamos diante do mesmo esquema das “vindas” que Jeová efetuava no Velho Testamento. O Senhor por diversas vezes veio contra nações como o Egito, Assíria, Babilônia e Israel.

“Ele julga e luta com justiça”.

Temos uma referência parecida dessa frase no Antigo Testamento, veja:

“...na presença do SENHOR, porque ele vem, vem julgar a terra, e julgará o mundo com justiça, e os povos, com fidelidade”.

(Salmos 96.13)

“Ele se inspirará no temor do SENHOR; e não julgará pela aparência, nem decidirá pelo que ouvir dizer; mas julgará os pobres com justiça e defenderá os humildes da terra sem parcialidade; ferirá a terra com palavras de juízo e matará o ímpio com o seu sopro”.

(Isaías 11.3-4)

Como já tenho falado exaustivamente neste comentário, Cristo veio como guerreiro em juízo para julgar Israel no ano 70 d.C. E há uma coisa interessante aqui. É que “curiosamente, este é o mesmo tipo de Messias que os judeus estavam esperando no seu primeiro advento. Naquele tempo Ele veio, não como um guerreiro conquistador, mas como um salvador sofredor. Os judeus não estavam interessados em tal Messias. Agora, 40 anos depois, Ele vem como eles previram”.¹⁷

“Os seus olhos eram como chama de fogo; sobre a cabeça trazia muitas coroas. E tinha um nome escrito, que ninguém conhece, senão ele mesmo”. (Apocalipse 19.12)

“Os seus olhos eram como chama de fogo...”. Para saber sobre o significado dessa visão veja o comentário de Apocalipse 1.14.

“...sobre a cabeça trazia muitas coroas”.

“Na sua cabeça, há muitos diademas: Nas duas outras vezes que esta palavra aparece no livro, diademas representam autoridade e poder – do dragão (12:3) e da besta do mar (13:1). Aqui, obviamente, demonstram a autoridade e o poder de Jesus. No Velho Testamento, diademas ou mitras representam a glória de uma pessoa (Provérbios 1:9; 4:9; Ezequiel 21:26). Deus é o diadema ou a glória do seu povo

(Isaías 28:5), e seu povo fiel é a glória na cabeça dele (Isaías 62:3; cf. Efésios 1:12). Jesus foi coroado de glória (Hebreus 2:9)".¹⁸

“E tinha um nome escrito, que ninguém conhece, senão ele mesmo”.

“Nomes dados representam o caráter ou as características de uma pessoa (Marcos 3:16-17; Lucas 8:30; João 17:26). Jesus merece um nome superior aos outros (Hebreus 1:4; Filipenses 2:9). Mesmo quando ouvimos nomes atribuídos a Jesus (como “o Verbo de Deus” do próximo versículo), não conseguimos compreender a grandeza do seu caráter. Ele continua sendo santo e sublime”.¹⁹

“Estava vestido com um manto salpicado de sangue, e seu nome é o Verbo de Deus”. (Apocalipse 19.13)

A palavra grega Βάπτω (bapto) pode ser traduzida como “mergulho, imersão”. Nesse versículo não diz se o “*manto salpicado de sangue*” sofreu imersão, derramamento ou aspensão do sangue. O mais provável é que tenha sido uma aspensão. Veja como Isaías 63.3-4 ajuda no esclarecimento dessa visão:

“Eu pisei no lagar sozinho, e ninguém dentre os povos esteve comigo; eu os pisei na minha ira, e os esmaguei no meu furor, e o seu sangue respingou nas minhas vestes, e manchei toda a minha roupa.

Porque o dia da vingança estava no meu coração! Chegou o ano da minha redenção”.

Sobre Apocalipse 19.13, o estudioso A.T. Robertson comenta o seguinte:

“Provavelmente (aspergido) está correto, porque a imagem vem de Is. 63:3...”.²⁰ “A imagem é de uma guerra. Cristo está a atacar seus inimigos. O Dia do Senhor chegou. O julgamento caiu agora. O sangue dos inimigos de Deus é derramado generosamente e aspergido ou respingado sobre o manto de Cristo porque Ele se envolve em guerra com eles”.²¹

“...e seu nome é o Verbo de Deus”.

Este é o nome que João usou para descrever sobre Jesus em seu evangelho:

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”. (João 1.1)

“Os exércitos do céu o seguiam montados em cavalos brancos e vestidos de linho fino, branco e puro”. (Apocalipse 19.14)

“Quase 250 vezes, a Bíblia fala de Deus como o “Senhor dos Exércitos”, uma forte afirmação de sua onipotência. Deus chamou *“da extremidade do céu, ...os instrumentos da sua indignação”* contra a Babilônia (Isaías 13:4-5).²²

Esses exércitos são compostos por seres angelicais. “Não é a Igreja que está vindo com Cristo matando seus inimigos; isto não é uma função da Igreja”.²³ A igreja que é a noiva de Cristo está a espera dele enquanto Ele vai vencendo seus inimigos.

“Uma espada afiada saía-lhe da boca, para ferir com ela as nações. Ele as regerà com cetro de ferro; e ele mesmo é o que pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus todo-poderoso”. (Apocalipse 19.15)

Observe que a espada afiada não está em sua mão, mas sai de sua boca. Isto vem do fato de que a Palavra de Deus é a espada do Espírito:

“Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus...”. (Efésios 6.17)

“Uma característica de Cristo em [Apocalipse] 1:16, é que a espada que sai da sua boca mostra o poder de Sua palavra para julgar e castigar. Esta espada pode ser usada para pelejar contra igrejas que não se arrependem das suas obras más (2:16). Aqui, porém, é usada para castigar as nações ímpias. O efeito é semelhante ao da vara de ferro com qual Jesus domina e quebra nações, o próximo aspecto desta descrição”.²⁴

Inicialmente a palavra de Deus foi usada para a criação do Universo:

“Pela fé, entendemos que o universo foi criado pela palavra de Deus, de modo que o visível não foi feito do que se vê”. (Hebreus 11.3)

Agora ela é usada para trazer destruição aos seus inimigos. João usa figuras de linguagem para descrever o poder militar de Cristo, pois ele fala sobre espada, exércitos e cavalos. Todavia, toda a vitória de Cristo contra seus inimigos provém do poder da palavra simplesmente. Philip Carrington diz que “na guerra entre Cristo e o imperador não há nenhuma espada na mão de Cristo, mas apenas em sua boca; é sua Palavra que está indo para executar de forma acentuada e rapidamente através do mundo e destruir tudo o que é falso”.²⁵

Cristo não tem necessidade alguma de se envolver numa luta física com seus inimigos conforme a imaginação fantasiosa de muitos. Basta a sua Palavra!

“Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, mais cortante que qualquer espada de dois gumes; penetra até o ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é capaz de perceber os pensamentos e intenções do coração.

E não há criatura alguma encoberta diante dele; antes todas as coisas estão descobertas e expostas aos olhos daquele a quem deveremos prestar contas”.

(Hebreus 4.12-13)

O reinado de Cristo e seu julgamento entre as nações deverá durar até que sobre o último inimigo, a morte:

“Então virá o fim, quando ele entregar o reino a Deus, o Pai, quando houver destruído todo domínio, toda autoridade e todo poder.

Porque é necessário que ele reine até que tenha posto todos os inimigos debaixo de seus pés.

E o último inimigo a ser destruído é a morte.

(1ª Coríntios 15.24-26)

“No manto, sobre a coxa, traz escrito o nome: Rei dos reis e Senhor dos senhores”. (Apocalipse 19.16)

“Nesta cena, Jesus se prepara para enfrentar os inimigos, e o nome mostrado na coxa e no manto é o nome pelo qual todo o mundo o conhecerá. Já sabemos de outros nomes: um que só ele conhece (19:12); outros pelos quais ele é conhecido pelos seus discípulos (o Verbo de Deus – 19:13; a Fiel Testemunha – 1:5; o Primogênito dos mortos – 1:5; o Soberano dos reis da terra – 1:5; o Filho de Deus – 2:18; o Santo, o Verdadeiro – 3:7; o Amém – 3:14; o Leão da tribo de Judá – 5:5; a Raiz de Davi – 5:5; o Cordeiro – 5:12; Fiel e Verdadeiro – 19:11; etc.). Quando ele se apresenta em batalha, tem um nome visível a todos, até aos inimigos”.²⁶

“...Rei dos reis e Senhor dos senhores”.

“A certeza da vitória está na natureza divina do Cordeiro. Não é a questão do tamanho do exército ou da estratégia dos guerreiros. Ele vencerá porque é o Senhor dos senhores! Este título é mais uma prova da divindade de Jesus, pois a Bíblia afirma que Deus (YHWH) é o Senhor dos senhores: *“Pois o SENHOR, vosso Deus, é o Deus dos deuses e o Senhor dos senhores, o Deus grande, poderoso e temível”* (Deuteronômio 10:17; cf Salmo 136:3; 1 Timóteo 6:15). No Apocalipse, este título é aplicado a Jesus (17:14; 19:16)”.²⁷

“Vi um anjo em pé no sol, que clamava em alta voz, dizendo a todas as aves que voavam pelo meio do céu: Vinde, ajuntai-vos para a grande ceia de Deus...”. (Apocalipse 19.17)

“Este anjo não vem de baixo, e não traz a escuridão da fumaça do abismo (cf. 9:1-11). Este aparece no sol, visível a todos e cercado pela luz brilhante. Está em pé, numa posição que representa a sua autoridade e posição como representante do comandante vencedor, o Cordeiro”.²⁸

“Vinde, ajuntai-vos para a grande ceia de Deus...”

Esta ceia não pode ser confundida de maneira alguma com a ceia das Bodas do Cordeiro. “A ceia das bodas do Cordeiro é uma festa de adoração que ocorre com o próprio povo de Deus. Esta ceia [descrita como “*grande ceia de Deus*”] é muito diferente”.²⁹

“...para comerdes a carne de reis, de comandantes, de poderosos, de cavalos e de seus cavaleiros, sim, a carne de todos os homens, livres e escravos, pequenos e grandes”. (Apocalipse 19.18)

Sabemos que tanto Israel como Jerusalém estão enquadrados aqui nesse julgamento. O fato das aves serem convidadas para comer os cadáveres reflete quão indignos são esses inimigos de Deus. Temos aqui mais uma maldição prometida por Deus caso Israel quebrasse o pacto com Ele.

Isto está registrado em Deuteronômio e em Ezequiel:

“Os teus cadáveres servirão de pasto para todas as aves do céu e para os animais da terra, e não haverá quem os afugente”.

(Deuteronômio 28.26)

“Ó filho do homem, assim diz o SENHOR Deus: Diz às aves de toda espécie e a todos os animais selvagens: Ajuntai-vos e vinde; ajuntai-vos de todos os lados para o meu sacrifício, que eu faço por vós, sacrifício grande sobre os montes de Israel, para comerdes carne e beberdes sangue.

Comereis as carnes dos poderosos e bebereis o sangue dos príncipes da terra, dos carneiros e dos cordeiros, dos bodes e dos novilhos, todos eles engordados em Basã.

Comereis da gordura até vos fartardes, e bebereis do sangue até vos embebedardes; da gordura e do sangue do sacrifício que vos estou preparando.

E vos fartareis de cavalos e de cavaleiros, de valentes e de todos os guerreiros à minha mesa, diz o SENHOR Deus”.

(Ezequiel 39.17-20)

Tão tenebrosa é essa visão de julgamento e guerra que J. Massyngberde Ford disse que “o abate parece incluir todas as classes na sociedade e o horror reside no fato de que eles não vão ser enterrados, um assunto de grande vergonha para os antigos e às vezes pensado para excluir as pessoas da ressurreição”.³⁰

“Então, vi a besta, os reis da terra e seus exércitos reunidos para atacarem o cavaleiro e seu exército”. (Apocalipse 19.19)

Já vimos neste comentário que a besta é o Império romano ou o imperador Nero (dependendo do contexto no Apocalipse).

“...os reis da terra e seus exércitos reunidos para atacarem o cavaleiro e seu exército”.

Já vimos diversas vezes que “terra” no contexto do Apocalipse e no judaísmo é uma referência a “terra de Israel” e não ao “planeta terra”. Mas, também, já comentei que temos que ter cuidado com o contexto na qual a palavra “terra” está inserida. Não podemos achar que no caso aqui em questão seja uma referência ao “planeta terra”. Temos aqui uma referência aos “reis” dentro dos limites do Império romano mais conhecido em grego como *oikoumene* que significa “terra habitada”. Também não se pode nunca deixar de lembrar que o tempo do cumprimento do Apocalipse era para ser dentro daquela geração dos discípulos conforme as palavras de Jesus em Mateus 24.34:

“Em verdade vos digo que esta geração não passará sem que todas essas coisas aconteçam”.

“...reunidos para atacarem o cavaleiro e seu exército”.

Embora tenha sido usado por Deus para destruir Israel e Jerusalém, isto não indica que Tito e Vespasiano eram pessoas piedosas. Tito foi oposto também ao Cristianismo, pois “expressou a opinião de que o templo deveria certamente ser destruído, a fim de que as religiões judaica e cristã pudessem ser mais completamente abolidas; pois embora essas religiões eram hostis entre si, tiveram, no entanto, o

surgimento a partir dos mesmos fundadores; os cristãos eram uma ramificação dos judeus, e se a raiz fosse arrancada, logo a planta inteira iria perecer”.³¹

As Vitórias de Cristo contra a Besta e o Falso Profeta

“Mas a besta foi presa, e com ela o falso profeta, que realizou diante dela os sinais com que enganou os que receberam o sinal da besta e os que adoraram a sua imagem. Esses dois foram jogados vivos no lago de fogo que arde com enxofre”. (Apocalipse 19.20)

“...foram jogados vivos no lago de fogo que arde com enxofre”. A palavra “vivos” tem causado confusão em muitos leitores. Já me escreveram me perguntando sobre o significado, pois o argumento é que se estamos diante de coisas que aconteceram no primeiro século da era cristã, como poderia a besta e o falso profeta serem lançados no lago de fogo que ainda será no futuro? Na verdade, **NÃO PODEMOS** fugir do fato de que o Apocalipse teve seu cumprimento no primeiro século da era cristã, isto é, dentro daquela geração dos discípulos (Mateus 24.34).

Então, devemos considerar algumas questões:

1. Ao dizer que a besta e o falso profeta foram jogados vivos no lago de fogo, possivelmente João esteja fazendo uma alusão a Números 16.30-33 que fala sobre Datã e Abirão que foram engolidos pela terra e vivos desceram à sepultura. Sendo assim, a questão do lago de fogo na mente de João seria uma antecipação da condenação certa da besta e do falso profeta (Israel).
2. Ser jogado vivo no lago de fogo é uma antecipação da situação dos condenados na eternidade. Eles ressuscitarão no fim e serão lançados com corpo e alma conforme Mateus 10.28: “E

*não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; pelo contrário, temei aquele que **pode destruir no inferno tanto a alma como o corpo***". (o grifo é meu)

3. É próprio da escrita de João no Apocalipse antecipar visões ou acontecimentos que só acontecerão nos próximos capítulos. Veja, por exemplo, a referência antecipada aos sete Espíritos diante do trono de Deus em Apocalipse 1, mas a visão só acontece em Apocalipse 4.5. Outro exemplo é que a descida da Nova Jerusalém só acontece em Apocalipse 21, mas em Apocalipse 20.9 é dito que a "*cidade amada*" já estava na terra junto ao acampamento dos santos.

“Os demais foram mortos pela espada que saía da boca daquele que estava montado no cavalo, e todas as aves se fartaram da carne deles”. (Apocalipse 19.21)

“A figura simbólica da metáfora é fortalecida com esta cena. Embora aos exércitos romanos sejam creditados como que literalmente matando os inimigos de Deus em Jerusalém, aqui nos é dito que a vitória foi da boca daquele que estava montado no cavalo (19:21). Com estes comentários a história da destruição de Jerusalém está completa”.³²

“Este foi o fim dos assuntos judaicos e aconteceram como previsto por Jesus nos Evangelhos. Todas essas coisas aconteceram na mesma geração que ouviu Jesus falar delas, exatamente como elas foram registradas nos Evangelhos... e graficamente elaboradas por João no livro do Apocalipse”.³³

Conclusão deste Capítulo

“A meretriz caiu e a noiva chegou ao casamento. As bestas que atormentaram os homens são derrotadas e lançadas no lago de tormento perpétuo. Agora, sobra apenas um dos inimigos do povo de Deus: o dragão. Veremos o destino dele no próximo capítulo”.³⁴

Introdução

Até o Capítulo 19 estivemos profundamente envolvidos em acontecimentos dentro do primeiro século da era cristã, no ano 70 d.C. mais especificamente. A partir do capítulo 20 vamos dar um salto que começa no primeiro século da era cristã e continua até o dia da ressurreição final. Neste capítulo vamos tratar dos mil anos do reinado de Cristo sobre o Céu e a terra. O que vamos aprender aqui no presente capítulo cumpriu-se uma parte no primeiro século da era cristã, pois “somente a partir da segunda metade do capítulo 20 é que o livro narra eventos que ainda são futuros a nós”.¹

A vida de Cristo, “o Calvário, Sua ressurreição e destruição de seu grande inimigo, o apóstata Israel, resultaram em uma bênção especial sobre o mundo inteiro...”.² E temos até hoje o eco e o progresso dessa bênção obtida ainda no primeiro século da era cristã.

Capítulo 20_____

Satanás é Amarrado por Mil Anos

“Vi descer do céu um anjo com a chave do abismo e uma grande corrente na mão”. (Apocalipse 20.1)

Não há neste versículo uma clara indicação da identidade desse anjo, se ele é Cristo ou um servo dEle. Esta é a quarta vez no Apocalipse que temos a menção de uma “chave” (ver as outras ocorrências em Apocalipse 1.18; 3.7; 9.1). “A chave, nas Escrituras, é um símbolo de soberania e poder”.³

“Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo e Satanás, e o amarrou por mil anos”. (Apocalipse 20.2)

Agora começa a ficar claro a respeito da identidade do anjo com “a chave do abismo”. Fica evidente que o anjo em questão é o próprio Senhor Jesus Cristo. Ele é o Único que poderia prender o Diabo. Enquanto muitos pensam que Ele irá fazer ainda no futuro, o próprio Jesus deixou claro que Ele fez isto ainda em seu ministério terreno.

Leia atentamente os textos a seguir:

“Como pode alguém entrar na casa do valente e roubar-lhe os bens, sem que primeiro o amarre? Só depois lhe saqueará a casa”.

(Mateus 12.29)

“Quando um homem forte e armado guarda a sua casa, os seus bens estão em segurança; mas, chegando outro mais forte do que ele e

vencendo-o, tira-lhe todas as armas em que confiava e reparte os bens que tomou". (Lucas 11.21-22)

Nesses dois textos Jesus estava defendendo sua missão e autoridade. Ele estava explicando que expulsava demônios pelo dedo de Deus, enquanto que os escribas e fariseus diziam que era pelo poder do diabo. O Senhor, mostra então, que para expulsar os demônios Ele teve que primeiro "*amarrar o valente*". Observe que o fato de Cristo "*amarrar o valente*" não evitava que manifestações demoníacas acontecessem, mas a libertação era ao mesmo tempo um fato real. Isto por si só já define que "tipo" de prisão o Diabo sofreu. Ele apenas foi limitado em seu poder e, por outro lado, a conquista das almas sob seu poder é efetuada progressivamente na história do evangelho. Essa prisão do Diabo pode ser exemplificada como um cachorro acorrentado a um cabo de aço. O cachorro ainda consegue fazer barulho e até machucar alguém, pois tem um raio de ação correndo pra lá e pra cá até onde a corrente e o cabo de aço lhe permitem. É lamentável que "nós não temos o hábito de pensar que Cristo fez isso na Sua primeira vinda. Supõe-se que isto um dia vai se tornar realidade quando Ele voltar. No entanto, Cristo não estava falando profeticamente; Ele estava falando de seu ministério então vigente".⁴

Ao amarrar o valente em seus dias aqui na terra, o Senhor deixou bem claro que aquilo era a chegada do Reino de Deus. Enquanto muitos dizem que o Reino ainda não chegou, ou tentam contornar com explicações fantásticas, em sua simplicidade o Senhor apenas disse:

"Mas, se é pelo Espírito de Deus que expulso os demônios, então o reino de Deus chegou a vós". (Mateus 12.28 – o grifo é meu)

Se já não bastasse o que está escrito nos evangelhos, o Novo Testamento está repleto de passagens que mostram claramente que Cristo venceu, prendeu e triunfou sobre o Diabo. Observe as palavras grifadas dos textos a seguir:

"Chegou a hora do julgamento deste mundo, e o seu príncipe será expulso AGORA". (João 12.31 – o grifo é meu)

J. Marcellus Kik acertadamente disse que “a expulsão de Satanás não era para esperar a segunda vinda, mas era agora [isto é, aconteceu no 1º século d.C.]”.⁵

Em seu evangelho Lucas registrou algo semelhante:

“E os setenta e dois voltaram alegres, dizendo: Senhor, até os demônios se submetem a nós em teu nome.

*Ele lhes disse: **Eu vi Satanás cair do céu como um raio**”.*

(Lucas 10.17-18 – o grifo é meu)

Tanto Paulo como o autor do livro de Hebreus fizeram coro a derrota de Satanás, ainda no primeiro 1º século d.C.:

*“...e, **tendo despojado os principados e poderes, os expôs em público e na mesma cruz triunfou sobre eles**”.*

(Colossenses 2.15 – o grifo é meu)

*“Portanto, visto que os filhos compartilham de carne e sangue, ele também participou das mesmas coisas, **para que pela morte destruísse aquele que tem o poder da morte, isto é, o Diabo...**”.*

(Hebreus 2.14 – o grifo é meu)

Portanto, em vista de tais fatos irrefutáveis, e resumindo o que foi a prisão do Diabo, sou obrigado considerar que “o significado desse aprisionamento de Satanás, é que Cristo, na Sua primeira vinda, trouxe uma vitória conclusiva, deixando Satanás impotente para impedir o sucesso do reino de Deus”.⁶

Enquanto muitos pensam erroneamente que essa prisão de Satanás seja absoluta, no entanto, o ensino claro da Escritura nos mostra que ele age ainda, mas tornou-se impotente para impedir o sucesso do reino de Deus. Este é o verdadeiro significado prisão de Satanás!

“Lançou-o no abismo, onde o fechou e pôs um selo sobre ele, para que não enganasse mais as nações, até que os mil anos se completassem. Depois disso é necessário que ele seja solto por um pouco de tempo”. (Apocalipse 20.3)

Antes de Cristo vir ao mundo, o Diabo havia por milhares de anos enganado as nações. É por isto que encontramos em Atos 14.16 a ideia de que Deus *“nos tempos passados ...permitiu que todas as nações andassem por seus próprios caminhos”*. Somente Israel foi a única nação do planeta que teve um conhecimento especial de Deus. Isto não indica que os povos antes de Cristo não tiveram oportunidade de salvação, pois pequenos lampejos da revelação do Verbo Divino podem ser encontrados em todas as nações da Terra. O apóstolo Paulo, no mesmo livro de Atos, acrescenta que Deus *“contudo, não deixou de dar testemunho de si mesmo, fazendo o bem, dando-vos chuvas do céu e estações frutíferas, fartando-vos de mantimento e enchendo o vosso coração de alegria”*. (Atos 14.17 – o grifo é meu)

Quando Paulo pregou em Atenas no Areópago, ele reforçou a ideia de que os povos antes de Cristo – embora mergulhados no engano e na escuridão – tiveram oportunidade de encontrar a Deus e serem salvos, pois disse:

*“De um só fez toda a raça humana para que habitasse sobre toda a superfície da terra, determinando-lhes os tempos previamente estabelecidos e os territórios da sua habitação, **para que buscassem a Deus e, mesmo tateando, pudessem encontrá-lo. Ele, de fato, não está longe de cada um de nós...**”*

(Atos 17.26-27 – o grifo é meu)

Sobre esses assuntos explico profundamente em meu livro intitulado *“Como será a Salvação Daqueles que “nunca ouviram” do Evangelho?”* publicado pela Revista Cristã Última Chamada.⁷

Ainda que Israel teve uma revelação especial da parte de Deus, esta revelação foi baseada em sombras. Em Colossenses 2.16-17 o apóstolo Paulo deixa claro que os ritos e práticas judaicas tais como dias de festa, lua nova, sábados e os sacrifícios de animais eram apenas *“sombras das coisas que haveriam de vir; mas a realidade é Cristo”*.

Assim, os judeus mesmo com uma revelação especial, estavam sob sombras. A realidade projetada pelas sombras veio quando Cristo se manifestou, Ele que é *“a luz verdadeira, que ilumina a todo o homem que vem ao mundo”*. (João 1.9 – ACF - Almeida Corrigida e Fiel)

Então, a partir de Cristo, a história humana toma outro rumo. O Diabo agora preso, não poderá conter o avanço do evangelho. Quando Jesus disse para pregar o evangelho e fazer discípulos de todas as nações do mundo, Ele estava dando uma ordem que não havia sido dada nos tempos do Antigo Testamento. Essa ordem é muita mais do que apenas pregar o evangelho para a pessoa ser salva, ela inclui o fazer discípulos de todas as nações. Claramente se vê que a Grande Comissão que Jesus deu a igreja inclui o domínio das nações. Os cristãos atuais se esqueceram da teologia do domínio (Gênesis 1.28). Temos uma missão de dominar o mundo para Cristo. Isto não inclui táticas ou estratégias políticas, ou filosóficas ou ainda através do uso de armas. Mas é através da pregação do evangelho. Isto deve ser feito por cada geração que passar por este mundo, pois o Senhor prometeu que vai chegar o dia em que:

“Todos os confins da terra se lembrarão e se converterão ao SENHOR, e todas as famílias das nações se prostrarão diante dele.

Porque o reino é do SENHOR, é ele quem governa as nações.

Todos os poderosos da terra comerão e adorarão, e todos os que descem ao pó se prostrarão perante ele, os que não podem preservar a vida.

A posteridade o servirá; a geração futura ouvirá falar do Senhor”.

(Salmos 22.27-30)

“Ele julgará entre as nações e será juiz entre muitos povos; e estes converterão as suas espadas em lâminas de arado, e as suas lanças, em foices; uma nação não levantará espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra.

Vinde e andemos na luz do SENHOR, ó casa de Jacó”.

(Isaías 2.4)

“...até que os mil anos se completassem. Depois disso é necessário que ele seja solto por um pouco de tempo”.

O significado dos “mil anos” bem como a soltura do Diabo por “pouco de tempo” serão comentados nos próximos versículos.

O Milênio de Cristo

“Então, vi alguns tronos, e foi dado o poder de julgar aos que neles se assentaram; e vi as almas dos que foram degolados por causa do testemunho de Jesus e da palavra de Deus, os que não adoraram a besta nem a sua imagem e não receberam o sinal na testa nem nas mãos. Eles reviveram e reinaram com Cristo durante mil anos”.

(Apocalipse 20.4)

A primeira parte deste versículo confirma o que Paulo disse em 1ª Coríntios 6.2:

“Ou não sabeis que os santos julgarão o mundo? E, se o mundo será julgado por vós, como sois incapazes de julgar as coisas menores?”

Também confirma Mateus 19.28:

“Então Jesus lhes disse: Em verdade digo a vós que me seguistes que, na regeneração, quando o Filho do homem se assentar em seu trono glorioso, vós também vos assentareis em doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel”.

Aqui em Apocalipse não nos é informado sobre a natureza desse julgamento e nem que está assentando sobre esses tronos.

“...e vi as almas dos que foram degolados por causa do testemunho de Jesus e da palavra de Deus...”.

“O uso da palavra degolados é uma referência à pena capital efetuada pelos romanos. Outros que não foram cidadãos romanos podiam ser mortos em qualquer número e de qualquer maneira, mas os cidadãos

romanos não estavam sujeitos a métodos especialmente cruéis ao serem condenados à morte. Essa referência mantém um contexto do primeiro século para o nosso capítulo”.⁸

“...os que não adoraram a besta nem a sua imagem e não receberam o sinal na testa nem nas mãos”.

Esta parte do versículo liga o capítulo vinte ainda com o primeiro século da era cristã.

“Eles reviveram e reinaram com Cristo durante mil anos”.

Isto não indica necessariamente uma ressurreição corporal. O que provavelmente João explica aqui é que ao fecharem os olhos nesta vida os mártires encontraram a vida eterna na eternidade. Temos uma alusão a isso em 2ª Timóteo 2.11-12:

“Esta palavra é digna de crédito: Se já morremos com ele, também com ele viveremos; se perseveramos, com ele também reinaremos; se o negamos, ele também nos negará...”. (o grifo é meu)

A respeito do período dos “*mil anos*” do reinado de Cristo, é absurdo que alguém ainda queira interpretar tal período literalmente. Veja alguns motivos para não se interpretar literalmente os “*mil anos*”:

1. O livro do Apocalipse é altamente simbólico, e, quando o assunto é número, o livro possui vários numerais simbólicos (por exemplo: os cento e quarenta e quatro mil).
2. O Apocalipse é o único livro da Bíblia que faz referência ao período de “*mil anos*” do Reino de Cristo. E o capítulo 20 de Apocalipse é o único capítulo que menciona esse período.
3. As passagens claras das Escrituras não especificam quanto tempo o Reino vai demorar para crescer e conquistar toda a Terra.

4. Nas passagens escatológicas de Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21 o Senhor Jesus Cristo foi muito bem claro ao dizer que o tempo do cumprimento da Grande Tribulação, anticristos e a chegada em seguida do Reino de Deus, seria dentro daquela geração dos discípulos (Mateus 24.34). Sendo assim, Cristo começou a reinar no primeiro século da era cristã.
5. Uma vez que é fato que o Reino começou ainda no primeiro século da era cristã, logo já se passaram 2015 anos até nossos dias. Assim, o Reino passou dos mil anos de duração e isto mostra claramente que os mil anos não podem ser literais.
6. O número “dez” significa o número quantitativo de perfeição. O numeral “mil” é a soma de dez ao cubo, ou seja, $10 \times 10 \times 10 = 1000$. Então, o numeral mil significa um período perfeito “como uma descrição simbólica de João da glória perpétua do reino que Cristo estabeleceu em sua primeira vinda”.⁹
7. Em diversos textos a Escritura Sagrada usa o numeral mil de maneira simbólica. Considere agora Deuteronômio 7.9 que diz:

“Saberás que o SENHOR, teu Deus, é que é Deus, o Deus fiel, que guarda a aliança e a misericórdia por até mil gerações para com os que o amam e obedecem aos seus mandamentos...”

É obvio que até o momento da escrita de Deuteronômio não houve “mil gerações” desde a criação do mundo. Desde a criação do homem sobre a terra até a escrita de Deuteronômio umas “trezentas gerações seria uma suposição razoável”.¹⁰ Por isto, devemos entender que fazer misericórdia “até mil gerações” não é uma referência literal.

Veja outro texto bíblico:

“Porque todo animal da floresta é meu, assim como o gado, aos milhares nas montanhas”. (Salmo 50.10)

Uma interpretação literal aqui sugeriria que o que passar dos milhares não pertenceriam a Deus.

No Salmo 91.7 diz que *“poderão cair mil ao teu lado, e dez mil à tua direita; mas tu não serás atingido”*. Pode ser que 200 cairão ao teu lado e 5000 a tua direita. Se assim acontecesse estaria a Escritura enganada? De maneira alguma! Não precisamos e nem podemos tomar tais palavras “literalmente” uma vez que o estilo literário dos Salmos é poético, e quanto mais o Apocalipse com seus simbolismos.

Veja ainda outro exemplo em Josué 23.10:

“Um só homem de vós persegue mil, pois o SENHOR, vosso Deus, é quem batalha por vós, como já vos disse”.

“É talvez possível que um dos homens postos em fuga sejam 900 ou 1100, ou algum outro número? Sim, claro que é. Mas, o que dizer do uso de “mil”, deve ser interpretado literalmente? Não, isso simplesmente significa um grande número perfeito. A vitória perfeita do povo de Deus é ilustrada com o uso do número perfeito. Não seria “honrar a Deus” exigindo-se só mil na batalha mencionada. Na verdade, tal atitude pode ser vista como fazendo a Bíblia parecer algo tolo”.¹¹

Portanto, o numeral mil é “usado como uma metáfora, e é aqui utilizado como um número indeterminado grande e perfeito para incluir todos os montes, milhões deles, e não simplesmente um mil”.¹²

Desta forma podemos crer que os mil anos representam todo o período do Reinado de Cristo com sua igreja até o dia da ressurreição final.

“Mas os outros mortos não reviveram, até que se completassem os mil anos. Esta é a primeira ressurreição.

Bem-aventurado e santo é o que participa da primeira ressurreição! A segunda morte não tem poder sobre eles, mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele durante os mil anos”.

(Apocalipse 20.5-6)

Aqui está uma grande prova de que não se deve interpretar os “mil anos” de maneira literal. A “primeira ressurreição” é a chave que ajuda a desvendar o capítulo 20 de Apocalipse. Que ressurreição é essa que pode livrar da segunda morte? Só existe uma ressurreição que além de ser a “primeira” também livra da condenação eterna. Essa é a ressurreição do espírito! Todos nós nascemos mortos em delitos e pecados e precisamos urgentemente nascer de novo. Sobre essa ressurreição a Escritura a ensina em várias passagens:

*“Em verdade, em verdade vos digo que quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna e não vai a julgamento, **mas já passou da morte para a vida**”.* (João 5.24 – o grifo é meu)

*“Tampouco apresenteis os membros do vosso corpo ao pecado como instrumentos do mal; mas apresentai-vos a Deus **como vivificados dentre os mortos**, e apresentai os membros do vosso corpo a Deus como instrumentos de justiça”.*

(Romanos 6.13 – o grifo é meu)

*“**Ele vos deu vida, estando vós mortos nas vossas transgressões e pecados**, nos quais andastes no passado, no caminho deste mundo, segundo o príncipe do poderio do ar, do espírito que agora age nos filhos da desobediência...”.* (Efésios 2.1-2 – o grifo é meu)

*“Mas Deus, que é rico em misericórdia, pelo imenso amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossos pecados, **deu-nos vida juntamente com Cristo** (pela graça sois salvos), **e nos ressuscitou juntamente com ele**, e com ele nos fez assentar nas regiões celestiais em Cristo Jesus...”.* (Efésios 2.4-6 – o grifo é meu)

O Senhor Jesus disse que o momento da ressurreição espiritual já havia chegado em seus dias de ministério:

*“Em verdade, em verdade vos digo que virá a hora, e já chegou, em que os **mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão**”*. (João 5.25 – o grifo é meu)

Fica, assim, incontestável o fato de que a primeira ressurreição é a do espírito. Não existe outra ressurreição que possa ser chamada de a *“primeira ressurreição”*. Como consequência, o ser humano ao ser ressuscitado espiritualmente participará da segunda ressurreição que é a do corpo e a dos justos:

“Não vos admireis disso, porque virá a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz e sairão; os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida, e os que tiverem feito o mal, para a ressurreição da condenação”. (João 5.28-29)

Para os descrentes não existe outra alternativa a não ser participar da ressurreição da condenação. O Palmer Robertson escreveu que “a ‘primeira ressurreição’ (Apocalipse 20:4-6) associada com o milênio é melhor entendida como referindo-se tanto para a renovação da vida que ocorre na conversão ou a transferência da alma do crente da terra ao céu no momento da morte”.¹³ Steve Gregg faz uma observação interessante: “...enquanto os santos desfrutavam de duas ressurreições (a primeira é o renascimento espiritual e a segunda é a ressurreição física no final do tempo), o perdido não conhecem tal “primeira ressurreição” e tem apenas a ressurreição física à frente dele no final da presente dispensação (a “ressurreição da condenação”, segundo Cristo João 5:29).¹⁴

A primeira ressurreição acontece todos os dias no decorrer da história, pois todo o dia tem pessoas nascendo de novo. Isto por si só prova que essa *“ressurreição”* não está separada da *“segunda ressurreição”* por um período de mil anos, como muitos atualmente defendem.

“Bem-aventurado e santo é o que participa da primeira ressurreição! A segunda morte não tem poder sobre eles...”

Temos nesta parte do versículo 6 a prova de que a salvação realmente não pode ser perdida. A partir do momento em que ressuscitamos ao nascer de novo, temos a garantia de que a “segunda morte não tem poder” mais sobre nós.

Satanás é Solto e Derrotado

“Quando se completarem os mil anos, Satanás será solto da prisão e sairá para enganar as nações que estão nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, cujo número é como a areia do mar, a fim de ajuntá-las para a guerra”. (Apocalipse 20.7-8)

Antes que aconteça a ressurreição final a história voltará ao que era antes de Cristo, ou seja, o Diabo terá a mesma “liberdade” de agir. Essa soltura se dará por “*um pouco de tempo*”. Levando-se em conta que quando Deus diz que algo será “*em breve*” ou “*as portas*”, significando isto que Deus trata com os seres humanos com medidas exatas de tempo e não com medidas de tempo diferentes, também quando se diz que o Diabo será solto por “*pouco de tempo*” podemos confiar que não haverá um atraso de milhares de anos como muitos gostam de sugerir.

“...e sairá para enganar as nações que estão nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, cujo número é como a areia do mar, a fim de ajuntá-las para a guerra”.

Tenho falado exaustivamente neste comentário sobre o uso da palavra “terra” como que significando “a terra de Israel” e não o “Planeta Terra”. Também considere que dependendo do contexto é possível que o significado ganhe um pouco mais de espaço, dependendo de como é falado, é claro. Tudo isto é fato bíblico e histórico. Mas, no caso que temos aqui nos versículos 7 e 8, estamos diante de um tempo muito longe do primeiro século da era cristã, no

qual é dito que as “nações” estão nos “*quatro cantos da terra*” serão enganadas novamente.

Sabemos pela parábola do joio e do trigo que o campo simboliza o mundo e pertence ao trigo, não ao joio (Mateus 13.24-30; 13.36-43). O trigo será maioria até o dia da colheita final. Sabemos que esse trigo é o Israel de Deus, ou seja, a Igreja de Cristo. Assim como Israel era chamado de “a terra de Israel”, o mundo poderá ser chamado de “a terra do Israel de Deus” (Gálatas 6.16). João parece aqui antecipar que até o nome do planeta seria chamado de “Terra”. Nem sempre foi entendido que o planeta era chamado “Terra”. Apesar de nosso planeta ser coberto de 70% de água “hoje todos temos esse dado da água, mas antigamente ninguém sabia. Então, entendia-se a terra seca (do latim *ters*) como o lugar onde se vivia, onde se morava. Terra era sinônimo de vida humana. E assim o termo foi pegando, se espalhando. Todo lugar “morável”, passível da nossa existência, era terra”.¹⁵

Os termos Gogue e Magogue tem causado muita confusão entre os atuais estudiosos das profecias. Quando João refere-se a eles está fazendo alusão a Ezequiel capítulos 38 e 39. Apocalipse 20.8 não é uma expansão de Ezequiel. A palavra Gogue “simplesmente fornece imagens do Antigo Testamento que João está procurando e não é uma referência específica de um povo ou de uma pessoa chamada Gogue. Não é incomum as imagens do Apocalipse serem baseadas em temas ou lugares do Antigo Testamento. Considere o uso que João faz de outros nomes próprios do Antigo Testamento.

Por exemplo: a ‘Jezabel’ do Apocalipse não é a mesma mulher que encontramos no Livro dos Reis. A ‘Sodoma’ em Apocalipse não é a mesma Sodoma de Gênesis. O ‘Egito’ em Apocalipse não é o mesmo antigo Egito. A ‘Babilônia’ em Apocalipse não é a mesma Babilônia de Daniel. A ‘Nova Jerusalém’ em Apocalipse não é a velha Jerusalém, em Israel. Mas, em cada caso, o nome antigo serve como um modelo. Esse é o caso diante de nós aqui; o Gogue de Apocalipse também não é o Gogue de Ezequiel. No entanto, é tão parecido com o Gogue de Ezequiel que serve perfeitamente ao propósito de João assim como Jezabel, Sodoma, Egito e Babilônia serviu aos propósitos de João por seu caráter [e exemplo] próximo.

Gogue e Magogue servem muito bem como um modelo. A literatura judaica está repleta de histórias escatológicas deste inimigo de Deus”.¹⁶

“As palavras Gogue e Magogue ficaram gravadas misteriosamente no pensamento judaico. Conforme o tempo passava, no pensamento judaico Gogue e Magogue veio para ficar como tudo o que é contra Deus. Os rabinos ensinavam que Gogue e Magogue se reuniriam com suas forças contra Jerusalém, e cairiam pela mão do Messias”.¹⁷

“Assim, parece que João aproveitou os motivos de julgamento existentes nos escritos judaicos e bíblicos. Gogue e Magogue são simplesmente as nações e são aqui utilizados da mesma maneira que costumávamos usar a palavra “comunistas” a alguns anos atrás: “*Os comunistas estão chegando!*” No mesmo sentido ele está dizendo: “*Gogue e Magogue está chegando!*” Em ambos os casos, eles geram medo”.¹⁸

“Elas subiram por toda a extensão da terra e cercaram o acampamento dos santos e a cidade amada, mas desceu fogo do céu e as devorou”. (Apocalipse 20.9)

A “*cidade amada*” é a Nova Jerusalém. Anteriormente já disse que algumas vezes o Apocalipse não está em uma ordem cronológica exata. As vezes João antecipa acontecimentos que serão falados nos próximos capítulos. Aqui é o caso. A Nova Jerusalém só desce do céu no capítulo 21. O cerco a “*cidade amada*” não pode ser uma referência a um cerco da Jerusalém moderna. Já vimos que a Jerusalém terrestre do primeiro século foi destruída para sempre e não há qualquer futuro plano especial de Deus para os judeus (conforme os Dispensacionalistas ensinam hoje). Embora a descida da Nova Jerusalém esteja no futuro em relação a Apocalipse 20.9, vamos “descobrir que, na verdade, não é futuro para essa batalha que estamos estudando aqui”.¹⁹

Outra prova de que não estamos lidando com a moderna Jerusalém terrestre é o fato de que o número dos inimigos que a cercam são “*como a areia do mar*”. A implicação é que milhões de pessoas se reunirão para essa batalha. “Agora, a pergunta vem à mente: é a área em torno de Israel grande o suficiente para sediar um grande exército

como esse? A resposta é não. Claro que, quanto maior for a área considerada, o mais provável é que milhões de pessoas se encaixem. Mas, em primeira leitura, não parece provável. Então, há alguma dúvida quanto à literalidade dessa passagem. Na verdade, as guerras dessa magnitude não seriam mais feitas com esses enormes exércitos; armas nucleares seria o método de escolha”.²⁰

A expressão “*acampamento dos santos*” é o equivalente “*a cidade amada*”. A palavra “*acampamento*” nos ajuda a interpretar esse texto. Ela é uma referência ao tempo em que Israel estava vagando pelo deserto. Em Deuteronômio 23.14 diz:

“...porque o SENHOR, teu Deus, anda no meio do teu acampamento, para te livrar e para te entregar os inimigos; por isso, teu acampamento será santo, para que ele não veja coisa impura em ti e se afaste de ti”.

Não há em toda a era milenar da igreja um acampamento literal de israelitas cristãos construído em algum lugar. Então, nem mesmo podemos considerar a cidade amada de maneira literal, no sentido de uma Jerusalém terrestre moderna. A ideia aqui em questão é que “...onde quer que o povo de Deus esteja, ali está a cidade de Deus”.²¹

A igreja é a noiva do Cordeiro, é também a cidade amada e o Israel de Deus. A questão aqui em Apocalipse 20.9 é que no final da era milenar a igreja por um pouco de tempo será cercada pelos seus inimigos.

“...mas desceu fogo do céu e as devorou”.

“A destruição dos ímpios no último dia é um ensinamento universal da literatura apocalíptica. Essa cena está diante de nós agora. Essa é a Segunda Vinda do Senhor que temos feito referência a tantas vezes neste livro. A Segunda Vinda não é “o” tema do Apocalipse e, portanto, não tem sido objeto da atenção de João. No entanto, agora ele aborda de maneira sucinta a vinda definitiva de Deus em julgamento”.²²

O apóstolo Paulo falou desse dia em 2ª Tessalonicenses 1.6-8:

“De fato, é justo diante de Deus que ele pague com tribulação os que vos atribulam, e para vós, que sois atribulados, vos dê alívio, bem como a nós, quando o Senhor Jesus se revelar do céu com seus anjos poderosos em chama de fogo, punindo os que não conhecem a Deus e os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus”.

Esta passagem de 2ª Tessalonicenses também pode ser aplicada ao primeiro século da era cristã quando Jerusalém foi destruída no ano 70 d.C., pois os judeus também atribulavam aos cristãos daquela época, e é aos tessalonicenses em primeiro lugar que Paulo disse *“pague com tribulação os que vos atribulam”*.

Após o fogo descer do céu segue na sequência dos próximos versículos o Juízo Final e a Ressurreição. Tudo isto fazendo parte de um único evento. Devemos ver antes de tudo aqui a cena do arrebatamento ao qual Paulo falou em 1ª Tessalonicenses 4.16-17:

“Porque, ouvida a voz do arcanjo e ressoada a trombeta de Deus, o próprio Senhor descera do céu com grande brado, e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro.

Depois nós, os que estivermos vivos, seremos arrebatados com eles nas nuvens, ao encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor”.

A medida em que a história avança, a igreja vai sendo cada vez mais vitoriosa em seu domínio do mundo através da pregação e discipulado das nações. Todas as famílias das nações se lembrarão do Senhor. O mundo inteiro passará por um período de paz, prosperidade e bênçãos por causa do evangelho. No final, quando por um pouco de tempo a igreja será cercada, imediatamente virá a vitória através da Segunda Vinda de Cristo. Mais uma vez a igreja sairá vitoriosa. A cena do arrebatamento de 1ª Tessalonicenses encontra sua referência em um costume romano conforme define R. C. Sproul:

“O objetivo das imagens aqui ecoa e reflete algo que era comum no mundo contemporâneo em que Paulo escreveu - ou seja, o padrão e a prática do retorno triunfal a Roma dos exércitos romanos...”

Depois de vencer uma batalha, os exércitos Romanos acampariam fora da cidade e mandariam um mensageiro anunciar a sua chegada. A cidade passaria então a ser preparada com uma decoração e um arco de triunfo. Em um momento pré-arranjado, um sinal seria feito através de trombetas para que fosse destruído. Ou seja, quando os exércitos marchariam em triunfo na cidade.

Mas antes de começarem a marcha ao sinal da trombeta, todo mundo que era um cidadão real de Roma seria convidado para vir para fora da cidade para participar do desfile de marcha de volta através do arco do triunfo com o exército vitorioso...

Com isso, o nativo de Pittsburgh concluiu: “O que eu ouço que Paulo está dizendo é que quando Jesus voltar, ele vai voltar a esta terra com toda a sua Igreja, a Igreja será arrebatada para encontrá-lo enquanto ele descer e vai continuar a descer junto com sua comitiva inteira dos crentes”.

Mais especificamente, citando os ensinamentos de Paulo, Sproul afirmou que aqueles que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro e serão levados para o ar e os que estão vivos na segunda vinda de Cristo também serão levados para o encontro com o Senhor enquanto ele descer”.

Sobre quando tudo isso ocorre, isto é desconhecido”.²³

“E o Diabo, que as enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde estão a besta e o falso profeta. Eles serão atormentados dia e noite, pelos séculos dos séculos”.

(Apocalipse 20.10)

Aqui parece indicar que a besta e o falso profeta já estavam no lago de fogo. E se relembrarmos Apocalipse 19.20 veremos que a ida deles a perdição foi antecipada:

“Mas a besta foi presa, e com ela o falso profeta, que realizou diante dela os sinais com que enganou os que receberam o sinal da besta e os que adoraram a sua imagem. Esses dois foram jogados vivos no lago de fogo que arde com enxofre”.

Para mais detalhes ver comentário de Apocalipse 19.20.

O Juízo Final

“Vi também um grande trono branco e o que estava assentado sobre ele; a terra e o céu fugiram de sua presença, e não foi achado lugar para eles”. (Apocalipse 20.11)

Agora a visão acontece no Céu. A palavra “trono” aparece 37 vezes no livro do Apocalipse e nesse versículo é a única vez em que aparece como “*grande trono branco*”. João não dá informações sobre quem está assentado sobre o trono. Mas, outras passagens ajudam a lançar luz sobre a identidade de quem é o Juiz assentado sobre o trono. Em João 5.27 Jesus diz que o Pai lhe deu “*autoridade para julgar, pois ele é o Filho do homem*”. Em Mateus 25.31 diz que quando “*o Filho do homem vier na sua glória, e todos os anjos com ele, então se sentará no seu trono glorioso...*”. O apóstolo Paulo em 2ª Timóteo 4.1 diz que Cristo Jesus “*há de julgar os vivos e os mortos, pela sua vinda e pelo seu reino...*”. De fato, o grande Juiz do trono branco é Jesus Cristo.

“...a terra e o céu fugiram de sua presença, e não foi achado lugar para eles”.

Esta frase “sugere que o céu e a terra neste momento não existem mais. Embora isto seja possível, não é necessariamente o caso”.²⁴ Segundo Moses Stuart “o céu e a terra fugindo é um retrato poético dos efeitos da presença divina. Mesmo a criação natural recua com temor e procura esconder-se”.²⁵

“Vi os mortos, grandes e pequenos, em pé diante do trono, e abriram-se alguns livros. Então, abriu-se outro livro, o livro da vida, e os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras”. (Apocalipse 20.12)

Esta visão revela que todos os seres humanos de todas as eras estarão presentes naquele dia. O julgamento das obras de cada um será

baseado no que estava escrito nos livros. Isto sugere graus de punição e de recompensa.

O evangelho de Lucas fala sobre isto:

“O servo que conhecia a vontade do seu senhor e não se preparou, nem agiu conforme a sua vontade, será castigado com muitos açoites; mas o que não a conhecia, e fez coisas que mereciam castigo, será castigado com poucos açoites. A quem muito é dado, muito será exigido; e a quem muito se confia, mais ainda se pedirá”.

(Lucas 12.47-48)

Todos os que estão em pé diante do trono, justos e injustos, serão ressuscitados ao mesmo tempo num só dia. Cristo foi claro a esse respeito quando disse que:

“Não vos admireis disso, porque virá a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz e sairão; os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida, e os que tiverem feito o mal, para a ressurreição da condenação”. (João 5.28-29)

Em Mateus 13.26-30, Jesus fala do joio e trigo. “O seu servo quer separar um do outro agora, mas o mestre proíbe e diz que ambos devem ser autorizados a crescer até a colheita, quando ambos **são colhidos ao mesmo tempo**”.²⁶ (o grifo é meu)

Embora o texto de Mateus 13.47-50 possa ser aplicado primeiramente a queda de Jerusalém no ano 70 d.C., a separação de peixes bons e maus ali descrita será feita ao mesmo tempo, e isto também se aplica ao dia da ressurreição final:

“Da mesma forma, o reino do céu é semelhante a uma rede lançada ao mar, que apanhou todo tipo de peixes.

E, quando ficou cheia, os pescadores puxaram-na para a praia; e, sentando-se, puseram os bons em cestos, mas, jogaram fora os ruins.

Assim será no fim do mundo: os anjos sairão e separarão os maus dentre os justos, e os lançarão na fornalha de fogo; ali haverá choro e ranger de dentes”.

No grande julgamento das nações descrito em Mateus 25 o Senhor também fala da separação das ovelhas e dos cabritos acontecendo ao mesmo tempo:

“...e todas as nações serão reunidas diante dele; e ele separará uns dos outros, à semelhança do pastor que separa as ovelhas dos cabritos; e porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos, à esquerda”. (Mateus 25.32)

Em resumo, esse juízo será a representação de que “tudo o que os homens têm feito é gravado, e será exibido no julgamento final, e constituirá a base do juízo final”.²⁷

“O mar entregou os mortos que nele havia, e a morte e o além entregaram também os mortos que neles havia. E eles foram julgados, cada um segundo as suas obras”. (Apocalipse 20.13)

Temos neste versículo o indicador do que já vimos no versículo anterior, ou seja, a ressurreição de justos e injustos acontece ao mesmo tempo. Os mortos são fornecidos de três lugares diferentes, são eles: o *mar*, a *morte* e o *além*. A palavra traduzida como “*além*” é hades. Ela significa “*habitação dos mortos*” e muitas vezes é traduzida como inferno em nossas Bíblias.

Muitos equivocadamente usam Apocalipse 20.13-14 para dizer que o inferno é uma sala de espera onde os mortos aguardam o julgamento final. O problema – conforme já vimos - é que o versículo 13 também diz que os mortos estão no “*mar*” e na “*morte*”. O correto mesmo é ver esse versículo como que ensinando a respeito de uma ressurreição geral e não como o local onde estariam as “*almas*” dos mortos. Alguns tiveram o mar como sepultura, outros a terra, e muitos outros tiveram os seus corpos desaparecidos ou foram espalhados pela superfície da terra. Na ressurreição Deus dará corpos físicos a todos conforme lhe apraz. A diferença estará no tipo de corpo, pois os santos receberão corpos sobrenaturais glorificados e físicos aos mesmo tempo. A Escritura praticamente silencia sobre a natureza dos corpos dos perdidos.

Os que forem condenados ressuscitarão e perecerão no inferno em corpo e alma:

“E não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; pelo contrário, temeí aquele que pode destruir no inferno tanto a alma como o corpo”. (Mateus 10.28)

É por isto que se diz que ali haverá choro e ranger de dentes, pois almas imateriais não possuem dentes.

“A morte e o inferno foram jogados no lago de fogo. Esta é a segunda morte, o lago de fogo”. (Apocalipse 20.14)

Muitos equivocadamente pensam que o inferno (hades) é um lugar que está sendo jogado dentro de outro lugar, “o lago de fogo”. Não se trata de um lugar sendo jogado dentro de outro. A palavra hades pode ser traduzida simplesmente como “além”. Quando morremos vamos para o “além” ou para o hades. O hades não é um compartimento ou uma sala em que estão os mortos. Ele é muito mais que um lugar, mas é uma condição. Quando alguém vai para o além, vai na condição de perdido ou salvo. É justamente por isto que não creio em estado intermediário que é o período entre a morte e a ressurreição final. Na morte as pessoas vão para o além e imediatamente como numa viagem no tempo se encontram no dia do juízo com todos os outros seres humanos, sem espaço, e sem intervalo de tempo de espera conforme Hebreus 9.27: *“E, como está ordenado aos homens morrerem uma só vez, vindo depois o juízo...”*. No final da página 162 deste comentário explico em detalhes sobre o estado intermediário.

O lançamento da morte e do inferno no lago de fogo marca definitivamente a vitória sobre o último inimigo, a morte:

“Porque é necessário que ele reine até que tenha posto todos os inimigos debaixo de seus pés.

E o último inimigo a ser destruído é a morte”.

(1ª Coríntios 15.25-26)

Conclusão deste Capítulo

“E todo aquele que não se achou inscrito no livro da vida foi jogado no lago de fogo”. (Apocalipse 20.15)

No versículo 12 vimos que *“abriu-se outro livro, o livro da vida...”*. A presença do livro da vida é fundamental nesse julgamento. Sem ele e só com base nos escritos dos outros livros, estaríamos todos perdidos. Os santos já partem desta vida na condição de salvos. Apenas serão julgados para receber galardões. E o nome deles será lido no Livro da Vida. Os perdidos ao ressuscitarem apenas terão escritos de dívida nos livros que serão abertos. Até aí não seria problema, mas a ausência do nome no Livro da Vida é que pesa por toda a eternidade. Isto não será nenhuma novidade para eles uma vez que em vida decidiram para sempre estar contra o Senhor.

Mas, nós, desde agora, podemos repetir o que Cristo disse:

“Contudo, não vos alegréis porque os espíritos se submetem a vós, mas porque vossos nomes estão escritos no céu”. (Lucas 10.20)

Introdução

O Capítulo 20 de Apocalipse deve ser visto como uma espécie de parêntese feito por João. No Capítulo 19 tivemos a destruição definitiva da grande Babilônia que era a Jerusalém do primeiro século da era cristã. Depois, no Capítulo 20, João nos leva ao período do Reino milenar de Cristo até o dia do Juízo Final. Agora, no Capítulo 21, voltamos ao primeiro século da era cristã.

A partir daqui, o mesmo João que viu a destruição da Jerusalém terrena, agora vê e descreve a Nova Jerusalém. Neste capítulo veremos uma descrição da era da igreja e não uma imagem do Estado Eterno e final. Quando o número dos eleitos estiver completo aí sim a Nova Jerusalém entra no estado eterno.

Capítulo 21 _____

Este Capítulo Simboliza a era Atual da Igreja

“Então vi um novo céu e uma nova terra. Pois o primeiro céu e a primeira terra já se foram, e o mar já não existe”. (Apocalipse 21.1)

A grande maioria ao ler este versículo logo pensa que se trata do estado eterno. No entanto, o capítulo 21 de Apocalipse simboliza a era atual da igreja em que vivemos, que atingirá o dia da perfeição. O apóstolo Pedro nos conta como iria ser a chegada do novo céu e nova terra:

“Contudo, o dia do Senhor virá como ladrão, no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, queimando, se dissolverão, e a terra e as obras que nela há serão descobertas.

Se todas essas coisas serão assim destruídas, que tipo de pessoa deveis ser? Pessoas que vivem em santidade e piedade, aguardando e esperando ansiosamente a vinda do dia de Deus; por causa desse dia, os céus se dissolverão pelo fogo, e os elementos, ardendo, derreterão.

Nós, porém, segundo sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, nos quais habita a justiça”.

(2ª Pedro 3.10-13)

Uma boa parte dos intérpretes bem como o povo comum interpretam esses versos de maneira literal. Eles acreditam que o dia do Senhor fará com que os “*elementos*” do Universo sejam queimados. No

entanto, essa passagem tem semelhança com outras passagens simbólicas sobre o tema:

“Vi quando ele abriu o sexto selo, e houve um grande terremoto. O sol escureceu como saco de cilício, e a lua toda tornou-se como sangue; e as estrelas do céu caíram sobre a terra, como figos verdes derrubados da figueira por um vento forte.

O céu recolheu-se como um rolo e todos os montes e ilhas foram removidos de seus lugares”.

(Apocalipse 6.12-14)

“Quando eu te extinguir, cobrirei o céu e escurecerei suas estrelas; encobrirei o sol com uma nuvem, e a lua não dará a sua luz”.

(Ezequiel 32.7)

“E todo o exército dos céus se dissolverá, e o céu se enrolará como um livro; e todo o seu exército cairá, como cai a folha da videira e da figueira.

Pois a minha espada se embriagou no céu; ela descera sobre Edom e sobre o povo que separei para a destruição”.

(Isaías 34.4-5)

Observe que em 2ª Pedro 3.10-13 o apóstolo Pedro diz que **“os céus passarão com grande estrondo”**. A ideia dos céus passarem foi exatamente a mesma coisa que o Senhor Jesus disse em Mateus 24.35: **“Céu e terra passarão, mas as minhas palavras nunca”**. Muita gente pensa que isso significa “céu e terra” físicos. Na verdade, o “céu e terra” significava a Antiga Aliança. As passagens bíblicas citadas acima nos mostram uma linguagem de “des-criação” do Universo. “O mundo que os judeus conheciam estava deixando de existir. O seu mundo que era o céu e a terra que eles estavam familiarizados, havia passado...”¹

É justamente por isto que João diz que **“o primeiro céu e a primeira terra já se foram”**. O judaísmo do primeiro século da era cristã já não existia mais. “Algo novo foi criado em seu lugar, um novo céu e uma nova terra. Aqui a linguagem da criação é usada para descrever o que tomaria o lugar da velha ordem. A nova ordem seria tão original e os

caminhos de Deus com os homens tão diferentes que só a frase um novo céu e uma nova terra poderia descrevê-la. O substituto para a antiga ordem judaica seria o Novo Reino da Igreja de Jesus Cristo. Nesta frase, podemos ver ‘o sistema da Antiga Aliança do judaísmo extinto como a mais velha ‘criação’, agora substituída pela nova ordem sob Cristo’”.²

Sobre esta questão o autor de Hebreus escreveu:

“Ao dizer que esta aliança é nova, ele tornou antiquada a primeira. E o que se torna antiquado e envelhece, está perto de desaparecer”.

(Hebreus 8.13)

A expressão “*novos céus e nova terra*” pode ser encontrada em Isaías 65 e 66. “Curiosamente, esta passagem de Isaías é liberalmente aplicada no Novo Testamento para a era atual da igreja. As alusões são muitas vezes fracas, mas elas têm uma força coletiva em demonstrar a aplicação de imagens do Antigo Testamento de um Estado milenar da Igreja do Novo Testamento de hoje”.³

<p><i>“Não trabalharão em vão, nem terão filhos para calamidade; porque serão a descendência dos benditos do SENHOR, e os seus descendentes estarão com eles”.</i> (Isaías 65.23 – o grifo é meu)</p>	<p><i>“Portanto, meus amados irmãos, sede firmes e constantes, sempre atuantes na obra do Senhor, sabendo que nele o vosso trabalho não é inútil”.</i> (1ª Coríntios 15.58 – o grifo é meu)</p>
<p><i>“O lobo e o cordeiro pastarão juntos, o leão comerá feno como o boi; e a comida da serpente será o pó. Não farão mal nem dano algum em todo o meu santo monte, diz o SENHOR”.</i> (Isaías 65.23)</p>	<p><i>“Eu vos dei autoridade para pisar serpentes e escorpiões, e autoridade sobre todo o poder do inimigo; nada vos fará mal algum”.</i> (Lucas 10.19)</p>

<p>“Assim diz o SENHOR: O céu é o meu trono, e a terra é o estrado dos meus pés. Que casa edificaríeis para mim? Qual é o lugar do meu descanso?</p> <p><i>A minha mão fez todas essas coisas, e assim todas elas vieram a existir, diz o SENHOR. Mas darei atenção a este: ao humilde e contrito de espírito, que treme diante da minha palavra”.</i></p> <p>(Isaías 66.1-2)</p>	<p><i>“...para que, se eu demorar, saibas como se deve proceder na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e alicerce da verdade”.</i> (1ª Timóteo 3.15)</p>
<p><i>“...para que venhais a mamar e vos saciar dos seus peitos que consolam; para que sugueis e vos deleiteis com a grandeza da sua glória”.</i> (Isaías 66.11)</p>	<p><i>“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, pois serão saciados”.</i> (Mateus 5.6)</p>
<p><i>“Pois assim diz o SENHOR: Estenderei a paz sobre ela como um rio, e a glória das nações, como um ribeiro que transborda; então mameis, sereis levados ao colo e afogados sobre os joelhos”.</i></p> <p>(Isaías 66.12)</p>	<p>“Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou. Eu não a dou como o mundo a dá. Não se perturbe o vosso coração nem tenha medo”. (João 14.27)</p>

<p>“Pois o SENHOR virá com fogo, e os seus carros serão como a tempestade, para retribuir a sua ira com furor, e a sua repreensão, com chamas de fogo.</p> <p>Porque o SENHOR executará juízo sobre todos os homens com fogo e com sua espada; e os mortos pela mão do SENHOR serão muitos”. (Isaías 66.15-16)</p>	<p>“Mas o rei ficou furioso e, enviando seus exércitos, destruiu aqueles homicidas e incendiou a cidade deles”.</p> <p>(Mateus 22.7)</p>
<p>“Pois eu conheço as suas obras e os seus pensamentos; vem o dia em que ajuntarei todas as nações e línguas; elas chegarão e verão a minha glória”.</p> <p>(Isaías 66.18)</p>	<p>“Também vos digo que muitos virão do oriente e do ocidente e se sentarão à mesa de Abraão, Isaque e Jacó, no reino do céu...”. (Mateus 8.11)</p>
<p>“Porei entre elas um sinal e enviarei os que escaparem dali às nações, a Társis, Pul e Lude, povos que atiram com o arco, a Tubal e Javã, até as ilhas distantes, que não ouviram da minha fama, nem viram a minha glória; e eles anunciarão a minha glória entre as nações”.</p> <p>(Isaías 66.19)</p>	<p>“...a quem Deus, entre os gentios, quis dar a conhecer as riquezas da glória deste mistério, a saber, Cristo em vós, a esperança da glória”.</p> <p>(Colossenses 1.27)</p>

“E trarão todos os vossos irmãos de todas as nações, como oferta de cereal ao SENHOR; haverão de trazê-los ao meu santo monte, a Jerusalém, sobre cavalos, e em carros, e em charretes, e sobre mulas, e sobre camelos, diz o SENHOR. Farão como os israelitas quando levam suas ofertas à casa do SENHOR em vasos limpos”. (Isaías 66.20)

“...para ser um servo de Cristo Jesus entre os gentios, servindo ao evangelho de Deus como sacerdote, para que os gentios sejam aceitáveis a Deus como oferta santificada pelo Espírito Santo”. (Romanos 15.16)

“...e o mar já não existe”.

Duas interpretações cabem aqui. A primeira liga o mar ao contexto imediato, sugerindo que ele pertence à mesma categoria do céu e terra que passam no mesmo versículo”.⁴ Já vimos neste comentário que o “*mar*” simboliza as nações pagãs, os gentios não regenerados (Isaías 17.12-13; Salmo 65.7; Apocalipse 17.15). “A palavra *mar* é frequentemente usada nas Escrituras para representar as nações dos gentios”.⁵ Segundo Philip Carrington “o mar parece ser para todos o que separa e dificulta; lembramos que muitas vezes ele tem simbolizado o antigo inimigo de Deus”.⁶

O resultado dessa compreensão da palavra *mar*, é que na conclusão final deste novo céu e nova terra, não haverá nenhum mundo pagão, mas apenas o Israel espiritual conforme Isaías 11.9:

“Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte, porque a terra se encherá do conhecimento do SENHOR, como as águas cobrem o mar”.

Esta é, naturalmente, uma imagem da vitória final da igreja. A natureza simbólica do contexto favorece essa ideia. Os gentios eram os povos imundos que a nação judaica evitava a todo o custo”⁷ conforme Atos 10.28:

“...e disse-lhes: Bem sabeis que não é permitido a um judeu misturar-se com não judeus ou aproximar-se deles. Mas Deus mostrou-me que a nenhum homem devo chamar profano ou impuro”.

A igreja de Cristo recebeu a missão para conquistar todas as nações da terra:

“E, aproximando-se Jesus, falou-lhes: Toda autoridade me foi concedida no céu e na terra.

Portanto, ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; ensinando-lhes a obedecer a todas as coisas que vos ordenei; e eu estou convosco todos os dias, até o final dos tempos”. (Mateus 28.18-20)

Uma vez que essa Grande Comissão chegue ao seu término, o mar (ou as nações pagãs não regeneradas) ficarão no passado, no esquecimento.

A segunda interpretação da palavra “mar” o identifica com o mar de vidro (Apocalipse 4.6; 15.2). “Nesta segunda interpretação, o mar representa a separação entre Deus e suas criaturas, e seria uma progressão de separação (4:6) à transição (15:2) à proximidade (21:1). Ambas as interpretações enfatizam a nova ordem de bênçãos para os fiéis depois do castigo dos ímpios”.⁸

“Vi a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, enfeitada como uma noiva preparada para seu noivo”.

(Apocalipse 21.2)

A antiga capital da nação de Israel era Jerusalém. O Israel espiritual, que é a igreja de Cristo, tem como capital a “nova Jerusalém”. É assim chamada porque a antiga Jerusalém terrena que havia se prostituído e adulterado, já não é mais a esposa de Jeová. A nova Jerusalém tem sua origem no céu e, é por isto que ela “descia” de lá.

“Os profetas do Antigo Testamento usaram a figura de uma nova e perfeita cidade para representar a bênção da comunhão com Deus depois de um período de sofrimento. Especificamente, falaram da igreja ou do reino do Messias que viria depois da purificação do

cativeiro. Este tema é especialmente forte em livros como Ezequiel (capítulos 40-48) e Isaías (capítulos 60-66; especialmente 65:18-19). Paulo desenvolveu o mesmo tema quando falou de Jerusalém livre, que vem de cima (Gálatas 4:26-31). O autor de Hebreus, também, viu a cidade celestial como a igreja já existente no primeiro século: *“Mas tendes chegado ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial...igreja dos primogênitos”* (Hebreus 12:22-23). A mesma linguagem aqui no Apocalipse descreve a igreja do Senhor. Nada no texto aqui limita essas bênçãos ao futuro (a igreja no céu). Podemos entender a nova Jerusalém como a igreja já abençoada aqui na terra e, desta maneira, a interpretação deste trecho se ajusta ao contexto histórico do livro”.⁹

A nova Jerusalém é também a cidade que Abraão esperava porque *“tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e construtor”*. (Hebreus 11.10)

“...enfeitada como uma noiva preparada para seu noivo”.

Esta mesma cena encontramos em Apocalipse 19.7-8. O profeta Isaías “descreveu as bênçãos da salvação em Cristo *“como noiva que se enfeita com as suas jóias”* (61:11)”.¹⁰ Assim, a nova Jerusalém é a “verdadeira realização das várias profecias escatológicas no Antigo Testamento, que originalmente tinha sido fundamentadas na Jerusalém física”.¹¹

“No capítulo 19, vimos o anúncio do casamento do Cordeiro. Aqui no capítulo 21, vamos continuar com este assunto. A proximidade entre os mesmos indivíduos em ambos os capítulos nos mostra que o autor voltou de onde ele parou no capítulo 19 que atesta a proximidade de tempo também”.¹²

“E ouvi uma forte voz, que vinha do trono e dizia: O tabernáculo de Deus está entre os homens, pois habitará com eles. Eles serão o seu povo, e Deus mesmo estará com eles”. (Apocalipse 21.3)

Essa “linguagem vem diretamente de promessas do Velho Testamento sobre a restauração de Israel espiritual pelo Messias.

As Escrituras estão repletas de frases como estas, descrevendo a comunhão entre Deus e os santos. Deus queria uma relação desta qualidade no Velho Testamento: *“E habitarei no meio dos filhos de Israel e serei o seu Deus”* (Êxodo 29:45). Jerusalém, o lugar escolhido por Deus para a edificação do templo, passou a representar a habitação de Deus no meio do povo (2 Crônicas 6:2; Esdras 1:3). Mas, o povo rompeu os laços de comunhão, repetidamente, pelo pecado (Ezequiel 10:18-19; 11:22-23; Isaías 59:2). Os profetas falaram das bênçãos guardadas para o povo restaurado. Deus disse: *“O meu tabernáculo estará com eles; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo”* (Ezequiel 37:27; cf. 37:23,28; Zacarias 2:10-11; 8:8; Jeremias 30:21-22; 31:33)¹³.

A plenitude do significado da habitação de Deus entre os homens se dá quando Jesus Cristo veio ao mundo. João expressa bem isto quando escreveu:

“E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, pleno de graça e de verdade; e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai”.

(João 1.14)

A palavra *“habitou”* no grego é σκηνώω (skēnoō) e significa *“tabernaculou”*. Assim, o Verbo *“tabernaculou entre nós”*, pois *“o tabernáculo de Deus agora é o próprio Cristo. É Ele quem vai habitar entre eles”*¹⁴ conforme nos ensina João 14.23: *“Jesus lhe respondeu: Se alguém me amar, obedecerá à minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos a ele e faremos nele morada”.*

“Ele lhes enxugará dos olhos toda lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem lamento, nem dor, porque as primeiras coisas já passaram”. (Apocalipse 21.4)

Tenho mostrado neste comentário que a conquista do Reino de Deus é progressiva neste mundo. Aos poucos – conforme o Reino avança – cada setor da vida humana é conquistado por Cristo até que chegue o dia perfeito, pois *“a vereda dos justos é como a luz da aurora, que vai brilhando cada vez mais, até ficar completamente claro”.* (Provérbios 4.18)

E, em Atos 3.21, diz a respeito de Jesus que *“é necessário que o céu o receba até o tempo da restauração de todas as coisas, sobre as quais Deus falou pela boca dos seus santos profetas, desde o princípio”*. Durante o seu reinado, progressivamente cada inimigo será vencido porque *“é necessário que ele reine até que tenha posto todos os inimigos debaixo de seus pés”*. (1ª Coríntios 15.25)

Por causa de tudo isso vivemos atualmente a tensão do *“agora e ainda não”*. Isto é um fenômeno nas Escrituras onde os escritores bíblicos querem dizer que um evento que é realizado agora, também será realizado no futuro.

Veja alguns exemplos do “agora e ainda não:

“O reino dos céus: Cristo diz que o Reino estava entre eles naquele momento (Mateus 12:28, Lucas 17:21), mas depois também disse que eles estavam esperando por ele (Mateus 6:10, Lucas 21:31)

Adoção: Paulo diz que agora temos recebido o espírito de adoção (Romanos 8:15), e João diz que nós somos agora filhos de Deus (1 João 3:2), mas Paulo também diz que estamos à espera de adoção (Romanos 8:23, ver também 1 João 3:2).

Salvação: Nós fomos salvos (Efésios 2:8, 2ª Timóteo 1:9), estamos sendo salvos (1ª Coríntios 1:18, Filipenses 2:12-13), estamos esperando para sermos salvos (Atos 15: 11, 1ª Pedro 1:9).

Glorificação: Nós já fomos glorificados, em virtude de sermos eleitos e justificados (Romanos 8:30) e seremos glorificados depois de termos sofrido por Cristo (Romanos 8:16).

Vida Eterna: Nós temos agora (João 6:47), estamos esperando por ela (Marcos 10:30).

Julgamento: o mundo foi julgado (João 12:31), o mundo está sendo julgado (Mateus 25), o mundo vai ser julgado (Mateus 25:41, Hebreus 9:27).

Morte: foi abolida (2 Timóteo 1:10), e ainda será abolida (1ª Coríntios 15:26)”.¹⁵

Para maiores esclarecimento sugiro a leitura do artigo “O “agora” e o “ainda não” da Escatologia Bíblica”¹⁶ de Dee Dee Warren publicado no site da Revista Cristã Última Chamada.

Com base nesses fatos posso concluir que atualmente vivemos como que de maneira parcial neste mundo. Quando se diz que “*enxugará dos olhos toda lágrima; e não haverá mais morte*” etc., podemos afirmar que para aquele que está em Cristo isto é agora parcialmente uma realidade. Quem está em Cristo está livre da morte espiritual e desfruta da alegria do céu. Quem está em Cristo não está mais em luto espiritualmente falando, mas vive uma realidade cheia de esperança. No dia da ressurreição final toda essa realidade de esperança vivida agora atingirá a sua plenitude e definitivamente afetará na totalidade o mundo físico de uma vez por todas. Assim, as lágrimas, a morte, o pranto, o lamento e a dor não terão mais seu alívio parcial como tem sido agora, mas definitivo, pois “*aniquilará a morte para sempre, e assim o SENHOR Deus enxugará as lágrimas de todos os rostos e tirará de toda a terra a humilhação do seu povo; porque o SENHOR o disse*”. (Isaías 25.8)

Eu Faço Nova Todas as Coisas!

“O que estava assentado sobre o trono disse: Eu faço novas todas as coisas! E acrescentou: Escreve, pois estas palavras são fiéis e verdadeiras”. (Apocalipse 21.5)

Muitos interpretam este versículo como o início do estado eterno. Isso nos leva a perguntar “como um estado eterno, aqui chamado de novo céu e nova terra, é diferente do seu milênio anterior? Eles postulam um milênio anterior que parece suspeito como o estado eterno. Postulamos um milênio, o que move o mundo cada vez mais em direção a este estado eterno com o aumento da vitória da Igreja, mas em última análise, não se pode confundir um com o outro.

A linguagem simbólica são imagens de nossas vitórias espirituais e espera benefícios materiais em prosperidade terrena e saúde. Mas o milênio terrestre não deve ser confundido com o próprio céu”.¹⁷

“Disse-me ainda: Está cumprido: Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim. A quem tiver sede, darei de beber de graça da fonte da água da vida”. (Apocalipse 21.6)

Aqui está uma clara demonstração do poder de Deus em cumprir as suas palavras. Tudo quanto foi planejado desde a fundação do mundo cumprir-se-à risca. Ao dizer *“Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim”*, Cristo está terminando o livro da mesma maneira em que ele começou em Apocalipse 1.8.

“A quem tiver sede, darei de beber de graça da fonte da água da vida”.

Esta frase nos introduz diretamente a Isaías 55.1:

“Ó vós, todos os que tendes sede, vinde às águas, e vós que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei; vinde e comprai vinho e leite, sem dinheiro e sem custo”.

E em João 4.14 Cristo disse que *“quem beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que eu lhe der se tornará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna”.*

Em João 7.37-39 Jesus disse:

“No último dia da festa, o dia mais importante, Jesus se colocou em pé e exclamou: Se alguém tem sede, venha a mim e beba.

Como diz a Escritura, rios de água viva correrão do interior de quem crê em mim.

Ele disse isso referindo-se ao Espírito que os que nele cressem haveriam de receber; porque o Espírito ainda não havia sido dado, pois Jesus ainda não fora glorificado”.

O fato de dar *“de beber de graça”* vai contra todas as religiões, pois *“toda religião na terra [ensina] uma “salvação pelas obras”.* Não só eles criticam os cristãos por *“não fazer nada”* pela sua própria salvação, mas orgulham-se de seu trabalho e do mérito para obtenção da salvação. Mas tal *“mérito”* é uma afronta a Deus. É impossível

ganhar a vida eterna; ela só pode ser obtida “*pela graça mediante a fê...*” (Efésios 2.8-9).¹⁸

“Aquele que vencer herdará essas coisas; e eu serei seu Deus, e ele será meu filho”. (Apocalipse 21.7)

“*Aquele que vencer*” parece contrariar a salvação pela graça e sem méritos. Mas, a pergunta deve ser: “*Quem é que pode vencer?*” Para vencer primeiro temos que ser “*mais que vencedores*”, e isto, é por meio de Jesus Cristo nosso Senhor, e não por nosso mérito (Romanos 8.37). A Escritura declara que “*todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé. Quem vence o mundo, senão aquele que crê que Jesus é o Filho de Deus?*” (1ª João 5.4-5).

No contexto do Apocalipse os mártires são o maior exemplo de vitória:

“Eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho e, mesmo diante da morte, não amaram a própria vida”. (Apocalipse 12.11)

A Recompensa Eterna

“Mas, quanto aos covardes, incrédulos, abomináveis, homicidas, adúlteros, feiticeiros, idólatras e todos os mentirosos, a sua parte será no lago ardente de fogo e enxofre, que é a segunda morte”.

(Apocalipse 21.8)

“Mas, quanto aos covardes...”. Quem nunca sentiu medo na vida? Aqui não se trata de covardes comuns. Os covardes são “os cristãos tímidos, que, movidos pela perseguição, abandonam as fileiras dos crentes...”.¹⁹ No contexto do Apocalipse eles “estão em contraste com aqueles que foram fiéis até a morte”.²⁰ Quando repreendeu a tempestade, o Senhor Jesus usou a mesma palavra em Mateus 8.26:

“Ele lhes respondeu: Por que temeis, homens de pequena fé? Então Jesus se levantou e repreendeu os ventos e o mar, e houve grande calma”.

“...incrédulos”. Esta palavra abominável significa *“a feder”*. “Aqueles que rejeitam a Cristo na incredulidade são um aroma da morte para a morte, enquanto aqueles que olham para a oferta do próprio Cristo pelos nossos pecados são um aroma de vida para vida”²¹:

“Mas, graças a Deus, que em Cristo sempre nos conduz em triunfo e por meio de nós manifesta em todo lugar o aroma do seu conhecimento; porque para Deus somos o bom aroma de Cristo, tanto entre os que estão sendo salvos como entre os que estão perecendo.

Para estes, somos cheiro de morte para morte, mas para aqueles, aroma de vida para vida. E quem está preparado para essas coisas?”

(2ª coríntios 2.14-16)

“...homicidas”. No grego esta palavra significa “alguém que deliberadamente tira a vida de outro ser humano, por motivos pessoais e do mal”.²² A referência aqui não é sobre a pena de morte, mortes acidentais ou de guerra, mas a todos aqueles que intencionalmente tiram a vida do outro. Em particular, o contexto atual se refere àqueles que são os assassinos dos santos”.²³

“...adúlteros”. Os adúlteros aqui descritos se enquadram em 1ª Tessalonicenses 4.3-6:

“A vontade de Deus para vós é esta: a vossa santificação; por isso, afastai-vos da imoralidade sexual.

Cada um de vós saiba manter o próprio corpo em santidade e honra, não na paixão dos desejos, à semelhança dos gentios que não conhecem a Deus.

Nesse assunto ninguém iluda ou engane seu irmão, pois o Senhor é vingador de todas essas coisas, como já vos dissemos e testemunhamos”.

Fora isto, o pior adúltero é aquele que pratica o adultério espiritual. Este foi o caso de Jerusalém, a grande babilônia de Apocalipse 17.

“...feiticeiros”. “Trata-se de alguém que pratica artes mágicas, como a mistura de poções e ingredientes exóticos e murmurando fórmulas mágicas ou encantamentos”.²⁴ A palavra feiticeiro tem sua origem no grego φάρμακος (fármacos). A palavra portuguesa farmácia vem dessa origem grega. Essa palavra tem referências no ocultismo.

“Além das aplicações ocultas dessa palavra, há duas outras para considerar. Primeiro, foram os feiticeiros que forneceram o necessário, mas em segredo, a fórmula de abortos induzidos no mundo antigo. Temos algo da mesma coisa acontecendo em nosso mundo atual com prescrições de drogas que induzem os abortos.

Em segundo lugar, desde eras distantes o homem tomou drogas, fornecidas pelos feiticeiros da comunidade ou curandeiros, que lhe permitia ficar “doidão”. Esses foram levados por um número de razões: para ter uma experiência de Deus, para obter uma missão de Deus, para lidar com o coração pesado, para esquecer os problemas, para lidar com a depressão. Na maior parte muitos ainda usam drogas pelas mesmas razões. Tal comportamento demonstra o quão longe a medicina moderna tem avançado, e quão longe as pessoas cristãs caíram da fé bíblica. Os cristãos de hoje são muito mais propensos a procurar aconselhamento e fármacos (drogas) a partir de seu feiticeiro local do que procurarem o conselho de seu pastor”.²⁵

“...idólatras”. “A palavra grega para idólatras (serviço) é composta de duas outras palavras, “imagem” e, portanto, no seu sentido mais limitado significa “dar serviço a uma imagem”, curvando-se, rezando, oferecendo ofertas de sacrifício, etc. No entanto, essa palavra é usada em um sentido mais amplo no Novo Testamento”.²⁶ Essa palavra é “especificamente ligada à ganância monetária no Novo Testamento, bem como em outros tipos de literatura... Muito simplesmente, ειδωολάτρης [eidōlolatrēs], a idolatria, é a rejeição ativa de Deus, através da participação voluntária no pecado. A fidelidade é empossada mais para o pecado do que para Deus”.²⁷

“...e todos os mentirosos”. De todas os pecados de mentira o que mais se destaca “são aqueles que inventaram e propagaram falsas doutrinas entre as nações”²⁸ principalmente a respeito de Jesus Cristo:

“Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? Esse mesmo é o anticristo, esse que nega o Pai e o Filho”.

(1ª João 2.22)

“Mas, quanto aos... incrédulos...a sua parte será no lago ardente de fogo e enxofre, que é a segunda morte”.

Deixei os “incrédulos” por último devido ao fato de que a incredulidade resume a tudo. Muita gente afirma que Deus é injusto por mandar para o inferno pessoas que só pecaram por um curto espaço de tempo. Todavia, a questão principal e a origem de todos os pecados é a incredulidade. É por causa da incredulidade que as pessoas mentem, adulteram, praticam homicídios e toda espécie de mal que possamos nominar. O Senhor Jesus disse que o pecado do mundo era a descrença nEle (João 16.8-9). Este é o principal dos pecados. Não importa se uma pessoa só viveu vinte, quarenta ou cem anos nesta vida, e pecou muito ou pouco, o que pesa no final das contas é a incredulidade. Credo em Jesus para a vida eterna a pessoa nasce de novo. Já com a incredulidade obstinada ela mesma vai eternamente dizer NÃO, NÃO e NÃO contra Deus. E o resultado disto é estar eternamente separada de seu Criador, no inferno.

A Nova Jerusalém

“Então um dos sete anjos que traziam as sete taças cheias das sete últimas pragas veio e me falou: Vem, eu te mostrarei a noiva, a esposa do Cordeiro. (Apocalipse 21.9)

Encontramos em Apocalipse 17.1 uma frase semelhante a essa:

“Um dos sete anjos que traziam as sete taças veio e me falou: Vem, eu te mostrarei a condenação da grande prostituta que está assentada sobre muitas águas”.

Temos aqui o contraste entre duas mulheres. A primeira, uma prostituta, refere-se a Jerusalém terrestre. A segunda é a noiva do Cordeiro, a nova Jerusalém. Só o fato de ser chamada de “nova” deveria eliminar de uma vez por todas a Jerusalém terrestre dos ensinamentos escatológicos. “A rejeição do antigo Israel é seguido pela união de Cristo com o novo Israel”.²⁹

“Ele me levou em espírito a um monte grande e alto, e mostrou-me a cidade santa, Jerusalém, que descia do céu da parte de Deus...”.

(Apocalipse 21.10)

Temos aqui mais uma semelhança e contraste entre as duas cidades. Enquanto que o anjo leva João a um “*monte grande e alto*”, o anjo em Apocalipse 17.3 o leva “*em espírito até um deserto*”. “Isso segue a introdução da visão da grande prostituta quase palavra por palavra, a não ser que o profeta vai para uma montanha, não para o deserto; a noiva é a antítese da prostituta; a Nova Jerusalém toma o lugar da Velha. Toda a estrutura literária do livro torna-se clara e simples, uma vez que a prostituta Babilônia é identificada com Jerusalém”.³⁰

“Este comentário sobre a comparação palavra por palavra para a visão da grande prostituta em Apocalipse 17:3 é de imensa importância. Esta é uma chave importante para a compreensão do Apocalipse. A revelação é sobre o divórcio e morte da esposa prostituta de Jeová e seu novo casamento com a noiva de Cristo. O que temos diante de nós agora é a substituição de Deus para a esposa infiel de Jeová. É uma imagem idealizada da Igreja; é um retrato do que a Igreja vai ser em suas perfeições no final do tempo”.³¹

“...com cuja glória ela resplandecia como uma pedra muito preciosa, como se fosse jaspe cristalino”. (Apocalipse 21.11)

“Nesta frase é resumido o fato mais importante desta descrição da nova Jerusalém. Ela é linda e perfeita porque Deus habita nela.

A cidade mundana tinha a vergonha da meretriz. A cidade santa tem a glória de Deus. Quando Moisés ergueu o tabernáculo no deserto de Sinai, “*a glória do Senhor encheu o tabernáculo*” (Êxodo 40:34). Quando a arca da aliança foi colocada no templo de Salomão, “*a glória do Senhor encheu a casa do Senhor*” (1 Reis 8:11). Mas, naquela época, em que homens pecaminosos representavam o povo diante do Senhor (cf. Hebreus 7:26-28), os sacerdotes não podiam entrar na casa quando a glória de Deus estava lá (2 Crônicas 7:2). A chegada do reino de Cristo mudou a circunstância do povo de Deus. Ele trouxe perdão e santificação, e Deus passou a habitar nos homens fiéis (João 14:15,23). A igreja no Novo Testamento é a casa ou santuário de Deus (1 Timóteo 3:15; 1 Coríntios 3:16-17). O Espírito Santo habita no corpo do discípulo de Jesus (1 Coríntios 6:10-20).

O seu fulgor era semelhante a uma pedra preciosíssima, como pedra de jaspe cristalina: A cidade brilha! Pedras preciosas foram usadas para representar o povo de Israel nas vestes sacerdotais (Êxodo 39:6-7). Pedras preciosas foram usadas na construção do templo em Jerusalém (1 Crônicas 29:2; 1 Reis 5:17; 2 Crônicas 3:6). No Novo Testamento, os cristãos são as pedras preciosas da casa espiritual (1 Pedro 2:4-5; 1 Coríntios 3:10-12), pois refletem a glória do Senhor (2 Coríntios 3:18). Jaspe é uma pedra que se apresenta em várias cores (cf. comentários sobre 4:3). Jaspe cristalina sugere, provavelmente, a pedra branca, assim representando a santidade brilhante da nova Jerusalém”.³²

A Descrição da Nova Jerusalém

“E havia um muro grande e alto com doze portas; em cada porta havia um anjo e nomes escritos sobre elas, a saber, os nomes das doze tribos dos filhos de Israel”. (Apocalipse 21.12)

“As cidades antigas normalmente foram protegidas por muralhas, que separavam os cidadãos dos seus inimigos. Zacarias, numa visão de Jerusalém, ouviu Deus dizer: “*Pois eu lhe serei, diz o Senhor, um muro de fogo em redor e eu mesmo serei, no meio dela, a sua glória*”

(Zacarias 2:5). O muro ao redor do templo, na visão de Ezequiel, servia “*para fazer separação entre o santo e o profano*” (Ezequiel 42:20). Os servos do Senhor acham refúgio, santificação e proteção em Jesus (Mateus 11:28; Colossenses 3:3)”.³³

Por isto “a muralha que rodeia a Cidade Santa é o próprio Deus! Ele não só é O que a edifica, mas também é O que a guarda. Por isso, o salmista disse: “*Se o Senhor não edificar a casa, e vão trabalham os que a edificam. Se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela*” (Sl.127:1). Observe que Deus dispensa um trato especial à Sua obra prima. Ele é quem lhe dá a garantia de preservação. Ele a edifica com os mesmos cuidados com que a preserva.

Pelos lábios de Isaías, o Senhor Deus afirma que os muros de Sua Santa Cidade serão chamados de Salvação (Is.60:18). “*Uma forte cidade temos, a que Deus pôs a salvação por muro e antemuros*” (Is.26:1). O que isso quer dizer? Os muros de uma cidade não lhe serviam apenas de proteção, mas também demarcavam os seus limites. E quais são os limites da Cidade de Deus? Ela está limitada ao número de pessoas salvas por Cristo Jesus”.³⁴

“Havia três portas no lado leste, três no norte, três no sul e três no oeste”. (Apocalipse 21.13)

Este versículo reflete o que Jesus disse em Lucas 13.29:

“Muitos virão do oriente e do ocidente, do norte e do sul, e se sentarão à mesa no reino de Deus”.

Isto significa que “todos têm igual oportunidade de acesso à Cidade de Deus. Não há uma classe ou uma raça que possa ser considerada privilegiada. Desde o europeu nórdico, até o aborígine australiano, todos possuem o mesmo valor”.³⁵

“O muro da cidade tinha doze fundamentos, e neles estavam os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro”. (Apocalipse 21.14)

O apóstolo Paulo escreveu algo semelhante em Efésios 2.19-22:

“Assim, não sois mais estrangeiros, nem imigrantes; pelo contrário, sois concidadãos dos santos e membros da família de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, sendo o próprio Cristo Jesus a principal pedra de esquina.

Nele, o edifício inteiro, bem ajustado, cresce para ser templo santo no Senhor, no qual também vós, juntos, sois edificados para morada de Deus no Espírito”.

O fato da igreja de Cristo estar edificada *“sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas”* mostra claramente a unidade da igreja incluindo os santos do Antigo Testamento, num povo só. Não como alguns procuram dizer hoje que Deus tem dois povos na terra que seriam Israel e a igreja. Enquanto eles se esforçam para dividir o povo de Deus, João mostra a “unidade” em um só povo, a igreja.

“Aquele que falava comigo tinha uma haste de ouro como medida para medir a cidade, suas portas e seu muro”. (Apocalipse 21.15)

“O objetivo da medição é de separar algo, seja para destruição ou para a preservação. Esta cidade, a nova Jerusalém, é separada e preservada por Deus por toda a eternidade”.³⁶

“Zacarias viu um homem com um cordel para medir Jerusalém, mostrando a glória de Sião como a menina do olho de Deus (Zacarias 2:1-13). Ezequiel viu a derrota de Gogue seguida por uma visão em que o templo foi medido antes de Deus voltar para habitar no meio do povo (Ezequiel 40:1 - 42:20). O ato de medir mostra a perfeição do padrão da santidade divina, em contraste com a impureza do povo antes de ser redimido: *“Mostra à casa de Israel este templo, para que ela se envergonhe das suas iniquidades; e meça o modelo. Envergonhando-se eles de tudo quanto praticaram, faze-lhes saber a planta desta casa e o seu arranjo.... todo o seu limite ao redor será santíssimo...”* (Ezequiel 43:10-12).

Agora, o anjo que oferece a explicação a João está pronto para medir a cidade e frisar a diferença entre o santo e o profano”.³⁷

“A cidade era quadrangular; seu comprimento era igual à sua largura. Ele mediu a cidade com a haste. Ela media doze mil estádios de comprimento, de largura e de altura”. (Apocalipse 21.16)

“O que João parece estar nos dizendo no versículo 16 é que a nova Jerusalém de Deus é em sua totalidade o Santo dos Santos. Assim, toda a Igreja, a noiva de Cristo, é Deus como o Santo dos Santos estava no Velho Testamento. O Santo dos Santos do templo de Salomão era um cubo como é a nova Jerusalém”.³⁸

“A cidade quadrangular é um cubo perfeito, como foi o Santo dos Santos no templo do Antigo Testamento (1 Reis 6:20). Compare, também, as medidas iguais dos lados do templo em Ezequiel 48:16-17”.³⁹

“Ele mediu a cidade com a haste. Ela media doze mil estádios de comprimento, de largura e de altura”.

“Doze (o número do povo de Deus) vezes mil (um número completo) simboliza a perfeição do povo de Deus. Este versículo apresenta um problema para as interpretações literais. 12.000 estádios seria aproximadamente 2.200 quilômetros. Jerusalém literal é uma cidade na terra da Palestina, uma área de aproximadamente o tamanho de um oitavo do estado de São Paulo. Mas esta cidade, se entendida literalmente, teria mais do que a metade da área do Brasil! E esta cidade tem a mesma altura, ou seja, estenderia-se 2.200 quilômetros para cima! Se fosse literal, a cidade seria 250 vezes mais alta do que o monte Everest, o pico mais alto do mundo. Obviamente, este, como outros aspectos da visão, deve ser entendido figuradamente”.⁴⁰

“Também mediu seu muro que, segundo a medida humana que o anjo usava, tinha cento e quarenta e quatro côvados”.

(Apocalipse 21.17)

“O texto não diz se esta medida é da altura ou da espessura da muralha, e realmente não importa. O ponto não é de uma medida literal de 65 metros, mas do valor simbólico de doze vezes doze. Tudo nesta cidade mostra a perfeição do povo na presença de Deus. É uma noiva

sem mácula!”⁴¹ O fato de falar “*medida humana*” significa que João a entendeu quando o anjo a usou.

“O muro era construído de jaspe, e a cidade era de ouro puro, semelhante a vidro límpido.

Os fundamentos do muro da cidade estavam adornados de toda espécie de pedras preciosas. O primeiro fundamento era de jaspe; o segundo, de safira; o terceiro, de calcedônia; o quarto, de esmeralda; o quinto, de sardônica; o sexto, de sárdio; o sétimo, de crisólito; o oitavo, de berilo; o nono, de topázio; o décimo, de crisópraso; o décimo primeiro, de jacinto; o décimo segundo, de ametista.

As doze portas eram doze pérolas; cada uma das portas era feita de uma só pérola; e a praça da cidade era de ouro puro, transparente como vidro”.

(Apocalipse 21.18-21)

“Esta parte da descrição da nova Jerusalém nos lembra da promessa de Deus de edificar os muros, as portas e os baluartes de Sião de jóias e pedras preciosas (Isaías 54:11-12). Como Isaías usou essas figuras para descrever as características do reino messiânico, João emprega linguagem semelhante para falar do mesmo reino”.⁴²

“O primeiro fundamento era de jaspe...”.

O jaspe era a “última pedra preciosa que compunha o peitoral do Sumo Sacerdote... que trazia o nome de Benjamim, a última das tribos de Israel”.⁴³ “...o jaspe simboliza Sua segunda vinda, quando Seu propósito restaurador será concluído. Ele começou a boa obra, e há de consumá-la até o dia final”.⁴⁴

Aqui resolvi dar ênfase somente ao significado do jaspe. Compartilho da mesma opinião de Dennis Allan que não vê “proveito em tentativas de atribuir um significado especial a cada pedra. Estas pedras fazem parte da representação total do povo do Senhor, como também faziam as doze pedras no peitoral do sacerdote na Antiga Aliança (Êxodo 28:15-21)”.⁴⁵

“As doze portas eram doze pérolas; cada uma das portas era feita de uma só pérola...”

“...de uma só pérola...”. Uma “pérola grande o suficiente para servir como um portão é impressionante. Você só pode se perguntar o que a ostra parecia! Mais uma vez, devemos olhar para essa pérola como simbólica”.⁴⁶

Você sabe como uma pérola é produzida por uma ostra? “Ao contrário das gemas previamente nomeadas, pérolas são criadas organicamente. Um grão de areia grosso irrita os tecidos da ostra provocando a secreção de uma substância que transforma a fonte de irritação em uma pérola. Portanto, a pérola, que poderia ser em aflição virou-se para beneficiar, assim como prata e ouro refinado pelo fogo são usadas nas Escrituras com o mesmo conceito. Os portões são os meios de entrada na cidade. Se a pérola é compreendida a esta luz, temos uma imagem de um dos temas da pregação de Paulo”⁴⁷ que diz:

“Confirmando os ânimos dos discípulos, exortando-os a permanecer na fé, pois que por muitas tribulações nos importa entrar no reino de Deus”.

(Atos 14.22 – Almeida Corrigida e Revisa Fiel)

“...e a praça da cidade era de ouro puro, transparente como vidro”.

“Pureza total e de uma magnitude que desafia a imaginação. Os recursos de ouro que Salomão recebia durante seu reinado foram impressionantes (1 Reis 10:14-22), mas não seriam nada em contraste com uma cidade de 2.200 quilômetros cúbicos feita de ouro com a praça de ouro! E tudo de ouro puro, límpido como vidro! Como a santidade se tornou linda aos olhos de João, e deve se tornar igualmente bonita, perfeita e desejável aos olhos de cada servo do Senhor (Hebreus 12:14; cf. Salmo 19:7-10)”.⁴⁸

“Nela não vi santuário, pois seu santuário é o Senhor Deus todo-poderoso e o Cordeiro”. (Apocalipse 21.22)

“O fato de que não há templo na nova Jerusalém é a prova de que esta não é uma imagem celestial. O templo está nos céus. Mas isso é

na terra onde o Senhor Deus Todo-Poderoso e o Cordeiro são o seu templo (21:22). O Santo dos Santos na Igreja de Jesus Cristo é o próprio Jesus. Ele habita em Sua Igreja”.⁴⁹

Sobre essa questão de não ter santuário na nova Jerusalém, o pastor Caio Fabio disse algumas coisas muito interessantes:

“Gente dos “santuários” tem até dificuldade de aceitar — embora esteja escrito —, que na Nova Jerusalém as folhas da Árvore da Vida serão para “a cura dos povos”. Menos ainda conseguem entender que as “nações trarão ações de graças ao Cordeiro” na Nova Jerusalém.

Já criaram até a categoria dos “sub-redimidos” para explicar porque esses “estranhos” terão acesso à Cidade das Doze Portas, e que permanecem abertas o tempo todo, conforme o Apocalipse.

Se dependesse de nossas mentezinhas de azeitona, alguém reescreveria os últimos capítulos do Livro da Revelação [Apocalipse].

As portas lá estão abertas demais para o gosto da maioria de nós.

O estranho é que essa Sociedade Redimida tem uma única fonte de Luz: a do Cordeiro.

E tem gente que ainda se admira que lá João não viu “nenhum santuário”!

É claro que não pode haver essas coisinhas por lá. Se houvesse, não seria um lugar de Paz Eterna. Seria apenas a Cidade Amuralhada dos Salvos Presunçosos. Uma Nova Jerusalém Religiosa não seria Nova, seria apenas o Velho Inferno”.⁵⁰

Enquanto muitos atualmente adoram os “templos” e se dividem em grupos pra lá e pra cá, o fato é, que aqueles que estão salvos, vivem como cidadãos de uma cidade sem santuários. Qualquer cristão que se encontra com outro cristão, seja de outra denominação ou país, ambos têm perfeita comunhão sem barreiras étnicas, sociais e religiosas. Essa é a Nova Jerusalém já presente e real na terra. A única sociedade dos homens que deu certo e que irá ser expandida ainda mais até conquistar toda a terra. Nunca podemos confundir as pessoas dentro das denominações religiosas com os cristãos nos bastidores. As multidões dentro das igrejas são apenas uma expressão visível e agrupada de pessoas que se dizem cristãs. Mas, dentre as multidões, no dia a dia,

nos bastidores, os verdadeiros crentes é que fazem a diferença e não possuem barreiras e nem santuários “*pois seu santuário é o Senhor Deus todo-poderoso e o Cordeiro*”.

A Jerusalém do Alto é Livre

“Mas a Jerusalém que é de cima é livre; a qual é mãe de todos nós”.

(Gálatas 4.26 – Almeida Corrigida e Revisa Fiel)

“A cidade não necessita nem do sol, nem da lua, para que nela brilhem, pois a glória de Deus a ilumina, e o Cordeiro é a sua lâmpada”. (Apocalipse 21.23)

Aqui está “mais um indicador da natureza simbólica da nova Jerusalém. Embora o nosso mundo físico tenha um Sol e uma Lua, a Igreja, esta espiritual, precisa apenas da presença do Cordeiro para fornecer luz”⁵¹:

“Falou-lhes, pois, Jesus outra vez, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andaré em trevas, mas terá a luz da vida”.

(João 8.12 – Almeida Corrigida e Revisa Fiel)

“As nações andarão em sua luz, e os reis da terra lhe trarão a sua glória”. (Apocalipse 21.24)

A Nova Jerusalém é a Cidade que Jesus disse que foi edificada sobre um monte (Mateus 5.14) e que deve ser “*a luz do mundo*”. Por isto, não é em vão que aqui João diz que “*as nações andarão em sua luz*”. Há um detalhe interessante. É que João precisou ser conduzido a “*um monte grande e alto*” para poder ver a cidade (Apocalipse 21.10). Creio que esse “*monte*” é o “*monte Sião*” descrito em Hebreus 12.22.

“...e os reis da terra lhe trarão a sua glória”.

Esta parte do versículo 24 prova que não se trata do estado eterno, pois João faz referência aos “*reis da terra*”. Lembrando mais uma vez que “*terra*” no contexto do Apocalipse é uma referência a “*terra de*

Israel” e não ao Planeta Terra. Mas, no caso aqui em questão, estamos diante de uma situação mais ampla em que a Nova Jerusalém que é a igreja, sendo ela mesma o novo Israel de Deus, não abrange somente o antigo território judaico, mas todas as nações do planeta.

Quando João escreveu sobre os reis da terra provavelmente tinha Isaías em mente, veja:

“E os gentios caminharão à tua luz, e os reis ao resplendor que te nasceu.

E as tuas portas estarão abertas de contínuo, nem de dia nem de noite se fecharão; para que tragam a ti as riquezas dos gentios, e, conduzidos com elas, os seus reis.

Nunca mais te servirá o sol para luz do dia nem com o seu resplendor a lua te iluminará; mas o Senhor será a tua luz perpétua, e o teu Deus a tua glória.

Nunca mais se porá o teu sol, nem a tua lua minguará; porque o Senhor será a tua luz perpétua, e os dias do teu luto findarão”.

(Isaías 60.3, 11 19-20 – Almeida Corrigida e Revisa Fiel)

Os reis das nações sempre foram hostis contra o evangelho. Por isso que o apóstolo Paulo pede para se fazer súplicas e orações por todos os homens, inclusive para aqueles que se acham investidos de poder (1ª Timóteo 2.1-2). Deus que deseja que todos os homens sejam salvos fará com que até mesmo os reis se dobrem os joelhos, e isto, antes de Segunda Vinda de Cristo.

“Suas portas não se fecharão de dia, e ali não haverá noite...”.

(Apocalipse 21.25)

Esta é mais uma referência tirada de Isaías 60.11:

“E as tuas portas estarão abertas de contínuo, nem de dia nem de noite se fecharão...”.

Aqui está mais uma prova de que o que João está descrevendo não é o estado eterno. Se as portas estarão abertas de contínuo significa isto que há oportunidade de arrependimento para as nações da Terra.

“...para ela virão a glória e a honra das nações”.

(Apocalipse 21.26)

Este versículo tem paralelo com Isaías 60.5:

“Então o verás, e serás iluminado, e o teu coração estremecerá e se alargará; porque a abundância do mar se tornará a ti, e as riquezas dos gentios virão a ti”.

É aqui que se cumpre o que está escrito em Provérbios 13.22 que diz que *“a riqueza do pecador é depositada para o justo”*. O Justo é Jesus Cristo. As riquezas das nações virão para Ele e para sua noiva a qual é considerada justa aos seus olhos.

Que riquezas são essas? A resposta está em que *“cada cultura do mundo, Deus depositou algum tesouro para que seja levado à Sua Cidade. Não há cultura alguma na terra que não possua alguma coisa valiosa que possa ser utilizada na Sociedade de Deus. Mesmo as mais remotas possuem algum bem proveniente de Deus que pode ser aproveitado. Assim como Jesus recebeu os tesouros tragos pelos magos do oriente, devemos estar dispostos a receber os tesouros culturais tragos pelos povos que reconhecerem a Soberania do Filho de Deus”*.⁵²

“Nela não entrará coisa alguma impura, nem o que pratica abominação ou mentira, mas somente os inscritos no livro da vida do Cordeiro”. (Apocalipse 21.27)

“Isaías, 800 anos antes de João ver esta visão, disse da glória de Sião: “E ali haverá bom caminho, caminho que se chamará o Caminho Santo; o imundo não passará por ele, pois será somente para o seu povo...” (Isaías 35:8; 52:1). A igreja é composta dos santificados; é a nação santa (1 Pedro 2:9)”.⁵³

A seguir, compare Isaías 60 com Apocalipse 21:

<p><i>“O sol não te servirá mais para luz do dia, nem a lua te iluminará com o seu resplendor; mas o SENHOR será a tua luz para sempre, e o teu Deus será a tua glória”.</i> (Isaías 60.19)</p>	<p><i>“A cidade não necessita nem do sol, nem da lua, para que nela brilhem, pois a glória de Deus a ilumina, e o Cordeiro é a sua lâmpada”.</i> (Apocalipse 21.23)</p>
<p><i>“Nações caminharão para a tua luz, e reis, para o resplendor da tua aurora”.</i> (Isaías 60.3)</p>	<p><i>“As nações andarão em sua luz...”.</i> (Apocalipse 21.24)</p>
<p><i>“Estrangeiros edificarão os teus muros, e os seus reis te servirão; porque te feri na minha ira, mas no meu amor tive misericórdia de ti”.</i> (Isaías 60.10)</p>	<p><i>“...e os reis da terra lhe trarão a sua glória”.</i> (Apocalipse 21.24)</p>
<p><i>“As tuas portas estarão sempre abertas; não se fecharão de dia nem de noite, para que as riquezas das nações sejam trazidas a ti, e os seus reis sejam conduzidos com elas”.</i> (Isaías 60.11)</p>	<p><i>“Suas portas não se fecharão de dia, e ali não haverá noite...”.</i> (Apocalipse 21.25)</p>
<p><i>“...para que as riquezas das nações sejam trazidas a ti, e os seus reis sejam conduzidos com elas”.</i> (Isaías 60.11)</p>	<p><i>“...para ela virão a glória e a honra das nações”.</i> (Apocalipse 21.26)</p>
<p><i>“...porque as riquezas do mar serão trazidas a ti, e as riquezas das nações virão a ti”.</i> (Isaías 60.5)</p>	<p><i>“...para ela virão a glória e a honra das nações”.</i> (Apocalipse 21.26)</p>

“E todo o teu povo será justo; herdarão a terra para sempre; serão renovos plantados por mim, obra das minhas mãos, para que eu seja glorificado”.

(Isaías 60.21)

“Nela não entrará coisa alguma impura, nem o que pratica abominação ou mentira, mas somente os inscritos no livro da vida do Cordeiro”.

(Apocalipse 21.27)

“Em Isaías 60, tudo isso é precipitado pelo alvorecer da glória do Senhor em um novo dia glorioso (Is. 60:1-3). Este dia foi visto na madrugada com os nascimentos de João Batista e o de Jesus (cf. Lucas 1:76-78; Mateus 4:13-16.). Ambas as passagens em seguida, iriam aparecer para falar, embora em termos simbólicos, das realidades da era da Nova Aliança. A vinda dos gentios dentro da igreja e da apresentação dos reis para Cristo está em andamento por quase dois mil anos até agora. A nova Jerusalém, a Igreja de Jesus Cristo é o milênio de Isaías capítulo 60”.⁵⁴

Conclusão deste Capítulo

Muitos entendem que a Nova Jerusalém seja uma cidade física e separada da igreja. Todavia, isso gera um problema maior no entendimento de Apocalipse capítulo 21, pois uma vez que a Cidade Celestial é chamada de Esposa do Cordeiro, logo, isso “comprova o fato de que a Igreja é, sem sombra de dúvida, a Jerusalém Celeste. Afinal, a única esposa que Jesus possui é a Sua Igreja. Nosso Rei não é bígamo.

À luz disso, não hesitamos em declarar que nós somos a Cidade inabalável apresentada no Salmo 46. Nós somos a Nova Jerusalém. Uma cidade não é meramente um espaço urbano formado por ruas, casas e prédios. Uma cidade é um povo. Quando falamos do Rio de Janeiro, não estamos falando apenas do seu espaço físico, e sim dos seus habitantes.

Assim como uma nação não é apenas um território. O conceito bíblico de nação diz respeito a um povo, e não a um território. É por isso que o judeu é considerado judeu independente do lugar onde tenha nascido.

Assim também, não podemos imaginar que a Nova Jerusalém seja apenas uma Cidade com ruas de ouro, mar de cristal e etc. A Nova Jerusalém é a Igreja de Deus. Ou será que Cristo se casaria com os muros, ruas e prédios de uma cidade?”⁵⁵

Introdução

Agora vamos entrar no Capítulo 22 de Apocalipse. Até o versículo 9 deste capítulo o assunto em questão é uma continuação da descrição da Nova Criação encontrada no Capítulo 21.

Capítulo 22_____

O Eterno Reino em Glória, o Rio e a Árvore da Vida

“Então, o anjo mostrou-me o rio da água da vida, claro como cristal, que saía do trono de Deus e do Cordeiro...”

(Apocalipse 22.1)

Em Apocalipse 21.6 vimos que Cristo oferece de graça o acesso a água da vida. Aqui nos é dado detalhes a respeito dessa água cuja origem é *“do trono de Deus e do Cordeiro”*. “No Éden, um rio regava o jardim (Gênesis 2:10) e houve, também, a árvore da vida (Gênesis 3:22). Quando caiu no pecado, o homem perdeu seu acesso a essa árvore. Isaías profetizou da resposta divina à sede espiritual do povo perdido: *“Os aflitos e necessitados buscam águas, e não as há, e a sua língua se seca de sede; mas eu, o SENHOR, os ouvirei, eu, o Deus de Israel, não os desampararei. Abrirei rios nos altos desnudos e fontes no meio dos vales; tornarei o deserto em açudes de águas e a terra seca, em mananciais”* (Isaías 41:17-18; 43:20)”.¹

É interessante que logo no início da Bíblia é dito que *“saía um rio do Éden para regar o jardim...”*. (Gênesis 2.10 - Almeida Corrigida e Revisada Fiel)

O profeta Ezequiel amplia mais ainda essa visão de João:

“Depois disto me fez voltar à porta da casa, e eis que saíam águas por debaixo do umbral da casa para o oriente; porque a face da casa dava para o oriente, e as águas desciam de debaixo, desde o lado direito da casa, ao sul do altar.

E, tendo eu voltado, eis que à margem do rio havia uma grande abundância de árvores, de um e de outro lado.

E junto ao rio, à sua margem, de um e de outro lado, nascerá toda a sorte de árvore que dá fruto para se comer; não cairá a sua folha, nem acabará o seu fruto; nos seus meses produzirá novos frutos, porque as suas águas saem do santuário; e o seu fruto servirá de comida e a sua folha de remédio”.

(Ezequiel 47.1, 7 e 12 - Almeida Corrigida e Revisada Fiel)

Na descrição de Ezequiel a “*casa*” em questão é o Templo. O profeta Joel também fala sobre essa imagem:

“E há de ser que, naquele dia, os montes destilarão mosto, e os outeiros manarão leite, e todos os rios de Judá estarão cheios de águas; e sairá uma fonte, da casa do Senhor, e regará o vale de Sitim”.

(Joel 3.18 - ACRF)

“Então disse-me: Estas águas saem para a região oriental, e descem ao deserto, e entram no mar; e, sendo levadas ao mar, as águas tornar-se-ão saudáveis”.

(Ezequiel 47.8 - ACRF)

Observe que nos últimos dois textos acima a água desce primeiramente para o deserto. No vale de Sitim está localizado o Mar Morto. Este mar extremamente salgado é sem vida marinha. “Este foi o Mar Morto, ou mar de Sodoma, a leste de Jerusalém, na qual é dito que nenhuma criatura viva é encontrada; ou, pelo menos, a partir de sua extrema salinidade, não abundam peixes como em outros mares”.² “...as águas que ele viu descer para o deserto (o que sugere o estéril Israel), indo para o mar (o que simboliza as nações), cujas águas devem ser curadas...”³ “A promessa de Ezequiel é que tanto Israel

bem como as nações receberão o ministério do Espírito Santo. Ambos vão ser curados de sua condição estéril e morte”.⁴ “O cumprimento da passagem em Ezequiel 47, Joel 3 e aqui em Apocalipse 22 é encontrado no dia de Pentecostes. Os Apóstolos e os 120 discípulos tinham se reunido, não em um quarto superior, mas no templo, como Lucas deixa claro”⁵ em seu evangelho:

“E, adorando-o eles, tornaram com grande júbilo para Jerusalém. E estavam sempre no templo, louvando e bendizendo a Deus. Amém”.

(Lucas 24.52-53)

“Esta passagem declara definitivamente que o templo era o lugar onde eles se reuniam com o objetivo de esperar em Deus em adoração e oração...”⁶

Como indicado acima, Ezequiel e Joel fornecem o fundo para essa imagem. As águas curativas vivificantes vêm do Templo no Dia de Pentecostes, assim como eles previram. O Pentecostes é o cumprimento desses versos. Aqui o Apocalipse recapitula a história. Ezequiel falou de um futuro de Israel e um novo templo, e João fornece os detalhes dessa nova Jerusalém e seu maior templo que é “o Senhor Deus Todo-Poderoso e o Cordeiro” (21.22). Jesus abordou sobre essa água da vida dando a si mesmo”⁷:

“Jesus respondeu, e disse-lhe: Qualquer que beber desta água tornará a ter sede; Mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água que salte para a vida eterna”.

(João 4.13-14 - ACRF)

Nos salmos é feita uma referência sobre esse “rio da água da vida”:

“Há um rio cujas correntes alegram a cidade de Deus, o santuário das moradas do Altíssimo”. (Salmo 46.4)

“...no meio da praça da cidade. De ambos os lados do rio estava a árvore da vida, que produz doze frutos, de mês em mês; e as folhas da árvore são para a cura das nações”. (Apocalipse 22.2)

Temos aqui mais uma referência de Ezequiel 47.12:

“E junto ao rio, à sua margem, de um e de outro lado, nascerá toda a sorte de árvore que dá fruto para se comer; não cairá a sua folha, nem acabará o seu fruto; nos seus meses produzirá novos frutos, porque as suas águas saem do santuário; e o seu fruto servirá de comida e a sua folha de remédio”.

Nessa visão que João descreve temos “não apenas uma única árvore, mas florestas de Árvores da Vida às margens dos rios. A bênção que Adão perdeu foi restaurada em esmagadora superabundância, para o que nós ganhamos em Cristo é, como disse São Paulo, “muito mais” do que o que perdemos em Adão”.⁸

“...produz doze frutos, de mês em mês; e as folhas da árvore são para a cura das nações”.

Isto significa que “a estação de crescimento é mensal, não anual. A Igreja cresce continuamente. Almas são adicionadas ao Corpo de Cristo a cada mês”.⁹

“Ali jamais haverá maldição. Nela estará o trono de Deus e do Cordeiro; seus servos o servirão...”. (Apocalipse 22.3)

Enquanto muitos atualmente nas igrejas procuram quebrar maldições hereditárias, João nos mostra que a maldição já foi removida, pois “Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós; porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro...”. (Gálatas 3.13)

“Zacarias falou da salvação de Jerusalém quando disse: “Habitarão nela, e já não haverá maldição, e Jerusalém habitará segura” (Zacarias 14:11). A maldição que afligia o homem desde o pecado do primeiro casal no Éden foi removida pelo sacrifício de Jesus. A cidade santa é abençoada e segura”.¹⁰

“Nela estará o trono de Deus e do Cordeiro; seus servos o servirão...”

“Olhando para a circunstância abençoada de Israel restaurada, Jeremias disse: *“Naquele tempo, chamarão a Jerusalém de Trono do Senhor”* (Jeremias 3:17). Novamente, a figura frisa o ponto mais importante de toda esta imagem de bênção – a presença de Deus. A cidade santa deriva sua beleza e grandeza, não de pedras ou ouro ou qualquer outro elemento material, mas da presença de Deus. E todas as referências a materiais preciosos servem simplesmente como símbolos do povo abençoado na presença do seu Deus”.¹¹

“...e verão a sua face, e na testa deles estará o seu nome”

(Apocalipse 22.4)

“Deus está no trono, e os servos lhe dão a devida honra. Não há privilégio maior para uma criatura do que servir na presença imediata do Criador. A proximidade desta comunhão é destacada pelo acréscimo: *“contemplarão a sua face”*. Esta expressão vem de vários textos que frisam a comunhão dos justos com Deus. *“Eu, porém, na justiça, contemplarei a tua face; quando acordar, eu me satisfarei com a tua semelhança”* (Salmo 17:15). *“Porque o Senhor é justo, ele ama a justiça; os retos lhe contemplarão a face”* (Salmo 11:7; cf. 140:13). Esta frase descreve o tipo de comunhão especial com Deus que Moisés gozava (Números 12:6-8; Deuteronômio 34:10)”.¹²

“...e na testa deles estará o seu nome”

“O sumo sacerdote tinha na sua mitra uma lâmina de ouro com as palavras *“Santidade ao Senhor”* (Êxodo 28:36-38) que usava para representar o povo diante de Deus. Aqui, o próprio povo de Deus se apresenta como a propriedade dele. Como já observamos nos comentários sobre 3:12, o nome gravado representa posse. O povo – a igreja, a noiva, a cidade santa – pertence a Deus”.¹³

“Não haverá mais noite, e não precisarão de luz de lâmpada nem da luz do sol, porque o Senhor Deus os iluminará, e eles reinarão pelos séculos dos séculos”. (Apocalipse 22.5)

“Ele repete o mesmo tema de 21:23-25. A luz venceu. Os cidadãos deste reino já saíram “do império das trevas” (Colossenses 1:13) para andar na luz (1 João 1:5-7)”.¹⁴

“...e eles reinarão pelos séculos dos séculos”.

“A vitória dos fiéis não é limitada a algum período fixo (veja comentários sobre 20:4,6), pois é eterna. Daniel viu este mesmo período da vitória do reino de Deus sobre o arrogante imperador romano, e disse: “Mas os santos do Altíssimo receberão o reino e o possuirão para todo o sempre, de eternidade em eternidade” (Daniel 7:18; cf. 7:22 e 27)”.¹⁵

Junto a Cristo os santos também reinarão eternamente, pois se “perseveramos, também reinaremos com Ele...”. (2ª Timóteo 2.12)

“E disse-me: Estas palavras são fiéis e verdadeiras. O Senhor, o Deus dos espíritos dos profetas, enviou seu anjo para mostrar a seus servos as coisas que em breve hão de acontecer.

Venho em breve! Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro”.

(Apocalipse 22.6-7)

“Estas palavras são fiéis e verdadeiras”. “O livro do Apocalipse contém uma série impressionante de visões usadas por Jesus para comunicar verdades importantes e confortantes aos seus servos. A mensagem deste livro fala principalmente aos cristãos da Ásia Menor no final do primeiro século, mas oferece, também, consolação e confiança aos servos de Deus de todas as épocas e em todos os lugares.

Os últimos parágrafos do livro, considerados nesta lição, encerram a revelação dada a João e frisam, de várias maneiras, a relevância e veracidade da mensagem. O Apocalipse, como as outras Escrituras, tem a assinatura do Senhor!”¹⁶

***“...a seus servos as coisas que em breve hão de acontecer.
Venho em breve!”***

“As mesmas palavras encontradas no início do livro (1:1) aparecem aqui no fim dele. Jesus abre e encerra esta revelação com os mesmos limites de tempo, assim exigindo que alunos reverentes procurem entender o livro inteiro no contexto da igreja primitiva. Mesmo se não conseguirmos identificar o cumprimento detalhado de todas as profecias, podemos confiar na *“Fiel Testemunha”* quando diz a João e outros cristãos do primeiro século que estas coisas iam acontecer *“em breve”*.¹⁷

“O fato de que João agora registra a promessa de Cristo de vir rapidamente mostra que o capítulo 22 é parte integrante com as partes anteriores do livro. Isto não é simplesmente uma imagem do céu para acontecer em algum dia. Este é um retrato da vitória e glória da Igreja, a noiva de Cristo, agora”.¹⁸

“Começamos nosso estudo do Apocalipse com a leitura das *“coisas que brevemente devem acontecer”*, sendo informados de que *“o tempo está próximo”*, e também sobre o *“que tens visto, e as que são, e as que depois destas hão de acontecer”*, e sobre a *“hora da tentação que há de vir sobre todo o mundo”* (Apocalipse 1.1; 1.3; 1.19; 3.10).

Agora vamos terminar a leitura do livro com as coisas que *“em breve hão de acontecer”*, sendo dito *“Venho em breve!”* e *“eis que cedo venho”* com a instrução *“Não seles as palavras da profecia deste livro; porque próximo está o tempo”* e *“Certamente cedo venho”* (Apocalipse 22.6, 7, 10, 12, 20).

Pode tal princípio significar que existirão dois mil anos ou mais entre a visão de João e seu cumprimento? Não, se as palavras têm significado não pode”.¹⁹

“Eu, João, ouvi e vi todas essas coisas. Quando as vi e ouvi, prostrei-me aos pés do anjo que as mostrava a mim, para adorá-lo.

Mas ele me disse: Olha, não faças isso, porque eu sou conservo teu e de teus irmãos, os profetas, e dos que guardam as palavras deste livro. Adora a Deus”.

(Apocalipse 22.8-9)

Esta é a mesma cena relatada em Apocalipse 19.10. “Alguns comentaristas acreditam que seja simplesmente um segundo relato do mesmo episódio. Se aconteceu uma ou duas vezes, a lição dos dois relatos é a mesma. Somente Deus merece adoração”.²⁰

“A mensagem do anjo era ao mesmo tempo horrível e terrível. É nesse estado de admirar que ele cai aos pés do anjo como ele fez na conclusão da história da destruição de Jerusalém”.²¹

No comentário de Apocalipse 19.10 há mais detalhes sobre essa adoração de João ao anjo.

Uma Mensagem Final

“Ele me disse ainda: Não guardes as palavras da profecia deste livro, porque o tempo está próximo”. (Apocalipse 22.10)

“O anjo acrescenta uma instrução e uma explicação interessantes. A ordem de não selar a mensagem oferece um contraste com a instrução dada a Daniel quando recebeu uma visão referente aos reinos helenistas que viriam menos de 400 anos depois: *“Preserva a visão, porque se refere a dias ainda mui distantes”* (Daniel 8:26).

As explicações das duas ordens (dadas a Daniel e a João, respectivamente), mostram os motivos. A visão de Daniel falou do futuro distante, e, por isso, foi preservada ou selada. O Apocalipse, porém, falou de coisas que iam acontecer logo depois de João recebê-lo. Este contraste apoia fortemente a interpretação adotada ao longo do nosso estudo. Se menos de 400 anos foram dias *“mui distantes”*, os dias próximos e as coisas que iam acontecer em breve, do ponto de

vista de João, não poderiam vir milhares de anos depois, como muitos ensinam hoje. As interpretações que colocam o cumprimento do Apocalipse ainda no futuro desrespeitam as palavras do próprio livro”.²²

Na página 54 deste Comentário há um estudo detalhado sobre o “selar” as palavras da profecia.

“Quem é injusto, continue na injustiça; quem é impuro, continue na impureza; quem é justo, continue praticando a justiça; e quem é santo, continue se santificando”. (Apocalipse 22.11)

A ideia aqui é que o espaço de tempo é tão curto que muito provavelmente o arrependimento seria impossível àquela altura. Tal “significado é claro pelo fato de que esta passagem está entre os versículos 10 e 12, os quais se referem a Sua breve volta”.²³

“Venho em breve e trago a recompensa, com a qual retribuirei a cada um segundo a sua obra.

Eu sou o Alfa e o Ômega, o primeiro e o último, o princípio e o fim”.

(Apocalipse 22.12-13)

A “recompensa” aqui descrita não pode ser a do último dia, pois essa “vinda” é descrita como “em breve”, isto é, foi perto dos dias de João conforme já vimos diversas vezes neste comentário. Essa passagem alude a Isaías 40.10:

“Eis que o Senhor DEUS virá com poder e seu braço dominará por ele; eis que o seu galardão está com ele, e o seu salário diante da sua face”.

“Eu sou o Alfa e o Ômega, o primeiro e o último, o princípio e o fim”.

Esta parte do versículo mostra que Jesus Cristo é Deus.

“Bem-aventurados os que lavam suas roupas para que tenham direito à árvore da vida e possam entrar na cidade pelas portas!

Ficarão de fora os cães, os feiticeiros, os adúlteros, os homicidas, os idólatras, e todo o que ama e pratica a mentira.

(Apocalipse 22.14-15)

Estes versos faz têm ligação com Gênesis 3.24:

“E havendo lançado fora o homem, pôs querubins ao oriente do jardim do Éden, e uma espada inflamada que andava ao redor, para guardar o caminho da árvore da vida”.

Assim como Adão e Eva foram expulsos do Éden e impedidos de se aproximar da Árvore da Vida, os incrédulos também recebem a mesma punição, mas numa situação bem pior, irreversível e eterna.

“Ficarão de fora os cães...”. Cães, na Bíblia, “não eram animais de estimação. Eram animais imundos e desprezados, usados várias vezes para representar os pecadores e a sujeira do seu erro (Salmo 22:16; Mateus 7:6; Filipenses 3:2)”.²⁴

“As cidades orientais estavam cheias de vira-latas, sarnentos e sujos do tipo chacal que se alimentavam de lixo. Não haverá, naturalmente, nenhum deles na cidade santa; eles simbolizam os homens e mulheres que nutrem suas almas sobre o que é sujo e falso”.²⁵

“Eu, Jesus, enviei o meu anjo para vos testemunhar essas coisas em favor das igrejas. Eu sou a raiz e a geração de Davi, a resplandecente estrela da manhã”. (Apocalipse 22.16)

O Senhor Jesus “identificando-se como a raiz e o descendente de Davi esclarece Seu papel e autoridade em passar esses julgamentos sobre Israel. Como o Filho prometido de Davi, Ele tem a autoridade para falar com os filhos de Davi no papel de rei.

Além disso, Ele é a brilhante estrela da manhã. Pedro fala dEle desta maneira:

“Portanto, temos a palavra profética tanto mais assegurada, à qual fazeis bem em prestar atenção como a uma lâmpada que brilha em lugar escuro, até que o dia clareie e a estrela da alva surja em vossos corações”. (2ª Pedro 1.19)

Quando da nossa morte, parece que o sol se porá para sempre. Mas a noite passa e a última estrela, a estrela da manhã, surge para anunciar o amanhecer de um novo dia. Assim, o alvorecer eterno chegou e na ressurreição de nossos corpos a estrela da manhã surgiu nos corações dos Seus filhos. Um novo amanhecer eterno proclama um dia de descanso eterno para os filhos de Deus”.²⁶

“Na carta à igreja de Tiatira, Jesus prometeu dar a estrela da manhã, representando toda a esperança e otimismo que vêm com a presença de Deus, aos vencedores (2:28). Agora, ele assume a mesma descrição como mais uma maneira de se identificar. É somente nele que temos esperança do amanhã, do novo e eterno dia onde a noite e as trevas não existem!”²⁷

“O Espírito e a noiva dizem: Vem! E quem ouve, diga: Vem! Quem tem sede, venha; e quem quiser, receba de graça a água da vida”.

(Apocalipse 22.17)

“Deus e o povo dele estendem o convite aos outros. Deixem a imundícia e venham! Afastem-se da Babilônia (18:4). Entrem pelas portas da cidade santa. Até as últimas linhas do Apocalipse, as Escrituras apresentam a mensagem do amor de Deus e do seu desejo de salvar os homens (João 3:16; 2 Pedro 3:9). A noiva, a igreja, oferece o mesmo convite. Nunca devemos esquecer desta missão importante da noiva de Cristo. Nós que somos cristãos não devemos sentir contentes em receber as bênçãos da comunhão com Deus; devemos divulgar as boas novas e convidar outros a participarem da mesma vida. A cidade santa é grande. Tem espaço para todos que deixam as suas iniquidades para se tornarem utensílios úteis na casa de Deus”.²⁸

“Dou testemunho a todo que ouvir as palavras da profecia deste livro; se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus lhe acrescentará as pragas escritas neste livro...” (Apocalipse 22.18)

“O que ele dirá aqui é de aplicação geral – fala igualmente para os ouvintes na Ásia no primeiro século, na África no quinto século, na Europa no décimo século ou no Brasil no século XXI! Quem tem ouvidos, ouça!”²⁹

“Embora muitas pessoas acreditem que vários livros do Novo Testamento foram escritos depois do ano 70 d.C., o fato é que em qualquer um deles não há nenhuma menção ou alusão à queda de Jerusalém, que ocorreu naquele momento. A ausência de um comentário sobre este acontecimento indescritível sugere fortemente que a maioria, se não todos, os livros do Novo Testamento foram escritos antes desse evento. [...] O Apocalipse fala deliberadamente como uma palavra final. E, na providência de Deus, ele é colocado em último lugar na nossa Bíblia”.³⁰

“...e se alguém tirar alguma coisa das palavras do livro desta profecia, Deus lhe tirará a sua parte da árvore da vida e da cidade santa, descritas neste livro” (Apocalipse 22.19)

“Estes dois [últimos] versículos falam das profecias do Apocalipse, mas os mesmos princípios se aplicam a todos os livros da Bíblia. Nenhuma pessoa tem direito de acrescentar ou tirar quando se trata da palavra revelada por Deus. Moisés disse: *“Nada acrescentareis à palavra que vos mando, nem diminuireis dela, para que guardéis os mandamentos do SENHOR, vosso Deus, que eu vos mando”* (Deuteronômio 4:2; cf. 12:32). Agur disse: *“Toda palavra de Deus é pura; ele é escudo para os que nele confiam. Nada acrescentarás às suas palavras, para que não te repreenda, e sejas achado mentiroso”* (Provérbios 30:5-6). Considere, também, as advertências de 1 Coríntios 4:6; Gálatas 1:6-10 e 2 João 9”.³¹

“...Deus lhe tirará a sua parte da árvore da vida e da cidade santa, descritas neste livro”.

Muita gente usa esta parte do versículo para defender que um cristão pode perder a salvação. Todavia, isto não procede. Pois o verdadeiro cristão nunca falsifica ou tira partes da Palavra de Deus e nem pode perder a salvação (João 6.37-40; 10.27-30). A respeito do comportamento dos cristãos em relação a Palavra de Deus, o apóstolo Paulo escreveu:

“Porque nós não somos, como muitos, falsificadores da palavra de Deus, antes falamos de Cristo com sinceridade, como de Deus na presença de Deus”. (2ª Coríntios 2.17)

“Antes, rejeitamos as coisas que por vergonha se ocultam, não andando com astúcia nem falsificando a palavra de Deus; e assim nos recomendamos à consciência de todo o homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade”. (2ª Coríntios 4.2)

“Aquele que dá testemunho dessas coisas diz: Certamente venho em breve. Amém. Vem, Senhor Jesus!” (Apocalipse 22.20)

“Este é um último lembrete de que milhares de anos não vão passar antes que as profecias desse livro sejam substancialmente cumpridas”.³²

“A graça do Senhor Jesus esteja com todos”. (Apocalipse 22.21)

Este versículo alude ao que Paulo garantiu aos seus leitores de Roma:

“E o Deus de paz esmagará em breve Satanás debaixo dos vossos pés. A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja convosco. Amém”.

(Romanos 16.20)

Conclusão Geral desta Obra_____

Finalmente chegamos ao fim deste comentário! Foram quase um ano e meio de intenso trabalho e dedicação. Os trabalhos foram iniciados em Julho de 2014 e foram milhares de horas de incansáveis pesquisas, traduções, reflexões, discussões e criação textual. Todo o conteúdo desta obra teve como texto base o livro de Ralph E. Bass, Jr. Citei centenas de vezes sua obra, as vezes seguindo até a sequência exata de seus comentários. Também citei diretamente suas fontes em inglês. Devo muito ao trabalho de Ralph.

Em segundo plano citei diversas vezes os textos de Dennis Allan que também foram muito proveitosos e enriquecedores. Fora tudo isto houve de minha parte muito de minha criatividade e experiência de fé. Dei um toque bastante significativo colocando meus conhecimentos e preenchendo lacunas que faltavam nos textos de Ralph Bass e de Dennis Allan. Também me preocupei com o contexto brasileiro e como um estudo preterista sobre o Apocalipse deve ser repassado neste país. Aliás, a menos que seja provado o contrário, este é o primeiro comentário preterista do Brasil. Nunca antes foi lançada uma obra assim no país. E qual a vantagem de ser o primeiro? A vantagem é que a partir de agora passa a ser o último, pois esta obra servirá de grande inspiração para que outras obras muito melhores sejam produzidas.

O que me tem feito pensar que a interpretação preterista seja a correta? Respondo a isto usando as palavras de Ralph E. Bass, Jr. que diz que “temos apresentado ao leitor uma interpretação do livro do Apocalipse que se baseia no pressuposto de que nós, como leitores do livro dois mil anos depois que foi escrito, só podemos esperar compreendê-lo se primeiro fizermos a pergunta: *“Como seus leitores originais fizeram para interpretar a mensagem?”* Uma coisa é certa, os leitores originais desse livro não disseram consigo: *“Este livro não é para nós, ele contém uma profecia do que a igreja vai algum dia experimentar centenas, talvez milhares de anos no futuro”*. Não, pelo

contrário, eles imediatamente procuraram interpretar os símbolos encontrados nesse livro em termos do ambiente”³³ em que viviam.

O Apocalipse é o livro que mais tem sofrido abusos e sido constantemente retirado de seu contexto histórico. Aqui aproveito para fazer uma crítica aos evangélicos em geral. Os evangélicos são os mais terrivelmente resistentes contra o preterismo. Tenho notado que está faltando pessoas **nobres** no meio evangélico (me entendam, sem generalizar). Tenho visto lideranças, blogueiros e professores ora me censurando, ora resistindo ao ensino do preterismo. E o que eles deveriam fazer? Talvez, me pergunte o leitor. Eles urgentemente precisam se comportar como o bereanos.

Leia atentamente Atos 17.11:

“Ora, estes foram mais nobres do que os que estavam em Tessalônica, porque de bom grado receberam a palavra, examinando cada dia nas Escrituras se estas coisas eram assim”.

Se já não bastasse a falta de nobreza, também temos muitos analfabetos funcionais. Por isto, as pessoas simplesmente não entendem o que leem. Muitos blogueiros crentes escrevem sobre o preterismo baseados em resumos, mas nunca tiveram um estudo realmente profundo sobre a questão. E ainda têm a coragem de fazer perguntas bobas sobre o preterismo subestimando assim um conhecimento tão genuíno, erudito e profundo como é o preterismo.

Espero sinceramente que esta presente obra venha servir de grande impacto mudando conceitos, comportamentos e acima de tudo trazendo assim a vitória do Reino de Deus neste mundo perverso.

Bibliografia da Introdução_____

1. Definição de Preterismo. Ver glossário:
www.revistacrista.org/glossario.htm
2. Preterismo Completo - é a crença de que todas as profecias bíblicas, incluindo o retorno de Cristo, a ressurreição dos mortos, arrebatamento, julgamento e a chegada do reino de Deus, foram cumpridas em 70 DC com a queda do Templo em Jerusalém como previsto em Lucas 21.
3. Artigo: A Importância da Data do Apocalipse.
Autor: Kenneth L. Gentry, Jr.
Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto. Site:
www.monergismo.com
4. Idem nº 4.
5. Livro: Back to the Future (A Study in the Book of Revelation Revised Edition), pg. 23. Autor: Ralph E. Bass, Jr. Living Hope Press - Greenville, SC.
6. Trecho citado em The Book of Revelation,
Foy E. Wallace Jr., p. 25.
7. Artigo: A Data do Livro de Apocalipse? Como Isso Afeta a Nossa Interpretação? (Parte 1). Autor: William H. Bell, Jr. Tradução:
Felipe Sabino de Araújo Neto.
Site: www.monergismo.com
8. Idem nº 7.
9. Revelação é o significado da palavra Apocalipse (em grego: apokálypsis).

10. Artigo Datando e Interpretando Revelação: Uma Perspectiva Preterista (Parte I)
Autor: Tekton Apologetics. Tradução: Credulo on Futuro no Pretérito.
Site: www.futuronopreterito.wordpress.com
Fonte original: www.tektonics.org/esch/revdate.html
11. Artigo: A Datação do Apocalipse. Autor: Jack Van Deventer.
Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto. Site:
www.monergismo.com
12. Artigo: Prova conclusiva contra a datação preterista do Apocalipse.
Autor: Lucas Banzoli. Site:
www.preterismoemcrise.blogspot.com.br
Acessado dia 13 de Setembro de 2013.
13. Antipas de Pérgamo. Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.
Site: www.en.wikipedia.org/wiki/Antipas_of_Pergamum
Acessado dia 15 de Setembro de 2013
14. Who is Antipas? Site: www.antipas.net/whois.htm
Acessado dia 15 de Setembro de 2013
15. Cartas às sete Igrejas - 2 - Apocalipse 2.1-17
Postado há 25th April 2009 por Edmilson Silva
Site: www.predmilson-estudos.blogspot.com.br
16. Idem nº 5, pg. 116.
17. Artigo: A Importância da Data do Apocalipse
Autor: Kenneth L. Gentry, Jr.
Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto
Site: www.monergismo.com
18. Artigo: Datando e Interpretando Revelação:
Uma Perspectiva Preterista
Parte II por Tekton Apologetics. Fonte:
www.tektonics.org/esch/revdate.html
Tradução: Credulo on Futuro no Pretérito.
Site: www.futuronopreterito.wordpress.com
Acessado dia 18 de Setembro de 2013

19. A Datação do Livro de Apocalipse
Autor: Carl W. Bogue, Jr.
Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto
Site: www.monergismo.com
20. Artigo: Não sou Preterista, mas o Apocalipse é Histórico
Autor: Cris Macabeus.
Site: www.macabeus.no.comunidades.net
Data: acessado dia 18 de Setembro de 2013
21. Apocalipse: Um Livro Sobre o Passado
Autor: Frank Brito
Fonte: www.resistireconstruir.wordpress.com
Data: 24/06/2012
22. Artigo: Is Laodicea a Problem for Revelation's Date?
Autor: Kenneth L. Gentry, Jr.
Site: www.postmillennialismtoday.com
Data: acessado dia 26 de fevereiro de 2015
23. Idem nº 22.
24. Idem nº 22.
25. Pós-Milenismo - é aquela visão das últimas coisas que sustenta que o Reino de Deus está sendo agora estendido no mundo através da pregação do Evangelho e da obra salvadora do Espírito Santo; que o mundo será finalmente cristianizado, e que o retorno de Cristo ocorrerá no término de um longo período de justiça e paz freqüentemente chamado o Milênio.
26. William Miller foi um fazendeiro, miliciano, líder local da comunidade de Low Hampton, Nova Iorque que se tornou um pregador leigo disseminando suas ...ideias sobre a iminente volta de Jesus Cristo, resultando nos movimentos millerita e adventista. Miller nunca marcou um dia exato para a volta de Cristo, apenas o período que deveria acontecer; entre a primavera de 1843 e a primavera de 1844. Seus estudos das Escrituras nesse período levou-o a estabelecer outras crenças distintas. (Wikipédia)
Seus estudos proféticos falharam.

27. Pergaminhos de Qumran é uma referência aos Pergaminhos do Mar Morto descobertos em 1947 em Qumran. foram encontrados cerca de 800.manuscritos, sendo que 220 são referentes ao Antigo Testamento. Foi a maior descoberta da história.
28. Ambíguo: 1. Que pode ter diferentes significados; anfibológico. 2 Duvidoso, incerto, indeciso. (Fonte: Dicionário Michaelis online)
29. Godot - "Esperando Godot" foi a primeira peça de teatro escrita pelo.dramaturgo Irlandês Samuel Beckett (1906-1989). Na peça Estragon e Vladimir aparentemente esperam um sujeito de nome Godot. Nada é esclarecido a respeito de quem é Godot ou o que eles desejam dele. De tanto esperar, no final das contas, aparece um garoto anunciando novamente que Godot não virá, talvez amanhã. Muitos têm encarado assim a Segunda Vinda de Cristo!
30. Artigo: O Apocalipse não se Cumpriu perto dos Dias de João? (Partes 1, 2 e 3)
Autor: Kenneth L. Gentry Jr.
Tradução e adaptação textual por César Francisco Raymundo
Fonte: www.postmillennialismtoday.com
Data: Acessado Domingo, 15 de Março de 2015
31. O Apocalipse Aconteceu Próximo Demais da sua Escrita?
Autor: Kenneth L. Gentry Jr.
Tradução e adaptação textual por César Francisco Raymundo
Fonte: www.postmillennialismtoday.com
Data: Acessado Segunda-feira, 23 de Fevereiro de 2015

Bibliografia do Capítulo 1 _____

1. Artigo da Igreja Reina de Engenho Novo.
Fonte: www.reinaegnovo.blogspot.com.br
Data: 27 de Agosto de 2009
2. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Apocalipse>
3. Livro: Back to the Future (A Study in the Book of Revelation Revised Edition), pg. 53. Autor: Ralph E. Bass, Jr. Living Hope Press - Greenville, SC.
4. Idem nº 3, pg. 55.
5. Artigo: Versículos que Usam o Grupo de Palavra Taxos.
Autor: Kenneth L. Gentry, Jr.
Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto.
Publicado na Revista Cristã Última Chamada de Abril de 2012, pgs. 3, 4.
6. Idem nº 05.
7. Aguardando Novos Céus e Nova Terra: Um Estudo de 2 Pedro 3
Autor: David Chilton
Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto
Site: www.monergismo.com
8. Artigo: Uma Carta Aberta aos Evangélicos e a Outros Partidos Interessados: O Povo de Deus, a Terra de Israel e a Imparcialidade do Evangelho.
Autor: R. Fowler White
Traduzido do Inglês por: Felipe Sabino de Araújo Neto.
Revisado pelo Pb. Solano Portela. (Março de 2003)
Site: www.monergismo.com

9. Artigo: Conhece os Diversos Tipos de “vindas” de Cristo?
Autor: César Francisco Raymundo
Site: www.revistacrista.org
10. Idem nº 3, pg. 73.
11. Artigo: Como Jesus Veio nas Nuvens em 66-70 d.C.?
Autor: MF Blume
Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto
Site: www.monergismo.com
Publicado na Revista Cristã Última Chamada de Fevereiro de 2012, pg. 3.
Site: www.revistacrista.org
12. Artigo: Vendo o Filho do Homem
Autor: Gary DeMar
Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto
Site: www.monergismo.com
Publicado na Revista Cristã Última Chamada de Junho de 2012, pg. 12.
Site: www.revistacrista.org
13. David Chilton, The Days of Vengeance: An Exposition of the Book of Revelation (Tyler, TX: Dominion Press, 1987), 15:21), 66.
14. Artigo: Minhas Frustrações com às Traduções da Bíblia!
Autor: Gary DeMar
Tradução e adaptação textual por César Francisco Raymundo
Site: www.revistacrista.org
15. Mateus 24:30
Compilado por Felipe Sabino de Araújo Neto
Site: www.monergismo.com
16. Idem nº 3, pg. 84.
17. Idem nº 3, pg. 85.
18. Artigo: Domingo - O Dia que o Senhor Fez!
Autor: Edmar Cunha de Barcellos
Site: www.icp.com.br
Acessado dia 9 de Janeiro de 2014

19. Idem nº 3, pg. 88.
20. Idem nº 3, pg. 89.
21. Idem nº 3, pg. 90.
22. Idem nº 3, pg. 91.
23. Idem nº 3, pg. 92.
24. Idem nº 3, pg. 95.
25. Idem nº 3, pg. 95.
26. Idem nº 3, pg. 96.
27. Idem nº 3, pg. 96.

Bibliografia do Capítulo 2_____

1. Livro: Back to the Future (A Study in the Book of Revelation Revised Edition), pg. 98.
Autor: Ralph E. Bass, Jr.
Living Hope Press - Greenville, SC.
2. Artigo: A Profecia Bíblica: seu Cumprimento Específico e Aplicação no Decorrer da História.
Autor: César Francisco Raymundo
Site: www.revistacrista.org
3. Artigo: A Carta à Igreja em Éfeso.
Autor: Dennis Allan
Site: www.estudosdabiblia.net/d129.htm
4. Idem nº 1, pg. 105.
5. E-book: Comentário Preterista sobre o Apocalipse, Volume Único, pg. 62.
Autor: César Francisco Raymundo.
Site: www.revistacrista.org
6. Idem nº 1, pg. 106, 107.
7. Artigo: A Carta à Igreja em Éfeso.
Autor: Dennis Allan
Site: www.estudosdabiblia.net/d130.htm
8. Idem nº 1, pg. 109.
9. Idem nº 1, pg. 110.
10. Idem nº 1, pg. 110.

11. Artigo: A Carta à Igreja em Pérgamo.
Autor: Dennis Allan
Site: www.estudosdabiblia.net/d131.htm
12. Idem nº 1, pg. 113, 114.
13. Idem nº 5.
14. Idem nº 1, pg. 118.
15. Idem nº 1, pg. 119.
16. Idem nº 1, pg. 119.
17. Idem nº 1, pg. 120.
18. Artigo: A Carta à Igreja em Tiatira.
Autor: Dennis Allan
Site: www.estudosdabiblia.net/d132.htm
19. Artigo: Bronze
Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.
Site: www.pt.wikipedia.org/wiki/Bronze
20. Idem nº 18.
21. Idem nº 1, pg. 122.
22. Idem nº 1, pg. 123.
23. Idem nº 1, pg. 124.

Bibliografia do Capítulo 3 _____

1. Livro: Back to the Future (A Study in the Book of Revelation Revised Edition), pg. 98.
Autor: Ralph E. Bass, Jr.
Living Hope Press - Greenville, SC.
2. Artigo: A Carta à Igreja em Sardes
Autor: Dennis Allan
Site: www.estudosdabiblia.net/d133.htm
Acessado Segunda-feira, 2/3/2015
3. Idem nº 2.
4. Idem nº 1, pág. 129.
5. Idem nº 1, pág. 130.
6. Livro: Comentário Preterista sobre o Apocalipse,
Volume Único, pg. 62.
Autor: César Francisco Raymundo.
Site: www.revistacrista.org
7. Idem nº 1, pág. 130.
8. Idem nº 1, pág. 130.
9. Artigo: A Carta à Igreja em Filadélfia
Autor: Dennis Allan
Site: www.estudosdabiblia.net/d133.htm
Acessado Terça-feira, 4/3/2015
10. Idem nº 9.
11. Idem nº 1, pág. 134.

12. Idem nº 1, pág. 136.
13. Idem nº 1, pág. 136.
14. Idem nº 1, pág. 137.
15. Idem nº 1, pág. 139.
16. Artigo: A Carta à Igreja em Laodicéia
Autor: Dennis Allan
Site: www.estudosdabiblia.net/d135.htm
Acessado Quinta-feira, 5/3/2015
17. Idem nº 16.
18. Idem nº 16.
19. Idem nº 1, pág. 143.
20. Idem nº 1, pág. 145.
21. Idem nº 1, pág. 145, 146.

Bibliografia do Capítulo 4 _____

1. Livro: Back to the Future (A Study in the Book of Revelation Revised Edition), pg. 147.
Autor: Ralph E. Bass, Jr.
Living Hope Press - Greenville, SC.
2. Idem nº 2, pg. 148.
3. Artigo: Apocalipse: Lição 12 - A Visão do Trono de Deus (Apocalipse 4:1-11)
Site: www.estudosdabiblia.net/b09_12.htm
Acessado dia 26/03/2015
4. E-book: Apocalipse Desvendado, pg. 113.
Artigos compilados por César Francisco Raymundo
Autor dos artigos: Hermes C. Fernandes
Site: www.revistacrista.org
5. Artigo: É possível ver Deus?
Autor: Mário Persona
Site: www.respondi.com.br
Acessado dia 26/03/2015
6. Idem nº 4, pg. 113.
7. Idem nº 1, pg. 151.
8. Idem nº 3.
9. Idem nº 3.
10. Idem nº 3.
11. Idem nº 1, pg. 155.

12. Idem nº 1, pg. 155.

13. Idem nº 1, pg. 158.

Bibliografia do Capítulo 5 _____

1. Livro: Back to the Future (A Study in the Book of Revelation Revised Edition), pg. 147. Autor: Ralph E. Bass, Jr. Living Hope Press - Greenville, SC.
2. Idem nº 1, pg. 148.
3. Idem nº 1, pg. 160.
4. Idem nº 1, pg. 161.
5. Idem nº 1, pg. 161.
6. Idem nº 1, pg. 161.
7. Idem nº 1, pg. 162.
8. Idem nº 1, pg. 163.
9. Idem nº 1, pg. 165.
10. Artigo: Apocalipse: Lição 13
Digno É o Cordeiro (Apocalipse 5:1-14)
Autor: Dennis Allan
Site: www.estudosdabiblia.net/b09_13.htm
Acessado Domingo, 12/4/2015
11. Idem nº 10.
12. Idem nº 10.
13. Idem nº 1, pg. 168.
14. Idem nº 10.

Bibliografia do Capítulo 6 _____

1. Livro: *Back to the Future (A Study in the Book of Revelation Revised Edition)*, pg. 173.
Autor: Ralph E. Bass, Jr.
Living Hope Press - Greenville, SC.
2. Steve Gregg. *Revelation: Four Views*, p, 22.
3. Milton Terry. *Biblical Hermeneutics*, p. 468b.
4. Artigo: *Apocalipse: Lição 14*
O Cordeiro Abre os Primeiros Seis Selos (Apocalipse 6:1-17)
Autor: Dennis Allan
Site: www.estudosdabiblia.net/b09_14.htm
Acessado Quinta-feira, 16/4/2015
5. Idem nº 1, pg. 175.
6. E-book: *Sem Arrebatamento Secreto*
Um Guia Otimista para o Fim do Mundo, pags. 67 a 70
Autor: Jonathan Welton
Publicado pela Revista Cristã Última Chamada
Site: www.revistacrista.org
7. Idem nº 4.
8. Idem nº 6, pg. 79.
9. Artigo: *A Parábola do Rico e Lázaro e as Almas Debaixo do Altar*
Autor: César Francisco Raymundo
Citação de Joe Haynes, e-mail recebido em 25/03/2013 às 15:29h.
Site: www.revistacrista.org
Acessado Sexta-feira, 17/4/2015

10. Artigo: Afinal, pra Onde Vamos ao Morrer (Partes 1, 2 e 3)
Autor: Hermes C. Fernandes
Site: www.revistacrista.org
Acessado Sexta-feira, 17/4/2015
11. Idem nº 1, pg. 182.
12. Artigo: Por que Deus Permite o Martírio de Cristãos?
Autor: Hermes C. Fernandes
Site: www.hermesfernandes.com
Acessado Sexta-feira, 20/2/2015
13. Idem nº 1, pg. 184.
14. Idem nº 1, pg. 185.

Bibliografia do Capítulo 7 _____

1. Livro: Back to the Future
(A Study in the Book of Revelation Revised Edition), pg. 192.
Autor: Ralph E. Bass, Jr.
Living Hope Press - Greenville, SC.
2. Artigo: Apocalipse: Lição 15
Os Servos que Pertencem a Deus (Apocalipse 7:1-17)
Autor: Dennis Allan
Site: www.estudosdabiblia.net/b09_15.htm
Acessado Domingo, 19/4/2015
3. CESARÉIA, Eusébio de, História Eclesiástica, Livro III, Cap.V.
4. Idem nº 2.
5. Idem nº 2.
6. Idem nº 2.
7. Idem nº 2.
8. Idem nº 2.
9. Idem nº 2.
10. Idem nº 1, pg. 204.

Bibliografia do Capítulo 8 _____

1. Livro: Back to the Future
(A Study in the Book of Revelation Revised Edition), pg. 207.
Autor: Ralph E. Bass, Jr.
Living Hope Press - Greenville, SC.
2. Idem nº 1, pg. 208.
3. Artigo: Apocalipse: Lição 16
As Primeiras Quatro Trombetas (Apocalipse 8:1-13)
Autor: Dennis Allan
Site: www.estudosdabiblia.net/b09_16.htm
Acessado Domingo, 26/4/2015
4. Idem nº 1, pg. 208.
5. E-book: Sem Arrebatamento Secreto
Um Guia Otimista para o Fim do Mundo, pg. 48
Autor: Jonathan Welton, Th.D
Publicado pela Revista Cristã Última Chamada
Site: www.revistacrista.org
6. Revista "Notícias de Israel", pg. 5, Ano 28 - Nº 6, Junho de 2006.
Site: www.chamada.com.br
7. Idem nº 6.
8. Idem nº 6.
9. Idem nº 1, pg. 211.
10. Idem nº 1, pg. 211.
11. Idem nº 3.

12. Idem nº 1, pg. 213.
13. Livro: A História dos Hebreus, pg. 1382.
(e-book disponível na internet)
Autor: Flávio Josefo
Casa Publicadora das Assembléias de Deus
8ª edição: 2004
14. E-book: Desmascarando o Dogma Dispensacionalista, pgs. 30, 31.
Autor: Hank Hanegraaf
Traduzido e Adaptado por F.V.S. de:
HANEGRAAFF, Hank.
El Código del Apocalipsis.
Nashville: Grupo Nelson, 2008
Publicado no site da Revista Cristã Última Chamada.
Site: www.revistacrista.org
15. Idem nº 3.
16. Idem nº 1, pg. 214.
17. Idem nº 13, pg. 1238.
18. Idem nº 13, pg. 1248.
19. Idem nº 1, pg. 220.
20. Idem nº 1, pg. 221.
21. Idem nº 1, pg. 222.
22. Idem nº 1, pg. 223.
23. Idem nº 1, pg. 224.
24. Artigo: Predições de Cristo
Autor: Hermes C. Fernandes
Publicado na Revista Cristã Última Chama
Data: Dezembro de 2011, pg. 14.
Site: www.revistacrista.org

Bibliografia do Capítulo 9 _____

1. Artigo: Apocalipse: Lição 17
A Quinta e a Sexta Trombetas (Apocalipse 9:1-21)
Autor: Dennis Allan
Site: www.estudosdabiblia.net/b09_17.htm
Acessado Domingo, 04/05/2015
2. Idem nº 1.
3. Idem nº 1.
4. Idem nº 1.
5. E-book: A Grande Tribulação, pg. 93.
Autor: David Chilton
Tradução: João Ricardo Ferreira de França
Site: www.revistacrista.org
6. Idem nº 5, pg. 93.
7. Livro: Back to the Future
(A Study in the Book of Revelation Revised Edition), pg. 227.
Autor: Ralph E. Bass, Jr.
Living Hope Press - Greenville, SC.
8. Idem nº 5, pg. 94.
9. Artigo: Os Gafanhotos (Escorpiões) do Abismo.
Autor: Cris Macabeus.
Site: www.macabeus.no.comunidades.net
Acessado dia 06 de Maio de 2015
10. Imagem, idem nº 9.

11. Idem nº 9.
12. Imagem, idem nº 9.
13. Revista "Notícias de Israel", pg. 5, Ano 28 - Nº 6, Junho de 2006.
Site: www.chamada.com.br
14. Idem nº 7, pg. 231.
15. Idem nº 1.
16. Idem nº 7, pg. 232.
17. Idem nº 7, pg. 232.
18. Idem nº 7, pg. 232.
19. Idem nº 7, pg. 233.
20. Artigo: A China Está Preparada Para Cumprir
uma Terrível Profecia do Apocalipse
Site: www.espada.eti.br/n1166.asp
Acessado 07 de Maio de 2015.
21. Artigo: O que é o exército de 200 milhões de Apocalipse?
Autor: Mario Persona
Site: www.respondi.com.br
Acessado 07 de Maio de 2015.
22. Idem nº 7, pg. 233.
23. E-book: Sem Arrebatamento Secreto
Um Guia Otimista para o Fim do Mundo, pg. 40
Autor: Jonathan Welton, Th.D
Publicado pela Revista Cristã Última Chamada
Site: www.revistacrista.org
24. Idem nº 7, pg. 234.
25. Idem nº 7, pg. 234.

26. Idem nº 5, pg. 98.

27. Vídeo: O Cristianismo, a Salvação e a Justiça Divina.

Autor: Olavo de Carvalho.

Site: <https://www.youtube.com/watch?v=vPW2SPaazfc>

Bibliografia do Capítulo 10 _____

1. Livro: Back to the Future
(A Study in the Book of Revelation Revised Edition), pg. 237.
Autor: Ralph E. Bass, Jr.
Living Hope Press - Greenville, SC.
2. Artigo: Apocalipse: Lição 18
Os Sete Trovões e o Livrinho (Apocalipse 10:1-11)
Autor: Dennis Allan
Site: www.estudosdabiblia.net/b09_18.htm
Acessado Segunda-feira, 11/5/2015
3. Idem nº 2.
4. Idem nº 2.
5. Idem nº 2.
6. Idem nº 2.
7. Idem nº 1, pg. 238.
8. Preterism Justifications (3).
Autor: Kenneth L. Gentry, Jr.
Site: www.postmillennialismtoday.com
9. Idem nº 2.
10. Idem nº 1, pg. 240.
11. Idem nº 1, pg. 241.
12. Idem nº 2.

13. Idem nº 1, pg. 242.
14. Idem nº 1, pg. 246.
15. Idem nº 1, pg. 246.
16. Artigo: Batalhando em Tempos Trabalhosos nos Últimos Tempos
Autor: Frank Brito
Site: www.resistireconstruir.wordpress.com
Data: 18/08/2012
17. Idem nº 1, pg. 248.
18. Idem nº 2.
19. Idem nº 1, pg. 249.

Bibliografia do Capítulo 11 _____

1. Livro: Back to the Future
(A Study in the Book of Revelation Revised Edition), pg. 250.
Autor: Ralph E. Bass, Jr.
Living Hope Press - Greenville, SC.
2. Idem nº 1, pg. 250.
3. Artigo: O Erro Pré-Milenista ou O Rapto e a Revelação.
Autor: Rev. D. H. Kuiper
Site: www.monergismo.com
4. Artigo: Apocalipse: Lição 19
O Santuário e as Duas Testemunhas (Apocalipse 11:1-13)
Autor: Dennis Allan
Site: www.estudosdabiblia.net/b09_19.htm
Acessado Segunda-feira, 18/5/2015
5. Idem nº 4.
6. Idem nº 1, pg. 251.
7. Idem nº 1, pg. 252.
8. Idem nº 1, pg. 252.
9. Idem nº 1, pg. 253.
10. Idem nº 1, pg. 253.
11. Idem nº 4.
12. Idem nº 1, pg. 257.

13. Idem nº 4.
14. Idem nº 1, pg. 258.
15. Idem nº 4.
16. Idem nº 4.
17. Artigo: As Duas Testemunhas Contra Jerusalém (Ap. 11:1-14)
Autor: David Chilton
Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto
Site: www.monergismo.com
18. Idem nº 17.
19. Idem nº 1, pg. 261.
20. Idem nº 1, pg. 263.
21. Idem nº 1, pg. 265.
22. Idem nº 1, pg. 266.
23. Idem nº 1, pg. 267.
24. Livro: A História dos Hebreus, pg. 1382.
(e-book disponível na internet)
Autor: Flávio Josefo
Casa Publicadora das Assembléias de Deus
8ª edição: 2004
25. Idem nº 1, pg. 268.

Bibliografia do Capítulo 12_____

1. Livro: Back to the Future
(A Study in the Book of Revelation Revised Edition), pg. 270.
Autor: Ralph E. Bass, Jr.
Living Hope Press - Greenville, SC.
2. Idem nº 1, pg. 271.
3. Artigo: Apocalipse: Lição 21
A Derrota do Dragão (Apocalipse 12:1-17)
Autor: Dennis Allan
Site: www.estudosdabiblia.net/b09_21.htm
Acessado Terça-feira, 02/06/2015
4. Idem nº 1, pg. 272.
5. Idem nº 1, pg. 272.
6. Idem nº 1, pg. 272.
7. Idem nº 3.
8. Idem nº 1, pg. 275.
9. Idem nº 3.
10. Idem nº 3.
11. Idem nº 1, pg. 281.
12. Idem nº 1, pg. 283.
13. Idem nº 1, pg. 284.

14. Idem nº 1, pg. 284.

15. Frederic W. Farrar, *The Early Days of Christianity* (New York: E. P. Dutton and Co., 1882), 462.

16. Idem nº 1, pg. 285.

Bibliografia do Capítulo 13_____

1. Artigo: Apocalipse: Lição 22 e 23
A Besta Emerge do Mar (Apocalipse 13:1-10)
A Besta Emerge da Terra (Apocalipse 13:11-18)
Autor: Dennis Allan
Site: www.estudosdabiblia.net/b09.htm
Acessado Sexta-feira, 05/06/2015
2. Idem nº 1.
3. Livro: Back to the Future (A Study in the Book of Revelation Revised Edition), pg. 286.
Autor: Ralph E. Bass, Jr.
Living Hope Press - Greenville, SC.
4. Idem nº 3, pg. 287.
5. Flavius Josephus, Wars, 4:3:10.
6. Idem nº 1.
7. Idem nº 1.
8. Idem nº 3, pg. 288.
9. Idem nº 3, pg. 291.
10. Idem nº 3, pg. 291.
11. Tácito, Anais 15.44, traduzido para o português através da tradução em inglês de Church e Brodribb.
12. Idem nº 1.

13. Artigo: E A PREDESTINAÇÃO FATALISTA? O QUE VOCÊ ME DIZ?
Autor: Caio Fabio
Site: www.caiofabio.net
Acessado Segunda-feira, 15/06/2015
14. Artigo: A Eterna Cruz
Autor: Caio Fabio
Site: www.caiofabio.net
Acessado Terça-feira, 16/06/2015
15. Idem nº 1.
16. Idem nº 3, pg. 294.
17. Idem nº 3, pg. 294.
18. J. Massyngberde Ford, Revelation, 223.
19. Artigo: IX - O Culto Imperial
REVELAÇÃO EM PARÁBOLAS: Uma Breve Introdução ao Apocalipse de S. João
Autor: Frank Brito
Site: www.revistacrista.org
20. Archibald Thomas Robertson, Word Pictures in the New Testament, Vol. VI, 404.
21. Idem nº 3, pg. 297.
22. CESARÉIA, Eusébio de, História Eclesiástica, Livro II Cap.I
Citado no e-book: Apocalipse Desvendado, pg. 27.
Autor: Hermes C. Fernandes
Publicado pela Revista Cristã Última Chamada
Site: www.revistacrista.org
23. Idem nº 22, pg. 27.
24. J. Massyngberde Ford, Revelation, 225.
25. Idem nº 3, pg. 299.

26. J. Massyngberde Ford, Revelation, 215.
27. E-book: Sem Arrebatamento Secreto
– Um Guia Otimista para o Fim do Mundo - pg. 126.
Autor: Jonathan Welton
Publicado pela Revista Cristã Última Chamada
Site: www.revistacrista.org
28. R. C. Sproul, The Last Days According to Jesus, 185.
29. Gematria ou Guemátria.
Fonte: www.pt.wikipedia.org
Acessado sexta-feira, 19/6/2015
30. Philip Carrington, The Meaning of the Revelation, 234.
31. Artigo: Nero não é a Besta do Apocalipse?
Autor: César Francisco Raymundo
Site: www.revistacrista.org
Acessado Domingo, 21/6/2015
32. Artigo: Cezar Nero é a besta do Apocalipse?
Autor: Lucas Banzoli
Site: www.heresiascatolicas.blogspot.com.br
Data: 21 de abril de 2013
33. E-mail recebido de Kenneth L. Gentry Jr com o título: "666 in Rev 13". Data: Sent: Wed, Jul 9, 2014 11:14 am
Site para consulta: www.postmillennialismtoday.com
34. Idem nº 3, pg. 302.
35. Artigo: A Marca da Besta – 666 ou 616?
Tradução: Credulo from this WordPress Blog
Autor: Gary DeMar
Site: www.revistacrista.org
Acessado dia 24-06-2015
36. Idem nº 3, pg. 302.

Bibliografia do Capítulo 14_____

1. Livro: Back to the Future
(A Study in the Book of Revelation Revised Edition), pg. 304.
Autor: Ralph E. Bass, Jr.
Living Hope Press - Greenville, SC.
2. Idem nº 1, pg. 304.
3. Idem nº 1, pg. 305.
4. Artigo: Apocalipse: Lição 24
O Cordeiro e os Remidos no Monte Sião (Apocalipse 14:1-5)
Autor: Dennis Allan
Site: http://www.estudosdabiblia.net/b09_24.htm
Acessado Terça-feira, 14/7/2015
5. Idem nº 4.
6. Idem nº 1, pg. 306.
7. Idem nº 1, pg. 306.
8. Idem nº 1, pg. 306.
9. Idem nº 1, pg. 307.
10. Robert G. Bratcher, A Handbook on the Revelation to John,
Rev. 14:10.
11. Vídeo: O Cristianismo, a Salvação e a Justiça Divina.
Autor: Olavo de Carvalho.
Site: <https://www.youtube.com/watch?v=vPW2SPaazfc>
12. Idem nº 1, pg. 313.

13. Idem nº 1, pg. 313.

14. Idem nº 1, pg. 317.

15. Idem nº 1, pg. 321.

16. Idem nº 1, pg. 322.

17. Idem nº 1, pg. 322.

Bibliografia do Capítulo 15_____

1. Livro: Back to the Future
(A Study in the Book of Revelation Revised Edition), pg. 324.
Autor: Ralph E. Bass, Jr.
Living Hope Press - Greenville, SC.
2. Artigo: Apocalipse: Lição 26
Deus Envia os Sete Flagelos (Apocalipse 15:1-8)
Autor: Dennis Allan
Site: http://www.estudosdabiblia.net/b09_26.htm
Acessado Segunda-feira, 16/08/2015
3. Idem nº 1, pg. 324.
4. Idem nº 2.
5. Idem nº 1, pg. 325.
6. Idem nº 2.
7. Idem nº 1, pg. 326.
8. Idem nº 1, pg. 326.
9. Idem nº 2.
10. Idem nº 1, pg. 328.
11. Idem nº 2.
12. Idem nº 1, pg. 328.
13. Foy E. Wallace, Jr., The Book of Revelation, 325.
14. Idem nº 2.

Bibliografia do Capítulo 16_____

1. Livro: Back to the Future
(A Study in the Book of Revelation Revised Edition), pg. 329.
Autor: Ralph E. Bass, Jr.
Living Hope Press - Greenville, SC.
2. Idem nº 1, pg. 330.
3. Idem nº 1, pg. 331.
4. Idem nº 1, pg. 332.
5. Artigo: O Evangelho Quântico e o Rompimento da Lógica Linear
Autor: Hermes C. Fernandes
Site: www.hermesfernandes.com
Acessado sábado, outubro 18, 2014
6. Idem nº 1, pg. 333.
7. Artigo: Apocalipse: Lição 27
Os Anjos Derramam as Suas Taças (Apocalipse 16:1-21)
Autor: Dennis Allan
Site: http://www.estudosdabiblia.net/b09_27.htm
Acessado Domingo, 23/08/2015
8. Idem nº 1, pg. 334.
9. Idem nº 7.
10. Idem nº 1, pg. 337.
11. Idem nº 1, pg. 337.
12. Idem nº 1, pg. 339.

13. E-book: EVIDÊNCIA QUE EXIGE UM VEREDITO
- Evidências históricas da fé Cristã – pg. 190
Autor Compilador: Josh McDowell
Reimpressão: ano 2000
Editora Candeia
14. Idem nº 7.
15. Idem nº 7.
16. Steve Gregg, Revelation – Four Views, 388.
17. Idem nº 7.
18. Idem nº 1, pg. 345.
19. Foy E. Wallace, Jr., The Book of Revelation, 153.
20. Idem nº 1, pg. 345.
21. Idem nº 7.
22. Idem nº 1, pg. 346.
23. Idem nº 1, pg. 347.
24. E-book: Desmascarando o Dogma Dispensacionalista
Autor: Hank Hanegraaff
Traduzido e Adaptado por F.V.S.
Fonte: www.alegrem-se.blogspot.com.br
(Acessado dia 28-04-2015)
Publicado pela Revista Cristã Última Chamada.
Edição Especial Nº 020
25. Idem nº 1, pg. 348.
26. Idem nº 1, pg. 349.
27. Idem nº 1, pg. 349.

28. Flavius Josephus, Wars, 5:6:3.

29. Philip Carrington, The Meaning of the Revelation, 273.

30. J. Stuart Russell, The Parousia, 482.

Bibliografia do Capítulo 17 _____

1. Artigo: Apocalipse: Lição 28
Babilônia: A Grande Meretriz (Apocalipse 17:1-18)
Autor: Dennis Allan
Site: http://www.estudosdabiblia.net/b09_28.htm
Acessado Terça-feira, 01/09/2015
2. Livro: Back to the Future
(A Study in the Book of Revelation Revised Edition), pg. 351.
Autor: Ralph E. Bass, Jr.
Living Hope Press - Greenville, SC.
3. J. Massyngberde Ford, Revelation, 277.
4. Idem nº 2, pg. 351.
5. Milton S. Terry, Biblical Apocalypics, 427.
6. Benjamin Mazar and Moshe Davis, The Illustrated History of the Jews (New York, N.Y.: Harper and Row, 1963), 127.
7. Idem nº 2, pg. 353.
8. Flavius Josephus, Wars, 3:3:5.
9. Your Dictionary
Site: <http://www.yourdictionary.com/toparchy>
Acessado Quarta-feira, 2/9/2015
10. <http://www.geocities.com/Paris/leftBank/5210/gaggripa.htm>, Philo of Alexandria: On the Embassy to Gaius
11. Idem nº 2, pg. 354.

12. Idem nº 2, pg. 355.
13. Idem nº 2, pg. 355.
14. Milton S. Terry, Biblical Apocalypics, 428.
15. Flavius Josephus, Antiquities, 14,10,7.
16. Idem nº 2, pg. 357.
17. J. Massyngberde Ford, Revelation, 278.
18. J. E. Leonard, Come Out of Her My People, 123.
19. Flavius Josephus, Wars, 7:1:1.
20. Flavius Josephus, Wars, 7:8:7.
21. Flavius Josephus, Apion, 1,22.
22. Idem nº 2, pg. 360.
23. Artigo: O Sumo Sacerdote
(Capítulo 12 - O Tabernáculo - Êxodo 28 e 29)
Autor: Martyn Barrow
Site: www.palavraprudente.com.br
Acessado dia 06 de Setembro de 2015
24. Idem nº 2, pg. 364.
25. F.F. Bruce, Israel & the Nations, 224.
26. Idem nº 2, pg. 364.
27. Artigo: Jerusalém A cidade que fica entre 7 colinas.
Autor: Cris Macabeus.
Site: www.macabeus.no.comunidades.net
Acessado dia 07 de Setembro de 2015
28. Idem nº 2, pg. 366.

29. Artigo: Zacarias 14 e a Vinda de Cristo
Autor: Gary DeMar
Tradução: Paulo Tiago Moreira Gonçalves
Site: www.revistacrista.org
Acessado dia 10-09-2015
30. Idem nº 29.
31. Idem nº 2, pg. 367.
32. J. Stuart Russell, *The Parousia*, 503.
33. O. A. Philo & C. D. Yonge. *The Works of Philo: Complete and Unabridged*. (Peabody: Hendrickson, 1996, c1993.), 777.
34. Ragan Ewing, *The Identification of Babylon the Harlot in the Book of Revelation*, chapter 4, www.christonomy.com
35. Ragan Ewing, *The Identification of Babylon the Harlot in the Book of Revelation*, chapter 4, www.christonomy.com
36. Flavius Josephus, *Wars*, 7:8:7.
37. Artigo: Jerusalém é a Grande Cidade (babilônia)!
Autor: Cris Macabeus.
Site: www.macabeus.no.comunidades.net
Acessado Quinta-feira, 10/9/2015
38. Idem nº 37.

Bibliografia do Capítulo 18_____

1. Flavius Josephus, Wars, 5:10:5.
2. Flavius Josephus, Wars, 7:8:1.
3. Flavius Josephus, Wars, 5:13:6.
4. Livro: Back to the Future
(A Study in the Book of Revelation Revised Edition), pg. 374.
Autor: Ralph E. Bass, Jr.
Living Hope Press - Greenville, SC.
5. Idem nº 4, pg. 375.
6. Idem nº 4, pg. 376.
7. D. E. Aune, Word Biblical Commentary, Vol. 52C: Revelation 17-22, Rev. 18:7.
8. Idem nº 4, pg. 377.
9. J. Massyngberde Ford, Revelation, 303.
10. Richard A. Horsley, Bandits, Prophets & Messiahs, 62.
11. Richard A. Horsley, Bandits, Prophets & Messiahs, 305.
12. Idem nº 4, pg. 378.
13. Margaret Barker, The Revelation of Jesus Christ, 295.
14. Idem nº 4, pg. 379.
15. Tacitus, Histories 5:8.

16. Joachim Jeremias, Jerusalem in the Times of Jesus (Philadelphia, PA: Fortress, 1969), 38.
17. Flavius Josephus, Wars, 6:5:2.
18. Idem nº 4, pg. 379.
19. Margaret Barker, The Revelation of Jesus Christ, 292.
20. Artigo: Apocalipse: Lição 29
Caiu! Caiu a Grande Babilônia (Apocalipse 18:1-24)
Autor: Dennis Allan
Site: http://www.estudosdabiblia.net/b09_29.htm
Acessado Terça-feira, 17/09/2015
21. Idem nº 20.
22. Artigo: Por que Jerusalém não é a Babilônia do Apocalipse
Autor: Lucas Banzoli
Site: www.heresiascatolicas.blogspot.com.br
Acessado Terça-feira, 17/09/2015
23. Idem nº 22.
24. E-book: Zelota – A vida e a época de Jesus de Nazaré, pg. 15.
Autor: Reza Aslan
Tradução: Marlene Suano
Editora Zahar
25. Idem nº 4, pg. 381.
26. Idem nº 4, pg. 381.
27. Idem nº 4, pg. 382.

Bibliografia do Capítulo 19_____

1. C. Marvin Pate, Editor, Four Views on the Book of Revelation, 79.
2. Livro: Back to the Future
(A Study in the Book of Revelation Revised Edition), pg. 385.
Autor: Ralph E. Bass, Jr.
Living Hope Press - Greenville, SC.
3. David Chilton, The Days of Vengeance, 472.
4. Idem nº 2, pg. 385.
5. Artigo: Apocalipse: Lição 30
São Chegadas as Bodas do Cordeiro (Apocalipse 19:1-10)
Autor: Dennis Allan
Site: http://www.estudosdabiblia.net/b09_30.htm
Acessado Segunda-feira, 21/09/2015
6. Idem nº 2, pg. 386.
7. Idem nº 2, pg. 387.
8. Foy E. Wallace, Jr., The Book of Revelation, 388.
9. Idem nº 2, pg. 388.
10. Idem nº 5.
11. Idem nº 5.
12. Norman L. Geisler, and Ron Rhodes, When Cultists Ask: A Popular Handbook on Cultic Misinterpretations, 310.
13. Idem nº 2, pg. 390.

14. Moses Stuart, Commentary on the Apocalypse, 344.
15. Artigo: “Adorar a Jesus é idolatria”
Autor: Marcelo Berti
Site: www.marceloberti.wordpress.com
Acessado Quinta-feira, 24 de Setembro de 2015.
16. Jay E. Adams, The Time is at Hand, 81.
17. Idem nº 2, pg. 395.
18. Artigo: Apocalipse: Lição 31
Jesus Vence as Bestas (Apocalipse 19:11-21)
Autor: Dennis Allan
Site: http://www.estudosdabiblia.net/b09_31.htm
Acessado Domingo, 27/09/2015
19. Idem nº 18.
20. Archibald Thomas Robertson, Word Pictures in the New Testament, Vol. VI, 452.
21. Idem nº 2, pg. 396.
22. Idem nº 18.
23. Idem nº 2, pg. 397.
24. Idem nº 18.
25. Philip Carrington, The Meaning of the Revelation, 322.
26. Idem nº 18.
27. Artigo: Apocalipse: Lição 28
Babilônia: A Grande Meretriz (Apocalipse 17:1-18)
Autor: Dennis Allan
Site: http://www.estudosdabiblia.net/b09_28.htm
Acessado Domingo, 27/09/2015
28. Idem nº 18.

29. Idem nº 2, pg. 398.
30. J. Massyngberde Ford, Revelation, 324.
31. F.F. Bruce, Israel & the Nations, citing the Qumran commentator on Habakkuk 1:16, 226.
32. Idem nº 2, pg. 400.
33. James Ussher, The Annals of the World (Green Forest, AR: Master Books, 2003, 1658), 882.
34. Idem nº 18.

Bibliografia do Capítulo 20

1. Apocalipse: Um Livro Sobre o Passado
Autor: Frank Brito
Fonte: www.resistireconstruir.wordpress.com
Data: 24/06/2012
2. Livro: Back to the Future
(A Study in the Book of Revelation Revised Edition), pg. 401.
Autor: Ralph E. Bass, Jr.
Living Hope Press - Greenville, SC.
3. J. Marcellus Kik, An Eschatology of Victory , 192.
4. Idem nº 2, pg. 402.
5. J. Marcellus Kik, An Eschatology of Victory, 193.
6. Steve Gregg, Revelation – Four Views, 464.
7. E-book: Como será a Salvação Daqueles
que “nunca ouviram” do Evangelho?
Site: http://www.revistacrista.org/literatura_Revista006.htm
Acessado Segunda-feira, 5/10/2015
8. Idem nº 2, pg. 408.
9. Artigo: O Significado do “Milênio”
Autor: Kenneth L. Gentry, Jr.
Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto1
Site: www.monergismo.com
10. Idem nº 2, pg. 405.
11. Idem nº 2, pg. 406.

12. Idem nº 2, pg. 405.
13. O. Palmer Robertson, The Israel of God , 163.
14. Steve Gregg, Revelation – Four Views, 471-472.
15. Artigo: Por que nosso planeta se chama "Terra"?
Autor: Erick Krominski
Site: www.muitointeressante.com.br
Acessado Domingo, 11/10/2015
16. Idem nº 2, pg. 417.
17. W. Barclay, Daily Study Bible Series: The Revelation of John, Volume 2., Re 20:11.
18. Idem nº 2, pg. 417.
19. Idem nº 2, pg. 418.
20. Idem nº 2, pg. 418.
21. D. E. Aune, Word Biblical Commentary, Revelation 17-22, Re 20:10.
22. Idem nº 2, pg. 420.
23. Artigo: Saiba Mais Sobre Arrebatamento, 21 de Maio e o Fim do Mundo.
Por Audrey Barrick entrevistando RC Sproul.
Site: www.portugues.christianpost.com
Acessado em 30/09/2012
24. Idem nº 2, pg. 423.
25. Moses Stuart, Commentary on the Apocalypse, 370.
26. Idem nº 2, pg. 424.
27. Albert Barnes, Notes on the New Testament, Revelation (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1951), 439.

Bibliografia do Capítulo 21 _____

1. Livro: Back to the Future
(A Study in the Book of Revelation Revised Edition), pg. 435.
Autor: Ralph E. Bass, Jr.
Living Hope Press - Greenville, SC.
2. Idem nº 1, pg. 435.
3. Idem nº 1, pg. 435.
4. Artigo: Apocalipse: Lição 34
A Nova Jerusalém (Apocalipse 21:1 - 22:5)
Autor: Dennis Allan
Site: http://www.estudosdabiblia.net/b09_34.htm
Acessado Sexta-feira, 16/10/2015
5. J. E. Leonard, Come Out of Her My People, 101.
6. Philip Carrington, The Meaning of the Revelation, 333.
7. Idem nº 1, pg. 438.
8. Idem nº 4.
9. Idem nº 4.
10. Idem nº 4.
11. Stephen S. Smalley, The Revelation of John, 524.
12. Idem nº 1, pg. 439.
13. Idem nº 4.
14. Idem nº 1, pg. 440.

15. Artigo: O "agora" e o "ainda não" da Escatologia Bíblica
Autor: Dee Dee Warren
Site: www.revistacrista.org
Acessado Domingo, 18-10-2015
16. Idem nº 15.
17. Idem nº 1, pg. 441.
18. Idem nº 1, pg. 443.
19. Moses Stuart, Commentary on the Apocalypse, vol. II, 377.
20. Steve Gregg, Revelation – Four Views, 492.
21. Idem nº 1, pg. 445.
22. Thoralf Gilbrant, The New Testament Greek-English Dictionary, Vol. Sigma-Omega, 447.
23. Idem nº 1, pg. 445.
24. Thoralf Gilbrant, The New Testament Greek-English Dictionary, Vol. Sigma-Omega, 413.
25. Idem nº 1, pg. 446.
26. Idem nº 1, pg. 446.
27. Thoralf Gilbrant, The New Testament Greek-English Dictionary, Vol. Delta-Epsilon, 247.
28. Moses Stuart, Commentary on the Apocalypse, vol. II, 377.
29. Philip Carrington, The Meaning of the Revelation, 306-307.
30. Philip Carrington, The Meaning of the Revelation, 345.
31. Idem nº 1, pg. 448.

32. Idem nº 4.
33. Idem nº 4.
34. E-book: Apocalipse Desvendado, pg. 76.
Textos de autoria de Hermes C. Fernandes compilados
por César Francisco Raymundo.
Publicado pela Revista Cristã Última Chamada.
Site: www.revistacrista.org
Acessado Terça-feira, 20/10/2015
35. Idem nº 34, pg.82.
36. Idem nº 1, pg. 451.
37. Idem nº 4.
38. Idem nº 1, pg. 451.
39. Idem nº 4.
40. Idem nº 4.
41. Idem nº 4.
42. Idem nº 4.
43. Idem nº 1, pg. 115.
44. Idem nº 1, pg. 115.
45. Idem nº 4.
46. Idem nº 1, pg. 453.
47. Idem nº 1, pg. 453.
48. Idem nº 4.
49. Idem nº 1, pg. 454.

50. Artigo: E para onde irão as religiões?

Autor: Caio Fábio

Site: www.caiofabio.net

Acessado dia 25-10-2015

51. Idem nº 1, pg. 454.

52. Idem nº 34, pg. 83.

53. Idem nº 4.

54. Idem nº 1, pg. 456.

55. Idem nº 34, pg. 66.

Bibliografia do Capítulo 22_____

1. Artigo: Apocalipse: Lição 34
A Nova Jerusalém (Apocalipse 21:1 - 22:5)
Autor: Dennis Allan
Site: http://www.estudosdabiblia.net/b09_34.htm
Acessado Segunda-feira, 01/11/2015
2. The Treasury of Scripture Knowledge, Eze 47:8.
3. Philip Mauro, The Hope of Israel – What Is It? 132.
4. Livro: Back to the Future
(A Study in the Book of Revelation Revised Edition), pg. 458.
Autor: Ralph E. Bass, Jr.
Living Hope Press - Greenville, SC.
5. Idem nº 4, pg. 458.
6. Philip Mauro, The Hope of Israel – What Is It?, 125.
7. Idem nº 4, pg. 459.
8. David Chilton, The Days of Vengeance, 567.
9. Idem nº 4, pg. 460.
10. Idem nº 1.
11. Idem nº 1.
12. Idem nº 1.
13. Idem nº 1.
14. Idem nº 1.

15. Idem nº 1.
16. Artigo: Apocalipse: Lição 35
Palavras Fíéis e Verdadeiras (Apocalipse 22:6-21)
Autor: Dennis Allan
Site: http://www.estudosdabiblia.net/b09_35.htm
Acessado Segunda-feira, 09/11/2015
17. Idem nº 16.
18. Idem nº 4, pg. 461.
19. Idem nº 4, pg. 461.
20. Idem nº 16.
21. Idem nº 4, pg. 461.
22. Idem nº 16.
23. Idem nº 4, pg. 463.
24. Idem nº 16.
25. Philip Carrington, The Meaning of the Revelation, 352.
26. Idem nº 4, pg. 465.
27. Idem nº 16.
28. Idem nº 16.
29. Idem nº 16.
30. Idem nº 4, pg. 466.
31. Idem nº 16.
32. Idem nº 4, pg. 468.
33. Idem nº 4, pg. 469.

Sobre o Autor

César Francisco Raymundo nasceu em 02/05/1976 na cidade de Londrina - Estado do Paraná. De origem católica, encontrou-se com Cristo aos treze anos de idade. Na década de noventa passou a ser membro da igreja Presbiteriana do Brasil daquela cidade. Tem desenvolvido diversos trabalhos entre eles livros, folhetos e revistas visando a divulgação da Boa Nova da Salvação em Cristo para o público em geral. Atualmente, se dedica intensamente ao estudo, especialização, divulgação e produção de material didático a respeito do Preterismo Parcial e Pós-milenismo, para que tal mensagem seja conhecida como um caminho verdadeiramente alternativo contra a escatologia falsa e pessimista que recebemos por tradição em nossas igrejas.